
3 1761 07980622 0

INÉDITOS

(Miscellanea)

2.º VISCONDE DE SANTAREM

INÉDITOS

(Miscellanea)

COLLIGIDOS, COORDENADOS E ANNOTADOS

POR

JORDÃO DE FREITAS
BIBLIOTHECARIO DA BIBLIOTHECA DA AJUDA

E

TRAZIDOS Á PUBLICIDADE PELO 3.º VISCONDE DE SANTAREM



LISBOA
IMPRENSA LIBANIO DA SILVA
Travessa do Fala-Só, 24

1914

PROLOGO

E' hoje um facto de geral conhecimento que o 2.º visconde de Santarem — tendo dado á luz da publicidade, principalmente pelos prélos de Paris, um bastante avultado e valioso numero de obras e estudos, mórmente sobre assumptos diplomaticos, geographicos e historicos — igualmente deixou inédita uma grande parte das producções da sua vastissima erudição e muito saber, opimos fructos do seu esclarecido espirito, da sua muita leitura, das suas continuas, incessantes e conscienciosas pesquizas, investigações e lucubrações, bem como do seu acrisolado e incommensuravel patriotismo.

Da vastidão e valor dos trabalhos que vieram a publico em vida do erudito e sabio titular — que foi Guarda-mór da Torre do Tombo (1824-1833, 1842-1856), ministro do reino, marinha e ultramar na regencia da infanta D. Isabel Maria (junho a setembro de 1827) e ministro dos negocios estrangeiros na regencia e no reinado de D. Miguel (1828-1833)—são bem grato testimunho não só os estudos, memorias, noticias, artigos, etc., reeditados ha quatro annos em dois grossos volumes sob o titulo de *Opusculos e Esparsos*, mas ainda as obras de maior tomo que enumerei no Prologo do primeiro desses dois volumes.

Quanto á parte que o 2.º visconde de Santarem não chegou a publicar — devendo ter sido immensamente grande e valiosa á data do falecimento do seu auctor, e porventura ainda na occasião em que foi arrolado o espolio remettido de Paris para o nosso Ministerio dos Estrangeiros (veja-se o meu estudo «O 2.º visconde de Santarem e os seus Atlas geographicos», Lisboa, 1909, pags. 25 e seguintes) — a porção de originaes em memorias, estudos, noticias e apontamentos que consegui reunir e colligir dentre os *salvados* daquelle riquissimo espolio litterario, é ainda

assim bastante importante e tão vasta que, alêm das 582 paginas deste presente volume, dará material para alguns outros, uns dos quaes destinados á continuação do *Essai sur l'histoire de la cosmographie pendant le moyen-âge, et sur le progrès de la géographie après les grandes découvertes du XV.ᵉ siècle, pour servir d'introduction et d'explication à l'Atlas composé de mappemondes et de portulans, et d'autres monuments géographiques, depuis le VI.ᵉ siècle de notre ère jusqu'au XVIII.ᵉ* e outro á continuação do *Quadro Elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo, desde o principio da monarchia portugueza até aos nossos dias.*

Neste presente volume — *Inéditos (Miscellanea)* — vão reunidos, tanto quanto possivel pela sua ordem chronologica, os originaes cujos assumptos não fazem parte do objecto especial do *Essai* ou do *Quadro Elementar.*

Extensas memorias de patriotica reivindicação historica, meras noticias e apreciações criticas, ou simples e fugidias notas e apontamentos para trabalhos e estudos de mais largo alcance ou para servirem de guia na exposição verbal de assumptos a tratar nas sessões das sociedades scientificas — a materia inédita que esta *Miscellanea* encerra, é muito variada e ao mesmo tempo bastante curiosa, interessante e instructiva, contendo em si um vastissimo fundo de conhecimentos e de preciosas informações.

Com excepção da memoria relativa á vinda da familia real hespanhola para Portugal, dos *Memorandums* e das materias que se lhes seguem até á pagina 309 — que tudo se encontrava encadernado em 8 pequenos volumes — o original está quasi todo lançado em papeis soltos, que encontrei amontoados quasi sempre sem nexo entre si, muitas vezes sem numeração ou indicação de seguimento que me auxiliasse na reconstituição do respectivo concatenamento, ou com diversas series de numerações repetidas, não sendo pequena a quantidade de original escripto em pequeninos fragmentos de papel.

Por se tratar, em geral, de manuscriptos para uso proprio ou de meros rascunhos, a letra dos originaes é, por vezes, de difficil leitura e compreensão, mesmo para quem, como eu, se habituou a ler os escriptos do incansavel polygrapho. Daqui resultou o ter de deixar alguns espaços em branco nos lugares on'de as duvidas se apresentaram mais insoluveis. A' luz daquelle mesmo criterio devem ser explicados e justificados muitos dos erros de orthogra-

phia e de grammatica que se notam nos originaes e que eu de proposito deixei de corrigir a fim de que esta edição appareça o mais possivel tal qual o original saído da penna do visconde de Santarem. Esta foi tambem a norma que adoptei nos *Opusculos e Esparsos*. Por isso é que na orthographia destes não introduzi nenhuma correcção a qualquer das publicações feitas pelo auctor, o que, de resto, não quer dizer que, a par desses erros de origem, não haja varios outros que apenas devam ser attribuidos a um lapso da minha aliás cuidadosa revisão typographica ou á desattenção dos typographos que emendaram as ultimas provas.

Como o leitor verá, alguns dos assumptos tratados não chegaram a ter seguimento ou continuação por parte do auctor; outros tiveram-no, mas o original respectivo é que desappareceu, dando-se até, e mais de uma vez, o caso de o original desapparecido corresponder a saltos ou truncaturas do texto dentro de uma mesma memoria, noticia, etc.

Para elucidação do leitor, apenas accrescentei algumas notas, que vão indicadas por lettras do alphabeto, em italico e entre parenthesis em angulo.

Similhantemente ao que succedeu com a edição dos *Opusculos e Esparsos* — e igualmente se repetirá com os outros volumes de *Inéditos* que a este se seguirão — a tiragem deste volume é de mil e quinhentos exemplares em papel almaço e vinte em papel Whatman, todos os quaes serão gratuitamente distribuidos pelos estudiosos e amantes das letras e pelas livrarias e bibliothecas dos estabelecimentos e corporações scientificas e litterarias, quer do nosso paiz, quer do estrangeiro, sem outros intuitos que os que animam e cada vez mais dignificam e ennobrecem o actual visconde de Santarem, de continuar a honrar, por uma forma tão superiormente altruista e carinhosa, a memoria veneranda e respeitavel do seu glorioso e sabio avô, e ao mesmo tempo enriquecer a litteratura patria, tornando conhecidos e da mais larga publicidade todos os thesouros de solida erudição, de profundo saber e de acrisolado patriotismo que se encerram e se manifestam nos trabalhos e estudos de um tão alto e fecundo espirito, individualidade de reputação mundial e uma das mais lidimas e authenticas glorias do nosso paiz no seculo XIX.

Abril, 1914.

JORDÃO DE FREITAS.

HESPANHA

VINDA DE PARTE DA FAMILIA REAL HESPANHOLA P.a PORTUGAL, E SUAS CONSEQUENCIAS

O casamento d'El-Rey catholico Fernando 7.º na Casa Real de Napoles com a S.ra D. Maria Christina de Bourbon produsio desde que se effectuou uma separação e desavença na Familia Real Hespanhola.

De uma parte a Raynha, e a S.ra Infanta D. Luiza Carlota sua irmã e seu Marido o S.r Infante D. Fran.co, e da outra as Princesas Portuguesas.

Estas desavenças domesticas tomarão maior incremento quando o S.r Infante D. Sebastião se ajustou a casar em Napoles persuadido a isso pelos Reys catholicos, quando aliás Sua Mai a Princesa D. M.a Thereza tinha mandado Joaq.m Severino em Missão secreta a Turim p.a ajustar o casam.to d'aquelle Principe com a S.ra D. Maria Cristina de Saboya, o qual não se tendo ajustado por estar aquella Princesa promettida e sua Irmã mais velha contractada com El-Rey da Hungria, acudio a Princesa a tentar o mesmo ajuste em Modena.

Estas aberturas erão ao mesmo tempo contrariadas pelos Ministros Hespanhoes naquellas Cortes, e pelo S.r Infante que declarava abertam.te que só effectuaria o seu casamento á vontade dos Reys catholicos seus Tios.

Por uma parte sustentava-se que aquelle passo tinha sido dado com o consentimento d'El-Rey catholico, emquanto a Princesa não dava, nem deo o seu consentimento p.a o casam.to de seu Filho com a Princesa D. M.a Amalia de Napoles.

Diariam.te occorrião grandissimos desabrimentos, a ponto que por m.tas vezes foi chamado o conde da Figueira Ministro de Portugal por El-Rey catholico, e pelos Min.os Calomarde, Salmon, Alcudia, e Zea para intervir dum modo conciliador a evitar as consequencias destas desavenças.

He necessario fazer aqui justiça ao Conde da Figueira. Este Min.o empregou todos os meios persuasivos para trazer tudo a uma concilia-

ção. Pedia todavia Instrucções referindo por extraordinarios que expedio, circumstanciadam.te todas aquellas funestas occorrencias (1).

S. Mag.de vio com a maior magoa aquellas communicações. Deplorou que se não tivessem evitado. Dice-me mesmo que empregaria todos os meios p.a as modificar, e por fim ordenou-me que passasse ao seu Min.o aquellas Instrucções adquadas que tendessem a pôr termo a tão serios males, sem que em nenhum caso compremettesse o seu caracter publico, e os interesses dos dois Paizes, e a armonia que existia entre ambas as cortes.

Nesta conformidade expedi áquelle Ministro as mais positivas instrucções (2) para que empregasse todos os meios de conciliação, mas que em nenhum caso compremetesse o seu caracter Publico. Que persuadisse as Princezas Portuguezas das graves consequencias que poderião resultar para S.S. A.A. e para a causa de seu Augusto Irmão se não fizessem todos os sacrificios que Sua Magestade tinha fundada esperança de conseguir de Suas A. A. em razão de tantos vinculos e interesses que os ligavão.

Com isto conseguio-se por algum tempo modificar aquelles desabrimentos, mas infelizm.te não tardou que m.tos incidentes não viessem excitar novas e mais consequentes desavenças.

Foi novamente chamado por Telegrafo o conde da Figueira p.a hir immediatamente ao Sitio Real da Granja. Ahi o Conde d'Alcudia referindo-lhe tudo quanto se passava, lhe declarou do modo mais formal que El-Rey catholico estava decedido a fazer sahir dos Seus Estados a Princeza se S. A. se não conformasse com a Etiqueta estabelecida, e se conduzisse de outro modo com os Reys catholicos. Que avisasse elle a S. A. disto &.

Poude ainda desta vez evitar estas desastrosas consequencias. Dêo conta p.r extraordinario. Não só lhe repeti as Instrucções que lhe tinha dado sobre este grave assumpto, mas em consequencia das ordens de S. Mag.de as reforcei de um modo ainda mais explicito tendente a evitar se fosse possivel as funestas consequencias daquellas desavenças (3). Sobrevindo porem a gravissima doença d'El-Rey e em consequencia della as transações da Granja, pozerão essas o ultimo remate aquelles desabrimentos na reacção que se effectuou com o melhorar de El-Rey cath.o

He aqui o logar opportuno de indicar uma das principaes origens destas desavenças. A Pragmatica d'El-Rey catholico abolindo a Ley Salica, e o posterior reconhecimento da S.ra D. Maria Isabel Luiza sua Filha Primogenita como Princeza das Asturias foi uma das primeiras origens das desavenças que depois sobrevierão. Agravada pois a doença d'El-Rey d'Hesp.a Foi a Raynha declarada Regente p.r um Decreto no qual o S.r Infante D. Carlos foi igualm.te chamado a tomar p.te conjun-

(1) Estes officios existião no maço dos Reservados da Legação de Hesp.a no meu gab.e

(2) Existem nos Papeis do meu gab.e nos Maços d'Hesp.a

(3) Vid. correspondencia com o conde da Figr.a

ctam.te com a Raynha. S. A. R. indo o Ministro Calomarde communicar-lhe aquellas disposições, respondeo cathegoricam.te *que elle jamais durante a vida d'El-Rey seu Irmão tomaria p.te em nenhum neg.o do Gov.o que seria sempre o seu mais obediente vassallo, mas que por seu falecimento elle se poria á testa do seu Partido p.a deffender os seus Direitos.*

Chegando El-Rey depois á ultima extremid.e não dando já esperanças de vida, o Ministerio julgou que devia persuadir o muribundo Monarcha que declarasse novam.te existente a Ley Salica, abolindo a Pragmatica, e que declarasse p.r uma outra Seu Augusto Irmão seu successor no throno.

Persuadirão esta medida com os fundamentos de se evitar a guerra civil, e os horrores que se seguirião, e mesmo perigos para a sua Augusta Esposa, e Filhas se não tomasse aquella deliberação. Pintarão-lhe o Partido do Sr D. Carlos tão forte que não haveria outro que lhe podesse resistir, nem supplanta-lo &c.

El-Rey ainda exitou por m.tes horas, mas Calomarde principal agente deste negocio insistindo, conseguiu que El-Rey lhe ordenasse que trouxesse o Decreto á assignatura, o que executou.

A Raynha esteve presente a este acto segundo referirão as pessoas que assistirão. Calomarde conseguio senão persuadi-la pelo menos neutralisa-la.

Foi o Decreto depois de assignado levado ao Sr D. Carlos. Os dois Min.os Calomarde, e Alcudia exigirão entretanto o segredo maior sobre esta transacção, mas que se não conservou. Os Ministros contando com a infalivel morte d'El Rey derão disposições Secretas para ser o Sr Infante proclamado Rey logo que o Seu Irmão expirasse. Por outra parte tinha-se com intervenção das duas Princezas, intervindo mais ostensivam.te a Sra D. Maria Thereza formando uma Junta secreta para sublevar as Provincias a favor do Sr D. Carlos, melhorando porem El-Rey subitam.te e tendo chegado nesse momento de uma jornada de Sevilha a Sra Inf.a D. Luiza Carlota collocou-se á testa dos chamados Christinos, e fez ver á Raynha conjunctam.te com o Duque de S. Fernando Parsen, Punonortro, e outros que tinha sido tal acto nullo extorquido contrario aos Direitos de sua Filha &c. &c.

Em consequencia disto foi logo deposto todo o Ministerio pela Raynha Regente, condemnados Calomarde, e Alcudiá, e o 1.o declarado traidor que teve de abrigar-se e esconder-se athe que poude passar p.ra França.

Foi em consequencia nomeado outro Ministerio composto todo de pessoas que esperavão o principio da Successão directa.

Emquanto isto se passava na Corte rebentou a Revolução em Toledo á testa da qual estava o Bispo de Leão, e sendo logo desfeita um dos principaes chefes se offereceo a revelar tudo, e sendo ouvido, e apprehendidos seus Papeis se encontrou toda a correspondencia da Princeza, a do Conde de Negri camarista do Sr D. Carlos &c.

Mandou-se formar Processo, durante o qual se investigou toda a ramificação daquelle neg.o e deu tempo a que Mr de Zea chegasse a Madrid

para tomar como tomou a direcção dos Neg.os Estrangeiros, e a Presidencia do Conselho de Ministros.

Este Ministro tinha expozado a causa d'El-Rey, e de Portugal com o maior calor, e a tinha tratado com profundo saber e habilid.e durante os dois Ministerios do Duque de Wellington, e Lord Grey e em todo o tempo que resedira em Londres como enviado d'Hesp.a. Nada pode exceder o interesse que elle tomou pelos negocios de Portugal. Fez da nossa causa um assumpto de capricho. Entretanto um partido de gentes em Portugal e de alta gerarchia mas que além de illudidos, e de nada entenderem nem das difficuldades da Qestão Portugueza, nem do verdadeiro caracter da Diplomacia, finalm.te de exaltadas concebião que Zea era um Liberal que nos queria envolver em maiores difficuldad.es por aconselhar com todas as suas forças que se seguissem e adptassem os conselhos do Ministerio Wellington estabelecendo-se em Portugal um gov.o uniforme, e moderado, e dando a El-Rey a Amnistia effectuando logo o reconhecimento da Inglaterra, e de todas as Potencias da Europa, tendo a negociação chegado a ponto de ter sido nomeado o Embaixador de Inglaterra para Portugal, e o d'Austria para o acompanhar.

Zea comtudo apezar de ver que os seus conselhos não eram seguidos continuou a ser infatigavel com incrivel capricho em tratar dos nossos negocios, tendo-se athe demorado em Londres já depois de ser chamado ao Ministerio para continuar a leva-los a um satisfatorio resultado. Se milhares de provas do interesse que este Ministro tomava por nós que estão nos Archivos da Secretaria não bastassem, a sua famosa Nota e Protesto de Nov.o de 1832 dirigido a Lord Palmerston pela entrada da esquadra Ingleza no Tejo seria o Documento mais saliente para mostrar qual era a verd.a politica de Zea a nosso respeito.

A entrada deste Ministro para o conselho da Raynha cath.a offerecia pois uma extraordinaria garantia á causa d'El-Rey e da Nação Portugueza.

Logo nos primeiros Despachos que elle dirigio ao enviado d'Hesp.a Conde de Montealegre transluzio a politica mais suave, aparecerão principios de uma firmeza não conhecida nos precedentes Ministerios de Salmon, e de Alcudia. Elle achou o Gabinete Hespanhol obrigado ás estipulações de uma celebre Neutralid.e que a Inglaterra tinha obtido de Alcudia. Não podia mudar o principio sem graves inconvenientes e complicações p.ra a Hespanha, mas tratou logo dentro dos mesmos limites della de a desenvolver de modo que nos dava as maiores vantagens.

As circulares passadas aos Cap.es G.es para não receberem os Rebeldes em seu Territorio, nem seus navios em os Portos d'Hesp.a, para que a sua Bandeira não fosse reconhecida, e m.mo p.ra que o Sr D. P.o fosse expulço d'Hesp.a se ali entrasse, erão outras tantas provas da leald.e daquelle Ministro e da pureza dos seus principios.

Por outra parte foi desde logo infatigavel em se dirigir ás Grandes Potencias p.a pedir o apoio dellas afim de secundarem a Hesp.a nas negociações entaboladas em Londres p.a o reconhecimento d'El-Rey. Emquanto p.r outra estabelecia comigo a mais franca communicação por meio do seu enviado em Lisboa.

Entretanto o profundo conhecimento que tinha aquelle Ministro das vistas, e pretenções da Inglaterra acêrca de Portugal, e da sua tenacid.^e em não admittir cousa alguma favoravel a El-Rey, os receios que lhe inspirava a approximação da vinda de Sir Strafford Coming a Madrid em Missão especial para tratar d'accordo com o G.° Hespanhol do arranjo dos Neg.^os de Portugal, os perigos em que Zea se conhecia collocado entre um forte partido de corte, e um partido politico que pretendia derruba-lo, concebeu que devia confiar a Missão de Portugal a um indeviduo de toda a sua confiança, e que fosse depend.^e da sua conservação no Ministerio para o apoiar em Negociação Portugueza, reconhecendo que o Conde de Montealegre apesar dos seus principios Monarchicos não tinha à capacid.^e politica necessaria para as circumstancias difficeis em que se achava a posição relativa de Portugal, e Hespanha p.^a com a Inglaterra. Foi então nomeado por estes respeitos D. Luiz Fernandes de Cordova p.^a a Enviatura de Lisboa, o qual não só pelo calor com que em Berlim durante a sua Missão tinha tambem espozado a causa de El-Rey, e de Portugal nas famosas Notas por elle passadas a M^r d'Ancillon, mas tambem por ter sido officialm.^te pedido por parte d'El-Rey pelo seu Min.° em Madrid no caso de que o Conde de Montealegre fosse retirado de Lisboa, offerecia segundo a opinião de Zea confidencialm.^te communicada, as maiores vantagens á nossa causa.

Apenas nomeado Cordova em principios de janeiro do passado anno de 1833 um forte partido em Madrid tratou de indispor com antecipação á sua chegada a Lisboa a El-Rey tentando persuadi-lo que elle era expressam.^te mandado com vistas contrarias á sua causa, e unicam.^te na escencia favoravel á Causa Liberal. Neste sentido de prevenção não só escreverão altas Personagens a El-Rey, mas athe conseguirão que o Conde da Figueira me prevenisse officialm.^te de que m.^to convinha estar em cautella com elle, e sondar quaes erão as suas verdadeiras Instrucções.

Por outra p.^te a sahída de Montialegre não era agradavel. Elle tinha não só a plena confiança d'El-Rey, mas tinha estabelecido a reputação de m.^to religioso, e attrahia as sympathias do clero, e pela outra com as reuniões em sua casa havia captado o interesse da Nobreza da corte mais influente.

Com estas impressões a situação de Cordova tornava-se á sua chegada mui melindrosa, e arriscada a experimentar frieldades que serião p.^r extremo consequentes ás nossas relações com o G.° Hespanhol.

O consenço que eu tinha deste perigo, e de que se o não evitassemos perderiamos a Alliança da Hespanha no que trabalhavão p.^r conseguir com a maior efficacia a Inglaterra e a França, me fizerão logo que El Rey catholico promulgou ainda no Ministerio de Salmon a Pragmatica abolindo a Ley Salica desenvolver em Conselho de Ministros os fundamentos da Politica que deviamos ter com a Hespanha. Mostrei que Portugal tinha sido o instrumento principal da declaração da abolição daquella Ley para fazermos reconhecer os Direitos da Rainha a S^ra D. Carlota ao throno da Hesp.^a e que não podiamos agora entrar trar nesta questão em sentido algum. Que se expedissem ordens termi-

nantes aos censores que p.^r caso algum deixassem passar, nem correr Papel algum que tratasse de questões de successão, e das Leys Fundamentaes dos outros Paizes. O Ministerio de S. Mag.^de sabia que se tratava p.^r parte d'alguns Partidarios Hespanhoes de fazerem publicar taes escriptos nestes Reynos onde não havia demais liberd.^e d'imprença. Ponderou-se que isto ainda era de mais eminente comprometimento p.^a Portugal, e em consequencia se consultou S. Mag.^de que Foi Servido Resolver que a Sua Politica fosse inteiram.^te a que convinha, a de não nos entrometermos em taes atsumptos, e a de prohibir taes publicações. Por outra parte tinhão-se mandado internar os Hespanhoes refugiados, e se apresentava pelo menos uma politica de concordancia com as exigencias da Corte de Hespanha, tratando-se por via do Ministerio de evitar algumas tolerancias, e abusos que a este respeito praticavão algumas Autorid.^es Subalternas, Civis e Militares.

Tal era o Estado em que este importante assumpto se achava no momento da nomeação de Cordova.

Para destruir pois as injustas prevençóes que se tinhão pretendido inspirar ácerca de Zea e de Cordova, Escrevi por varias vezes directamente a S.^a Mag.^de remettendo-lhe athe os Documentos que mostravão a toda a evidencia a leal.^e com que procedia Zea. e o extremo interesse que tomava pela sua causa e pela da independencia de Portugal.

Ás provas que este Ministro dava destes seus principios cada vez erão maiores, e mais patentes.

Approveitando-me dellas communicava-as ao Ministro da Guerra que estava junto a S.^a Mag.^de em Braga.

Para deixar pois aqui consignadas algumas dellas de que ainda me restão alguns Documentos, menciona-los-hei pelo interesse que me merecem.

Em a minha confidencial dirigida áquelle Ministro em 25 de Dezembro de 1832 lhe dizia.

«Zea escreveo hontem a Montealegre com ordem de me dar copia = «*que o maior serviço que podiamos fazer á Hespanha era empregarmos* «*toda a actividade, e todos os nossos meios para nos desfazermos quanto* «*antes dos Rebeldes.*

Em outra que dirigi ao m.^mo Min.^o em 30 do ref.d.^o mez, e anno, lhe dizia.

«*Zea não cessa de pedir que se acabe com isto p.^a se evitarem as in-* «*trigas, e interrenção da França e da Inglaterra que elle vê infativel* «*se se desembaração dos Negocios da Belgica.*

Com o mesmo proposito de fazer com que se desvanecessem aquellas antigas prevençóes, Escrevia em outra de 2 de Jan.^o do seg.^te anno de 33 ao mesmo Ministro o seg.^te.

«Sir Strafford Canning chega a Madrid a 15 do corrente. Rayneral «que tem grande ascend.^e na Raynha tem ordem para o secundar. *As in-* «*trigas contra Zea* p.^a *o deitarem fóra do Ministerio porque se declarou* «*a favor de Portugal são as mais fortes.*

Com todos estes passos que dei, e com uma activa correspondencia em que desenvolvia todos os fundamentos que tinha para me persuadir

dà sincerid.[e] do Gabinete Hespanhol, e deste Ministro, consegui que se *fundassem nelle todas as esperanças.*

Mais difficil foi obter o mesmo ácerca de Cordova.

De Braga se me escrevia mostrando se-me o desejo què havia de que elle alli não fosse, dali se me deixava ver receio que se tinha de que elle fizesse exigencias directas a favor dos Rebeldes.

Para desvanecer estas prevenções escrevi entre outras cousas ao Min.º da Guerra em 22 de Jan.º do anno passado de 33 que descançassem «*que Cordova não proporia nada contrario á base que o Gov.º tinha* «*adoptado*, *recommendando-nos que não admittissemos nada sem que ti-* «*vesse por base o Reconhecimento d'El-Rey pela Gran-Bretanha. Que* «*tal tinha sido a declaração*, *e conselho de Zea*».

Que se Cordova todavia fizesse algumas propostas em materia grave que tinhão o recurso de as declinarem para o Gov. em Lisboa, ou antes p.ª a impossibilid.[e] em que El-Rey alli se achava de as tratar não tendo comsigo nem o seu Ministerio, nem o Cons. d'Estado.

Ao mesmo tempo que tratava de diminnir aquellas imposições expedi p.[r] outra parte ordens a todas a todas Autortdades Civis, e Militares do Alemtejo p.ª fazerem a Cordova todás as honras, e distincções e acolhimento que convinha á sua Jerarchia, e ás relações de Parentesco, e Amizade que existia entre Portugal e a Corte d'Hespanha.

Finalmente no dia 22 de jan.º de 33 chegou Cordova a Lisboa, e logo que desembarcou veio fazer-me uma visita amigavel, e sendo-me introduzido pelo Conde de Montealegre, e no seguinte dia 23 teve a primeira entrevista official comigo na qual me apresentou copia das suas credenciaes na forma do costume (1).

Passei logo a informar a S. Mag.[de] tanto directamente, como p.[r] meio do Ministro da Guerra do que tinha passado comigo aquelle Enviado. Repeti mui largam.[te] as constantes provas do interesse que o Gabinete Hespanhol, e Zea tomavão p.[r] El-Rey e pela causa de Portugal. Ponderei os inconvenientes, e mes.[mo] impossibilidade que haveria em impedir a hida delle a Braga (2) e acrescentava na midha confid.[al] de 25 de jan.º o seg.[te]:

«Muito mao seria que elle desconfiasse principalmente no principio da «sua Missão de que a sua vinda não era agradavel a S. Mag.[de] p.[r] isso «faria g.[de] impressão em Hespanha, e as intrigas de Canning se pode- «rião prevalecer de qualq.[r] frield.[e] p.ª nos fazerem grande mal».

Cordova penhorado pelo bom acolhimento que recebera no Territorio agradeceo-me ao mesmo tempo p.[r] uma Nota nos termos mais polidos a qual eu contestei da mesma forma, e empreguei todos os meios para lhe incutir que havia a maior confiança nelle, signifiquei-lhe que essa tiuha já antigos fundamentos em os serviços que elle tinha feito na sua Missão de Berlim á causa de Portugal.

Pedi-lhe as copias das suas Notas passadas naquella Corte sobre a

---

(1) Vid. a m.ª confid.[al] a S. Lourenço de 25 de Jan.º de 1833.
(2) Vide: a m.ª confid.[al] S. Lourenço de 25 de Jan.º de 1835.

Questão Portugueza, as quaes elle logo me remetteo com uma interessante confidencial.

Enviei tudo a El-Rey p.ª lhe inspirar mais confiança ácerca delle, e de Hesp.ª, e tratei em repetidas conferencias diarias de muitas horas desde o dia 23 de Jan.º athe 9 de Fevereiro de desenvolver todas as materias, e assumptos graves com a maior franqueza, e isto a cada momento que chegavão repetidos correios Extraordinarios de Madrid com Desp.os p.ª elle que immediatam.te me communicava.

No decurço destas conferencias hia p.r outra p.te penetrando-o, e ganhando o tempo necessario para dispor favoravelm.te a sua recepção em Braga.

«Na minha confid.al de 25 de Jan.º ao Min.º da Guerra eu dizia =

«Cordova está no melhor sentido. Dice-me que representaria a El-Rey «que mandasse activar *as operações coutra o Porto.*

«Dice-me q não tinha nenhumas proposições a fazer a S. Mag.de. «Isto hé conforme com o que Zea, e Cordova escreveo. Cordova decla«rou-me (acrescentava eu). *A Hespanha o que quer he q El-Rey vosso «Amo triumfe, nem admitte proposição alguma contraria aos seus in«disputaveis Direitos. Ha-de sustentar os Direitos, e independencia da Nação Portugueza.*

«Esta é a linguagem deste Min.º e de Zea, e que elle tem sustentado «nas suas respostas a Canning.

«Elle está sustentado pelos Min.os das 3 Grandes Potencias, e os In«glezes apesar dos esforços do Emb.or em Madrid, e das suas cabalas «talvez não possão conseguir deita-lo fora do Ministerio como pertendem».

Em outra confidencial m.ª ao m.mo Min.º da Guerra datada de 31 de Jan.º do anno passado lhe dizia.

«Cardova aqui tem tido m.tas e repetidas conferencias comigo em con«sequencia da continuada chegada de correios extraordinarios da sua «Corte com Desp.os de Zea.

«Posso dizer a V. Ex.ª que estou espantado da energia com que Zea «defende a nossa Causa, e dos importantes serviços que está fazendo a «El-Rey» ([1]).

Nesta mesma confid.al eu tratava do m.to zelo que hia vendo desenvolver em Cordova, do conceito que elle formara de Hoppner Agente de Inglaterra, e persuadia no mesmo systhema ao meu collega da necessid.e da sua hida a Braga p.ª entregar as suas credenciaes.

([1]) Zea não só tratava os nossos neg.os com a maior energia, mas conseguiu formar em Madrid, e Paris uma especie de conferencia permanente pelos Min.os das 3 Grandes Potencias p.ª nos appoiarem. Toda a sua transacção com Sir S. Canning foi valentissima em doctrinas, e em fidelid.e aos principios. Mandava-me communicar tudo. Della extrahi copias que successivam.te remetti a El-Rey a Braga, fazendo nas m.as cartas e em toda a m.ª correspondencia as observações mais obvias sobre a indispensavel obrigção em que nos punha a Hesp.ª de termos com ella a maior lealdade, e correspondencia, e ponderando os perigos de nos desviarmos desta politica.

Na m.ª confid.al ao Min.º da Guerra de 4 de Fev.º do anno passado dizia.

«Concluo q se Zea continua a durar no Ministerio, e nos m.mos principios a nos«so respeito, Cordova nos poderá fazer bons serviços, uma vez que haja q.m o domine «com habilidade».

A' proporção pois das entrevistas que com elle tive antes da sua partida hia conseguindo inspirar-lhe a maior confiança, a ponto que o ref.º Min.º me chegou athe a pôr ao facto de todas as intrigas da sua Corte, do Estado do Meinisterio, dos caracteres dos individuos de que elle se compunha, das suas diversas tendencias, &c. (1).

Alem de todas estas communicações que eu fazia constantemente para diminuir os receios que se concebião em Braga ácerca da ida alli d'aquelle Enviado, aconteceo que mui opportunam.te tive de fazer outra pela qual ainda mais se modificavão, e foi a que dirigi ao Min.º da Guerra em confid.al de 6 de Fev.º em que lhe dizia.

«Hoje me escreve o Conde da Figueira, dizendo-me que Zea o tinha «prevenido de que tinha mandado ordens a Cordova p.a que logo que «tenha entregado as Suas Credenciaes volte p.a Lisboa, para proseguir «nas Negociações comigo, &c.

Tendo eu pois assim preparado o terreno p.a a sua boa recepção em Braga não só escrevi directamente a El-Rey para ser perfeitamente acolhido mas ao meu Coll.a escrevi em confid.al de 6 de Fev. º o seg te.

«Muito se obrigará a corte de Hespanha se S. Mag.de com as suas «naturaes delicadezas o mandar comprimentar no caminho, e accompa«nhar p.r Seu Ajud.e d'Ordens. Seu Augusto Pay assim o praticou no «Brazil com o Barão de Neveu (2) Ministro especial d'Austria que não «tinha a cathegoria de Cordova, e todos os Soberanos fazem destas dis«tincções aos Min.os Publicos».

Em outra confid.al de 8 de Fev.º escrevia eu ao mesmo Min.º

«O custume dos S.res Reys destes Reynos quando estão em jornada «he hospedarem, e mandarem tratar os Ministros Estrangeiros, e espe«cialm.te os Ministros de Familia. Muito mais se deve fazer a Cordova «p.rq assim convem ás Relações com *a unica Corte verdadeira, e osten«sivam.te Alliada com S. Mag.de*

Effectivam.te todas as minhas ponderações foram adoptadas p.r El-Rey, e Cordova teve a melhor recepção que Ministro algum d'Hespanha athe agora tem tido. Em outro logar farei menção.

Devo aqui mencionar uma circumstancia importante, e consiste em que tanto Lord Russell, como o Almeirante Parker, Hoppner confiados em que Sir Strafford Canning triumpharia em Madrid julgarão que a retirada do Conde de Montealegre e a substituição d'aquelle Ministro por Cordova importava uma mudança total da politica de Hesp.a a nosso respeito, e no fundo da Questão Portugueza.

Nesta persuasão buscarão logo á sua chegada ter entrevistas com elle em que não só pertenderam sonda-lo, mas com menos prudencia abordaram os negocios nos m.mos termos de prevenção e tenecid.de do Ministerio Grey. Cordova porem bem depreça, e com m.ta habilidade

(1) Disto dei p.te a El-Rey directam.te e ao Min.º da Guerra em confid.al de 4 de Fev.º do anno passado 1833.

(2) Para esta commissão fui eu nomeado na Corte do Rio de Jan.º pelo Senhor D. João 6.º

os desabusou de que as vistas, e politica do seu Gov.no eram bem differentes do que elles pensavão.

Comtudo Cordova tinha recebido Instrucções de Zea para se ligar intimam.te com Lord Russell e seguir ácerca deste Agente Britanico uma conducta inteiram.te differente da que havia seguido o Conde de Montealegre seu antecessor.

Não é possivel imitar-se a destresa, e habilid.e com que Cordova se apossou em poucos dias do animo daquelle Lord.

Elle empregou p.a o captar todos os recursos. Lady Russell Senhora de vastos conhecimentos, e de muitas relações com as principaes pessoas influentes no Ministerio Grey pertence todavia pelos seus principios aos Torys.

Possue a influencia exclusiva de seu marido. Foi a esta Sr.a que Cordova tratou de fazer esperar os interesses da nossa causa como uma causa em que interessasse a humanidade, e os principios da independencia das Nações.

Lady Russell com effeito secundou as vistas de Cordova, e se obteve tirar o maior partido de Lord Russell como direi em logar opportuno, separando-o totalmente da influencia de Hopner.

Zea conhecendo pelas communicações de Cordova a vantagem que podia resultar p.a a causa d'El Rey de se captar inteiram.te Lord Russell approvou não só todos os passos dados p.r Cordova mas além disso o envio de novas Instrucções p.a buscar todos os meios para se obter p.r meio delle uma conciliação entre S. Mag.de e a Corte de Londres.

Em um dos Despachos instructivos Zea concluia=*que todas as communicações que recebia de Londres lhe indicarão que o Ministerio Grey formara a sua opinião sobre o estado das cousas em Portugal exclusiram.te pela communicação do sobredito Lord.*

«Que convinha portanto que S. Mag.de e o seu Governo se persuadis«sem da conveniencia que haveria em o lisongear tanto mais que isso di«minuiria a impressão que causarião as oppostas communicações de Can«ning.»

Quasi pelo mesmo tempo me escreveu o Consul Geral Sampayo indicando-me da parte dos Torys a mesma conveniencia.

Um obstaculo poderoso encontrou entre outros Cordova da parte de Lord Russell para se cimentar esta conciliação com o Governo d'El-Rey, e éra a da separação absoluta, e total ém que aquelle Agente inglez se achava de mim desde a sua chegada a Lisboa.

Esta separação foi motivada não só pela natureza da commissão do sobredito Lord que não tendo precedente no Direito das Gentes, apresentava uma certa apparencia hostil, tendo a faculdade de um Governo Estrangeiro para poder em um Paiz alliado, e em Paz com a Inglaterra conservar essa Paz, ou rompela a seu arbitrio, tendo uma esquadra e Tropas á sua disposição dentro dos Portos dessa m.ma Nação para obrar activam.te quando o julgasse a proposito, mas tambem p.r que tendo-me o sobred.to Lord logo que desembarcou feito leitura de um Desp.o do seu Gov.o que era a base das suas Instrucções no qual declarava mui positivamente a Inglaterra que no momento em que o Gov.o Hespanhol por

qualquer modo nos prestasse auxilio desde esse mesmo instante a Inglaterra obraria hostilm.te contra Portugal entrevindo á ordem delle Lord Russell as Forças Navaes Inglezas nas Costas e Portos destes Reynos, e que tendo eu communicado tudo a S. Mag.de, e ao mesmo tempo participado que o ref.do Lord me visitara depois amigavelm.te me ordenou El-Rey que lhe não pagasse a visita.

Lord Russell apesar desta falta de usual delicadeza longe de nutrir indisposição alguma contra mim, dava indicios de que desejava entreter relações comigo, comtudo por outra p.te a sua situação de Agente de uma Nação tão Poderosa, sendo além disso Filho do Duque de Bedford, e irmão de um dos Ministros do Gov.o Britanico, o impedião de dar um só passo p.a se remediar aquella nossa falta de cortezia.

O Ministro d'Hespanha tendo-me pois mostrado as muitas conveniencias que resultarião p.a a causa de Portugal de captarmos Lord Russell e trazelo aos nossos interesses, separalo de Hoppner, e obtermos q̃ pelo menos elle informasse o seu Gov.o no sentido favoravel a Portugal, tendo-me mostrado que o sobred.o Lord recebia com a melhor fé todas as arguições que se fazião contra a marcha athe então seguida pelas Potencias a favor do Sr Dom Pedro e que elle principiava a convencer-se dos mesmos principios de Nacionalid.e da Causa d'El-Rey, e dos nenhuns elementos que havia p.a a da Sr.a Princeza do Gram Pará, e exigindo que eu entrasse em Relações com elle, dizendo-me que elle se achava resentido de eu não lhe ter pago a visita de cortezia, me obrigou a declarar-lhe franca, e abertamente que eu desde o momento da chegada ao Tejo do sobred.o Lord considerei que resultarião as maiores conveniencias ao serviço d'El-Rey d'elle cultivar as Relações d'aquelle Agente Inglez, mas que a Sua Missão tendo causado uma sensação tão forte no animo d'El-Rei, e de outros Ministros, e de outras Pessoas influentes, obstarão inteiram.te a que eu as buscasse, apesar dos esforços que p.a isso fiz ainda em dias de Junho do anno anteced.e de 32, que tendo chegado as cousas a este ponto difficultosissimo era neste momento renovalas de um modo decoroso na minha posição official ainda mesmo quando El Rey Fosse Servido permittir-me que as cultivasse, sendo passados tantos mezes depois da chegada do sobred.o Lord e da 1.a visita que elle me fizera.

Concordando Cordova nestas observações passamos a combinar o meio de se effectuar esta consiliação, e depois de algumas ponderações pareceo que o mais opportuno seria 1.o El-Rey permittir-me que o visitasse. 2.o Que El-Rey por um acto de magnanimid.e mandasse entregar ao Sobred.o Lord todos os Prisioneiros Inglezes feitos aos Rebeldes. 3.o Que accordado isto elle Min.o d'Hesp.a como Ministro de uma Potencia Alliada de Portugal, e Inglaterra, interviria p.a que Lord Russell acceitasse os Prisioneiros como uma medida demonstrativa dos sentimentos de consideração de S. Mag.de p.r elle, e pelo Gov.o B. e como um passo preliminar de conciliação com a Inglaterra. 4.o Que o sobred.o Lord logo que recebesse aquella m.a communicação viria fazer-me outra visita na qual me agradeceria a entrega dos Prisioneiros, e os passos dados p.a com a Inglaterra, visita que eu lhe pagaria immediatam.te ficando

assim desde logo restabelecidas as minhas relações com o sobred.º Lord para podermos tratar official e confidencialm.te.

Tudo isto foi depois accordado entre Cordova e Lord Russell por meio de uma importante, e mui curiosa transacção como direi em outro logar.

Cordova para conseguir captar o animo de Lord Russell, tinha-o persuadido que só propunha a Hespanha pela sua influencia em Portugal levar as cousas neste Reyno a um systhema moderado nos actos do Gov.º, e a uma reconciliação com a Inglaterra. Communicava-lhe quasi sem reserva todos os Desp.os, que recebia da sua Corte, e os que escrevia, e por esta forma obrigou o sobred.º Lord em poucos dias não só a modificar a sua lingoagem, mas tambem a separar-se de Hoppner.

Neste estado se achava este interessaute assumpto no momento da partida de Cordova p.a Braga p.a apresentar as Suas Credenciaes a El-Rey, e era este um dos pontos essenciaes de que elle hia tratar com S. Mag.de

Quando este e outros negocios igualmente graves se achavão concordados entre mim e aquelle Ministro d'Hespanha, e que elle se despunha a partir no dia seguinte, chegou um correio Extraordinario trazendo-lhe Despachos os mais peremptorios e terminantes de Zea ácerca de S. A. a Princeza Dona Maria Thereza.

Passou Cordova immediatam.te a ter uma entrevista comigo na qual me fez leitura dos Sobreditos Despachos. Fazendo justiça áquelle Ministro devo aqui dizer que se magoou extremam.te de ser obrigado pelo seu dever a ser o instrumento das reclamações, e exigencias da Sua Corte sobre assumptos tão melindrosos, pesou devidam.te quanto comprometimento dahi lhe resultava.

As antigas desavenças entre a Familia Real, as transacções da Granja, os Papeis da Junta de Toledo, e o processo que sobre elle se instaurou produzirão a resolução do Gabinete de Madrid de fazer sahir de Hespanha immediatam.te aquella Princeza.

Naquelles Despachos escrevia pois Zea ao Ministro d'Hespanha que tendo El-Rey catholico decidido fazer sahir immediatam.te dos Seus Estados a Princeza Dona Maria Thereza, e desejando dar a seu Augusto Sobrinho uma prova da sua consideração, e mesmo p.a que a sahida daquella Princeza de seus Estados fosse apresentada á Europa com maior Decoro, que aconselhava a S. M. Fidelissima que houvesse de pedir-lhe por uma carta autographa a vinda da Princeza para Portugal, e p.a a sua companhia, visto terem cessado os motivos pelos quaes S. A. fosse re sidir em Hespanha tendo-se já acabado a Tutoria do Sr Inf.e D. Sebastião seu Filho, e concluia os sobred.os Despachos ordenando a Cordova que sem perda de um momento se dirigisse a Braga, e logo depois da entrega das suas credenciaes, que exigisse d'El-Rey aquella resolução e que lhe significasse nos termos mais positivos que a Resolução d'El-Rey cath.º de fazer sahir a Princeza de Seus Estados era irrevogavel, e que lhe fizesse sentir que qualquer demora na sua Resolução, qualquer tragiversação, a Corte de Madrid a consideraria como um rompimento da parte de *Portugal da boa Alliança, e intelligencia que existia com a Corte de Madrid.*

Se D. Luiz de Cordova sentia vivam.te naquelle momento os embaraços e estorvos que esta resolução da sua Corte lhe trazia no principio da sua Missão, e na sua 1.a entrevista com El-Rey, não forão menores as impressões que uma tal resolução me causou. Vi immediatamente toda a extensão das consequencias daquella medida, e o infalivel comprometimento com a Corte d'Hespanha em qualq.r das hypoteses, ou se annuisse, ou não á exigencia daquella Corte.

Não dissimulei a Cordova toda a extensão dos meus receios. Mui largamente expendi os mais solidos argumentos para lhe provar que esta medida longe de fazer um bem á Hespanha antes poderia pelas suas consequencias compremetter mais no futuro a tranquilidade della e trazer Portugal a compremettimentos infaliveis, contrarios tambem ao seu repouso, e m.to mais consequentes achando-se o Reyno invadido pelo inimigo, e contrarios ás vistas, e politica da Hespanha a nosso respeito, e conclui dizendo-lhe = *Mr. de Zea s'en repentirá bien.*

Quis buscar p.r todos os meios que Cordova no intervallo do seu transito p.a Braga fizesse todas estas reflexões ao seu Gov.o com o fim de ver se modificava, ou antes mudava aquella resolução.

Entretanto tudo foi baldado. Cordova explicou-se dizendo-me como uma opinião que elle tinha fundada em communicações particulares de Madrid, que o projecto era estabelecerem um systhema de politica moderada e desviarem todos os obstaculos que a elle se opposessem, que julgava que a Sra Inf.ta D. Luiza Carlota seria mandada p.a Napoles.

Não tardei em communicar esta desagradavel occorrencia a S. Mag.de e de o prevenir desta exigencia.

Finalmente no dia 10 de Fevereiro do anno passado partio p.a Braga aquelle Ministro, tendo encontrado no seu transito não só todas as attenções [1], mas athe a algumas legoas distantes d'aquella cidade o Mandou El-Rey esperar, comprimentar, e conduzir pelo seu Camarista e Ajudante d'ordens Conde do Cartaxo sendo accompanhado por uma Guarda de Cavallaria [2].

Apenas chegado áquella cidade, no dia 14 S. Mag.de o mandou novamente cumprimentar á casa que lhe fôra destinada, onde achou tudo preparado, e foi magnificamente tratado sendo servido pelos creados da Casa Real, tendo meza d'Estado, cege da Casa Real, e cavallos d'El-Rey. S. Mag.de ordenou além disso a todas as Authorid.des Ecclesiasticas Civis, e Militares que o fossem cumprimentar o que effectuaram [3].

Dirigio-se elle logo na manhã seguinte a cumprimentar o Conde de S. Lourenço Ministro da Guerra unico Membro do Ministerio que se achava junto de S. Mag.de e logo depois lhe dirigio uma Nota pedindo hora, e dia p.a apresentação das suas credenciaes, a qual lhe foi fixada p.a o dia 16 pelas 11 da manhã.

---

[1] Para este effeito expedi ordens a todas as Authorid.es do transito, que constão dos Registos da Secretaria d'Estado.

[2] Vide Gazeta de Lix.a.

[3] Cordova escreveo logo a alguns da sua legação em Lisboa dizendo-lhe que nada podia exceder o modo por que alli estava sendo tratado.

Naquella Audiencia dirigio Cordova a El-Rey um Discurso do estilo sobre os sentimentos d'El-Rey seu Amo tanto a respeito de S. Mag.^de^ como da causa de Portugal, o qual tinha-me sido antes da sua partida por elle communicado para o modificar, ou ampliar do modo que julgasse opportuno, e que depois de tudo accordado, eu tinha previam.^te^ dado a El-Rey conta dos objectos que n'èlle se mencionavão.

Aquelle Discurso era em todos os respeitos o mais delicado, e tendente a manifestar o q.^to^ a Hespanha se interessava p.^r^ S. Mag.^de^ e por Portugal.

El Rey acolheu aquelle Ministro com uma distincção extraordinaria, mostrou-lhe nos termos mais delicados o interesse que tomava por El-Rey càtholico seu Tio, significou-lhe á sua gratidão por tudo quanto a Hespanha tinha feito a favor de Portugal, e largam.^te^ entrou em materia nos assumptos tanto militares, como nas difficuldades politicas em que se achava. Fallou do Imperador seu Irmão não só termos mais moderados, mas athe se explicou p.^a^ com Cordova que nada sentia tanto como achar-se separado delle p.^r^ isso que sempre o amara muito, e que tendo sido creados juntos lhe dedicava a maior amisade, explicou-se do mesmo modo sem acrimonia, nem sombra de animosidade ácerca de seus inimigos, e sem que aquelle mesmo Ministro tivesse promovido entrar em outros assumptos, sobre elles El-Rey o entreve na maior abertura, e franqueza.

Esta entrevista produzia no animo de Cordova as mais vivas impressões, concebeo as mais fundadas esperanças de que pela sua influencia como Ministro de uma Potència p.^a^ nós tão importante como a Hespanha podia trazer as cousas não só a um Governo moderado, mas athe a conseguir o triumpho final d'El-Rey sendo reconhecido pela Gran-Bretanha.

Expedio logo um correio á sua Corte, mesmo de Braga pelo qual escreveo a Zea os mais interessantes Despachos, de tal modo favoraveis a S. Mag.^de^ que El-Rey catholico ficou extremo penhorado pelo que se tinha passado.

Escreveo a Lord Russell confidencialm.^te^ pintando-lhe El-Rey como inteiram.^te^ do que seus detractores, e implacaveis inimigos o descreviāo p.^a^ levar este Paiz diferente á sua ultima ruina.

Escreveo-me uma m.^to^ interessante carta pela mesma occasião na qual dizia cheio de enthusiasmo que estava encantado d'El-Rey que lhe tinha feito as maiores distincções cuja relação ficava p.^a^ a vista, que S. Mag.^de^ me *permettia que entrasse em relações com Lord Russel.* Finalmente concluia.

«Dés ce jour la je me suis voué au Roi á la vie et a la mort.

Tendo eu antes da partida deste Min.^o^ aconselhado que não tratasse na primeira entrevista com El-Rey do assumpto das Instrucções da sua Corte acerca da Princeza, elle assim o effectuou e pedio a El-Rey Audiencia especial o Dia seguinte 17 a qual tendo-se effectuado, o sobredit.^o^ Ministro lhe expoz o negocio.

S. Mag.^de^ com a mesma franqueza lhe declarou que tinha empregado todos os meios para evitar aquellas desavenças, que reconhecia que infelizmente os seus conselhos não tinhão sido admittidos, e que p.^r^ isso existia então da sua parte um abandono actual daquellas mesmas admoestações, que elle havia muito tempo que tinha previsto

aquellas contingencias pelos caprichos que via sustentar, que apesar dos vinculos de sangue comtudo elle tomava mais interesse pelo repouso da Hespanha, e por El-Rey Catholico, e que nesta conformid.de elle encarregava Cordova de assim lho significar, e que passava a escrever áquelle monarcha no sentido em que elle desejava.

Não forão menores do que as primeiras as impressões que produzirão no Ministro de Hespanha estas, e outras aberturas d'El-Rey sobre assumpto tão melindroso.

Este Ministro redigio, e expedio um outro officio á sua Côrte, que causou no Gabinete Hespanhol uma grande Satisfação, e excitou mesmo no animo da Raynha vivas, e favoraveis impressões.

Em consequencia desta resolução d'El-Rey recebi ordem escripta de S. Mag.de para redigir e mandar q.to antes á R. Assignatura a Carta de Gabinete para El-Rey Catholico no sentido que a Corte d'Hesp.a exigia.

Regulando-me na m.ta da redacção que no formulario era adaptavel pela que o Sr Rey Dom João 6.º tinha dirigido a El-Rey cath.º quando a Princeza foi para Hespanha, a escrevi e enviei á Real Assignatura, donde baixou logo sendo-me trazida p.r um Correio de Gabinete, e accompanhada das ordens d'El-Rey mais peremptorias p.a a expedir por correio portuguez ao seu Min.º em Madrid para a entregar na forma do estilo, como se effectuou, salvando-se assim na apparencia o mais desabrido, e violento desta desagradavel medida.

Em outro logar referirei o que se passou em Madrid, em consequencia desta transacção.

Não se demorou Cordova em Braga, e á sua volta a Lisboa tive a satisfação de vêr que se tinhão obtido imprimir no animo d'aquelle Ministro não só as mais favoraveis impressões, a nosso respeito, mas athe fazendo-lhe excitar o maior enthusiasmo.

Não he facil o descrever aqui desprovido como estou de Docum.tos que ficaram em Lisboa, os valiosos serviços que aquelle Ministro começou a prestar á causa d'El-Rey, e de Portugal.

Toda a sua correspondencia p.a o seu Gov.º respirava o maior interesse. Elle pintava com mão habil a força Nacional, o estado do Espirito Publico no Reyno, elle provava que não havião os menores elementos para o triumpho dos inimigos, elle acreditava e justificava as medidas do Governo, elle descrevia o Estado Militar com as melhores côres, em quanto por outra parte captava a Lord Russell e inspirando-lhe uma confiança sem limites, o trazia a expozar os nossos interesses.

Por este tempo o seu Gov.º remettendo-lhe p.r copia uma extença Memoria dirigida em Londres pelo Coronel Have depois q̃ deixara o Porto, ao Gov.º Inglez na qual aquelle official deprimindo do modo mais horrivel o caracter d'El-Rey, pintando com as côres mais violentas, e escuras o Estado de miseria do Reyno, a tyrania do Gov.º e das Authoridades pertendia mostrar que os Povos, e a Nação ambicionavão resgatar-se de tal captiveiro, e cada dia se augmentavão as sympathias pela causa da Princeza do Gram Pará.

Cordoba lhe fez a mais brilhante veridica, e eloquente refutação da qnal remetti copia a S. Mag.de.

A Corte d'Hespanha receando mui judiciosamente que o Gov.º Inglez se havia prevalecido daquella Memoria para responder aos Ministros das 3 Grandes Potencias, lhe desse um pezo official ainda mais consequente enviando-a aos seus Representantes nas Cortes Estrangeiras acompanhada d'Instrucções para della se servirem na sua linguagem official, expedio p.ª a contrariar a Refutação de Cordova a todos os seus Min.ºs nas diversas Cortes.

A esta Refutação, e áquelle passo do Gabinete de Madrid se devêo ser votada a uma inteira nullidade aquella adversa Memoria que aliás fora calculada para dispôr a lingoagem, e a Missão de Sir Strafford Canning a Madrid, e o apoio dado á expedição Diversoria de Napier. Emquanto esta e outras transacções igualmente vantajosas á causa d'El-Rey se passavão, concordava Cordova com Lord W. Russel o modo ja ajustado para a renovação das relações d'aquelle Agente Inglez comigo.

Com tudo este negocio ainda me inquietava no modo de me conduzir a este respeito. El-Rey, posto que tivesse dito a Cordova que me permittia que renovasse aquellas Relações, nenhuma communicação directa recebi que a isso me authorissasse, e ao mesmo tempo não convinha ao decoro d'El-Rey que eu declarasse ao Min.º de Hespanha que ainda não tinha recebido a authorisação premettida o que me comprometiria igualm.te a mim tambem no conceito d'aquelle Ministro, e da sua Corte, e ainda mais no de Lord Russell que assentarião que eu obrara com duplicidade e que não provinha d'El-Rey aquella interrupção, mas sim da animosidade m.ª p.ª com elle, e p.ª com o Seu Gov.º.

Nestas difficuldades escrevi ao Duque de Lafõens que então se achava encarregado de manter comigo a correspondencia dos Negocios do meu Ministerio pela ausencia do Conde de S. Lourenço que tinha partido p.ª o exercito de operações contra o Porto a tomar o commando d'elle expondo-lhe que havendo-me escripto de Braga o Ministro d'Hesp.ª que El-Rey accedendo as ponderações que elle lhe fizera em nome da sua Corte da conveniencia que resultaria á causa de Portugal que se restabelecessem as relações entre mim e Lord Russel, e tendo-me depois do seu regreço communicado que El-Rey definitivam.te assim o tinha determinado, declarando-lhe que me authorisaria «para o sobred.º effeito, e tendo-me «ao mesmo tempo feito leitura o m.mo Ministro do Desp.º que sobre este «assumpto dirigira á Sua Côrte, acontecia que aquella authorisação me «não tinha ainda sido expedida directam.te.

«Significava ao Duque o melindre deste negocio p.r El-Rey, e p.r mim. «Fazia-lhe as ponderações opportunas acerca da conveniencia d'aquellas «relações e concluia pedindo-lhe que communicasse tudo a S. Mag.de e «que me transmittisse as ordens de S. Mag.de». (1)

No seguinte correio recebi a resposta do Duque que consistia *simplesm.te* em que El-Rey era servido que eu entrasse em relações com

(1) Existia a Minuta original na 1.ª Gav.ta do meu Gabinete e o original existe hoje em poder do Duque.

Lord W. Russel mas que me ordenava que me limitasse *sómente ao assumpto da entrega dos prisioneiros* (1).

Esta restrição vinha inteiram.te destruir, e paralisar todos os bons resultados que se poderião obter do restabelecimento destas relações. Se o Ministro d'Hesp.a a penetrasse desconfiaria da boa fé das aberturas que se lhe fizerão e hesitaria elle, e a sua Côrte no conceito que havião formado pela que se tinha passado em Braga, e pela confiança que ella lhes inspirava (2). Reservei pois mui secretam.te a natureza daquella authorisação, e só dice verbalmente a Cordova que tinha recebido authorisação directa.

Não me demorei em replicar com outro extenso officio ao Duque ácerca da «*restricção daquella authorisação* e dos inconvenientes que ti-«nha. Remontava a precedentes importantes, e concluia que eu tinha da-«do provas que não tinha feito aquellas exigencias para cultivar por appe-«tite aquellas Relações, mas unicam.te pelo interesse da causa d'El-«Rey &c.» (3).

No mesmo dia em que expedi este officio, recebi outro do Duque em que me dizia q̃ *novam.te El-Rey lhe tinha repetido q me ordenava que «me cingisse só ao assumpto dos Prisioneiros nas minhas entrevistas com «Lord Russel* (4).

Por este tempo tinham em Braga concebido as maiores esperanças sobre as operações que o Conde de S. Lourenço novo comm.e do Exercito hia tentar contra o Porto. Contou-se alli que o indubitavel resultado dellas seria a occupação daquella cidade pelas nossas forças (5).

Fundados nestas esperanças e nas mesmas illusões antigas não havia disposição alguma para tratar, e foi em parte devido áquella persuasão que se me expedirão ordens, e me repetirão *restrictivas* quanto a Negociações com a Inglaterra que podessem pôr termo por outro modo á crise e ao conflicto em que o Reyno se achava.

A opportunidade de se aproveitar Diplomaticamente esta occasião p.a negociar com a Inglaterra era a mais evidente.

O Estado dos Rebeldes tinha chegado em Fevereiro quando isto se passava a um apuro quasi sem exemplo.

Sem viveres, com as munições quasi exaustas, com a sua esquadra

---

(1) Existe nos Papeis do meu Gabinete.

(2) A confiança que tanto Cordova como Zea em mim tinhão era de natureza tal que este ultimo Ministro d'Estado dice em conferencia ao Min.o de Portugal em Madrid que o Gab.e Hesp.ol estava satisfeitissimo comigo, e tempos depois recebeo Cordova ordem p.a exigir d'El Rey, a aconselhal-o em que me pozesse á testa do Ministerio como uma garantia dos principios de conciliação com a Europa, sendo eu auctorisado a fazer, e propôr aquellas mudanças convenientes ao socego do Reyno, a uniformid.e das medidas Administrativas &c.

Destes Despachos, e instrucções da sua Côrte me fez leitura o Min.o de Hespanha no meu gab.e em Maio do anno passado como direi em outra parte mais detalhadamente.

(3) Existe em poder do Duque e no Ministerio nas Gav.as do meu Gabinete.

(4) Existia no meu Gab.e

(5) Vid. in fine ás causas qne produzirão a mudança de General em Chefe do exercito exonerando S.ta Martha.

sublevada, e estacionada nas Ilhas de Bayona, despresados completamente pela Inglaterra, e por ella quasi de todo abandonados pela demissão dada Palmella, e a conservação no Ministerio dos mais notorios demagogos o de 1820 (1), tendo aquelle ultimo Gov.º seu principal sustentaculo alem d'isso irritado pelo conhecimento secreto que tinha de que o Gov.º Rebelde estava inteiram.te lançado nos braços do *Comitté Directeur*, e que abraçava os conselhos, e as vistas de Lafayette e dos seus Partidarios, achando-se o mesmo Gov.º diariamente obrigado a aplacar sedições dos Estrangeiros que tinha a seu serviço, estando além disso opprimidos os habitantes da cidade pelas mais violentas extorsões, e pela epidemia, pela fome e pelos horrores de uma guerra sem resultados, tendo o inimigo naquella epoca estado decidido a capitular (como hoje confeção os seus corifeos) se a acção fatal do Dia 4 de Março lhes não viesse, como veio dar um grande triumpho, e uma extraordinaria força moral, levantar os seus fundos em Londres, e proporcionar-lhes novos recursos, e recrutamento (2).

Reconhecendo eu aquella opportunidade de tratar assentei logo de receber, e fazer a Lord Russell todas aquellas aberturas que não sendo de natureza obrigatoria nas quaes não podia entrar nem admittir pela *restricção* que me tinha sido imposta, podessem todavia trazelo, e ao Gov.º Britanico a principios e a bases diversas das que Sir Strafford Canning estabelecia em a Corte de Madrid. Combinou Cordova comigo e com Russell que eu lhe dirigiria a elle Ministro d'Hespanha uma Nota Confidencial na qual lhe declarasse: «1.º Que El-Rey para dar á Gram «Bretanha uma plena e publica demonstração do q.to apreciava tudo «quanto tinha o nome Britanico, e quanto desejava ver renovadas aquel«las antigas Relações de Amizade, e Alliança que tinhão sido cultivadas «sem interrupção por tantos seculos entre a Gram Bretanha e Portugal, «tinha decidido mandar entregar a Lord Russell todos os Prisioneiros «Inglezes feitos pelas Suas Armas defronte do Porto.

«2.º Que tanto elle Cordova, como Lord Russell devião reconhecer «neste acto de magnanimid.e d'El-Rey uma prova dos seus sentimen«tos assim p.a com a Inglaterra, como para aquelles Infelizes visto que

(1) O S.r D. Pedro achando-se nestes apuros e talvez por conselho confidencial do Gov.º Inglez, escreveo a Lord Palmerston em que lhe dizia que estava prompto a mudar o seu Ministerio, que elles mesmos Ministros pelo bem da Patria estavão decid.os a abandonar os seus logares como elle veria do Relatorio delles, e por elles assignado que lhe remettia, mas que p.a isso exigia que a Inglaterra se prestasse a varias condições, entre estas (seg.do me recordo da leitura destes Papeis que me forão communicados) os principaes erão: 1.º Reconhecim.to da S.r D. M.a da Gloria pela Inglaterra. 2.º Que a Inglaterra se obrigasse a fazer sahir pela força El-Rey dos Dominios de Portugal.

(2) O Relatorio era assignado p.r José da Silvä Carvalho, Agostinho José Freire e Candido J. Xavier.

Lord Palmerston remetteo estes Papeis a Russel, e o Gov.º Inglez se irritou no mais subido grao que D. Pedro lhe fizesse Propostas. A lingoagem de Russell nesta epoca foi tão hostil p.a os Rebeldes que se expressou q̃ era um attentado que o Gov.º do Porto propuzesse Propostas ao *Governo Inglez*. Elle dizia:

D. Pedro avec sa canaille c'est rendu inprotegiable par l'Ingleterre.

«elles nem pelo Direito das Gentes, e da Guerra, nem pelos Codigos de «nenhuma Nação podião ser reclamados, nem considerados como Prisio«neiros de Guerra.

«3.º Que S. Mag.de faria uma grande violencia de não usar dos mes«mos sentimentos para com todos os que servião ao inimigo, illudidos, e «arrastados para esse effeito, e que só ácerca delles retardava á Europa, «e á Inglaterra as provas da Sua Magnanimidade porque ainda o não po«dia fazer sem perigar a segurança do Estado, visto que se achavão «ainda com as armas nas mãos.

«4.º Que eu lhe dissesse da p.te de S. Mag.de por esta mesma fórma, «e em esta Nota Confidencial que os Sentimentos d'El-Rey assim de «consiliação para com Inglaterra como de piedade, e grandeza para com «os seus inimigos erão inteiramente aquelles que S. Mag.de lhe tinha de«clarado na Audiencia (1) que tivera com o Mesmo Augusto Senhor.

«5.º Que lhe declararia na mesma Nota que sendo elle Cordova um «Ministro acreditado junto a El-Rey e da Potencia mais ligada por tan«tos vinculos com a Sua Augusta Pessoa, o tinha escolhido a elle por de«positar a Sua Confiança para *ser o orgão da communicação* &c.

Erão obvias as conveniencias deste arbitrio, de ser escolhido o Ministro d'Hespanha para orgão destas aberturas, tratando-se da renovação de relações entre mim, e o Agente d'Inglaterra.

«1.º Não tomava eu a iniciativa directam.te

«2.º A Escolha de uma Potencia Mediadora dava maior pezo a qualq.r «que fosse o modo pelo qual o Gov.º Inglez considerasse estas aber«turas.

«3.º Associava-se a Hespanha e o Seu Decoro quando os Resultados «correspondecem aos fins a que me propunha.

«4.º Captava-se a Hespanha na Escolha do seu Min.º lisongeava-se «este, e mais o estreitava nas Relações, e confiança do Agente da Ingla«terra.

«5.º Mostrava se da p.te do Gov.º Portuguez desejo efficaz da reno«vação das Relaçoes Diplomaticas com a Inglaterra e de as cultivar offi«ciaes com elle (2).

«6.º Deixava-se á Inglaterra o ver nesta medida um indicio de uma «mudança para principios moderados quanto ao assumpto das Suas Sym«pathias, e de conciliação p.a com ella.

Expedida por mim esta Nota a Cordova, aquelle Ministro não tardou em a passar com outra sua perfeitam.te escripta a Lord Russell, dirigindo-me ao mesmo tempo uma resposta concebida nos termos mais de-

---

(1) El-Rey declarou a Cordova sem ser a isso p.r elle levado que o *Gov.º Inglez era seu inimigo, mas que ignorava completam.te os motivos.* Que da sua p.te longe de lhe ser opposto, antes o considerava, e *ambicionava renovar as Suas Relações Politicas com elle.* E que quanto aos Rebeldes que lhe não tinha animosid.e e que estava disposto a perdoar-lhe. Cordova não só communicou ao seu Gov.º em detalhe estas aberturas d'El-Rey conforme me mostrou nas copias dos Desp.os que escreveu de Braga a Zea, mas communicou tudo a Lord Russell logo depois do seu regreço a Lisboa.

(2) Lord Russell, e ptincipalm.te Lady Russell muito ambicionavão q se ultimasse a Questão Portugueza p.a o sobred.º Lord ficar com a Missão de Lisboa.

licados, e annunciando me o ter expedido p.[r] copia integral a m.[a] ao sobred.[o] Lord explicando me que assim o fizera pela importancia della e por temer tomando outro arbitrio diminuir o seu valor, e interesse. Esta sua resposta incluia a copia da que elle havia passado a Russell.

Lord Russell respondeo a Cordova nos termos mais obrigantes ácerca da minha Nota, e aquelle Ministro me dirigio então outra em que se referia á resposta de Russell que eu não quiz receber por copia official por não dar a El-Rey o Tratam.[to] que lhe competia (1).

Em consequencia desta transação veio Lord Russell fazer-me a visita á hora que lhe marquei, vindo acompanhado pelo Min.[o] d'Hespanha a fim de me agradecer aquellas medidas e aberturas.

Tudo quanto se passou nesta larga entrevista foi reduzido a um *Memorandum* formal, e obrigatorio approvado por mim, por Lord Russell, e por Cordova.

Este Ministro remetteo-o logo á sua Corte, Lord Russell enviou uma copia ao seu Gov.[o] e eu transmitti outra ao Duque de Lafões p.[a] ser presente a Sua Mag.[de] (2).

Mui difficil será senão impossivel o referir aqui com a precisa exactidão tudo quanto ficou tratado nesta conferencia. A sua importancia he tamanha que temo alterar a força dos termos, e das discussões em que eu entrei com o Agente Inglez.

Reservo me p.[a] quando o Duque cumprir o que me prometteo de me confiar as communicações escriptas que lhe fiz.

Entretanto direi aqui p.[a] dar uma ligeira idéa alguma cousa do que se passou.

Começou Lord Russell por agradecer-me a medida que o Gov.[o] tinha tomado de pôr os Prisioneiros Inglezes á sua disposição, e eu nos termos mais energicos tratei de o convencer que os principios d'El-Rey erão os mais humanos, pintei-lhe as difficuldades sem preced.[e] em que se tinha achado cercado de conjurações para poder deixar de haverem medidas severas.

Comparei as medidas severas de que se tinha lançado mão em Portugal com as que em Inglaterra tinha empregado contra os incendiaristas, e dice por certo que na escala dos crimes é maior o de tentar por meio de conjuração, ou com as armas na mão derrubar um Gov.[o] do que o de incendiar uma casa.

Comparei o numero de suplicios que tinhão havido em Inglaterra, e de deportação por aquelles crimes, e pelos tumultos com o menos que tinha havido em Portugal, busquei mostrar-lhe os recentes procedimentos que o Gov.[o] Francez tinha tido com os tumultuarios, e conclui dizendo-lhe que El-Rey mui violentem.[te] tinha permittido que se usassem procedim.[tos] rigorosos apesar de todos os Gov.[os] serem para isso authorisados pelo Direito Natural p.[a] se manterem, e segurarem, e para salvarem o

(1) Toda esta transação a conservava no original do meu Gabinete e della tem copia o Duque de Lafões a quem a expedi p.[a] ser presente a El-Rey.

(2) Existia nos Papeis do meu Gabinete, e delle tem copia authentica o Duque de Lafoens.

Estado. Que este Direito ainda não tinha sido disputado a Gov.º algum. Que alem d'isso nunca os procedimentos legaes a que se procedia em virtude de Sentenças dos Tribunaes de um Paiz nunca podião ser caracterisados como actos immediatos, e volontarios do arbitrio dos Soberanos.

Que em geral em toda a Europa as nossas Instituições tanto Civis como Criminaes erão pouco conhecidas e estudadas. Que se a Inglaterra houvesse dellas um conhecimento exacto se veria que a Relação e o Poder Judiciario entre nós exercia uma porção de Soberania que gosava de uma grande independencia.

Que erão rarissimos os exemplos dos Soberanos intervirem na marcha legal dos Processos, e dos Tribunaes revogando Sentenças.

Que eu me não lembrava no meu tempo de dois exemplos em 2 Reynados, e isso quando os Soberanos o fazião que era só depois de preceder Consulta de outro Tribunal que julgava deffeitos, ou inconvenientes, ou illegalidades nos Processos feitos na inferior instancia.

Passei depois a dizer-lhe que eu esperava que elle informasse o seu Gov.º do vesdadeiro estado das cousas e da nossa justiça, que estava o meu Gov.º certo que uma pessoa da Sua elevação, e imparcialid.de pintaria as cousas taes quaes ellas erão. Que isto era o que Portugal desejava primeiro do que tudo, que se pezasse bem a sua Situação e circumstancias.

Lord Russell tendo-me ouvido com a maior attenção, me replicou sem entrar em materia, que *nós para nos reconciliarmos com a Inglaterra, e ganharmos o seu antigo appoio e influencia que era necessario = changer de Systheme.*

A isto com extraordinaria vivassidade o interrompi logo = dizendo-lhe = Comment Mylord? Changer de Systeme! Je vous en prie de me dire ce que vous entendez par changement de systheme?

O Ministro d'Hespanha vendo a pouca experiencia de neg.os diplomaticos de Lord Russel, e o pouco conhecimento q̃ tinha da lingoa Francesa o fizera usar de uma frase que na accepção Diplomatica se podia entender por uma mudança d'Instituições e de Gov.º — interrompeo a discussão que eu pretendi estabelecer, dizendo = vejo que esta conferencia se desviou do fim para que fôra ajustada entre todas as partes, reconheço que desde o momento em que Mylord se servio dum termo que a meu ver não foi p.r elle julgado na accepção outra do que no do estabelecimento de um Systhema de moderação desde esse momento eu devo conciliar ambas as partes de um modo claro, e honroso. Sou a isso chamado em virtude do Caracter que exerço como Ministro de uma Potencia Alliada, e Amiga intima das duas, e em consequencia das «Instrucções «q̃ tenho d'El-Rey Meu Amo = Para este effeito convido a MyLord a ra«tificar o que eu lhe dice, e no que elle concordou previam.te a que esta «entrevista fosse fixada, e convido igualm.te M.r de Santarem a ratificar «ou não o que igualm.te se passou com S. Ex.a antes deste dia sobre este «assumpto.

«Eu dice a MyLord, proseguio Cordova, depois da minha chegada, «mostrei-lhe palpavelm.te com m.tos factos e raciocinios que este Paiz

«aborrecia D. Pedro, que não havião elementos nelle nem p.ª D. Pedro, «nem p.ª D. Maria, provei-lhe que tão pouco os havia para o estabeleci-«mento de outras Instituições que não fossem as antigas, aquellas que se «conformavão com os usos e costumes da Nação. MyLord reconheceo «isto plenamente, e concordou, e acentou comigo na exactidão destas ba-«ses — Convido pois MyLord a ratificar isto ou não diante de V. Ex.ª.

Lord Russell respondeu ratificando, e affirmando que assim tinha concordado com o Min.º d'Hesp.ª

«Eu referi a MyLord, continuou Cordova, o que tinha ouvido da pro-«pria bouca d'El-Rey tanto dos sentimentos verdadeiram.te heroicos com «que se expressou ácerca de Seu Irmão, como da sua decisão em dár «uma Amnistia aos compromettidos logo que nisso não perigasse a segu-«rança do Estado — Eu referi franca e abertam.te tudo quanto S. Mag.de «me dice de consiliador ácerca da Inglaterra. Eu fiz a comparação a My-«Lord depois disto entre os dois Irmãos, e das circumstancias relativas «de ambos os Beligerantes, e mostrei palpavelm.te que a prolongação de «um conflicto tal, e de uma tal incerteza politica, devastava o Paiz, «ameaçava Paz da Peninsula e da Europa, ao mesmo tempo que com-«promettendo tantos interesses causava grandissimas complicações, á In-«glaterra, e grandes riscos e perda ao Commercio Britannico Terminou: «Convido pois a MyLord a ratificar isto e tendo Russel respondido affir-«mativamente, proseguio Cordova: Eu convido M.r de Santarem a ratificar «se eu lhe referi igualmente o que deixei exposto, e se elle me não con-«firmou que taes erão os sentimentos, e disposições d'El-Rey Seu Amo, «e do Seu Gov.º; e tendo eu respondido affirmativam.te passou Cordova a concluir que visto que todas as Partes interessadas estavão concordes, que elle tinha satisfação de ver adoptadas as bases de conciliação.

Lord Russell então dice emphaticamente p.r mim mas acha grande difficuldade nos effeitos praticos depois do ultimo «Discurso de Lord «Grey pronunciado na Camara ácerca de Portugal.

Então redargui-lhe em termos mui moderados, que o fundo do Discurso de Lord Grey procedia todo das erradas informações que alguns Agentes Estrangeiros parcialissimos pela Causa do inimigo, e nossos implacaveis detractores mandavão para o Gov.º Inglez, que o meu Gov.º estava persuadido que se Lord Grey fosse bem informado, e principalm.te por elle Lord Russell tanto pela qualid.de da sua pessoa, pezo official, e imparcialidade e honra hereditaria que as suas ideas, se modificarião inteiramente.

Lord Russell então como lisonjeado com isto, manifestou-me qual era a sua verdad.ra opinião sobre o S.r D. Pedro, e os Demagogos do Porto, e concluio que tinha só interesse pelo Palmella.

Proseguio o sobredito Lord dizendo que o que o Gov.º Inglez ardentemente desejava era ver este Paiz tranquilo. Que era necessario qne se provassem por factos todas as boas disposições manifestadas.

O Ministro d'Hespanha desenvolveo então mais aquella idea dizendo Lord Russell o que deseja é ter que referir por cada Paquete á Sua Corte um acto pelo menos que vá modificando a opinião, e que prove a existencia de um Systema moderado.

Segundo me recordo o sobred.º Lord nesta occasião explicou-se que lhe parecia que o seu Gov.º se decidiria uma vez que se desse Amnistia &c.

Não me é possivel referir simplesmente entregue á minha memoria todos os assumptos importantissimos que se discutirão, e tratarão nesta conferencia, como dice em principio.

Lord Russell depois que sahio de minha casa dice a Cordoba = «*Si «ce Gouvernement ne profite pas de cette occasion,* nous devons croire «qu'il est atteint d'une maladie incurable !

No dia seguinte pelas 5 e meia da tarde dirigi-me a casa de Lord Russell que me recebeo logo com a maior delicadeza no Seu Gabinete onde eu insensivelmente o trouxe novam.te a entrar em materia, e tive com elle uma conferencia de perto de 3 horas na qual se tratarão assumptos tão variados, e interessantes á causa d'El-Rey e da Nação e todos tendentes a trazelo aos nossos interesses que delles redigi um *Memorandum* mais extenço do que o da preced.te conferencia.

Toda a força de raciocinio, toda a analyse dos factos empreguei, de todos os elementos nacionaes me servi, de todos os argumentos de Direito, tanto Publico como Particular, e convencional empreguei igualmente para lhe mostrar as grandes perdas da Inglaterra nos 6 annos de conflicto, e as precedentes vantagens q̃ tinha colhido de Portugal em influencia no continente, e em seu commercio &c. &c.

Consegui delle uma formal promessa de tudo informar o seu Governo, tendo aliás convindo, em outras bases igualm.te para nós vantajosissimas em presença da Missão, e pretenção de Sir Strafford Canning em Madrid.

Passei logo a remetter a copia deste *Memorandum* a El-Rey por via do Duque de Lafoens que o deve ter em seu poder.

Recebi em resposta do Duque em summa, *que tendo entregado a Sua Mag.de os Memorandums das conferencias que eu tinha tido com Lord W. Russel por serem papeis de m.ta importancia, o Mesmo Augusto Snr. Tinha Sido Servido Dizer-lhe, que os tinha achado mui interessantes!* (1)

Infelizmente não me foi possivel apesar d'isto obter uma authorisação plena para tratar. Tanto no meu officio ao Duque que accompanhava os *Memorandums* como em as observações comparativas entre as Propostas feitas p.r Canning á Corte de Madrid, e os principios e bases convindas por Lord Russell em sentido opposto, mostrei a importante vantagem que se ganhava se captassemos a Inglaterra.

O Ministro d'Hespanha continuava cada vez mais a ganhar uma completa, e exclusiva confiança e influencia no animo de Lord Russell. Aquelle Ministro tinha projectado o plano de se ganhar a Inglaterra e a opinião entre outros meios por concessões successivas, e isoladas que sem perigo da segurança publica se podessem fazer progressivam.te e que demonstrassem uma mudança saliente, e indubitavel p.a os principios moderados. Desvanecia se aquelle Ministro de obter definitivam.te estes re-

(1) Existe no meu gabinete, e deve hoje estar na Secret.a d'Estado.

sultados pelo que tinha podido colher da bondade d'El-Rey, e das suas expressões.

Elle contava com a possibilid.^e de verificar, e satisfazer ao que Lord Russell lhe respondia ás Suas constantes explicações — *«Donnez moi «toujours quelque matiere pour un bon Dépeche à ma Cour.*

Lord e Lady Russell tinhão pedido a Cordova que se interessasse pela soltura de D. Joaquina de Barros e Lencastre molher do General Jorge d'Avilez que havia annos que estava presa nas cadeias do Limoeiro. Esta Senhora era Irmã de Gonçalo Borba Alcaide Mór de Leiria. Ella era descend.^te d'El-Rey D. João 2.º pela linha de Lencastre, e das mais antigas, e respeitaveis Familias do Reyno. Foi presa sem se guardarem nenhumas attenções, nem privilegios por um Ministro Criminal de um Bairro, e conduzida á Prisão Publica, em logar de ter ido p.^a uma das Fortalezas p.^a onde sempre nos precedentes tempos da Monarchia se costumavão mandar os Presos de Estado daquella qualid.^e mandando sempre as Senhoras para os Conventos estilo que athe os Constitucionaes guardarão com a S.^a D. Domingas da Costa.

O Ministro d'Hespanha conforme o seu Plano compremetteo-se a obter a sua soltura, e se me dirigio p.^a este effeito.

Em consequencia escrevi a S. Mag.^de referindo-lhe as as mesmas circumstancias que acima deixei mencionadas quanto á Pessoa d'aquella Senhora, e modo p.^r que se havia effectuado a Prisão e passava a referir os motivos da exigencia do Ministro ácerca da sua soltura.

Pela mesma occasião em maior detalhe escrevi tambem ao Duque sobre o mesmo objecto fazendo-lhe mais amplamente as ponderações mais opportunas da conveniencia de acceder aquella supplica p.^a se obterem os resultados de obrigar Lord Russell, o Ministro de Hespanha, offerecer á Inglaterra uma prova de moderação, e fazer vêr que as irregularidades que se tinhão commettido na sua prisão não provinhão d'El-Rey.

Em quanto não recebi a resposta, e resolução de S. Mag.^de sobre este assumpto, aconteceo que a *cholera* invadio as Prisões do Limoeiro onde a ref.^da Sr.^a se achava. Lady Russell pedio e o Ministro de Hesp.^a que me interessasse pára que ao menos o Ministro da Justiça a fizesse mudar de prisão p.^a a Torre de Belem, ou para um convento, onde podesse tambem vêr sua Filha.

Escrevi logo um longo officio confidencial ao Min.^o da Justiça no qual lhe referia não só a pretenção do Min.^o d'Hespanha e de Lady Russell, mas tambem lhe ponderava a necessidade de se acceder a ella, visto que o contrario daria aos nossos inimigos mais motivos para nos increparem de crueldade, mostrava-lhe que fosse qualq.^r que fosse o crime daquella S.^ra que todavia em a nossa Monarchia sempre se tinhão guardado privilegios distinctos ás Pessoas d'aquella qualid.^e e que alem disso as pessoas que por ella se interessavão estavão ao facto de que no Processo que se lhe intentara fazer se não tinha achado materia p.^r a pronunciar, e concluia pedindo-lhe uma resposta immediata p.^a dar ao Min.^o d'Hesp.^a

Tendo tardado m.^tas horas a resposta d'aquelle Ministro, repeti as m.^s instancias em um outro confidencial, ao qual Luiz de Paula me res-

pondeo, simplesm.[te] que *antes de eu lhe ter escripto já elle havia* tra«tado de buscar meios para que os Presos do Limoeiro, e Aljube fossem «transferidos para outras Prisões em razão da invasão da cholera, e que «logo que esta medida se effectuasse aquella Sr.[a] seria comprehendida, «não devendo fazer-se uma excepção o que daria muito a censurar na opi«nião publica, &c.

Redobrando as instancias do Ministro d'Hespanha, fui obrigado a dar-lhe a resposta que tinha recebido do meu collega, e então elle me pedio faculdade p.[r] se ir entender directamente com elle em uma discussão formal em que lhe provasse que alli não havia da sua parte protecção, que nem a conhecia, mas que havia altos interesses politicos que lhe manifestaria nos quaes interessava só a causa, e a reputação, e o Decoro d'El-Rey.

Effectivam.[te] se dirigio Cordova ao Min.[o] da Justiça, e depois de uma longa discussão com elle obteve a promessa de a fazer transferir p.[r] a Torre de Bellem o que se effectuou. Comtudo esta insistencia, e a entrevista derão á penetração de Cordova fundamento p.[a] ver, que experimentaria gravissimos obstacnlos o seu Plano. Como depois escreveo á sua Corte como direi.

Pelo mesmo tempo recebi a Resolução d'El-Rey ácerca desta Senhora em um Aviso do Duque de Lafoens no qual dizia nos termos mais lisongeiros p.[a] mim, e mais *terminantes* = *Que tendo sido presente o meu officio ácerca de D. Joaq.[na] de Barros e Lencastre, e tendo S. Mag.[de] achado judiciosissimas as m.[as] ponderações, Era Servido resolver que eu passasse as convenientes ordens ao Ministro da Justiça para ser a ref.[da] D. Joaq.[na] posta em liberdade* (1).

Passei immediatam.[te] um Aviso ao Ministro da Justiça transmittindolhe p.[r] copia o do Duque, e aquella Senhora foi restituida á liberdade.

Escrevi logo tambem um Bilhete confidencial a Cordova participando-lhe a resolução de S. Mag.[de].

Lord Russel ficou muito penhorado por este passo dado p.[r] El-Rey, e não menos pela licença que lhe mandei p.[r] via de Cordova, para poder caçar nas coitadas reaes.

E o Governo Inglez em consequencia das medidas adoptadas da entrega dos Prisioneiros Inglezes, e mais que tudo da natureza da minha Nota confidencial ácerca da entrega, e do que se tinha passado nas duas conferencias com Russell, e das boas informações d'aquelle Agente Inglez, expedio um Despacho Lord Palmerston a Russel para nós da natureza mais satisfatoria.

Aquelle Ministro da Gram-Bretanha expressava-se entre outras cousas = «*Que S. Mag.[de] B. via naquella medida uma medida mui libe«ral do Gov.[o] Portuguez e inteiramente um principio de conciliação p.[r] «com a Inglaterra, &c.* (2).

---

(1) Existe original nos Papeis do meu Gabinete que pertencem a Secretr.[a] d'Estado e a copia authentica deve existir nos do Ministerio da Justiça.

(2) Existe a original copia na Secret.[a] d'Estado e a traducção em poder do Duque de Lafoens.

Não tardei em remetter ao Duque de Lafoens uma copia d'aquelle in-interessante Despacho de Lord Palmerston para a fazer presente a S. Mag.de.

No meu officio de remessa eu fiz saliente ao Duque a differença de lingoagem do Gov.o Inglez. Que nem mesmo o Ministerio Tory do Duque d'Wellington tinha nunca proferido expressões daquella importancia Diplomatica, que elle devia observar a grande vantagem que poderiamos obter da continuação de um systhema que levasse os negocios a um resultado satisfatorio, &c.

Recebi do Duque em contestação que S. Mag.de tinha ficado mui satisfeito, e que havia notado a differença de lingoagem do Min.o Britanico, como eu observava.

Entre tanto Cordova confiado no que tinha ouvido a S. Mag.de em Braga nas suas Audiencias, animado pelos resultados das entrevistas, e conferencias com Lord Russel, e fiel aos seus principios, e ao plano que se propoz seguir, e usando da faculd.e que El-Rey lhe tinha permittido — dirigio-se directamente a S. Mag.de escrevendo-lhe uma longa carta tendo previamente todavia tido para comigo a delicadeza de me consultar sobre este passo, e depois sobre a redacção.

Nesta carta tocava Cordova com m.ta habilid.e 1.o na faculd.e que S. Mag.de lhe tinha conced.o de se dirigir directamente por escripto quando assim o julgasse a proposito. 2.o Que a marcha moderada que S. Mag.de Tinha adoptado, e o que elle tinha refd.o a Lord Russell do que tinha ouvido da propria bôcca de S. Mag.de tinha produzido já vantagens. 3.o Que elle trabalhava com o mesmo afinco pela causa de S. Mag.de. 4.o Ponderava a El Rey a necessid.e do desenvolvimento successivo daquelle systhema por meio das provas praticas. 5.o Significava-lhe que o Seu Gov.o tinha já concebido grandes Esperanças logo que vira voltar aos negocios o Duque de Cadaval, pessoa em quem se punha toda a Confiança pelo seu caracter, e principios, e que se julgava que representava uma opinião moderada (1). Cordova acrescentava, «tanto mais imparcial sou n'este as-

---

(1) A opinião de que o Duque de Cadaval devia ser chamado p.a a Presidencia do Ministerio nasceo fóra de Portugal, e segundo as informações positivas que tive no anno de 28, a idea foi concebida mesmo em Londres, e concordada en Vienna. Naquelle tempo soube que o Conde de Villa Real que acompanhava El-Rey então Infante Escrevera de Plymouth ao Duque então Presid.e da Camara dos Pares em um sentido que bem indicava as intenções, e determinação de o collocarem á testa do Ministerio. O Conde de Villa Real um dos Signatarios dos Protocolos de Vienna, e de Londres era a unica pessoa dos Portuguezes q̃ acompanhavão El-Rey que tinha o *verd.o pensamento* das duas Cortes de Vienna e Londres, e a de Palmella: cortes que então julgarão possivel que se podesse estabelecer um Gov.o Constitucional doctrinario em Portugal.

A nomeação do Duque foi então feita por Conselho do Conde de V.a Real, que ultimam.te antes da sua partida p.a Londres se tinha declarado o Doctrinario, ou do *justo Medio* da Camara dos Pares. Entretanto os acontecimentos p.a aquelle Ministro inesperados que occorrerão depois da chegada d'El-Rey ao Reyno, o obrigarão a abandonar 1.o o Ministerio da Guerra, e em 11 de Março o dos Negocios Estrang.os, ficando o Duque todavia á testa do Ministerio, ou antes com o Titulo de Min.o Assistente ao Desp.o.

O Ministerio Inglez d'então onde ainda se achava na pessoa de Lord Dudley os

«assumpto quanto esta Alta Personagem me não he conhecida, nem tenho «tido athe agora relações algumas, apesar de ter ordens da minha Corte «para entrar em relações com ella. Sou, dizia elle, movido a manifestar «esta opinião pelo conceito que merecem as suas qualid.es, e conducta e «caracter independente.

6.º Sigficava a El-Rey que a sua «Corte esperava á vista d'aquella «nomeação ultimamente feita do Duque que todos os elementos que ten- «dessem a entorpecelo e parte moderada do Gov.º fossem removidas. Que «Lord Russell lhe tinha declarado que a Inglaterra era inteiram.te antypa- «tica com alguns dos outros ministros, que elle referia isto a S. Mag.de «conforme a promessa a que se tinha obrigado de lhe dar conta do que «passasse com o sobred.º Lord no progresso das Negociações. (Concluia segundo me recordo) dando conta a El-Rey do que havia passado com o sobred.º Lord, &c.

Este Ministro d'Hespanha para levar ávante o seu Plano que deixei mencionado reconhecia os obstaculos insuperaveis que tinha no seu des envolvimento com a existencia dos dois Min.os do Reino, e Justiça. As informações que ia adquirindo lhe mostrarão aquella impossibilid.e.

---

elementos secretos e os da politica de Canning não só estymagtisou os Actos que se passarão em Lisboa, e no Reyno em Março e Abril de 28, mas athe Lord Dudley Min.º dos Neg.os Estrang.os dirigio um Desp.º a Sir Frederic Lamb no qual a Inglaterra desaprovava nos termos mais fortes as occorrencias de Lisboa, mas lhe ordenava que sem perda de um momento me fizesse leitura d'elle dando-me copia, e passasse a ter uma entrevista com o Duque de Cadaval na qual lhe declararia que a *Inglaterra o faria responsavel pessoalm.te a elle e aos olhos de toda a Europa pelos Actos que El-Rey então Regente praticava e praticasse contrarios ao que se tinha obrigado em Vienna e Londres.*

Comtudo tendo Lord Dudley sahido do Ministerio, e toda a Administração de Lord Goderich que havia sucedido a Canning e entrado p.a o Poder o Gabinete do Duque d'Wellington, esta Administração Tory começou a conceber que o Duque de Cadaval poderia ser uma base de moderação, e conciliação conservando-se no Gabinete Portuguez. Em Londres o Marechal, e outras Pessoas em correspondencia com o Duque tratarão de sustentar esta idea, e em Paris, e no Gabinete das Tuillerias, e principalmente no animo de Carlos X e Duque de Luxembourgo Seu Tio, e as relações da Duqueza de Cadaval Mãe.

Na Corte de França chegou a ponto o interesse que fizerão tomar a Carlos X pela conservação do Duque á testa dos Neg.os em Portugal, que acontecendo que o Partido ultra realista de Lisboa tendo uma occasião propagado como certa a noticia da Demissão do Duque, e da m.a, e desvanecendo-se aquelles exaltados individuos de que a tinhão obtido, chegarão a mostrar Decretos d'aquellas demissões. Esta manobra foi athe protegida pela Policia. Erão os officiaes daquella Repartição e os observadores della que em toda a parte, e nos logares mais Publicos da cidade, propagavão aquella noticia, escolhendo p.a isso estupidam.te o Dia da entrega das Credenciaes do Conde de Montealegre Min.º de Hesp.a. O Consul de França Blanchet acreditando-a transmittio-a p.r expresso ao Telegapho de Bayona, e logo que o Gov.º Francez a Soube, mandou El-Rey Carlos Xº com o maior interesse o Duque de Muchy Cap.m das Guardas, e o de Luxembourgo saber ao Conde da Ponte se era verdade. Elles espressarão da parte d'El-Rey de França que S. Mag.de tomava tal interesse pelo Duque e o consideravão tão necessario no Gov.º que reputaria uma grande Calamidade p.a Portugal a Sua Sahida do Gov.º (o Conde da Ponte avisou immeditamente de tudo em Desp.º Especial que me dirigio).

Estas mesmas noticias fizerão tal impressão em Londres, e no Gabinete Inglez que Lord Aberdeen mandou chamar o Visconde d'Asseca para tratar deste objecto.

A sua Corte expozava os mesmos principios, e nutria os mesmos receios.

Elle sabia das relações que existião entre mim, e o Duque de Cadaval. Elle expressava-se = *Je sais que M.r de Cadaval ne pense autre chose que d'après ce que M.r de Santarem pense.* Concebeo que tomando por base a existencia do Duque no Ministerio fortalecia a minha influencia. Elle assim se explicava no meio do abandono confidencial.

Eu comtudo achava-me na presença disto, e p.a com um Ministro estrangeiro como elle, em uma posição a mais escabrosa, e difficil. Se me oppozesse a que elle Escrevesse a El-Rey conforme o seu Plano, e conforme o Systhema, e instrucções da Sua Corte, elle e o Gabinete de Madrid lançarião sobre mim toda a responsabilid.e dos acontecimentos, e considerar-me-hia a Europa como associado aos Partidarios de um Systhema de perseguição, e de isolação de todos os Gabinetes, tanto mais que tendo-lh'o El-Rey permittido eu não lho podia objectar. Se me não oppunha corria o risco de acontecer o que eu receava que os resultados não correspondessem ás vistas do Gabinete de Madrid, e do Seu Min.o

---

O Visconde escrevia em seu Desp.o o seguinte =

«Este Gov.o tem estado muito inquieto com o que ahi se tem passado ácerca da de«missão do Duque, e da sahida de V. Exa. do Ministerio.

«Este Governo que em principio não tinha nenhuma confiança no Gov.o Portuguez, «e que o julgava impelido por uma facção de exaltados que são tanto, ou mais inimigos «de S. Mag.de do que os Rebeldes ou ainda peiores por se mascararem com o nome «de Realistas, passou a ter a maior em V. Ex.a, reconhece que ultimam.te tem vencido «grandissimas difficuldades no meio de m.tos riscos, e contrariedades (N'isto alludia á «demissão de Barata e de Luiz de Paula, e de outros individuos) e que tem hoje o Go«verno força, e esta Administração conta com ella para poder tratar o que athe agora «não contava. (Vid. Desp.os do V. d'Asseca).

Por outra parte o Ministro d'Hespanha Conde de Montealegre tinha recebido Instrucções da Sua Corte as mais terminantes de Salmon em que lhe ordenava que empregasse todos os meios directos, e indirectos p.a conservar o Duque e p.a me conservar no Ministerio, que se explicasse que El-Rey Catholico veria em a m.a sahida uma das maiores contrariedades que poderia experimentar a Negociação Portugueza.

A opposição formal comtudo do Duque que posteriormente manifestou ácerca do grande negocio da Amnistia veio interromper a correspondencia do Marechal Beresfford com elle, e diminuir o conceito dos Torys de algum modo, e mesmo a do Gabinete Francez mesmo estando já á testa della o incapacissimo Principe de Polignac.

Todavia o Duque tornou ao menos p.a com Zea, e p.a com o Gabinete Hespanhol a ganhar o conceito de que representava uma opinião moderada, quando dêo a sua Demissão em 1831 por occasião da sahida, e deportação do Ministro da Justiça Mattos, e da substituição do Intend.e Veyga, por Belffort.

O Gov.o Hespanhol pensava assim p.r que não estava ao facto de que os motivos pelos quaes o Duque então pedio e instou pela sua demissão erão inteiram.te diferentes d'aquelles que o m.o Gabinete julgava.

Era do meu dever não os aclarar, nem ao Conde de Montealegre, nem a Cordova, nem mesmo a este fiz ver qual era a posição verdadeira em que o Duque se achava no momento em que o refd.o Ministro d'Hesp.a escreveo a El-Rey a carta que menciono. Devo comtudo fazer justiça ao Duque. Elle franca e explicitamente declarou á m.a vista a Cordova na 1.a entrevista que teve com elle tempos depois delle ter escripto a El-Rey, e que buscou p.r ordem, e instrucções do seu Gov.o = que o Gov.o Hespanhol se equivocava tanto nas qualid.es e capacid.e que lhe supunha, como na Sua Situação official p.r que a Sua nomeação e funções estavão mui distantes de serem as que se julgavão.

na Corte de Lisboa, e se mostrarião claramente difficuldades das quaes a politica do Gov.º Inglez se approveitaria para mostrar que o Gov.º Hespanhol, ou antes Zea laborava em um plano, sem base a respeito de Portugal, illudido com apparencias, como Sir Strafford Canning trabalhava p.ª fazer penetrar a Raynha Regente d'Hesp.ª e o poderoso partido da mesma Regencia, todo contrario a Zea.

Cordova dirigio a carta directamente a El-Rey, e esperava uma resposta. Dias depois de a receber S. Mag.de em logar de lhe responder Escreveo-me dizendo-me = *que tinha recebido uma Carta de Cordova, que lhe respondesse que vira o que elle lhe dizia, e que meditava sobre tudo, e que the respondesse eu conforme conviesse á sua Real Pessoa* [1].

Eu dice a Cordova que tinha recebido a primeira communicação d'El-Rey em referencia á sua carta, que S. Mag.de me havia ordenado que lhe agradecesse e p.ª o não desanimar accrescentei que o Mesmo Augusto S.r me dizia que ficava meditando no que elle lhe escrevera.

Não escapou áquelle Ministro o vago desta resposta mas tendo eu cortado logo a Conversa e passado a outros assumptos ficou p.r então diminuida aquella impressão.

Cordova sem se desanimar pareceo-lhe ser outra occasião favoravel p.r obter d'El-Rey mais outra medida coherente com o seu projecto, a que offereceo o celebre Discurso do Duque de Broglie Ministro dos Neg.os Estrang.os da França, pronunciado na Camara dos Deputados ácerca das Reclamações Francesas das indemnisações do Navio Aleyon, e dos principios de Neutralid.e que a França entendia guardar no Conflicto de Portugal.

Aquelle celebre Discurso apresentava as doctrinas mais solidas, e dava um completo triumpho á causa d'El-Rey, sendo como na realidad.e era uma grande base p.ª o seu reconhecimento pela França uma vez que as Armas debelassem os inimigos no Porto.

Tendo eu recebido p.r extraordinario, e com tanta celeridade que nem Cordova, nem os dois Agentes Francezes Lesseps, e Cochelet tinhão delle a menor idea, escrevi logo um Bilhete confidencial a Cordova o qual tendo vindo a m.ª casa se extasiou de satisfação com a leitura que lhe fiz do Sobred.º Discurso transcripto no *Monitenr*. Communiquei-o tambem logo aos Agentes Francezes e mandei-o publicar na Gazeta de Lisboa cuja publicação produzio a maior e mais favoravel impressão.

Expedio-o logo o original a S. Mag.de acompanhado de uma carta m.ª escripta a El-Rey na qual lhe fazia bem salientes as vantagens que tinhamos obtido e o partido que poderiamos tirar de tal occorrencia se acaso della nos soubessemos aproveitar.

Escrevi tambem ao Duque de Lafoens derigindo lhe m.tas ponderações sobre aquelle assumpto, e do partido que poderiamos tirar se appresentassemos uma serie de factos coherentes de Politica que concorressem

---

[1] Existia original assignada p.r S. Mag.de na Gav.ª da Mesa G.e do Meu Gabinete.

para a reconciliação com a Europa, e p.ª evitarmos desabrimentos com a França, e Inglaterra.

Recebi em resposta do Duque uma longa carta na qual elle me fazia os maiores e mais extraordinarios elogios (1).

Cordova pois concebeo que devia fazer vêr a S. Mag.de que o ter S. Mag.de adherido aos Conselhos da Hespanha, e ao que elle lhe tinha ponderado era em parte devido á mudança de lingoagem da França, e o ter-se desviado uma grande tempestade que se preparava contra Portugal, e contra a Sua Causa em a nova Expedição que a França tinha apparelhado contra nós a qual daria um appoio real, e effectivo aos nossos inimigos se com effeito se realisasse, tendo-se aliás conseguido não só com a minha resposta dada á Nota Franceza que se effectuasse o desarmamento, mas tambem que o Gov.º Francez se explicasse nas Camaras de um modo mais satisfatorio, ficando desvanecidas todas as esperanças que os nossos inimigos conceberão, e desbaratados os Planos de Laffayette seu principal apoio.

A Historia destas importantissimas Transações e dos Serviços que então a Hesp.ª Cordova e eu fizemos á Causa d'El-Rey he tão importante, e tão consequente que me reservo a tratar dellas em outra parte destas Memorias. Em consequencia pois desta opportunidade julgou Cordova possivel obter d'El-Rey a concessão a que Lord Russell tanto desejava, a soltura das Fidalgas que se achavão presos em diversos conventos. Aquelles dois Agentes Estrangeiros Sustentarão 1.º que não perigava o Estado na soltura daquellas Senhoras. 2.º Que esta medida faria vêr á Europa uma mudança p.ª os principios moderados.

Cordova tinha tanto maior interesse, e capricho, quanto a obtenção de tal medida lhe dava grande gloria, mostrava a sua influencia, e da Sua Corte no animo de S. Mag.de e creava a elle Cordova muitas sympathias na Alta Aristocracia da Corte de que elle se poderia servir de futuro opportunam.te.

Sobre este ponto teve Cordava uma conferencia comigo em que tratou deste assumpto, e posto que eu estivesse persuadido que se não obteria isto, comtudo abstive-me de lhe dar mostras de que El-Rey repellisse aquelle negocio, por isso que podendo S. Mag.de estar disposto a faze-lo seria por minha parte imprudentissimo estabelecer objecções que eu não podia fundar senão em generalid.es que poderião fazer julgar áquelles Agentes que o pençam.to e opinião do Ministerio d'El-Rey era contrario á medida, e tambem aos Sentimentos que S. Mag.de lhe tinha abertam.te manifestado nas Audiencias que lhe dera em Braga.

Comtudo recordo-me de lhe ter dito que eu daria parte de tudo a S. Mag.de e que apoiaria este negocio. Cordova dirigio-me pois uma Nota Confidencial m.to bem escripta sobre este assumpto a qual immediatamente remetti ao Duque de Lafoens para ser presente a S. Mag.de

Tanto a referida Nota como as instancias que fiz p.ª a obtenção pelo menos de uma resposta, nunca forão satisfeitas.

(1) Existia original no meu Gabinete.

A falta de resolução sobre este assumpto começava a inquietar Cordova, e a fazelo prolixo sobre a boa fé d'algumas pessoas, entretanto aconteceo que tendo-me o Almirante Parker pedido que Solicitasse d'El-Rey como um favor feito a elle a soltura de Mad.me Leal, S. Mag.de foi servido ordenar-me que expedisse a ordem ao Min.o da Justiça p.a que se mandasse pôr em liberdade. No Aviso da Resolução vinhão as mesmas expressões de que *S. Mag.de se tinha decid.o em consequencia das importantes ponderações que eu tinha feito áquelle respeito no interesse da Causa de Portugal &c.* (1)

Cordova por esta occasião insistio comigo pela Resolução quanto ás Fidalgas, e então eu prevaleci-me da mesma Concessão a Parker p.a lhe dizer que nella devia elle vêr que S. Mag.de tinha adoptado o seu Plano, e que era d'esperar que continuassem taes concessões como S. Mag.de lhe tinha promettido.

Para neutralisar as más impressões que podia Cordova dar á Sua Carta na demora desta medida, que o Gabinete de Madrid tambem apoiava, assentei em empregar todos os meus esforços p.a que S. Mag.de Fosse Servido authorisar-me a poder fazer partir p.a Hespanha os Hespanhoes que se achavão presos nas diversas cadeias do Reyno, e que estavão indultados por El-Rey catholico p.a poderem entrar em Hespanha, medida a que o Gov.o Portuguez se não podia negar por isso que todos os daquella classe que não tinhão comettido crimes em Portugal não podião reter-se presos, e estar privados da sua liberdade, o que era contrario ao Direito Commum, e das Gentes. S. Mag.de Foi Servido authorisar-me que assim o fizesse, como direi em logar opportuno.

Esta medida tinha experimentado grandes resistencias.

Desde o anno de 28 que existia uma continuada transação sobre este objecto durante as Missões de Campuzano, e Montealegre.

A primeira transação da Hesp.a no Ministerio de Salmon se estabeleceo em reclamar vigorosam.te a extradição dos Hespanhoes Militares Constitucionaes que no anno de 26 tinhão passado p.a Portugal, e que ameaçavão pela sua permanencia em Portugal assim a tranquilid.e da Hespanha, como tambem a destes Reynos.

Estes Hespanhoes todos militares sobião a 1:100 homens de todas as Armas. Esta gente era a escoria do Exercito Hespanhol.

A sua inquietação era tal que por diversas vezes derão grandes cuidados ao Gov.o mesmo nos annos de 26 e 27 apesar das Sympathias que algumas pessoas então em poder p.r elles tinhão, que forão obrigados a fazelos collocar em Praças d'Armas onde estivessem mui vigiados, e seguros. Em 27 foi necessario assim mesmo m.tos delles mandalos tirar do Praça de Peniche onde pretenderão sublevar-se contra a Guarnição.

Os seus chefes pertencião pela maior parte á celebre *Sociedade Se-*

(1) Existia no meu Gab.e em Lisboa, e a original Carta que o Almirante Parker me escreveo em resposta á da communicação q̃ lhe fiz daquella concessão a mais obrigante p.a mim.

creta dos Fieis Amigos de Minas (1). Erão p.r tanto obvias as muitas conveniencias que tirariamos de deitar para fora do Territorio uma tal gente, que sendo a mais desmoralida, e revolucionaria que jamais se vira, estava por outra parte a cargo do Estado que despendia com ella mais de 1:000:000 rs. p.r mez com o seu sustento.

Mostrei em Conselho de Ministros quanta conveniencia tirariamos por estes respeitos de condescendermos por uma parte com o Gov.º Hespanhol expulçando do Territorio aquella gente dando-lhes á opção as localid.es fora da Peninsula para onde pretendessem dirigir-se, e pela outra removendo do nosso Paiz um corpo de individuos sempre promptos a entrar em qualquer conjuração, e com o qual os inimigos do Gov.º contarião para os apoiar. Mostrei alem disso que elles estavão a cargo da Fazenda Real e que ao mesmo tempo com a medida que se tinha seguido de os ter presos, não tendo elles comettido crime no Territorio que era contrario a todos os principios do Direito d'azylo, e d'hospitalidade.

O Conselho de Ministros consultou pois a S. Mag.de mostrando a opportunid.e da Extradição, e S. Mag.de se conformou com o parecer do Conselho.

O Intend.e Geral da Policia Baratta representou porem pelo Ministerio do Reino que a Extradição daquelles Hespanhoes era perigoza porq̃ podião dizia elle hir reforçar os inimigos na Ilha 3.a

Esta objeção foi accolhida pelo Min.º do Reino Conde de Basto.

Tempos depois tendo instado a Corte d'Hesp.a e tendo-se visto a necessid.e de tomar aquella medida fui eu authorisado a levala ao effeito pratico d'accordo com o Min.º da Guerra, e se conseguio que em menos de 2 mezes aquelle excessivo n.º de individuos sahissem destes Reynos com Passaportes meus p.a França, Inglaterra, Hollanda, Marrocos, e Brazil, em Navios nos quaes pagamos as suas passagens e se ultimou um negocio de tanta importancia, ficando as Praças dos Depositos livres d'aquelles hospedes (2).

A outra classe d'Hespanhoes era a dos Presos politicos que só em Lisboa excedia de 120. Podião dividir-se nas seguintes classes.

1.º Condemnados, e banidos de Hespanha.

2.º Presos em Portugal pela Policia de Baratta p.r suspeita, e pelas denuncias de outros Hespanhoes empregados na Policia Secreta.

3.º Presos em Portugal por delitos Politicos e dos quaes havião processos nas differentes varas criminaes.

Tendo sido concedido um Indulto p.r El-Rey d'Hespanha áquelles individuos comprehendidos na primeira classe, reclamou o conde de Montealegre Ministro de Hespanha que se mandassem soltar aquelles indivi-

---

(1) Os Papeis pertencentes a esta Socied.e forão m.tos pilhados em Portugal, entre os que se encontrarão ao General Claudino. Delles se ordenou na Intendencia Geral da Policia no Ministerio de João de Mattos uma Memoria Systhematica interessantissima em 3 Tomos q̃ foi p.r elle entregue a S. Mag.de e que o Mesmo Augusto Senhor me confiou. Este trabalho existiu no Arm.º grande do meu Gab.e

(2) Existião os Doc. na Secret.a d'Estado e m.tos no meu Gab.e

duos. Entre elles havia muitos que tinhão sido indultados por concessões individuaes d'El-Rey Cath.º (1).

Entretanto apesar de uma larga transação de Notas, e de contas da Policia e de eu ter empregado todos os meus esforços p.r a partida d'aquelles individuos p.a Hespanha, não foi possivel durante a Missão de Montealegre vencer as grandes difficuld.es que a isso secretam.te se oppunhão.

Finalmente tendo a Raynha d'Hesp.a concedido um Indulto mais amplo no qual todos que se achavão presos em Portugal erão comprehend.os como Barros Figueiroa celebre chefe Politico da Corunha do tempo da Revolução, Cordova me dirigo uma Nota para os referidos individuos obterem a sua liberd.e p.a hirem gossr dos beneficios concedidos pelo seu Soberano.

Pude então nesta epoca expedir logo ordens á Policia para se mandarem pôr á disposição daquelle Ministro os Hespanhoes Indultados. Para cortar novas duvidas ordenei ao Intend.te que se entendesse sobre sobre a sua passagem directamen.te com o Min.º de Hespanha, e para maior regul.de e promptidão deste neg.º passei p.r copia ao mesmo intend.te a parte da Nota de Cordova concernente áquelle objecto.

Concluio-se pois immediatamente este negocio que tinha soffrido tantas delongas. Concluio-se do modo mais franco e satisfatorio para aquelle Ministro.

Devo aqui fazer justiça ao Intend.te Belffort que se conduzio neste negocio com muita promptidão, e acerto.

Sahirão pois de Portugal todos os de que tratei acima na 1.a e 2.a classes.

Restavão os de 3.a classe que erão as que tinhão commettido crimes Politicos em Portugal, alguns dos quaes estavão em Processo.

Cordova em uma entrevista que teve depois comigo perguntou-me se experimentaria grande difficuldad.e obter d'El-Rei um indulto para estes Hesp.es comprehend.os na 3.a classe. Mostrou quanto isso provaria á Sua Corte os sentimentos de S. Mag.de p.a com a Hesp.a e lhe daria novo argumento para proseguir com Lord Russell no m.º Systhema de acreditar as medidas do Gov.º de S. Mag.de.

Respondi-lhe que me parecia que não haveria duvida, mas que isto era simplesm.te uma opinião m.a que eu consultaria os meus Collegas e que podia contar que apoiaria aquella medida com todas as minhas forças, que entretanto me parecia que convinha que elle me passasse uma Nota Confidencial sobre aquelle assumpto.

Cordova concordando pois comigo sobre este assumpto redigio a Minuta da Nota que submetteo á m.a approvação antes de a assignar, e

---

(1) Tanto destes individuos, como em geral de todos os Hespanhoes que estavão em Portugal tinha a Policia Secreta uma interessante biografia delles em um volume de pasta que o Intend.e Veyga mandou para o meu Gabinete. Estas curiosas noticias ácerca de cada um d'aquelles individuos forão colhidas, e dadas pelos Hespanhoes D. Angelo Ramon Monti m.tos tempos chefe da Policia Secreta, por Toledano, Maçom, Larzuriaga, e seus correspondentes em Hespanha.

sendo como era optimamente concebida ([1]) não hesitei em dizer-lhe que a receberia.

Logo que recebi a Nota escrevi a El-Rey remettendo-lha, e fázendo-lhe as obvias ponderações tendentes a obter aquella resolução satisfatoria e S. Mag.^d^ Foi Servido Annuir e conformando-se com o meu parecer recebi a communicação official do Duque de Lafoens ([2]) e expedi as convenientes ordens á Policia, ficando assim p.r minha parte concluido este negocio.

Esta resolução satisfez no maior gráo aquelle Ministro d'Hespanha. Durante todas estas transações e mùitas outras que se passarão, existia entre mim, e Cordova a maior franqueza. Numerosos e interessantissimos Bilhetes confidenciaes que ficarão nos meus dois Gabinetes o provavão athé á ultima evidencia.

Taes erão pois as amigaveis Relações que existião entre Hesp.ª e Portugal. Pela nossa parte eu mandava ao nosso Min.º em Madrid communicar tudo sem reserva a M.r Zea. Todas as copias de todas as transações Francezas, e Inglezas lhe forão sempre por mim remettidas. Ordenava que a opinião daquelle Gabinete fosse consultada em tudo, taes erão pois as nossas relações no momento de chegar a Madrid a carta de S. Mag.de sobre a vinda da Princeza D. Maria Thereza que a Hespanha reclamava.

O Conde da Figueira teve logo uma entrevista com o Ministro dos Negocios Estrangeiros, onde concertou o modo e arranjamento pratico daquelle desabrido negocio. Teve depois a Audiencia d'El-Rey catholico na qual fez a entrega da Carta de Gabinete, e logo uma outra entrevista com Zea na qual aquelle Ministro exigio do Conde da Figueira que disposesse a S. A. a Princeza para a communicação que se lhe hia fazer da parte de S. Mag.de cath.ª.

O Conde da Figueira referindo-me tudo quanto se tinha passado em um officio que me expedio p.r extraordinario, acrescentava que esta Resolução d'El-Rey Catholico lhe tinha causado a mais profunda Sensação, mas que a maior mortificação que tinha experimentado era El-Rey Seu Irmão não a tér antes prevenido este negocio.

Que entretanto tudo sê hia arranjando para a partida de S. A. como disse p.r outra occasião.

Foi pouco depois do Conde ao Quarto de S. A. R. M.r de Zea a comunicar-lhe a Resolução de S. M.de

Nesta entrevista S. A. se expressou do modo mais forte contra aquelle Ministro que declarou ao Min.º de Portugal que soffria com paciencia tudo p.r causa das boas relações q̃ desejava manter com Portugal.

A isto seguio-se uma curiosa e interessantissima Communicação Escripta. S. Mag.de Cath.ª mandou communicar p.r copia a Carta de El-Rey a Princeza, e a ordem para sahir d'Hespanha. S. A. Replicou que sendo uma Infanta d'Hespanha exigia que se lhe dissessem suas culpas para se deffender contra uma resolução tão cruel &c.

([1]) Existia na Secret.ª d'Estado.
([2]) Existia no meu Gab.e

A isto seguio-se logo outro incidente de m.^{to} interesse, e foi o de se dirigir o S.r Infante D. Carlos a El-Rey pedindo-lhe licença p.a acompanhar Sua Cunhada a Portugal com toda a Sua Familia, licença que El-Rey Cath.o primeiram.te lhe negou, e que depois concedeo p.r dois mezes [1]. O mesmo praticou o S.r Infante D. Sebastião Gabriel.

Toda esta transacção foi communicada a Cordova p.r Extraordinario. Aquelle Min.o apenas recebeo aquelles Despachos veio communicar-mos.

A Situação do seu animo era de tal modo agitada, que elle se expressou naquella occasião vendo os infaliveis comprometimentos de futuro, e p.r lhe ter sido mandado o Desp.o de Marechal de Campo = *on m'a envoyé la ceinture de Marechal pour me prendre!*

E tendo eu igualmente recebido logo do Conde da Figueira iguaes communicações, passei a escrever a S. Mag.de e a remetter-lhe tudo p.a fazer um conceito do que se passava.

O Gabinete Hespanhol estava ou antes a Raynha d'Hespanha em summo grao desejosa de que aquelles Principes effectuassem quanto antes a sua sahida d'Hespanha, e por outra parte SS. AA. tinhão desde o momento em que se decidirão a partir a mesma anciedade por sahirem do Territorio Hespanhol.

As ultimas desavenças domesticas de Palacio tinham sido taes que dellas se tinhão approveitado por uma e outra parte aquelles genios inquietos, e aduladores para fazer recear de parte a parte conjurações, e perigos immediatos de vidas.

O Conde da Figueira cujos disgostos occasionados por estas desavenças, e pela falta de meios, e de recurços causados em parte pela falta de pagamentos erão já para elle insoportaveis, aproveitou a occasião de partir conjunctamente com SS. AA. deixando a Joaq.m Severino Gomes encarregado de Negocios.

Esta resolução do Conde foi concertada com Zea segundo o que officialmente me escreveo o m.mo Conde.

Communiquei ao Conselho de Ministros tudo quanto tinha recebido, e propuz que se tomassem todas as disposições para a recepção tanto na Fronteira como em Lisboa d'aquelles Reaes Hospedes.

Dalli mesmo se expedirão as convenientes ordens. Fizerão-se as nomeações dos officiaes Mores que devião hir esperar a SS. AA. a Elvas, e dos que devião ficar em Aldeagalega para os cumprimentar e conduzir.

Dispoz-se tudo no R. Palacio d'Ajuda p.a a Sua recepção, e effectivam.te tudo quanto se havia feito p.r parte do Gov.o era justamente o que El-Rey desejava que se fizesse, e recebi em consequencia as Resoluções de S. Mag.de. Tendo ordenado que se entendessem comigo alguns dos empregados da Casa Real sobre aquelle assumpto.

No dia da chegada de SS. AA. Foi o Ministerio todo, e o Ministro de Hespanha receber aquellas Augustas Personagens á porta do Palacio R. d'Ajuda onde forão comprimentadas successivamente em todos os dias pelas pessoas das diversas gerarchias da capital.

---

(1) Vid. Gazetas d'Hesp.a

Em consequencia da vinda de SS. AA. os Hespanhoes emigrados que existião na Capital começarão a frequentar o Paço em logar de hirem p.r os Depositos.

Em quasi todos os pontos da Raia as Authoridades Civis especialm.te na Beira Baixa o Gov.or da Provincia a permittir que outros Hespanhoes Emigrados alli permanecessem contra as ordens d'El-Rey, e Resoluções Regias em consequencia de m.tas Representações da Hesp.a e das Consultas do Conselho de Ministros principalm.te da de 5 de Março de de 1833.

O Governo Hespanhol apesar dos grandes receios que isto tudo lhe inspirava limitou-se a exigir o cumprim.to da parte do Convenio reciproco da internação a 20 legoas da Fronteira [1] e a interceptar e abrir todas as correspondencias que hião de Portugal por mais privilegiada que fosse a sua natureza [2].

Outra transação se começou então posto que em sentido moderado da

---

[1] A parte pratica daquelle Convenio experimentava grandes difficuld.des como disse, e outras que nascião da inobservancia que dos Hespanhoes havia ácerca da internação dos comprometidos, e Emigrados Portuguezes que existião na Fronteira e entre elles os mais notaveis, como o P.e Goes &c.

Mais de 200 reclamações tinhão havido p.r nossa p.te apresentadas pelo Min.o de Portugal em Madrid p.a a internação, tendo-lhe eu mandado todos os Documentos comprobativos.

As Ordens passavão-se, as Notas erão respondidas de um modo Satisfatorio, mas a inobservancia continuou nos Ministerios de Salmon, d'Alcudia, e m.o no de Zea.

Com este exemplo algumas Authorid.es Portuguezas argumentavão que tambem de cá se não devia observar &c.

[2] Isto era feito de um modo tão ostensivo que m.tos correios se passavão em que me privavão dos Despachos, e ao Encarregado de Negocios de Portugal acontecia o m.mo. Outros vinhão de tal modo violados que não era necessario fazer exame algum nos sellos para reconhecer a sua violação.

Disto informou p.r m.tas vezes aquelle Encarregado, mas os receios do Gov.o Hespanhol erão taes que M.r de Zea não se poude conter e dirigio um Desp.o a Cordova em que lhe ordenava que me prevenisse que Joaq.m Severino recebia correspondencias subversivas contrarias ao socego da Hesp.a e que violava o Direito das Gentes, que exigia que o Gov.o Portuguez o fizesse abster d'aquellas communicações.

Não parou nisto. O mesmo Min.o tendo sabido pela abertura dos Desp.os das outras Legações que a Familia R. Hesp.a tinha Escripto por via de Brent Min.o da America em Lisboa, e este dirigido aquella correspondencia ao seu Collega de Madrid Waneess debaixo dos Sellos do Seu Gov.o teve uma discussão com este ultimo sobre aquelle assumpto.

Respondi a Cordova quando tratou d'aquelle assumpto que El-Rey nunca permitteria que um Agente seu fosse conductor de correspondencias contrarias ao Gov.o Hespanhol, que eu julgava que tinhão surprehendido a M.r de Zea e que eu tinha tambem de me queixar da violação nos Desp.os e passei a mostrar-lhe uma collecção das que tinha recebido violados de que elle não poude duvidar, e queixando-se elle do mesmo respondi-lhe — Que isso era hoje uma doença geral que posto que se não fizesse em Portugal, comtudo alguns exemplos estrangeiros e a pratica observada em outros Paizes nos daria o Direito de Reprezalia

Que em Inglaterra era tal que no *Post Office* Sir F. Frechiug se divertia em mandar aos nossos inimigos uma vez o Decreto do Indulto q̃ El-Rey dera aos Militares da Ilha 3.a e que hia acompanhado de Desp.os Reservados meus p.a o Visconde d'Asseca, e q̃ o fizerão naquella Repartição assim p.a os d.os nossos inimigos se prevenirem.

Que o Consul Geral levou este negocio perante a Policia e que aquella porcarià tinha sido denunciada ao Publico pelas Folhas, &c.

parte de Zea, comtudo muito seria, e consistio na exigencia da Hesp.ª de que S. Mag.de Fizesse persuadir ao Bispo de Leão q̃ se julgava refugiado em Portugal, e mesmo em Braga, a q̃ sahisse destes Reynos, e partisse p.ª Italia. Assim as Notas Confidenciaes que o ref.do Min.º me passou sobre aquelle assumpto como tudo o que lhe dizia respeito as enviei a S. Mag.de. Apesar das noticias que o Gov.º Hespanhol tinha da existencia d'aquelle Prelado em Portugal pude desvanecer aquellas com as participações negativas recebidas dos Magistrados Territoriaes, e da Intendencia, e ultimamente tendo S. Mag.de mandado sahir de Braga todos os Hesp.oes refugiados que alli se achavão, e expedir pelo Ministerio da Guerra ordens para que nenhuma Authoridad.e Militar desse Guias a Hespanhoes para a Provincia do Minho emquanto S. Mag.de alli se conservasse inspirou mais confiança áquelle Gov.º e principalmente o modo por que respondi terminantemente a Cordova logo que recebi p.ª isso ordemde S. Mag.de expedida pelo Duque de Lafoens, na qual mui terminantem.te se me ordenava que declarasse que S. Mag.de tinha expedido ordens ao Bispo de Bragança para intimar o de Leão para sahir do Reyno, e da sua Diocese se elle alli se achasse, e tivesse penetrado pela Fronteira d'aquelle lado como pretendia o Ministro d'Hesp.ª. Além das communicações que acompanhavão a m.ª Nota pelas quaes as Authorid.des informavão que o ref.do Prelado se não achava em Portugal, eu ponderava a Cordova a difficuld.e delle se encontrar sendo como era um homem inteiram.te desconhecido neste Reyno, que se acaso se tinha introduzido que o teria feito disfarçado e não como Prelado.

Que ainda á pouco tempo tinhamos tido um exemplo bem saliente da difficuld.e de descobrir pessoas que se introduzem disfarçadas, e furtivamente em um Paiz no que se passara em França com S. A. a Duqueza de Berry.

Toda a França conhecia aquella Alta Personagem; introduzio-se disfarçadamente. O Governo Francez fez todas as diligencias para a sua prisão, e apesar disso correo a França athe pela Posta em diversas direcções sublevando Provincias, manifestando-se em m̃.tas partes, escapando á vigilancia da mais dextra, e activa Policia que existe na Europa, e escapando ás efficazes diligencias das Authorid.es Militares, e só foi descoberta pela traição de Dentz.

Se pois uma Personagem tão conhecida da França só uma traição a fez entregar, e conhecer, como não não será mil vezes mais difficil o reconhecer-se em Portugal o Bispo de Leão de quem nenhum conhecimento existia.

Cordova m.mo e o Seu Gov.º não sabião exactamente a localid.e onde se achava aquelle Prelado, nem tão pouco as Authoridades Portuguezas.

A Corte de Madrid exigio uma Relação de todos os Hespanhoes que se achavão no Deposito, ou que entravão pela Fronteira. A policia forneceo-a a Cordova,

A Familia Real Hespanhola conservava-se entretanto no Paço R. d'Ajuda no Mez d'Abrtl do anno passado de 33.

Ao Gov.º Inglez, e ao Gabinete de Madrid começarão a inspirar receios os resultados que poderião ter as entrevistas de SS. AA. com El-

Rey, e Cordova recebeo um Desp.º de Zea em que lhe ordenava que tivesse uma entrevista com o S.r D. Carlos na qual lhe dicesse que a El-Rei cath.º Seu Irmão lhe não seria de modo algum agradavel que S. A. passasse ás Provincias do Norte de Portugal porque assim o exigião graves considerações d'Estado.»=

Em outro Desp.º confidencial Zea ordenava igualmente á Cordova que me fizesse leitura d'elle, e que me declarasse que ao Gab.e Hespanhol não seria agradavel a hida do S.r D. Carlos, e de sua Augusta Familia a Braga.

Dei de tudo conta a S. Mag.de e pedia instrucções para responder ao Min.º d'Hesp.a sobre este assumpto.

Recebi em officio do Duque de Lafoens a resposta = de que a res«peito da hida de SS. AA. a Braga «que S. Mag.de me Mandava respon«der *que sobre este assumpto se entenderia directam.te com Seus Augustos Irmãos* (1).

Esta resposta cortava todas as minhas explicações que poderia dar Corte d'Hespanha neste assumpto.

Entretanto parece *indubitavel que El-Rey resistio* quanto poude á hida de SS. AA. por motivos das complicações que receava que dellas se seguissem.

SS. AA. logo que entrarão em Territorio Portuguez escreverão a Seu Augusto Irmão e parece pelo que mesmo me Escreveo officialm.te o Conde da Figueira que as accompanhava que tencionavão demorar-se mui poucos dias em Lisboa, e derigir-se logo a Braga. Fui informado pelo mesmo Conde que El-Rey por muito tempo se escusara áquella entrevista.

SS. AA. em consequencia da horrivel invasão da *Cholera* que houve no mez d'Abril no Bairro de Bellem transferirão a sua residencia para o Palacio Real do Ramalhão junto á villa de Cintra.

Por estes tempos recebeo Cordova uma carta d'El-Rey catholico para entregar ao S.r D. Carlos pela qual El-Rey d'Hespanha o chamava para assistir á ceremonia, e prestar juramento de Reconhecimento da Princeza das Asturias, a Sua Filha Primogenita, e o mesmo Ministro recebeo igualmente largas Instrucções preventivas para expôr áquelle Principe dos resultados da sua recusa.

O S.r D. Carlos recebeo Cordova e aceitando a Carta d'El-Rey seu Irmão respondeo que se entenderia directamente com S. Mag.de.

Em consequencia disto dirigio a El-Rey cath.º o seu Protesto que existe publico nas Folhas Inglezas, e as outras Cartas que derigio ao mesmo Monarcha.

Este Protesto foi datado do Palacio do Ramalhão.

El-Rey Catholico respondeo em termos amigaveis que não pretendia fazer violencia a Seu Augusto Irmão, á Sua honra, e consciencia e que lhe concedia a sua licença p.a hir residir nos Estados Pontificios para «cujo effeito viria ao Tejo uma Fragata de Guerra para conduzilo á Ita-

(1) Existia nos meus Papeis no Gab.e

«lia com Sua Augusta Familia. El-Rey cath.º segurava ao mesmo tem- «po a Seu Irmão que esta resolução não diminuiria em nada os seus an- «tigos, e fraternaes affectos, e que era só a consequencia natural, e dire- «cta da posição politica em q̃ S. A. acabava de collocar-se pela declara- «ção das Suas pretenções á Corôa, declaração que era incompativel com «Sua Presença em Hespanha, com as Leys d'aquella Monarchia, com a «tranquillid.e geral do Estado &c. (1)

Varias contestações de parte a parte se seguirão entre os S.rs D. Carlos, e El-Rey Catholico, e no entretanto chegou a Lisboa a Fragata Hespanhola Lealdade. Fizerão-se nella todos os preparativos para receber os Augustos Viajantes.

E tanto esta viagem parecia estar decidida que em 26 de Maio me derigio S. A. a Princeza D. Maria Thereza a seguinte carta=

«Visconde — Estando proxima a embarcar os meus queridos Irmãos, «e eu resolvida a nunca os deixar, necessito que o Visconde me mande «46 Passaportes p.a a minha Familia a qual vai em uma Embarcaçao «Ingleza que afretei =

Accrescentava =

«Esquecia-me dizer-lhe que tenho a consolação de que o Meu Que- «rido Mano Miguel me escreveo louvando, e approvando a m.a resolução «de acompanhar os Manos, e de nunca me separar d'elles.

Concluia: «O moço das ordens que leva esta póde trazer os Passa- «portes. Inclusa vae a Lista da minha Familia (2).

Esta carta excluia toda a idea de demora destas Augustas Personagens no Paiz, apresentava uma decisão firme sobre a partida emquanto por outra parte eu era mui particularmente informado pelo Conde da Figueira que sabia pelas relações intimas que tinha com SS. AA. e com a Sua Familia de que estava abandonada toda a idea da hida a Braga, e antes decidida a partida p.a Italia.

Ainda mais me confirmava de que tal era o proposito d'aquelles Principes o ter mais pelo mesmo tempo derigido p.r minha mão uma carta ao Marquez de Lavradio Embaixador de Portugal em Roma.

O Ministro d'Hespanha achava-se então em Cintra. Reflecti que por todos os respeitos convinha não retardar a remessa dos Passaportes. Reflecti que sendo uma Princeza Portugueza, e em Territorio Portuguez pedindo Passaportes para a Familia do Seu Serviço passar á Italia e *não á Hesp.a* estava plenam.te authorisado a passalos pelo Direito Commum, pela pratica, e pelos mesmos exemplos dados por Zea ácerca de Subditos Portuguezes sem embargo de estar acreditado em Madrid um Min.º de Portugal, do mesmo modo eu o estava apesar da existencia de um Ministro d'Hesp.a em Portugal.

Não hesitei pois por estes respeitos em responder á Princeza que eu hiria levar-lhos.

(1) Vid. Docum.to apenço. N.º 1.º. Nota a Cordova de 12 d'Agosto de 1833.
(2) Vid. Doc. apenço n.º 2.

Julguei esta opportunidade a mais a proposito para o poder fazer. Cordova estava naquella localidade e m.ª Familia toda ali tinha hido por alguns dias. Os que se seguião ao 26 erão dias de guarda nos quaes eu podia sem inconveniente dos negocios alongar-me da Capital, e ao mesmo tempo despedia-me d'aquelles Principes.

Passei pois á Villa de Cintra no dia 27 de Maio. Encontrei Cordova de volta p.ª Lisboa. Dice-lhe que me hia despedir dos seus Principes.

Entretanto no seguinte dia 28 alli se dizia vagamente que SS. AA. hirião ainda a Mafra em cuja Villa tempos antes havião passado alguns dias.

Effectivam.te Sairão SS. AA. naquelle dia com direcção áquelle sitio, mas o Ministro d'Hespanha foi avisado secretamente p.r pessoa do Serviço d'aquelles Principes que SS. AA. se dirigião a Coimbra onde El-Rey os hia encontrar.

Muitas conjecturas se fizerão sobre esta mysteriosa e repentina resolução. Dizia-se que tinha vindo o correio de Gabinete Amorim com cartas d'El-Rey p.ª SS. AA. as quaes tinhão promovido aquella decisão. Outras pessoas conjuncturavão que tinha sido por via do Duque do Cedaval que tinha vindo a resolução d'El Rey por isso que no dia immediato D. João de Sousa Filho do Marques de Borba, e Ajudante d'ordens do Duque se tinha derigido ao Ramalhão, e havia logo regressado.

Na madrugada do 29 voltei eu á Capital tendo tido mesmo em Cintra ás 5 horas da manhã de receber o Add.º da Legação de Hesp.ª Campuzano que me fez leitura de uma Confidencial de Cordova concebida nos termos mais fortes sobre aquelle passo e inculpando o Gov.º de o não ter atalhado, &. Respondi a Campuzano em termos geraes e que eu hia partir e que em Lisboa fallaria com o Seu Chefe sobre o assumpto.

Effectivam.te logo depois da minha chegada a Bemfica veio Cordova procurar-me.

Aquelle Ministro no maior excitamento começou p.r exigir que eu lhe declarasse 1.º onde estavão aquelles Principes 2.º onde se dirigião aquelles Principes 3.º Se o Gov.º tinha auctorisado a sua partida 4.º Com que authoridade tinha eu passado Passaportes a Hespanhoes, e quaes erão aquelles Hespanhoes.

Depois do acalmar um pouco dice-lhe he necessario que eu vos faça umas perguntas antes de entrar em materia = E consiste = 1.º *Como estão aqui em Portugal os vossos Principes?* 2.º *Como podem estar estes Principes em o territorio de uma Potencia independente*, e como são considerados taes Personagens as quaes estão fora das disposições do Direito Commum?

Cordova pertendendo declinar da difficuldade em que o collocarão estas questões priliminares de discussão sobre o facto, atevesse a este para recreminar o Gov.º de conivencia com premeditado conhecimento de viagem daquelles Principes. Então entrei em materia e fiz todo o possivel p.r lhe fazer sentir que nem El-Rey, nem os Seus Ministros podião tomar parte em um negocio que era todo de Familia, e que mais lhe competia a elle Min.º d'Hesp.ª representante d'El-Rey catholico e que se elle tinha ignorado as intenções de SS. AA. sendo o Representante

d'El-Rey Seu Irmão como era presumivel que os Min.os d'El-Rey que se achavão na Capital podessem estar ao facto d'aquellas intenções!

Que os Ministros d'El-Rey consideravão aquelles Principes assistindo em Portugal com licença d'El-Rey Catholico, e p.r tanto pela Sua Situação Social como dice fora das Disposições do Direito Commum, e por tanto impossivel ficava sendo que o Gov.o exercesse a menor vigilancia sobre os passos e ainda menos sobre as intenções de SS. AA. que não podião ser considerados privados da sua liberdade em o Territorio de uma Nação independente.

Que elle Ministro d'Hesp.a m.mo não duvidaria de que SS. AA. Tendo-se derigido a estes Reynos com a licença de S. M. Cath.o publicada á face da Europa, se não podia considerar no rigor de principios que vinhão buscar um asylo! Que nesta ultima hypotese m.mo os exemplos infelizm.te p.r m.tas vezes repetidos na Europa nos offerecião um Direito eminente que se não podia renunciar gratuitam.te sem quebrar e ferir um dos Direitos Eminentes de que gozão todas as Nações.

Passei ao assumpto dos Passaportes, e elle facilmente declinou delle reconhecendo que não tinha direito algum a disputar-me uma faculd.e reconhecida pelo modo que deixei referido.

Apezar de eu conseguir moderar mais aquelle Ministro no decurso da discussão, provando com mil argumentos, e athe com a Carta original da Princeza de que o Gov.o longe de Saber das intenções de semilhante jornada, antes um documento tão authentico lhe tinha mostrado e persuadido do contrario, que SS. AA. só tinhão em vista derigir-se á Italia p.r mar como a Princeza escrevia 48 horas antes da partida mysteriosa dizendo S. A. na sua carta = *Estando proximos a embarcar os meus Queridos Irmãos* = Cordova comtudo insistio pela sua responsabilid.e para com o seu Gov.o em pedir por uma transacção de Notas explicações cathegoricas e exigir em nome da sua Corte alguns passos concernentes áquella hida afim d'evitar disturbios em Hespanha e exigio que expedisse eu um Correio a S. Mag.de representando-lhe o que ella ponderava.

Pora evitar esta transacção escripta he que eu havia empregado todos os argumentos. Busquei principalmente com incrivel diligencia provar-lhe que os Ministros não tinhão idea alguma daquella viagem, e fiz quanto pude para o despersuadir de que El-Rey tinha tomado parte naquella resolução.

Escreveo pois alli mesmo uma Nota em que se continhão aquellas exigencias e decorreo por espaço de uma semana uma activissima transacção entre mim, e aquelle Ministro sobre aquelle assumpto.

Em tudo quanto lhe derigi p.r escripto tanto de um modo official como puramente amigavel, busquei desvanecer as impressões que havia causado aquella resolução de SS. AA. e p.a Madrid dei conta ao Encarregado de Neg.os de Portugal para me secundar junto a M.r de Zea (1).

Ao mesmo tempo que isto se passava entre mim, e o Minisiro de Hespanha Lord Russell escreveo tanto officialm.te a Cordova, como a

(1) Esta importante, e volumosa transacção existia toda no meu Gabinete.

mim preguntando em nome do seu Gov.º se a hida daquelles Principes para o interior do Reyno tinha sido effectuada com concentimento do Governo Hespanhol, e Portuguez visto que S. Mag.de cath.a tinha mandado communicar ao Ministro d'Inglaterra em Madrid e por circular ao Corpo Diplomatico a partida do S.r D. Carlos p.a a Italia. Em a Nota Confidencial que o sobred.º Lord me escreveo accrescentava, que excitaria o maior cuid.º á Gram-Bretanha se com aquella viagem se buscasse lançar a guerra civil em Hespanha.

Os riscos, e complicações em que isto punha a Causa d'El-Rey me fizerão recear tudo quanto depois tristem.te tem occorrido. Para ver se ainda os podia d'algum modo evitar escrivi a S. Mag.de a importante carta que vai anexa p.r copia a estas Memorias em data de 29 de Maio do anno passado(1) e a expedi por Correio Extraordinario que chegou a Braga com tanta celeridade que ainda encontrou El-Rey naquella Cidade. S. Mag.de mandou-me responder pelo Duque de Lafoens(2) que Sentia não ter sabido mais cedo que o Ministro d'Hespanha tomava um acto tão proprio da natureza, como era o de despedir-se de Seus Irmãos antes da Sua partida, achando-se elles nos Seus Estados como tendo um fim politico e desagradavel á Hespanha, que todavia se o tivesse sabido mais cedo teria feito esse sacrificio pela Hespanha, mas que então tendo se já annunciado p.r uma ordem do Dia ao Exercito era contra o Seu Real Decoro deixar de pôr em pratica aquelle encontro.

Accrescentava o Duque que S. Mag.de muito tinha extranhado que D. Luiz de Cordova tivesse rompido em tal excesso, esquecendo-se de todos os favores, e delicadezas que S. Mag.de para com elle tinha tido.

Este acontecim.to mudou inteiramente o Estado quasi definitivo a que tinha pela 3.a ou 4.a vez chegado a Negociação do Reconhecimento d'El-Rey pela Inglaterra, e por consequencia de toda a Europa.

Apeza das relações de intimidade que existião do Min.º d'Hesp.a comigo começarão a resentir-se umas vezes de frieldade, outras de não merecida desconfiança, o que era nelle produzido pelo estado violento em que se achava collocado tanto para com o seu Gov.º como para com o Agente Inglez, como p.a com o Gov.º Portuguez.

O Ministerio Inglez renovou o Seu ineixoravel rancor contra El-Rey, logo que soube do que se tinha passado, e passou-se logo a organisar em Inglaterra a Expedição Diversoria.

Entregou-se o Commando d'ella a Napier um dos mais bravos e valentes da Marinha Britanica, Palmella que estava demittido recebeo por influencia d'aquelle Gov.º os Plenos Poderes do Snr. D. Pedro como Commissario Real para restabelecer os governos em toda a parte em nome da S.a D. M.a da Gloria &c. E as consequencias forão a perda do Algarve, da escuadra, de Peniche e da Capital.

As Significativas expressões da Nota do Ministro d'Hespanha em data de 12 d'Agosto do anno passado mostra aquellas consequencias. Ellas são como se seguem.

(1) Vid. Docum.to anexo N.º 3.
(2) Nos Papeis da Secret.a d'Estado.

«*La Inglaterra que antes de la venida de S. A. a Coimbra, havia da-*
«*do señales evidentes de meyores disposiciones hacia el Gobierno de S.*
«*M. F.ma (quales eran, retirar del Tejo toda su escuadra, la aceptacion*
«*y favorable* calificacion que hizo el Gabinete Britanico del acto clemente «del-Rey Fidelissimo en favor de los Presioneros Inglezes, las relaciones «que Sus Agentes fueron authorizados a contraer, y que por medio del «infrascripto contrayeron effectivem.te con los Ministros de S. Mag.de «Fid.ma y otros varios señales analogos) la Inglaterra esperaba real«mente á ceder de su inexorable rencor, y esto es tan evidente que a «ciertas condiciones *nada violentas que todos estaban já resueltos en el* «*animo, sabedoria, é interesse d'El-Rey Fidelissimo, hablaban já sus* «*Agentes en Lisboa del reconocimiento de S. M. al fin de uma guerra* «*cuja conclusion deseaba já el Gobierno Britanico sin conservar la me*«*nor esperanza del triumfo de D. Pedro.* Más no bien en su perpetua e «infatigable vigilancia percibio aquella Potencia que el Infante D. Carlos «no partia, y que hallaba en este Paiz &c. (Vid. Docum.to annexo) un medio de *eludir las ordenes de* «*Su Augusto Hermano*, quando, sos pechando un Plan politico, derigio «reclamaciones á la España que el infra escripto ha hecho conocer al Go«bierno F.mo Se revestio de su antigua «severidad; se entregó de nuevo àla desconfianza, volvió a crer en las «fuertes prevenciones que con tanta pena se habia logrado atenuar y «sofocar, y recobrando su antigua actitud al crerse engañada, y ameaza«da en sus intereses politicos, redobló sus esfuerços secretos, y aumentó «los signos exteriores de su apoyo moral contra la causa de S. M. F.ma «*dictando otras Instructiones Severissimas á Sus Agentes en Portugal,* «*que los hicieron abandonar la nueva linea de conciliacion comenzada,* «*com tanto regocijo del Partido adverso à S. M. F.ma como prejuicio de* «*Sus Reales intereses.*

O Ministro d'Hespanha pouco antes destas occorrencias para levar ávante o plano da Sua Corte (como já referi) de estabelecer um systhema moderado no Gov.o e inteiram.te d'accordo com as vistas da Hesp.a e da Inglaterra tinha-me em diversas aberturas buscado persuadir 1.º de que eu devia expôr me tanto neste assumpto, como em o negocio da Sahida da Familia Real Hespanhola de Portugal a todos os transes por meio do maior vigor de persuazão p.a com El-Rey. 2.º Que eu estava apoiado pela Inglaterra, e pela Hespanha para uzar de todos os meios que fossem mais adquados no interesse da causa d'El-Rey p.a a obtenção d'aquelles fins. Entretanto assim a Corte de Madrid, como a d'Inglaterra julgavão que se não poderia obter nada sem uma modificação ministerial.

Cordova parecia-lhe que El-Rey devia voltar p.a a Capital, e que es tando S. Mag.de nella ella elle poderia ter uma influencia decidida (1), e eu apoialo em tudo.

He aqui o logar opportuno para referir que desde o momento em que

(1) O Conde de Montealegre antecessor deste Min.o pretendeo tambem gosar desta influencia. Nunca o poude conseguir apezar da affeição pessoal q̃ S. Mag.de lhe tinha. Disto entre outras provas a mais Saliente he o não ter jamais podido conseguir que se prestassem ouvidos ás suas reclamações sobre o negocio da Amnistia e outros.

a Expedição inimiga chegou a effectuar o seu desembarque no Porto, e que o S.r D. Pedro principiara a expòr-se com as Suas Tropas, tanto os Amigos d'El-Rey, e da Causa de Portugal, em Inglaterra, os Torys, Duque d'Wellington, Beresford &c., e os de França, e a mesma Corte de Madrid buscavão todos os meios de persuadir a conveniencia da hida de S. Mag.de p.a o Seu Exercito, e estar junto d'elle do mesmo modo que estava Seu Irmão p.r lhe inspirar por uma parte a forta moral, e pela outra contrabalançar a que inspirava nos seus inimigos a do Imperador Seu Irmão, e desvanecer com isso as fortes acusações do Jornalismo Europeo em alto gráo calumniosas de falta de valor, e derrubar os effeitos moraes das comparações, que entre um, e outro se fazião na Europa. Instancias sobre instancias continuavão a ser feitas tanto de Londres, como da Corte d'Hespanha a este respeito (Numerosas provas existirão no meu Gabinete, e deverão existir nos Archivos da Legação Hespanhola em Lisboa).

Esta medida apresentava difficuldades, e opposições graves, athe que El Rey vendo as desastrosas consequencias do funesto attaque do Porto de 29 de 7.bro de 32 e receando pelas informações Secretas que recebeo que um desalento total do Exercito, e da p.te moral da Nação fossem as consequencias que immediatam.te resultassem daquelles acontecimentos resolveo-se logo a partir para o Exercito p.a dar com a sua hida uma nova vida aos Povos por onde transitasse, e ao Exercito pela Sua Presença. Dictou alem disso outras Providencias militares para elle ser reforçado não por fragmentos de corpos, mas sim pelas forças importantes de mais uma Divisão, e fez immediatam.te annunciar pelo Telegrapho aos Exercitos esta Sua Resolucão, a qual sendo alli sabida produziu um incrivel, e pasmoso effeito moral evitando talvez os funestos resultados que se antevião.

Apenas conhecida do publico aquella resolução de El-Rey tratarão por todos os meios secretos os seus inimigos de a evitar, e athe buscarão os Inglezes este momento para violarem o Estado de Sitio em que Lisboa se achava, e as convenções comnosco feitas, e com a Hespanha fazendo entrar no Tejo toda a Sua Escuadra rompendo a Neutralidade, e sustentando uma actitude hostil com o fim Secreto segundo se poude colher, de chamar toda a attenção do Gov.o em Lisboa, e impedir por aquelle meio a hida de Sua Mag.de p.a o Exercito, evitando com isso que elle ganhasse a força moral, e as vantagens que se devião esperar.

Buscarão os inimigos por todos os meios inspirar receios nas pessoas realistas que podião ter alguma influencia p.a evitarem aquella medida.

Entretanto apenas ella foi conhecida das pessoas de juizo claro, essas a acharão no mais alto interesse, conveniente. Fora de Portugal, ella foi applaudida por todos os individuos de influencia favoravel a Portugal como informarão todos os Agentes de S. Mag.de em todas as Cortes Estrangeiras. Todos os Jornaes Monarchicos da Europa a applaudirão igualmente.

El-Rey pois no dia 1.o d'Outubro de 1832 mandou-me chamar ao Palacio da Bemposta, e ahi consultou comigo Sobre aquelle importante assumpto, e dos resultados do desastroso attaque do dia 29. Com

a maior energia demonstrei a El-Rey as difficuld.^{es} da Crise em que o Reyno se achava tanto interna, e militarmente, como externa, e politicamente. Entretanto não dessimulei a El-Rey em apoio de tudo quanto expuz que todas estas fatalidades erão devidas em grande parte aos elementos que tinhão a principal influencia nos negocios, e em os differentes Ramos da Administração. Mostrei-lhe que emquanto se não mudassem aquelles Elementos não se podia contar com uma marcha regular, justa, uniforme, e mais que tudo moderada, e legal.

El-Rey ordenou-me que fosse no dia seguinte a Cachias para tratar dos arranjos politicos concernentes ao Governo durante a Sua auzencia da Capital. Como verifiquei, e de que farei menção em outra parte destas Memorias.

Desde logo significquei a S. Mag.^{de} q̃ a Sua Estada fora da Capital devia ser o mais curta possivel, e que ainda quando depois de passar revista ao Exercito, e lhe inspirar aquella força moral que era de Esperar, voltando a Coimbra demorasse ahi o Seu Quartel G.^{al} deveria sempre de quando em quando aparecer na Capital o q̃ era mui facil viajando S. Mag.^{de} com a Espantosa celeridade com q̃ ganhava em um instante muitas distancias.

Passei ao Despacho no dia seguinte e ahi decidio S. Mag.^{de} pelos motivos que lhe ponderei que o Duque do Cadaval ficasse encarregado do Commando em chefe de todas as Tropas que se achavão na Capital, e de todas as Fortalezas das Linhas maritimas tanto de Lisboa, e sul do Tejo como das que cobrião Lisboa.

Os motivos que me fizerão tocar nisto a El-Rey forão os seguintes:

1.º Porque não desejei que ficasse pezando sobre mim durante a ausencia d'El-Rey o pezo de responsabilid.^{e} das occorrencias conservando-se no Ministerio os Elementos de que elle se compunha ficando encarregado em primeiro logar de todos os objectos concernentes á conservação da tranquilid.^{e} da Capital & não desejando de modo algum pelos inconvenientes que isso teria, e intrigas que desenvolveria a combinação de ficar á testa dos negocios o que só poderia ter logar se fosse nomeado Ministro Assistente ao Desp.º ou declarado Presid.^{e} do Conselho de Ministros, combinação que seria detestada pelos intrigantes e exaltados que á mesma Sombra de apparente unid.^{e} do Ministerio pelas suas antigas conferencias semanaes lhe tinhão dado fundam.^{to} para mil manejos secretos p.^{a} os romperem, e desbaratarem como conseguirão no anno antecedente de 1831 fazendo exterminar Mattos, e promovendo a queda do Duque.

2.º Porque não se dando a combinação de collocar o Duque em posição de ser um simulacro de Presid.^{e} da reunião de Ministros, o conde de Basto arrogaria a si a ingerencia em todos os negocios, e faria a Portugal ainda mais males do que aquelles de que tristemente eramos todos testemunhas. Porque vi que se isto se não fizesse não haveria um só instante de socego na Capital, e se seguiria o m.^{mo} Systhema de perseguição, e de forjadas conjurações como the então tinha prevalecido a toda a combinação moderada.

Para provar que taes erão as vistas do Conde de Basto, direi que logo

em a noite da sahida d'El-Rey, não tendo elle ainda conheciment.[to] do Decreto de 8 d'8.[bro] e das mais Disposições que eu lhe communiquei no Dia seguinte, avisou elle logo de seu motu proprio todo o Ministerio para uma Conferencia na Sua Secretaria!

He de advertir que este Ministro era de tal modo inimigo das reuniões e conferencias do Ministerio que o não dissimulava ás gentes do partido exaltado, e a ponto tal era indisposto com estas reuniões que desde 11 d'8.[bro] de 1828 athe aos fins de Junho de 1831 em que as houverão semanaes nem uma só vez propôz um só negocio tendo aliás duas Repartições tão importantes a Seu Cargo como a do Reyno, e Marinha. Durante todo o seu longo Ministerio nem uma sò vez exigio, a não ser esta pelos motivos q̃ referi, que o Ministerio se juntasse p.[a] tratar de um só neg.[o] das Suas Repartições.

Elle pretendia só por si representar toda a opinião, todos os principios e dar a direcção a todos os negocios. Esta sua vaidosa ignorancia era nutrida pelas gentes de certo partido que baixamente o adulavão, e que o persuadião a seguir nisto mesmo uma especie de Systhema que elle abandonado só aos seus recurços intellectuaes não poderia m.[mo] seguir.

3.º Porque era necessario apresentar na ausencia d'El-Rey da Capital, e principalmente em tanta crise como a que nos achavamos, um nome historico, e uma organisão firme, e compacta revestida de poder capaz de impor, e conter as facções. Sahindo toda a Familia Real, claro ficava sendo que esta escolha não podia recahir em outra pessoa senão na do Duque.

4.º Porque com a entrada d'aquella Personagem novamente em negocios, se offerecia internamente uma combinação Aristocratica que lhe lisongeava uma grande porção da Nobreza que estava eminentem.[te] disgostoza desde a queda do Duque.

5.º Porque externamente aquella nomeação dava idea de uma vereda mais moderada pelas opiniões que a respeito havia do Duque como em outra parte destas Memorias, e como o provou a opinião do Gab.[te] Hespanhol de que tambem já tratei.

6.º Porque com esta combinação se dava um centro tambem na direcção das forças militares de mar, e terra, ambas confiadas como estavão a dois octagenarios ignorantes, e caprichosos sem vida, sem energia, e inteiramente dominados p.[r] adoladores.

7.º Finalmente, porque por meio desta combinação contei com a inteira, e fránca cooperação do Duque o que era essencialissimo p.[r] a segurança da Capital, e andamento dos negocios e dava ao m.[mo] tempo ao Duque uma prova de vivo interesse p.[r] elle, promovendo-lhe um triumpho dos seus inimigos que o tinhão derrubado do Ministerio.

Redigi pois a carta Regia da nomeação do Duque (1) e o Decreto que mandava organisar o Ministerio em Conselho de Ministros permanente revestido de Poderes amplos não só para tratar dos negocios Correntes, e reunir-se em sessão uma vez por semana, e todas aquellas que por aviso de qualque.[r] dos Minis.[os] houvesse de ter neg.[o] importante da Sua Repar-

(1) Vid. Gazet. de Lisboa onde se publicou.

tição, mas tambem para em casos extraordinarios, ou naquelles negocios em que julgasse perigo de desabrimento com as Potencias Estrangeiras e que pela distancia local se não podesse obter a Resolução d'El-Rey, determinar e resolver o que parecesse majs opportuno. Devendo o Ministerio constantemente enviar a S. M. um relatorio de todos os objectos tratados em cada uma das Sessões do Conselho, e participar-lhe o estado da Capital (1).

Por outra Carta Regia reservada era eu authorisado no caso de tumulto promovido por Estrangeiros a tomar independemente todas as medidas que julgasse opporrtunas para evitar que a tranquilidad.e fosse perturbada, e que houvessem funestas complicações com as Potencias Estrangeiras.

Disposto tudo isto p.r esta forma, e o Duque tendo voto, e assento no Conselho, sem todavia estar revestido nem do caracter de Presid.e nem de Ministro Assistente ao Desp.o ao que El-Rey então me pareceo que se não prestava, posto que não toquei neste ponto, mas tendo de facto a Presidencia pela Sua ordem Ierarchica, passei depois d'assignados os Diplomas a hir ter uma entrevista com o Duque para lhe communicar aquellas Resoluções. O Dupue mostrou-se mui sensivel áquellas medidas, mas observou-me que tendo elle a graduação de Marechal de Campo não poderia commandar os Tenentes Generaes que existião na Corte, que isto daria de si disputas de competencia, e que só sendo elevado a uma Patente Superior se poderia tudo conctliar, mas que isto era uma simples observação, e que não desejava que eu a tomasse como exigindo uma condição &. Respondi-lhe que poria tudo na Presença d'El-Rey e que me parecia que com o Exemplo do que se tinha passado com o Duque de Lafoens seu sogro poderia regular este negocio propondo-o a El-Rey.

Passei pois ao Desp.o expuz a El-Rey este negocio que se resolveo immediatam.te conforme o que lhe expuz a assignar um Decreto nomeando-o Duque Marechal do Exercito.

Á vista do que se tinha passado com o Duque de Lafoens nada tinha esta nomeação de extraordinario. Pessoas em menor elevação Social, e em circunstancias ordinarias como o Conde dos Arcos D. Marcos, que de capitão foi elevado a Marechal de Campo no dia 13 de Maio de 1809 seg.do me recordo, e a 24 do seguinte mez a T.e General, e como Palmella que do mesmo posto de Cap.am foi igualm.te elevado ao posto de Marechal erão por certo mais extraordinarias athe porque não tinhão preced.e.

Alem disto entreguei a S. Mag.de alguns apontamentos reservados concernentes ao que me parecia opportuno ácerca de algumas medidas durante o seu transito, e ausencia da Capital,

Tratei debaixo do mesmo proposito, e conveniencia de que em todos estes Diplomas e em todos os Actos que delles emanassem de fazer bem

(1) A collecção de copias destes Relatorios he interessantissima. No Conselho escrevia eu as Actas, e na Conferencia seguinte levava os Relatorios á assignatura. Receberão-se sempre a resposta d'El-Rey approvando as medidas que se tomarão.
Parte das copias d'elles existe em meu poder.

saliente de que a ausencia de S. Mag.de da Capital era não só temporaria, mas que apenas se limitava a hir passar uma revista ao Seu Exercito, como El-Rey estava inteiram.te determinado.

Entretanto apezar de tudo isto escrevi a El-Rey ponderando-lhe que era essencial que mandasse reunir o Conselho d'Estado, que o ouvisse, que lhe communicasse as suas Resoluções, e que no mesmo se tratassem de outras medidas que parecessem opportunas.

Effectivamente El-Rey Mandou reunir em Cachias o Conselho d'Estado, e ouvio =

Decidido tudo, tratei de que achando-se estabelecida uma Posta Militar, se recebessem todos os dias communicações na Capital sobre as operações militares, e El-Rey as recebesse tambem diariam.te do Gov.º. Fiz publicar diariam.te na Folha official as noticias de S. Mag.de p.a mostrar ao Publico a harmonia que havia entre S. Mag.de e o Gov.º

De todas estas disposições se colherão as vantagens que em outro logar referirei.

Athe então as communicações entre o Exercito, e a capital erão tão mal reguladas, e morosas que El-Rey só as recebia pelos correios ordinarios.

Communiquei p.r circulares a todos os Agentes de Portugal nas Cortes Estrangeiras a partida de S. Mag.de e a organisação do Gov.º e de todos recebi em resposta as provas de que aquellas medidas tinhão inspirado não só a maior satisfação em todas as pessoas empenhadas na causa de Portugal, mas que dellas esperavão o triumpho completo do Exercito.

Com effeito partio S. Mag.de p.a o Exercito no dia 16 de Outubro de 32 (1). A sua hida produzio grande enthusiasmo nas Tropas, e nas Provincias. A ella forão devidos os primeiros trabalhos de fortificação que se fizerão p.a tornar effectivo o Cerco do Porto. Entretanto como S. Mag.de antes da sua partida da Capital se não tinha decid.º a mudar os Elementos que tudo paralysavão, infelizmente foi collocar-se em Braga e o inimigo continuava a receber mantimentos, petrechos, e mais que tudo reforços, augmentando todos os dias a sua força.

Sendo palpaveis as consequencias de se deixar procrastinar este negocio por um tal modo, de toda a parte da Europa recebia instancias sobre instancias para que se emprehendesse alguma cousa de decisivo. Successivamente enviava para Braga todas estas communicações.

Em uma Carta confidencial que escrevi ao Ministro da Guerra que estava junto a El-Rey lhe dizia em data de 30 de Dezembro do m.mo anno de 32 prevendo as desastrozas consequencias da illusão, e apathia em que se estava = o seguinte =

«*Outra consideração a fazer entre milhares d'ellas que são obrais*
«*ácerca da demora do inemigo no Territorio, he q̃ á proporção que sen-*
«*tirem difficuldade de introduzirem reforços no Porto, hão-de approvei-*
«*tar os seus recrutamentos p.a nos fazerem diversões em outros pontos*

(1) Vid. Supp.º á Gazeta N.º 250 de 22 d'8.bro.

«*indefensos delle estando como estão Senhores do Mar com uma Escua-*
«*dra q hoje he superior á nossa, e que acontecerá se elles forem inquie-*
«*tando o Algarve, Setubal, Peniche &?*

Infelizm.^{te} 6 mezes depois se verificou a expedição diversoria, e os resultados são bem conhecidos.

Concebendo eu pois todos aquelles receios, e vendo que a estada de S. Mag.[de] em Braga só produzia a sua separação da Capital, e outras consequencias que não são para serem tratadas neste logar propuz em Conselho de Ministros que se dirigisse a S. Mag.[de] uma Representação que o Conselho assignou todo em data de 9 de Fev.[o] do seguinte anno de 33, isto he 4 mezes e meio antes do desastre da Capital pelo qual o Governo alliviando a sua responsabilid.[e] fizesse conhecer os perigos em que se estava tanto na mesma Capital como no resto do Reyno pela inactivid.[e] das operações sobre o Porto e outras Causas.

Para que se veja com quanta previdencia isto foi feito transcreverei daquelle importante Papel os seg.[tes] §.[os]

«*Os Ministros de V. Mag.[de] faltarião comtudo ao que devem a Deos,*
«*a V. Mag.[de] e á Nação se deixassem de levar em quanto he tempo, e*
«*como hum tributo da sua fidelid.[e] á Presença de V. Mag.[de] a convicção*
«*intima em que estão p.[r] m.[tas] razões, e factos que são obvios, do risco, e*
«*perigo imminente em que acha a causa de V. Mag.[de] que he a da Na-*
«*ção inteira, e a da Monarchia, e liberd.[e] Portugueza.*

Em outro §.[o] daquella Representação mui de proposito escrevi o seg.[te].

«*Considerão* (os m.[mos] Ministros) *por outra parte* (note-se) *que esta*
«*pasmosa tranquilidade da Capital durante a auzencia de V. Mag.[de] he*
«*tambem devida á força da attenção da maioria da opinião* pelos resul-
«tados das operações do Exercito de V. Mag.[de] contra o inimigo, mas
«Senhor, á inactivid.[e] das operações do mesmo Exercito, e a fatal per-
«manencia dos Rebeldes no Territorio há 7 mezes vae produzindo os
«mais funestos resultados seja considerando-se o Estado do Reyno, seja
«considerando-se as Relações Externas d'elle, *os quaes hão de precisam.[te]*
«*ter uma influencia decisiva nesta Capital que V. Mag.[de] se dignou Con-*
«*fiar aos nossos Cuidados.*

Em tudo o que deixo referido se verá que previ m.[tos] mezes antes os acontecimentos, que busquei todos os meios de que se evitassem, e q̃ El-Rey se penetrasse, e as Pessoas que estavão junto delle em posição official como o Conde de S. L.[ço], e o Duque de Lafoens da enormid.[e] do perigo em que se achava não só a causa d'El-Rey mas tambem a Capital.

Emquanto El-Rey existio em Lisboa seguio-se militarm.[te] o plano de conservar nesta cidade uma forte, e optima Divisão, e outra nas suas immediações, não havião razões capazes de persuadirem durante aquelle tempo que m.[tos] d'aquelles Corpos marchassem p.[a] o Exercito do Norte p.[a] acabarem a guerra reforçando as 2.[as] Divisões que se achavão em operações, mas apenas El-Rey partio não só marchou mais uma Divisão, mas se mandou tirar mais de 5ɱ homens da Capital ficando a 1.[a] Divisão que devia defender Lisboa e cobrir as suas extensas Linhas que

dantes a compunha de perto de 11:000 homens d'excellente tropa reduzida a 3:000 e tantos, e a guarnição da Capital que se compunha de má tropa, excepto a Policia de 6:000 homens que era, reduzida a pouco mais de 2:000 homens comprehendendo a Policia.

Logo que se formou em Inglaterra a Expedição de Napier o Duque representou contra a sahida de mais Tropa da Capital, e depois que ella se verificou no Algarve o mesmo Duque dirigio uma Representação pedindo mais 4:000 de boa Tropa sem cujo auxilio, e de um general capaz de Commandar a força armada não podia reputar a Capital em estado de se defender, sendo todavia obrigado a destacar da mesma pouca força que tinha uma Brigada, p.ª soccorrer, e reforçar o Visconde de Mollelos cobrindo assim Lisboa tanto quanto era possivel. Ponderou-se que toda a attenção se devia derigir então p.ª as operações do Sul do Reyno, mas a unica resposta que tive, e do modo mais terminante em off.º do chefe do Estado Maior foi de que nenhuma Tropa se podia destacar p.ª Lisboa, que a unica que tinha marchado debaixo do commando de Taborda p.ª o Alemtejo que se compunha de pouco mais de 1:000 homens era tudo de que se podia dispôr.

Os perigos pois da Capital, e os da Expedição do inemigo ao Algarve erão alli tratados como objectos mui secundarios, ao mesmo tempo que nem se tratava de uma centralisação da direcção das operações militares contra o Porto, nem se tinhão aproveitado as favoraveis occasiões para terminar o conflicto por meios Diplomaticos.

As illusões chegarão a ponto que o falecido Conde da Bahia me referio em Coimbra que elle vira que a perda da Capital fôra tratada com a maior indifferença, que 8 dias se perderão sem tomar uma só deliberação. Que havião opiniões de pessoas muito influentes que a Cap.al se devia abandonar, e nada tentar p.ª recuperala, que bastava que El-Rey fosse Senhor das Provincias do Norte para ser Soberano de Portugal & &!

Não forão só aquelles riscos da perda da Capital que me obrigarão a propôr no Conselho de Ministros a assignatura d'aquella Representação de 9 de Fev.º, forão tambem os do Estado interno do Reyno.

Aquelle Estado alli se acha pintado com as côres mais negras e sombrias, e ao mesmo tempo as mais exactas e veridicas.

O seguinte § o mostra a toda a evidencia =

«Se se considerar o estado interno do Reyno, a falta de recursos do «Estado tem chegado a hum apuro quasi desesperado. A divida a toda a «classe d'Empregados não ha exemplo de ter sido nunca tão extraordina-«ria, a que se deve ao Exercito, e m.mo áquelle que está em armas com-«batendo he igualm.te forte, e assustadora, e sem immediato, e prompto «meio de a satisfazer. Os viveres p.ª esse mesmo Exercito começão a fal-«tar, e os meios para os haver, sendo p.ª recear que em pouco tempo haja «mais fome no Exercito Sitiador, do que no Exercito Sitiado, que rece-«be viveres, e auxilios apesar das Batarias do Sul do Doiro. He pois «evid.e o perigo pelo menos neste estado de occorrer algum acto d'insu-«bordinação, ou a aniquilação, e deserção de um Exercito bravissimo e fiel, «se a Sabodoria, e fermeza de V. Mag.de se não Dignar tomar aquellas «medidas que julgar opportunas para o remediar.

«O Reyno está assolado, os Povos derão quanto tinhão, e estão po-«brissimos, e desconfiados de que são inuteis os seus sacrificios.

«Sendo pois este desgraçadam.te o Estado interno em que nos achamos, «a influencia que este exerce no Estado externo, he igualm.te perigosissi-«ma e assustadora!»

Esta linguagem era bem pouco cortezã e talvez poucos Ministros d'Estado a tenha fallado assim tão franca aos Soberanos.

Não se limitou esta Representação só ao Estado *interno* — tratou tambem do *Externo* de um modo igualmente vigorosa, e previdente=Como se vê no seg.te §.

«As Potencias Monarquicas do Continente tendo visto por uma parte «a iniquidade com que Portugal tem sido tratado pela Revolução, e pela «França, e Inglaterra, e pela outra a coragem, bravura, e soffrimento da «Nação Portugueza, na heroica resistencia que tem offerecido a todos os «elementos poderosissimos dos seus inemigos, accordarão (segundo pare-«ce) (1) do lethargo em que tinhão estado ácerca do verdadeiro estado mo-«ral de Portugal, e conceberão que este Reyno era aquelle onde os prin-«cipios da Ordem Social, e da conservação dos principios Monarchicos «existião na Sua pureza, e em toda a sua força, parece terem concebido «quanto lhe seria vantajoso contar com esta alavanca para a salvação da «Peninsula, e da Europa, e promoverem moralm.te o triumpho de V. «Mag.de. =

«Taes forão as esperanças que as Grandes Cortes Conceberão com «as primeiras noticias dos primeiros Combates, e do Estado desesperado «dos Rebeldes, mas hoje vendo-os permanecer no Territorio ha 7 mezes, «vendo-os fortificados, vendo a inactividade das operações... huma ex-«pressão de pasmo e de inquietação geral sahe constantem.te de todos os «Gabinetes. Chegão m.mo a expressar a impossibilidade de conceberem «como uma Nação inteira com um Exercito bravissimo não tem força «para destruir, e arrojar do Seu Territorio 10 ou 12$ homens parte dos «quaes longe de serem soldados disciplinados, são a escoria da Supera-«bundancia das classes indigentes dos outros Paizes.

«As duas Grandes Potencias nossas inemigas aproveitando-se destas «circumstancias, e estado, empregão todos os seus recursos de Su-«borno, da imprensa periodica, da Diplomacia e m.mo da intervenção para «desvairarem não só cada vez mais a opinião publica da Europa sobre o

---

(1) Introduzi mui de proposito esta p.te naquelle importante Papel p.a que a todo o tempo se Soubesse que do m.mo modo que sempre communiquei a El-Rey tudo quanto os seus Agentes nas Cortes Estrang.ras Escrevião p.r mais desabrido e desagradavel que fosse constasse tambem que aos meus collegas, e nos Conselhos de Ministros tratei sempre de lhes fazer vêr a verdadeira Situação das cousas de Portugal. As numerosissimas memorias analyticas da Politica das diversas Potencias da Europa ácerca da Questão Portugueza que p.r m.tas vezes escrevi, e de q̃ fiz leitura de m.tas a El-Rey provão que me não illudi nunca e que tratei de fazer sempre ver as cousas como na realid.e erão, e não como a impaciencia de uns, a ignorancia crassissima de outros, e a illusão de quasi todos, julgavão.

A maior parte destas Memorias ficarão no meu Gab.e em Lisboa, todavia ainda conservo algumas com as suas datas que provão o que deixei referido do modo mais evidente.

«verdad.ro Estado das cousas em Portugal, mas para persuadirem os ou«tros Gabinetes de que a *força e a probabilidade*, está da parte dos nos«sos inimigos, e de fazerem com Sofisma o argumento de que não temos «meios de os expulsar do Territorio nem de os vencer.

«Esta é a lingoagem official dos Agentes Inglezes, e Francezes em «todas as Cortes.

Com a mesma previdencia, e m.to tempo antes da vinda dos Principes Hespanhos para este Reyno, introduzi o seguinte §.

«Alem destas considerações externas, accresce outra que m.to cuidado «inspira ao Conselho de Ministros de V. Mag.de qual he a do Estado em «que se encontra o Reyno visinho.

«*Se a Revolução progredir naquelle Paiz, se a guerra civil se desen«volver em Hespanha com a maior força, se a emigração continuar para «estes Reynos e o Primeiro Minist.ro que hoje está á testa dos Negocios «d'aquella Monarquia, for derrubado ou pelas commoções internas, ou «pelas intrigas externas* (1) *a nossa situação se aggravará a ponto que se«rão incalculaveis as desastrosas complicações, e riscos a que ficaremos «Expostos*».

Nesta representação do Conselho de Ministros não só se apresentou a El-Rey em côres verdadeiras o Estado interno, e externo do Reyno naquelle ponto que só podia caber em os curtos limites de um tal Papel, mas tambem mui respeitosamente se lhe deixava entrever que a Sua residencia fora da Capital por tão longo tempo sem effeito, causava o maior risco á Capital, e ao Reyno.

Com o proposito de o fazer assim vêr a S. Mag.de introduzi além dos 1.os §os citados o ultimo concebido nos seguintes termos.

«A vida Nacional que se desenvolveo com a heroica resolução de V. «Mag.de de imitar o glorioso Rey o Senhor D. João 1.º de visitar os seus «Povos das Provincias do Norte e de passar ás fileiras do seu bravo «Exercito, será sem duvida aproveitada e nós teremos o inexprimivel

(1) Os factos posteriores provarão aquella previdencia com que se fez presente a El-Rey m.tos mezes antes os perigos delles. A guerra civil progredio em Hesp.a, a emigração dos Carlistas p.a este Reyno augmentou as difficuldades da nossa posição relativa, seguio-se a vinda do S.r D. Carlos, e as importantes e desabridas reclamações do Gov.o de Madrid a respeito deste Principe, a morte d'El-Rey cath.o q̃ collocou a situação de cousas, e das relações da Hespanha comnosco na mais perigosa situação, que finalm.te a Hespanha mandou retirar a sua Legação e sahir d'Hesp.a a nossa, ficando suspensas as relações Diplomaticas entre os dous Paizes p.r cujo restabelecimento se tinha tido tanto trabalho desde de 28 athe 8.bro de 29 por uma Negociação importantissima, perdeo El-Rey o seu melhor Amigo, e Sustentaculo, seguindo-se logo de incursões de Tropas Hespanholas em a nossa Fronteira que produzirão a perda da importante Praça de Marvão, e afinal o que não tinha podido conseguir a habilid.e e violencia de Sir Strafford Canning em um anno antes o obtiverão as intrigas contra Zea em grande parte preparadas pelo que se fez em Portugal, e pelo modo p.r que forão conduzidos os Negocios com o Seu Representante, sendo derrubado aquelle Ministro, e cahir com elle o seu systhema relativo a Portugal, p.r cujo Paiz elle se interessava no mais eminente grau como ainda o havia demonstrado ja depois da suspensão das Relações Diplomaticas em o negocio da Mediação no Desp.o em que ella foi proposta.

Esse gravissimo negocio será tratado nestas Memorias em o logar opportuno.

«prazer de ver V. Mag.[de] triumphante, e a Nação independ.[e] e livre de «seus inimigos (1).

O Conselho de Ministros pedia finalm.[te] que Tomasse aquellas medidas Militares que lhe parecessem opportunas.

Pareceo que este Papel era de natureza a não ser Extenço, que devia limitar-se a um Quadro onde se tocasse em geral no Estado *interno* e *externo*, com as côres sombrias, e verdadeiras e ao m.[mo] tempo em que nos alliviassemos do pezo da responsabilid.[e] das occorrencias.

Entretanto apesar de tudo isto, a residencia em Braga continuou por m.[tos] mezes e no Exercito. Não havia meio fosse qualquer que fosse a causa de fazer voltar S. Mag.[de] á Capital. Talvez isto procedesse da constante, e illusoria esperança em que alli se estava de que o Porto cahiria em breve ou pelos nossos attaques, ou entregando-se!

Com estas, e outras esperanças assim se espaçou a volta d'El-Rey.

Aquella Representação do Conselho de Ministros pareceo em parte ter produzido algum effeito no animo d'El-Rey quanto aos assumptos Militares porque por via dos Duques de Cadaval e Lafoens mandou convidar Secretamente o Marechal Bourmont para entrar ao Seu Serviço com todos os officiaes da Sua Escolha, e julgou conveniente tirar o commando logo ao Visconde de S.[ta] Martha que ali estava mui intrigado, e compromettido; demissão que produzio em Inglaterra, e em toda a Europa uma sensação desfavoravel á causa d'El-Rey, p.[r] que era reputado como General valeroso, e intelligente, e como professando principios politicos moderados, tendo lhe dado bastante credito as suas transações com o Command.[te] das Forças Navaes Inglezas no Doiro Glaschoc, e com o Consul de Inglaterra Sorell que mandei publicar nas Folhas Inglezas e algumas das quaes forão tambem publicadas na Gazeta de Lisboa.

Em outro logar destas Memorias tratarei mais de espaço do Conde de Bourmont, limitar-me-hei agora a dizer que o regreço d'El-Rey p.[a] a Capital como aconselhava o Ministro de Hespanha nesta occasião eu o não pude conseguir e que eu estava persuadido firmemente que ainda que S. Mag.[de] viesse, aquelle Ministro longe de ganhar influencia, antes perderia essa tal, e qual que tinha por minha via, estando longe. Estando El-Rey conjunctamente com os Principes Hespanhoes aquella influencia de Cordova era impossivel.

Elle teve uma prova na sua hida da 1.[a] vez a Coimbra quando El-Rey lá se achava, que S. Mag.[de] para evitar o avistar-se com elle, partio p.[a] o Exercito assim que soube que elle o procurava para ter uma entrevista com a Sua Augusta Pessoa.

No mez d'Abril e nos principios de Maio trabalhou Cordova quanto poude para que El-Rey mudasse parcialmente o Ministerio fazendo-me chefe da nova Administração pelos motivos que já indiquei em outra parte destas Memorias.

Para este effeito combinou-se precedentemente com Lord Russell para ter o assentimento da Inglaterra.

---

(1) Vid. Doc. N.º in fine.

Logo que teve respostas formaes do Sobred.º Lord dirigio Cordova ao seu Gov.º um Despacho no qual referia todas estas circumstancias, e no qual dizia que Lord Russell se explicava que o seu Gov.º me considerava exactamente como elle mesmo Lord Russell me considerava e tinha dito expressando-se, *Santarem es un Sujeto de muchos conoscimentos y mui moderado en Sus principios*, e por tanto que a Inglaterra longe de se oppor antes achava optima e opportuna combinação.

Para levar este negocio ao resultado que desejava Escreveo uma longa Carta a El-Rey (que eu evitei que elle enviasse) na qual com as cores mais vivas, e em uma lingoagem mais do que energica lhe pintava tanto o Estado interno, como os perigos Externos, e a grande crise em que se achava a Sua Causa. Passava a attribuir isto á falta de homens no Governo capazes de dirigirem a Náo do Estado no meio de tão procellozas tempestades, descia a analysar actos de algumas Repartições, pintava por uma parte a impopularidade d'alguns dos Ministros, e pela outra o cahos da Administração, podendo dizer-se que não existia um Governo.

Mostrava que não só era uma tal monstruosid.ᵉ contraria aos interesses de Portugal, mas que era a causa mais influente no animo do Ministerio Inglez e na desconfiança que inspirava a toda a Europa, e em summo grão consequente para a Hespanha pela ameaça constantemente da mais eminente guerra civil &c.

Antes de dar este passo Communicou-me a Sua resolução, e fez-me leitura da Minuta da Carta, leitura que me constou elle tinha feito tambem ao Barão d'Haber, e a outras Pessoas, e em seguida teve uma larga explicação comigo.

Aconteceo que na vespera d'elle me ter feito aquella leitura o Nuncio Apostolico Cardeal Justiniani me havia escripto uma longa Carta na qual deplorando o estado das cousas no Reyno, e a crise em que tudo se achava, me exortava a que fallasse a El-Rey franca e abertamente na Situação em que estavamos.

O Nuncio reflectia com amarga Censura na necessid.ᵉ de S. Mag.ᵈᵉ separar da influencia nos negocios homens ignorantes, máos, e obscuros que não pertencião ao Ministerio, e que tudo combatião, paralysavão ou destruião. Finalmente indicando que so eu, e o Duque de Cadaval podiamos elevar uma voz energica ao Throno p.ª se remediarem estes males, terminava =

«*Je suis fort à ecrire cela même au Roy, et vous pouvais en faire l'usage* «*que vous voudrais de cette lettre* (¹).

Logo que li aquella Carta do Nuncio persuadi-me que era sem duvida escripta p.ʳ inflencia de Cordova, mas não aconteceo assim, era inteiram.ᵗᵉ exulada.

Entretanto para evitar as complicações que Cordova experimentaria dando exuladamen.ᵗᵉ aquelle passo e o compremettimento que me resul-

(¹) Esta carta original do Cardeal a remetti directamen.ᵗᵉ a El-Rey com carta m.ª tendo deixado copia no meu Gabinete extrahida p.r Castello Branco offi.ªˡ delle.

taria de lhe dar um pezo official com o meu impropriissimo acentimento, Suggeri a Cordova a idea de consultar sobre um negocio tão grave o Nuncio que alem de ser um Embaixador seu collega, era pessoa que se interessava pela causa d'El-Rey.

Com este meu arbitrio pareceo-me desviar de mim toda a responsabilidade das consequencias, ou Cordova, desse, ou não aquelle passo. Se o dava aparecia collectivo com o Nuncio e com Brent que o m.^mo^ Nuncio associou á conferencia, e El-Rey conheceria pela Carta que lhe tinha precedentemente enviado d'aquelle Embaixador que elle tinha tomado a iniciativa, e se o não dava (como não deo) p.^r^ se acordar com o Nuncio, e Brent em alguns pontos, não me podia elle, e seu Governo tarnar responsavel pelas consequencias p.^r^ isso que sendo-me relativa a principal parte d'aquella combinação, ou antes d'aquella medida persuadir eu ao Ministro d'Hesp.^a^ que fizesse o que se costumava fazer em taes casos de se accordar com os Seus Collegas, era em todo o sentido opportuno para eu assim evitar a menor Sancção do projecto.

Sobre o que se passou nestas entrevistas de Cordova com o Nuncio, e sobre a politica do Cardeal acerca das cousas de Portugal tratarei em outra parte destas Memorias.

Estando pois este negocio nesta situáção recebeo Cordova mui largas novas, e importantissimas Instrucçõès da Sua Corte para se dirigir a El-Rey em qualq. p.^te^ do Reyno em que estivesse, e persuadir a S. Mag.^de^ em nome da Hesp.^a^ e da Europa para formar um Ministerio que eu lhe proposesse sendo eu nomeado Chefe delle. Ordenava-lhe Zea que não dissimulasse a El-Rey os perigos, em que se àchava & e dava poderes plenos a Cordova para obrar neste negocio tudo quanto entendesse.

Foi pois no m.^mo^ dia 29 de Maio da desabridissima conferencia que teve comigo aquelle Ministro de Hespanha pela sahida de Cintra da Familiá Real Hespanhola, que elle com a serie d'aquelles Despachos na mão me fez leitura integral delles exporbando-me nos termos mais fortes de que só me faria delles leitura confidencial para me provar do conceito que a Hesp.^a^ de mim fazia, e do quanto ella de mim esperava, mas que vendo os passos que se davão no mesmo momento em que eu recebia taes provas que exigião a maior gratidão, elle tomava sobre si desde já a suspensão das ditas Instrucções, não fazendo dellas uso algum, e dando parte á Sua Corte dos motivos, e da nova situação politica das cousas pela jornada dos Principes p.^r^ Coimbra, e da duplicidade com que tinha elle, e a Hesp.^a^ sido tratados

Em outra parte destas Memorias em referencia áquella entrevista, expendi como tinha podido de um certo modo acalmalo, levando-o a ponto de o convencer a que se não tratasse em Notas obrigatorias daquelle assumpto da hida dos Principes.

Entretanto o partido liberal e Lord Russell aproveitando-se habilmente desta occorrencia daquella dupplicid.^e^ practicada com elle o instigarão a proseguir do modo mais violento, e decisivo.

Deste arbitrio a consequencia era que se havia de precisam.^te^ seguir não só uma controversia em summo grão desagradavel em que eu seria, como fui, obrigado a sustentar o principio de que o Gov.^o^ nem

tomou, nem podia tomar parte alguma nos passos dados por Principes que existião no Territorio com permissão d'El-Rey cath.º &c. como já referi.

Que desta resultarião frieldades entre Cordova, e o Gov.º e posto que desta vez, elle não rompeo comigo as relacões amigaveis, comtudo a sua linguagem mudou depois do desastre de Lisboa segundo fui avisado, e parece que elle tivera em Coimbra no mez d'Agosto a principal parte nas intrigas poderosissimas que então se me fizerão para me derrubarem do Ministerio como direi em outra parte destas Memorias.

Retomando pois o fio destes acontecimentos devo referir aqui que Cordova depois das primeiras Conferencias comigo em 29 e 31 de Maio esteve mais de uma semana sem tratar directam.te neg.º algum comigo e só por meio da transação official. Passou-se pois o mez de Junho, e parte de Julho de 33 tanto nestas discussões como nas duas idas de Cordova a Coimbra, a communicar ao S.r D. Carlos as ordens que successivamente recebia da Sua Côrte o que me offerecia intervallos nestas desabridas e penosas circumstancias.

Instancias sobre instancias dirigio então aquelle Min.º ao S.r D. Carlos para effectuar a Sua viagem, mas S. A. se excusava debaixo de varias objecções que oppoz. Nisto se passou athe que a fatal Expedição diversoria de Napier, e a perda da Escuadra, e o comportamento das Tropas do Algarve, e Alemtejo produzirão a catastrophe da evacuação da Capital, como muitos mezes antes tinha sido p.r mim previsto.

Com a sahida da Tropa, o Gov.º desamparado da força sahio tambem, e poucos dias depois Cordova dirigindo-se a Coimbra, ahi fixou como todos nós a sua temporaria residencia =

Já em outra parte destas Memorias deixei referido que além da Representação do Conselho de Ministros de 9 de Fev.º, o Duque, e eu tinhamos representado p.r diversas vezes que se não tirasse Tropa de Lisboa, e que a não mandassem marchar p.r o Exercito, já referi a unica resposta que o m.mo Duque obteve do Chefe d'Estado Maior negando-lhe mais augmento de força na Capital e desenganando-o a este respeito.

Por outra parte emquanto isto se passava occorria a espantosa tenacidade de fazer sahir a Escuadra do Tejo commandada p.r officiaes Portuguezes alguns dos quaes estavão vendidos ao inimigo como já naquelle tempo era notorio, e hoje o tem o inemigo declarado athe nos seus Papeis officiaes.

O estado do Espirito da officialid.e e das Tripulações d'alguns Navios da Escuadra era tal que m.mo dentro do Porto estavão já em insurreição como aconteceo com a Fragata Cybelle no que informou o Min.º da Marinha em conferencia de Ministros.

Havia muitos annos que esta corporação tinha perdido não só a Escola que em tempo de Martinho de Mello, e nos primeiros tempos de Regencia do S.r D. João 6.º tinha tido, mas tambem todos os brios.

O Escandaloso facto de cobardia praticado p.r Rodrigo Lobo deixando á vista de uma Escuadra superior passar os Argelinos o Estreito, as perdas posteriores das Fragatas Minerva, e Urania, e outras occorrencias

de tal modo desmoralisarão a Marinha que se tinha tornado nulo e muito mais perigoso o emprego della em uma guerra de Sucessão e de opiniões politicas.

O que se tinha praticado no bloqueio da Ilha 3.ª mesmo por aquelles officiaes que gosavão da melhor reputação d'El-Rey, e do Seu Ministro mostrava palpavelmente que se devia lançar mão de outros elementos, para se obter um triumpho da causa de Portugal sobre o Mar, o que teria poupado os mais incalculaveis desastres á Nação inteira.

Se tivesse havido um bloqueio regular á Ilha 3.ª, e se se apresentasse em Mar a Escuadra que tinhamos bem commandada a Expedição inemiga não só não teria nunca vindo invadir o Reyno, mas nem m.^mo se poderia ter organisado.

Ao que se praticou por aquelle Ministerio e Repartição, e a estupida e presumptuosa vaidade do Conde de Basto deve o inemigo as principaes vantagens que obteve. Ao que se praticou na Marinha se deve a prolongação do Conflicto horroroso que tem assolado o Reyno, e que tem feito perecer pela peste, pela fome, pelo ferro dos Estrangeiros mais de um 3.º da população de Portugal, e que a tem assolado.

He aqui a meu ver o logar opportuno p.ª referir alguns precedentes sobre este importante assumpto.

Desde que se formarão em Inglaterra no anno 28 os primeiros Depositos de Emigrados e que o Batalhão 5 se insurgira em Angra formando-se naquella Ilha um Simulacro de Governo, só cabeças mediocres, e estupidas deixarião de antever a necessidade, e a urgencia 1.º de debelar um foco de reacção em um ponto que formava parte integrante da Monarchia que do modo mais formal tinha toda Acclamado. 2.º Que se isto se não fizesse promptamente a posição militar da Cidade d'Angra offereceria em pouco uma difficuldade insormontavel, tendo-a já offerecido na Restauração do Reyno em o Reynado do Sr D. João 4.º apesar de não estarem tão adiantados como hoje os diversos systhemas de fortificação. 3.ª Que se se não fizesse, não só mais de 3✠ homens que tinhão emigrado, commandados pelos melhores officiaes do Exercito que tinhão feito a guerra Peninsular, passarião a occupar, e defender aquelle ponto, aos quaes se aggregarião milhares de descontentes, de aliciados no Reyno pelos seus Agentes, e pelos Estrangeiros, e outros perseguidos, que tornarião cada dia mais formidavel aquella posição e difficultosa á sua recuperação. 4.ª Que se se não fizesse, aquelle ponto seria protegido pelos reforços de um poderosissimo partido Europeo, e daria logar a mil complicações politicas a sua duração em poder do inimigo.

Estas considerações, e outras que são obvias que então fiz as desenvolvi p.^r muitas vezes em Conselho de Ministros de que são testemunhas alguns dos actuaes Ministros que existem, e o Conde da Louzãa, e João de Mattos, sem embargo de que o Ministro da Repartição tudo occultava do Conselho como já referi em outra parte destas Memorias.

Milhares dellas as ponderei a El-Rey. Quando se preparou a Expedição p.ª para a Madeira todos virão a necessidade de se dirigir primeiro á 3.ª, entranto o Ministro da Marinha a fez dirigir á Madeira, e em 2.º logar á 3.ª acompanhada de uma Alçada, passo o mais antipolitico que se po-

dia imaginar, passo que poz na alternativa os insurgentes de preferirem antes morrer peleijando, do que em um Patibulo.

Tendo-me chegado em 3 de Janeiro de 29 uma serie de communicações, tanto de França, como d'Inglaterra e da Belgica (1) de que o inimigo já organisado hia fazer partir o casco do regimento 18, e todos os outros militares paraa Ilha 3.ª (2) referindo os officios em detalhe todas as circunstancias, e que hia Villa Flôr commandalos — passei logo a pedir hora ao Conde de Basto p.r lhe communicar aquelle interessante assumpto, e dar as providencias opportunas fazendo desde logo não só estabelecer um rigoroso Bloqueio á Ilha, mas tambem mandando algumas Embarcações observar os movimentos do inimigo nos Portos Estrangeiros.

Effectivamente no Dia 4 do seg.te Mez, e anno pela manhã me recebeo aquelle Ministro e lhe communiquei tudo fazendo-lhe leitura dos Deapachos, e mais communicações. Entretanto longe de lhe produzirem a menor sensação, bem como as muitas e poderosas observações que lhe fiz, Respondeo a tudo = *Eu cá tenho meios de dar cabo de d'elles...* A esta estupida falsidade acrescentou = *Deixe-se lá d'isso elles não valem nada, e não podem fazer nada.*

No primeiro Conselho de Ministros na 5.ª f.ª subsequente = Expuz em Conselho todo aquelle negocio. Fiz todas as ponderações, e tendo sido secundado p.r todos os meus Collegas = O Conde de Basto limitou se a proferir o inaudito absurdo = *Deixa-los hir. Tomara eu que fossem para lá todos que assim ficaremos livres delles!* Ao que lhe tornei: *então V. Ex.ª tem uma rede magica para apanhar todos aquelles Peixes?*

Redarguio elle = Já mandei estabelecer o Bloqueio. O official hé magnifico, e tudo se ha-de conseguir.

Ponderei logo os inconvenientes, irregularidades, e complicações que haveria com os Estrangeiros se se não declarasse publicamente o Estado de Bloqueio da Ilha, e se não fosse mantido p.r forças capazes de o fazer respeitar. Lembrei as questões precedentes que tinha havido com os Inglezes acerca do Bloqueio do Porto no anno antecedente (3), mas a es-

---

(1) El-Rey dos Paizes Baixos foi um dos Senhores q̃. mais protegeo o inemigo nos Seus Estados. Foi nos Seus Portos que elle recebeo os maiores, e mais efficazes auxilios. Entretanto apesar desta sua politica de transigencia, uma revolução no anno 3o o privou de uma das partes mais interessantes dos Seus Estados.

(2) Tanto Carlos X.º como os seus differentes Ministerios, e principalmente o famoso Hyde de Neuville então Min.º da Marinha derão os maiores auxilios aos nossos inemigos. Este Min.º tornou-se notavel na Questão Portugueza pelo seu espantoso Discurso na Camara dos Deputados, de que organinou um Folheto que dirigio com Cârtas Suas aos Soberanos do Norte.

(3) Logo que houve a Sublevação do Porto em Maio de 28 mandou-se bloquear a Barra daquella Cidade. Mas o m.mo Ministro conduzio este negocio de forma que nada se conseguio do tal Bloqueio p.r que alguns navios o romperão, e o Celebre Barco de [illegible] conduzindo os compromettidos. A irregularidade com que tambem o mandou estabelecer produzio logo uma seria, e terrivel controversia com Sartorius (que depois foi Almirante do inemigo) que então não só commandava a Fragata Ingleza Pyramus, mas tambem todas as forças navaes Britanicas das Costas de Portugal. Aquelle official protestou contra o bloqueio declarando não poder reconhece-lo

tupidez d'aquelle Ministro a tudo respondia = *he por ora conveniente que haja alli o bloqueio em segredo mas sem que se declare!!! A seu tempo se declarará!!* Para aqui ficar consignada a teima ignorantissima d'aquelle Ministro o Seguinte Documento o mostrará. Elle fez publicar no Supplemento da Gazeta de Lisboa de 27 de Fev.º seguinte do m.mo anno 29 o Aviso do theor seguinte =

P.ª Carlos May servindo de Major General d'Armada Real.

«*Tendo participado o chefe de Divisão Graduado d'Armada Real* «*Francisco Ignacio de Miranda Everard ter chegado em a Fragata* «*Diana do seu commando, e a Corveta Lealdade á Ilha Terceira para* «*sustentar o Bloqueio da mesma Ilha, em quanto soffre a violencia dos* «*facciosos recolhidos ao seu Castello: Ordena El-Rey & & que V. S.ª* «*pelo expediente da Majoria General immediatamente faça annunciar* «*na Praça o dito Bloqueio que debaixo dos principios do Direito Mari-* «*timo, universalmente reconhecido por todas as Nações, será mantido* «*por aquellas forças, e pelos que subsequentemente se teem destinado em* «*seu reforço. O que V. S.ª nesta conformid.e V. S.ª assim executará.* «*D.s G.de a V. S.ª Paço de Queluz em 27 de Fev.º de 1829 = Conde de* «*Basto* =

Alem da miseravel redacção deste Papel Official de tanta importancia da ambiguidade do sentido dos = *Facciosos recolhidos ao seu Castello* = *de Majoria General, de Bloqueio que será mantido por aquellas forças*, que o official participava e não o Gov.º *e pelas subsequentes que o havião de reforçar*. Alem deste tecido de desatinos, a principal irregularidade consistia no modo e na forma da publicação do Bloqueio.

Por ventura podia jamais o Commercio Estrangeiro considerar-se devidamente avisado pelo Major General?

As difficuldades que sobrevierão provavão que não. Aquelle annuncio devia ser feito pelo Ministro da Marinha á minha Repartição pelo que pertencia aos Neutros para se expedirem, e publicarem as circulares aos Consules Estrangeiros.

---

debaixo do pretexto de que não era mantido por forças sufficientes conforme os principios do Direito Maritimo, e Legislação dos Bloqueios. Intimou que passava em 24 horas a hir rompelo, e recheou os Seus officios de ameaças, e insolentes expressões. Nesta situação alem do que se passou entre mim e elle, e o Consul Matheus, na Conferencia que comigo tiverão, pude com uma Nota fortissima que lhe dirigi em resposta às delles evitar que o Bloqueio fosse desfeito como elle se propunha. Na m.ª Nota eu sustentei todos os principios do Direito Maritimo, e das Leis dos Bloqueios, e fundei o Direito eminente que tinhão todos os Governos de tomar todas as medidas de segurança, e de restrição nos pontos do seu Dominio Territorial, mostrei-lhe que sendo o uzo geral o reconhecimento dos Bloqueios Declarados mesmo a Portos Estrangeiros, muito mais eminente e Sagrado erão aquelles que se estabelecião no proprio dominio Territorial pelo Gov.º desse Paiz. Finalmente Protestava contra qualquer violação que elle fizesse destes principios, fazendo-o responsavel perante o seu m.mo Gov.º e perante a Europa no caso de quebrantar estes principios universalm.te reconhecidos e ainda havia pouco forão guardados p.ª com os Generaes d'America Hespanhola pela Inglaterra.

Logo que remetti tudo isto p.ª Inglaterra, o Gov.º Inglez reconheceo o bloqueio do Porto.

Toda esta transação existia no meu Gabinete, e na Secretaria d'Estado.

Os resultados de tantos desatinos, e da conducta d'Everard forão que o Bloqueio foi inteiramente nominal e feito de um modo tão escandaloso que bem se pode dizer que nunca existio aquella Ilha bloqueiada. Que importava que existisse naquelles Mares uma Esquadrilha Portugueza se a Ilha estava não so recebendo em plena segurança e na maior regularidade, e frequencia reforços, armamentos, e viveres, petrechos de guerra, generaes, e pessoas da maior notabilidade d'aquelle partido, mas o que he mais entretendo por Paquetes regulares seus, as Suas Communicações com a Inglaterra, e com a França e com os seus Agentes n'aquelles Reynos, hindo, e voltando a *Coquete* e a *Condessa de Chicherter* e outras, algumas occasiões mais de uma vez por mez!!!

Durante um tão largodenominado Bloqueio nem uma só Embarcação do inemigo com reforços, munições, nem viveres foi capturada pelas nossas Embarcações!

Aquelle official da confiança do Ministro da Marinha, e de certas camarilhas chegou a ponto a sua ignorancia que de uma vez esteve 80 dias sobre a vella e arribou a Lisboa sem ter visto a 3.ª!!!

Emquanto os Inglezes na Estação mais difficil, mais tempestuosa, naquella em que the então se julgava impossivel manterem-se as embarcações nos mares dos Açores, não só Walpole com a sua Esquadra alli esperou a Expedição commandada pelo General Saldanha mas consegio fazela retroceder, e impedindo assim o seu desembarque (1). Taes factos não admittem replica. Elles são notorios, e as suas consequencias demasiado publicas para deixarem de produzir a impressão que merecem em todos os homens sensatos de toda a Europa, e de todos os Partidos.

Entretanto a conducta d'aquelle official se por aquelle lado era tão escandalosa como se mostra, por outra ainda era se não mais consequente pelo menos iguimente reprehensivel e compromettente do decoro do Governo, e dos interesses Nacionaes

Os factos que ficão referidos provarão notoriamente a funesta incapacidade do Command.e do Bloqueio, e parte das consequencias materiaes contrarias a causa Nacional, os outros que se lhe seguirão forão em summo gráo tambem aggravantes, e terriveis.

Abandonando aquelle e os outros causadores o ponto bloqueado forão esperar ao Canal de S. Jorge, e áquelles mares os Navios que vinhão d'Africa, Azia e America para os capturarem debaixo de frivolos pretextos de que se dirigião a Terceira. Entre estes capturou Ererard não só hum Navio Inglez que vinha do Oceano Pacifico, mas o que he mais o Paquete Inglez S.ta Hellena que conduzia malas, e Despacho do Serviço Real d'Inglaterra das Indias Occidentaes para o Ministerio das Colonias, que vinha commandado por um official da Marinha R. Ingleza, que conduzia doentes militares, e servindo-se do pretexto de que era um Pirata, apezar de tudo quanto o command.e lhe mostrou para legalisar a sua

(1) Veja a [illegible] transacção sobre esta Expedição que se acha publicada nos Papeis [illegible] ao Parlamento, e parte nos Documentos do *Exposé des Droits*, [illegible] não [illegible].

Bandeira, tirou-lhe a Espada, e fêl-o prisioneiro prendendo-o no Porão da Fragata Diana do seu commando!!

Logo que aos Agentes Inglezes tanto em S. Miguel como em Lisboa constou deste procedimento tratarão de entabolar a mais rigorosa transacção, exigindo a entrega do Navio, da correspondencia, e a demissão de *Everard* pelo insulto feito á Bandeira Ingleza e pela deshumanidade praticada para com a Tripulação, e doentes d'aquelle Navio e attentado commettido contra o command.e

Esta transacção foi apresentada ao Parlamento Inglez e existe publica. Nos officios de Mackensi p.r o Governo Inglez elle mui francamente declara que vira em mim a maior indignação por um facto semilhante, e que eu cooperara com toda a efficacia para o remediar tanto na entrega do Navio, Prisioneiro, etc.

Esta transacção segundo me recordo começou em Agosto de 1830.

Com effeito estremeci quando o Duque de Cadaval então interinam.te encarregado da Pasta do Neg.os da Marinha em consequencia da enfermid.e do Conde de Basto, me remetteu (p.a eu mandar fazer entregar) varios caixotes com os sellos Reaes Inglezes, e a direcção ao Min.o das Colonias, e os saccos dos desp.os p.r o m.mo Ministro!!

Não tardei um instante em propôr, e exigir apezar das opposições que a isso encontrei que o sobred.o off.al fosse tirado do commando como principio de Satisfação á Inglaterra.

O Gov.o Inglez apenas lhe constou deste facto, e da captura irregular dos outros Navios Inglezes derigio a mais forte reclamação de satisfação e indeminidades ameaçando com represalias nas Ilhas se se lhes não dessem. Lord Abeneden se expressaua na mais severa linguagem.

Abstrahindo aqui as consequencias salientes d'este, e de outros factos de igual natureza tendentes a irritar a Inglaterra de que resultavão uma perpetua aglomeração de factos que por meio dos Jornaes Inglezes impopularisavão a causa de Portugal em Inglaterra, e davão grande força moral ao partido contrario.

Não praticou Everard só com os Navios Inglezes estas capturas irregulares, mas tambem com os Americanos. Nação com a qual deviamos não ter desabrimentos por m.tas razões obvias e principalmente q.do as tinhamos com a Inglaterra (1). O mesmo praticou com um Navio riquissimo Hespanhol que vinha d'Havana. Effectivamente este intitulado Bloqueio não só não preercheu o fim p.r que se tinha estabelecido, mas produzio-nos graves complicações com a Inglaterra, com a America, com a Hespanha, e athe com a Toscana, e resultou delle a seguinte perda a Portugal em effectivo além do mais que deixo referido.

Gasto feito com a fragata Diana, e Corveta de que tratou o Aviso do Min.o da Marinha de que tratei acima, desde 27 de Fev.o de 29 athe 27 de Fev.o, de 30, para manter o Bloqueio que não mantivera = Rs. 293:300.000.

Dos mezes que decorreram athe Agosto em que Everard voltou a

(1) Vid. a Exposição p.r mim feita em Conselho d'Estado a 9 d'Agosto de 1831 sobre as exigencias do Governo Americano.

Lisboa, Rs 4:000$000. Somma total da despeza deste ephemero bloqueio — Rs. 307:000$000 — perto de um milhão de Cruzados.

Indemnisação que Everard nos fez pagar á Inglaterra, e á America pelas presas indevidamente feitas, Rs. 100:000$000.

E além disso a entrega de varias das Embarcações apprazadas!!!... Tal é a resumida historia do denominado Bloqueio da Ilha 3.ª

Se o que deixo referido prova athe á ultima evidencia a incapacidade do Min.º daquella Repartição, as consequencias desastrosas que acarretou a Nação demonstram a ignorancia do celebre command.e do Bloqueio, e as perdas em dinheiro occasionadas com os gastos de manter aquelle armamento, e com as indemnisacões das Prezas, a enorme perda que a Nação exprimentou com a Expedição Maritima mandada contra a 3.ª depois de ja o inemigo estar fortificado, depois de ter augmentado o seu numero e recursos, subindo esta ultima despeza de armamento a 4 milhões de Cruzados que em tanto importava athé ao momento de dar á vella do Tejo para ser repellida em 11 d'Agosto de 29. Além d'esta perda em effectivo pelo malogro da expedição, se deverá calcular a despeza feita todo o tempo que esteve fóra do Tejo, e as munições.

MÉMOIRE

SUR LES PORTUGAIS QUI ONT ÉCRIT SUR L'AZIE ET SUR LES LANGUES ORIENTALES

PAR

Le vicomte DE SANTAREM

Membre de la Société Aziatique de France

PARIS

—

1835

Un Portugais fut le 1er voyageur qu'arriva de la Chine au Royaume de Laos en descendant le fleuve May-Kong, et en traversant un Lac. — Ce pays est aujourd'hui encore bien peu connu.

Vid. Malte-Brun, pag. 763, Tom. 9 — sur le royaume de Tonquin, le Laos, et l'Empire d'An-nam. Nous voyons que les Portugais ayant composée des Gramaires de la langue de le Pays devaient en avoir bien l'étudier.

Mr. E. Quatremère, dans son ouvrage Recherches critiques et historiques sur la Langue et la Litterature de l'Egypte ne cite un seul auteur Portugais.

Quoique quelques unes de ses ouvrages aient devenus, comme les Grammaires, des veritables raretés littéraires, comme dit Mr. de Remusat (Melanges Asiatiq. Tom. 1.° p. 348) toutefois la connaissance de son existence doit interessé tous les amis de la Litterature orientale.

En citant tant d'ouvrages sur l'orient je pourrais dire comme Mr. Brosset dans les Missions que les Papes envoyerent en Georgie que les Lettres des Missionnaires, avec tant de trésors dans les précieuses Archives de la Propagande [a].

Voltaire disait: «Nous avons vingt histoires de l'établissement des Portugais dans les Indes. Mais aucune ne nous à fait connaître les divers gouvernements de ce pays, ses religions, ses antiquités, les Brames, les disciples de Jean, les Guèbres, les Banians».

VIAGENS

Affonso Cerveira. Historia da Conquista dos Portuguezes na Costa d'Africa. Mss.

---

[a] Este periodo está evidentemente por concluir.

1 — Affonso de França, militar na India em 1540. Traduzio de Portuguez para chaldaico um Tratado do P.e Gonçalo Rodrigues sobre a verdade da Igreja Romana.

2 — D. Affonso Leam Barbuda.

Secretario do vice-Rey da India D. Luiz d'Athayde, e que faleceo em 1599 = existe delle

Diario das cousas notaveis que vio no Imperio de Monomotapa.

Os PP.es Telles e Franco servirão-se de bastante este trabalho.

3 — D. Fr. Aleixo de Menezes.

1.º Synodo Diocesano da Igreja, e Bispado d'Angamale. Foi impresso em Coimbra em 1606.

Missa de que usão os antigos christãos de S. Thomé — publicarão-se outras em Francez em Anvers no anno de 1609.

Historia Malabaricae, Romæ 1745. &c.

4 — Aleixo da Motta. Piloto.

Roteiro da Nevegação da India.

Publicou-se em Paris em 1664.

5 — Alexandre de Sousa Castello Branco.

Tragico successo do sitio de Mombaça. Mss.

6 — P.e Amador Rabello. M.e d'El-Rey D. Sebastião. f. em 1622.

Publicou em Lisboa alguns cap.os das cartas dos Portuguezes da India do anno de 1588.

Compendio d'algumas Cartas que vierão da India no anno de 1597. Lx.a, 1598.

7 — Amaro da Rocha. Secretario de Estado da India.

Amphitiatro Oriental. Mss. na Bibliot. R.

8 — André Bayano. «De Natalibus Homeri». Impresso em Londres, em 1640.

9 — André de Resende. Epitome rerun gestarum in India a Lusitanis. Imp. em Lovaine 1531.

10 — André de Teive. — Historia da India occidental, publicou-se em Veneza em 1584.

11 — Informação de Ceylão &c. Mss. por Antonio de Araujo.

Existe na Livraria do Marquez d'Abrantes em Lisboa.

12 — Breve tratado da victoria do morro de Chaul. Escreveo no fim do Seculo de 500 Antonio Barbosa.

Mss. do Marquez d'Abrantes.

13 — Antonio Boccarro, chronista geral da India, e successor de Diogo do Couto.

1.º Escreveo a Historia da India em 2 Tomos. Mss. do Conde de Vimioso, e existe no Escurial em Hespanha.

2.º — Da Reforma do Estado da India.

Mss. na collec. de Severim de Faria.

3.º — Livro das Plantas de todas as Fortalezas, cidades e Povoações do Estado da India.

Mss. da Livraria dos Duques de Cadaval.

14 — Antonio de Castilho. Commentario do Cerco de Goa e Chaul no anno de 1570. Imp. em Lx.a 1573.

15 — Fr. Antonio da Encarnação, que foi Provincial dos Domenicos em Armenia natural d'Evora, fal. em Lx.ª em 1665. Escreveo

1.º — Relações summarias d'alguns serviços que fizerão os Domenicos na India. Lx.ª 1635.

2.º — Relação do principio da christandade nas Ilhas de Solor.

3.º — Traducção das Constituições, da ordem, do Missal e Breviario em Armenio.

16 — Relações da India por Fr. Ant.º de St.º Estevão Domenico, Mss.

17 — Antonio Galvão G.ºr de Ternate, f. em 1557.

1.º — Tratado de varios e diversos cam.ºs p.r onde nos tempos passados a pimenta, e Especiaria veio da India ás nossas partes &c. Lisboa, imp. em 1563, e 1731.

2.º — Historia das Molucas. Mss.

Cit. por Barbosa.

18 — Fr. Antonio de Gouvea E. antes de 1628 em q̃ faleceo.

1.º — Relações da Persia e do Oriente. Lx.ª 1609.

19 — Fr. Antonio de S. Miguel. E. Jornada que fez em soccorro de Malaca Nuno Alvaro Botelho. Ms. em 4.º

20 — Fr. Antonio de Moraes, Superior dos Agostinhos da India.—E. *Memorias das Missões que a sua Provincia mandou á India* desde o anno de 1572 até 1630. Mss.

21 — Antonio Pinto P.ª. E. Historia da India no tempo do G.ºr D. Luiz d'Atayde. Impremio-se em Coimbra 1617, e deixou incompleta outra Hist. da India.

22 — Tratados da destruição de Jerusalem — p.r Fr. Antonio Rosado. Principio do seculo XVII.

23. — *Itinerario da sua jornada á Terra Sancta.* Fr. Ant.º Soares 1550 seculo 16.mo.

24 — Manual d'Epicteto traduzido do Grego em Portuguez no seculo XVI p.r D. Fr. Ant.º de Sousa. Foi imp. em Coimbra em 1594, em Lx.ª em 1595 e 1785.

25 — Pe Ant.º de Vasconcellos. Escreveo no fim do seculs XVII sobre o Japão nos annos 1558 e 1589.

26 — Huma serie de Cartas dos dois Jesuitas Missionarios no Japão. Escriptas daquelle Reyno por Balthezar da Costa e Balthezar Dias, todas do seculo XVII. Impressas em Evora em 1598, e Coimbra 1570. E em castilhano em Alcalá em 1575 e outra de Goa de 1560, 1561, 1562.

27 — Pe Balthezar Gago, Jesuita Missionario no Japão, f. em 1583. Escreveo portanto no seculo XVI. *Tratado da diferença entre a Ley de Christo e a do Japão.* Em Lingoa Japoneza.

6 Cartas sobre as suas Missões que forão impressas em varias collecções.

28 — Balthezar M.el Chaves *Annual-Indico-Historico* do Governo do Ge vice-Rey da India. Lx.ª 1754, em 4.º

29 — Balthezar Marinho. Relação da Expedição de Mombaça.

30 — Balthezar Telles. — Historia Geral da Etyopia Alta ou Preste João &c. Coimbra 1660, f. Foi publicado em Francez em Paris 1674.

31 — Fr. Belchior dos Anjos. Relação da jornada que fez á India D. Garcia da Sylva. Epoca dos Filippes.

32 — Belchior Vaz Frade. Itinerario de tudo que se passou desque sahio de Goa o Arcebispo D. Aleixo de Menezes.

33 — D. Balthezar Carneiro. 1.° Bispo do Japão (seculo xvi) in em 1583.

Duas Cartas que andão impressas nas suas collecções.

34 — P.e Belchior de Figueiredo n. de Goa. Missionario na India f. em 1607.

8 cartas sobre as suas Missões.

Imp. nas coll.

35 — Belchior de Moraes. Roteiro de Portugal p.a a India.

Mss. de Barbosa. Deve talvez encontrar-se nos Mss. da Coroa.

36 — P.e Belchior Nunes Barreto. 17 Cartas sobre a sua Missão na India. Escreveo no seculo 16 f. em 1571.

Muitas andão nas collecções.

37 — Bento de Goes. Jesuita. = Escreveo no seculo xvi — f. em 1607.

Escreveo — *Relação da sua viagem desde Goa athe descobrir o Catayo*. Mss.

3 cartas sobre a m.ma Jornada.

38 — Bento Morganti. Carta, e resposta sobre o uso das Sciencias na China. Lx.a 1755.

39 — Bento Vaz.

Roteiro de Malaca athe Sincapura, f. Mss. na Liv.a do Marq. de Cast.° Melhor.

40 — Bernardo Figueira. Durante a sua residencia em Paris traduzio em Francez as viagens de Fernão Mendes Pinto. Paris 1645. 4.°

41 — Diversas Cartas sobre a Missão da Etyopia por P.e Bernardo Nogueira — f. em 1653 — seculo xvii.

42 — El Lurero de Oriente. S. Francisco Xavier. Imp. em Coimbra 1656 por Bernardo de Pina e Mello.

43 — Informações da Viagem ás Serras do Malabar. Mss. p.r Fr. Braz de S.ta Maria. Seculo 18.

44 — *Commento exegetici Apocalypsim* do P.e Braz Viegas. Escreveo no seculo xvi — traduzido em Etyope por Affonso Mendes.

45 — Cartas annuaes do Japão. Anno de 1627 pelo P.e Christovão Freire.

46 — Arte Gramatical da Lingoa Canarim por Fr. Christovão de Jesus.

47 — Tratado sobre as Missões de Madure pelo B.° de Malaca, e Arcebispo de Goa fal. em 1622.

48 — Descripção dos Rios, Plantas, Portos do mar da Ilha de Ceylão. Mss. *no Escurial* p.r D. Constantino de Sá e Noronha que melitou na India. Escreveo no seculo 16.

49 — Informação do Estado da India (seculo xvii) prencio 1615 por Cosme de Lafeta.

50 — 1.° Fides, Religio, moresque Aetiopum sub imperio Preciosi Joannis, por Damião de Goes. Imp. em Anvers em 1611, em Paris em 1541, em Lovaina 1544.

2.° *Comment. rerum gestar un in India &.* Lovanii 1539.
3.° *De bello cambaio ultimo comment.* 4 vol. Lovanii 1549.

51 — Roteiro de Portugal p.ª India por Diogo Affonso, Piloto, Mss.— fol. Barbosa cit.

52 — Vocabullario da Lingoa Persa. Mss. 4.° por Fr. Diogo de S.ta Anna Bispo de Miliapor. E. nos seculos 16 e 17.

53 — Cartas Annuaes da China, anno de 1603 pelo jesuita Diogo Antunes.

54 — Diogo d'Azambuja. *Memoria do que viu pela India.* Mss. do Marq.z d'Abrantes.

55 — Diogo Botelho Pereira, Capitão de Cananor. E. *Carta de marear* e *Descripção da Fortaleza de Dio.*

56 — Feitos heroicos obrados na India por D. Fernando de Mendonça Furtado, por Diogo de Bragança.
Mss. na casa do Conde de Vimieiro.

57 — O jesuita Diogo de Carvalho Escreveo no fim do seculo XVI uma Carta Sobre a Sua Missão no Reyno de *Yesso.* Está impressa.

58 — Fr. Diogo de Castilho. E. um *Epitome da Historia dos Turcos e de seus Emperadores.* Imp. em Lovaina em 1538.

59 — Diogo do Couto. Chronista da Indiia não só Escreveu a continuação das Decadas de Barros, mas tambem as seg.tes obras sobre o Oriente.
1.° Epilogo da Hist. da India. Mss.
2.° Historia da Etyopia. Mss.
3.° Tratado das cousas que succederão a Vasco da Gama. Mss.
4.° De todos os tempos, e monções em que se navega para todas as partes do Oriente.

60 — Carta sobre os costumes dos indios, pelo jesuita D.° Jacome, f. em 1565, foi imp. em Italiano.

61 — Fr. Diogo de S. Miguel. Escreveo um pequeno Tratado sobre a India.
Mss. f. em 1664. Escreveo no seculo XVII.

62 — O jesuita Diogo Ribeiro, Missionario em Salsete, acrescentou a Gramatica da Lingoa Canarina do P.e Esteves.
Imp. na India em 1640. Elle Escreveo no prencio do seculo 17.
Deixou Mss. Vocablario da Lingoa Canarina. Cit. B.

Les seules ouvrages d'écrivains Portugais que le savant orientaliste Mr. de Remusat cite dans son ouvrage = Nouveaux Melanges Asiatiques.
C'est 1.° La Grammaire Japonaise du Pere Rodrigues.
2.° Fernam Méndes Pinto.
3.° Antonio d'Albuquerque.
NB. Il cite apeine ces deux = quand il parle de l'ouvra-

ge de Murrery qui existe dans la Librerie Anglaise de Denis, et d'ont j'ai fait des Extraits.

Dans le 2 vol.

Études Biographiques.

4.° Mentione seulement le nom du Pere Jeronimo Rodrigues, Jesuite Gouverneur de la Mission du Japon—en 1620 qui envoya le 1er Missionnaire dans le pays de Yeso.

5.° Agustinho Rodrigues, Franciscain qui est venu des Philippines avec des présens pour Taïkosama em 1594 deux ans avant l'arrivée de Jean Rodrigues.

6.° Le Pere Ignacio da Costa.

7.° Le voyageur Portugais Tomaz Pires.

XV SIÈCLE

Salcete dans l'Inde à possedé une imprimerie avant 1536. Vid. Mem. de l'Academicien Ribeiro dos Santos.

XVI SIÈCLE

Goa a eu son imprimerie et Amacusa au Japon, Macau en Chine *et Salcete près Goa.*

XVII SIÈCLE

Une autre à Goa. D.te a Macao, a Nangasachi au Japon, a Salsete, et les portugais avaient aussi dans le même siecle une Typographie à Canton, et une autre à Hiang-Xan dans la Chine.

MEMORANDUM

DAS MINHAS LEITURAS E OBSERVAÇÕES

PARIS

1835

TOMO 2.º

§ 1.º

Institut Historique

As cartas que o Instituto tem publicado de varios Portuguezes que lhe tem sido dirigidas, tem sido obrigados no Instituto a traduzilas do Portuguez (vide N.ºs do Jornal d'Agosto, e Septembro de 1834) entre outras 1 de Antonio Feliciano de Castilho, em quanto que a que publicarão estropiada em meu nome tirada da que dirigi a M.r Mielle, foi por mim originalmente escripta em Francez.

M.r le Marquis de S.te Croix, e M.r Mielle ambos membros deste Instituto disserão-me que seria impossivel que elle podesse continuar pela falta de fundos e o ultimo acrescentou que até muitos dos Membros não pagavão a cotisação annual!

O Marquez de S.te Croix referio-me que a M.r Michaud mesmo estropiarão um dos seus escriptos. Que elle desesperara, e obtivera reparação, mas que a um Italiano que tinha escripto uma carta ao Secretario, e que a inverterarão de forma, que elle recebera do Ministro dos Negocios Estrangeiros de Sardanha uma communicação em que lhe dizia que se admirava El-Rey m.to que elle escrevesse contra o seu Pays, e que perderia os seus bens, se se não retratasse. O Piemontez admirado conheceo então que lhe tinhão alterado a sua Carta.

A parte que alterarão do trabalho de M.r Michaud foi a dos cedros do Libano.

§ 2.

Academias e Sociedades Litterarias

Nas Academias, e Sociedades Litterarias Francezas toda a discussão, e mesmo manifestação de opiniões religiosas, e politicas he prohibida. Os homens de todos os partidos vivem perfeitamente unidos no interesse commum da Sciencia.

Entretanto em cada um destes Estabelecimentos há uma camarilha predominante que faz tudo, que tem toda a influencia, que em despeito da maioria faz por si mesma excepção nos Estatutos constitutivos, e que muitas vezes as affeições ou desaffeições dos partidos politicos se manifestão nos mesmos negocios litterarios.

No Instituto mesmo isto he palpavel, he confessado pelos mesmos Membros. M.r Mionnet e Lajard mo provarão do modo mais patente. Por exemplo na Academia das Inscripções, e Bellas Lettras, a opinião realista tem por chefe a influencia de M.r Raoul Rochette, e o liberal M.r Quatremere de Quency.

No Instituto Historico a influencia pelo menos na 2.a classe he a de M.r Julien de Paris [1], que foi Secretario de Robespierre, e a de M.r de Mont-glave [2] Secretario Perpetuo e fundador da Sociedade.

Estas camarilhas decidem tudo sem attenção aos mesmos Estatutos.

Esta influencia he tal que no Congreço Scientifico que ultimam.te se realisou em Toulouse (1834) se procedeo pelo modo que o Jornal *L'Echo du Monde Savant* no seu N.º 68 (17 Juillet 1835) diz o seg.te:

«En effet, personne ici n'etait spécialement chargé de preparer les «voies, si ce n'est cependant une commission dite permanente mais qui ne «sait aujourd'hui combien peut demeurer disoute [?] une commission Acade«mique? Il est vraiment pénible de voir qu'à Toulouse *comme dans les «petites villes,* il n'y a entre les hommes livrées á l'Etude que roideur, «discordance et envie, &. Enfin point de séance générale quotidienne où «l'on ait pu mentionner, et communiquer á tous les membres les travaux «journaliers de chaque spécialité et pour comble manifestation rendue fla«grante par l'illegalité de la nomination du Bureau générale, quatre «noms ayant été imprimés et répandus dans le salle avant le Scrutin.»

Em outra parte:

«A cette Liste dejá nombreuse d'omissions et d'abus, ajoutons encore «*l'impression d'un réglement avant qu'il fut adopté par l'Assemblée,* et le «defaut complet deso lemnité dans toutes les reunions, si ce n'est peut'être «dans la séance de la cloiture, honnorée de la présence de M.r M. Ampére, «et Naudet, membres de l'Institut, inspecteurs de l'Université.»

A Sociedade Franceza de Statistica Universal, e a Academia da Industria Franceza póde dizer-se que M.r Morau seu fundador faz por si só tudo sem se embaraçar com a pluralidade do Conselho e da Assemblea.

No Instituto mesmo as proguntas do Presidente á Assemblea são simples formulario muitas vezes, e dá por approvado e consentido tudo apenas o secretario o indica.

Em parte concorre tambem muito para isto a pouca attenção que os Membros em geral prestão ás leituras. Na 1.a sessão d'Academia das Inscripções a que assisti, a maior parte dos Membros não prestarão a menor attenção a uma Memoria bastante interessante que M.r Dureau de la Malle leo sobre antiguidades Carthaginezas. Em outras sessões muitos dos membros occupão-se durante as leituras, uns a corrigirem provas dos seus trabalhos, outros como vi a M.r Raynouard em mandarem buscar livros á Livraria, e a lerem. Em geral depois de 1 hora de sessão a maior parte larga os bancos e vão-se embora.

---

(1) Foi M.r Mielle que mo disse, e o Conde d'Alva disse-me que elle tinha sido companheiro de *Cassier* e seu intimo, e que com elle tinha tomado parte nas *nogades!*

Jornaes das Academias e Sociedades Scientificas em França

Todas as Sociedades Scientificas publicão um Jornal. He raro que estes jornaes se publiquem no mez a que pertencem. O do Instituto Historico anda 2 Mezes atrazado, o mesmo *Journal des Savants* anda atrazado quasi o mesmo tempo. Os da Sociedade Franceza de Statistica Universal, e Academia de Industria são mais regulares, o Journal da Sociedade Asiatica um mez.

Ferias Academicas, e das Sociedades Scientificas

Na bôa estação quasi tudo deixa de hir ás Academias. A maior parte dos Membros vão para o campo. A irregularidade nas transacções Academicas he tal que mesmo para a expedição dos Diplomas dos Membros residentes em Paris se passão 2 e 3 Mezes antes de se receberem!

§ 3

Catacombas de Paris

Em o N.º do Estaffete de 20 de julho de 1835 vem um excellente artigo sobre este singular monumento subterraneo. Elle offerece mil pençamentos profundos.

§ 4.º

Duelos das Senhoras

Em o N.º do Estaffete de 24 de julho de 1835 vem um artigo muito erudito, e curioso sobre os Duelos que tem havido entre senhoras. He extrahido da *Historia dos Duelos, de Fougeront de Champignelle.* Agora continuão a escrever contra os duelos. Euforneci um artigo sobre os duelos em Portugal, e as penalidades da Ordenação.

Vid. cartas que me escreveo Mr. Jullien de Paris, e Mr. Drague.

§ 5.º

Sociedade Asiatica de Paris

No dia 24 de julho de 1835 recebi a participação de ter sido nomeado socio, e me foi remettido o jornal desde janeiro.

Pelo jornal se vê o progresso que conhecimentos orientaes tem feito em França. Os nomes dos mais celebres orientalistas existem honrando esta sociedade como seus Membros.

Société des Naufrages et de l'Union des Nations

No dia 7 d'Agosto (1835) recebi a communicação dos Estatutos, e o catalogo dos Membros.

ElRey he o Protector.

E ultimamente o Diploma de Membro Presid.e. Escrevendo-me o Presid.e = *comme une marque de témoignage de vos grands talents.*

§ 6.º

Existencia dos Homens de Lettras em França

Para se formar uma ideia ainda que imperfeita da grande vantagem, da enorme consideração de que gozão os homens de lettras em França, e das grandes rendas que se podem fazer por esta carreira, basta abrir Buler na sua França Social, Politica, e Litteraria, na parte em que compara os vencimentos que percebem alguns Membros do Instituto com os que recebem os maiores sabios da Inglaterra.

Mas para avaliar isto melhor basta ver que Mr. de Lamartine tem 100✠ francos de renda. Mr. Scribe parece que tem 150✠, que Mr. Julle Janin vive como o mais opulento Aristocrata, e que a maior parte d'elles tem uma existencia a mais commoda e considerada.

Calcula-se que Mr. Chateaubriand tem ganho 2 milhões com as suas obras, e que a intitulada Duqueza d'Abrantes com os seus insignificantes Romances, e com as suas decantadas Memorias faz 24✠ francos por anno!

A proffissão dos homens de Lettras conduz a todos os Empregos, além d'isso Mr. Guizot e Mr. Thiers, que hoje estão no Ministerio, e outros ali tem subido por esta carreira, e por este unico titulo.

Para se ver a existencia domestica de m.tos destes homens celebres basta ler o galante Artigo publicado no Estaffete de 24 de julho de 1835 escripto por = *une contemporaine* no *Mercure de France.*

Os Periodicos Scientificos he outro meio de existencia. Agora 31 de julho de 1835 se vai publicar um sobre Espanha e Portugal = *La Peninsule. Tableau Pictoresque de l'Espagne et du Portugal,* par M.me la Duchesse d'Abrantes, et MMrs. Alexandre de Laborde, Charles Nodier, le Marquis que Curtine (am.te da Duqueza), Bory de S.t Vicent, P. Merinee, le Comte Alphord de Vigny, Viardot, J M. Mauny, Alexandre Dumas, S. *Penheiro*, Alexandre Duménil, Edward d'Anglemont, Jules Janin, Capetigne, Paul Lacroix, Bouchon, Fontenev, Morlet, Leon Gorlan, Bruker, Ferdinand Denis, Joan Floran, Montrol, Henrique Bethoud, Galbaccio, &, et Adrile Jubinal =

Subscripção N.º 1, Rue des Filles de S. Thomás.

Huma senhora muito ligada com a Duqueza d'Abrantes, C. de B., disse-me que ella além do seu actual am.te o Conde de Curtine, tinha em outro tempo merecido as affeições do Principe de Metternich. Em prova disto mostrou-me uma carta authografa do Principe Escripa á Duqueza em 1829 quando esta lhe escrevera dando-lhe os pezames pela morte da Princeza. A carta de Mr. de Metternich he perfeitamente Escripa. A Duqueza tinha-la confiando, e M.me de B. prometteo-me dar-me uma copia.

N.B. Sobre as pertensões que tem esta senhora a descender dos Cumenes Imperadores gregos — vid. pag. 35. [a]

§ 7.º

Omnibus

O numero dos omnibus do interior de Paris he de 256 pelas seguintes denominações:

54 — Omnibus..................	26 — Dames. Blanches.
20 — Tricycles.................	48 — Favorites.
22 — Orleanoises..............	14 — Deligentes.
24 — Beannaises................	18 — Citadines.
18 — Parisienses...............	6 — Ecossaises.
6 — Batignolaises.	

O seu producto no anno passado de 1834 foi de 11:000:000 fr. (Vid. Gallignani — de 25 de julho de 1835).

§ 8

Environs de Paris

Passeios que fiz no verão de 1835: —

1.º — Fontenay-aux-Roses.
2.º — Sceaux.
3.º — A la Valée aux Loups.
4.º — Aulnay-les-Bondy.

No dia 19 de julho fui com a interessante Condessa de Baunes a estes encantadores logares.

O dia estava bellissimo. O caminho apresentava-se inteiramente differente de todos os dos outros suburbios de Paris athé chegarmos a Fontenay-aux-Roses. Daqui em diante tem muitos pedaços parecidos com algumas partes de Portugal.

Fontenay-aux-Roses é uma villa que deriva o seu nome do grande numero de fontes, e de roseiras que tornão delicioso este logar. A villa he a 2.as legoas ao sul de Paris, situada em nm vale ao pé de uma montanha. Tem m.tas casas de campo lindas. A Igreja foi reedificada no fim do seculo XIII.

Deste logar passámos a Sceaux, onde entrámos na Igreja que he de optima architectura de gothico restaurado. Foi edificada em 1677 p.r Colbert, o qual alli erigio um magnifico chateau com um immenço Parque

[a] Corresponde á pag. 76 deste volume, § 10.

do desenho do Le Notre. O Parrocho estava cantando com m.^{tas} molheres do Povo.

Em Sceaux encommendámos o nosso jantar p.ª as 7 horas, e partimos para o *Valée-aux-Loups*, a 1 legoa de distancia.

O caminho he lindissimo. Vai-se sempre por entre arvoredos, Parques, e magnificas casas de campo, mais simples do que as de Inglateçra. Chega-mos p.r fim á casa gothica do Duque de Larochefaucauld que foi ultimamente de Mr. Sorthene de Larochefaucauld.

A casa na parte exterior representa um *chateau* todo gothico com porta, Terraços e ameas. Do lado do Parque tem um pyrystylo de colunas de marmore, e estatuas.

O Parque, as ruas, e o bosque são excellentes, e aprasiveis.

A casa compoem-se de pequenos Quartos mobilados, onde se encontrão os retratos de M.me de Staël, do Duque de Larochefaucauld e de Mr. de Chateaubriand que alli esteve retirado em 1810 e onde compoz algumas das suas obras immortaes, e alli concebeo o plano de outras.

A casa tem um magnifico Belvedére donde se avista até Paris. Está comtudo um pouco arruinada. Está para alugar por 6$ francos.

A' volta vimos entre os Bosques muitos jantares campestres de pessoas de bom tom, que tinhão hido em optimas carruagens.

Chegamos de volta a Sceaux ás 7 horas, e em quanto se servia o jantar fomos passear ao Parque que foi da Duqueza du Maine.

Quando na Valée-aux-Loups, eu apreciava a Condessa, disse-me ella com m.ta graça.

«*Est-ce-que cette belle nature ne vaut plus que les arbres ou perru*«*ques à Louis 14?*» que erão aquellas do parque de Sceaux!

Este parque foi comprado em 1700 pelo Duque de Maine filho de Louis 14 e de Mad.me Montespan, pela morte do qual passou para o poder do Duque de Panthiévre.

Pela revolução o Chateau e o Parque forão vendidos como bens nacionaes, e o Castello demolido.

Todos os Domingos de verão ha alli um baile campestre.

Depois desta digressão ao Parque voltámos a jantar, e ás 8 ½ fomos assistir ao Baile no Parque debaixo do famoso arvoredo. Estavão immensas senhoras. Muitas dançavão do lado opposto ás Grisettes, e paysanas.

Entre as grisettes havia uma cheia de graça, que dansava como uma dançarina.

A condessa durante todo este tempo fez reflexões m.to interessantes sobre o tempo de Luiz 14 e de Luiz 15, sobre M.me du Maine &c. Na igreja li um epitaphio que começa: «*Ci git le corps de Pierre Courtoi Garde à cheval des plaisirs du roi &c.*»

Passamos por Bourg-la-Reine a 2 leguas de Paris na estrada de Orleans. Durante a revolução foi chamado — Bourg Egalité. Ali existe a casa, e o parque edificada p.r Henrique IV para a bella Gabriella de Strées, e o quarto existe no mesmo estado em que estava quando ella o occupava. Foi alli que Luiz 15 recebeu a Infanta d'Hespanha em 1722. Actualmente serve de escola de Meninas!

Estivemos tambem em *Aulnay les Boudy*, que fica alem de *Vallée-aux-Loups*, e a 3 legoas e 1/2 de Paris, e que é lindo pelas immensas casas de campo e bosques.

A *Vallée-aux-Loups* servio d'assumpto a um romance de La Pouche que acaba de se publicar.

§ 9

Meudon

No dia 25 de julho (1835) parto de Paris com a condessa de Baunes para Meudon.

Sahimos pela barreira do Vangirard e passamos pelo famoso, e historico Parque, e chateau d'Irsy que pretendem que deriva o seu nome de um antigo templo dedicado a Iris. Fica a 1 legoa de Paris. Em uma altura opposta á Igreja fica um Edificio gothico chamado *casa de Childebert* onde parece que os Reis da 1.ª Raça tinhão um Palacio.

Nesta villa se representou pela primeira vez em 1659 a 1.ª opera Franceza Pastoral intitulada *Issé*.

Foi neste logar que em 1695 houverão as conferencias presidîdas por Bossuet para examinar as doctrinas de algus Livros publicados p.r Fenelon que tinham sido condemnados. Alli me recordei que o celebre Cardeal de Fleury succumbira no anno de 1743 na casa de campo que tinha edificado.

Passamos de lá a *Meudon* que fica a duas legoas de Paris ao Sud Weste. Héume Pequena villa, mas lindissima entre arvoredos soberbos.

Ali vimos um Paque, Jardins, e lagos, e Bosques magnificos que pertence ao general Jaqueminot, e outro Pavilhão que pertence a um Livreiro. Meudon he principalmente notavel pelo Parque, e chatean comprado pela viuva do Marquez de Louvois Ministro de Luiz IV, o qual deo esta propried.e ao Delphim seu Filho.

Entra-se p.r uma grande *avenue* no fim da qual está um magnifico terraço de 260 Jardas de comprido o qual foi levantado em 1660 p.r Henrique de Lorraine filho do Duque de Guise. O Parque, e os jardins são do desenho do Le Nôtre. Luiz 15 habitou muitos vezes este chatean e em 1789 alli morreo o Delphin na edade de 7 annos.

O antigo chateau foi arruinado pela revolução, mas Bonaparte restaurou-o no seu antigo esplendor. Em 1814 Luiz 18 annexou-o aos Dominios da corôa.

A vista dos terraços he a mais linda possivel, he muito superior a do Terraço de S.to Cloud.

Nas faldas da montanha existem as celebres carreiras de pedra chamadas de *Moulineux*, as quaes offerecem um subterraneo de muitos centos de pés de baixo da Montanha, e este é sustentado por enormes pilares. — Esta pedra he chamada *blauc de Meudon*.

Depois de termos visto tudo, fomos a *Belle-vue* sobre a montanha junto a Meudon no caminho de *Sevres*. A posição he deliciosa. A construcção das casas de campo com *grilles* e Parques, he no gosto inglez.

Do terraço a vista de Paris e das sinuosidades do Senna pelo espaço de m.[tas] leguas he deliciosa.

Neste logar no cume da montanha existio um Palacio edificado por M.[me] de Pompadour, o qual foi destruido pela revolução. Aqui há durante os verões um dos melhores Bailes campestres.

De lá seguimos com a caleche aberta o caminho de Sevre pela margem do Senna, e Parque de S.[t] Cloud onde chegamos ás 8 ½. Jantamos no Restaurador Legisel à la grille du Parc, onde eu tinha jantado á 15 annos e partimos de S.[t] Cloud para Paris pelo caminho d'Auteil as 10 da noite. Estivemos de tal modo entertidos em vêr tudo isto, e com as interessantes reflexões que a Condessa fazia, e com as que tambem me occorrião que não podemos ler uma pagina dos volumes de Racine que levavamos da Livraria da Condessa.

Ella tinha escolhido p.[a] lêr Ephigenie, e eu, Andromache.

§ 10

Duqueza d'Abrantes

Madame de Baunes dice-me que a Duqueza d'Abrantes que era descendente dos Comenes Imperadores gregos do Baixo Imperio, que ella tinha obtido dos Tribunaes o reconhecimento desta Genealogia. Objecteilhes que poderia ter uma Genealogia d'aquellas que certos officiosos fazião obter por pouco dinheiro. Que me parecia que os fundamentos historicos erão todos contra ella pela falta dos ramos descendentes dos Comenes. Que eu só me capacitaria vendo as provas.

Madame Junot

Encontrei esta Senhora em casa da Condessa de Baunes no dia 4 d'Ag.[to] de 1835. He uma senhora de espirito. Nunca casou apesar de a tratarem p.[r] Madame.

N.B. Vid. pag. 37 [a].

§ 11

Museo e Historia Natural

Cathalogo do numero de *Specimens* em 1833 — do Museo de Historia Natural:

Reino animal

1527 Especimens comprehendendo os animaes vivos, e empalhados.

---

[a] Corresponde á pag. seguinte deste volume, § 12.

Reino Vegetal

350$ plantas e 4$ especimens de madeiras, e fructos.

Reino Mineral

60$ Specimens.
562$

N.B. As acquisições addicionaes por anno calculão-se em 30$000.

§ 12

Madame Junot

Esta Senhora não só nunca quiz casar, mas foi muito tempo Irmã *da charidade*. Entretanto tem todas as graças de uma Franceza e o ar *d'une Grande Dame*, apezar da sua vocação religiosa no 1.º dia que a vi veio ella convidar Madame de Baunes para tomar o Papel de *Dame voilée* no Drama que hião representar no dia dos annos da May, a que devem assistir as notabilidades mascolinas, e femeninas scientificas entre outras M.e de Chateaubriand e M.e Recamier. Neste dia 4 d'Agosto de 1835 me mostrou a Condessa de Baunes um volume de cartas authographas de Junot escriptas á mulher tanto no tempo da Guerra de Hespanha, como da Campanha da Russia, e do tempo em que foi Governador das Provincias Ilirianas.

São na verdade excellentes. O estylo he admiravel, e sobre tudo de uma ternura, e de um romanesco extraordinario.

Escreve á m.er como o mais apaixonado homem escreveria á Sua amante. No fim do volume existem 2as escriptas a Bonaparte jà depois de ter endoidecido. Em uma diz-lhe que concebera um plano p.a que elle se fizesse Imperador de todo o Mundo, e depois delle seria o seg.do Potentado o Rey d'Inglaterra. Mas a extravagancia e a loucura não o deixou ver que tendo dado tudo a Napoleão nada ficava para a Inglaterra!

Nas escriptas da Russia mostra os horriveis trabalhos por que passarão, e sendo elle um dos principaes Generaes diz que não só não tem roupa para se cobrir, mas athé nem calçado já conservava!

Ora por isto se pode formar ideia do Estado a que o Exercito Francez se reduzio pela intemperia d'aquelle clima, e pelo plano dos Russos destruirem tudo, e todos os recursos.

Entretanto as illusões delle erão taes que antes d'entrarem em Moscou destruido ainda contava destruir a Russia!

Algumas destas cartas são m.mo muito interessantes como documentos historicos.

Madame de Baunes prevenio-me (8 d'Agosto 1835) que M.me Junot tinha gostado muito de me ver que lhe dicera que eu lhe tinha parecido um homem *á faire des grandes conquêtes*, e que muito desejaria que eu fosse a sua casa, que lhe perguntara se eu hiria, e que ella lhe respon-

dera que talvez em consequencia do que a Duqueza d'Abrantes tinha escripto nas suas Memorias, eu tivesse duvida nisso.

Madame de Baunes convidou-me em nome della para 2.ª fr.ª 10 d'Agosto dia dos annos da Duqueza p.ª hir vêla e que alli se juntavão as maiores Sumidades Litterarias.

Por esta occasião para me provar que a Duqueza descendia da Linha dos Cumenes Imperadores do Baixo Imperio entregou-me o seguinte Livro: *Precis-Historique de la Maison Imperiale des Comnenes où l'on trouve l'origine, les moeurs, et les usages des Mauriotes. Precedé d'une filiation directe et reconnue par Lettres-Patentes do Roi du mois d'Avril 1782 depuis David, dernier Empereur de Trébisonde juusqu'à Demetrius Comnene actuellement capitain de cavallerie en France et depuis officier general. Amsterolam.* 1784.

Este livro tinha-lhe confiado a Duqueza para mo mostrar.

A sua epigraphe é a seguinte:

Dannosa quid non imminuit dies?

E em torno das Armas.

Fama manet, Fortuna Periit.

Traz as cartas Patentes de Nobreze, e o resto do volume he uma apologia dos Comnenes Imperadores Gregos.

A Duqueza d'Abrantes dice a M.me de Baunes que desejaria muito ver-me e que esperava que eu fosse a sua casa todas as vezes que quizesse.

Soube por pessoa a quem a Duqueza o contou a seguinte anecdota:

Que Junot tinha sido amante da mulher de Murat quando ella era Rainha de Napoles, e que ella tinha immenços ciumes delle por gostar muito da m.er.

§ 13

Propriedades dos Grandes Senhores quasi sempre mal cultivadas

E' realmente digno de bastante attenção o que a historia nos refere ácerca do Estado de falta de cultura que em geral por quasi toda a parte se achavão sempre as Terras dos Grandes Senhores.

Este mal existente em Portugal, e de que tantas queixas e bem fundadas tenho ouvido fazer na minha vida, já era um mal que existia no Mundo Romano á muitos seculos.

Tacito Annaes. Lib. 12º Cap.º 53, Horatio, Lib. 2.º od 15, &c nos dizem que a Italia em outro tempo tão fertil, não podia depois da Batalha d'Actium nutrir os seus habitantes, porque uma parte estava occupada pelas casas de campo, e «pelos outros dominios dos Grandes *Sem-«pre mal cultivados!*

«A outra parte tinha sido *arrancada* aos antigos proprietarios, e ti-«nha sido a recompensa dos soldados que se tinhão successivamente «vendido a todos as Tyranias (vid. Virgilio). Estes homens transporta-

«dos em um Paiz em que ficarão preza (1) *não souberão formar* parte «delle, e despresarão a vida laboriosa dos campos.» (Tacito, Ann. Lib. 14) &.

Este Quadro todo nestes escriptores he magnifico e offerece-nos mil reflexões importantes.

§ 14

Sociedade Asiatica de França

Assisti pela 1.ª vez a uma sessão como Membro em a noite de 7 de Septembro de 1835.

A sessão demorou apenas uma hora. Estavão 18 Membros.

Entre elles conheci=o celebre Orientalista Burnouff, Eugenio, o Pay, Mr. Mohl, Mr. de Paravey que tem uma memoria sobre o anno solar de varios povos orientaes =

Não se leo tambem a Acta da Sessão anterior!

Apresentarão-se varias obras offerecidas e distribuio-se o elogio de Mr. de Eliézi feito pelo B.on Sylvestre de Sacy =

Eu fui nomeado Socio da Sociedade Asiatica de França ao m.mo tempo que o celebre orientalista=Lipsius.

§ 15

Sociedade Geographica de França

Esta Sociedade em consequencia da minha Memoria sobre Vespucio, nomeou-me Membro na sua sessão de 2 d'8br.º deste anno, e remetteo-me o Diploma que he assignado p.r Mr. de Barante como Presidente.

§ 16

Visita á Hermitage de João Jacques Rousseau

No dia 17 d'Agosto de 1835 fui com o Marquez de Taubaté vesitar a Hermitage deste celebre Philosopho.

Hum só Quarto se conserva no estado em que estava no seu tempo. Alli vi uma Meza pequena de páo tosco em que elle compoz parte da sua Julia. Vi as Taboas da cama em que elle dormia e a sua Thereza, igualmente toscas, e um Barometro.

O seu Busto, e no Jardim uma Estatua delle com versos em uma inscripção por M.me d'*Epinai*.

Esta romantica, e celebre habitação não he só notavel por ter sido a morada de Rousseau, mas pelo ter sido tambem do celebre Musico Grétry, do qual existe a pequena e velha Espinheta, em que elle compoz as suas primeiras peças.

---

(1) Appian. De bello civili.

No parque se encontrão 2 Monumentos levantados a Grétry, o seu Busto e um padrão sobre o letigio que houve entre os seus parentes, o Instituto, e m.tos Corps Savants, e os habitantes de Liège para possuirem o seu coração.

Quantas reflexões este culto dado em França aos homens celebres me suscitou a contemplação destes monumentos, comparado com o que acontece em o nosso Portugal!

As cavas de Veriato abandonadas, Camões, Affonso d'Albuquerque, D. João de Castro, e outros sem monumentos e sem lembrança!

Alli comprei um Poema com o titulo seguinte:

«*L'Hermitage de J. J. Rousseau et de Grétry, avec figures et notes* «*historiques* = *Dedié à Son Excellence Le Marquis de Marialva, Grand* «*Ecuyer de S. M. T. Fidèle, et son Ambassadeur près la Cour de* «*France.*»

He esta obra acompanhada das vistas de l'Hermitage e de um Facsimile de Rousseau. Esta circumstancia de ter encontrado um livro dedicado ao meu maior Amigo ainda mais augmentou o interesse que tomei em tal vesita.

Colhi varias folhas de uma Roseira plantada pelo celebre Philosopho.

§ 17

M. Lajard do Instituto

Vesitando-o no dia 18 d'Agosto communiquei-lhe que no Museo d'Evora creado pelo celebre Arceb.º Cenaculo havia entre outros monumentos, um Baixo Relevo Romano que segundo as noticias que tinha era do culto de Myttra, porque tinha um homem com o barrete phrygiano fazendo o sacrificio do Touro e com o manto de Estrellas.

Elle pedio-me m.to que fizesse deligencia de obter o desenho — mostrou-me o de data mais moderna onde se encontra este culto, e he um de Roma do anno 391 de J. C. nota que eu exigi por me parecer que tendo durado a occupação Romana na Lusitania ainda no anno 395 depois de J. C. e a possivel alli encontrarem-se mocum.tos Romanos deste culto.

Elle mostrou-me uma collecção de *Empreints* que acabava de receber, e com effeito a collecção deste sabio Archeologo augmenta cada vez mais.

Entre outras cousas notaveis que elle me dice foi, que tendo agora o Instituto que nomear 2 Membros p.a os logares vagos, que era mesmo lastimoso o não poderem ser bem preenchidos, porque *não harião nos candidatos senão mediocridades.*

Fallando lhe eu sobre a analyse que tinha lido no *Journal des Savants* do *culto de Jupiter* p.r Hase Membro do Instituto, e a outra do mesmo sobre os Trabalhos de Mr. Perier, elle repetio me que os Artigos de Hase *não valião nada*, que era um *homem Extremamente laudatorio* porque não se queria comprometter com ninguem.

Fallando-lhe eu em Mr. Depping que aliás he um dos principaes Membros influentes da Socied.e R. dos Antiquarios de França, e tra-

tando da analyse que faz Mr. Daunou no Journal des Savants da sua obra sobre os Judeos — elle tornou-me=Mr. Depping *he um compilador. Não tem saber!*

Dice-me que Mr. Pardessus lhe dicera que estimaria m.[to] receber as addições que eu tinha feito á sua obra do=*Quadro do Commercio e Leis Maritimas anteriores ao XV Seculo.*

§ 18

Des jolis mots de M.[me] de Baunes

Passando um individuo que a comprimentou, proguntei-lhe — *qui est ce Monsieur?* Respondeo ella logo. — *C'est un inconnu de ma connaissance!*

Em uma manhãa que Mr. Brais, Moço mui gentil e bom poeta recitava dois romances e que ella proguntava qual dos dois eu preferia *de son Poéte* como ella lhe chamava, pedio-lhe que composésse alli outro, dizendo-lhe = *Voilà l'encrier qui vous attend en grande toilette*, e effectivamente o tinteiro estava mui aceado, e bonito.

§ 19

Producto das minhas obras

Calculando as sommas que recebi desde o anno de 1824 pelos empregos que exerci em consequencia da publicação das m.[as] obras, e Trabalhor Litterarios, athe 1824 dão o seguinte resultado.

Guarda Mor do Archivo 7:280$000.

Ministerios e Empregos de carreira somma tudo 58:980$000, perto de 300$000 francos.

§ 20

Membros do Instituto

Meus conhecidos dos quaes tenho lido interessantes artigos no *Journal des Savants* deste anno de 1835.

DAUNOU:

1.ª Collection des Lois Maritimes anterieures au XVII.[e] Siécle par M. Pardessus.

2.º Des Juifs au Moyen-Age par M.[r] Depping.

3.º Analyse de l'ouvage de Nisard sur l'etude des classiques Latins &. (1).

RAOUL ROCHETTE:

1.º Antiques du cabinet du Comte de Pourtalés.

(1) Parece incrivel que um homem da idade provecta de Mr. Daunou conserve ainda uma força de faculdades, de saber e de erudição tal que os seus artigos são os melhores do *Journal des Savants!*

2.º Réponse à la Lettre de M.r Hittorff sur les Antiquités de la Sicile.
3.º Notice sur un tombeau d'écouvert dans l'aucienne Penticapé.
4.º Analyse de l'ouvrage du Duc de Serradifalco.
Biot :
1.º Memoires du John Napier Mathematicien Ecossai.
2.º Memoire sur le même.
Letronne :
1.º Voyage dans la Macédoine & par Cominery (?)
Hasse :
1.º Rapport lu le 15 Mai de 1835 à l'Academie des Inscriptions, et Belles Lettres sur un envoi fait par M.r Pexier.
2.º Jupiter—Recherches sur ce Dieu.
Cousin :
1.º D'un second commentaire inédit d'Olympidore.
2.de Partie.
Silvestre de Sacy :
1.º Rapport sur les travaux des diverses commissions de l'Academie des Inscriptions, et Belles Lettres.

§ 21

Caminhos de ferro em Inglaterra

Em uma semana que acabou a 7 de agosto (1835) 14:588 passageiros viajaram na Linha do Caminho de ferro de Liverpool a Manchester.
Durante os ultimos 7 Mezes viajarão os seguintes passageiros:

Jan.º	26$522
Fev.º	24$171
Março	26$880
Abril	31$300
Maio	35$118
Junho	56$280
Julho	54$642
Total	255$053

Quando poderá haver tal movimento nos caminhos de ferro que querem fazer em Portugal?

§ 22

Mr. Deppfng

MEMBRO DA SOCIEDADE R. DOS ANTIQUARIOS DE FRANÇA

Este indeviduo Litterato está, segundo elle me dice, á 34 annos em França. He um homem alto, magro, de huma physionomia de talento, e polido nas suas maneiras.

Elle tinha feito o artigo analytico da minha obra sobre as Côrtes

Portuguezas que se publicou no Buletin Universal das Sciencias de M.r de Ferusac em 1829, Bulletin de que elle era collaborador.

No dia 28 d'Agosto de 1835 fui vesita-lo para poder melhor conhecelo nos dias das sessões da Sociedade R. a que me proponho assistir. Vive no Faubourg S.t Germain, 4 Rue de Sévres, em um bom quarto. A sala he coberta de paineis e de bustos. Recebeo-me na sua Livraria que terá de 3 a 4₥ volumes.

Passei com elle hora e meia em que elle me fallou com conhecimento de causa tanto nos meus trabalhos sobre o Direito Publico Interno, como Externo. Entrei largamente em materia com elle tanto sobre a sua obra — *Des Juifs au Moyeer Age* — em que elle me dice que tinha citado a minha obra das Côrtes, como sobre a que elle se propunha escrever sobre o commercio da Europa. Proguntou-me o que eu sabia sobre as antigas tarifas d'Alfandega, e lhe notei a que existe do seculo XIV no Reinado de D. Fernando.

Pedu-me noções sobre as navegações para artigos de Revista dos Dois Mundos. Finalmente depois de uma larga entrevista pedio-me muito que desejava que eu lêsse algumas das minhas memorias na Sociedade R. dos Antiquarios de França. E á despedida significou-me que ficava encantado de ter feito o conhecimento de um homem de saber &.

M.r Depping acaba de publicar «*Histoire de la Normandie sous le Regne de Guillaume le conquérant et de ses Successeurs*. Vol. in 8 — A Rouen.

E já tinha precedentemente publicado «Histoire du Commerce du Levant» =

§ 23

Mr. Montglave

SECRETARIO DO INSTITUTO HISTORICO

Depois de sahir de casa de M.r Depping fui ao Instituto Historico e ahi fallei a M.r Montglave, homem bastante moço, e que me fez toda a especie de polidez. Fiz-lhe a minha reclamação contra a publicação da minha carta, aliaz da que eu não tinha escripto, e que se publicou no N.º de Maio. Pedio-me que fizesse as correcções que entendesse, e que me mandaria as provas para as corrigir. Elle me apresentou o celebre velho archeologo — Alexandre Lenoir — que ainda está bem conservado com 72 annos, e depois M.r Jubinal *éléve de l'Ecole des Chartes*, e que hoje escreve muito, que he baixo, e mui moreno.

Na manhã de 29 d'Agosto tornei a hir ao Instituto Historico fallar a M.r Monglave sobre a separação e restituição do texto de uma carta a M.r Mielle de 24 d'Abril na que debaixo do meu nome publicarão no n.º de Maio do Journal do Instituto.

Li-lhe, e confrontei as passagens, elle reconheceo os erros que tinhão commettido, e desculpou-se com M.r Jubinal a quem imputava aquellas alterações, e ultimamente dice-me que me terião sido mandadas as provas a rever, se acaso não tivesse naquella ocasião occorrido a cir-

cumstancia de terem pressa de publicar o Journal (desculpa frivola, e ligeira). Accrescentou que tinha recebido apezar disso muitos cumprimentos pela publicação daquella carta!

Disse-me que logo que eu lhe derigisse as emendas que as indicaria á commissão do Jornal e que me mandaria tudo com as provas para a imprensa, e que emendasse eu tudo quanto quizesse.

Alem disso dice-me que reconhecia — *Que o teem collocado no presente o que na m.ª carta estava no preterito que era na realidade um ponto o mais essencial.*

E concluio — *Ce que je vous prie Mr. le Vicomte c'est que ce soit passé en famille pour que l'Institut Historique n'en soffre.*

No dia 31 d'Agosto derigi-lhe a minha carta de reclamação, mas elle no dia seguinte antes de começar a sessão do Instituto observou-me que a palavra = alterar = de que eu tinha usado que era mui forte, porque alterar era um crime=

Mas na realid.ᵉ elle ou elles tinhão essencialmente commettido esse crime, e mais outro peor que foi publicar em meunome uma carta que eu não tinha escripto. Mas eu p.ª evitar questões assentei que me remettesse outra vez a carta, e que eu mudaria a palavra para evitar o que elle tanto desejava, que apparecesse em publico a ideia de uma dissidencia no Instituto que na realidade não havia.

Mas nada disto fez, e foi tratar de novas combinações com M. Mielle.

§ 24

Sociedade R. dos Antiquarios de França

Assisti pela primeira vez á sessão desta Sociedade de que sou membro á 7 annos, no dia 29 d'Agosto de 1835. Estavão 13 Membros presentes. Assignei a relação, e recebi o Jeton?

Alli fui optimamente recebido, fizerão-me sentar junto dos Secretarios. Fiquei ao pé de Mr. Depping.

Elle fez-me tomar a palavra para annunciar a leitura na proxima Sessão da Introducção do meu Quadro Elementar.

Recebi um Livro que me deo um dos socios, o qual me dice que o Barão Gerard me tinha esperado na sua reunião de quarta feira passada.

Este membro é Mr. Crayslet, Mr. Jubinal que ficou ao pé de mim, pedio-me o meu *adresse* para me offerecer variás memorias suas.

Alguns dos Membros ausentarão se antes de finda a sessão como fazem os do Instituto.

Mr. *Tallendier* veio mostrar-me um volume das minhas obras para ver se alli se achavam todas.

§ 25

Mr. Lajard

Vesitou-me no dia 30 d'Agosto. Fiz-lhe leitura do preambulo do meu *rapport* ao Instituto sobre as viagens de Vespucio em 1501 e 1503 e corregimos ambos algumas partes.

No dia 22 de Setembro vesitei-o e alli encontrei o General Prérel que commandando em Oran teve a desastrosa batalha que perdeo contra Abdel-Kader commandando apenas 800 Francezes e, Abdel-Kader 20ф homens. He um homem baixe, de 60 annos, de boas maneiras, bastante instruido o que deixa logo perceber.

Esteve na Persia, no Egypto e na Morea &, fallou com conhecimento de causa nos monumentos do culto Persa de Mithrá.

NB. Vid. pag. 94 [*a*].

§ 26

Instituto Historico

No dia 1.º de Setembro de 1855 assisti pela 1.ª vez a uma Sessão da m.ª classe (Sciencias sociaes e philosophicas.) Estavão 13 membros presentes.

Aconteceo o mesmo que na ultima sessão da Sociedade R. dos Antiquarios de França que não houve Leitura da Acta da Sessão antecedente.

Na dos Antiquarios o secretario Mr. Allou não veio e mandou dizer que o *Procès verbal* que ninguem o entenderia, e p.[1] isso o não mandava, e nesta do Instituto o secretario Mr. Fresce de Montval declarou que o não podia ler porque lhe tinha ficado em caza!

Leo este secretario um *Rapport sur les Antiquités Mexicaines de Mr. Alexandre Lenoir*, Warden, Bavadére, St. Friest et Pearcy.

Este ultimo fallou sobre a materia com bastante conhecimento de causa.

Fui nomeado Membro do Instituto no mesmo dia, e na mesma Sessão em que o foi o Principe de Talleyrand (vid. Journal de l'Institut du mois de Juillet 1835).

§ 27

Mr. Pinard

IMPRESSOR E LIVREIRO

Foi na sua officina onde se impremiu a m.ª carta a Mr. Mielle sobre a sua obra das ordens Religiosas na Idade Media. Este homem tem

---

[a] Corresponde á pag. 88 deste volume, § 31.

intelligencia, e me fez presente do Livro publicado em 1832 de Mr. Estancelin Deputado = *Recherches sur les Voyages et Découvertes des Navigateurs Normands* =

Obra na qual sustenta que os Normandos é que nos ensinaram o caminho d'Africa &.

§ 28

Mr. Mionnet

Vesitei-o na 5.ª fr.ª 3 de Setembro=fallamos largamente sobre numismatica. Concordou commigo que para as Medalhas da Peninsula o P.ᵉ Henrique Flores hé a melhor de todas as obras, que Gusseme não valia nada, e que athe tratava d'algumas que nunca existirão.

Concordou comigo que nem Morelio, nem Pedruzzi tinhão o melhor systema e que nenhum numismata chegava a Ekele.

Mostrou-me que a sua obra segundo a ordem geographica era mais methodica, que lhe faltava p.ª a completar a publicação de mais 2 volumes, e que o ultimo conteria só o Indice por ordem das materias. Hum tomo ficará impresso este anno, e tem consagrado a este trabalho 28 annos. Pelo que lhe pude perceber tem tirado grande proveito da venda da obra, e tem todos os annos as contas correntes com os Livreiros.

Concordou comigo em que as medalhas gaditanas cujas inscripções são Phenicias, ficarão p.ʳ m.ᵗᵒ tempo ignoradas, como todas as inscripções *cuneiformes*, bem como as das medalhas, da Bactriana que são *bilingues*.

Fallei-lhe nos muitos gabinetes de medalhas que Portugal possuia, nas Livrarias, na possibilidade de se formarem em Portugal optimas Bibliothecas com as dos conventos, &. Entre as cousas galantes que me referio foi que m.ᵗᵃˢ vezes os vesitantes do Museo fazião proguntas ignorantissimas e outras maleciosas.

Que uma vez um proguntara que queria ver a medalha mais antiga. Outro = Se entrè os antiques existia alguma cousa do *Jardim d'Armide* e que lhe respondera «*Mr. vous trouverez ça dans le Musée du Garde «meuble de l'Opera*».

Entre as pessoas que estavão na companhia estava um indeviduo de Boulogne Sur-Mer ao qual fallei nos excellentes estabelecimentos d'aquella cidade, no Museo, na Bibliotheca, no Theatro, nos Banhos, no concerto, &.

Este indeviduo tinha viajado na Syria.

Achava-se a Senhora que he sobrinha do celebre Calone, M.º de Luiz XVI Mad.ᵐᵉ Santo = que me dice que não gostava dos homens que se davão a uma *especialid.ᵉ* como Mr. Lajard, que era tudo a Sua Mythra e que a dizer a verdade tudo quanto elle dizia era conjectural.

Fallou-me no Marquez de Fortia a quem chamou *l'oiseaux bleu*, por que anda de inverno com um roupão de seda azul, e o penteado de azas brancas a antiga. Dice-me que elle apezar de ter grandes collecções

d'antiguidades, &., *que não entendia nada d'aquillo*, &. Que gostava de fazer ostentação da sua grande renda.

§ 29.º

Sobre as obras do coronel Raucourt e sobre o seu projecto da Educação Positiva

Elle parece querer por outro methodo educar os obreiros e classes populares, mas no fundo parece ter bebido a doctrina de *Phédon* em Socrates passagem admiravel em que elle estabelece que a virtude não he a troca mas a purificação das paixões.

«Mon cher Simias (diz Socrates) songe que ce n'est pas un très bon «éxange pour la vertu que d'échanger des volupétés par des voluptés, «des tristesses pour des tristesses, des craintes pour des craintes, et de «enettre pour ainsi dire ses passions en petite monnaie, que la seule mon«naie, Simias, contre la quelle il fanté changer tout le reste, *c'est la sa«gesse*, qu'avec celle-lá on achéte tout, ou à tout, force, tempérance, justice, «qu'en un mot, la vraie vertu est avec la sagesse indépendemment des «voluptés, des tristesses, des craintes, et de toutes les autres passions, «tandis que, sans la sagesse, la vertu qui résulte des transactions des «passions entre elles n'est qu'une vertu fantastique, servile, sans verité, «car la verité de la vertu consiste précisement dans la purification de «toutes les passions, et la temperance, là justice, la force, et la sagesse «elle-même sont des purifications!»

Mas acaso poderá o Professor Rocourt imbuir taes principios de Socrates nos obreiros? Eis aqui o problema que nós offereciamos ao Professor e ainda que elle possuido do seu objecto, resolvesse affirmativamente, talvez a experiencia lhe mostrará que corre atraz de uma chimera.

Socrates mesmo como todos os Moralistas crearão um Ente imaginario, um homem de perfeição.

A' applicação das theorias de Rocourt he tanto mais difficil de obter d'ella um resultado talvez mesmo relativo a um numero infenitamente pequeno, quanto elle pretende fazer a educação de homens já creados desde o berço em habitos, e paixões contrahidas e radicadas de uma forma bem differente dos principios e das maximas de Socrates.

§ 30

Mr. Rotchild (de Paris)

ANECDOTA

O Chargée d'Affaires de Hesse — contando-me do jantar dado por Rotchild na sua magnifica casa de campo perto de Paris, disse-me, que era cousa sumptuosissima, que Rotchild lhe dicera que só o entretenimento do Parque lhe custava 30$ francos por anno, que tinhão estado quasi todos os Ministros, e o Barão de Humbold, que na forma do seu

costume tinha fallado sempre, e analysara todos os animaes, e plantas que elle alli tinha mas que Rotchild lhe dicera *que só cada gallinha lhe fazia de despeza 5 francos!*

Era tudo quanto lhe importava.

A proposito disto, contou-me o que acontecera entre o Principe de Metternich, e outro Rotchild em a sua magnifica casa de campo em Frankfort — que o Principe que mui facilmente lança o ridiculo mostrando-lae o seu magnifico Jardim de Plantas, o principe chegara a uma e lhe perguntara = *que planta he esta, que eu não conheço?*

Ao que elle respondeu — *Não sei!* Custou-me 10 escudos — tornou o Principe para se devertir — *E esta tambem não sei, sei que me custou 12!!*

A casa de campo de Rotchild de Paris chama-se *Ferriéres* ou *Férme Modéle.*

§ 31 e 34

Barão d'Humbolt

Mr. de Saint-Simon Secretario da Legação Prussianna, dice-me que um sabio correspondente allemão que se propunha traduzir as minhas observações sobre as supostas viagens de Vespucio dos annos de 1501, e 1503, lhe escrevera dizendo-lhe que achando-se em Paris Mr. d'Humbolt m.to conveniente seria mostrar-se-lhes estas observações e que assim elle Saint-Simont me pedia outra copia. Em consequencia disto escrevi-lhe no outro dia e remetti-lhe uma copia.

No dia 2 d'Outubro encontrando-o no concerto proguntou-me se tinha recebido a sua carta em que me participava, que tendo communicado a Mr. d'Humbolt a Memoria e Carta que eu lhe tinha escripto, elle respondera que se lembrava m.to de mim do anno 22 quando tinha estado em Paris, e que desejava muito ver-me e conversar comigo, mas que não estando nunca em casa, me dava rendez-vous na Legação na 2.a fr.a 5 para esse effeito, e queria introduzir-me no Instituto, e mostrar-me tudo quanto havia e elle conhecia de mais curioso =

No dia 5 de outubro fui com effeito ter a entrevista com o Barão de Humbolt que achei mui bem conservado. Fallamos largamente sobre uma infinidade de assumptos scientificos a ponto que Mr. de Saint-Simon, Secretario e actual Chargé d'Affaires da Prussia dice no fim que nunca tinha sido espectador de uma conversação tão interessante, e que nos tinha admirado a ambos.

Mr. de Humbolt fallou-me na m.a Carta a Navarrette sobre Vespucio, dice-me que já tinha sido impressa no 3.o vol. das Viagens Hespanholas. Proguntou-me se possuia-mos grandes riquezas em Documentos, e que precisamente na Torre do Tombo se havião de encontrar m.to do Conde D. Henrique. Dice-lhe largamente o que havia de Documentos do Archivo. Respondi-lhe á outra progunta que me fez se acaso a invasão Franceza, e a emigração da Côrte p.a o Brazil não tinha desviado, e perdido m.tos documentos. Mostrei-lhe a natureza dos que ti-

nham sido levados para o Brazil. Dice-me que naturalmente eu não teria encontrado aqui na Bibliotheca muitos Livros nossos, ao que lherespondi que posto que a Livraria não tinha m.tos que comtudo a collecção Mss. possuia-os preciosissimos de que eu tinha dado uma noticia critica que a Academia tinha publicado, e que nos Archivos de França tinha encontrado alguns dos seculos 13, e 14 sobre as nossas relações commerciaes d'então com a França.

Fallei-lhe na riqueza de monumentos nossos existentes em Italia, e a esse proposito me communicou elle que o governo Prussiano fizera ultimamente publicar tiradas de Veneza as correspondencias de todos os Emb.res, com a Republica, que formava uma collecção de 40 volumes de folio que lançava gr.e luz na historia das viagens.

Fallei-lhe no celebre viajador Bowdich e elle logo disse que eu tinha feito um grande serviço á Geographia no trabalho que lhe tinha dado sobre as nossas expedições ao interior d'Africa que elle publicara.

Fallou largamente em M.me Bowdich, e dos seus m.tos conhecim.tos em sciencias naturaes.

Fallamos sobre o Instituto e me offereceu toda a sua cooperação em tudo que quizesse delle.

Entre outras cousas que disse foi o referir o facto seg.te.

Que o Duque de Broglie lhe dicera que o Principe de Paz estava tão pobre que talvez o Gov.º Francez lhe daria algum auxilio, e que para fazer algum dinheiro hia imprimir as suas Memorias, que erão do maior interesse.

He incrivel a prodigiosa memoria, e a vastidão de conhecimentos deste sabio. A variedade immensa do seu espirito, a graça da expressão.

Elle mereceo bem os lindos versos que Chateaubriand lhe dedicou, e que existem no 3 volume das suas obras completas que se publicarão em Paris no anno passado

VERS

Écrits sur un souvenir (1) *donné par M.me la Marquise de Grollier á Mr. le Baron d'Humbolt*

«Vous qui vivrez toujours, comment pourrez-vous croire
«Qu'on vous offre des fleures si promptes à mourir?
«Présenter, direz-vous, ces filles du Zéfir
«A la beauté, mais non pas à la gloire.»

«Des dons de l'amitié connaissez mieux le prix;
«Dédaigner moins ces fleurs nouvelles:
«En les peignant sur vos écrits,
«J'ai trouvé le sécret de les rendre immortelles.»

A situação apurada do Principe da Paz me foi depois confirmada p.r Mackenzie a q.m o general Alava mostrou uma carta delle pedindo-lhe dinheiro!

---

(1) Ce souvenir renfermait des pensées de l'illustre voyageur, et etait orné de fleurs peintes par M.me de Grollier.

No dia 24 d'8br.º recebi uma interessante carta de Mr. d'Humboldt na qual me diz que exige de mim um favor pelos profundos conhecimentos que eu tenho da Lingua e Litteratura Portugueza.
NB. Vid. esta carta, e a m.ª resposta.

§ 32

Russia — Livros importados em 1834

Durante o anno de 1834 importou a Russia 300$000 volumes em diversas linguas estrangeiras! Importou 20$ mais do que no anno precedente de 1833!
Naquelle Imperio forão publicados no anno passado 720 obras nacionaes, e 116 traducções, além de 48 jornaes periodicos!
Nestas publicações não se incluem 113$200 exemplares dos differentes Livros d'instrucção. Só no anno passado de 1834 formarão-se naquelle Imperio 94 novos Estabelecimentos de Instrucção incluindo e Universidade de St. Wladmir em Kyew!
Quantas reflexões isto offerece a quem pença!
Vê se quanto a instrucção e sciencia, e a leitura se propaga por toda a parte mesmo em um paiz que certa gente dos theoristas da innovação destruidora chamam sepultado nas trevas, e entregue ao dispotismo!
Se taes resultados como os da Estatistica acima apresentada, se comparão com os novos codigos que o Imperador fez publicar ultimamente, e com perto de 200 volumes das transacções da Academia Petropolitana poderão vêr esses theoristas uma grande verdade, principalmente os da Peninsula.

Allemanha

Vid. Mém. Encyclopedique N.º du mois d'Octobre de 1835 pag. 622 e seg.

§ 33

Sociedade Geographica de Paris

Mr. Morau communicou-me que na ultima Sessão da Sociedade tinha feito leitura da m.ª carta ao Presidente da Academia Hespanhola sobre as suppostas viagens de Vespucio a America em 1501 e 1503, e que a tinhão achado interessante, tanto que se propunham a publical-a no Boletim da Sociedade, que eu não tinha sido proposto p.r que não sabião se quereria ser Membro. Mas que no caso que quizesse que lhe escrevesse dizendo que acceitaria.
Escrevi logo a Mr. Moreau dizendo-lhe que se a Sociedade julgasse interessante as minhas observações sobre Vespucio, e as queria imprimir, que desejava rever as provas, e que com muito gosto formaria parte da m.ma Sociedade.

Effectivamente fui eleito Membro, e não só recebi o Diploma, mas uma carta do Presidente da Commissão Central com as expressões mais lisongeiras, e p.ª mim mais honrosas.

No dia 27 de Nov.º assisti á 2.ª sessão publica annual della em uma das magnificas salas do Hotel-de-Ville. O *compte-rendu* dos trabalos do anno foi prodigioso, delle trato em outro logar deste Jornal, quando fallo em Mr. d'Avezac.

Naquelle discurso foi o meu nome citado na parte da Historia da Geographia.

§ 35

Mr. Lajard

No dia 6 d'Outubro sendo o dia da sua recepção, alli encontrei Mr. de Caumon fundador da Sociedade dos Antiquarios da Normandia, Secretario Perpetuo da Sociedade dos Antiquarios d'Oueste, e Correspondente do Instituto.

E' um homem moço de 34 annos, bem parecido, fallando com facilidade, e m.to acerto. Suas maneiras são doces, e polidas.

Elle pertende ser Membro do Instituto em um dos logares vagos de Mr. Montger, e Cousin de Perceval. Lajard dice-lhe que o aconselhava que não se pozesse na Lista dos candidatos porque era correspond.te de dois dias, e que era m.to moço. Que já a sua nomeação tinha sido criticada. Que 1.º do que elle estava Mr. Artó que era correspondente á mais de 20 annos, e cujo merecimento era indisputavel Fallando dos congressos scientificos dice Mr. Lajard que verião que p.ª o fim só a elles irião os charlatães.

§ 36

Madame de Baunes

M.me entregando-me um exemplar da Memoria de Mr. de Charmoy que elle me offereceo = impressa em Petersburgo com o titulo *Sur l'utitité des langues Orientales pour l'Étude de l'Histoire de Russie* = dice referindo-se á m.ª carta a Mr. Mielle impressa — Est-ce que votre nom si connu, et si beau avait-il besoin de se décorer de tant de titres Académiques, qu'on vous a mis dans une pyramide renversé?

§ 37

Filosophia

Que excellente pedaço hé o seguinte da parte do rapport feito pela Academia a Bonaparte em 1808!

«Elle enseigne le respect à l'ordre établie, rappele les hommes aux «instructions de l'experience et repousse les innovations temeraires.

«Amie des idées religieuses elle a reçu l'auguste mission d'annoncer «l'être des êtres à la raison de l'homme, de servir d'interprète au témoi-«gnage unanime de la nature. Comment n'honnorait'elle pas le culte qui «developpe cette auguste vérité, et qui ennoblit l'homme en l'élevant à «son auteur?

«Si des ésprits ambitieux s'autorisent de son nom pour accréditer dans «la Société des systémes arbitraires; elle les desavoue; s'ils l'empremtent «pour introduise des doctrines funestes, elle les condamne. *Si des home-«nes ignorans et avengles calomnient* ses honnorables travaux, elle mé-«prise leurs efforts, elle plaint leur égarement, et elle dedaigne de leur «répondre; car ils sont incapables de l'entendre, et elle est, elle même «assez justifiée par le noble but qu'elle se propose.

§ 38

Malte-Brun

Modo p.r que a sua Geographia tem sido publicado:

1.º — Tomo	1831	6.º — Tomo	1833
2.º — Tomo	1832	7.º — Tomo (Não existe)	183
3.º — Tomo	1832	8.º — Tomo	1835
4.º — Tomo	1832	9.º — Tomo	1835
5.º — Tomo	1833	10.º — Tomo	1834

As Mémoires pour servir à l'histoire de le Marine de France = que M.r Eugéne Sue vae publicar serão publicadas do mesmo modo que Malte-Brun! A publicação começará pela parte mais moderna = pela 2.ª serie — que começa em 1650 e acaba em 1700 = e lá fica p.a depois o mais difficil que é a 1.ª serie que deve começar em 800!

Este A. teve toda a protecção do Gov.º

Que se diria em Portugal se um escriptor portuguez começasse a publicar uma obra pelo fim!

§ 39

Hotel de Sens

No dia 3 de Nov.º de 1835 observei os restos magnificos deste antigo e sumptuoso edificio. Fica no Faubourg S.t Antoine n.º 1 Rue du Figuier=

Os interessantes restos de Architectura da Idade média, estão servindo hoje de um estabelecimento de carros de conducção = roulage =! Os signaes da sua antiga grandeza ainda se veem no Portal, nas enormes torres gothicas, nas abobadas. Foi edificado no xv seculo, e no Reynado de Francisco 1.º foi habitado pelo chanceller de França.

§ 40

Mr. Lajard do Instituto

Fui vê-lo no dia 3 de Nov.º Continuei a notar nelle um espirito pasmoso de filaucia scientifica. Repetio que no Instituto não sabião quem eleger p.ª os dois logares vagos, porque tudo quanto havia erão *mediocridades !!!*

Falando eu, dizendo que pela primeira vez tinha encontrado M.r de Paravey em casa do Marquez de Fortia, elle, apezar de ser muito obrigado ao Marquez dice logo = *La Société du Marquis* au lieu d'être de savants n'est que des anes, puisque il est trés bon et il recoit tout le monde!

Além de tudo isto não he o melhor cumprimento. Realmente quando se ouve M.r Lojard dominado pelo espirito exclusivo, parece que elle não reconhece saber senão em si primeiramente e depois em alguns que são do Instituto. Fóra disso ninguem=he o caso=*Persone ne sait que nous et nos amis. Persone á de la science que nous, et nos amis!*

§ 41

Talleyrand

Artigo curioso sobre o Principe Talleyrand, transcripto do Mensager no Estaffete de 8 de Nov.º deste anno de 1835=

E' o seguinte:

«Les directeurs des travaux publics ont eu la maladresse de faire «commencer les travaux dans la rue S.t Florentin au moment ou le Prin«ce de Talleyrand est vennu habiter son hôtel.

«Comme on le pense bien, celui qui a eu le pouvoir de faire arretèr «l'uniforme construction de la rue de Rivoli, précisement au coin de son «hotel, á eu à plus forte raison, celui de faire suspendre ces travaux. C'est «en effet ont quitté la place.

A proposito do Principe Talleyrand, neste dia o velho M.r Mielle, homem profundamente instruido e optimo escriptor veio pedir-me para que eu fallasse p.r elle ao Principe Talleyrand se acaso tivesse intemidade com elle. Eis aqui o caso, dice-me elle:

«Quando o Duque de Rovigo publicou as suas memorias, attribuiu «nellas a morte do Duque d'Enghien a Talleyrand. Este affligiu-se com «tão grave imputação, e um amigo d'elle veio pedir a Mielle que es«crevesse uma defeza de Talleyrand, o que elle executou do modo mais «satisfatorio p.ª o Principe. Este prometteu-lhe que faria com que elle que «fosse empregado, e como isto se não tinha verificado, me pedia para lho «lembrar.

Estimei saber a anedocta, mas respondi-lhe que eu tinha conhecido m.to o Principe da 1.ª vez que tinha estado em França, que jantei m.mo com elle, nos Grandes Jantares da Embaixada, que o tinha visto de

longe em Londres no anno passado, mas que desta vez estando eu inteiram.[te] entregue a uma vida privada e litteraria que não era conforme com ella, que eu procurasse o Principe que talvez nem de mim se lembre e tanto mais p.[a] lhe fallar em negocios.

§ 42

Historia Phenicianna do Philos de Byblos

Livros descobertos em Portugal.

Os jornaes francezes do dia 7 de Nov.[o] deste anno, publicarão o seguinte:

«On vient de faire en Portugal une decouverte de la plus haute im«portance pour l'histoire de l'antiquité; on á trouvé dans le convent de «S.[ta] Maria de Merinhão dans le Province d'Entre Douro e Minho, les 9 «Livres de l'histoire phenicienne par Philos de Byblos.

«Cet ouvrage dont on ne connaissait qu'un seul Livre, fort imparfaitement conservé dans la — *Preparatio Evangelica* Eusebe est maintenant au complet».

Alguns sabios Francezes duvidão que isto seja verdade, e o Marq.[z] de Fortia queria mandar a Portugal um individuo á sua custa p.[a] obter uma copia. Pouco tempo depois d'escrever isto veio Mr. Raymond perguntar-me a m.[a] opinião, se julgava possivel aquella descoberta para que Mr. de Fortia o queria mandar a Portugal para verificar aquelle assumpto.

§ 43

Mr. Reinaud

Este orientalista, Membro da Sociedade Asiatica de França, e um dos Redactores do seu importante jornal encontrando-o no dia 12 de Novembro de 1835 em casa de Mr. Mionnet, Membro do Instituto, veio dizer-me que trabalhando agora em uma historia da Invasão dos Arabes Sarracenos no Sul da França p.[a] essa occasião consultara uma collecção de docum.[tos] nossos do Seculo XVI onde tinha encontrado um que se conservava no Convento de Rastêlo pelo qual se mostrava o bom tratamento que o Alcaide Mouro mandara dar aos christãos habitantes de Portugal, mas que não podia encontrar em parte alguma quem tinha sido o seu antecessor &.

Respondi-lhe que = o corpo de Documentos de que fallava devia ser a Monarchia Lus. de Brito, o que elle confirmou mas que talvez elle encontrasse o que desejava na chronica Arabe do Mouro Rasis. Elle ficou como espantado, e dizia-me existir uma chronica de que nos não temos noticia.

Mostrei-lhe que muitos dos nossos historiadores se servirão della, e a citavão. Elle então dice-me que logo que eu lhe desse noções della elle as transcreveria e que hia immediatamente consultar a Biographia universal para achar o nome de Rasis =

Depois fallei-lhe na chronica Arabica publicada ultimamente pelo P.e Moura, que elle me dice que já a possuia p.r que a tinha mandado vir de Lisboa.

Contei-lhe tudo o que se tinha passado entre mim e o P.e Moura sobre a etymologia da palavra Albetoca que eu julgava d'origem arabica e o P.e tão bem. Elle reflectio e dice-me que lhe não parecia Arabica =

Fallei-lhe em as noticias sobre o estado da Agricultura da Peninsula Hispanica no tempo dos Arabes dadas pelo sabio Abbade Corrêa á Mr. de Heeren p.a a sua obra sobre a influencia do Islamismo.

Tive pois uma larga conversação com elle sobre o g.e n.o de docum.tos ineditos que tinhamos, e que elle a cada passo se extasiava, e me proguntava por que motivo os não faziamos publicar.

M.r Reinaud he de estatura mediana, terá 40 annos, grosso, com o accento Provincial, e polido, mas vendo-se que he mais um homem de Sciencia do que um homem do Mundo.

No Jornal Asiatico do Mez de Julho passado M.r Reinaud publicou uma interessante noticia da obra de M.r Leon de Laborde, et Linaud á l'Arabi Petrée. E' auctor de m.tas outras e Membro do Conselho da Sociedade.

Foi colaborador do Buletin Universel de M.r de Ferussac por que me dice que tinha sido encarregado de dar noticia de 2.os Folhetos escriptos p.r mim.

E' Membro do Instituto (Academia das Inscripções) e he conservador Adjuncto dos Mss. da Bibliotheca R. e auctor de m.tas obras.

Entretanto elle não conhecia nem a Bibliotheca Arabico-Hispanica de Franknaut nem a Rezenha *De Antiquitatibus Lusitanide*. Citei-lhe a parte em que tratava da chronica de Rhasis.

Entreguei-lhe as noções todas que tinha colligido sobre Rhasis e elle ficou de me responder sobre ellas, porque eu puz-lhe a questão se algum dos 5 do mesmo nome de que trata a Bibliotheca Oriental d'Herbelot he o nosso Rhasis de Cordova? Julgando eu que Herbelot o não conhecera.

No dia 16 de Dezembro, na Bibliotheca, elle consultou-me sobre o nome Arabico que Albufeda dá a Portugal, e eu mostrei-lhe que era o nome Latino de Portus-calae Arabizado. Elle concordou comigo e pedio-me que lhe revesse o seu trabalho sobre a Geographia Arabica da Peninsula.

§ 44

Marquis de Fortia

No Domingo 15 de Nov.bro, de 1835, fiz uma 2.a visita ao Marquez de Fortia que esse recebeu com uma delicadeza superior a toda a expressão. Alli se achavão dois individuos de que logo tratarei, e sahia uma Senhora velha das m.tas a quem o Marquez empresta livros.

Começou elle logo por me perguntar o que julgava eu da pertendida descoberta dos 9 Livros de Sanchoniaton em Portugal.

Respondi-lhe que eu duvidava de tal=por que me parecia impossivel que elles tivessem escapado ás investigações de 70 Escriptores Portuguezes de que trata Barboza, ás que fizerão naquella m.^{ma} Provincia. D. Jeronymo Contador Argote, p.^{a} a sua Historia de Braga, antes D. Rodrigo da Cunha, Crasbeke e pela Academia R. das Sciencias ao Abb.^{e} de Lustosa e sobretudo João Pedro Ribeiro que visitou e examinou os cartorios de todos os conventos.

Desenvolvi mais os fundamentos das minhas duvidas sobre a existencias daquelle Mss. e o Marquez dice aos que estavão presentes=Mr de Santarem nous fait voir ses doutes sur les Mss. de Sanchoniaton d'une maniére si erudit et avec une parfaite connaissance de l'affaire puis qu'il á été longtemps Ministre d'Etat, et chef des Archives du Royaume que nous devous les partager.

Hum dos dois circumstantes, um certo Mr.^{r} de Briére, pareceo-me um famoso Pedante, e um ridiculo charlatão. Entrou logo em conversação comigo e preguntou-me se em Portugal havia alguma Sociedade Scientifica?!! Ao principio estive p.^{a} lhe dar uma sova mestra, tratando-o d'ignorante completo, mas proferi dar-lha ao serio=Disse-lhe há não só Sociedades Scientificas mas uma das mais distinctas Academias de Sciencias da Europa. Academia que tem 80 annos d'antiguidade, e que succedeu a outra que fez gr.^{des} serviços ás Lettras e que foi establecida no principio do seculo 18, tendo já no seculo 17 havido um espirito de associação Scientifica tal que á immitação da Italia se formarão 30 Academias que publicarão suas transacções &.

Ficou elle m.^{to} admirado, e perguntou-me se não admittia estrangeiros a Academia das Sciencias. Respondi-lhe que m.^{to} poucos, e só as maiores celebridades Litterarias.

Dice-lhe dos Privilegios da Academia, que ella formou desde a sua creação um corpo no Estado como todas as outras e que tinha publicado mais de 100 volumes de transacções.

Perguntou me se eu pertencia a Sociedade Asiatica=respondi-lhe que sim=Esta resposta vi que o desconcertou, dice-me «pois eu tambem hei-de entrar como orientalista logo que quizer.

Para me divertir com elle dice-lhe=J'espére que vous serez Membre de plusieurs Societés Savantes? D'aucune M.^{r} – respondeu me elle logo. Tenho contra mim uma guerra a morte por ter destruido os absurdos de Champollion sobre os hyerogliphicos Egypcianos, e sobre tudo pela injustiça que me fez o Instituto de dar o premio de Volney a outro e não ao meu trabalho «Historie du prix de Volney, 3.me Planche= adhitoans &. contra o que protestei.

Agora vou provar que ninguem *senão eu* comprehendeo os hyeroglificos, e que tenho toda a antiguidade na cabeça, que hoje conheço toda a antiguidade, e que não são conjecturas mas factos.

Para o apalpar proguntei-lhe, mas como poude chegar a esse ponto d'evidencia?

Por meio dos mesmos monumentos, e dos Escriptores da antiguidade. Enfim, só eu conheço a antiguidade. — Nos hyerogliphicos Egypcianos existe tudo.

Proguntei-lhe o que diz dos Monumentos de Persepolis, e do culto Mithriatico dos Caldeos d'Assiria? Oh! tudo he Egyptiano!

Esta opinião do tremelicante M.r de Briére destroe o systhema de Lajard!

Por ultimo ficou de me offerecer a sua obra, esse luminar de sciencia!

Nem a sua phigura inculca um homem de Sociedade, nem a sua physionomia um homem de talento. Hé ainda moço, não terá mais de 5o annos. Fará elle o m.mo que o P.e Kircher fez no oblisco egypciano da Praça Navona q̃ lhe introduzio hyerogliphicos de sua invenção p.a o restaurar?

O outro figurão era um italiano velho que lêo uma carta ao Principe Borghese sobre a subscripção que elle fazia de alguns paul em alto só declanatorio como se fosse uma oração Academica.

Depois veio outro original o chevalier de Paravey, que me fez grandes queixas de M.r Laudresse, Sub-Bibliothecario do Instituto, por que o tinha excluido das Bibliothecas.

O Marquez de Fortia deo-me a sua obra = Essai sur l'origine de l'Ecriture, pedindo-me a minha opinião, dizendo-me: «Je veux l'avoir comme celle d'un maître donné á sou écolier!

O cap.º 1.º desta obra é mui erudito, mas no 2.º não sei para que o A. introduzio os §§ 1.º, 2.º e 3.º sobre as opiniões dos Anjos, quanto ao 1.º Homem, origem do Mundo. He só no cap.º 3.º que elle começa pela Lingoagem d'acção.

§ 45

Mr. Lenormand

Homem moço, polido, de uma converçação agradavel. He professor no Collegio de França, na classe d'Historia, e substituio M.r Guizot na cadeira. He 2.º conservador do Museo de Medalhas, e d'Antiques.

He muito erudito.

Referio-me que a collecção de Mss. que possue a Livraria mais completa, e curiosa e que ninguem do publico vê, he a collecção dos Titulos das Familias Nobres de França.

Referio então a curiosa circumstancia que logo que começou a Revolução a Nobreza teve a cautela de mandar p.a alli os seus Titulos e Documentos que tinhão nas casas e nos chateaux, e que em logar disto que deixarão papeis insignificantes que a revolução destruio julgando que erão os outros.

Que alem disto, p.a alli tinhão mandado tambem todas as justificações, &.

Que entre os Mss. raros se achava tudo quanto era relativo ás antigas Familias da Irlanda que salvarão mandando vir p.a França durante as guerras civis da sua Patria. Que os codices em que se achão aquellas noticias já tinhão valido á Familia do General Lord Stuart, e que se dizia que o Embaixador d'Inglaterra o exigia p.a ser mandado p.a Inglâterra. Prometteo-me de me fazer vêr aquelle precioso Deposito.

§.º 46

Mr. Desgranges

Mal pençava eu quando li todos os Protocolos e Docum.tos apresentados ao Parlam.to Inglez sobre a decantada Questão Grega, onde tantas vezes li o nome deste indeviduo então 1.º Dragoman de França que o havia de vir a conhecer, e a saber por elle o curioso machinismo do modo por que a Porta trata os seus negocios.

Encontrei pois varias vezes em casa de M.r Mionnet, e uma noite le 26 de Nov.º teve elle uma larga conversação comigo sobre todas aquellas celebres questões e sobre os Turcos.

He um homem moço, e bastante instruido nas cousas do Oriente, e na parte dos Escriptos Orientaes.

Falou-me m.to dos talentos e do espirito do actual Emb.or Turco que está em Paris, e das suas excellentes maneiras, e dice-me: *Vous par votre* contenance de Dignité, par vos manieres plaines de politesse m'ont donnée une parfaite ressemblance avec cet homme célébre.

M.r Desgranges he Membro da Sociedade Asiatica, e Professor de Turco no Collegio R. de França.

§.º 47

Mr. Alloud

Membro da Sociedade Real dos Antiquarios de França, e Secretario e Bibliothecario d'ella. Engenheiro em chefe de Pontes e calçadas. Este Litterato he um homem que terá entre 40 a 50 annos. Tem as maneiras mais polidas, e delicadas. Falla com m.ta facilidade.

Fez-me a offerta das suas interessantes obras=*Etudes sur les Casques du Moyen-Age*. 2 pequenos volumes.

Forão publicados nas transacções da Sociedade R. dos Antiquarios de França.

No dia 26 de Nov.º M.r Allou veio vêr-me e trazer-mos.

Tendo escripto no frontespicio:

«A' Monsieur le Vicomte de Santarem hommage de l'auteur. = C. M. Allou.

Do mesmo modo que M.r Lajard do Instituto me tinha feito com a sua Memoria sobre o culto dos Caldeos da Syria=.

E M.r de Paravey com as suas Memorias =.

§.º 48

Gabinete do celebre Abb.e Barthellemy, Autor das viagens d'Anacharsis & e do profundo Geographo e Archeologo Gosselin

Tenho passado mu.tas noites no mesmo Gabinete em que estes dois sabios compozerão muitas das suas preciosas obras que o Mundo Scientifico tem admirado.

Este Gabinete he hoje habitado p.r M.r Mionnet o qual succedeo ao Abb.e Barthelemy.

Mal pensava eu quando no meio dos bosques da America do Sul, e alem do Tropico li o Anacarsis que viria tantos annos depois passar muitas noites no mesmo logar onde o seu sabio Autor escrevia!

Mal pensava eu que viria da famosa lagoa de Botafogo e das praias do Rio de Janeiro onde tinha lido e admirado = o Tratado dos Despojos dos Antigos, e o famoso elogio do Cavalheiro de Bonfler passar algumas noites e algumas horas do dia nos mesmos logares onde elles forão compostos e ouvidos!

§.º 49

Jaubert (Amedée)

MEMBRO DO INSTITUTO

Presidio na Sessão Publica da Sociedade Geographica de França, em a noite de 27 de Nov.º e leo o Discurso do estilo, conciso, mas mui solido, e interessante.

He um homem alto, magrissimo, a phisionomia comprida, e enrugada. Semblante hypicondriaco, e terá 70 annos. He Professor de Turco na Escola Especial das Lingoas Oc vivas.

§.º 50

D'Avézac

SECRETARIO GERAL DA COMMISSÃO CENTRAL DA SOCIEDADE GEOGRAPHICA

He um homem alto, polido, e que terá pouco mais de 40 annos. Tem um orgão excellente. O seu Discurso sobre os trabalhos annuaes da Sociedade foi o melhor Discurso deste genero que tenho ouvido á 20 annos.

§.º 51

O celebre Capitão Ross

Este celebre navegador, que por mais de uma vez tem arrostado intrepido contra essas montanhas de gêlo eterno que destroem e aniquilão a vida, e a natureza, Este celebre indeviduo que se tem familiarisado com o circulo Polar, e com suas regiões mortiferas, he um homem d'Estatura mediana, mas forte, e robusto que demonstra ter 60 annos, grave como os seus concidadãos, cabellos brancos, mas com rosto largo, grande maça cerebral, e de uma phisionomia doce, e agradavel, e aberta. Seu olhar penetrante e meditativo.

Quantas reflexões se me offerecerão quando me achei sentado ao pé delle, e seu collega?

Quanto me recordei da 1.ª vez que li as suas primeiras viagens, os seus dois tomos interessantissimos.

Mal pençava eu naquelles dias deliciosos passados em S. Sebastião da Pedreira, ouvindo as interessantes opiniões do dono daquella encantadora morada, naquella eminencia que em logar de avistar gelos extende a sua vista sobre infinitas legoas de um Jardim delicioso, e sobre a magestosa Lisboa sobranceira ao impavido Tejo, lendo as viagens do Capitão Ross, e extasiado com ellas que havia depois uma Providencia Suprema que derige os destinos dos homens fazer-me escapar da mais horrivel guerra civil, da Peste, dos Typhos, da fome e de uma existencia errante de mais de um anno na presença dos maiores perigos, para vir sentar-me ao pé do intrepido Navegante escapado não aos rigores multiplicados dos homens e da natureza como eu, mas unicamente aos da temperatura e dos obstaculos phisicos!!

Ambos recebemos quasi ao mesmo tempo um verdadeiro triumpho, como em premio de termos superado os escabrosos caminhos do abysmo. Elle recebendo em Sessão Publica as mais lisongeiras demonstrações da 1.ª Sociedade Geographica do Mundo, entregando-se o seu Diploma no meio dos applausos de infinitos circumstantes, eu recebendo-os na honrosa menção feita na Conta dos trabalhos do anno, na parte que tinha contribuido para a Geographia historica, corregindo um grave erro recebido durante 3 seculos, e remediando uma das maiores injustiças, e das mais infames ingratidões feitas a hum grande genio, a Colombo.=

§.º 52

Société Philotechnique

Esta Sociedade foi fundada em 1795. Compoem-se de 60 artistas, e homens de Lettras, e além disso de Membros honorarios, e de Socios Livres e de Correspond.es.

Cada Membro Residente paga 40 f. p.r anno. Tem em cada mez as suas sessões ordinarias, e duas publicas cada anno, no Hotel-de-Ville.

No dia 29 de Nov.º deste anno de 1835 celebrou pois esta Socied.e a sua 2.ª Sessão Publica na famosa Sala de S. Jean. Recebi Bilhetes para hir q̃ me mandou M.r Depping. Ali encontrei mais de 1☐ pessoas. O numero das senhoras era immenço.

Presidio M.r de Villenave que Preside tão bem em algumas classes do Instituto Historico. He um homem de perto de 70 annos, magro, alto, com os cabellos todos brancos mui crescidos, mas m.to bem devedidos e penteados. He parecidissimo de longe com o velho Joaq.m Guilherme da Costa Posser. Tem uma voz fraca, mas um ar aristocratico—paralvilho=

O *Secretaire Perpetuel* Barão de Deladoucette, he tambem homem de 60 annos empoado, com phisionomia *d'ancien regime*, mas pelo discurso que recitou se deixou ver que esta embebido das doctrinas de reforma e ainda mais notei isso na violenta apostrophe feita ao Imperador Nicolao, e a tirada contra elle pela sua resposta a deputação da Municipalidade de Varsovia.

Passou depois M.r Amper f.º homem de 40 annos a ler uma peça poetica faceta de M.r [*sic*] pareceo-me assim como a outros cousa

extremamente impropria de um corpo Scientifico, mas o estilo faceto e o poder do ridiculo obra tão activamente sobre nós que elle retirou-se ao seu logar no meio dos mais estrondosos applausos.

Leo depois por si outro Romance sobre a Rima.=

M.r d'Anglemont um dos collaboradores da chamada Hespanha, e Portugal Pictoresco = recitou uma carta d'Heloise a Abbeylard em verso, que me não pareceo tambem como as que nos conhecemos. Entretanto recitou-a com calor, e com excellente orgão. He um homem que terá de 3o a 40 annos.

Passou o mais antigo comico do theatro Francez. M.r [*sic*] a ler uma memoria sobre o Estado e anecdotas do Foyer, dos comicos, e das celebridades do tempo de Luiz 16, e desde que o tinha deixado á 40 annos! Elle foi o Mestre do celebre Palmá. Este relatorio foi o mais picante, possivel. As anecdotas das Actrizes com Principes, com Duques, e com a Nobreza daquelle tempo curiosissimas.

Passarão depois a executar diversas peças de Musica, a que não assisti por ser já tarde.

§.º 53

Igreja de S.t Gervais

Ao sahir do Hotel-de-Ville vesitei o magnifico templo de S.t Gervais edificado no VI seculo (Vide a discripção em Gallignani.) Alli estive ao pé do magnifico tumulo do celebre chanceller de França Michel Le Pellier, morto em 1685 e no mesmo logar onde jazem as cinzas do celebre poeta Scarron marido de Mad.me de Maintenon e as do celebre pintor Felippe de Champagne (sobre elle vide Descript. de l'Hotel de Clouny, pag.)

Os vidros de côres das janellas são magnificos.

Nota

O Barão de Ladoucette de que acima trato he Membro da Camara dos Deputados, e he Membro da Sociedade de Geographica.

§.º 54

Mr. Dupré e o seu Gabinete de Medalhas

M. Mionnet o mais celebre e profundo Numismata que tem existido depois d'Eckel, tinha-me prevenido que o melhor Gabinete de Medalhas que elle conhecia, tanto pela raridade das peças, como pela beleza, e conservação dellas, que era o de M. Dupré. Que tinha m.tas que erão unicas, que não existião nem descriptas, nem conhecidas, e que o maior prazer que M.r Dupré podia ter, era mostra-las aos individuos que conhecedores desta Sciencia, a sabião appreciar, que assim M.r Dupré desejava m.to que eu a visse, e que lhe dicesse a minha opinião, que bastava que eu

me annunciasse que seria recebido com a maior delicadeza. Que o Gabinete excederia o valor de 200ꝏ francos, que elle Dupré regeitava toda a medalha que não estivesse no mais perfeito estado de conservação. Que era homem instruido, e tão rico que ás 2.as filhas que tinha cada uma tinha um dote de 30ꝏ francos de renda.

Em consequencia disto fui ver M.r Dupré no dia 30 de Novembro. Este indeviduo vive em um Excellente Hotel Rue de Joubert n.º 20 que elle occupa todo. Recebeo-me um criado que me introduzio, e me annunciou a M.me Dupré que me recebeu com a maior delicadeza começando por me dizer «que eu era alli esperado com impaciencia, e que o meu «nome era tão conhecido que tanto elle como M.r Dupré m.to desejavão ter a honra de me vêr.

As 2.as Meninas achavão-se ao Piano, e havia uma outra senhora.

Pouco depois veio M.r Dupré homem de 60 annos mas mui bem conservado, physionomia aberta, ar pausado, e uma extrema polidez de maneiras.

Depois de muitos cumprit.tos conduzio-me ao 3 andar por uma galeria de pequenos quartos todos mui bem mobilados, e o Gabinete das Medalhas onde tem o medalheiro ordenado na antiga forma em 2 Pequenos armarios de Mogno com garras de gripho nos Pés, e varios antiques Romanos sobre os Marmores os quaes lhes servem de ornatos. As medalhas estão collocadas em Taboas, como as do Gabinete da Bibliotheca Publica de Lisboa. Em um dos Armario está a serie dos Medalhões, em grande Bronze unicam.te do Alto Imperio, começando em Julio Cezar, e acabando em Constantino. Estas series são tudo quanto há de mais raro, e de mais perfeito quanto á arte, em todas as suas differentes épocas de maior progresso, ou de sua decadencia.

Mas se um Numismata se extasia com esta bella collecção a collecção dos Imperiaes de oiro hé tudo quanto pode existir de mais rico, de mais abundante, de mais raro, e mais admiravel conservação.

Huma -serie immensa athé com uma incrivel multidão de variantes, se apresenta desde Julio Cezar athé ás ultimas de Constantino Magno, época em que M.r Dupré terminou as suas series, e em que acaba toda a sua collecção.

Gregas, Carthaginezas

Se se remonta alem das collecções Imperiaes do Alto Imperio, M.r Dupré appresenta uma serie de medalhões de oiro e Prata Carthaginezes, e da serie bellissima dos bellos dias da Arte Grega que custa a acreditar que se achem reunidas por um particular. Esta collecção comtudo não he numerosa, mas o que falta no numero excede na raridade e na preciosidade desta p.te da collecção.

Não cede a esta a prodigiosa collecção das Familias Romanas em ouro e Prata. Em nenhum gabinete encontrei jamais uma serie mais bella. Em geral não so os Quinaios de oiro são raros, mas todas as Consulares de oiro o são. M.r Dupré tem 3 ou 4 Planchas de mais de 100 Medalhas deste metal de uma belleza, e raridade que surprehende.

Huma grande parte destas Medalhas são unicas, taes como algumas que elle adquirio ultimamente das achadas em uma amphora na Normandia. Outras adqueridas nas suas viagens em Italia. Tem algumas que encontrou em Pompeia que o oiro está tão perfeito que parecia indubitavel que nunca servirão. Que era dinheiro, e medalhas que ou estavão guardadas, ou acabadas de fabricar quando aquella cid.^{de} ficou sepultada debaixo da lava do Vesuvio. Outras adquerio as dos mais celebres Gabinetes á força de delligencia, e diz elle de sacrificios, outras por via de correspondentes que tem em toda a p.^{te}. Parecia que um homem que tem dedicado 3o annos de sua vida a formar uma tal collecção empregando sciencia, dinheiro, viagens que poderia ter formado uma collecção larguissima de todas as epocas Historicas, mas não tomou em regra o principio 1.º de que uma collecção de um particular para sobrepassar as grandes collecções deve ter duas qualidades, perfeição de arte, e extrema raridade. 2.º Que os Medalhões sendo mais raros que as Medalhas de Bronze Medio, não devia ter nenhuma destas nas suas series. Assim nem uma só medalha consular em bronze que são m.^{to} raras, nem na serie Imperial onde as há jgualmente taes como as de *Carausius*, possue Mr Dupré. Chega a tal ponto o seu systhema nesta parte que o unico Asse Romano que alli vi não estava na collecção das medalhas, precedendo os Quinarios, mas sim sobre um dos medalheiros entre os *antiques;* Entre os *siplums*, *ás lampadas &!*

As Taboas dos medalhões de grande Bronze Imperial não tem Etiquetas designativas das series dos Imperadores, estas designações só principião nas gregas e consulares e Imperiaes de oiro. As consulares de prata não as tem igualm.^{te} Proguntei-lhe se tinha estas ultimas classificadas segundo Morellio, ou pelos Factos Consulares seguindo Cassiodoro, respondeo-me que pela ordem Alphabetica como Morelio.

Esta classificação he mais commoda, mas menos scientifica.

No fundo deste interessante Gabinete cujas paredes estão ornadas de m.^{to} boas estampas, tem uma pequena Bibliotheca, que eu lhe proguntei se era a sua Bibliotheca Numismatica. Elle respondeo modestamente dizendo-me que erão alguns Livros analogos.

Então fiz-lhe eu a ennumeração dos Livros classicos da materia.

Tem Eckel, mas faltão-lhe os essenciaes. Possue uma pequena collecção dos Traductores dos Historiadores Gregos, d'Herodoto, Pausanias, Teucides, e dos Romanos Tito-Livio, Tacito &.

§.º 55

Registo das Sociedades Scientificas pelo Soberano, e pelo Governo

Sendo em geral prohibidos por todos os Estatutos Constituitivos das Sociedades Scientificas as discussões politicas, Elles conservão grande respeito pelo Soberano, e pelo Gov.^{no}, apezar de se comporem dos homens dos diversos partidos da opposição. Por isto tanto nas sessões particulares, como nas publicas destas sociedades tenho observado que sem-

pre se trata daquelles dois objectos se falla com o maior respeito; tanto mais que estas Sociedades pela maior parte não só tem o soberano por Protector, e m.tos dos Min.os em o numero de seus Membros, mas athé recebem soccorros annuaes pecuniarios do Rey, ou do Governo, e outras tem na Imprensa Regia a concessão de imprimirem as suas transacções gratuitas.

Quanto a maior hé a pretenção scientifica de cathegoria d'algumas destas sociedades mias ellas tratão d'immitar não só nas demonstrações de respeito ao Rey e á Administração o Instituto R. de França, 1.° Corpo Scientifico da Europa que em todos os tempos essencialmente dependente do Poder, o cortejou sempre sem lhe importar a sua origem, nem a sua popularid.e ou impopularidade. Por outra parte estas Sociedades immitando tambem o Instituto na sua aristocracia scientifica, posto que em Miniatura chamão ao seu seio o maior numero que podem dos melhores nomes das differentes classes do Instituto sobretudo dos 40 da Academia Franceza para com elles se darem um maior realce tanto na opinião publica da Europa, como nas suas publicações.

Mas não fica só a sua tendencia aristocratica limitada á Sciencia, ella se extende aos grandes nomes antigos, e modernos da alta Aristocracia antiga e moderna. He assim que os nomes dos Montmorency, dos Dondaudevilles, dos Montalivets & se achão nos cathalogos de Seus Presidentes.

§.° 56

Sociedade Geographica de França

Assisti á Sessão particular desta Sociedade em a noite de 4 de Dezembro. Sentei-me ao pé de M.r Duverger Membro da Sociedade Aziatica como orientalista, e defronte de M.r Barbier du Bocage, f.° do celebre Sabio Alexandre Barbier du Bocage.

Os membros presentes que conheci forão os seguintes, Presidente da commissão central = M.r Roux de Rochelle, homem de mais de 60 annos, extremam.te polido. Veio dizer-me apenas soube que eu estava na sala, que muito estimava, e appreciava a acquisição que a Sociedade tinha feito com a m.a nomeação, e que muito estimava ver que eu honrava a Socied.e assistindo ás suas sessões particulares.

Leo depois uma interessante Memoria. Na Sessão agradeceo-me em nome da Socied.e o que eu lhe tinha communicado. Tem varias condecorações.

Estava M.r Davezac secrtr.°, que leo a m.a carta de resposta a do Presid.te e uma interessante Memoria p.a que todos os Governos fação effectuar a troca reciproca entre as Bibliothecas das diversas Nações dos seus duplicados.

Estava M.r de *Larenaudiere* que he vice-Presid.e da Sociedade. He homem de mais de 60 annos. Foi-me apresentado pelo seu Parente M.r Noël Duverger. M.r de Larenaudiere he mui rico, e fez toda a sua fortuna fazendo vender a tinta d'escrever chamada [*sic*] he casado com uma linda molher que tem magnificos brilhantes.

Estava M.r Bianchi Membro desta Socied.e e da Asiatica e do cons.o desta, e he *Secretaire interprete Perpectuel du Roi pour les Langues Orientales.* Tem a Legião d'Honra. Homem magro de mais de 50 annos.

Estava o celebre velho M.r Eyriés, colaborador da Klaproth, e Membro da Socied.e Asiatica e Presid.e Honorario da Socied.e de Geographia. Tem de certo mais de 80 annos. He comtudo citado como autoridade em m.as obras de viagens, e na Geographia de Malte-Brun. Delle diz o excentrico Paravey, «*He um rabugento antigo cap.am de navios que fez copiar viagens !!*

Estava um viajante M.r *Lafond* que esteve 15 annos segundo diz embarcado. Esteve em toda a parte do Globo, e 3 vezes na China. Fallou-me m.to de Macao, de Arriaga, de Ramos, &.

§.o 57

Livros, Litteratura na China

Quando se ouve a nossa gente Europea fallar nas prodigiosas Bibliothecas Europeas, na vastidão dos seus Livros, pasma-se de quanto a Europa he nesta parte inferior á China se acreditarmos o que nos dizem hoje os mais sabios orientalistas que tem estudado os Livros chinezes, que tem viajado naquelle Paiz isolado quasi do resto do Mundo.

Taes são as noções que me espantão quando leio M.r de Klaproth, Abel de Remuzat e ultimamente M.r de Fortia d'Urban no seu erudito *Essai sur l'origine de l'Écriture.*

Quanto á arte d'escrever a celebre inscripção de *Yu* que remonta ao anno de 2:287 àntes da era christan mostra que a arte de escrever era já então conhecida dos chinas havia m.tos seculos!

Quanto á invenção do papel

os chinas o inventarão um seculo antes de Jesus Christo.

Da imprensa

A Imprensa foi inventada por elles no anno 221 da nossa Era não por caracteres moveis mas sim de gravura em madeira. Mas assim m.mo um só operario pode tirar e tira mais de 10$ folhas por dia. As gazetas Imperiaes e Almanaks de Pekin são impressas com caracteres moveis.

Litteratura

Se se considerar a Litteratura chineza ella abraça um periodo de 4$ annos, que a invenção da imprença data de mais de 700 annos e que tudo q.to contribue a facilitar a circulação dos Livros he por um preço mui modico, e baixo. O n.o dos Livros impressos na China sobrepassa m.to ao total dos impressos em toda a Europa, e que o Impera-

dor Kien-Long q.^e subio ao throno em 1735 ordenou a publicação de uma collecção das melhores obras em 180$000 volumes!

Existe alli um grande numero de collecções desde m.^tos seculos.

As Encyclopedias podem servir de *pendant*. Estas não deixão nada a desejar, e podem ser comparadas as nossas, se ellas não são superiores.

Uma das mais importantes entre outras é a composta por Ma-tounliu da qual se acha uma analyse mui detalhada por Mr Klaproth no Journal Asiatique de Julho de 1832 p. 3, e no Artigo do Diccionario historico por M. de Remusat. O A. desta Encyclopedia viveo no seculo XIII da nossa era! Esta Encyclopedia contem 24 secções em 100 volumes. Tem muitas outras Encyclopedias das quaes Mr de Fortia deo noticia na sua obra — *Noureau Sistème de Biographie* alphabetique, 3 Partie — Paris 1832.

Este sabio a quem devo os maiores obsequios me mostrou nos thesoiros da sua preciosa Bibliothéca uma destas Encyclopedias originaes.—

§.º 58.

Marquis de Fortia

No dia 6 de Dezembro fui vêr o Marquez que me fez presente do exemplar do seu *Essai sur l'origine de l'Ecriture*. Mostrou-me o seu Medalheiro. Contera 1.000 Medalhas, as 1.as são todas Celticas, e algumas das Familias Romanas. Estão bem arranjadas em pequenas caixas.—

§.º 59.

Opinião de Lajard do Instituto sobre os Estud.^es das Lingoas orientaes.

No dia 6 de Dezembro ouvi-lhe dizer em casa do Marq.^z de Fortia que os Estudantes de lingoas orientaes que não sabião nada, que era uma miséria, que elle tinha tido occasião de o verificar mesmo quando tinha tido debaixo das suas ordens alguns dos que em Paris passávão por mais instruidos, quando esteve na Turquia, e na Persia. E que era uma miséria, e deploravel que tivessem nomeado Professor de Turco no Collegio de França um que sendo apenas 1.º Dragoman da Embaixada de Constantinopola não sabia o Turco, que apenas o fallava, mas que de uma ignorancia tal como um burro.

N.B. Este de q.^m elle fallava era M. Desgranges!

O velho Mielle homem muito instruido e de bastante graça contou-me que tinha ouvido uma vez a Lajard = *Persone sais plus que moi!*

§.º 60.

Sociedades scientificas em França

DIFFERENÇA ESSENCIAL DE SEUS RECURSOS FINANCEIROS DOS QUE TEM AS SOCIEDADES SCIENTIFICAS D'INGLATERRA.

As Sociedades Scientificas em França mesmo as da capital e aquellas que recebem socorros d'El-Rey, e que imprimem as suas obras gratuitamente na Imprença de favor na Imprensa Regia, os recursos que tem mesmo das cotizações annuaes dos Membros são tão apoucados que m.tas dellas são obrigadas a pagar em commum os Quartos do local das suas Sessões que são acanhados, e mesquinhos. Assim vemos em o 1.º andar da casa da Rue Tavane n.º 12 reunirem-se as seguintes sociedades e fazerem alli as suas Sessões —

1.º Sociedade Asiatica.
2.º Sociedade R. dos Antiquarios de França, antiga Academia Celtica.
3.º Sociedade Hellenica.
4.º Sociedade d'Horticultura.
5.º Sociedade de Economia Domestica, e Industrial.
6.º Sociedade da Moral Christã.
7.º Sociedade dos methodos d'Ensino.
8.º Sociedade d'Instrucção Elementar.

Todas estas Sociedades tem os seus Archivos e Bibliothecas no mesmo local, e pela pequenez deste se poderá julgar do limitado numero de Livros das suas Bibliothécas. A mais antiga destas Sociedades he a Academia Celtica hoje Sociedade R. dos Antiquarios fundada em 1805, e a sua Bibliothéca que existe em um só armario no canto da Sala das Sessões não conterá mais de 1.200 volumes. Por isto se poderá julgar das outras.

Em Inglaterra pelo contrário, em uma cidade mesmo de 2.ª ordem como Portesmoth a Sociedade Philosophica e Litteraria de Portesmouth e Portsea fez edificar um soberbo Palacio com pyristilo de columnas, e que he um dos mais bellos edificios da cidade. Hum magnifico salão das Sessões e Livraria e um largo Museo em outro salão de mais de 120 palmos de cumprido. E esta socied.e só se constituiu definitivam.te em 1814.

O edificio da Sociedade Real dos Antiquarios de Londres he um dos melhores de Londres, e no local mais caro, e de mais importancia. He o melhor edificio que condecora Warterlloo Place — Os baixos relevos de suas semalhas são muito interessantes apezar do que diz M. D.r Hausser sarcastico d'humor caustique, em todos os paizes por onde tem andado não tendo achado mesmo em Italia, na classica Italia um só souvenir. Além de pouca instrucção parece que tem influido sobre as suas faculd.es de julgar o seu exterminio da Patria!

Já que fallei neste disgraçado, se disgraça é escapar ás garras dos inimigos, e aos ferrolhos de um castello para descrever os grandes Jan-

tares de Londres depois de ter assistido a elles, as caçadas depois de ter participado a ellas, para beber o falerno na Patria d'Horacio, e de Virgilio, devo dizer que nunca li uma cousa mais fastidiosa pela pequenez de prolixidade de detalhes sobre cousas insignificantes do que as suas viagens d'Italia, onde o magistoso, o historico he posto em ridiculo, o philosophico despercebido. Aparecendo ao mesmo tempo uma presumptosa pretensão.

Enfastiado de tanta superficialid.[e] peguei ao mesmo tempo no Itinerario dos mesmos logares de M.[r] de Chateaubriand, e a minha alma se transportou como ao tempo dos antigos dominadores do Mundo.

Que differença de saber, de Philosophia e de Estilo!!!

Tornando aos meios financeiros apoucados das Sociedades Scientificas em França, devo dizer que os Budgets que publicão provão o que eu acabo de dizer.

MEMORANDUM

DAS MINHAS LEITURAS E OBSERVAÇÕES

PARIS

1836

TOMO 3.º

§.º 1.º

Academia Real das Sciencias de Lisboa

REMESSAS DE SUAS MEMORIAS EM NOV.º DE 1835 ÁS SOCIEDADES SCIENTIFICAS DE PARIS.

Não deixa de não ser curiosa esta remessa pela epoca em que foi feita e pelo peditorio de que accompanhou o actual Secretario, Macedo. As Sociedades a que forão remettidas, e de que me conste a recepção, são —

1.º Socied.e Asiatica.

2.º D.a R. dos Antiquarios de França.

3.º A Sociedáde Geographica.

O numero de Volumes remettidos he de 20 faltando 146!!! que formão as collecções Academicas, e que lhe fazem tanta honra quando se comparão com o diminuto de outras Academias Estrangeiras.

Mas o que he mais curioso he a remessa athe ao tomo XI P.te 1.a das Mem.as com a gravura da Medalha com a effigie do Sr. D. Miguel *de manto Real de Coròa e Sceptro sentado* recebendo as homenagens d'Academia, e no reverso a porca inscripção feita e composta pelo Camaleão do Patriarcha *Michaeli 1.º* Portug. et Algarb. Regi. Academia Scient. Olisipon. cui Praeerat Infans et Praest. Rex Summum Decus Gratulans Prenans F. C. M.D.CCCXXIX.

O gratulans prenans, sobre tudo é o mais curioso do nosso Cameliāo latinista.

E faz o Secretario Macedo uma tal remessa officialmente em nome da Academia das Sciencias no fim do anno de 1835 quasi dois annos depois da Academia reconhecer outro governo. Nisto estimamos muito ver quanto he respeitavel o exemplo que a Academia de sua consideração pela Historia. O que se passou considerou-o talvez como pertencendo a ella.

Esta tolerancia, este respeito pelo que se passou foi tambem igualmente seguida pela Academia durante os seis annos do G.º do Sr. D. Miguel.

Naquelle mesmo ultimo volume vemos uma prova no cathalogo dos Membros muitos dos quaes estavão ou deportados ou tinhão soffrido prisão, ou emigração e nem por isso deixarão de ser sempre incluidos officialmente no cathalogo dos Membros. =

Citarei os seguintes que ali lemos a pag. (Honorarios).

1.º Conde do Funchal, que já então não só não tinha reconhecido o governo mas athe contra elle protestado [a].

2.º João de Mattos. Já então deportado em Abrantes, e alli se lê = *Fóra de Lisboa.*

3.º Conde de Subserra. Preso no Forte da Graça em Elvas e incommunicavel.

4.º Sylvestre Pinheiro Ferreira que já tinha escripto a favor da Sr.ª D. Maria e seguia o seu partido.

Effectivos:

5.º Franzini que estava demetido dos empregos que exercia. Medida estupidissima do Min.º Leite.

6.º Matheus Valente do Couto o mesmo.

7.º O Bispo titular de Coimbra S. Luiz apezar de estar prezo na Serra d'Oça. Alli se diz = Fóra de Lisboa.

8.º O actual Secretario Macedo — que a essa epoca estava prezo.

9.º O medico Pimenta do Sardoal = apezar de Deportado.

Correspondentes:

10.º O antigo Deputado das côrtes de 22 = Pessanha, apezar de Deportado no Algarve.

11.º José Liberato = apezar de ter sido A do Campião *expulso do Reino* e formar parte da Emigração.

§ 2

Chronica Gothorum

QUE TRAZ BRANDÃO NO APPENDICE Á MONARCHIA LUSITANA

Não posso perceber por que motivo *André de Rezende*, *Gaspar Barreiros*, *Brandão* e com a opinião delles Antonio Pr.ª de Figueiredo, e finalm.te o instruido Antonio d'Almeida designando-a coeva de D. Affonso Henriques isto he dos fins seculo 13.º lhe chamão *Chronica* Gothorum, quando os Godos havia mais de 3 seculos que já não existião tendo sido suplantados pelos Sarracenos=? Se chamassem a chronica do seculo 13 *Chronica Sarracenorum*, podia ser, mas Gothorum do tempo de D. Affonso Henriques custa á acreditar que homens tão doutos a denominassem assim!

E tanto mais isto he p.ª depiorar que a Excellente Memoria de Ant.º d'Almeida sobre os Tumulos de Egas Moniz, e da sua jornada a Toledo, sobre um ponto bastante contraverso da nossa historia he tratado com bas-

[a] A margem, na mesma letra, encontra-se o seguinte: *NB. 1831. Dezembro 19.— Foi a Sessão Publica por conseguinte o vol. só se publicou no de 32.*

tante erudição, e critica apezar do tempo que empregou na sua composição, como se vê pela carta de João P.º Ribeiro a elle escripta em 8.bro de 1817 trabalhando já antes d'isso na d.ª Memoria, e concluindo-a só em 1830, levando portanto — 14 annos a compor 60 paginas, muitas das quaes são de integras de Document.tos ainda que analysadas com muita critica.

Outra Memoria de m.to interesse do m.mo Autor se encontra neste volume he «Exame comparativo das chronicas Portuguezas relativam.te ao Governo do Conde D. Henrique».

Além do que observei sobre a intitulada = *Chronica Gothorum*, a dicção d'ella está mui longe de ser do seculo 13. Basta compara-la com a dos monumentos d'aquella Epoca, com o das Côrtes de Lamego, e com o *qui salvatus est a cursis duobus*, *dum vadit ad porcos &* da Memoria do Mosteiro da Estrella que o A. chama de tempo immemorial! O Latim dos nossos antigos documentos era ainda de *infima lataninatis œvi*.

Escapou ao A apesar da sua erudição, uma das mais evidentes provas da Coevidade do Monumento d'Egas Moniz, que salta aos olhos menos prespicazes d'um Archeologo, e consiste no Estudo da arte, nos Emblemas, nos ornatos, e nas Figuras. São exactamente do mesmo cunho do seculo 12 taes quaes se encontrão nos Monumentos Francezes de S. Deniz coetaneos, em alguns da Bibliotheca de Paris &c.

Mas o A bastante precrustador das nossas chroniras, e Documentos tem os conhecimentos para uma contraversia de datas, e de versões e variantes, mas faltão-lhe aos essencias como a todos os que o precederão = os da Archeologia, isto he os da Sciencia da antiguidade, e dos Monumentos.

§º 3º

Litteratura e Sciencias na China

Já no Tomo precedente destas Memorias fallei neste assumpto digno da maior attenção de todo o homem philosopho quando a compara com a da Europa. Agora direi aqui que para que os incredulos p.r ignorancia se convenção da prodigiosa antiguidade das Sciencias na China, e a sua cultura não interrompida, que lancem os olhos sobre a interessantissima obra de M.r Remusat «*Memoire sur les Livres chinois de la Biblio-*«*theque* du *Roi* — Paris 1818».

Este sabio orientalista mostra os erros numerosissimos do cathalogo de Fourmont dos m.mos Livros, e p.r isso ignora quanto o conhecimento das Lingoas orientaes se tem aperfeiçoado neste ultimo seculo.

§.º 4.º

Academia Real das Sciencias de Lisboa

No Tomo 11, P.te 1.ª das Memorias da Academia se encontrão além das duas Memorias do falecido Antonio d'Almeida Medico em Penafiel, uma Discripção geognostica da serra de Cintra, pelo Allemão Barão d'Eschwege que não prova muito a profundidade dos conhecimentos

geologicos do A. Vimos entretanto com m.ta satisfação a vastidão de conhecim.tos nesta parte das Sciencias Naturaes de Vandelli Filho, e a sua grande erudição nas Notas feitas ao trabalho do Barão.

Vide §.º 10.

§.º 5.º

Bibliothecas das Sociedades Scientificas

Em continuação do que disse no § [*sic*] (*a*) do Tomo 2.º destas Memorias devo accrescentar que no dia 15 de Dezembro de 1835 visitei a Bibliotheca da Sociedade de Geographica de França. Esta bibliotheca conterá quasi o mesmo numero de volumes que a da Sociedade R. dos Antiquarios de França, isto he 1:200 a 1:400. Todas estas Bibliothecas são menores do que as pequenas livrarias de um simples particular. A livraria de M.r Lajard Membro do Instituto, e a de M.r Depping da Sociedade dos Antiquarios são muito maiores do que as destas sociedades. A livraria particular mesmo de M.r Cézar Moreau he maior do que as das duas Sociedades Scientificas de que elle he Director. A Socied.e de Estatistica, e Academia d'Industria.

§.º 6.º

Ferdinand Deniz

AUTOR DA EXCELLENTE OBRA — «RESUMÉ DE L'HISTOIRE DE LITTERATURE DE PORTUGAL»

Foi-me apresentado na Bibliotheca R. por M.r Reinaud. He um homem baixo, polido, e que terá pouco mais de 46 annos.

Esteve no Brazil.

Dice-me que ia publicar 2 volumes mais da Historia da Litteratura Portugueza. He bastante instruido não só em a nossa Litteratura, mas tãobem nos Mss. raros que existem na collecção da Bibliotheca.

Tem-me pedido por varias vezes noções que lhe tenho dado e que me tem promettido de citar no seu trabalho. Entre outras dei-lhe uma Nota 1.º sobre os codices que existem entre nós que mais podem interessar q.to á arte desde o seculo x:

2.º Nota sobre o Mss. de Vasco de Lobeira.

3.º Nota sobre João Rodrigues d'Alarcão — Remissiva aos Nobiliarios do Marquez de Turcifal e do Marquez de Monte Bello.

4.º Nota sobre as chronicas de Azinheiro.

(*a*) Refere-se ao § 60, inserto a pag. 106-108.

§.º 7.º

Congreços Scientificos. Congrès Europeen à Paris

Já no 2.º volume destas Memorias mostrei o que o jornal l'Echo du Monde Savant dice do de Toulouse, depois houve o outro de Donai que foi invectivado pelos Jornaes como uma reunião sem resultado algum vantajoso para a Sciencia. Agora direi que a gente sabia, os Membros do Instituto chamão a estas reuniões uma collecção de extravagancias e de charlatanasia. De todos estes, o que se annunciava de uma maneira mais pedantesca foi o da singular Monglave com o titulo — *Congrés Europeen* =

No Renovateur de 20 de Dezembro de 1835 vinha o seguinte artigo depois de outro fortissimo pelas impiedades que contra a Religião alli se tinhão proferido, posto que M.r Bucher Presid.e da Assemblea — *à protesté noblement contre un tel égarement d'esprit.*

ARTIGO

«Le congrès Européen qui s'est tenu à l'Hotel-de-Ville, vient de clore «ses séances. Il est necessaire d'en prevenir le public, qui pourrait croire «qu'elles continuent; et ce serait facheux. Il est bon aussi que *l'Europe sa-«che ce qu'elle fait ou se* qu'elle ne fait plus.

«Nous n'avons pas apprés qu'il y ait eu, du reste beaucoup d'affluence «à ce *congrés Européen.* Le concierge de l'Hotel-de-Ville — disait l'autre «jour *qu'en fait d'Etrangers, il navait guere vu qu'un habitant de Stras-«bourg!*»

§.º 8.º

Cimiterios de Paris

DESIGUALDADE DE MONUMENTOS, E DE CONDIÇÕES PELOS MESMOS MONUMENTOS

Depois de tão grandes Revoluções para estabelecer a quimerica igualdade natural, esta está tão longe de se ter estabelecido no pays em que esta quimera fez correr rios de sangue, que athe nas proprias sepulturas se demonstra a desiguadade das condições sociaes.

Nas = *Recherches Statistiques sur la ville de Paris et du Departement de la Seine,* entre os Quadros que apresenta ha dois do anno de 1826 pelos quaes se prova que os enterros se fazem em 3 destinctos cimiterios a saber Cimiterio do Norte (Montmarte) cimiterio do Sud-oeste (Vaugirard) e no de l'Este (Mont-Louis ou Pere-Lachaise) que durante os annos de 1821, 22 e 23 forão concedidas anno medio sobre 3 = *745 Sepulturas perpetuas*, e são todas no cemiterio do P.e Lachaise 2:246 temporarios e 13:953 communs = Que no anno de 1824 nos 3 cimiterios exis-

tião 20:956 Monumentos desde a modesta pedra sepulcral do valor de 100 francos athe ao faustuoso Mausoleo que custa 20:000 e algumas vezes mais.

Que sobre estes 20:956 Monumentos se contão 1752 de mais notaveis dos quaes 419 são jazigos de Familias!!! 477 erectos a Mulheres, 946 erectos a homens. Mas proguntaria eu aos homens partidistas da quimerica, e absurda theoria da igualdade, que quer dizer = *Sepulturas perpetuas* = Monumentos sumptuosos de distincção = e Jazigos de Familias ao lado do pobre, e mesmo ainda além da morte? Não verão nisto mesmo um dos mais patentes desenganos? Não verão que o Tumulo do mesmo Convencionalista e o da celebre Constituinte, he differente do outro cidadão? Não verão que o rico tem um de 20:000 francos, e o pobre nem uma lapide? Não verão esta tendencia natural das distincções, e da desigualdade que só no de Leste vão as maiores celebridades sepultar-se?

§.º 9.º

Opinião de Mr. Jules Cloquet acerca dos seus compatriotas actualmente

... à ceté partie de notre jeunesse qui s'intitule = *Jeune France* comme si la France avait plusieurs générations distinctes et separées, qui disent vivre dans un Etat continuel de haisse, et d'hostilité; comme si jeunes et vieux en France ne formait pas un seul et même peuple grand, et genereux.

«*Il est vrai que la France citée jadis par son urbanité qui n'est* «*plus guére que historique*, et envahie, dans une partie de sa population «du moins, par un esprit bien plus Soldatesque que Chevaleresque. Ivre «de l'*Omnipotence qu'elle s'accorde*, cette nouvelle génération qui voudrait «régir la Société, est cependant sur le rapport des belles manieres a «la remarque des autres peuples aux quels nous servions autrefois «d'exemple.

Cloquet = Souvenir de la vie de Lafayette, pag. 20.

§.º 10.

Academia R. das Sciencias de Lisboa

Hé realmente para deplorar o que se vê no tomo 1.º das *Noticias para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas que vivem nos Dominios Portuguezes* = publicadas pela Academia em 1812, 2 Tomos — que o celebre trabalho sobre os cultos e theogonias do Indostão = ou Bramismo feito pelos Missionarios Portuguezes, e copiado do Mss. autographo de Gôa, sendo acompanhado de 28 *estampas soberbamente illuminadas*, estas nem ao menos se mandassem lithographar!

Aquelle trabalho de um Portuguez dois seculos antes do celebre Orientalista Creuser, *Religions de l'Antiquité*, adquiriria grande reputa-

ção se as Estampas se podessem comparar com as da obra do sabio allemão. Mas custa a acreditar que sendo o Conde de Redondo então Governador do Reyno, e Administrador do Erario, e vice Presidente da Academia, seja o m.^{mo} que diga que circumstancias calamitosas tinham impedido que se gravassem! Mas suppunhamos que tal empedimento já mencionado em 1812 existira até então, porque se tem prolongado pelo espaço de 23 annos em que as estampas das Theogonias Asiaticas não tem visto a luz publica?

A mesma Lithographia existe já estabelecida em Portugal á perto de 15 annos. Nem ao menos as teem feito litographar!!! Outro defeito no plano de publicação da Academia a meu vêr nestas Memorias das Nossas Navegações hé o deixar ineditas tantas obras, e trabalhos dos nossos Portuguezes, d'alguns dos quaes podia ainda achar os autographos nas infinitas collecções dos conventos, e hir traduzir outra vez de uma lingua estrangeira para a Portugueza, o que se tinha traduzido do Portuguez p.^{a} uma Lingoa Estrangeira, e que demais a mais se acha impresso, e em todas as Livrarias, como são as collecções de Ramusio!

He pois a P.^{te} da collecção de Ramusio que forma o 2.° volume destas Memorias = Memorias cuja publicação parou á 23 annos!!!

Quanto aos ineditos.

Na publicação desta classe de peças observa-se tambem uma falta de systhema. Não seria mais methodico, mais scientifico, e mais digno de uma Academia a publicação de collecções separadas methodicamente?

Para que é confundir em o mesmo volume as chronicas com os Foraes?

Não seria melhor publicar os Foraes com Dissertações criticas e Historicas publicando na mesma collecção as Inquirições em lugares competentes e as confirmações das 5 especies?

Então tinhamos 1.° a Historia e Encargos dos Colonos e Povoadores, 2.° a dos Direitos da Corôa, dos Donatarios e dos Particulares nos 1.os tempos da Monarchia dos quaes os nossos escriptores nos deixarão em a mais culpavel obscuridade = 3.° a dos Direitos eminentes da Corôa sobre os bens della.

E teriamos na 1.ª P.^{te} dos Ineditos um Corpo de Historiadores cujas chronicas não tinhão athe agora visto a luz publica.

Assim teriamos um Corpo estupendo de ineditos 1.° da Historia Politica, e Militar do Reyno nas Chronicas produzidas 2.° da historia economica do Reyno dos 1.os periodos da Monarchia tanto nos foraes primitivos, como nas Inquisições e nas Confirmações onde se verião estas determinações do nosso Direito tão curioso como interessante —

§.° 11.

Mr. Lajard

Apezar da sua espantoza filaucia Litteraria, na Statistique des Lettres et des Sciences en France = dice = Lajard (Felix) Membre d'l'Ins-

titut (Academie des Inscriptions et Belles Lettres). *Nous ne connaissons aucun ourrage imprimé de cet Academicien.*

E com razão porque elle só publicou o pequeno opusculo sobre o culto de Mythrá no fim de 1834, e como é que este homem chama a Depping um compilador!

§.º 12.

Movimento annual da Imprensa no Japão seg.do Mr. Siebold celebre orientalista que habitou longo tempo aquelle Imperio, e segundo Balbi (Essai Statisque de la Bib. de Vienne)

Em Miako, Jédo, Ousaka e Oowari, onde existem os maiores estabelecimentos xilographicos imprimem-se annualmente de 5 a 8ᵐ pequenos volumes, Planchas, cartas geographicas &.

Seria curioso comparar-se este movimento de um anno, da Imprensa do Japão, com o da Imprensa Portugueza nos 3 annos de 1820 a 23, e nos dois de 34 e 35, que um Governo que se diz de homens regeneradores tem produzido.

§.º 13

Essai Statistique sur les Bibliotheques de Vienne par Balbi Vienne 1835

Brochura de 206 pag. Apezar da vastidão das investigações a que o A. se deo a sua obra mui pouco satisfaz na parte essencial da importancia de cada ramo da sciencia, e n.º de livros que possue cada huma das Bibliothecas de que trata.

As generalidades e sobre tudo laudatorias não podem satisfazer a scientifica curiosidade dos homens de sciencia e dos Bibliophilos. Tanto na Introducção, como no corpo desta obra vemos tambem que o A. compilou por uma parte o que diversos outros tinhão já escripto, e por outra dispôz conforme um plano seu as noções que outros lhe derão como fez com o Ensaio Statistico de Portugal.

Temos ainda a observar que occupando a Introducção 14 pag. a da Estatistica das Bibliothecas de Vienna apenas occupa 113 paginas. =

Entre as quaes nos seus infinitos calculos dos numeros comparados a maior parte dos quaes não são, senão discussões ingenhosas se achão incluidas alem de 45 Bibliothecas publicas, ou particulares de Vienna, e seus suburbios = 33 Bibliothecas Estrangeiras de todos os Paizes!=Consequentemente as noticias Bibliographicas que o A. devia dar se achão infenitamente circumscriptas e deixão muito a desejar.

Por outra parte não podemos conformar-nos com o plano que o A. seguio em inserir debaixo do titulo da Estatistica das Bibliothecas de Vienna um cap.º sobre a importancia Politica da Monarchia Austriaca = outro de Anedoctas do Imperador Francisco 1.º outro = da comparação da *População de Paris com a de Vienna* = outro dos *Fragmentos estatis-*

ticos do Imperio d'Austria = outro do annunciado Quadro Estatistico da Terra que se propõe publicar e finalmente o cap.º VIII das obras publicadas pelo A.! E posto que estes contentos pertenção ao Appendix em que figurão em 1.º logar os Archivos de Veneza, não podemos atinar para que deu então o Titulo á sua obra de Estatistica das Bibliothecas de Vienna com a qual nada tem de commum estas materias, e para que collocou no Appendix entre tantas materias diversas que se não ligão entre si. = o Artigo sobre os *Archivos Geraes de Veneza?*

Neste artigo que o A. começa por nos dar uma interessantissima noticia de que tendo-se reunido os documentos de 1:890 Archivos differentes que se recolherão ao Archivo Geral e que occupão 298 salas, e que se compõem de 8:664:709 volumes, e cadernos que formão a totalidade, deixamos na ignorancia quanto ás maças pelos diversos ramos, em que consistem, quaes os seculos a que pertencem, e seus numeros, qual a sua classificação, se tem ou não catalogos formados, e apenas se contenta em nos dizer : = *distribué avec une orde admirable.* Mas qual é esta ordem admiravel ? Mais valera que o A. no-la dicesse em logar de se occupar de nos matar com cyfras engenhosas para nos mostrar 1.º Se todos os papeis daquelle Archivo postos em uma pyramide excederião nas dimensões os mais elevados monumentos. = 2.º Se se desembrulhassem, e se das folhas se fizesse uma cinta se poderia com ella cingir o Globo na sua maior extensão ! 3.º Em que navios, e em que portos não poderião embarcar reduzidos a Toneladas ! 4.º Da superficie que as ditas folhas offerecerião, e que segundo o calculo que faz todo o genero humano actualm.te vivente poderia commodamente acampar-se debaixo d'ellas ?

Eutretanto apezar dos defeitos que notamos nesta obra que visivelmente o A. compoz mais para louvar com justa razão a Nação Bemfeitora onde está empregado contém noticias m.to interessantes, discussões criticas sobre os calculos dos diversos Bibliophilos, e Bibliographos, sobre as diversas Bibliothecas igualmente dignas de se consultarem e que provão as laboriosas investigações do A.

Esta obra de Balbi alem disso vem prehencher ainda que em ponto mui acanhado uma das grandes lacunas que Haenel deixou na sua grande obra «*Catalogi Librorum* Manuscriptorum qui in Bibliothaecis Galliae, &. onde não incluio as d'Allemanha apezar de ser Allemão, de publicar a sua obra em Leypsic, e no anno de 1830=Epoca em que já existião editas tantas obras sobre as Bibliothecas Allemãs!

Haenel tem tambem m.tos deffeitos, mas teve o talento de reunir uma collecção de noticias sobre os Mss. existentes nas Bibliothecas de França, d'Inglaterra, da Belgica, da Suissa, da Hespanha, e de Portugal. São meramente simples Cathalogos de alguns e esses poucos — mas apresenta assim mesmo uma Noticia indicativa de

França = 218 Bibliothecas da França, 105 das quaes possuem Mss. =
Suissa = Produzio a noticia de 19 a 20 Bibliothecas da Suissa =
Belgica. Produzio a noticia de 19.
Grã-Bretanha = 67 — e m.tas noticias de catalogos
Hespanha. Produzio a noticia de 43
Portugal. Produzio 65.

Assim M.r Haenel tratou ao todo de 432 Bibliothecas de 6 Nações. M.r Haenel servio-se principalmente p.a as de França do Trabalho de Montfaucon Bibliotheca Bibliothecareum mas os Msss. citados p.r Montfaucon tendo passado depois da Revolução para as novas Bibliothecas que se formarão, o A. teve de recorrer a novas obras, e correspondencias para organizar este trabalho.

Muitos, ou pela maior parte apenas he citada a sua existencia pelo A. em outras mui a proposito apenas remette o Leitor p.a as obras que dellas tratão.

Entretanto não he possivel em um so volume de pequeno fol. contarem-se mais noticias interessantes da existencia de Mss do que no cath.o de M.r Haenel.

Repetimos entretanto para que se veja quanto elle será diminuto, bastava dizer que a parte que elle dedica ás 67 Bibliothecas da Gram-Bretanha contem 65 pag. e que só o catalogo dos Mss da Bibliotheca Cotoniana hoje no Museo Britanico he um volume de fol. Magno de 618 pag. Entretanto

§.o 14

M.r Alexandre Valtemaire

Este indeviduo he o Autor da = *Pétition addressée aux chambres pour soliciter une Loi qui autorise l'Etablissement d'un systeme general d'echange des doubles des Livres* et d'objects d'art existants dans les collections, Musées & du Royaume, avec les Etablissements du méme genre qui existent dans les divers E'tats de l'Europe.

Memoria que seu A. fez lêr na Sociedade de Geographica e de que recebi um exemplar na Sociedade R. dos Antiquarios de França. Este indeviduo posto que eleitor actualm.te he um comediante. Tem estado em toda a Europa, e tem sido acolhido por todos os Soberanos e Principes Estrangeiros, e homens de Estado, sabios e outros do modo mais cordeal e extraordinario. Parece que possue uma collecção immensa de cartas autographas de todos elles a elle escriptas. Que formou uma collecção rarissima e precioza de objectos de Sciencia, de Mss & todos fructo de dadivas que lhe fizerão.

Vio pela 1.a vez na manhã de 13 de Jan.o deste anno na casa dos Mss. da Bibliotheca R. na occasião que apresentava a M.r Champolion um Mss. que sera do XII seculo.

He um homem de Estatura regular, ainda moço, que terá pouco mais de 40 annos, cabello Loiro, e rosto um pouco comprido.

§.o 15

Le Comte de Garden Chambellan de S. M. Le Rei de Baviere

Huma das primeiras obras que comprei apenas cheguei a Paris foi: *Traité complet de Diplomatie ou Theorie Generale des Relations Exterieures des Puissances de l'Europe d'aprés les plus célébres autorités.*

Par un ancien Ministre = 3.º vol. Paris 1833.

Esta obra recente tornando-se interessante, fallando por outra parte em Sylvestre Pinheiro como uma das authoridades celebres entre os Publicistas contemporaneos excitou-me a curiosidade de saber quem era o Autor anonimo.

Entretanto não pude conseguir nada, até que quando menos o pençava no dia 14 de Janeiro deste anno se me apresentou o Conde de Garden, dizendo-me do modo mais polido que lhe perdoasse o não ter buscado meio de me ter sido apresentado em forma, mas que elle trabalhando em assumptos litterarios dos quaes eu só lhe poderia dar e fornecer noticias, e documentos, que tomava a liberdade de me vir pedir este obsequio em interesse da sciencia, tanto mais que pela minha Introducção do Quadro Elementar das Relações Exteriores tinha visto a vastidão immensa dos meus conhecim.tos e trabalhos. Informou-se do estado desta m.ª obra. Referi-lha e depois passou a fallar-me no seu *Traité complet de Diplomatie*, e foi então que vim a saber que elle era o A.

Dice-me que me pedia licença para me offerecer um Exemplar apesar de eu lhe ter mostrado o que possuia, depois de lhe haver dito precedentemente que tinha sido a primeira obra que comprara em França, que entretanto me pedia o favor de me escrever pela sua lettra o seu nome na 1.ª Pag. para o levar a todo o tempo p.ª a minha Livraria onde possuia Barnage com uma dedicatoria authographa delle, um Rymer da 1.ª edição com a declaração da rarid.e pela lettra de Anderson um Damião de Goes das typographias Portuguezas do 16 seculo com a assignatura delle.

Elle lisongeou-se bastante, e me prometteo mandar-me um Exemplar.

Passou depois a dizer-me o que desejava, e consistia em saber quaes erão os Documentos, e Escriptos que se tinhão publicado acerca da ultima Questão da successão da Corôa de Portugal por parte do sr. D. Miguel, visto que possuia todos os que se publicarão p.r parte do sr. D. Pedro.

Respondi-lhe que se seguira quanto ao fundo legal da Questão o mesmo quasi que seguirão as Cortes de 1641 quando chamarão ao Throno a Dynastia de Bragança, que então elles publicarão um Manifesto celebre dos Direitos da Nação, e os do Rey que tinhão chamado ao Throno p.r direito hereditario, servindo p.ª elle de fundamento o celebre Assento dellas, que as de 28 se lemitarão a publicar o Assento Declaratorio, mas que depois houve um Manifesto, e contra-Manifesto do Sr. D. Pedro publicado em Belle-Yle = e que mais de 100 Folhetos em diversas lingoas se publicarão sobre esta Questão, donde elle poderia colher muitas noções.

Elle ficou como surprehendido, e dice-me que elle teria sido mui imprudente se tratasse desta parte do Direito Publico sem saber o que existia.

Citei-lhe depois varias destas obras, e acrescentei que não possuia um só exemplar aqui, que tinha deixado todas estas obras de uma e outra parte em Lisboa na m.ª Livraria.

Este Publicista he um homem alto, magro, rosto cumprido, fallando perfeitam.te o Francez, ainda moço que não terá mais de 46 annos, e

das maneiras mais delicadas. Muito bem vestido, e com as fitas de 3 diversas Ordens.

No dia seguinte recebi um Exemplar do *Traité complet de Diplomatie* com a offerta autographa delle na 1.ª pag.

Fui depois deixar-lhe um Bilhete, e tendo-lhe depois mandado varias das Obras que elle podia consultar recebi delle a carta mais polida e delicada de agradecim.tos.

Vidé §.º 18-Bis-51 =

§.º 16

Academia R. das Sciencias da Lisboa

Tom. 8. P.te 1.ª—Lisboa 1823

A impressão das obras Academicas soffreo sempre tal retardo que o discurso recitado na sessão publica de 24 de Junho de 1821 pelo Vice-Secretario Villela Barboza, só se imprimio neste vol. em 1823!

Começa no gosto d'alguns dos fastidiosos discursos Preliminares dos nossos Escriptores do 16, e 17 seculo, fastidiosos, e empolados, cheios de palavras que hoje não podem ser empregadas sem irrisivel affectação.

Começa pois=

Senhores: *Eu vejo a viuva de* Carneades *exclamou Cicero &.* Quando começa a referir-se á ordem dos trabalhos das sessões particulares, diz = *Nos estriou* o nosso consocio o S.r Constantino & com uma *Memoria* &!

Que quer dizer estriar com uma Memoria?

Não seria mais Portuguez e menos afectado=os trabalhos apresentados em as nossas sessões particulares começarão por uma Memoria do nosso consocio &? e seguir a analyse =

Deixemos em outra parte a muito poetica, e impropria *irmandade do ferro com oiro!* e diremos que he igualm.te singular o periodo seg.te =

Porém, Senhores, *se uns escavando o seio da Mãe terra!!*

A mãe terra = não me parece muito academico!

Em outra parte = *Mimosiou-nos com uma Memoria!*

Tratando dos Trabalhos da classe de Mathematica — começa dizendo della =

Na classe de sciencias exactas não são os annos tão abundantes!

Tratando da de Litteratura = «Entremos agora, S.res na *rica e formosa* Provincia (!!!) da Historia, e da Litteratura que constitue a 3.ª e ultima do vasto Imperio das sciencias!

Não posso perceber a divisão das sciencias de Villela.

Tratando das obras, ou antes apenas fazendo mensão das que forão offerecidas á Academia, diz o seguinte absurdo =

«as quaes, posto que não fossem geradas no seio da Academia, ou por ella perfilhadas, demandão &!!!

Quanto á Politica então o secretario explicou-se conforme as ideas

d'então, e o fez com maior *rampancia* do que a das famosas commissões do Instituto a Bonaparte.

Entre as Memorias deste volume a do Bispo de Vizeu sobre Fr. Luiz de Sousa, e suas obras he muito erudita, e interessante apesar do Estilo, estilo que elle emprega com pertenções de quinhentista, mas que não vai bem com os nossos habitos actuaes de ouvir periodos feluidos, sonoros e cuncludentes, sem hyperbatons forçados, e outras affectações de lingoagem que o Estudo da boa litteratura deve de todo excluir =

Outra Memoria m.to curiosa existe neste volume—he a do = *Exame critico das primeiras 5 edições dos Lusiadas* = por Sebastião Trigoso —

No fim cita por ordem chronologica 34 Edições Portuguezas dos Lusiadas.

A ultima Memoria deste volume de Fr. Fortunato de S. Boaventura = Memoria sobre os progressos, e decadencia da Litteratura Grega em Portugal desde o estabelecim.to da Monarchia athe ao Reynado do Sr. Rey D. José 1.º = he m.to erudita, bem escripta, e em tudo differente dos escriptos que depois publicou, e custa a crer que o homem que escreveo esta Memoria escrevesse depois a Carta que publicou o Denunciante da Duqueza de Bency!

§.º 17

Société des Naufrages

Assisti á 2.ª Sessão de conselho desta Sociedade em a noite de 18 de Jan.º como um de seus Presidentes, e Membro do Conselho. Achavanos 14. Foi presidida pelo G.al Barão de St. Denis.

Entre os Membros presentes estava Sir Sydney Smith com as suas Gran-cruzes=o celebre Cap.am Ross = e o cap.am Sir Edward Pelew (1) inventor do telegrapho Maritimo de que usa actualmente a marinha Britanica.

O Secretario tinha-se esquecido de escrever a Acta da Sessão antecedente, o que acontece frequentes vezes em outras Sociedades como já tenho notado nestas memorias.

Sir Sidney leo um rapport em Francez feito por elle, mas que estava de tal modo informe que o esteve corregindo ao m.mo tempo que o ia lendo. Este celebre Almirante apezar da sua longa residencia em França tem uma g.de difficuldade em se explicar, está mui velho e as suas faculdades moraes m.to enfraquecidas.

§.º 18

Memorias do Principe da Paz

Já em outra parte destes meus Memoranduns fallei destas Memorias que Mr. de Humboldt me annunciara.

No dia 19 de Janeiro encontrei este celebre personagem embrulhado

em um capote debaixo da Arcada da Rua de Rivoli, e quando cheguei a casa achei os 1.os 2 Tomos das suas Memorias, isto he da traducção franceza de Mr. d'Esménard =

A Introducção do Traductor é quasi uma canonisação do Principe da Paz. Elle he o Homem extraordinario, universal como homem d'Estado, modelo de costumes, e de fidelidade! Quanto ás Memorias—logo no 1.° cap.° aparece um Discurso de Carlos 4.° no dia seguinte á sua chegada a Fontenebleau, que realmente é ciceronico. Se El-rei d'Espanha fallava assim, muito calumniado foi pelos seus inemigos, quando dizião que elle só era emminente em fazer *Lacar* e tornear! Segue-se a asserção improbabilissima de que as vistas do Rei, e delle erão de dar uma Constituição á Hespanha! Quem o poderá acreditar?

A parte militar da campanha do Rossillon he perfeitamente bem escripta, e a das negociações com o Directorio. Os argumentos de defeza pessoal, e do Ministro são fortissimos e concludentes.

Tem comtudo na ordem narrativa um grande defeito, que consiste em as repetições textuaes do que uma vez tinha dito, e de inventar a parte historica, cortando-a com refutações de que varias obras tinhão escripto contra a sua administração.

No Tomo 2.° pag. 5 e 6 apresenta em uma Nota uma curiosa fanfarronada Hespanhola a nosso respeito. Falando das antigas Instituições de Espanha, a sua opinião apezar de modificada por 40 annos mais de experiencia, he original, só delle, contraria a que Martines Marina desenvolveo na sua theoria, e que o Principe da Paz não cita, contraria por outro lado ao dos partidistas do Poder Absoluto mas inclinando-se fortemente no fundo a este partido.

He assim que eu concebo a sua asserção de que as antigas côrtes de Castilha não tinhão outros Direitos senão os da = Exposição =?

A pag. 157 do Tom. 2.° acho fora de proposito as exclamações de saudade do Principe pelos Cavallos, e Burros das sans raças aperfeiçoadas! = Tratar do melhoramento das coudelarias entendia eu mas uma tal exclamação tem o que quer que he de ridiculo em um homem d'Estado quando trata das altas e profundas transacções da Administração e da politica!

Ainda mais ridicula he a apostrophe a S. Joseph por hir para uma capela que Fernando 7.° mandou construir no Picadeiro de S. A.!

Outro defeito que encontro nestas memorias he o Principe da Paz pertender estabelecer fundamentos de defeza nas dedicatorias que alguns AA. lhe fazião de suas obras, nos versos Laudatorios de alguns Poetas! Quando é que a Lisonja servio jamais de prova justificativa?

Não se prostituio sempre a Poesia a incensar athe os maiores horrores e atrocidades? Não vemos um Lucano, e mil outros louvarem Nero deificado, applaudir Tiberio?

Não vemos a todos os momentos os panygeristas de todos os homens que estão em um mediocre poder q.to mais o Principe que era o verdadeiro soberano de Hesp.a!

Em a Nota de pag 181 — he de uma vaidade singular quando diz que o celebre Jovellanos gostava m.to de ler as cartas delle Principe, e de as mostrar pela eloquencia dellas, pelo stylo, pela precizão = !

Pode publicar-se cousa alguma mais imodesta destas na boca de um Escriptor!

NB. Depois que escrevi este § e que communiquei estas m.as opiniões a varias pessoas que depois lerão as Memorias, a todas ouvi, sendo aliás leitores infatigaveis, que não tinhão podido mesmo acabar a leitura do 2.º volume! Outras que apenas lidos os primeiros capitulos as abandonarão, e a outras finalmente que só havia de bom a Introducção do Traductor Francez!

§.º 18-Bis

Comte de Garden

CONTINUAÇÃO DO § 15

O Conde de Garden ataca sempre o grande numero q̃ existe em França de Sociétés Savantes. Para me mostrar o ridiculo dellas, apresentou-me um annuncio de um Alfayate impresso de venda de fato por preços comodos no qual diz

Mr.

Tailleur, Rue de Seine =

Membre de plusieurs Sociétés Savantes!!!

NB. Vide no §.º do vol. 4.º destes Memoranduns as observações que elle fez quanto ao Instituto =

§.º 19

M.r Lajard do Instituto

No § 11 deste tomo tratei da unica menção que se faz deste academico na Statistica dos homens de Lettras em França, agora direi que tendo-o visto no dia 2 de Fev.º e entabolando elle logo a conversação do Estilo nos dois estribilhos = molestias que padece, remedios que applica, e Academia = veio logo com as primeiras que sendo essa parte enferior do corpo do sabio nem sempre são dignas de grande interesse para aquelles que o ouvem e depois com as difficuldades da nomeação que tem a fazer para o logar vago de M.r Monger.

Por essa occasião fallei-lhe na fornada ultima dos correspondentes, e perguntei-lhe quaes tinham sido os titulos pelos quaes tinhão nomeado o Conde de Munster? Respondeo-me que p.r ter escripto alguns artigos em alguns jornaes! E que trabalhava havia annos numa Historia do Imperio Ottomano! A isto dice-lhe eu, mas que vem cá fazer agora depois da famosa obra de M.r de Hamer? Respondeo-me que ella tinha m.tos deffeitos. Mas eu julgo que elle ainda a não leo, pois que elle mesmo confessa que abandonara o trabalho todo do culto de Mithrá =

Este desprezo pelo maior orientalista Allemão, é sem duvida proce-

dido porque elle tratou tambem do *culto de Mythrá*, e antes do seu opusculo delle de que já tratamos =

O de Lajard he d'Agosto de 1834 — o de Hamer já delle trata La France Litteraire, nos cadernos do Tomo 6 de Março, e Abril de 1833, mas o que he peor para M.r Lajard he que outro Archeologo. = Deune Bacon tratou do culto de Mythrá antes delle (vid tomo 9 da França Litteraria, de Septembro e 8.bro de 1833 —

Este ultimo Litterato tem publicado mais obras do que talvez Lajard publicará em toda a sua vida.

Proguntei-lhe por que não hia fazendo imprimir a sua Memoria sobre o culto de Venus e sacrificio de Perero — dice-me que era impossivel por lhe faltar o essencial que era a Introducção e que agora lhe convinha tratar de fazer dinheiro, que por isso tinha deligenciado ser nomeado p.a uma commissão Litteraria Academica sobre os homens do 13 seculo, e que os trabalhos delle lhe fazião interromper de todo os outros.

Mr Lajard vindo ver-me na tarde do dia 7 de Fev.o deste anno, fallando-lhe eu do muito que tinha gostado de ler nas Memorias da Academia das Sciencias de Toulouse o Elogio de Champolion o Jeune por Mr Du Mége, exclamou logo, que me não devia fiar em Du Mége. = *Il nous a trompé* (dice elle) *il a fabriqué des Médailles et Antiques, Inscriptions &.*

Mostrando-lhe a obra de Guyot de Feré, e notando que sentira não vêr alli mencionada a sua optima collecção d'*empreintes* das pedras cylindricas Babylonianas & respondeo-me logo que estimaria m.to que não tivessem tratado delle. *Je me suis constament refusè* (accrescentou elle) a donner des notions qui'on m'a plusieurs fois demandé sur ma vie, sur mes écrits, sur mes Collections, etc.

Neste dia mostrando-lhe eu as m.as Memorias dos Orientalistas Portuguezes, elle dice-me que a devia lêr no Instituto, que me pedia que frequentasse muito as sessões &.

Quanto a Mr du Mége p.a se vêr quanto he injusta a accusação de Lajard contra este laboriosissimo Archeologo basta vêr o Art.e que lhe dedica o Diccionario dos Homens de Lettras de Guyot de Fere. Alli se vê que elle tem composto mais de 44 volumes de differentes obras de Archeologia, que elle foi fundador de um dos melhores Museos das Provincias de França, e da Sociedade dos Antiquarios do Meio Dia —

§.o 20

Sessão da Sociedade Geographica de Paris — 19 de Fev.o de 1836

Fui assistir a esta sessão p.a apresentar as addições á m.a carta a Mr de Navarrette. Estavão m.tos membros, o novo Presid.e annual Mr de Corabenf, do qual M.r Guyot de Fere não faz menção no Diccionario dos Homens de Lettras de França. Vi Mr Jomart, Membro do Instituto, Mr de Montémont Litterato que apparece em um diluvio d'empresas Litterarias. Entreguei o meu trabalho sobre Vespuzio a M.r d'Avezac que seg.do elle me dice andava m.to occupado em fazer visitas aos

Membros do Instituto (Academia das Inscripções) para entrar no numero dos Candidatos. Dice-me que por ora só contava com m.to poucos, que entre estes erão Mr Jomard, Jambert e Walknaer, perguntei-lhe se acaso elle tinha relações com Mr Letronne dice-me que não, e que esse tinha já o seu candidato que era Mr Champolion.

Estas eleições do Instituto fazem-me lembrar ás da Medalha da Irmandade de Santa Engracia!

Dice-me M.r d'Avezac que M.r Quatremére lhe tinha feito muitos elogios a meu respeito. Nesta sessão foi apresentado uns additamentos do Macedo á sua Memoria sobre as Navegações dos Portuguezes de que tratamos no § [*sic*] impresso no anno passado. He in 4.º a conterá 40 folhas. He cousa bem fraca, e escapou-lhe o melhor das provas de que os Portuguezes conhecerão as Canarias antes do anno de 1341, que são as produzidas por Plutarco e outros escriptores antigos, e pelos Arabes do 12 seculo. Esqueceo-se do convite que os Lusitanos fizeram a Sertorius perseguido por Scyla para o levarem para as Canarias e alli refugia-lo.

§.º 21

M.r Ferdinand Denis

Encontrando-me no dia 19 de Fev.º, agradeceo-me a Nota sobre os Manuscriptos Onciaes e dice-me que M.r Regnaud lhe tinha confiado a m.a Introducção do Quadro Elementar, que elle achava um trabalho de grandissima importancia, e me pedio um Exemplar, assim como de todas as m.as obras p.a tratar dellas em uma publicação que vai fazer de memorias Bibliographicas.

§.º 22

Bailes do dia d'Entrudo em Paris

A Estatistica dos Bailes do dia d'Entrudo em Paris este anno é digna de se conservar. Ella mostra a alegria, e o movimento de prazer desta immensa capital.

Le carnaval (disait l'Estaffette du 19 Fevrier) était cette année plus animé que l'année dernière. Il résulte, dit-on, des rapports dressés à Mr. Le Prefét de Police, qu'il a eu en la nuit du mardi-gras 875 bals dans des maisons particulières, et 182 bals publics. Outre cette multitude de soirées dansantes, le violon, et le tamborin retentissaient encore dans les innombrables cabarets des barrières!

Assim vemos que houverão naquella noite em Paris 1:057 Bailes fóra os das Barreiras.

Talvez dançassem ao mesmo tempo 300$000 pessoas — !!!

§.° 23

Mr. Auguis — Membro da Sociedade Real dos Antiquarios

Este Litterato tem 50 annos. He deputado. Viu-o pela 1.ª vez em a sessão da Sociedade em a noite de 29 de Fev.° deste anno. Acabada a sessão veio fallar-me, e começou por me fazer varias questões Litterarias sobre os cancioneiros, sobre publicações &.

Respondi a tudo, e ultimam.te perguntou-me se eu continuava os meus trabalhos Diplomaticos, aproposito disso para que elle fizesse uma ideia delles, fiz-lhe presente de um Exemplar da minha Introducção ao Quadro Elementar, que elle m.to agradeceo.

He um homem gordo, alto, e calvo. Eis aqui o artigo da Statistique des Lettres en France a respeito delle = Auguis (P. R.) né à Melle (Deux-Sévres) en 1786 = He autor de Genie de la Langue Française, 2 vol. in 8.° 1820 = Historie de Cath.ne 2.ª et de Paul 1.° 1813 in 8.°

Revelations indiscretes du 18.eme Siecle & 1814 in 18 =

Des articles en divers recueils périodiques, et dans la Biographie Universelle. Il est aussi éditeur de plusieurs ouvrages, avec des notices qu'il y a ajoutées.

He da Extrema Esquerda e Mr. Paulin Paris me que [*sic*] posto que era homem de talento comtudo não tinha nem probidade politica, nem Litteraria.

§.° 24

Sociedade Geographica

Assisti á Sessão de 4 de Março. Estavão 20 Membros. Estava inscripto na ordem do dia para ler a continuação das minhas observações criticas sobre Vespusio mas em consequencia do que tinha passado com Mr. d'Avézac assentei de mudar o preambulo. Vi nesta Sessão o duque de Donodoville — Membro de m.tas Sociedades sabias e antigo Par. Vi o celebre viajante Riensi que leo uma Memoria sobre a Oceania = E um Mr. de Buck que leo um Rapport sobre uma obra acerca da Russia =

§.° 25

Despeza prodigiosa feita com a publicação de Livros Orientaes

Pasma, e deve pasmar um Portuguez quando penso que depois de termos sido senhores de quasi todo o oriente, e de termos tido mais de 300 Escriptores sobre as cousas do oriente, a mesma Aula de Lingua Arabe que havia no Convento de Jesus ja não existe, e quando vê o seg.te artigo no = *Echo du Monde Savant* n.° 10 de março deste anno:

«Que o n.° dos Dialectos nos quaes tem sido publicadas versões da «Santa Escriptura pelas Sociedades Biblicas de Londres, de S.t Peters-«bourg, de Calcutá, e de Ceylão sobem a 158 Dialectos!!!

«Alem do fim religioso a que ellas são principalmente destinadas bas«tantes destas versões em linguas orientaes são verdadeiramente pre«ciozas para o estudo destas lingoas cujos monumentos escriptos são tão raros &.

«O total das Despezas feitas para a publicação pelas diversas Socie«dades Biblicas nestes ultimos 31 annos monta a mais de 50 milhões de «Francos !!!

§.º 26

Collecção de Livros Portuguezes em Paris

As grandes Bibliothecas de Paris não possuem todas as nossas obras apezar da sua immensa riqueza em livros de todas as Nações. Comtudo as collecções que se encontrão nas mesmas Bibliothecas, e as que alguns particulares possuem podem offerecer bastantes subsidios a um escriptor portuguez que se queira dar ao estudo das nossas cousas em França ou a escrever sobre ellas. Entre as collecções particulares que existem em Paris as mais notaveis pela raridade dos Livros portuguezes e pelo numero das obras são 1.º a de Sampayo—2.º a de Mr. Thernaux da qual Mr. Deniz se tem servido muito.

Apenas em dois Livreiros, se achão alguns livros portuguezes, mas pela maior parte modernos faltando os mais interessantes. Portanto pouco ha a esperar das collecções de Barrois e d'Aillaud.

§.º 27

Mr. Le Marquis de Fortia, e a sua Bibliotheca

No dia 13 de Março visitei o Marquez que se achava na forma do costume cercado de homens instruidos que o frequentão todos os Domingos.

Mostrou-me pela 1.ª vez a sua Bibliotheca.

Pode dizer-se que toda a casa de Mr. Fortia é uma Bibliotheca. Comtudo a nova sala de Livraria que elle construio á 2 annos he magnifica, bem allumiada, e estantes de mogno com largos vidros, e aquecida, por caloriferos no centro.

Esta sala é quasi no gosto da Livraria do Duque em Pedroiços, mas terá dois tantos desta ultima, entretanto he inferior á do Conde de Linhares em Arroyos.

Apezar do que diz Mr. Guyot de Fére na sua obra de *Statisque des Lettres en France* que esta Bibliotheca contem 40$ volumes, Mr. de Fortia me diz que apenas tinha 30$ —

Tem muitas edições d'Elzivir = Huma boa collecção de escriptores Gregos, e Latinos. Bastante sobre Archeologia Estrangeira. Hum soffrivel corpo de Diccionarios — A collecção completa das obras do Instituto. Huma parte consideravel de obras sobre as Antiguidades, e Archeologia Franceza. A Grande Encyclopedia. Vi pouco em Historia Estrangeira.

O unico livro que vi relativo a Portugal — pareceu a Historia de Birago. Possue uma Collecção de Fac-similes de homens celebres magnifica=O Journal des Savants do tempo de Barnage, &.

Todos estes livros estão encadernados com luxo. Não vi alli nada em Direito Publico.

Tal he a ideia superficial sem duvida que formei de uma simples visita a esta Livraria.

Possue uma curiosa e rara collecção de antiguidades Persanas e Babilonianas em que vi bastantes pedras cylindricas com caracteres babylonianos, collecção que elle adquerio de Mr. Lajard.

Este excellente erudito offerece-ome a Bibliotheca para trabalhar. Disse-me que podia ir cada vez que quizesse.

§.º 28

Uso antiquissimo dos Patronimicos nas Familias

Difficultosamente se destroem as ideas e os costumes que se transmittem com o cunho dos Seculos, e com os habitos transmittidos de geração, em geração desde a antiguidade mais remota.

Qando um homem de tacto, imparcial, sabio, e amigo de investigar as cousas, examinar o sangue frio, os habitos, os costumes da nossa epoca, nelles encontra os mesmos habitos e costumes na antiguidade, e della transmittidos athe hoje, sem que as revoluções, e as Theorias de reforma tenhão podido desarreigalos e destrui-los. Entre todos os mais arreigados são indubitavelmente aquelles que marcão a desigualdade de condições, e a certeza que a aristocracia está fundada em a natureza.

O uso de juntar ao nome do filho, o do Pay, e muitas vezes o do Avô foi-nos transmittido pelos Arabes, que o tinhão recebido dos Gregos, que o tinhão recebido dos povos antigos.

Em Hespanha, em Portugal, e na Russia este costume se observa ainda do modo mais restricto.

Meu Pai tinha o 1.º nome de seu Avô paterno, o 2.º do Avô materno =e assim successivamente.

Os nossos Reys da 1.ª Dynastia fazião menção nos Docum.tos dos nomes dos Pays, e Avós e muitas vezes do filho primogenito=&.

§.º 29

Caracter Nacional dos Povos da Peninsula Hispanica

No § antecedente mostrei quanto os usos, e costumes antigos se conservão ainda em a Peninsula quanto aos nomes das pessoas, agora direi aqui que o caracter guerreiro dos Peninsulares he sempre o mesmo desde uma remota antiguidade. Vimos que no tempo dos Romanos, estes guerreiros que tinhão subjugado todo o Mundo nunca obtiverão uma completa e passiva posse do Territorio Iberico, nem antes delles os Carthagenezes, oiçamos agora uma passagem de um Escriptor Arabe de Gra-

nada que contando que Solymão tendo questionado o Walli (anno 714 ou 715) sobre os differentes povos que elle tinha vencido em Hespanha = Musa lhe respondera:

«*Os Béberes assemelhão-se* aos Arabes pela physionomia, pela bra«vura, pelos costumes hospitaleiros, mas são perfidos, sem fé nos Tra«tados.

Os christãos d'Espanha são liões nos Castellos, molheres nas planices, e cabras nas montanhas.

Não são pois o mesmo ainda hoje? (¹)

§.º 30

Sou consultado sobre materias de Paliographia

No dia 26 de Março na Bibliotheca veio Mr. Debeux pedir-me que designasse a um Francez que está encarregado pelo Governo para formar um Alfabeto dos antigos Manuscriptos, as differenças entre os Mss. francezes e os da Peninsula.

Effectivamente aquelle individuo apresentou-me um volume de folio em Hespanhol onde havião fac-similes de Documentos antigos, e mostrei-lhe que um delles ou estava mal copiado ou o codice de que elle fôra extrahido não era senão uma má copia. Apesar disto quiz elle mostrar-me dois mss. para eu os reconhecer como Espanhoes, afim delle tratar delles no seu Tratado.

Effectivamente apresentou-me um codice em fol. magno que tem no Rotulo Glouçario antigo — (Seculo 8.º) mas proguntando-me elle de que Seculo o estimava respondo-lhe que aquelle principio me parecia do 12.º Seculo, que entretanto como muitos codices erão escriptos em differentes Seculos e por differentes mãos ao mesmo tempo se encontrava o principio de um seculo mais moderno do que o fim do codice, como por exemplo o Flaviano Josèpho da collecção dos mss. de Luiz de Bruges, que o 1.º volume he do seculo 15, e os outros do seculo 14—elle dice-me mas os Benedictinos de S. Mauro estimavão-no mais antigo — sobretudo o Nouveau Traité de Diplomatique, e eu tornei-lhe foi elle assim classificado por Mabillon, e por De vaines que formão melhor auctoridade do que os A A. do novo Tratado não me soube dizer.=Então cotrendo eu o codice concordei com elle em que effectivamente este codice era posterior ao 9.º seculo, que elle apresentava todos os caracteristicos da barbarid.ᵉ daquelles tempos, e que a falta de oniciaes o provava ainda mais.

Mostrou-me outro bem Escripto para aquella Epoca que é um codice das Leys dos Godos, e que foi Escripto no 7.º Seculo, segundo a estimação que ali tem. Este codice aprezar de maltratado, he ainda a meu vêr mais legivel do que o 1.º Passei depois a inculcar-lhe para tratar melhor da materia quanto aos Docum.ᵗᵒˢ da Peninsula=D. Manoel Abella=Via-

(¹) Vid. Essai sur l'Histoire des Arabes en Espagne par Viardot. Tom. 1.º, p. 28.

gem para reconoscer los Archivios = Merino Escuela de lêr lettras. Viagem aos Monumentos das Igrejas de Hespanha por um Religioso &.

As Dessertações historicas e criticas de João Pedro Ribeiro, e a sua obra Principios de Diplomatica Portugueza.

Consultou-me elle depois sobre os Sellos Rodados — perguntando-me se sendo elles todos perfeitos, se não erão feitos á chapa, dice-lhe que não, que erão feitos pelos Notarios Publicos invariavelmente nos docum.[tos] da Peninsula. Entrei em outros detalhes e elle agradeceo-me m.[to] e dice a Debeux que na realid.[e] via que eu era m.[o] instruido nesta materia.

§.º 31

Do antigo direito Feudal da Desnaturalisação em Hespanha

Viardot na sua Historia dos Arabes d'Espanha, Tomo 1.º, pag. 247 traz a seguinte nota que he curiosa e que convem confrontar com o que havia dos costumes de Portugal na Epoca correspondente, seculo 13.º =

Elle diz q̃ existia então entre os Estados Christãos d'Espanha um costume singular. Este era o = *Beneficio da Desnaturalisação* =, ou o direito que tinha todo o vassalo do Rey de sahir livremente do Reyno, renunciando á sua naturalidade, e á sua qualidade de castilhano (desnaturalisar-se). Esta renunciação que constituia o Rey senhor dos bens do seu vassallo, tirava-lhe toda a especie de Direito sobre a sua pessoa. Se me não engano (diz o A) este beneficio derivava naturalmente das leis feudaes. Abandonando o feudo ao Suzerano, o Vassallo não lhe devia mais nem obediencia, nem fidelidade e recuperava toda a sua liberdade natural. Este costume que julgo não existio nunca senão em Hespanha, provaria que o Direito Feudal alli se conservara mais puro e mais consequente ao principio da sua Instituição do que no resto da Europa.

Em Portugal não encontro um só exemplo deste uso. Em todos os exemplos que a historia do Reyno me appresenta, eu vejo que a sahida do Reyno sem o consentimento do Rey era reputada um crime, e por sentença condemnatoria as mais das vezes. Nos ultimos Seculos as Leys estabelecerão o sequestro dos bens da corôa aos ausentes sem licença &.

Este ponto he digno de um Exame, pois he bastante curioso.

§.º 32

Anedocta curiosa dos Arabes de Granada

Logo que Muhamd califa de Granada se sentio moribundo escreveo ao commandante da fortaleza onde se achava preso seu Irmão Yousef o seg.[te]

Quady & meu servidor = Logo que receberes esta carta das mãos «do meu mensageiro tu tirarás a vida a Sydy Yousef, meu Irmão, e tu «me enviarás a sua cabeça pelo portador. Espero que não faltarás ao «meu Serviço.»

Quando o Alcaide recebeo a carta achava-se jogando o xadrez com o Principe, seu prisioneiro. Vendo-o mudo e perturbado = Yousef previo a sua

sorte. Que ordena o Rey, perguntou elle? Pede acaso a minha cabeça? Pois bem — (continuou o Principe), acabemos ao menos a nossa partida = E elle continuou a jogar no maior socego.

O Alcaide estupefacto, misturava todas as peças, mas o principe lhe indicava e corrigia todos os erros. Neste momento dois Cavalleiros chegão de Granada a toda a brida, para lhe annunciar que seu Irmão tinha morrido, e que o trôno o esperava!

§.º 33

Erro historico de Mr. Viardot

Viardot diz no Tomo 1.º da sua Historia dos Arabes, pag. 284, fallando d'Affonso V de Portugal e do modo pr quelle moveo a guerra a El-Rey de Castella para sustentar os direitos de D. Joanna, filha de Henrique 4.º

«La guerre qu'ils eurent à soutenir contre le roi de Portugal Alphon «se V qui defendait *avec l'aide de la France* les droits da la fience, &.

Pelo contrario Affonso V longe de receber auxilio da França antes Luiz 11.º com a perfidia que o caracterisava não só lhe não prestou soccorros, mas até secretamente impedio em Roma por meio de seus Embaixadores a legitimação da Princeza, e a dispensa do casamento.

A paginas 178, tom. 2.º diz este A. que derão o nome de escriptura gothica ao Missal gothico, escriptura ou caracteres hespanhoes, e ao missal hespanhol que forão substituidos no fim do 11.º seculo pelos caracteres francezes e ritual Romano.

Entre nós os caracteres francezes se encontrão em m.tos documentos dos seculos 12, 13, mas o rito latino só foi introduzido no tempo do Cardeal Inf.e D. Affonso (seculo 16), athe alli era mosarabico. Eu mesmo conservei o Missal gothico do Mozarabico de 1494 (Incunablo) e o reformado de 1538 =

§.º 34

Definição de Legitimidade segundo a Lei de Mahomet

Os doctores Arabes definem a legitimidade — que he aquella que se «adquire pelo triumpho das armas e pela posse Real do poder Soberano.»

E quantas legitimidades Europeas tem existido assim?

Toda parte da obra de Viardot sobre os Arabes, tom. 2.º, pag. 60 e 61, he digna de se ler. Alli se veem os associados ao modo Romano, os chamamentos á coroa arbitrarios &.

§.º 35

Costumes e usos que ainda restão dos Arabes em a Peninsula Hispanica

Nos §.ºs 28 e 29 tratei de alguns usos e costumes dos Arabes que nos restão ainda, aqui direi o que os mesmos Escriptores Arabes compilados por Conde dizião dos Hespanhoes e que ainda hoje he quasi o mesmo =

«Estas gentes (os Espanhoes) são cheios de bravura, e soffrem as pri-«vações com constancia, mas vivem como animaes selvagens, *entrando «uns em casa dos outros sem pedirem licença*, e não lavando os seus cor-«pos nem mesmo os seus vestidos, que elles não despem senão quando «cahem em pedaços!

§.º 36

O carnaval dos Arabes na Peninsula

Os jogos d'Entrudo que ainda se usão em Portugal são os mesmos do tempo dos Arabes.

No Regulamento Yousef na parte religiosa (1) ordena que no Ramadhan (Quaresma) deverão cessar os regosijos publicos mundanos que se tinhão introduzido nestas festas, taes como as de *atirar agoas de cheiro, laranjas e fructos*, ou de dansar em bandos pelas ruas.

O entrudo brutalisou-se mais ainda nos ultimos tempos entre nós, porque em logar de atirar com aguas de cheiro, se atira com agua mal cheiraoza, &., mas o de lançar laranjas de cera com agua de cheiro ainda existe no Brazil, onde sem duvida foi levado este costume pelos Portuguezes, em tempo mais antigo mais proximo, aos costumes adquidos do tempo dos Arabes, e alli se conserva hoje, como muitos outros antigos portuguezes que no nosso continente tem já sido ou modificados ou tem de todo desapparecido.

§.º 37

As carpideiras

Este uso Romano foi naturalmente estabelecido na Peninsula durante a occupação daquelle povo conquistador, mas vejo nos Regulamentos do Califa Yousef, que elle existia entre os Arabes, e mais povos de sua dènominação em Espanha e Portugal, porque elle diz:

«Hé prohibido allogar carpideiras para fingir saudades que não exis-«tem!»

Este uso das carpideiras durou muito tempo entre nós e quasi athe aos tempos modernos. Parece-me que ainda nos principios do seculo 18 os havia.

§.º 38

Uso do Discurso funebre e elogio do morto

Este uso antiquissimo dos Romanos existia no tempo dos Arabes, mas com certa modificação sendo na essencia o mesmo por que nos mesmos regulamentos de Yousef lê-se = «o elogio do defunto não pode ser «pronunciado senão pelo Alfaki ou pelo chefe do comboyo =

Os Romanos pronunciavão-no no forum, os Arabes entre nós no sepulchro, e ainda hoje os Francezes o recitão em presença do cadaver, e junto á sepultura, emquanto entre nós foi substituido pelo sermão d'Exequias que he ao mesmo tempo elogio historico do morto, e ceremonia religiosa. —

§.º 39

Uso das danças na Procissão do Corpo de Deus em Portugal

Entre os Documentos produzidos por João Pedro Ribeiro nas Dissertações Chronologicas = vem um curiosissimo dos regulamentos das Danças que seguião adiante da Procissão do Corpo de Deus no Porto ainda no tempo dos Phelippes no principio do seculo 17.

Este costume era pois dos Mouros, era um resto dos tempos Arabes, porque vejo que os Mosarabes de Hespanha o praticavão.

No Discurso do velho Francisco Nunes Muley (Mourisco) ao Presidente de Granada, depois do edito de 1566, diz «*o Santo Arcebispo gos-«tava de ver as nossas tropas* de dançarinos acompanhar o Santo Sacra-«mento nos dias de corpo de Deus, e outras solemnidades ás quaes con-«correm todas as aldeias disputando-se a qual apresentará melhores dan-«ças! O mesmo se observava nas procissões do Porto, e daquella Pro-«vincia como se vê do interessante Docum.[to] da Camara do Porto, seg.[do] «me lembro produzido por João Pedro Ribeiro.

§.º 40

Uso das noras para tirar agua he dos tempos dos Arabes

Assim como o uso das Noras he do tempo dos Arabes, ellas não tem nem os poços sundados no espaço de 6 Seculos o que erão no tempo delles. Basta vêr a estampa XV da viagem á Arabia, de Niebuhr para vêr ainda hoje naquelle paiz os poços que vemos.

Entre nós, os mesmos Arados, nos usos mecanicos o modo de cerrar madeira, como cerrão ainda os nossos cerradores, e o vestuario inteiramente simelhante de um serrador portuguez ao de um serrador Arabe =!

Os estribos se não são inteiram.[te] como os de que elles usão, como ainda se conserva em Hespanha, comtudo os estribos de Pão de Portugal he uma immitação dos estribos Arabicos que se usarão em Portugal

no tempo delles. Mas o que he mais he que estes usos são o menos que conservamos dos Arabes, o que he mais são muitas inclinações e habitos. As vinganças hereditarias, de que existem tantos exemplos ainda nos nossos dias. As familias actuaes dos que soffrerão no reinado de El-Rei D. José ainda não perdoão aos descendentes actuaes do Marquez de Pombal depois de passadas já 3 gerações.

Já os Arabes tinhão desapparecido do nosso Territorio e ainda um D. Luiz da Silveira, 2.º Conde de Sortelha — mandou por na sua Sepultura na Igreja de Goes o seguinte Eepitaphio que o P.e Sousa transcreveo na sua Historia Genealogica.

«Aqui jás D. Luiz da Sylveira, 2.º Conde da Sortelha que emquanto «viveo nunca fallou com Pero Correa!

E isto por que tinha tido questões com Pedro Correa Senhor de Bellas!

A nossa Lingoa está ainda cheia de palavras Arabicas. Não damos um passo nas ruas das nossas cidades que não encontremos um nome, um resto Arabe, nos campos as villas, e logares, muitos conservão seus nomes, e castellos, por elles impostos, por elles edificados.

Nem um só nome Latino verdadeiro existe, ou tudo succumbio ao Arabe predominante, á correpção posterior da pronuncia!

Os mesmos Palacios dos nossos Reis ainda no 15.º seculo alguns chamavão Alcazar. = E os Paços d'Alcaçova, a Alcaçova do rocio &.

Hum outro costume que existe ainda entre o povo Portuguez do tempo dos Arabes, mas que era commum aos Hebreus, e que talvez elles o tivessem recebido delles, he o de marcarem signaes Cabalisticos nos braços ou no peito, a que alguns chamam = Escripturas *Stigmaticas*. Os Arabes escrevião o nome d'Allah nos braços, nos peitos, e ainda hoje os nossos homens do povo, ou o monogramma de Christo, ou o que elles chamão *Sino Saimão* ou cruz de S.to André e até os Napolitanos provavelm.te recebidos da Sicilia durante a occupação Arabica, ainda pintão nos braços figuras, cruzes &.

Quanto ás muitas palavras de origem Arabica pode ver-se a obra publicada p.r Fr. João de Sousa «Vestigios da Lingoa Arabica». = E as Notas eruditas de «D. Joseph Conde á obra d'Edrizi». =

§.º 41

Geographia d'Espanha do Arabe Edrizi

A chamada descripção de Espanha por Edrizi (o Nubiense), de que D. José Conde nos deo uma traducção não he mais do que um magro roteiro. He na geographia, o que he na genealogia o nosso livro velho das Linhagens anterior á obra do Conde D. Pedro.

Conde podia ter collocado as suas eruditas notas no fim de cada pagina, ou indicar ao menos as remissões claras.

As concordancias geographicas dos nomes, e ethymologias que traz nofim quero dizer nestas notas são ainda deminutas apezar de eruditas,

por que muitos nomes Arabes de terras não são reduzidos aos nomes correspondentes actuaes.

Quanto ás concordancias geographicas das Terras de Portugal de que falla o Nubiense, ainda he mais mesquinha, e pobre do que a parte concernente á Espanha. O mesmo Nubiense não diz quasi nada, e Conde apenas nos appresenta a concordancia de 33 nomes geographicos dos Arabes da geographia de Portugal e são os seguintes:

1.º Portekal (Portogal) Mr. Reynaud, do Instituto, me dice que os Arabes lhe davão outro nome, e não citou este. Entretanto elle he exacto, por que elles não tendo a lettra = P = mudão em B =

2.º Lisbona ou Medina al Lisbona, Lisboa.

3.º Miakel Uius-Alcazar (Castro Marim).

4.º Alfegar (Silves).

5.º Gain (Faro).

6.º S.ta Maria, que conserva ainda o mesmo nome.

7.º Mertela (Mirtilis dos Romanos) Mertola.

8.º Xelbe (Silves no Algarve) o antigo *Ager currens* dos Romanos).

9.º Tabora ou Jabora (Tavira) (1).

10.º Abelad, Albalad ou Albelada (he Alvalade).

11.º Xenserin, outras vezes Santerin (Santarem).

12.º Xintera, e Sintera, Sinthera (Cintra), Sintra =

13.º Tavira — (Diz que conserva o seu nome), mas isto he contradictorio como a denominação de Jabora que eu julgo antes Tavora?

14.º Xeires (Sagres).

15.º Kenizat-Algora (Igreja do Corvo no Cabo de S. Vicente).

16.º Alcazar sobre Xetavvir — Alcacer do Sal.

17.º Xetarwir (julga que seria Setubal?).

18.º Biura = Euora Monte e julga tambem possivel que designasse a Provincia de Transtagana?

19. Colinria (Coimbra).

20. Eils (Elvas).

21. Almodovar (julgo que he o m.mo que ainda hoje existe. Conde não o diz.

22. Mont-mayor (Montemor).

23. Naghen (parece Vizeu, diz Conde).

24. Sertam, que Conde quer que seja em territorio de Salamanca, eu creio que he a nossa Sertãa?

25. Abraca (Castello da Barca).

26. Berkir (Pesqueira).

27. Cariat-Bona-car (villa nova de Gaya).

28. Uius-Abraca (castello da Barca, ou Ponte da Barca).

Rios

29. Thaga (Tagus) Tejo —

30. Nahr Duyra (Dubra) Rio Douro.

31. Nahr Mino (Rio Minho).

32. Mondim (Rio Mondego).
33. Libla (Rio Tinto).

Mas quando faltão os Subsidios e os Documentos, este pouco mesmo hé um grande triumpho da Sciencia.

Ouçamos pois as suas razões =

A excellente lingua dos Arabes que chegou a ser quasi geral em Hespanha por alguns seculos, falava-se nas margens do Guadalquibir, e do Tejo com a mesma elegancia que no Yemen e nas margens de Diglat porém o odio de nossos antepassados contra os Mouros fomentado pelo indiscreto zelo de alguns prelados não ficou satisfeito em quanto *não destruio tudo* que pretencia áquella Nação.

Do esquecimento e ignorancia d'aquella antiga lingoa nascerão aquelles estranhos Decretos do Cardeal Ximenes tam fataes para a Litteratura oriental = Quasi todas as Nações erão barbaras quando os Arabes erão douctos, e os de Hespanha douctissimos.

Quantos preciosos Tratados consumirão as chamas? Quantas noticias historicas, os mais importantes tratados geographicos, Taboas astronomicas, &. &.

«Por ordem do cardeal Ximenes queimarão-se mais de 80ꝏ volumes de Mss. Arabes, como se todos elles fossem do Alcoran!!

Este Prefacio todo de Conde, e o que Viardot diz no seu 2.º volume da Historia dos Arabes he digno de ler-se para se vêr a horrivel perda que este fanatismo nos fez experimentar!

Os artigos concernentes aos Arabes, e sua Litteratura que se encontrão na *Encyclopédie des Gens du Monde* = Escriptos por Mr. Raynaud são excellentes e mui dignos de ler-se e consultar-se.

§ 42

Dr. Hanemann

No dia 4 d'Abril em um Baile da Baronne Siciliana Carvajo=vi pela 1.ª vez este celebre Medico chefe dos homeopathicos.

He realmente singular este homem. Tem 82 annos, baixo, grosso, mas agradavel. Explicando-se com muita difficuldade em Francez. O seu vistuario é mui fora do ordinario. Achava-se com um roupão forrado de pelles, e um barrete de philosopho na cabeça ainda que de forma judaica. Parecia realmente uma daquellas pinturas da Escola Flamenga que tanto admiramos.

Elle casou ultimamente com uma rapariga Franceza de 23 ou 24 annos, o que deo logar a dizer Mr. Desgranges ao pé de mim antes de hontem = Que elle naturalmente lhe admenistrará o amor pelo systhema homeopathico = em dozes pequenissimas?

§.° 43

Mr. Raoul Rochette

§.° CURIOSO DA SUA MEMORIA SUR LES REPRESENTATIONS FIGURÉES DU PERSONNAGE D'ATLAS

Dedicado ao celebre Creuser e contra Mr. Letronne, Paris 1835—

Este §.° apresenta um Quadro, e verdadeiro, do modo p.r que se pode obter, e se obtem em França um credito scientifico.

Elle he carregado e não absolutamente exacto na generalidade, diz elle contra Letronne=«Voyés moi, vivant sans coterie dans un temps ou «tout est coterie, la science, comme la politique, l'Université, comme la «bourse. Sans le moindre accésés aux journaux, dans un pays où les hommes n'ont de valeur que par les personnes dont ils disposent, soit «comme écrivains, quand'ils en ont le talent, soit comme accionnaires, «quand'ils n'ont que ce moyen-là; voyez moi, étranger à tous les partis, «là où il n'y a pas de petit homme qui n'ait un parti; sans crédit auprès «des gens en place, et auprès des femmes à la mode; retiré du monde, «et renfermé dans l'étude, seul sans autre apui que ma considération «littéraire, sans autre affaire que mes travaux archéologiques; voyez-moi «dans cet État, si vous pouvais vous le figurer, mon illustre ami, vous «qui dans nos écoles d'Allemagne n'essurgez jamais que des querelles de «savants, et qui en fait d'antiquités, n'avais affaire qu'à des antiquaires «vous; qui n'etes point exposé à recevoir du Journal des Débats un *bre-«vet d'Erudit*, *ni reduit à acheter* un Diplome de grand-homme avec une «action du Temps=&!

Este escripto he de uma extraordinaria erudicção, elle pertende provar no que escreveo Letronne sobre o mesmo objecto não só ommissões, mas erros graves athé de traducção dos textos gregos. Entretanto esta materia de Phisiologia hé tão suscetivel de diversas intelligencias que se podem elevar entre ambos estes celebres Archeologos uma sophistica, e discussão. Como as guerras dos grammaticos antigos, e como as dos Diplomaticos sobre os Documentos antigos. A guerra tem continuado sobre outro terreno o da *pintura moral* dos antigos=Rochette he da opinião de Boetinger na analyse da obra do Duque da Serradifalco sobre os Templos de *Pœstum*, contra Historf e Letronne defende este ultimo em um volume de cartas a que deu o Titulo *Lettres d'un Antiquaire à un Artiste*, &. 1836. As rivalidades litterarias são taes que Mr. Mionnet apezar da sua modestia me dice a mim=que tanto um como outro apenas sabião Grego, mas que erão superficiaes no resto e cheios de presumpção. Elles todos reprovão esta guerra como escandalosa p.a as Lettras, e p.a os homens desta profissão.

§.º 44

Museu Durand

No dia 17 d'Abril fui ver esta espantosa collecção que sendo a mais preciasa que existe em toda a Europa em vasos Etruscos e Gregos se se exceptua a de Napoles, não merecem um art.º na Statistica de Mr. Guyot de Fere, e a qual se acha actualmente exposta ao publico p.ª se vender.

Comprehende esta collecção mais de 3$000 objectos. A collecção de vasos he superior mil vezes ao museu Blacas. Acaba esta collecção de ser descripta em um volume com o rotulo = .

«Description des antiquités et objects d'Art qui composent le cabinet du feu chevalier Durand Paris, 1836 — vol 8 de perto de 600 pag. Este cathalogo foi composto por J. de Witte Membro do Instituto Archeologico de Roma, e debaixo das vistas de Mr. Lenormant Conservador adjunto do Cabinet des Antiques da Bibliotheca, e a descripção das medalhas he feita por Mr. Rollin =

§.º 45

Société de Morale Chrétienne

Assisti no dia 18 d'Abril á Sessão Publica da Sociedade de Moral Christaam.

O seu fim está designado na noticia de *Paris Guide* de Gallignani's = foi creada em 1821.

Foi esta Sessão a que assistirão talvez 2:000 pessoas, sendo a maior parte do sexo feminino, presidida pela Marquez de Larochefaucauld Liancourt, author de m.tas obras (vid. Statistiques des Gens de Lettres) homem baixo calvo e velho. Recitou o seu Discurso, mas não tem um orgão feliz, não aconteceo o m.mo a Mr. Carnot que invectivou quanto poude o tempo da Restauração, as suas tendencias religiosas inteiramente theocraticas e retrogradas segundo elle. Apesar de author de varias obras, he um homem moço e mui *fashionable*.

Entretanto o que produzio um verdadeiro e estrondoso aplauso no auditorio foi o Discurso de Mr. Lamartine sobre a abolição da pena de morte.

Tem Mr. de Lamartine uma physionomia que annuncia logo um g.e talento, he d'estatura mais que mediana, e possue um bello orgão.

§.º 46

Sessão de 19 d'Abril

SOCIEDADE R. DOS ANTIQUARIOS DE FRANÇA

Na sessão de 19 d'Abril li a minha Memoria sobre os Manuscriptos illuminados, e com miniaturas antes da restauração das artes do tempo de Perugino.

Estavão presentes entre outros membros = Presid.e Mr. de Berr, Abbé de Laborderie, Paris, Allou, Taillandier = B.on Roger (Deputado) Benolien, Martou e Paris =

A minha memoria attrahio uma attenção immensa, ninguem fallou durante a leitura, caso rarissimo que não acontece quasi nunca nas Academias, mas não só attrahiu esta attenção, mas inspirou a todos o mais vivo interesse. Propozerão que a respeito deste trabalho pelo seu interesse scientifico fosse *séance tenante* decidido que fosse incerta no volume das transacções da Sociedade, sem ir na forma do Regulam.to á Commissão das memorias.

O A. desta proposta foi Mr. Taillandier, rapporteur da commissão. O Presidente declarou que a Memoria era de tal inreresse, e tanto mais pelo Autor tão distincto que a tinha feito que lhe parecia que bastaria uma 2.a Leitura. Assim se decidio—Recebi depois os cumprimentos de muitos dos Membros presentes.

SESSÃO DE 29

Fiz a segunda Leitura nesta sessão. Mr. Depping oppoz-se com grande calor a que se impremisse antes de se dar o rapport da commissão das Memorias na forma dos Estatutos. Procedeo-se á votação p.r scrutinio secreto e decidio-se á unanimid.e que fosse impressa sem aquella formalidade. Os membros da commissão das Memorias que derão o seu parecer *science tenante* forão Mr. Tallendier, Jolois, e Allou.

§.º 47

Dr. Guyétan

No dia 19 d'Abril visitei este Escriptor para tratar do objecto da Memoria sobre os Fossies encontrados em Portugal comparados com o systema de Jura. Mr. Guyétan he secretario Perpetuo da Sociedade da Emulação do Jura—Membro de m.tas Academias. E tem um Artigo biographico interessante na *Statistique des Lettres en France*. No volume dos Departamentos pag. 142 e 143.

Fez-me a mais delicada recepção, e offereceo-me logo ser o intermediario p.a a Sociedade, e offereceu-me todas as transações da Sociedade. Mas em tudo quanto era alheio das Sciencias Naturaes elle declinava p.r ellas, e muitas vezes me proguntou se não frequentava as Academias das Sciencias, e se antes preferia as das Inscripções e Bellas Lettras—se não frequentava o Sallão de Mr. Jomard do Instituto onde se reunião todas as Semanas um grande numero de sabios. Offereceo-se p.a me conduzir a ver um dos Museos mais curiosos em mineralogia que particular algum athe agora possuio.

No dia 24 veio trazer-me da parte da Socied.e de Emulação do Jurá as suas transacções que consistem em 4 folhetos dos 4 annos de 31 a 35.

Dei-lhe um exemplar da minha Introducção ao Quadro Elementar.

§.° 48

Bibliotheca de Mr. Michel Leberr

PRESIDENTE DA SOCIEDADE REAL DOS ANTIQUARIOS DE FRANÇA

No dia 24 d'Abril deste anno veio buscar-me Mr. Allou para hir ver este immenso thesouro de preciosidades =

Na *Statistique des Sciences en France*, se diz acerca desta Bibliotheca = no Art.° que lhe é consagrado como homem de Lettras =

«Sa Bibliotheque est une des plus riches comme en documens histo-«riques, imprimés, manuscripts, estampes, dessins, et pièces curieuses «en tous genres =

Na mesma obra no Art.° *Bibliotheques Particulieres* celle=de Mr. «Leber auteur de plusieurs ouvrages riche par la réunion qui s'y trouve «d'ouvrages sur l'histoire des premiers siècles de notre monarchie, et «par un nombre considérable de mss. sur la régence, et sur les intrigues «de la cour à cette époque=

L'Encyclopédie des Gens du Monde contem um artigo Biographico deste litterato.

Mr. Leber mostrou-me no espaço de 2 horas uma riqueza impossivel de descrever aqui — apenas direi que elle possue em Mss. sobre vellin uma Biblia preciosa do seculo XII, um codice admiravel flamengo do 15.° seculo ornado de soberbissimas miniaturas, um grande numero de outros illuminados, e cam miuiaturas anteriores ao XV seculo. Um grande numero d'autographos de Luiz 14, &

§.° 49

Academias

GRANDE N.° DE OBRAS SOBRE AS ACADEMIAS DA EUROPA
PUBLICADAS ATHE AO PRINCIPIO DO SECULO 18

Parece realmente incrivel o que se tem escripto em cada ramo dos conhecimentos humanos, ainda mesmo antes do grande impulso do seculo 18, e deste actual. Só neste ponto das Academias encontrei citadas como obras especiaes sobre as Academias = Em a producção latina de Varea = 89 escriptores!!

Vid. a d.ª obra in fol. Tomo 1.° fol. 5 — que tem o titulo = *Academiarum orbis in genere scriptores.*

Li um artigo interessante sobre Academias no Tom. 1.° da Encyclopédie des Gens du Monde —

§.º 50

Grande numero de obras sobre Bibliothecas até ao principio do 18.º seculo

Vid. Varea=35 obras destinctas sobre esta especialidade, ou sobre este ramo.

Mais de outro tanto se tem composto depois daquella epoca, e mesmo durante aquelle periodo que Varea não cita!

§.º 51

Conde de Garden

Este litterato que me tinha pedido um artigo meu biographico p.ª ser inserido nas biographias que se publicão em Allemanha, fazendo-lhe eu a leitura das primeiras 15 paginas no dia 18 de Maio, disse-me que era um Modelo do methodo p.r que os artigos biographicos dos homens d'Estado devião ser Escriptos. Que o achava do mais alto interesse &.

§ 52

Na Bibliographia Diplomatica o meu nome é citado

No dia 1.º de Junho escreveo-me Silvestre Pinheiro pedindo lhe dicesse a data da impressão do meu Quadro Elementar por que o Author de uma Bibliographia Diplomatica citando-o desejava saber em que Epoca elle fora impresso, e bem assim que lhe desse as noções de quaesq.r outros trabalhos que devessem figurar na sobred.ª obra=(vid. a m.ª Resposta no Maço das correspondencias Litterarias)=

§.º 53

Encyclopédie des Gens du Monde

Esta obra publicada ultimamente por uma Sociedade de Litteratos distinctos contem artigos bastantemente interessantes. Um dos mais curiosos he o concernente a Historia e Litteratura ingleza.

Os Biographicos como os de Mr. d'Appory, e d'Ancillon são curtissimos e deixão m.to a desejar.

Entretanto são escriptos pela maior parte com melhor gosto do que alguns da obra=*Esprit de l'Encyclopédie* se se exceptuarem os que neste ultimo se encontrão de Diderot. Esta obra contem no Tom. 4.º P.te 2.ª dois artigos interessantes um de Calomarde extrahido do=*Conversations Lexicon*, e outro do Duque de Cadaval e da sua Familia escripto por Francisco Eleutherio de Faria e Mello, e inserto por Schnitzler.

NB. Sobre este artigo vide adeante o § 54.

Contem outro de João de Barros = Laudatorio = Esctipto por Luiz Spach=

Contem outro de Camões = de Affonso de Albuquerque assás extenso — de D. R.º da Cunha e d'alguns dos Costas escriptores, outro Art.º sobre a casa de Bragança escripto p.r Chamrobert.

§.º 54

Société pour l'instruction Elémentaire

Esta Sociedade foi instituida em 1815, tem feito serviços muito importantes (vide sobre a sua origem Gallignani).

Mr. Jomard do Instituto que he um dos seus Presidentes, he quem mais a tem animado. No dia 4 de Junho deste anno de 1836 recebi convite como *Membro d'ella*, para assistir á Sessão Publica, á qual assisti no Domingo 5. Estava immensa gente. A sala de S.t Jehan do Hotel de Ville cheia. Retirei-me ás 3 horas.

§.º 55

Encyclopedie des Gens du Monde

ARTIGO DOS DUQUES DE CADAVAL

No tomo 4 P.te 2.a se encontra um A.º fornecido em o anno passado de 1835 por Francisco Eleutherio, que alli se acha assignado com as duas initiaes — F. M. Faria e Mello. Começa o A.º pela Genealogia das Casas de Ferreira, e Olivença isto he da casa de Cadaval, e diz que esta casa fòra Elevada *au rang de premiers princes du sang dans le royaume*. Circumstancia que não he exacta. As duas casas de Cadaval e Lafões nunca tiverão tal declaração, nunca forão elevadas a uma tal cathegoria. Os ramos immediatos mesmo como D. Constantino de Bragança, D. João da Bemposta, os Senhores de Palhavã filhos reconhecidos d'El-Rei D. João V. E declarados Irmãos d'El-Rei D. José nunca forão elevados á cathegoria de *premiers Princes de Sang du Royanme*. = Cathegoria que so compete aos Infantes legitimos. Isto he o que temos a observar quanto á pertenção que alli se desenvolve da Cathegoria Principesca, e nada menos de que de sangue igual á dos Infantes senão superior por que aquelles mesmos não forão nunca denominados *premiers Princes de Sang du Royaume*, denominações que no rigor dos nossos usos so pertence ao filho Primogenito do Rei herdeiro da Corôa. Passa depois o A. a citar simplesmente os cargos que o Duque exerceo desde o de Conselheiro de Estado em 1823 primeira vez que foi empregado. A' parte concernente ao tempo que ficou em Lisboa durante a ausencia do Sr. D. Miguel nas Provincias do Norte he inexacta por que elle não foi então *chargé de Présider le Conseil de Ministres qui restait à Lisbonne*. Ao contrario o Duque foi nomeado por uma Carta Regia

que eu mesmo redigi=na qual apenas elle era nomeado para aquelle commando, e podendo juntar-se ao Conselho de Ministros, e ter nelle voto nas materias que se tratassem por que era Conselheiro d'Estado. Este foi o meio termo que eu busquei para vencer certas difficuldades entre os Ministros, principalmente, com o do Reyno que apenas soube da deliberação da partida do Sr. D. Miguel quiz logo arrogar-se assumir a direcção do Ministerio, mas que os Decretos e Carta Regia que dava o voto ao Duque, e que eu li no Conselho pozerão termo á aquella pretenção. O Duque assignava pela sua gerarchia titular os Rapports das conferencias, mas não Presidia senão por que o Conselho de Ministros tendo-o visto tomar parte nas conferencias teve por elle a deferencia de o considerar como dantes, mas elle não tinha pasta, não expedia ordens ao Menisterio, e só curava dos Negocios Militares que consernião Lisboa e a Provincia da Extremadura.

Passa depois o A. á justificação da Evacuação de Lisboa, e passa por este negocio com habilidade como gato por brazas = funda-se na impossibilidade de conservar a capital depois da tomada da esquadra de combate d'Almada onde fora derrotado Telles Jordão, e da falta de cooperação do Visconde de Mollelos, no desalento de Lisboa por estes acontecimentos, pela devastação da *cholera*, emquanto as conjurações se tramavão de uma parte e da outra a entrada da esquadra ingleza no Tejo que aliaz ameaçava de um desembarque, é que então consultara os Generaes que *D. Miguel avait laissé en activité* e que segundo a sua opinião evacuou Lisboa. Felizmente aqui foi extremamente verdadeiro, porque mostrou que não tinha consultado os Ministros da Coroa, nos quaes tinha visto na vespera uma decisão unanime, e valorosa de permanecerem na capital, e de a não abandonarem em nenhuma extremidade.

Não falla na sua excellente Proclamação da vespera approvada pelo conselho de Ministros em que chamava o Povo ás armas, em que a resistencia era a base da sua decisão do dia antecedente. Promettendo que nunca desmereceria do sangue do Grande Condestavel D. Nuno!

Não falla das instancias que na vespera á 1 hora da noite já depois da derrota d'Almada lhe fizera o Ministro de Hespanha Cordova quando voltou do Quartel General de Villa Flôr para que não abandonasse a capital porque o inimigo não tinha mais de 1500 h. o forte d'Almada estava ainda defendendo se como se defendeo ainda 2 dias, que Villa Flôr não se atrevia a entrar na Capital, que elle Duque tinha 8⁄m h., e que o seu inemigo estava separado por um rio tão largo como o Tejo, e a margem que nós occupávamos defendida por mais de 500 peças d'artelharia!! Não foi possivel persuadil-o que se esperasse que o exercito commandado por Mollelos atacasse e desalojasse Villa Flôr pela rectaguarda, &.

Estas, e outras circumstancias que são o reverso da medalha, são de grande importancia.

«Diz o A. que fôra na cidade d'Elvas que o duque soube da catastrophe d'Evora que *D. Miguel fut obligé de quitter le pays*, e que elle *Duque profitant de la Convention d'Evora Monte, le duc de son côté demanda immediatement ses passeports pour sortir du royaume*=

Aqui tambem não está exacto senão no facto, mas ha outras circumstancia que sabidas como são diminuem a côr de firmeza que o redactor do Art.º lhe quiz dar. O Duque depois da entrega d'Elvas veio para Monforte, e dahi escreveo uma carta ao General Saldanha proguntando-lhe o que havia de fazer, pedindo-lhe um conselho amigavel. Sabemos positivamente que este General lhe respondera como em geral as pessoas influentes respondião então = que se quizesse ficar que ninguem lhe faria mal, mas que lhe aconselhava que seria mais prudente retirar-se por algum tempo emquanto durasse a effervescencia.

Além desta circumstancia o Duque não se retirou *immediatament*, immediatamente só se póde dizer d'aquelles que sairão nos primeiros dias de Junho quando sahio o chefe do governo que tinha sido deposto. O Duque só largou o Tejo no principio de Julho.

Outra circumstancia exacta he que logo que chegou a Londres se apresentou ao Representante de D. Maria e que então o reconhecera de um modo solemne, conforme o que lêmos na Gazeta do Governo de Lisboa, no Extracto do officio do Ministro Sarmento que alli mandou publicar o Governo, e o qual até hoje não foi desmentido por declaração alguma com a assignatura do Duque. Não podemos supor que o Ministro de Portugal em Londres enganasse a sua côrte com um facto tal, se elle não fosse verdadeiro, nem o Governo então triumphante, e antes proseguindo tudo quanto tinha seguido o outro partido publicasse tal com o sentido de se reforçar, ou ganhar por tal publicação o menor apoio.

Do mesmo modo o Duque apresentou-se apenas chegou a Paris, ao Ministro de Portugal, &.

O A. do Artigo diz que depois da chegada dos Duques a Paris, *ils ont mené une vie rétirée*. Isto he conforme com os habitos principescos antigos desta Familia, mas que em nossos dias nem os Reys seguem e observão já. Os Duques são uns cavalheiros muito bem educados, e darião em um pays Estrangeiro uma excellente ideia de si se se mostrassem ao publico e na Sociedade, se seguissem o principio de Chateaubriand = «*que un homme d'honneur ne doit jamais se cacher* =.

O A. diz bem =

«*Quoique l'on pense des droits de D. Miguel et de la manière dont ce* «*Prince les a soutenus*, on ne peut contester à M.r Le Duc de Cadaval «ses intentions honorables et le désir de bien servir sa patrie, revetue «des functions les plus éminentes, il a poussé le desinteressement jus- «qu'à refuser tout traitement, et jusqu'a dépenser des fortes sommes dans «l'interêt d'une cause où il voyait le bon droit, et l'honneur national que «l'envoi d'une Constitution non consentié par *les Cortes*, et apportée «en Portugal par um Ministre Etranger (Sir Charles Stuart) avait pro- «fondement blessé».

Este § he perfeitamente exacto, entretanto sem diminuir o merecimento do desinteresse do Duque, convem dizer aqui que as sommas sem duvida muito consideraveis que o Duque despendia, forão limitadas aos Corpos dos Voluntarios Realistas. — Ao menos nós não sabemos da applicação de outras.

§.º 56

Encyclopedie des Gens du Monde

O Art.º posto que pequeno concernente ao Marquez de Barbacena, extrahido do *Conversations Lexicon modifiée* = he bastantemente forte contra elle, e contem quanto a mim o erro de dizer que elle he Portuguez =

§.º 57

Archivos

O Artigo Archivos da Encyclopedie des Gens du monde he muito interessante e digno de consultar-se sobre esta materia, entretanto não trata dos Archivos de Italia, d'Hespanha, e de Portugal, foi composto por Champolion Figeac = Conservador dos Mss. da Bibliotheca =

§.º 58

Sociétés Asiatiques

O Art.º sobre estas Sociedades publicado na *Encyclopédie des Gens du Monde* = hé digno de ler-se dá uma idea larga das 3 que existem: a de Calcutá, a de Paris, e a de Londres.

Esta Encyclopedie que se compõe de 24 vol. de 8.º contem 20$000 artigos, em quanto a obra em 16 vol. de l'Esprit de l'Encyclopedie não contem mais de 600.

§.º 59

Sobre a m.ª Memoria publicada pela Société des Antiquaires

A minha Memoria publicada pela Société des Antiquaires comprehende os dois ramos da Archeologia = 1.º da *Archeologia Litteraria* porque comprehende a paleographia, e a Diplomatica dos Antigos, a Epigraphia ou a Sciencia das Inscripções = 2.º A Archeologie da Arte, a qual he relativa aos monumentos propriam.te ditos.

Assim como comprehende a outra parte da Archeologia figurada nas indicações que tiro desses Monumentos.

NB. Póde consultar-se com muito fructo sobre este assumpto, o resumido mas muito bem escripto Artigo = Archeologia = da *Encyclopédie des Gens du Monde* =

§.º 60

Biographias

Vidè sobre o grande numero destas no vol. 4.º destes Memoranduns = o § 2.º

MEMORANDUNS

DAS MINHAS LEITURAS E OUTRAS OBSERVAÇÕES

PARIS

1836

TOMO 4.º

---

§.º 1.º

Bibliotheca de Mr. Henri Ternaux

Mr. Ternaux he um homem moço, esteve na Missão Franceza de Munich, e Secretario da Legação de Colombia segundo elle me dice. Sabe o Allemão, o Inglez, o Italiano, e sobretudo o Espanhol que pronuncia bem, e lê o Latim.

Nas suas viagens tem colligido a mais preciosa Collecção de Livros raros relativos ás *viagens*, e descobertas feitas na America desde a primeira viagem de Colombo. A sua collecção começa com as primeiras Ediçõesdas cartas de Colombo que são de Lisboa! e com todas as de Vespucio, e segue em série athe ao fim do seculo 17 =

He encrivel a preciosidade desta collecção que se pode dizer unica = Sobre as viagens de Vespuzio, possuio todas as primeiras Edições que se publicarão em Allemanha, em Italia, e em França.

Tem a Edição das de Cadamosto publicada em Millam em 1508 = Itinerarium Portugalensium, et Lusitaniorum in India &.

A collecção de Litteratura Espanhola, he igualmente riquissima. Possue as 1.as edições de Gomara, de Oviedo, de Pedro Martyr, e um numero immenso de cancioneiros e romanceiros =

A collecção Portugueza hé tão bem interessante posto que menor, entretanto tem parte da Monarchia Lusitana, a 2.a edição de Barros, a corographia de Barreiros, A chronica dos Jesuitas, e Historia Ecclesiastica de Lisboa, de D. R.º da Cunha, Brito Freire, as Guerras Brasilicas, Corte Real, &., e emprestou-me «*De justo imperio Lusinatorum Asiatico = Auctore Fr. Seraphino de Freitas Lusitano*» in Pinciana Academia Vespertinae canonibus Cathedrae antecessore e Mercenariys minimo. =

Dedicado a Fellippe de Castella — e impresso em Valladolid = 1625 = Barbosa não conheceo esta obra nem cita m.mo este escriptor na sua Bibliotheca Lusitana =

2.º O Itenerario da India p.a Portugal do P.e Manoel Godinho (Jesuita) impresso em Lisboa em 1665.

N. B. Esta obra he citada por Barbosa =

3.° Historia da Antiguidade da cidade d'Evora = feita *por mestre* Andrée de Rezende: 1553 in 12, impressa em Evora por André de Burgos impressor do Cardeal Infante a 26 d'8.bro do mesmo anno. Contem 108 pag.

Barbosu cita uma edição d'8° desta obra, mas a que temos á vista que hé em 12 não a conheceo!

4.° Les voyages et conquêtes des Rois de Portugal, &. jusqu'au Roi Sébastien. Le tout recueilli de fidéles temoinages et *mémoires du Sieur Joachin de Centellas Gentil-hôme Portugais* = Paris 1578 —

Barbosa não cita nem conheceo este Autor, nem esta obra!

Mr. Ternaux fez a acquisição da maior parte das riquezas que possue de Livros raros na venda da Bibliothéca de um Inglez = Welest — que possuia uma Bibliothéca de 300∞ volumes, e que tendo uma fortuna de mais de 200∞ francos de renda deu cabo della e do fundo com a mania de comprar tudo. Arruinou-se completamente com a bibliomania.

Chegou a pagar por um Livro 500 e 600 guineos!!!

§.° 2.°

Encyclopédie des Gens du Monde

BIOGRAPHIAS

Ignorava-se qual era o Estado deste genero de Litteratura na Antiguidade, mas he certo q̃ era menos cultivado do q̃ nos tempos modernos principalmente depois do 17.° seculo.

Hoje he sem duvida de todos os generos de Litteratura o que tem mais voga, e mais extenção =

Dividem-se as Biographias.

1.°

Biographias Individuaes

2.°

Biographias Especiaes

3.°

Biographias Collectivas

4.°

Biographias Universaes

Tacito offereceo na sua vida d'Agricola um modelo que ainda não foi excedido na classe das individuaes.

Neste Art.° da Encyclopedia segue uma longa Lista deste genero de Biographias Individuaes, que forma um excellente artigo. Em todo elle não vem citada uma so Portugueza havendo immensas desta classe e

uma que he verdadeiremente um modelo, a da vida de D. João de Castro Escripta por Jacinto Freire =

Na classe das *Especiaes* são numerosissimas dos antigos que comprehendem as Sciencias e as Artes = vê-se a de Diogenes de Laerce nos 10 Livros das vidas dos Philosophos = a de Denys da Halicarnaso no seu Tratado dos antigos Oradores, e mais outras.

Na classe das Universaes = existem entre outras as seguintes =

1.° — Dictionnaire historique de Juigné de la Boissiniére do qual a 8.ª edição he de 1645.

2.° — Diccionnario historico de Moreri —

3.° — Biographies de la Lorraine par Dom Calmet et Chevrier.

4.° — Biographie des Grands Hommes du V.° Siècle par Génnade.

5.° — Delgli Uomini famosi par Petrarque —

6.° — Dictionnaire historique de Bayle = 16 vol. 8.° (1820) par Benchot.

7.° — Dictionnaire historique de Marchand (1758) 2 vol.

8.° — Dictionnaire Historique de Ladvocat.

9.° — Dictionnaire historique de l'Abbé Barral (1758) 6 vol. 8.° =

10.° — Dictionnaire historique de Chandon et Delandine 20 volumes.

11.° — Dictionnaire historique de l'Abbé Feller.

12.° — Biographie Universel 52 vol. alem dos suplem.tos

13.° — Biographie des vivants (1816-1819) 5.° vol. 8.°

14.° — Galerie historique des Contemporains, ou nouvelle Biographie = Bruxelles (1817 a 1819) 8 vol. in 8.°

15.° — Biographie des Contemporaines — 20 vol. 8.°

16.° — Biographie universelle, et Portative des Contemporains publiée sous la direction de Mr. Rabbé &. (1826) 8.ª edição 1 vol.

17.° — Dictionnaire historique par le General Beauvais et Alex. Barbier.

18.° — Dictionnaire historique et critique et Biographique par le Libraire Dessene 30 vol. 8.°

19.° — Annuaire Biographique par Henrion — 30 vol. in 8.°

20.° — Annuaire Biographique par Henrion — 2 vol. 8.°

21.° — Mahul = Annuaire Nécrologique (de 1820 a 1827).

22.° = Biographie Universelle ou Dictionnaire historique par une Société des Gens de Lettres = 1835 = 6 vol. 8.°

En Allemagne

23.° — Lexicon de Adlung — 11 vol.

24.° = Dictionnaire d'Hernesti.

25.° — Celui de Hirseching.

En Angleterre

26.° — Biographical Dictionnary de Chalmers 32 vol. in 8.°

27.° = General Biography — d'Aikin 10 vol. in 4.°

Pode contar-se em o numero das Biographias um Jornal Allemão prencepiado em Leipsig em 1816 intitulado = *Les contemporains* e continuado athé ao presente =

28.° — Biographie des Commissaires de Police —

29.° — Biographie des hommes du Jour = que se publica neste momento, e sobre o qual ouvi ler um rapport de Mr. Chopin no Instituto Historico, bastante severo, e a meu ver concludente, applicavel quasi na generalidade a todas as Biographias.

§.° 3.°

Marquez de Fortia

No dia 12 de Junho mostrou-me o Marquez uma pedra Pheniciana toda cheia de Caracteres Phenicianos que se achou em Malta, que elle obteve d'aquella Ilha sobre a qual escreveo uma Memeria que leo na Sociedade Asiatica, e da qual fez Lithographar a forma e as Lettras.

Por essa occasião fez-me vêr um grande numero de obras publicadas ultimamente sobre os alphabetos Phenicianos, e sobre aquella interessante Nação.

Andando a passear comigo no seo Magnifico Jardim, e Parque lêo-me uma Carta do seu correspondente de Lisboa, na qual lhe dizia que tinha procurado o Vice-Presidente da Academia Trigoso a quem tinha entregue o exemplar da *Histoire du Portugal*, mas que elle *fallava tam mal Francez, e o comprehendia tão pouco, que agourava que elle não appreciaria devidamente a importancia e Erudição dos 2.es 1.os volumes delle Marquez.*

Que Trigoso se limitara a dizer-lhe que communicaria á Academia, e que daria parte do resultado.

§.° 4.°

Ripert Monclar

Este Moço he um valido do Marquez de Fortia, e seu Secretario, vive na mesma casa do Marquez. Foi antigo Magistrado, e hoje está encarregado da parte contenciosa de uma Sociedade denominada = *La Phémis*, ou *Compagnie d'Assurance contre la peste des frais des Procés* (vid. o Programma).

He um homem moço, cheio de presumpção, entretanto o seu nome não se encontra entre os Litteratos Francezes na Statistique des Lettres en France.

No dia 12 de Junho fallou-me em casa do Marq.z para servir de Medianeiro com as duas Familias de Lafões, e Cadaval, e a m.er a quem elle chama Madame de Marialva = isto he aquella celebre mulher que o Marquez teve por amiga, e que o descompoz á sahida da Igreja de S. Roque que foi necessario intervir a Policia.

Dice-me elle que ella tinha casado legitimamente com o Marquez, porque sendo o Casamento effectuado religiosamente era valido seg.do as Leis Portuguezas. Que tinha tido um filho delle, que tinha morrido, e que assim ella herdara os bens da casa de Marialva pelo Filho. Que

fôra a Lisboa em uma Embarcação de Guerra Franceza obtendo-lhe o Almirante Roussin que ella gosasse de todas as honras de m.^{er} d'Emb.^{or} que assim seria m.^{to} conveniente para os Parentes de Marialva fazerem por sua via uma composição com ella, aliaz que se arriscavão a perder um Milhão, e quinhentos mil francos = E p.^{r} tanto que elles devião cessar a sua opposição.

Respondi-lhe que me não intromettia nestes negocios particulares, e que via raras vezes os Duques, e que alem disso ainda mesmo que elles quizessem entrar em alguma abertura neste genero, comtudo que havião mais herdeiros —

§.º 5.º

Curço d'Archeologia de Mr. Raoul Rochette

No dia 14 de Junho assisti a uma interessantissima lição deste Sabio Archeologo. A sala dos Antiques estava um 4.º d'hora antes de tal modo cheia que não se podia obter logar. Tratou da Iconographia, e sobre as estatuas d'*Hermes*, sobre estes cipos de forma quadrada sobre os quaes collocavão os Bustos, e retratos dos Grandes Homens da Grecia. Mostrou com uma pasmosa erudição os erros de varios Escriptores Archeologos sobre o caracterisarem alguns dos Hemes = Como p.^{r} exemplo o de Winkelmann m.^{mo} que tomou um Somno personificado pelo Retrato de Platão, e outros que tiverão um Bacus Indianno de que ha um busto na m.^{ma} sala pelo busto de Platão, entre outros Lavater no seu Tratado de Physionomia, e que sobre esta supposição falsissima deduzio todas as qualidades de Platão, e que Platão não tinha em um busto de Bacus Indiano.

Para as suas demonstrações citou os differentes Hermes que elle mesmo examinara em diversas galerias de Italia. Mostrou uma obra d'Iconographia de 1567 a 1.ª que publicou =

A sessão durou 1 ½.

Esta 1.ª sessão vem uma conta d'ella em extracto no N.º 25 de *L'Écho du Monde Savant* de 23 de Junho, pag. 108 —

§.º 6.º

Historia Portugueza

O Abbade Steffany, Italiano por certo muito instruido, achando-se a ponto de prestar p.ª educar o moço Conde da Povoa, herdeiro da colloçal riqueza de seu Pay, pedio-me que lhe desse um plano p.ª lhe dirigir os seus Estudos sobre a Historia de Portugal. —

Escrevi uma Memoria que lhe dei em que passava em revista todos os Escriptores assim antigos como modernos = Estabelecia

1.º Que disgraçadamente não tinhamos huma Historia do Reyno em que se recontassem factos que interessão á razão, á Moral, e Politica. —

2.° Que a Historia de Damião Antonio de Lemos não merecia m.^mo^ este nome, que a de La Cled além de ser muito resumida, era incorrecta, cheia de lacunas, e desprovida da parte mais interessante das Instituições Constituitivas e Judiciarias, do seu espirito & e das Relações Exteriores.

3.° Que se todavia nos acontecia este dezar como a outras Nações de estarmos privados de uma boa Historia, que comtudo se podia dizer que nenhuma Nação depois da França, e da Inglaterra possuia maior riqueza de subsidios para ella.

§.° 7

Estatistica do numero de obras que tenho lido depois que sahi de Portugal e das paginas

Completando hoje 15 de junho 2 annos que deixei Portugal, transcrevo aqui o numero de obras que tenho lido dentro deste intervallo. Este Quadro Estatistico, junto com mais de 3[illegible] paginas que tenho escripto de diversas obras, provará que tenho occupado ultimamente o meu tempo, e servirá no futuro de resposta aos meus inimigos —

Obras — 165.
Volumes — 246.
Paginas — 39:929.

Não faço aqui menção de mais de 200 obras que tenho consultado na Bibliotheca Real, de que tenho os catalogos, nem tão pouco do grande numero de outras que tenho consultado em outras Bibliothecas, e nos Mss. da Livraria Real —

N.B. Vejão-se os Titulos das obras, e as analyses em o Maço em que se acham designadas. —

3.° anno — Estatistica

Obras — 120.
Volumes — 220.
Paginas — 21:879.

IV.° anno

Obras — 45.
Volumes — 59.
Paginas — 16:895.

§.° 8.°

Desenvolvimento industrial da Inglaterra e da França

Debaixo d'este Titulo traz o *Écho du Monde Savant* N.° 24 da 1.ª Divisão (16 de junho) um art.° curiosissimo, em que mostra que a Industria Ingleza he augmentada com as machinas de vapor por uma força igual a 61 milhões d'obreiros!!! Sendo so a sua população de 16 milhões d'habitantes.

Emquanto a França sobre 32 milhões de habitantes 25 são occupados na agricultura emquanto em Inglaterra o trabalho de 3 milhões de trabalhadores segura a subsistencia de 16 milhões d'habitantes &.

§.° 9.°

Curioso Processo de Dionizio de Rene 2.do Duque de Lorraine

Muito tempo cerreo entre os Escrïvinhadores Portuguezes e Estrangeiros na Europa que o Processo d'impotencia feito a Affonso VI.° de Portugal era um dos Actos mais Escandalosos que a historia moderna apresentara.

Todavia um ainda mais escandaloso veio em os nossos dias deminuir aquella impressão e aquelle exclusivo de celebridade que se dava ao do Rey de Portugal, e foi o da Raynha Carolina de Inglaterra (1820).

Comtudo os que escreverão sobre o de Affonso 6.° erão bem pouco eruditos, não conhecerão o que se tinha feito no fim do seculo XV a Joanna d'Harcourt, m.er de René de Lorraine.

O Inquerito de Testemunhas, e o mais que se passou, e que Dom Calmet traz nos Documentos da Histoire de la Lorraine que transcreverei aqui mostra que devia modificar bastante a impressão produzida pelo d'Affonso 6.°

Transcreverei simplesmente os Art-os mais importantes =

....

....[a]

O que ha de mais curioso neste processo, e de notavel he que depois de inquiridas as Parteiras e de terem confirmado tudo isto, o Commissario do Parlamento inquirio o Camerario de René 2.° e Jehan Bollôte *son barbier*... [b]

§.° 10

Conde de Garden

VIDE TOM. 3, §.° 18 BIS

Continuando o §.° 18 Bis do Tom. 3.° accrescento que o Conde me dice que mesmo os Membros do Instituto estão aflictos e conhecem quanto este numero immenso de chamadas Sociedades Scientificas desconsidera o Instituto e lança um grande rediculo sobre este 1.° Estabelecimento Littererario da Europo.

O facto do Alfayate, he ainda mais agravado pelos outros que vem citados de semilhantes admissões no n.° 23 do Journal *des Beaux Arts*,

---

[a] São os artigos 3 a 10, que entendemos não dever publicar, em rasão da escabrosidade do assumpto.

[b] Por identico motivo, eliminamos tres linhas trasladadas para aqui pelo Visconde de Santarem.

pag. 364 de 19 de Junho deste anno, onde he redicularisado e com razão o Instituto Historico, e a Sociedade Polythechnique que admittio como Membro Durand *menuisier* de Fontainebleau! &.

No dia 11 de Julho dice-me elle falando-me de Wurts = la ce sont des Arabes ils semillent tout pour rien = e que muitos membros do Instituto que elle me não nomeia escrevião pequenos artigos para a Encyclepédie des Gens du Monde = e recebião m.^to contentes *cent sous* por cada um!

Isto parece-me exageração, mas he uma circumstancia tão curiosa que vale a pena de a citar para mostrar hoje os homens de Lettras tratão de fazer dinheiro seja como for, e por outra parte a difficuldade de ganhar sommas consideraveis.

Não são só as infenitas Sociedades Litterarias que são como vales de Josephat que tem os Alfayates p.^r Membros, mas o que he mais extraordinario he que uma das principoes Sociedades Sabias do Mundo a Sociedade Asiatica inclua ne catalogo dos seus Membros um *chocolateiro!* Vide N.º de Junho do *Journal Asiatique* = Mr Gallais, fabricant de chocolat!!

§.º 11

Revue Theatrale de 1835 [a]

La fécondité des auteurs dramatiques a été plus remarquable en 1835 qu'elle ne l'avait été l'année précédente.

En 1834, il y a eu 188 nouveautés, dont 127 vaudevilles et 148 auteurs.

En 1835, on compte 221 nouveautés, dont 159 vaudevilles et 185 auteurs.

Voici le relevé du travail de chaque théatre:

Académie royale de musique, 3 (1 opéra e 2 ballets-pantomimes); Théâtre-Français, 10 (4 drames et 6 comédies, plus 14 réprises); Opéra-Comique, 9 (et 6 réprises); Théâtre-Italien, 3; Gymnase, 16; Vaudeville, 27 (y compris *Paris dans la Comète*); Variétés, 26 (dont 1 sans couplets); Pelais-Royal, 28 (dont 2 opéras); Gaité, 8; Ambigu-Comique, 19; Porte-Saint-Martin, 11; Cirque, 16; Folies, 9; Choiseul, 14; Panthéon, 17; Saint-Antoine, 5. Total 221.

Les succès les moins contestés sont ceux d'*Angelo*, de *la Juive*, du *Cheval de Bronze*, de l'*Eclair*, de *la Fille de l'Avare*, de *Pauvre Jacques*, de *Madelon Friquet*, de *Farinelli*, de *la Prova*, enfin de *Dom Juan*.

Le Théâtre-Français a repris une à une toutes les pièces de Molière; le théâtre de l'Odéon est fermé, sauf quelques représentations extraordinaires. *Robert-le-Diable* a continué d'attirer la foule à l'Opéra.

---

[a] Os 9 primeiros periodos deste § são constituidos por um pedaço de jornal collado na pag. 30 deste vol. dos *Memorandums*.

Parmi les auteurs les plus productifs, on cite en première ligne M. Bayard, qui compte 11 pièces; MM. Théaulon et Leuven, qui en ont fait 10, et M. Charles Desnoyers 9. Après eux viennent MM. Dumanoir, Paulin-Duport et Rougemont, pour 8; MM. Scribe et Brazier, pour 7; MM. Cogniard Ancelot, Dupenty et Deforges, pour 6; enfin MM. Mélesville, Comherousse, Desvergers, Varin, Saint-Georges et Sauvage, pour 5.
Le cours de l'année 1835 a vu l'incendie et la reedification du théâtre de la Gaité, ainsi que l'ouverture du Théâtre Saint-Antoine.

Em o N.º da Revue de Paris de D.º 26 de Junho vinha um artigo interessantissimo sobre a origem da Academia R. de Musica (Opéra) que mostra o Estado em que ainda no principio do Seculo passado estava aquelle Theatro.
Aquelle artigo serviria de resposta á arguição superficial de *Marugan* na sua obra sobre Portugal. — Alem deste Art.º p.ª se fazer conseito do Estado do Theatro em França no principio do seculo 17.º lea-se o curioso Artigo do = Journal des Beaux-Arts. N.º 1 de 3 de Julho de 1836 —!

§.º 12

Archeologia

No dia 21 de Junho assisti a outra lição do Curso de Archeologia de Mr. Raoul Rochette no qual com uma espantosa erudição continuou a tratar da Iconographia Grega.
O ponto especial que tratou nesta sessão foi o dos retratos dos grandes homens sobre os Escudos, provou que estes Escudos não erão nunca os Escudos de Guerra, mostrou como este uso era um uso aristocratico, em que o luxo foi levado ao ultimo extremo. Fez uma digressão sobre os *faussaires* do 15º e 16º seculo, fez uma sortida tremenda contra os Inglezes que despojão a Italia de monumentos preciosos, não para os colocarem nos Museus Publicos que são accessiveis a todo o Mundo mas para os Esconderem nos seus *chateaux*.
Fez uma digressão estupenda sobre os retratos deste genero do grande orador Demosthenes que existem. Para comprovar as suas asserções servio-se de passagens de Plinio, de Tito Livio, de Cicero, e de Manethon, observou algumas lacunas da famosa Iconographia de Visconti, e dos Monumentos ineditos de Winkelmann procurou — outras passagens sobre estes retratos *in clipeus* com diversas medalhas &. A sessão durou 1 h. ½.

§.º 13

No §.º 2 deste volume citei um grande numero de Biographias — agora direi que este genero de obras he de sua natureza sempre incompleto, mas o peor he que de ordinario a maior parte são parcialissimas, e recebem a côr politica dos principaes redactores, e dos Directores dellas. Mas

nenhuma neste genero se assemelha á = Biographie des *Contemporains*, publicada em 1822, e 23 p.r Jouy e outros.

Alli não tem logar distincto senão os mais encarniçados desorganisadores, os conseitos dos outros são sempre cheios de Espirito Democratico, e portanto parcialissimos de seus AA. Para produzir um exemplo citarei o Artigo da celebre Familia de *Bethune* descendentes do celebre Suly, artigo alli somente inscrito mui de proposito para lançar e ridiculo sobre a Aristocracia. Dizem elles =

«Les cinq freres ont eux seuls 26 noms de baptême, sans compter les «noms de terres &. Une douzaine de familles aussi richement pourvous «de prenons epuisserait le calendier!

§.º 14.º

Sobre a m.ª noticia dos Mss. illuminados publicados pela Sociedade R. dos Antiquarios

He natural que a susceptibilidade de alguns invejosos, e zoilos da nossa baixa litteratura grite contra o que eu avancei imparcialmente de que Affonso 3.º fizera hir p.ª Portugal m.tes Estrangeiros de saber, e que tanto neste Reynado como sobretudo no d'El-Rey D. Manuel m.tos Portuguezes vierão instruir-se em França (vid. pag. 22, e 23). Mas alem disto ser uma verdade comprovada pela Historia, nenhuma deshonra nos fazia. Quasi pela mesma Epoca existia em Paris um Collegio só para os Suecos, e o sabio Schrœder, Bibliothecario de Upsal (de quem trato em outra parte destes meus Memoranduns) não se envergonhou de dirigir á mesma Sociedade dos Antiquarios uma Dissertação Latina que confirma o facto que se refere no *Rapport* des travaux de la Société durante o anno de 1834 de que «se sabia já pelas sabias investigações dos Bene«dictinos de S. Mauro, consignadas na Historia Litteraria de França que «os Povos do Norte da Europa se appressarão no tempo de *Louis-le*«*Jeune* a virem instruir-se nas Escolas da França e sobretudo nas de Pa«ris que um Author contemporaneo chamou então em Hebreu = *la ville* «*des Sciences* = dissertação que tem por titulo:

«De Universitate Parisiensi a Suecis medio ævo frequentata &.»

Nesta Dissertação se faz menção de uma casa na rua da Serpente vendida em 1285 pela Igreja de N.e D.e des Champs pára se allojarem os moços Suecos que vinhão fazer os seus estudos nesta Capital =

Por outra p.te no Tom. 13 da Academia de Hist. Portuguezo, pag. 475 e 477 §.º 181, se diz que El-Rey D. João 3.º mandava vir para Coimbra e chamara de Paris m.tos Lentes francezes da Universidade que tinhão chegado a Lisboa em 1547.

Quanto aquelles que me accusão da demora em produzir o meu Corpo Diplomatico, responderei não so o que dice em a Nota no principio da Introducção do Quadro Elementar, mas tambem, que a Academia de Lisboa me da o Exemplo, não tendo tido nem os inconvenientes dos Negocios, nem participado das discordias civis, e que mesmo a analyse chronologica das suas producções que fiz nestes Memoranduns não sendo

tão difficeis como os m.^{os} tem mettido m.^{tos} mais annos d'intervallo = É que m.^{mo} o g.^{de} Racine, meteo mesmo m.^{tos} annos d'intervalo entre a composição de uma, e outra de suas Tragedias — e que Nilaud diz «*et faisait Athalie après un magisteux répos de douze ans* =

§.º 15

General Cordova

Parece que algum Grande de Espanha que existe cá por fóra tomou *au serieux* a ultima elevação de Cordova por que acaba de apparecer no = Courrier, e no = *Bon Sens* de 27 de junho o seguinte artigo =

«Voici d'après le = Courrier = le portrait de Cordova =

«Vain, Egoiste, superficial, mais possedant un tact particulier pour «s'approprier le profondeur des autres, sous une apparence de franchise, «et la fascination de sa politesse exquise, il cache une ambition déme«surée qui lui ferait sacrifier sur l'autel de l'egoisme, le bien-être du pays. «Si quelque chose peut démontrer la degradation politique de l'Es«pagne c'est l'influence qui est donnée à un homme comme Louis Fer«nandes de Cordova sur les destinées de ce pays et la faveur dont on le «comble jusqu'à le faire Grand d'Espagne et Duc d'Arlaban.

Em 1837 = Cordova publicou =

«Memoria Justificativa que derige a Sus Concidadanos el General Cordova en vendication de los cargos &.

1 vol. in 8.º = Chez le Doyen = Palais Royal =

= Gal. d'Orl. 16 = 9 francs.

§.º 16

Archeologia

No dia 28 de junho assisti a outra lição do curso de Archeologia de Mr. Raoul Rochette = Esta versou sobre os retratos em busto = Iconographia Romana.

Desta vez elle não citou os Escriptores de cór, mas leo as passagens, e traducções de Plinio, de Polibio, de Cicero, de Suetonio, de Cornelio-Nepos, de Valerio Maximo. A exposição historica foi excellente e fez quasi desapparecer a parte archeologica. Quando tratou do ponto mui sabido da pompa com que erão levados os retratos dos antepassados aos funeraes fez uma digressão excellente sobre o m.^{to} que este uso da aristocracia Romana concorria p.^{a} estimular as virtudes dos cidadãos, offerecendo-lhes aquelles nobres exemplos. Não fez comtudo a reflexão bem phylosophica que se offerecia, de que por tal modo a Aristocracia tão poderosa e forte como era a dos Patricios conservava a virtude e a gloria de Roma, e que era a ella que o Elemento Republicano deveo o manter-se tanto tempo.

Quanto á Grecia veja-se o que escrevo no §.º pag. [*sic*].

§.º 17

L'Abbé Guillon = Bispo de Marrocos

ESMOLER DA RAINHA

Este Prelado he author de um grande numero de obras importantes (vid. Statistique des Sciences en France 1835).

No dia 29 de Junho fui vê-lo á Sorbonne, a este historico Edificio (vid. sobre elle Gallignani Guide of Paris). Recebeo-me com a maior afabilidade dizendo-me que me conhecia de nome havia muito tempo, e que estimava que Mr. Mielle lhe tivesse proporcionado a occasião de me vêr.

Assisti depois ao seu curso de Eloquencia Sagrada = onde elle analysou com bastante eloquencia a obra de S.to Agostinho *de civitate Dei* = Leo muitos textos traduzidos, e passagens summamente eloquentes, e cheias de Erudição, e de uma dialectica profunda do S.to Doctor.

Este Prelado convidou-me a hir ve-lo na sua casa de campo.

He homem idoso, mas forte, extremamente polido, e modesto. A sua aula estava quasi deserta, emquanto a de Archeologia, de Mr. Raoul Rochette, d'Astronomia de Arago he necessario hir mais de uma hora antes p.a tomar logar.

§.º 18

Cintra

MONUMENTOS CELTICOS

He indubitavel que os Celtas colonisarão parte do nosso Paiz, bem como o he que elles em toda a parte estabelecerão os celebres monumentos Druidicos que hoje se admirão ainda na Inglaterra e na França. Em algumas partes de Pero Pinheiro, e sobre tudo dos rochedos de Cintra, vemos pedras que se assemelhão não só ás = *pierres branlantes*, mas algumas outras que esta disposição singular de rochas brutas se parecem bastante com os monumentos que a Archeologia Britannica chama = *des chaires Druidiques*. (Vid. Tom. 11 da Société des Antiquaires pag. 6).

Mr. d'Hancarville citado p.r Cambry diz q̃ no Norte d'Inglaterra há destas pedras que uma creança póde fazer por em movimento, e o m.mo A. accrescenta que existem tambem em Espanha, entre outras a do cabo de Finisterra. (Vid. Tom. 11 citado — pag. 79) — Assim as de Cintra parecem ser deste genero —

§.º 19

Mr. de Talleyrand

Artigo curioso

LES ELECTIONS ACADÉMIQUES ET M. DE TALLEYRAND [a]

Au moment d'une election académique qui préoccupe si vivement les esprits littéraires, quelques mots de M. de Talleyrand sur l'Académie se trouent tout á fait de circonstance.

En 1822, deux fauteils venaient d'être laissés vacans par MM. de Richelieu et Sicard. Parmi les nombreux compétiteurs, deux avaient de fortes chances et on ne doutait pas de leur élection, c'taient MM. Casimir Delavigne et Frayssinons.

M. de Talleyrand disait à ce sujet:

— L'un sera nommé pour ses *messes* et l'autre par ses *Vêpres*.

M. Frayssinous fut élu, mais non pas M. Delavigne ; on lui préfér a M. Bacier.

Lorsque plus tard M. Dror se mit sur les rangs, èlle a alla rendre visite selon l'usage à tous les membres de l'Institut. N'ayant pas rencontré M. de Talleyrand, il inscrivit son nom chez le suisse de l'hôtel Saint-Florentin. M. de Talleyrand étant rentré, on lui présent a la liste des personnes qui étaient venues le visiter. Quand il fut arrivé au nom de M. Dror.

— Ah! oui, dit-il, le candidat à l'Academie.

— Candidat à l'Academie? reprit M. de Montrond; mais je n'ai jamais entendu prononcer se nom-là... Dieu!... qu'a-t-il donc ecrit?

— Vous le voyez, mon cher, il a ecrit son nom.

Si jamais M. le vicomte d'Arlincourt se met sur les rangs, on pourra placer parmi ses titres le mot suivant:

C'était à l'époque, où le *Solitaire* obtenait un succés d'épigrammes. M. de Talleyrand avait accordé au roman amphigourique et ampoulé de M. d'Arlincourt la critique de son sourire dédaigneux, et peut-être bien aussi quil ques sarcasmes dont Miroir avait fait son profit. Un admirateur du noble romancier prit un jour, au cercle de M. de Talleyrand, un air triomphant et dit:

— Eh bien! le *Solitaire* vient d'être traduit.

— En français? demanda le prince.

Si nous connaissions le traducteur, nous lui recommanderions le *Double Règne*.

Comme tous les gens d'esprit et de gout, M. de Talleyrand est peu partisan de l'admission à l'Académie des grands seigneurs et des hommes d'état.

Un ancien ministre de trouvant une fois parmi les concurrens, M. de Talleyrand se prononça fort nettement contre lui.

---

[a] Todo este § é cortado de um jornal.

— Pourquoi donc vouloir exclure les hommes d'état de l'Académie? lui objetait un des immortels, ce sont ordinairement des hommes lettres, la plupart des hommes d'état ont fait leurs classes.

— C'est juste, reprit M. de Talleyrand avec un grand sang-froid, la plupart des hommes d'etat ont fait leurs classes et même des écoles.

Laissons un peu de côté l'Académie et passons à autre chose.

On discutait un jour devant M. de Talleyrand sur les qualités intelligentes de divers animaux. Il y avait, plusieurs naturalistes. — «Quel est l'animal le plus reconnaissant?» Telle est la question qui avait été posée.

— C'est le chien, dit M. Cuvier.

— C'est l'éléphant, pretendit M. Geoffroy-Saint-Hilaire.

Et chacun soutenait sa thèse.

Quand les deux savans eurent longtemps et parfaitement parlé, la question étant toujours pendante, M. de Talleyrand la trancha:

— Je crois, dit-il, que vous vous trompé tous les deux. L'animal le plus reconnaissant n'est l'éléphant, ni le chien, c'est le dindon.

— Le dindon! s'ecria-t-on avec étonnement.

— Oui, le dindon, et je le prouve par des faits.

— Comment cela?

— C'est que les jésuites ont amené les dindons en France, et que les dindons nous ramènent les jésuites.

Un certain duc, très connu par ses idées retrogrades, un de ces gentis hommes que l'on appelait sous la restauration des éteignoirs, montant dans le carrosse de M. de Talleyrand avec le prince et M. de Montrond, M. de Talleyrand fit signe à M. de Montrond de se mettre avec lui dans le fond, et indiqua au duc le devant de la voiture.

— Je vous fais mettre à cette place, M. le duc, lui dit-il, parce que je sais que vous aimez à aller à reculons.

(Vert-Vert).

§.º 20

Mr. Mielle do Instituto Historico

Pedio-me da parte de Mr. Alphonse de Montferrat Director da Obra Periodica = *Des femmes auteurs* = e de outras igualmente interessantes = um autographo meu para se extrahir um *fac-simile* p.ª uma obra dos homens celebres que elle vai publicar.

§.º 21.

Conde Legrand

Este indeviduo Membro de Varias Academias, e Sociedades Scientificas, pedio-me no dia 10 de Julho que quizesse formar parte da Academia de Evreux, e da Sociedade Ebruicienne huma das mais interessantes Sociedades Scientificas da França. Aceitei com a melhor boa vontade, e lhe signifiquei que agradecia m.^to a proposta e que enviaria as minhas obras áquellas duas Academias.

§.º 22

Administração das Finanças no tempo dos Romanos

Já no tempo dos mestres da Sciencia do Governo erão prevaricadores m.tos dos administradores deste ramo.

Erão nomeados sempre das classes dos Patricios. Era o primeiro degráo para subir as dignidades, as quaes chegavão muitas vezes sem uma grande experiencia dos negocios administrativos, e m.mo sem um grande fundo de probid.e

Vid. a interessante obra = Du Gouvernement des Romains, par Mr. Bilhon.

Lendo-se o cap.º da Repartição de Fazenda dos Romanos, parece que se está vendo a nossa organisação do antigo Erario, com as suas Contadorias, com os seus Contadores, com os seus 1.os e 2.os chefes, com o Thesoureiro-Mór, com o Min.º da Fazenda &. Parece que não ha no espaço de mais de 11 seculos que os nomes differentes! E se tudo não é inteiramente conforme pelo menos tem a maior analogia!

Esta obra posto que escripta em um só volume he mui interessante, e digna de se consultar a cada momento. O A. sobre a parte administrativa he mais extenço do que o Dr. Adam nas suas Antiguidades Romanas.

§.º 23

Archeologia

Lição de 12 de Julho. Mr. Raoul Rochette continuou a explicar com maior erudição ainda do que nas precedentes Lições, a parte Iconographica Grega concernente aos Retratos em Estatuas.

Demorou-se por m.to tempo sobre os de Homero, e logo depois dos de Eurypides, e Eschile = mostrou como Visconti os tinha classificado, quando athe ali, e nos antigos tempos tinhão sido julgados ser de Scyla, e de Mario = Passou a fallar no de Demosthenes, e referio uma bella tirada daquelle orador = fallou nos das duas Saphos, restabeleceo a memoria de uma que era virtuosa e a quem a maldade poetica de Ovidio tinha caracterisado de courtisanne na sua Ars amandi quando era a outra de Lesbos. Dice que os unicos Retratos de Mulheres da antiga Grecia qте restavão erão os 4 de 4 mulheres da reputação mais equivoca, que os Gregos lhe não fazião esta honra para atacar a moral publica, ou em despeito d'ella, mas por que a idea predominante entre elle sera a admiração, e o culto por tudo quanto era bello, e sublime, que o orador defendendo o crime de uma, assentou que o melhor meio de a fazer absolver era de mostrar o seio della ao Povo que conforme as Leis da Republica era o Grande Jury.

Mas o sabio Archeologo não produzio aqui outro motivo que estava na Constituição moral dos Gregos, e consistia em que elles protegião o

debauche = Solon foi o 1.º que estabeleceo o horrivel Templo de Venus popular, Instituição tão louvada do Poeta Philemon = por outra p.te as Leys de Lycurgo fez as mulheres communs a todos os homens. Sancionarão uma prostituição geral.

Vid. a curiosa obra = Histoire de la Legislation des Femmes Publiques, por Mr. Sabatier = Paris 1828 — 1 vol — 8.º

No Echó du Monde Savant 1.ª Division n.º 147 de 14 de Julho vem uma chamada analyse destas 2 ultimas sessões. Nada pode haver de mais alterado. As eloquentes e eruditas dissertações deste celebre Professor desapparecem alli todas. Não se pode dar um maior transtorno. Todos os que fizerem Conseito do Curso de Archéologia pela Conta deste Jurnal, não terão a menor idea exacta destas interessantes lições!

§.º 24

Academia R. das Sciencias de Lisboa

ANECDOTA SINGULAR

O Governo Encarregou á Academia de propor um Plano para a diminuição das molestias venereas! Não deixa de ter esta lembrança alguma cousa que se presta a uma boa dose d'Epigramas de que pode ser victima a pobre Academia.

Os Litteratos, todos, Trigoso = o Bispo Conde, o D.or Guimarães, o Monsenhor Ferreira, e os Mathematicos terão que trabalhar e estudar precedentes? E receberão no fim da sua experimentada vida uma carta de Cerurgiaes!

O caso he que o Secretario Macedo mandou pedir ao Min.º em Paris os Regulamentos da Policia Franceza acerca das meretrises!

O Min.º com boa feição mandou ao sabio Academico a = *Histoire de la Legislation des Femmes Publiques*, cuja erudição impudica não deixará de causar grande impressão na austera catadura do secretario.

Que dira elle do que se lê a pag. 96 (a)

§.º 25

Reliques

PREÇO EXCESSIVO COM QUE SE TEM COMPRADO ALGUNS OBJECTOS DE USO DE HOMENS CELEBRES

Não tenho idea que os antigos tivessem esta mania. Os Museos são de uma data mui recente. Não conhecemos com certeza a existencia delles antes da Restauração das Artes.

(a) Este § occupa mais 7 pags. do presente volume dos *Memorandums*, as quaes omittimos por considerações identicas ás que determinaram os cortes que fizemos ao § 9.º

Entretanto antigamente disputou-se a quem possuia a Lanterna d'Epicteto quanto aos modernos o pequeno cathalogo seguinte dará uma ligeira idea desta mania =

1.º

A cadeira de marfim que Gustavo Wasa recebeo da cidade de Lubeck foi adjudicada em 1825 pelo preço de 58$000 florins (120$000 francos) ao camarista Sueco Schinder.

2.º

O Livro de reza em que lêo Carlos 1.º quando estava já sobre o cadafalço foi levado em uma venda em Londres em 1825 a 100 guineos (2:500 fr.)

3.º

O Vestido que Carlos XII tinha no dia da Batalha de Pultawa conservado pelos cuidados do coronel Thoaen que o acompanhou a Bender, vendeo-se em 1825 em Edimbourg por 22:000 £s. (561$000 fr.) um pedaço do de Luiz 16 quando hia para o cadafalço que tinha o N.º 721 no catalogo de Mr Méon em 1829 teria sido levado a um preço subido se motivos de delicadeza não o tivesse impedido.

4.º

L'Abbé de Forsan pagou mui caro os sapatos de Luiz 14 de setim branco.

5.º

Um dente de Newton foi comprado em 1816 por Lord Schwasterbourg pela Somma de 730 s. (16$595 f.) o qual o colocou em um anel que elle trazia sempre.

6.º

Mr Alexandre Lenoir conta que quando se transportarão os corpos d'Abeilard e d'Heloise p.a os *Petits Augustins* um Inglez offerecia 100$000 francos por um livro de Heloise!

7.º

O Craneo de Descartes foi levado na venda da Bibliotheca do Dr Soarman em 1820 em Stocholm á somma de 100 francos.

NB. Derão bem pouco pelo pobre Philosopho! O Inglez estimou mais o dente de Newton que o outro o craneo do Philosopho.

8

A bengala de Voltaire vendeo-se p.r 500 f. em Paris.

9

Huma veste de Rousseau p.r 959 f. e o seu relogio de cobre por 500 —

10

Huma cabeleira velha de Kant foi vendida depois da sua morte em 1814 p.º 96 f., ainda que outros dizem 200.

11

Huma cabeleira d'Sterne foi vendida em 1822 em Londres em uma venda publica por 200 £s. (5:000 f.)

12

Sir Burnett genro de sir Walter Scott pagou em 1825 as duas pennas que assignarão o famoso Tratado d'Amiens de 27 de Março de 1801 a somma de 500 £s. (12$000 f.)!!

§.º 26

Bibliothecas em França — Numero de Cidades que as tem &

822 Cidades e villas de França de 3:000 a 18:000 almas não possuem bibliotheca alguma publica.

A França pois conta só 195 cidades que tem bibliothecas publicas. Estas bibliothecas não contem mais de 2 a 3 milhões de volumes que comparados á população dos Departamentos de 32:000:000 dão a proporção de um só volume p.r 15 habitantes.

(Buletin de la Société d'Statistique 1834, pag. 58).

Seria curioso fazer o paralello com o n.º de Livros que possuimos em Portugal.

§.º 27

Estado de Instrucção Elementar na França 1836

No *Echo du Monde Savant* de 10 de julho, N.º 28 = lemos o seguinte

«Certes, on aurait peine á croire, s'il n'etait facile de l'en convaincre «par des calculs basés sur le dernier recensement (1833) qu'il n'y á pas «en France moins de 13 à 14:000:000 d'individus du sexe feminin dé«pourvus de toute culture intellectuelle!!!

Quando se vê um semilhante Quadro de 14 milhões de indeviduos de um sexo, sobre 32 em um dos payzes onde se tem feito mais esforços p.a se espalhar a Instrucção, e que deve precisamente existir um nume-

ro senão igual pelo menos maior de homens igualm.te desprovidos de toda a instrucção primaria, o que nos daria 28 milhões de Francezes, sem a menor cultura, sobre os 32, não podemos deixar de fazer infenitas reflexões filosophicas que se apresentão immediatamente. Entre outras se nos apresenta a seguinte =

Se sobre 32 milhões só 4 se achão educados, e tendo uma cultura intellectual depois de tantas revoluções, reformas, escolas, ensinos mutuos, não servirá um tal resultado de mais uma prova de que os Theoristas de uma progressão indefenida, e permanente que não tem feito os seus cal-calculos sobre a civilisação social com uma exactidão mathematica?

Não se enganarão muitos Estrangeiros que julgão do Estado da Instrucção em França pelo que veem nas grandes villas, e sobretudo em Paris?

Mas m.mo nesta capital se vê que o numero dos homens que não sabem ler nem escrever he muito superior = (vid. a obra do Medico Parent, tom. 1.º p. 64).

§.º 28

Archeologia

Lição de 19 de Julho — Mr Raoul Rochette tratou exclusivamente de Iconographia Romana. Os assumptos escolhidos forão os Retratos de = Brutos, do G.e Scipião Africano, e o que Visconti, e outros attribuirão a Régulus, por isso que a Familia Livencia, obscura como era usou deste appelido nas suas medalhas por ter sido um delles adoptado p.r Regulus. Mr Rochette com a sua costumada erudição comparou o texto de Plinio, de Tito-Livio, e doutros com as medalhas, e as desertações que fazia sobre ellas, principalmente nas da Familia Cornelia, á qual Scipião pertencia, e com os bustos de Iconographia de Visconti absorverão perto de 2 horas de sessão.

Fez igualm.te uma introducção interessante á explicação das Estatuas Equestres do tempo da Republica, e de uma medalha da Familia *Aemilia*.

§.º 29

Museo d'artilharia

Visitei este Estabelecimento no dia 22 de Julho. Gallignani no = Paris Guide = traz uma curta mas interessante noticia deste estabelecimento. A do prefacio do catalogo que alli se vende he menos interessante, e no catalogo notamos que pela maior parte he feito com bastante superficialid.e Huma ou a maior parte dos objectos não são explicados, e nelle não observamos outros detalhes senão aquelles que a vista nos offerece.

As galerias são excellentes, mas não me parecerão maiores do que as da Casa das Armas d'Extremoz feita no tempo d'El-Rey D. João 5.º

Alli notei que um *Casque* que se diz ter pertencido a S. Luiz está

collocado sobre uma almofada de velludo cramesi, e que o punhal de Ravaillac tem um fumo.

Aproveitei esta occasião para ver a Igreja Paroquial de S.[to] Thomas d'Aquino que he no mesmo Edificio (Vid. a Descripção a pag. 114 do *Guide* de Gallignani), descripção que he exacta, e interessante pelas pintnras que se encontrão nesta Igreja.

§.º 30

Marquez de Fortia

No dia 24 de julho passei 4 horas com este interessante Erudito. Este incansavel e zeloso sabio emprega o seu tempo, e a sua grande fortuna em elevar monumentos da maior importancia ás Sciencias e ás Lettras. O cathalogo das suas obras publicadas que se vê na *Biographie des Contemporains*, era já pasmoso mas elle infatigavel accrescenfou incessantemente apezar da sua avançada idade =

Não lhe bastou a continuação da *Art de verifier les dates*, a *Histoire* du Hainau, agora tem já empregado mais de 10☩ francos na publicação das preciosas Taboas, e Cartas de Peutinger combinadas com os Itinerarios d'Antonino, e com os Periplos Gregos de Syphax, de Erastotene, &. As 9 cartas que estão já feitas pelo coronel do Corpo de Engenheiros — Geographos M[r] Lapie, autor de um grande n.º de cartas, e de obras (vid. Statistique des Sciences et des Lettres en France) são magnificas.

Alli encontrei este Litterato. Apezar de moço, he forte. Magro, mas com bastante agilidade =

M.[r] de Fortia junta ás Taboas, e cartas de Peutinger uns poucos de volumes de Texto, cuja publicação se retarda em consequencia das copias que o seu Secretario está tirando dos Mss. Gregos que se achão nas Bibliothecas de Italia.

Alli encontrei um rapaz, M.[r] Gobineau, que foi á um anno recommendando ao Marquez, e que realmente me espantou pelo seu saber, e modestia. He um instruidissimo Orientalista. Occupa-se de traduzir agora uma obra Sanskrit =

Vi tambem alli pela primeira vez M.[r] Bonnety, Membro da Sociedade Asiatica, e Redactor proprietario do Journal — *Annales de Philosophie Chrétienne* = o qual em um dos Art.[os] do n.º que elle trouxe ao Marquez, inserio um catalogo chronologico dos AA. e obras que se imprimirão na Europa desde o principio do seculo 15 athe 1528 pouco mais ou menos, onde não se encontra um só Portuguez!! quando aliaz existem tantos!

He um homem moço.

Communiquei ao Marquez todas as minhas ideas sobre a existencia do culto dos Druidas na antiga Lusitania, e das razões em que me fundava. Elle concordou inteiramente comigo, e de modo tal se convenceo que poucos momentos depois fallando-se, e discutindo se alguns pontos interessantes a que deo logar a nova obra de M.[r] Eichof sobre a identidade das Lingoas modernas com as orientaes, o Marquez me citou a todos sobre as minhas opiniões acerca dos Druidas em Portugal no tempo dos Celtas =

§.º 31

Archeologia

Lição de 26 de Julho. M.r Rochette continuou com Iconographia Romana.

Principiou por um pequeno resumo da lição precedente, e passou a tratar dos retratos em estatuas dos differentes = *Forum*, e para provar a profusão com que os Romanos elevavão estatuas aos seus grandes homens, e magistrados celebres, trouxe o exemplo do *Forum* de Pompeia = de que apresentou a Planta, o qual estava cheio de Estatuas de Magistrados Celebres; servio-se desta demonstração para dizer = Se na insignificante cidade de Pompeia, que no tempo Romano era uma das mais insignificantes se encontrarão tantos monumentos, quantos não serião os que se tinhão elevado em Roma! E que a mão do tempo e os Iconoclastas de todas as idades tem destruido, e que não nas deixarão chegar á posterioridade! A sua explicação do *Forum* de Pompeia foi excellente: elle disse = Que os Romanos em levantarem tantas estatuas aos seus grandes homens principalm.te do tempo da Republica, não o fazião como hoje fazem os modernos, e como se pratica sobretudo em Paris, por mero luxo, por vaidade, e por ostentação, mas com outro fim mais philosophico, mais social e sublime, com o da recompensa das grandes illustrações, como modelos a excitar a immitação das gerações que lhes succedião, o que a arte, e o luxo era um objecto secundario (vid. §.º 34). Discreveo o numero d'Estatuas do *Forum* de Pompeia, e algumas do de Roma, e passou a tratar da Estatua do Grande Pompeo, que hoje possue a casa do Prince Spada em Roma. Descreveo a historia desta Estatua. Provou que era a mesma junto á qual Cezar fora assassinado, contou a passagem de Plinio que mostra que ella he a mesma que elle citava. Mencionou a grande disputa archeologica que se levantara ultimamente sobre esta Estatua entre o celebre Archeologo Romano Carlo Fea e outro e como o Campo Archeologico se devedia em dois partidos nos quaes vierão os Archeologos Allemães tomar parte, e que decidirão a questão em favor da Estatua de Pompeo, partido ao qual elle de boa vontade se juntava. Mostrou que não existia nenhum retrato, nenhum busto de *Marius*, que apenas o que tinha escapado era sobre uma materia das mais frageis, e que descrevera na sua obra q̃ elle mostrou.

Mostrou como o immortal Winkelmann tinha mostrado corrigindo as opiniões erradas d'immensos archeologos um grande numero de Estatuas das quaes ha alguns modelos, ou copias, nas que estão nas Tuillheriaś. Fez o sabio Professor então uma digressão Estupenda pela numismatica provando por diversas medalhas os triumphos que Winkelman tinha obtdo nas suas explicações, e confrontando a explicação das Medalhas com as observações que elle tinha feito nos Monum.tos originaes.

Depois de acabada a Lição de Mr. Raoul Rochette, deo-me *rendez-vous* para sabbado em sua casa para conversarmos.

Entre as observações curiosas que fez dice = que uma certa escola

moderna que escrevia sobre a historia Romana, escrevia Romances em logar de escrever o que na realidade era, como por exemplo Niébhur fizera apezar do seu m.to saber. Dice que a parte mais sublime da Historia Romana pelo estilo curiozo, e admiravel — a *das Inscripções* = era a menos conhecida. Que á Mocidade só se lhes ensinava o que escrevera Tito-Livio, mas que a p.te mais importante se achava nas Inscripções. Dice como todas as dos Grandes homens que se levantarão no *Forum* de Roma = ou *Forum Augustum* forão redigidas por Augusto mesmo, e que Gori tinha reunido e descripto. Lêo-nos uma na realidade sublime, das que já descreveo na sua obra = *Recueil des Inscriptions Antiques* & (vid. o Art.º deste celebre anticuario Florentino na Biograp. Univers.)

Quanto ao que dice Mr. Raoul Rochette de que certos escriptores fazião da Historia Romana um Romance, convem lêr o que diz Mr. Nisard = na sua obra interessante = *E'tudes sur les Poetes Latins* = Tom. 1ere pag. 106 — a 111 ás quaes em parte só lhes poderá talvez applicar a observação critica do Sabio Archeologo.

Quanto a Nieuhr = na sua Hist. Romana = Schelegel fez-lhe uma analyse que publicou nos Annaes d'Heidelberg. Este ultimo Savant he d'opinião contrarie á de Mr. Rochette = p.r que na sua Histoire de la Litterature lhe faz os maiores elogios. — Vid. T. 1.º pag. 125 =

§.º 32

Conde de Garden

Quando se frequentão muitas vezes as m.mas pessoas apercebe-se n'ellas alterações tão Extraordinarias que não podemos deixar de nos admirar, porque offerecem singulares anomalias de caracter, são raros os homens de um modo de pensar sempre firme, e de uma severidade de habitos externos ao menos constantes na apparencia.

A' proporção que frequento este Litterato, e antigo Diplomata observo nelle o que acabo de dizer.

Nos primeiros tempos que o frequentei apresentou-se á minha vista como um homem grave occupado da Sciencia, bem depressa occupado das doctrinas controversas do Jornalismo umas vezes parecendo da Escola retrograda, outras da absoluta pura, outras da avançada, e denominada progressiva.

Mas em todas estas apenas notei imperceptives tendencias que apenas se manifestão nas generalidades, campo donde elle raras vezes se affasta.

O que notei de mais curiozo foi um desvio da gravidade allemã que elle teve hontem 28 de julho.

No meio de uma conversação litteraria m.te interessante proguntoume elle se eu não conhecia uma obra de Archeologia m.to curiosa e erudita = Huma vida dos 12 Cesares. escandaloza, e das Damas Romanas, feita sobre as Medalhas, e Pedras gravadas; visto que elle me conduzio sobre este campo respondi-lhe logo que havia m.tos annos que tinha lido uma obra de tal natureza que consistia em 2 vol. de 4.º publicada nos

fins do Seculo passado, mas que me parecia que ella não podia ser condecorada com o titulo de Archeologica, que era uma obra escripta conforme as vistas da Escola Phylosophica d'aquelle Seculo que era desenterrar de toda a historia das Monarchias todos os vicios, e turpitudes que n'ella se encontra para desacreditar a Realeza e as familias historicas, como se a historia de todos os homens e de todos os governos, qualquer que fosse a sua organisação não offerecesse fragilidades, vicios e turpezas a que os m.os homens estão sujeitos neste mundo. Quanto ás do tempo da Republica Romana vid. o q̃ digo a pag. 62, deste vol. [a].

Effectivam.te a obra era a que eu conhecia, e q̃ havia lido havia m.tos annos. Elle notou me que ella era fundada em authoridades contemporaneas taes como a d'Ovidio, ao que eu lhe repliquei que a authorid.e deste Poeta em taes materias era suspeita, porque poeta e impudico, e calumniador mui de proposito apresentou em scena de depravação pessoas que aliáz erão virtuosas e tal foi o que fez com as Saphos, que confundiu a virtuosa com a *courtisanne*.

Este Publicista conserva pois em um armario separado, como uma especie de thesouro que elle me mostrou, extaziando-se a cada passo, uma das mais vastas collecções de Livros obscenos que tenho visto, dos quaes as Edições são do maior luxo, e as estampas da maior belleza, e indecencia.

As Edições dos Contos de Lafontaine impressos em Amsterdam, a do Aretino, a dos 12 Cesares, e Damas Romanas, a do Culto de Priapo, & &, são verdadeiramente unicas neste genero.

Parte desta collecção pertencia ao velho Demidoff.

§.º 33

Suicidios em Paris no anno de 1835

O numero de Suicidios só na Cidade de Paris neste anno foi de 229!!! dos quaes 73 mulheres (Recueil administratif du departement de la Scêne).

As Gazetas estão cheias de noticias de outros que a cada instante estão acontecendo nos Departamentos.

Quando segundo as ideias dos homens de certa escola que se diz progressiva se sustenta que a civilisação se adianta rapidamente, que os homens conhecem cada vez mais o valor da sua existencia social, e dos seus Direitos, esta fatal mania contraria á Religião, e a moral, não he outra senão uma immitação da Escola Estoica dos tempos depravados de Nero, e de Tiberio —

O mesmo aparato com que agora os comettem. As cartas que escrevem, a coragem que nellas inculcão não he senão a repetição da mania da morte voluntaria, e a coragem de morrer, coragem banal do tempo de Seneca, e da Escola Estoica daquella epoca de horror, e de depravação.

[a] Corresponde ao final do § 24.

As mesmas causas quasi do tempo de Seneca são as que produzem agora tambem os mesmos resultados. Por um lado o materialismo, e pelo outro o que lemos na *Epistola* 24 d'aquelle estoico = *Nesta Epoca de langor* (Reinado de Nero) *e de delicias, de molezas monstruosas*, de apetites aos quaes apenas o Mundo inteiro poderia satisfazer, banhos perfumados (como em Paris) amores faceis e *desordenados*, succedia que todos os dias homens de todas as condições, de todas as fortunas, de todas as idades se livravão dos seus males pela morte!

Toda a theoria estoica pode ser applicada ao que vemos praticar-se aqui todos os dias, e com maior rafinamento do que n'aquella Epoca.

Um philosopho severo e imparcial dizia á vista disto aos homens progressivos que não analysão a Sociedade, que o seu progresso *he eminentemente retrogrado!*

Em Portugal apezar de ser um paiz ardente, e seus habitantes meridionaes, que em geral são caracterisados de imaginações ardentes e poeticas, e payz onde as doctrinas que impropriamente uma certa Escola chama progressivas não tinhão encontrado grande sympathia, os suicidios erão, e são ainda tão raros que se passão annos sem que haja nenhum. Se por acaso no espaço de 10 ou mais annos 1 ou 2 individuos se suicidão deitando-se do Arco grande das Aguas Livres a baixo = não ha todavia exemplo do Estoicismo banal das Castas, e da ostentação do desprezo da morte.

A' vista disto proguntariamos aos homens de boa fé qual dos dois payzes tem feito mais progressos na civilisação em um ponto tão interessante?

De modo que se poderia dizer aos famosos da Escola impropriamente progressiva que neste Paiz prevalece o detestavel Estoicismo da Escola do tempo de Nero, em quanto em Portugal se professa da m.^ra^ mais absoluta o contrario conforme o principio da Escola Socratica que foi a primeira das antigas que declarou que o suicidio não era permittido, que pelo contrario era um crime contra Deos, e contra si m.^mo^.

§.º 34

Mr. Raoul Rochette

ARCHEOLOGIA

No §.º 31 referimos a reflexão que o sabio Archeologo fizera de que entre os Romanos a arte, e o luxo erão secundarios ao fim Philosophico e social que os fazia elevar um tão extraordinario numero de Monumentos e de Estatuas aos grandes homens do tempo da Republica, entretanto esta reflexão tão importante parece não estar d'accordo com o que lemos no Tratado d'Archeologia de Mr. Champolion ainé = Tom. 2, pag. 77 §.º 4.º quando trata da Glyptographia dos Romanos, elle diz =

«L'Histoire du peuple roi, sa tourbulence martiole lui fit considerer «la culture des arts comme une profession digne d'Esclaves, des affranchis, a les Estrangers qu'il avait soumis.

Vid. este §.º e seguinte.

§.º 35

Vesita a Mr. Raoul Rochette

No dia 30 de Julho conforme o *rendez-vous* que me tinha dado este Celebre Antiquario, fui ás 10 ½ vê-lo á sua habitação na Bibliotheca Real de que elle he um dos conservadores. Recebeo-me logo apenas me fiz annunciar na sua Livraria, e com a maior gravidade, e ao mesmo tempo com as maneiras mais polidas.

A Livraria compõe-se principalmente de 2 Casas que conterão 2ₘ volumes. Em geral os Livros são bem encadernados, e pareceo-me ter um grande numero de estampas, e de obras que naturalmente hão-de ser as collecções Iconographicas, e as Descripções dos Monumentos Ineditos, e dos Muzeos que existem publicadas, e as obras de Archeologia conhecidas em grande formato. Sobre a chaminé estavão m.tas lampadas sepulchraes romanas, pequenos vasos etruscos, e no chão alguns vasos de *poterie* Egypciana. Entre as Estantes outro grande numero de Vasos Etruscos, e Gregos, e p.r cima *moules* de Estatuas, e de Bustos da Iconographia Grega entre outros o de Demosthenes de que elle se servio em uma das Lições do seu Curço. Ao pé da porta de outra sala da Livraria tem um Medalheiro, que deverá ser precisamente m.to rico, e que sem duvida elle formaria durante as suas viagens em Italia, em Sicilia, e outras partes.

Alem destes objectos vi pendurados alguns desenhos que me parecerão de mozaicos antigos. Na segunda Salla mostrou-me elle uma urna cineraria em chumbo ainda com os ossos dentro. Nesta continua não só a Livraria mas igualmente a Collecção de differentes antiguidades, sendo a maior parte de *moules* =

Depois dos primeiros cumprimentos que reciprocamente nos fizemos, Dice-me elle que já tinha encarregado Mr. Mionnet de me dizer quanto elle desejava ver-me, e conhecer-me de perto pois que sabia que eu me tinha dado com grande zelo não só ás Sciencias, mas tambem á Archeologia. Então entramos em materia. Comecei por lhe dizer os motivos que me induzião a applicar-me um pouco a esta Sciencia. Contei-lhe que meu fallecido Pay tendo sido discipulo do mais celebre dos nossos sabios modernos Hellenista profundo, o Arcebispo Cenaculo fundador do Museo de Evora recebeo delle o gosto desta Sciencia, que reunira desde mui moço uma preciosa collecção de medalhas, collecção que não só em uma longa vida e com meios pecuniarios, e relações poude augmentar, mas de tal modo enriquecer, com a compra do vasto, e precioso Gabinete do Abbé Grenier, e do Dr Vidal que o tornou em uma collecção immensa, e talvez a melhor dos Perineos p.a lá — mas que infelizmente elle não poude nunca formar uma collecção das Gregas, que eu pude comprar ao G.e do General Paulet, e as outras que Sir Robert Brant adquerira nas suas viagens, e que assim a collecção das autonomas que tinha era preciosissima. Que pois tendo sido estimulado por meu Pay desde os meus primeiros annos a estudar as Medalhas não só nas muitas que possuia

mas tambem na excellente collecção de Numismatica da minha Livraria que isto me inspirava o gosto que tinha, que no fim de tudo não passava de um amador, mas que me não considerava como um Archéologo.

Passei a fazer-lhe uma descripção detalhada do meu Gabinete, referi-lhe depois em resposta á progunta que elle me fez, o que valia o Gabinete da Bibliotheca Publica. Referi-lhe o que havia de mais curioso no Museo d'Evora, e passei a dizer-lhe da riqueza immensa de Portugal em monumentos da Epoca Romana sobre tudo em Numismatica, que disgraçadamente todavia a Iconographia não tinha nada até agora que explorar naquelle Paiz por que os Iconoclastas de todas as idades tudo tinhão destruido: que na Glyptica tambem pouco havia, que contudo algumas pedras gravadas se encontravão algumas vezes, e sobre tudo nos anneis sepulchraes. Que depois da riqueza Numismatica se apresentava a da Paliographia Romana, cujo numero era immenso. Que posto que muitas inscripções estejão perdidas comtudo temo-las copiadas ou nas collecções geraes dalguns dos nossos Archeologos, ou em algumas monographias, ou mesmo nas obras da Historia Ecclesiastica, e profana.

Que ellas so per si naquella parte do Mundo Romano offerecerão a um dos nossos antiquarios uma collecção de 2☞ o qual não tinha tido em nas produzir menor merecimento do que Gori, ou Gouther = que alem disso outras forão colligidas por Rezende, e que eu preparava não só uma noticia dos nossos Archeologos, mas tambem uma collecção geral de todas as produzidas por elles, mas tambem das Ineditas.

He incrivel o que elle aplaudio este meu trabalho, offereceo-se para o rever, e para me ajudar em tudo, significou-me que eu faria um grande serviço á Sciencia ainda maior do que ao meu Pays.

Passei depois a annunciar-lhe a Memoria Archeologica que escrevi sobre o Hypogeu Romano d'Alcanhões descoberto em 1826 — Referi-lhe os objectos que alli se achavão. Dice-lhe que junto aos hypogeos se encontrou uma *Columbaria*, que o principal sarcophago a sua dimensão excedia a do maior que se tinha precedentemente encontrado, e que Montfaucon descrevera, e produzira, encontrado em Gueldres nos principios do seculo 17, então elle dice-me se seria maior do que o maior que se conhecia, que era o que estava no Museo do Vaticano pertencente a Septimo Severo. Respondi-lhe que so tive a possibilidade de o comparar com o produzido por Montfaucon achado em Gueldres, que todavia não lhe podia affirmar depois de passado tanto tempo, e não tendo o meu Mss. se com effeito tinha comparado as dimensões com o do Vaticano do qual tinha tambem a descripção, e a estampa. Referi-lhe minuciosamente o que se tinha encontrado em lacrimatorios, em *simples*, em aneis sepulchraes, e em Medalhas do alto Imperio, e ultimam.[te] o curioso cofre onde estavão as cinzas de um Joven que cingia a Toga Pretexta, e que tinha a *Bula Aurea* soberba ornada de um camafeo precioso = Contei lhe toda a historia da venda deste camafeo =

Elle depois de ouvir tudo com o maior interesse, dice-me que o que eu acabava de referir lhe era de tal modo interessante para a Sciencia que elle me pedia que houvesse eu de me prestar a lhe escrever em uma carta tudo quanto lhe referia pois que elle o addicionaria á obra que

compoz ultimamente dos monumentos funerarios Romanos, e dos primeiros tempos do Christianismo obra que de elle me mostrou o Mss. do 1.º volume, e os desenhos de m.tos Monumentos ineditos, dizendo-me que dentro em 5 semanas a leria no Instituto, e que me pedia quizesse assistir ás suas leituras.

Effectivamente lhe prometti uma e outra cousa.

Fallamos depois no Instituto Archeologico de Roma, que elle me dice que estava agonisante, em consequencia das discussões d'alguns Archeologos Allemães, e que assim a Secção Franceza se tinha concertado de se separar e trabalharem aqui, que á testa disto estava o primeiro Archeologo da Europa o Duque de Luynes, (no qual eu lhe tinha alliás fallado) e elle, que o Duque como mais rico de que os outros tinha entrado com mais fundos. Passou então a fazer-me os maiores elogios do Duque dizendo-me = «Não existe um homem mais sabio sobre a Archeologia. «A sua profundidade na sciencia he tal que verdadeiram.te elle quasi ex«clusivamente a comprehende = Eu (accrescentou elle) não faço nada «sem pedir o seu conselho, não publico obra alguma que a não sujeite «antes á sua censura. Elle sabe o Grego melhor que ninguem, e he o «unico neste Paiz que não se serve das traducções para entender, e citar «os textos. (Esta cutilada era dirigida sem duvida a Letronne, e talvez mesmo a Hasse e a Boisonnade!)

Continuou elle = O Duque tem tal habilidade e tão profundo conhecimento da antiguidade que he um fiel immitador das formas antigas, a ponto tal que fabrica vasos Etruscos e medalhas que é mui difficil differençal-as das verdadeiras. (Dice-lhe eu que os Paduanos p.r serem Paduanos nem por isso deixavão de ser famosos Archeologos) Concluio dizendo do Duque = *Il est un peu sauvage»* he um homem retirado do mundo que vive no campo, e que em epoca alguma foi jamais á Corte. Mas que isso não o impedia de ser uma excellente pessoa, e de optimo caracter.

Fallei-lhe depois da Excellente collecção de vasos do Muzeo Durand — p.a o ouvir sobre este objecto, elle deplorou a perda que a França fez em não comprar todos. Dice que se a collecção se tinha vendido p.r 300$ f. que ella não tinha custado a Durand menos de 600$. Falei-lhe no cathalogo = elle achou m.to bem feito = Citei-lhe a compra dos melhores feita p.r Mr. Broendstad para o Museo da Dinamarca p.r 150$ f. ao que elle replicou que julgava que m.tos delles forão comprados por commissão de Inglaterra.

A proposito deste Museo dice-lhe eu e elle concordou, que a collecção Durand era mui superior á do Duque de Blacas que eu tinha visto e elle então me communicou que acaba de receber resposta do Duque ao que elle lhe tinha proposto p.a publicar os ineditos.

Accrescentou o que o Duque possue unicas e rarissimas são medalhas. Elle tem uma infenidade das quaes nenhuma valerá menos de 3$ f. Proguntei-lhe como achava elle a collecção de Mr. Dupré. Elle concordou comigo que era bellisima sobre tudo no que respeitava ao estado de conservação.

Falei-lhe sobre o Estado da Sciencia em Allemanha, e em Ceeuser,

ao que elle logo me respondeo que era homem sabio, e seu antigo amigo e quando tratei de Hamer, elle replicou logo que era um homem trabalhador, mas muito ligeiro, que hia mui depressa (De modo que Hamer não he amado destes senhores, porque já he Mr. Rochette o 3.º que se explica assim a seu respeito).

Consultei-o sobre as minhas opiniões acerca sobre a pintura em pergaminho, e elle concordou em tudo comigo. Li lhe parte da minha Noticia publicada pela Sociedade dos Antiquarios a que era cencernente a Archeologia, e notei que lhe tinha feito impressão e concordou nas inducções que eu tirei do estado da Arte na antiga Lusitania p.ª provar o estado da civilisação, e da Sçiencia.

Fallei-lhe na sua *Historia da Pintura dos Antigos* que elle acabava de publicar = Mostrou-ma então, e accrescentou que me convidava a fazer o conhecimento do seu editor, Mr. Péchner=em face du Louvre nº 12, não para que eu conhecesse mais um Livreiro, mas para conhecer um homem m.to instruido, e ver alli o *rendez-vous* quotidiano de homens m.to celebres, na Sciencia como Mr. Charles Nodier, e outros — Acrescentou que m.mo como Livreiro eu podia sobre as m.as obras tratar com elle como com nenhum outro.

Offereci-lhe um Exempiar da m.ª Introducção do Quadro Elementar e elle depois de ler a Nota Expositiva do principio significou-me que p.r alli se via q.to era forte o meo zelo pelas Lettras &.

Esta entrevista durou 2 horas. O que deixo escripto he apenas uma indicação do que se passou, pois as largas explicações, e citações eruditas forão immensas, e seria impossivel de as transcrever aqui.

Mostrou-me uma longa carta d'um Sueco que reside em Madrid na qual lhe propunha escambos de Medalhas *autonomas* das duplicatas do Gabinete aqui, pelas que elle possue dobradas dos antigos Chefes Iberos antes da Invasão Romana. Mr. R. Rochette dice = que este Estrang.ro mostrava na sua carta que tinha m.tos conhecimentos numismaticos, e que a proposta era tão vantajosa para o Muzeo q̃ elle hia fazer as trocas p.r que não possuião aqui quasi nada daquellas importantes series.

§.º 36.º

Schlegel

HISTOIRE DE LITTERATURE ANCIENNE ET MODERNE 1829

2 volumes =

Esta obra he de uma grande sagacidade, e o A. diz que ella he o resultado de toda a sua vida de Estudo =

1.º Elle estabelece o principio mui exacto, e sem duvida m.to util de propagar-se em uma Epoca em que uma Escola destruidora não quer nada do passado, e antes parece votal-o á execração = *De que a nossa «civilisação he de tal modo fundada sobre a dos antigos que he mui dif«ficil tratar da Litteratura dos modernos sem partir daquelle ponto* &.

2.º=Estabelece que o ponto de partida da Especie humana, e a origem do principio de Unidade de toda a civilisação nos veio do Oriente, e que alli nasce a arvore genealogica cujos ramos se espalharão por toda a Europa.

3.º=Segundo o A. Todos estes Povos da Europa Occidental tiverão então o caracter Sacerdotal, como acontecia entre os Egypcios, os Judeos &. Tudo Theocracias! Os Etruscos, os Romanos nos primeiros tempos em toda a sua organisação social = mas outras nações seg.do elle devem pelo que adquerirão de importancia historica, ser elevados, ou caracterisados com o nome de *povos heroicos* pela proeminencia q̃ nelles exercerão sempre a Casta dos Guerreiros, e dos Nobres. Taes forão os Persas (Aqui esqueceo-se o A. Que «Nemo rex persarum poterat esse qui non centrum quae Magorum Scientiam quae precepissent) os Medos (e já se sabe) e mais tarde os Germanos! Depois destes vem os Gregos, segundo o A.

O A. stigmatisa = a Celebre Guerra Civil do Peloponeso que durou 27 annos entre os Athenienses e os Dorios em que numa conflagração terrivel se destruirão uns aos outros —

Elle diz — Tom. 1 pag. 31 = fallando dos Gregos = *et avec la libertê avait* disparu parmi eux le genie *de l'invention en même temps que tout noble exor de l'esprit.*

A rapida e brilhante analyse que o A. faz das obras de Homero he excellente, mas ninguem pode certamente esperar a conclusão = que consiste que «As poesias heroicas dos Povos do Norte e dos Povôs do «Oriente podem m.mo igualar, e talvez exceder as poesias de Homero!

Entretanto este conceito he depois inteiramente destruido por outro a meu ver contraditorio (vid. pag. 41)!

O A. parece citar com Sympathia a reprimenda d'Herodoto a Pindaro, pela repugnancia manifesta que tinha o grande Historiador contra a Democracia (a qual diz o A.) tinha com effeito causado grandes desordens na Grecia, presenciando outras ainda mais funestas. Elle Herodoto justifica-se m.mo na sua predilecção pelo poder Real, e pela Aristocracia, forma de governo preponderante entre os Dorianos (vid. pag. 45).

A Concisão, e profundidade deste Escriptor he realmente pasmosa em algumas partes. O fim do 1.º Cap.º he excellente = pela ordem das observações = elle vae mostrar = 1.º commo os *Sophistas conseguirão espalhar por toda a parte* a sua influencia desde o começo das Guerras Civis e a desorganisação de todos os Estados da Grecia = 2.º como os m.mos Sophistas, conseguirão anniquilar moralmente a Grecia, athe que por fim aparece Socrates que levantando-se contra ellas trouxe á verdade tanto quanto era possivel o Espirito dos Gregos tornado essencialmente Sofistico, e fundou uma Escola que produzio Platão —

A Certos Escriptores Portuguezes modernissimos, e a alguns extrangeiros que attribuem a nossa decadencia de um modo banal, a Frades, a clerigos, aos Privilegios, e não sei o que mais, diria eu e quaes forão os Frades, os clerigos e toda essa bateria que fez perder as Republicas da

Grecia? Lêde = o que lhes aconteceo = O *Espirito de sophista bastou para os perder* (vid. Cap. 2) — Leão — Thucidedes = Esta tragedia historica. — Leião Aristophanes nos seus quadros de corrupção dos costumes d'Athenas, e da Grecia =

O A. não esconde os seus excellentes principios eminentemente conservadores o pag. 82 = Elle diz que os Philosophos Gregos que antes de «Socrates Vituperavão severam.[te] os poetas, e a sua mythologia, e que «querião m.[mo] banilos das Republicas não se tinhão elevado ao conhe«cim.[to] de Deos, e não tinha pela maior parte adorado outro coisa mais «do que a Natureza; bem depressa de Philosophos converterão-se em «Sophistas = plus meprisables, et plus dangereux que ne l'avaient jamais «été les poétes anciens, dans leur innocence et dans leur simplicité.

SEITA JONICA

A exposição simples, e clara do A., a pag. 83 merece que a transcrevamos aqui = «Les philosophes de la seite Jonique adoraient, comme «prémiére force motrice de la nature, l'un ou l'autre Element: Thalés, «l'eau, Héraclite, le feu. Il ne faut pas croire qu'ils considerassent ces «deux éléments sous un rapport purement corporel. Outre la force de «l'eau, qui nourrit et favorise toute croissance, ils reconnaissaient aussi «dans le fluide le principe de la mobilité et de la mutabilité perpétuel«les de la nature. De même, Héraclite ne considerait pas comme occu«pant le premier rang dans la nature le feu exterieur et visible, mais «bien cette chaleur cachée, ce feu interieur que les anciens regar«daient comme la veritable force vitale de tout ce qui existe. Héraclite «qui est l'auteur de ce systéme, à eu des erreurs bien plus profondes que «les autres philosophes; l'exemple d'Ananxagoras est celui qui montre le «mieux combien les derniers avaient encore de peine à se détacher des liens «de la nature. Car bien qu'on prétende qu'il fut le prémier avant Socrate «qui reconnu l'existence d'une intelligence supérieure gouvernant le mon«de, et la nature par ses lois, nous voyons cependant que, voulant plus «tard expliquer l'Univers, il eut recours aux atomes dont selon l'opinion «des matérialistes tout est composé. Cette doctrine d'atomes dont la com«binaison mécanique aurait donné naissance a tout ce qui existe dans «l'univers avait eté de tres — bonne heure réduie en systéme complet «chez les Grecs par Leucippe et Democrite. Plus tard, le talent d'Epi«cure le rendit aussi generalement dominante parmi les Grecs et les Ro«mains qui elle ne l'a jamais été dans le cours du 18[e] Siecle =

A conclusão que o A. tira do Estado da Philosophia antes de Socrates e das consequencias da Escola Pythagorica he muito interessante. Elle diz = «Le domaine de la Philosophie devint toujours de plus en plus «celui de l'anarchie =

Aconteceo o mesmo resultado com o dominio que a do seculo 18.º adquirio.

Os Sofistas de todos os tempos tem formado, e preparado a anarchia

das sociedades. Os da Grecia destruirão tudo, os de Constantinopla offerecerão um segundo escandalo espantoso, os dos nossos dias que são meramente Sophistas politicos pela maior parte se não destroe por que não podem a crença dos Povos, aniquilão os laços sociaes e fomentão, e estabelecem a anarchia =

Os Sophistas da Grecia produzirão o mesmo que os seus immitadores produzirão em toda a parte, um odio final contra suas doctrinas.

He o que observamos na Historia —

Schlegel tinha razão = Déjá l'éléve d'Aristotete se fàchait lorsque les sophistes, pretendus savants universels laissaient les questions sans réponse (comme nous dit Diogene Laert). II — 111, et 112.

ANTAGONISTAS DO DOGMA DA SOBERANIA DO POVO

Vid. p. 91 [a]

Socrates e a sua Escola = que combaterão já naquella Epoca este dogma.

Xenophonte e Platão exprimirão muitas vezes as suas sympathias pelas constituições de formulas Aristocraticas =

Influencia d'Aristoteles e Platão exercida diz o A. durante quasi 2$\mathfrak{P}$ annos, e esta incalculavel sobre a marcha do Espirito humano na Asia, e na Europa (p. 98).

Opinião de Schelegel sobre a obra de Niebuhr = Histoire Romaine. He a opinião interessante contraria a de Mr. Raoul Rochette (vid. pag. 81 destes Memoranduns) [b] o A. diz

«Un savant contemporain (Niebuhr) a le mérite d'avoir entrepris à «cet égard (isto he a regeitar o fabuloso da Historia Romana) la critique «minutieuse des moindres parttcularités de l'Histoire Romaine, et d'avoir «en general assez bien reussi (voyez Schelegel pag. 125). Herem ataca Niebuhr ainda mais do Raoul Rochette —

OPINIÕES SOBRE DRAMATURGOS ROMANOS

As opiniões de Nisard na sua obra sobre os Poetas Latinos parecem ter sido bebidas em 1835 nas de Schelegel publicadas em 1829. A comparação da parte que elle dedica á analyse das Tragedias de Seneca, com o que diz este ultimo A. desde pag. 128 do Tom. 1.º em diante parece-me que provarão o que digo.

A sua analyse do Epicurismo modificado d'Arestipo, e o de Epicuro

---

[a] Corresponde ao § 34.
[b] Corresponde á segunda parte do § 31.

he mui interessante (pag. 141 e seg.[te]). Elle diz que «a doctrina da isolação «dos negocios e do Mundo, a separação absoluta delle como a base «primaria d'uma vida sabiam.[te] ordenada = que elles prezavão, que não «he senão uma doctrina Egoista e anti-nacional =

Schelegel = Começa a decadencia no tempo mesmo d'Augusto na degradação do gosto e na corrupção dos Escriptos d'Ovidio, e Nisard principia-a em Phedro = que elle adopta como medio entre Augusto e Nero, isto he entre as duas Epocas.

O ESTILO EMPOLADO DOS ESCRIPTORES DENOTA UMA EPOCA DE DESPOTISMO

Tal he a opinião do A. = on a remarqué (diz elle) que l'influxe, l'exa«gération et l'affectation portées jusque dans les mots, etaient souvent les «résultats de l'oppression d'un Etat ou d'une Société (pag. 153, Tom. 1.º).

Este juizo não póde sustentar-se em these, ha de falhar, e tem falhado mil vezes na generalid.[de]. Muitos exemplos dos Escriptores de Povos Livres provão o contrario =

OPINIÃO SINGULAR DO A. SOBRE A POBREZA DA LITTERATURA ROMANA

O A. diz T. 1, p. 157

«On voit par le petit nombre d'écrivains destingués qu'a possedé la «Langue Latine en comparaison des richesses de la Grece sous en rap«port, par le court espace des temps pendant lequel les arts et la Civili«sation des Romains ont fleuri, que la Litterature, et la Philosophie «étaient à Rome des plantes exotiques!!

Schelegel he de opinião pag. 178 que = hoje mesmo a Philosophia toda he inevitavelm[te] Platonica, ou Aristotelica (aristotélicienne) e *que ne peut «être autre chose* qu'un essai plus, ou moins heureux tenté pour fondre «ensemble les deux methodes de ces deux grands hommes.

O *Sanskrit* he a primeira das Lingoas seg.[do] o A. (vid. Tom. 1.º pag. 217) por que reune as qualidades que as outras não possuem senão isoladamente.

A pàlavra *Sanskrit* quer dizer m.[mo] ***Perfeito, acabado.***

Schelegel — não devide as antigas raças originarias como Mr. Dumernil devidio ultimamente as especies = O Systhema do Orientalista Allemão he que todos «os Povos trazem o caracter de uma das castas «antigas da primeira organisação social em Povos de Padres, d'Heroes, «e de traficantes: que assim são as Lingoas.

TRADUCÇÕES DOS LIVROS ORIENTAES

Opinião do A. sobre as feitas pelos Inglezes, e as feitas pelos Francezes.

O A. pag. 250 = dá a preferencia ás Inglezas feitas p.[r] Wilkins, e Jones, e aos que trabalharão no m.[mo] espirito d'elles, e quanto ás Francezas diz =

«Quelques ouvrages qui on paru en langue française ne sont que des «extraits insuffisants, et quoiqu'ils nous donnent le contenu général d'ou-«vrages qui appartienent véritablement à l'antiquité Indienne, ils ne sont «cependant pas *directement traduits de la langue primitive*, mais tirés des «ouvrages ecrits dans quelque dialécte particulier au pays, en sorte-que «les omissions, et les passages tronqués ou interpolés ne saurait y man-«quer =

A opinião do A. sobre os Romanos quanto á Arte, e quanto á Sciencia não são senão um ponto *de transição* entre a antiguidade e o Mundo novo. Vid. Pag. 292.

«Les Grecs (dit il) ont été et seront toujours nos modéles dans tout «ce qui à rapport à l'art, et à la Science; Les Romains au contraires ont «comme le point de transiction contre *l'antiquité*, et le Monde nouveau.

IDADE MEDIA

Opiniões do A. Tom. 1.º, gag. 232.

São novas e de grande sagacidade e interesse segundo o nosso entender (diz elle).

«On se répresente souvent le moyen-âge comme une lacune dans «l'histoire de l'Esprit humain; comme un espace vide entre la civilisation «de l'antiquité e les lumiéres des temps modernes. D'un côté on fait pe-«rir entiérement les arts, et les sciences afin de les faire en suite sortir «*tout d'un coup du néant aprés une nuit de 10 siècles*, et avec d'autant «plus d'eclat. Mais ce-ci est, sous deux rapports, faux, partial, et erroné. «Jamais ce que la Civilisation et les connaissances de l'Antiquité avaient «d'essentiel n'á entiérément peri, et le plus grande partie de ce que les «temps modernes ont produit de beau et de grand, à sa source dans la «moyen-âge, et son Esprit. On pourrait d'ailleurs demander si les temps «les plus riches sous le rapport de la litterature, et par conséquent les «meilleurs, et les plus remarquables sous le rapport moral, on bien été «les plus heureux, sous le rapport politique.

O A. diz em outra parte.

«Mais si on éxige indistinctement de toute les Epoques la même per-«fection litteraire, et si on dedaigne tout ce qui ne port point ce caracté-«re, c'est non seulement faire preuve de partialité, et de fausseté de ju-«gement, mais encore méconnaitre la marche de la nature.

Todas estas paginas do A. devem ser lidas com admiração, e sobre tudo o seguiute §.º p. 338 =

«C'est avec raison qu'on regarde le tradition, et l'heritage de toutes «les connaissances, et de toutes les nations des *temps* antérieurs comme «un bien commun à l'humanité toute entière, comme un dépot confié à «tous les siècles et á toutes les nations, dépôt qui doit être sacié à leurs «yeux dont à certains égards, et dont nous leur demandons compte. *Le «sentiment qui nous fait blâmer et abhorrer comme une barbarie toute in-«terruption, toute violence qui briserait ou seulement ménacerait de briser «ce lieu qui nous rattache à l'antiquité est approuvé par la justice aussi «que par la droite raison.*

A parte em que trata dos Serviços feitos ás Lettras nos Conventos durante a Idade Media he igualmente optima. Elle defende com maior vigor os Cenobitas contra as accusações banaes da Escola philosophica do 18.º seculo e com argumentos irrefutaveis.

OPINIÃO DO A. SOBRE OS GODOS

Elle he da m.ª m.ᵐª opinião que os Povos do Norte não erão tão barbaros como os fazem. Mostra quanto as Lettras e as Artes deverão a Theodorico (vid. de pag. 344 em diante).

Defende com toda a força os Godos —

TROUBADOURS

Lingoa Romana, e Litteratura Poetica

O A. trata dos Tribunaes, *et cours d'amour des Provençaus* onde as questões d'Amor se discutião com a maior metaphysica.

Mostra que isto era estranho aos Troubadours Allemães.

SOBRE MARCO PAULO

Pag. 370

Diz que = «Lorsqu'on connut enfin la Discription des voyages de «Marco-Paulo qui avait travessé le plus grande partie de l'Asie et qu'á «cause de son Exageration et de ses accumulés, on n'appelait, que = «*Miser Millione* &.

Foi pena que se perdesse o Commentario do Klaprok! —

CRUZADAS

O A. não quer que a influencia das cruzadas fosse tão grande como a pretendem a maior p.ᵗᵉ dos Escriptores (pag. 378 e seg.ᵗᵉˢ).

POESIA ENTRE AS DIFFERENTES NAÇÕES = IDADE MEDIA

1.ª a Italianna a de todas a que foi menos dominada, e que recebeo menos a influencia do genio da Cavallaria, porque foi dominada desde o principio por um espirito de systema, e p.ʳ espirito que se identificou com o da Antiguidade.

2.ª A Allemã, que tomou já um g.ᵉ vôo no Reynado do Imperador Fernando 1.º no seculo 12 — e cujo brilho tinha já cessado = que depois a prosa se tem aperfeiçoado sempre, e a poesia perdido —

ARCHITECTURA GOTHICA

O A. diz

«Je dirai donc que les anciens poèmes ressemblent d'une manière frap«pante pour l'idée simples, et sublime qui sert de base à l'ensemble, ainsi

«que sous le rapport du luxe des ornements et de l'élégance, *aux monu-«ments* de l'architecture *gothique*, *à la vue des quels une âme sensible sera «toujours saisie d'un sentiment profond d'étonnement mêlé de joie et «d'admiration*.

He exactissimo!

O A. compara p.ª a Allemanha o Poeta Wolfam com o que fora o Dante para a Italia —

As explicaçóes que elle dá, ás reflexões que faz, sobre a Architectura Gothica dos Templos athe p. 401 he admiravel =

JUIZO SOBRE CAMÕES

«Le Tasse et Le Camões ([1]) les plus grands poétes épiques modernes, «se seraient développés avec infiniment plus de puissance, de liberté et de «beauté, si la forme Vírgilienne d'un poème heroïque qui n'avait été de-«vant leurs yeux n'avait entravé leur genie poetique, et ne les avaient «souvent égarés.

FUROR DAS INVESTIGAÇÕES HISTORICAS E SCIENTIFICAS DO 15.º SECULO

O A. trata este ponto optimamente (Tom. 2 e pag. 25 em deante) mostra o que acontecera no tempo das cruzadas, mostra os abusos, prova que na Epoca em que vivemos existe o mesmo furor d'investigações, furor sublime, mas perigoso pelo espirito de seita que desvia do bom caminho social =

O A. eminente Conservador, mostra claramente os seus principios quando trata no Cap. 9.º do Tom. 2 das famosas descobertas do 15.º seculo e observa = entre outras cousas = o seg.^te que he ainda uma questão o saber = «Si l'usage du papier à réelement favorisé les effets, et «l'imprimerie pour le propagation des connaissances, et des Lumiéres, ou «s'il n'a pas eu plutot des résultats pernicieux. Par ce moyen de propa-«gation trop facile, l'imprimerie, qui par elle même est une des plus «grandes et des plus heureuses inventions, présentá souvent dans des «temps d'anarchie, et de révolution quelque analogie dans ses résultats «avec ceux de la poudre à canon, par la propagation rapide et générale «des brochures séditieuses, et incendiaires. Peut-être avec une matiére «plus rare, et plus précieuse l'imprimerie serait elle restée plus fidelle à «sa destination primiére, qui est de conserver *et de répondre les vérita-«bles monuments de l'histoire de l'art et des Sciences*, tandis qu'on à né-«gligé d'avantage les monuments importants de la civilisation, et que le «facilité de se procurer la matière primiére á *engendré un déluge d'E'crits «fugitifs* qui ont alteré la langue, un océan de pensées superficielles et «de communications ecrites dans les quelles le genie des siècles flottant «çá et lá, ne court que trop souvent le danger de perdre la boussole de «la vérité.

([1]) Camões devançá le Tasse. La Lusiade fut même publiée à Lisbonne en 1572 trois ans avant que le Tasse eut complété son Poéme =

OPINIÃO DO A. P. 44 SOBRE A LINGOA PORTUGUEZA

O A. Estabelece o principio de que p.ª julgar da Lingoa de uma Nação, e da sua Litteratura, he necessario julgar por si mesmo, e não pelo testemunho de outrem = mas parece-me que não seguio a sua mesma regra pelo que pertence á Lingoa Portugueza.

«Le dialecte Portugais acquit, il est vrai de trés bonne heure, et même dans la prose beaucoup de douceur et de flexibilité, mais ensuite il «restá bien en arriére de la haute perfection, et de la richesse de la langue Espagnole.

SOBRE A REFORMA RELIGIOSA

Tom. 2, p. 65 = o A.

«Un dispotisme politique et Religieux semblable à celui qui exercerent Henri Phelippe 2, et Cromwel n'est pas possible sans la reformation.

NB. O q̃ A. diz nestas pag. he applicavel ás circonstancias em que se achou a Rainha D. Catharina de Portugal Regente do Reino na menorid.ᶜ de Sebastião, e em presença da Reforma que se espalhava pelo Norte da Europa =

PHILOSOPHIA DA IDADE MEDIA

O A. diz que della passara aos Mysthicos o pantheismo incompativel com o espirito do Christianismo =

«*Elle diz que nos nossos dias em Allemanha* as opiniões, e crensa na Magia, e nas outras crenças astrologicas *y regagnet beaucoup d'influence et deviennent generalement dominantes!*

«De meme qu'autrefois des hommes célébres commençaient le récit «de leur vie par une élévation à Dieu ou par toute autre pensée pieuse, «de même il revient actuellement en usage d'entrer en matiére par la na«tivité, et par les jugementes astrologiques!

E que dirão a isto os que sem mais nem mais chamão aos Portuguezes supersticiosos?

POESIA E LITTERATURA PORTUGUEZA E HESPANHOLA

O A. pag. 102 e 103 &. Tom. 2 Eleva-as ao mais alto ponto de perfeição, e trata com m.ᵗᵒ elogio, mas na generalid.ᵉ a do 15.º seculo.

Fallando da lingoa elle diz:

«Il n'y-eut que les Portugais qui, formant un peuple, et un Royaume «à part, conserverent dans la Peninsule leur langue, et leur Poésie parti«culieres; cependant le Portugal continue a entretenir avec la Castille un «commerce intime, dont l'origine remontait à une époque très reculée. «Beaucoup de Portugais ecrivaient en Castillan; *il est une foule de Cho«ses qu'on considere comme provenant de l'ancienne* ne Castille et qui vien«nent des Portugais.

CAMÕES

O A, a p. 113 = faz a sua analyse do plano do Poema. e os maiores elogios. Elle falo exceder a todos os Epicos desde Homero, e caracterisa o seu unico defeito em ter seguido o plano deffeituoso e circumscripto de Virgilio = *De tous les poémes héroïques des temps anciens et modernes, il n'en est point qui soit national à un si haut dégré.*

Diz que elle só *est* = *Une Litterature toute entiére!*

A pag. 121-122 = que entre o Ariosto, o Camões e o Tasso, a palma pretence ao segundo.

ORIGEM FABULOSA DE FAZER DESCENDER OS FRANCOS DOS HEROES DE TROYA ASSUMPTO DA *FRANCIADE* DE RONSARD =

O A. T. 2 p. 178 = Diz que esta idea he falsa, e bebida nos annaes da antiga Historia Nacional, e egualmente Espalhada na Edade Media.

A Historia do Hainaut de Jacques de Guyse não estava neste caso quanto á grande e heroica genealogia dos Gallos?

DITO DE RACINE ÁCERCA DE BOILEAU

Racine escrevia de Boileau = *C'est un fort galant homme, mais il n'entend rien du tout à la poésie!* o A. he desta mesma opinião.

A parte da influencia que a Philosophia de Bacon teve no seculo 17 e 18.º e sobre a politica, a Diplomacia, e Direito das Gentes a obra de Grotius (de pag. 191 em diante he excellente =

«Depuis 2000 ans (diz o A. pag. 202) l'histoire de la Philosophie con«state suffisament qu'il est aussi difficile d'attendre la verité par un pareil «oublie, et une pareille *proscription subite de tout le passé* qu'une bonue «constitution!

«La conséquence la plus naturelle est donc que l'on ne connait point, «et qu'ainsi ou ne saurait éviter les premiers faux pas ordinaires de l'Es«prit lorsqu'il essaie de rechercher la verité avec ces propres forces; en «sort que l'Esprit humain renouvelle inutilement, et considere même «comme des découvertes *des erreurs qui ont déjà été commises un mil«lion de fois par les mêmes causes* et qui ont déjà été refutées, et modi«fiées à l'infini =

ARTE DRAMATICA

O A. sustenta em these pag. 156 Tom. 2 =

«... Il ne saurait exister dans le Drame et dans la haute Tragedie «de régle que toutes les nations doivent et puissent suivre. La manière «de sentir des divers peuples Christiens Unis &.

Em outra parte = «Du moins faut-il dans la haute Tragedie, et dans le Drame que «chaque nation invente elle même ses régles, et ses for-

mes, parce que «le drame est entiérement lié à la vie intérieure, et à la manière parti«culiere de sentir de chaque nation.

N. B. Esta he a melhor resposta que se pode dar ao que diz Maragan ácerca do Theatro Portuguez =

GROTIUS

Influencia deste Publicista pelas suas obras do Direito das Gentes. O A. prova o grande serviço Social que a sua obra produzira, porque a Reforma tendo rompido o laço religioso em que repousava a antiga Sociedade. O A. designa esta influencia no 17 seculo, e em parte do 18.° sobre o Mundo pratico, e politico, assim como sobre a moral das Nações (Pag. 196).

OS FRANCEZES NÃO POSSUEM UMA HISTORIA NACIONAL VERDADEIRAM.te CLASSICA UMA G.e OBRA HISTORICA VERDADEIRAMENTE ORIGINAL

(Tom. 2 pag. 223).
Voltaire mesmo conheceo esta lacuna =
Toda esta parte em q̃ o A. trata da França he mui curiosa =

SIR WALTER SCOTT

O A. diz p. 250 =
«La poésie de Walter Scott ne vit que dans le souvenir des anciens «temps et de la vieille Ecosse, et n'est elle même que l'echo d'une rusti«que poésie qui n'est plus.
«C'est encore se l'on veut, une espece de mosaïque formée de fra«gments divers de la tradition romantique et de l'époque de la chevalerie «industrieusement réunis et façonnés d'après les mœurs écossaises avec «une scrupuleuse exactitude &.
«Au contraire Byron s'élance non des souvenirs et de l'espérance, «mais de la profondeur d'une inspiration tragique et du désespoir de «l'athée &.
Todo este paralello analytico he mui curioso, e interessante=

N. B. Vide a continuação destes extractos no §.° 50 pag. 164 destas Miscelaneas=

§.° 37

Conde de Garden

Este Publicista apenas me vio no dia 1.° d'Agosto, dice-me que tinha estimado muito ver o Artigo do *Journal des Debats* de hontem a meu respeito.

Que o elogio que elle fazia á m.a Memoria declarando-a entre as de maior interesse publicadas pela Sociedade R. dos Antiquarios de França,

superior a todas, era, e devia ser p.ª mim de grande satisfação, por que aquelle Jornal não inseria nada que não fosse de um grande cunho e que tivesse a approvação das altas summidades da Sciencia e da Politica =

Explicou-me então as difficuld.es insuperaveis que se encontravão para ser de tal modo caracterisado p.r aquelle Jornal, e terminou assegurando-me que fosse qualquer que fosse o cam.º que eu tivesse buscado para obter aquelle resultado, que bastava busca lo p.ª o não conseguir. O artigo he o que existe no Maço de Papeis N.º (*sic*).

As asserções do Conde de Garden parece confirmar-se m.mo pelo que diz Mr. Raoul Rochette na sua Carta ao Proffessor Creuser escandelisado de não ter obtido os elogios dos Debates =

Falando-lhe no conceito que formava da obra de Nisard = *Études des Poëtes Latins de la Décadence* = dice-lhe que elle tinha bebido todas as ideas fundamentaes desta sua obra na parte que lhe correspondia da anterior de Schelgel, e que talvez este ultimo adoptasse m.to do que precedentemente escrevera Cramer no seu Manual de Litteratura Classica, que Schelegel com espantosa sciencia e profundidade ampliou, e desenvolveo.

O artigo do Jornal dos Debates tem continuado a fazer impressão; recebi cartas felicitando-me, e Mr. Mielle hontem tambem me fallou logo n'elle—

§.º 38

Archeologia

Lição de 2 d'Agosto, Mr. Raoul Rochette continuou com a Iconographia Romana. Os principaes retratos de que se occupou foi dos Retratos á corpo inteiro = Dos de Cezar, nas Medalhas, dos d'Agripa como o que elle vira em Veneza e que estava no Palacio Nania, dos de Varrão, mostrou o que Bonani produzira na sua obra na qual este grande homem está representado com roupas Romanas, e uma mulher offerecendo-lhe um pincel p.r os Retratos dos 700 Romanos illustres de quem elle escreveo as Biographias.

O Professor fez então uma digressão sobre a Pintura naquella Epoca na qual confirmou o que eu dice na m.ª Memoria. Mostrou um excellente desenho de um mosaico d'Herculanum que representa uma mulher Romana no seu Atelier na acção de pintar.

Falou depois nos Retratos de Virgilio, provando que todos erão ideaes. Que os Mantuannos acreditão que o que se acha no Muzeo de Mantua era verdadeiro, mas que basta ve-lo de longos cabellos contra o uso Romano, e com outros caracteriscos para se provar que he um busto, ou Hermes e não Virgilio —

Que o mesmo diz do Mss. do 4 seculo = o celebre Virgilio do Vaticano, cujas miniaturas pintadas em pergaminho forão feitas por uma mulher artista grega, bem como as do Discoride de Vienna. Dice que o Virgilio tinha estado em Paris mas que foi restituido ao Vaticano.

Tratou de Seneca = mostrou que m.to tempo quizerão por força achar-lhe um Retrato, e que m.tos antiquarios baptisarão como tal uma

estatua que representa um pescador Syriano. Mostrou-a em uma Estampa de uma collecção Iconographica=provou que nem a figura e a physionomia pertencia á raça Europeia, e finalmente que Winkelmann com a sua sagacidade pretendeo, e mostrou pelo cubar que a estatua tem na mão & que era um pescador Syriano figura empregada na Scena, como se via de uma passagem de Menandro.

Referio então que os Antiquarios que athe alli o tinhão julgado Seneca, o fundamento que buscavão era que elle se achava na posição de entrar no Banho em que abrira as veias e se dera á morte.

Fez então a analyse da miseravel credulidade sobre outro igual que se acha com differentes restaurações no Museo do Louvre. O qual metterão em uma bacia, e lhe fizerão na restauração os olhos de esmalte. Diz que sendo um costume dos antigos designarem nas suas estatuas os payses pelos marmores de differentes côres, que o pretendido Seneca do Louvre he de Basalto-preto, circumstancia que ella só bastaria para mostrar a sua origem Africana.

Produzio como uma conjectura m.^{to} arbitraria, a do actual conservador do Muzeo do Louvre sobre um bello Retrato que elle apresentou no qual só existe d'antigo a cara, e cabeça magnifica, sendo tudo mais restaurado=mostrou que taes bustos são ainda um Enigma.

Quanto aos Retratos d'Horacio que não existem e que os que se encontrão nas Medalhas Contorniates que elle mostrou, e que são rarissimas, que são de uma Epoca muito posterior.

§.º 39

Bibliothéque du Roi

Apezar da immensa riqueza desta Bibliotheca faltão-lhe ainda m.^{tas} das primeiras edições=

Não possue a 1.ª edição de Plutarco de 1599 —

Journandes= (De rebus Gothicis) não tem a primeira edição publicada com as obras de Cassiodoro por Fournier em 1558 — tem comtudo a 2.ª de 1589.

E A traducção Franceza de Drouet de Mauperitius=e nem o 1.º nem o 2.º author fizerão a menor observação aos destemperos do Historiador dos Godos=O Traductor sobre tudo conservou as historias das Amazonas, e a do exercito que atacou Claudio o Gothico que pelo seu n.º secara todos os rios por onde passava! &.

Não tem as primeiras edições da *Margaritha Philosophica*, de 1503 1504 1508, e 1512 — tem comtudo a de 1535, e a de 1583. Esta ultima tem mais de 1:000 pag. emquanto a outra tem 825=

O A. seg.^{do} o Manuel du Libraire de George Reich=o qual se não encontra mencionado nas biographias.

O exemplar da Corographia Portugueza de Carvalho que possue á *Bibliothéque du Roi* foi de Francisco Xavier da Serra, Craesbeck Machado, um dos principaes Academicos do tempo de D. João 5.º tem m.^{tas} notas de sua mão. He portanto precioso este exemplar.

Não possue o Dictionario Numismatico de Gusséme = As Medalhas do Padre Henrique Flores posto que tenha esta obra não se achou e só a Hespanha Sagrada.

A Edição da Monarchia Lusitana que possue he a mais rara, o 1.º volume he impresso em Alcobaça em 1597 =

Consultei a Bella edição do Thesaurus Antiquitatum et Historiam Italia do celebre João George Graevius 45 vol. de fol. terminados pelo infatigavel Burmann =

§.º 40

M. Mionnet

No dia 3 d'Agosto. Tive com este celebre Numismata uma larga conversa sobre medalhas. Fallei-lhe sobre a obscuridade que encontrava na sua obra = *Rareté des Medailles* = na parte das da Familia Minatia, onde apenas faz uma remissão ás de Cneus Pompeo, mas em as series deste não se encontrão nem mesmo citadas as descriptas por Millin na sua Introducção á Archeologia pertencentes a esta Familia, e que são mui curiosas, pelo busto de Pompeo, como as da Familia Cornelia, e pela figura da Hespanha do Reverso.

Falei-lhe em a obra de Seixtini, e no Dictionario de Roche, e proguntei-lhe qual dos dois julgava que tinha mais merecimento. Segundo a sua opinião Seixtini, he mui ligeiro, e superficial, e o 2.º he de muito merecimento apezar dos defeitos da sua obra por que elle formou o seu Dictionario pelos Livros, isto he pelas medalhas descriptas, mas que podia ter evitado os erros se tivesse escripto sobre as Medalhas.

Dice-lhe eu que julgava que Eckel era para numismatica, o que Winkelmann fôra para a Historia da Arte. Elle conveio comigo, mas acrescentou que apezar de ter reduzido a numismatica a uma Sciencia de regras precisas, e mathematicas que comtudo em logar difficultoso o evitava, e saltava constantemente.

Expremio o desejo de que alguem se occupasse de completar aquella excellente obra d'Echel no m.^mo^ systema, e com as descobertas modernas.

Persuadi-o a que emprehendesse uma obra nova que seria de grande importancia = Isto he a *Iconographia Roma pelas Medalhas* = huma tal Iconographia seria melhor do que as que existem dos retratos em *Hermes*, em Clipeus, e em estatuas, a qual em m.^tas^ he conjectural e alterada pelas restaurações em quanto a das medalhas he perfeita, e indubitavel. A primeira serie de retratos soffreu os Iconoclastas, e a 2.ª escapou a elles.

Calculou elle logo adoptando a idea como excellente, que poderia formar-se desde logo uma serie de mais de 300 Retratos, mas que estava já velho, e que fechava a porta com o seu ultimo volume que hia publicar-se.

Mostrou-me o 1.º Especimen = do Thesouro Numismatico de Mr. Le Normant = as gravuras não são bôas.

Falei largamente com elle de obras Archeologicas. e notei que em o tirando da sua Especialidade, elle confessa sinceramente que se não tem dado ao mais.

PINKERTON

Sobre os Numismatas Inglezes, tendo-lhe eu fallado na obra delle sobre o *Estudo da Numismatica* dice-me Mr. Mionnet *que era um doido*, que o tinha visto naquelle mesmo quarto no tempo de Mr. Gosselin, e que elle confessava que escrevera a sua obra sem ver uma só medalha!

A proposito de Gosselin dice-me que a sua Geographia antiga que se não vende, que os infinitos calculos das medidas geodesicas aborrecerão tanto a maior parte da gente, que a edição está quasi toda em casa do Editor!

Fallando de obras que não tinhão extracção dice = he como o trabalho de que se occupa Mr. Lajard = *Culto de Mythra* = ora he necessario advertir que Lajard he o seu amigo mais intimo de todos os seus collegas =

Existe entretanto entre elles uma especie de *Comerage* curiosa = Lajard p.^r outro lado diz = Não se pode conversar m.^to tempo com Mr. Mionnet, p.^r que atormenta com os detalhes das suas economias, e do seu ménage.

§.º 41

A m.^a visita ao Pintor Physionotrace

Depois de 15 annos d'intervallo fui no dia 1 d'Agosto vêr aquelle Retratista que ha 15 annos havia tirado o meu retrato, e o da Viscondessa, e de um grande numero de Portuguezes de distincção que então estavão em Paris.

Que melancolicas reflexões que a entrada em o atelier me provocou. O pintor q̃ então era homem moço hoje esta um velho, e desdentado. A serie numerosa de Portuguezes cujos retratos formão na Collecção uma secção á parte, e que então me acompanhavão, ou que aqui estavão, nem um so aqui existe, e o peor he que muitos já forão victimas da morte como o Marq.^z d'Angeja, Conde da Lapa, João M.^es e a m.^er!!

§.º 42

Instituto R. de França

SESSÃO PUBLICA D'ACADEMIA R. DAS INSCRIPÇÕES, E BELLAS LETTRAS

No dia 5 d'Agosto fui assistir á Sessão Publica desta Academia. Havia 15 annos que pela ultima vez tinha assistido a outra da Academia das Sciencias.

O salão magnifico estava lindo, o concurso era immenso. M.^tas senhoras assistirão. Desta vez fiquei mais bem collocado do que da outra.

Então só conhecia Mr. Cuvier, hoje conheço quasi todos os Membros desta Academia com quem estou ligado, e a quem devo m.[tos] favores.

A Discripção desta salla vem mui bem feita em Gallignani = *Guide de Paris* = as materias tratadas nesta sessão constão do Programma (nos Maços dos Papeis Academicos).

Mr. Hase presidia apesar de ser estrangeiro —

Vi pela primeira vez o Conde de Laborde, author da celebre obra da = Voyage Pitoresque d'Espagne.

Infelizmente a sessão foi tão longa, e o Discurso de Mr. de Sacy sobre a vida, e obras de Thurot tão extraordinariamente comprido, que só assisti á leitura m.[to] cantada de Mr. Langlois sobre Vichná leitura romanesca = e nem tive animo de ouvir uma seguinte de Mr. de Sacy sobre Mr. de S.[t] Martin, e por tanto as duas mais interessantes de M.[me] Quatremère, e Raoul Rochette não as ouvi.

Tanto o Marq.[z] de Fortia, como Raoul Rochette, e Mr. Mionnet me fizerão todas as delicadezas.

Vi que estes ultimos fallavão a meu respeito com interesse.

Vi pela 1.[a] vez Mr. Arago, a q.[m] talvez pode ser applicavel o que diz o profundo Schelegel fallando des Descartes — q̃ se pode ser um grande mathematico, sem ser por isso um mui habil philosopho.

§.º 43

Mr. Beaulieu, da Société des Antiquaires de France

Mr. Beaulieu fallando-me no annuncio do Journal des Debats a meu respeito, dice-me que o Conselho dos Redactores se tinhão negado a fazer menção da Memoria de Mr. Tallendier = sobre De Laure.

Circumstancia que ainda releva mais a de terem unicamente citado com ellogio a minha Memoria—

§.º 44

No §.º 11 tratei do Theatro Francez, aqui apresentarei um pedaço curioso do Theatro Romano no Seculo d'Augusto, extrahido da obra ultimamente publicada por M.[r] Dezobry = e analysada no *Journal des Savants*, N.º do mez de Fevereiro (artigo de M.[r] Daunou — [a]

A parte, ou o art.[e] que deixamos transcripto do Theatro no tempo d'Augusto he tanto mais importante quanto do tempo posterior temos as analyses de Schelegel, na sua Historia da Litteratura, e de Nisard — na sua obra = *Etudes sur les Poétes Latins de la Decadence.*

---

[a] Seguem-se, sob o titulo de «Rome au siècle d'Auguste» e o subtitulo de «Une représentation théatrale», o longo artigo a que se refere o texto, reproduzido num outro jornal, que o visconde de Santarem cortou e prendeu com lacre á pag. 153 deste volume dos seus *Memoranduns.*

§.º 45

Impressões dos 10 Livros da Historia Phyniciana de Sanchoniaton achados em Portugal

No §.º 42 do Tom. 2.º destes Memoranduns p. 122 transcrevi o Art.º da Gazeta de Paris de 7 de Novembro do anno passado extrahido de uma Gazeta Allemã de se ter achado em Portugal um tal Thesouro.

Então nem eu nem a maior p.te dos sabios Francezes acreditavão em tal, e athe no Discurço dos Trabalhos annuaes, e descobertas de Geographia recitado pelo Secretario da Sociedade Geographica de Paris M.r d'Avezac uma tal descoberta foi tratada de chimera (1), eu mesmo a tratei como tal quando fui consultado p.r M.r de Fortia, Letronne, Champolion, Lajard, e outros.

Fiz escrever Sylvestre Pinheiro a Nunes de Carvalho p.a saber a verdade por isso que elle está encarregado dos Mss. achados nos Conventos extinctos. A resposta foi que não só taes livros se não tinhão descoberto, mas que athe se admiravão que os Jornaes Allemães tivessem publicado tal, e que não sabião como tal se podia ter inventado.

Agora acabo de ouvir (6 d'Agosto) a M.r Lenormand que veio de proposito communicar-me que M.r Raoul Rochette acabava de receber do celebre Grotefend as primeiras folhas impressas do texto, e que portanto esta descoberta ia mudar inteiramente muitas das bases historicas e deitar a terra com m.tas tradições!

Faz lastima realmente o nosso Portugal. Mais de 700 escriptores Portuguezes nem um só descobrio tal, os sabichões da Academia d'Historia sobretudo Crasbeck que examinou os Archivos e Livrarias dos Conventos d'entre Douro e Minho, e Argote, e D. Rodrigo da Cunha, nenhum delles descobrio nada em um ponto tão interessante! E mais que tudo o presumpçoso João Pedro Ribeiro que andou p.r todos! Agora vem um estrangeiro furta-o, ou compra-o a algum que o furtou nos despojos dos Conventos, e tem a gloria de publicar o mais interessante monumento historico da antiguidade!!

No Journal = Le Siècle = de 9 vinha um Artigo no Feuilleton p.r Theodoro Fix que descrevia analyticamente os contentos da obra descoberta =

§.º 46

Société d'Emulation du Jurá

No dia 7 d'Agosto veio o Secretario desta Sociedade o Dr. Guéjétan communicar-me que a Sociedade queria dar-me uma demonstração do seu agradecimento pela communicação que eu lhe tinha feito da memo-

(1) Bulletin de la Société — Tom. 4, p. 272 —

ria sobre a comparação do systema fossil de Portugal com o do Jurá, me rogava de aceitar a nomeação de Socio d'ella.

Agradeci-lhe m.to e Encarreguei-o de derigir as m.as expressões á Socied.e e servir de meu interprete, emquanto eu lhe não escrevia directamente o que faria logo que recebesse o Diploma na forma do costume.

§.º 47

Archeologia

Lição de 9 d'Agosto. M.r Raoul Rochette terminou nesta o seu Curso pela p.te da Iconographia a que elle chamou Estatuas, retratos em colloços = dice que a Etymologia desta palavra que era desconhecida — Provou com um grande numero de Exemplos a existencia destas estatuas e que no Louvre existe uma deste genero, pertencente a Scipião, fallou da de Nero que elle mandara fazer p.a o seu famoso Palacio dourado = na de Antinouos, na d'Augusto = nas de Caracala, e de Tiberio, e finalmente na de Trajano que se collocou na sua columna triumphal. Mostrou o absurdo dos que julgavão que a urna — que se achava em cima ahi existião as cinzas d'aquelle Imperador.

Descreveo toda a historia da estatua Equestre de Marco Aurelio que existe hoje no Capitolio, como ella esteve escondida, como foi restaurada e referindo uma infenidade de circunstancias curiosas a este respeito.

Referio com a maior graça e critica como as Imperatrizes exigirão tambem q̃ se lhes elevassem estatuas, e que a sua Coquetterie era tal que sem embargo de algumas serem já velhas que se fizerão representar nuas, e sobre a forma de Venus!

Terminou a sessão, e curso pelo modo mais delicado agradecendo a todos a attenção que lhe prestarão, e sobretudo a gratidão que lhe devia p.r que tendo o obrigado a profundar m.tos pontos que forão tratados neste Curso que tinha ganho com isso uma instrucção, e que portanto o que elle tinha explicado = *est Messieurs* (acabou elle) *votre propre ouvrage* =

N. B. No Echó du Monde Savant de 11 d'Agosto vinha outra analyse deste curso tão imperfeita como as outras —

§.º 48

Academia Franceza — Instituto R. de França

Assisti á sessão Publica desta Academia no dia 11 d'Agosto. Presedia M. Charles Nodier =

Sobre as obras deste infatigavel escriptor vida Statistique des *Sciences en France* = A exposição que elle fez dos motivos que teve a Academiá p.a Conceder um premio de actos de virtude os premios chamados de Monthyon foi excellente, patetica, concisa, e a mais phylosophica, sobre tudo as differentes definições de virtude. Foi immensam.te applaudido e excitou com as forças da bôa dicção as lagrimas das senhoras.

O Discurso de M.r de Villemain Secretario Perpetuo sobre a obra de

Toqueville = De la Democratie aux Etats Unis = foi estupenda. Elle dice que entre as considerações importantes, e entre os serviços sociaes que tal obra fazia e a provar a impossibilidade de plantar um Symilhante systema em a nossa velha Europa.

Fez igualmente a apologia da outra de Beaumont, de L'Esclaivage aux Etats Unis que foi Coroada tambem pela Academia.

Em geral as observações destes dois academicos forão feitas no sentido o mais conservador.

M.r de Villemain tem melhor voz do que Nordier.

Seguio-se M.r de Salvandy, que tem 40 annos = Elegante, bem parecido, e bem penteado = Leo com emphase, e algumas vezes com enthusiasmo.

§.º 49

Bibliotheque Mazarine

No dia 11 d'Agosto fui outra vez a esta Bibliotheca para ver o Conservador Bernaud = E alli não só lhe fallei mas tambem ao celebre Abbé Guillon litterato infatigavel ao q.[1] dedica a Statistique des Sciences um artigo immenso. Conversou bastante comigo. Nesta Bibliotheca encontrei a 1.ª Edição de *Margarithe Philosophica* (1503).

§.º 50

F. Schelegel

Continuação do §.º 36 e da pag. 136 [a]

SOBRE A FRANÇA

«Rétourt emminent remarquable à la verité, et à la vraie phylosophie = (o A. pag. 269) depois de citar os delirios da pertendida philosophia, attribue esta restauração das boas doctrinas phylosophicas a Chateaubriand, e a Bonaid. Faz por outra parte um grande elogio á obra do Conde de Maistre apesar de o classificar como = Ecrivain ultrá =

WINCHELMANN

O A. caracterisa este archeologo como um dos mais importantes philosophos pelas immensas verdades tiradas do Estudo da Arte antiga = As pag. 353, e seg.tes são mui interessantes =

ESCRIPTORES. O SEU FUTURO

A pag. 397 — o A. diz =

«Mais peut-être le temps n'est-il pas éloigné ou l'on ferá moins atten-

---

[a] Corresponde á pag. 184 desta edição.

«tion, aux ecrivains en particulier, qu'au developpement intellectuel de «toute la nation. Peut-être l'epoque où les Ecrivains ne seront plus obli-«gés de se créer un public comme celá á été le cas jusqu'á present, mais «au contraire la nation attirerá a elle et s'approprierá des auteurs, d'aprés «ses besoins intellectuels &.

INNUNDAÇÃO D'ESCRIPTOS DOS ULTIMOS TEMPOS — OPINIÃO DO A.

O A. a p. 408 — na conclusão diz =

«Pendant quelques années nous avons été innondés par un déluge de «brochures libérales, de petits-Livres de feuilles volantes de tout genre, «et de tout format qui semblables à des nuées de Sauterelles, ont sor-«dillé tout ce que sur notre sol presentait l'apparence de la végetation de «sorte qu'apeine est-il resté assez de place pour un ouvrage plus sub-«stanciel de Litterature grave =

O A. diz que o tronco commum da cultura intellectual das 4 Nações de origem *Romane* os Italianos, os Francezes, os Espanhoes e os Inglezes!!! he o Espirito Allemão que foi a sair &.

Esta obra he muito interessante apezar dos deffeitos que tem, e mesmo das omissões graves =

Existe do mesmo A. *Phylosophie de l'Histoire* 2 vol. in 8.º —

Schelegel não cita as fontes onde bebeo parte da sua doutrina. Entretanto estou persuadido que o Manual de Litteratura Classica de Cramer lhe serviria de muito =

Hum dos maiores merecimentos de Schelegel he q.^to^ a mim o principio que elle estabeleceo que tende a destruir, e atacar o scepticismo da Escola Volteriana em materia de antiguidades =

§.º 51

Marques de Fortia

No dia 14 d'Agosto. Deu-me um excellente jantar, tudo em Senhor. Estava Mr de Bonafons Academico Piemontez, Mr Guérard do Instituto e outros. A conversação foi constantemente litteraria. Ella versou sobre uma infenidade de materias. Entre outras cousas de rivalidades litterarias, ouvi dizer ao Marquez proguntando-lhe eu qual dos dois sabia melhor o Chinez se Stanilas Julien, se Klaproth, respondeo-me que Klaproth era um charlatão!! Compare-se este conceito com o Discurso Biographico de Mr Landresse!

Passou-se depois ao Egyptiano, aos hyerogliphicos, e todos disserão que a maior parte não davão nada pela descoberta de Champolion, e Guérard citou como excellente o Artigo de Desjardins na Revue des Deux Mondes — E accrescentou que elle dizia que o Abbé Peyron que não sabia o Copte, e que o seu Diccionario estava todo errado — e o Marquez respondeo a Guérard, e Mr Quatremére diz que Mr Desjardins he que não sabe o Copte!

Ora entendão-nos lá!!!

E os Allemães como Schelegel dizem que não ha que fiar nas traducções francezas dos Livr.os Orientaes!

Outra anecdota curiosa foi a que me referio Guérard a respeito de Ferdinand Denis, e foi que elle não fôra recebido na Academia p.r que alli constava que elle não sabia latim! E que dizendo-lhe elle para que tinha compromettido tantos amigos, elle respondera, que era verdade que estava m.to esquecido daquella lingoa.

Por outra p.te M.r de Fortia dizia que a Academia hia eleger a logar vago de M.r Petit Radel na commissão da Historia de França, e que Lajard que era Membro adjuncto, e que necessita de dr.o receava elle Marq.z que não podesse obter o logar porque não conhecia um só dos Historiadores do 12 seculo, e que não tinha nem coragem nem saber para os ler agora!

M.r de Fortia contou que elle presenceara o desespero de Condorcet, e Cabanis por verem o caminho que tinha tomado a Revolução a que elles derão um tão grande impulço — Referio como elles se ajustarão para se matarem com veneno, e que fora Cabanis que o preparara!! Elles dizião que antes preferião morrer assim do que victimas da anarchia. Contou o que tinha passado nos primeiros momentos da revolução em Avinhão.

O MARQUEZ NEGAVA QUE HOUVESSE UMA FAMILIA ROMANA MINATIA

Elle negava que houvesse tal Familia, não se tendo achado nos Fastos Consulares, nos dos Pretores, mostrei-lhe que havião medalhas della, q̃ Mionnet a citava e que Rache, Gusseme e Millin descrevião as suas medalhas.

Nesta singular conversação d'invectivas. Alguns só me concederão para os Allemães que eu defendia = que elles apenas erão bons *compiladores!*

§.o 52

Principio Romano da ignorancia como digna de homens Livres, a cultura das Sciencias como só propria dos Escravos

O 1.o e longo periodo Romano principalm.te desde a sua fundação até ao fim da 1.a guerra — Punica foi mui esteril pelo que respeita á Sciencia.

A sua Constituição, e o seu espirito não tendia mais do que ao Engrandecimento territorial, e a Conquista.

A resistencia que Catão o antigo oppoz á recepção dos Philosophos Gregos, he uma prova evidente do que dizemos.

Daqui nasceo o prejuizo q̃ os fez considerar todas as artes, e todos os conhecimentos, excepto os q̃ erão relativos á agricultura, e á tactica como funestos e humilhantes, e mui degradantes p.a homens livres, e só proprios dos Escravos!

Talvez Rousseau aprendesse á sua these, ou, antes o seu paradoxo

neste *bello* principio. Mas se todas as Republicas assim fizessem bem depressa os Escravos intelligentes farião Escravos os Republicanos Livres mas Estupidos e selvagens!

§.º 53

Periodo da Idade d'oiro da Litteratura Romana comparado com o Periodo da m.ma idade em Portugal

O periodo mais brilhante da Litteratura Romana, Começava com a tomada de Carthago no anno de Roma 607 e que continuou athe á morte d'Augusto 1.º Emperador no anno 766 de Roma. Comprehende por consequencia um espaço de 159 annos—

O periodo da Idade d'oiro em Portugal começou no Reinado de D. Manuel, e acabou nos primeiros tempos do Reynado de D. Sebastião.

A differença maior entre nós e os Romanos conciste em que os Romanos para levarem a sua Litteratura a esta perfeição, só o poderão fazer quando tinhão conquistado a paz e a tranquilidade, e, foi a nossa mais bella Epoca militar a par da mais bella Epoca Litteraria!

§.º 54

Opinião de Letronne a meu respeito

M.r Pinard (aliaz Raymonde) contou-me no dia 17 d'Agosto que Letronne tendo ido alli Letronne em consequencia de ter comprado aquelle edificio, elle Raymonde lhe fallára em mim, e que elle dissera «que não «só me conhecia, mas que eu era um homem profundo e de m.to saber, «que tinha sido uma perda p.a Portugal que eu não tivesse ficado na«quelle Paiz á testa dos Archivos, mas qu'il *est une grande avantage pour «nous de l'avoir ici* e *nous savons par lui, et par ses immenses recher«ches un grand nombre de choses importantes que nous ignorions* &.

He celebre a seguinte coincidencia = Logo depois de saber isto fui para a Bibliotheque du Roi = e alli veio Dabeux apresentar-me dois Litteratos da parte de M.r Magenan, e Letronne para lhes dar a minha opinião sobre a descoberta das obras de Sanchuniathon. Effectivamente elles me dicerão que Letronne lhes havia dito que se derigissem a mim que pessoa alguma estava em estado de melhor os Esclarecer sobre esto assumpto.

Pouco depois veio M.r Letronne fallar-me, e conversamos largamente =

O Dr. Edwards da Academia das Sciencias Moraes, dice-me na Sociedade Geographica em a noite de 21 de julho de 1839 — *Vous avez une réputation collossale.=Il est impossible de dire plus d'un homme de science que ce Mr. Latronne m'a dit de vous.*

§.º 55

Cramer

MANUEL DE LITTERATURE CLASSIQUE

2 vol. in-8 = com 1:108 paginas.

A obra original he do Allemão Eschenburg — mas esta do outro Allemão he addicionada de notas e de desenvolvimentos que faltão na outra =

Na verdade esta obra immensa merecia outro titulo do que o de Manual.

A' primeira vista a Erudição parece immensa, mas o que ha aqui de grande merecimento do A. he a ideia, o methodo, e a disposição = Quanto aos AA. e á sua classificação consideramol-as como um resultado de paciencia porque depois das numerosas Bibliothecas sobre tudo da Bibliotheca = Greco-Latina de Fabricius, e das innumeraveis Briographias não podia ser difficultoso ao A. o compor a parte concernente aos AA. Gregos e Latinos.

A parte mais difficultosa do seu trabalho o considero ser a que trata da Archeologia Grega e Romana athe p. 250 = Entretanto já teve a vantagem de achar muitos Archeologos ou de reler as suas citações, e classificadas as suas obras p.r outros athe em Dictionarios d'Antiguidades.

Não cita entretanto nem S. Clemente d'Alexandria, nem Phylon de Biblos, nem Phylon o Judeo, nem Eusebio de Cézarea =

Não pude vêr indifferentemente que elle citasse as Traducções feitas dos Escriptores Gregos e Latinos èm toda a parte da Europa, e que não citasse uma só Espanhola nem Portugueza, quando pelo que pertence ás feitas em Espanha bastava ter uma mediocre Erudição bibliographica para citar as optimas de Plutarco, de Theophrasto que aquella Nação possue, e q.to ás Portuguezas as immensas citadas na Bibliotheca de Pinello, e de Barboza &.

Citando as traducções de Virgilio de todas as Na ções, não citou uma das melhores a de João Franco Barreto = *Eneida Portugueza* = em verso =

Citando as diversas traducções de Columella de *Re Rustica* não citou as Portuguezas p.r Fernão d'Oliveira.

Huma das manias deste escriptor he de sustentar a ventagem das traducções *interlineares* para uso da mocidade =

Taes traducções não servem senão p.a fazerem ignorantes. Nunca um estudante que se habituar a traduzir como se diz por *Pay velho* saberá traduzir sem um tal soccorro —

Entretanto esta obra he excellente, a p.te da Mythologia, e Theologia Grega, e Romana he bem tratada.

Este Manual pode servir de base a todo o homem habil para obter uma larga instrucção da antiguidade classica. Comtudo as Antiguidades Romanas do Professor Alam são superiores em Erudição, e trabalho á obra de Cramer tanto mais que cita todas as fontes, e o seu trabalho

não foi outro senão dispor as materias que encontrou nos Escriptores Romanos.

A' leitura destas duas obras se deve seguir a do Tratado d'Archeologia de Champolion Figeac = 2 vol. da Encyclopedie Portative = Estas duas obras differem todavia do Cramer. Ambas ellas são especiaes = a d'Adams he inteiramente Scientifica = e concernente aos Romanos = a de Champolion só concernente á Archeologia propriamente tal = Este ultimo A. parece ter fundado a sua m.ma divisão de materias segundo a disposição de Cramer. As mesmas remissões são do systema deste Allemão =

Este Manual he precioso como todos os trabalhos deste genero da Escola Allemã, pela citação das obras que se devem consultar. A p.te bibliographica he não só nesta como em todas d'aquella Escola grandemente importante. He comtudo para sentir que o A. na p.te das antiguidades Romanas se abstivesse de citar a parte bibliographica —

§.º 56

Marquez de Fortia

No dia 21 d'Agosto convidou-me outra vez a jantar, dizendo-me que desejava juntar-me com Raoul Rochette que alli jantava tambem.

Effectivamente. Alli Estiverão pela manhã M.r de Paravay, Bonnety da Sociedade Asiatica, Bonafous, Conde de Las Cases que he um homem estimavel, mui polido, e que me pareceo instruido.

Ao Jantar M.r Raoul-Rochette, Guérard do Instituto, e varios outros =

Rochette fallou constantemente com bastante talento e m.ta graça.

Fortia fallando da differença do caracter entre M.r Artaud, e Chateaubriand, dice que o 1.º ficara sendo amado de toda a gente em Roma, que M.r de Chateaubriand que fôra Secretario de Embaixada no tempo de Bonaparte na m.ma côrte que não fôra tão acomodante — Que elle dispende elogios a toda a gente, p.r que a sua mania he que o admirem =

O resto da conversação foi quasi toda sobre as Taboas Geographicas de Peutinger, e Roteiros d'Antonino que Fortia Publica agora, isto he a discussão foi entre mim, e elle, sobre os nomes e designações alteradas das Terras e a incorrecção da *Synonimia* d'ellas —

Mostrei-lhe que *Aritium Praetorium* não era Benavente, mas sim Alvega a 2 Leguas ao sul d'Abrantes onde existem ainda as ruinas da cidade Romana, mas athe a prova pela Inscripção achada no seculo passada.

Mostrei-lhe que o *Promontorium Barbaricum do Strabo*, foi depois chamado *Promontorium Neptuni*: como se vê de outra Inscripção da base da Estatua de bronze de Neptuno achada no seu Templo naquelle Cabo =

Estabeleci o principio que todas as conjecturas por mais engenhosas, e seguras que fossem desapparecião deante de taes provas.

Elle convenceo-se disto e pedio-me que lhe communicasse que serião admittidas em Notas visto que a tiragem do texto estava feita.

He notavel que no Roteiro d'Anatonino, ou antes na carta de Lapie Santarem esteja debaixo da antiga designação Scalabim = e não *Scalabis*, ou antes *Praesidium Julium* como se ficou chamando desde o tempo de Cezar!

«Que elle, e os colaboradores que só lhes competia produzirem as «Taboas de Peutiger, e o Itenerario com a maior fidelidade, e que as «correcções da Erudição, e dos altos conhecimentos da antiga geographia como eu acabava de tratar pertencião aos Commentadores =

Que elles M.r Hase, e Lapie fixavão as Terras nas localidades conforme as distancias marcadas nos Roteiros, e que se as terras de que eu tratava não correspondião ás distancias, que era impossivel alteral-as! A isto repliquei eu logo =

He indubitavel que as vossas distancias são marcadas segundo os *Stadios*, ora todo o mundo sabe que os primeiros Geographos eruditos que apparecerão no fim do 15.º Seculo depois de uns poucos de seculos de trevas entre o antigo mundo, acharão-se já em grandissima difficuldade p.a entenderem as medidas geodesicas dos Romanos, e dos antigos.

O conhecimento destas medidas Geodesicas em Stadios Gregos, em Estadios Romanos, em Semi-Stadios tem sido o tormento athe hoje de um numero immenso de sabios, e acaso não existem ainda hoje toda a intelligencia dos modernos a este respeito fundada em conjecturas mais ou menos erùditas, mais ou menos Sagazes?

Não he uma prova do que digo a impossibilidade em que se tem achado para fixarem a posição pelos Stadios da Elebora, Eburum, Ebrobricium na Lusitania, e na Iberia, e mesmo em França = o Eborobricium Evreux?

Que esta medida geodesica confundindo-se com a dos Gregos donde os Romanos a receberão está por ventura bem sabida, e a passagem de Plinio a este respeito bem comprehendida?

Que a mim me parecia q̃ não p.r que via continuadamente uma discussão entre os sabios geographos sem que taes questões fiquem plausivelmente resolvidas, o que não acontece quando se encontrão as Inscripções e as columnas miliares nos mesmos logares designados nos Roteiros como acontece neste caso em que o *Aritium Pretorium* he Alvega e não Benavente.

Elle ficou convencido e depois mostrando a carta a Rochette dice-lhe que eu me não conformava com a synonimia della =

Raoul-Rochette dice que não conhecia na Historia do Mundo senão 2.as epocas, os 12 seculos da civilisação Grega = E o da restauração das Artes em Italia.

Fallando da Epoca actual dice que todas as notabilid.es scientificas Italianas tinhão desapparecido, que actualmente não havia alli um gr.de homem.

Fallando da Inglaterra dice que agora alli tudo são interesses materiaes, e caminhos de ferro! Que não havia um só Archeologo, que o m.mo director do Museo não prestava p.a nada, e que o antecessor p.a valer alguma cousa era Allemão, q̃ não tinhão um só hellenista, que o tempo dos Bentleys e dos Bloomfields tinha passado.

MARQUEZ DE FORTIA

No D.º 28. Convidou-me elle a corrigir os erros da Synonimia do seu Texto do Roteiro d'Antonino, e das Taboas de Peutinger. Adoptou pois tudo quanto eu lhe tinha dito —

Fortia mostrou-me uma obra interessantissima sobre os Monumentos Celticos de Inglaterra, e sobre os Druidas por Wilkins = Com immensas gravuras =

§.º 57

Bibliothéque du Roi

CONTINUAÇÃO DO §.º 39 — P. 144[a]

1.º Possue a Edição da Corographia de Barreiros de 1561 —

2 — Antiguidades de Lisboa de D. Rodrigo da Cunha da Edição de 1644.

3 — D.as de Braga 1.a e 2.a Pte =

4 — A Historia Généalogica — mas o vol. 4 faltão-lhe as Estampas das moedas!

5 = Tem mas incompletas as collecções da Academia de Historia =

6 — o Diccionario de Cardozo.

7 — o de D. Antonio de Lima.

8 — o de Bluteau.

9 — Marinho = Fundação e Antiguidades de Lisboa Edição de 1652 =

§.º 58

Escriptos de Portuguezes que se anteciparão a outros de homens Celebres

O Tratado do Jogo de Xadrez por Fillidor lhe deo neste genero uma celebridade no seculo passado.

A Dissertação sobre o mesmo Jogo de Fréret d'Academia Franceza foi reputada obra prima =

Entre tanto um Seculo antes já um P.e Portuguez Fr. Ant.º das Neves natural de Lisboa q̃ f. em 1661 *Escreveo um Tratado* sobre este Jogo!

Vide Barbosa Bibl. Lusit.

Em 1632 = e nos principios do seculo 17 já se fazião Experiencias meteorologicas em Lix.a &.

Ibi = p. 171 — Tom. 1.º

---

[a] O mesmo que a pag. 187 desta edição.

§.º 59

De Justo Imporio Lusitanorum Asiatico pelo P.ᵉ Seraphim de Freitas Valladolid 1625

Esta obra he tão rara que Barbosa não a conheceo. Devo o exemplar que tive em meu poder a Mr. Ternaux Henrique =

A maior p.ᵗᵉ da obra tende a provar, o Direito dos Reys de Portugal ás navegações, e as colonias principalm.ᵗᵉ em virtude da concessão dos Papas Nicolau 5º e Alexandre 6 —

Esta obra he toda Ultramontana =

No Cap.º 6º — Não só sustenta com citações de Bellarmino, e de Navarro que «Regnum potest privare regem tyrannum», mas ainda mais!!!

Esta parece evidentemente ser composta p.ª excitar a côrte de Hespanha a Empregar todas as suas forças afim de evitar a perda das nossas colonias que os Hollandezes invadião. Vê-se que o A. apezar de estar ao serviço de Castella conservava o mais decidido amor pela sua patria. Vê-se que elle buscou todos os meios de mostrar neste Livro

1.º — Os Direitos Possessorios de Portugal sobre as suas collonias —
2.º — A obrigação de Castella de os defender.
3.º — O Ameaço da deposição dos Reis tyranicos =
4 — O §º bem claro = de ameaça

«*Lusitani in fide tuenda constantissimi, in perfidia vendicanda acer-«rimi* =

O A. dotado de pasmosa erudição trata a questão da liberdade de navegar, e da prohibição, e do *Dominium Maris*, e com uma independencia tal que sustenta apezar de servir a Corte d'Hespanha que então dominava o Portugal =

«*Batavi in Indiam non navigarunt nisi postquam Philippus primus «succedit in Lusitania!*

O capº 16 he interessantissimo — O A. prova os grandes serviços que a Hespanha, que a Allemanha, e que os Venezianos derão aos Reys de Portugal =

Este Livro he uma grande defeza contra os detractores que accusavão os Portuguezes da sua administração colonial =

Vê-se que esta obra he um fortissimo manifesto contra Castella e que mostra bem como a revolução de 1640 se preparara muitos annos antes.

Não deixa de ser curiosa entretanto a circumstancia do Governo Espanhol consentir na impressão desta obra e tanto mais que o A. era Lente de Canones na Universidade de Valhadolid =

§.º 60

Continuação do §º 16 = da pag. 43 [a]

A fórma do Governo da Grecia experimentou 3 principaes mudanças notaveis na sua Historia =

Na Epoca chamada livre as diversas povoações a chefes ou pequenos Principes da sua propria Escolha =

Depois formarão-se em Monarchias propriamente taes em Sicyone, Argos, na Athica, em Thebas, na Arcadia, na Thessalia, em Corintho, em Lacedomonia, na Etolia, e na Acaia =

Depois passou ás 2.as Republicas d'Athenas, e de Lacedemonia = Liga Acayca = memoravel na Historia deste povo. Mas tal he a difficuld.e da existencia das Democracias que os Archontes fizerão-se despotas, e tyranos, e a chamada Republica d'Athenas só se salvou pela abolição das Leys de Dracon substituidas por uma forma inteiramente Aristocratica que Solon lhe deu = Assim m.mo esta constituição não poude durar mais do q̃ 24 annos nos fins dos quaes Pesistrato se apossou do poder.

A outra chamada Republica de Lacedemonia = vemos que ella se compunha de um governo mixto, d'Aristocracia, de Monarquia, e de Democracia, e se esta organisação durou 800 annos he incontestavel que a deveo 1º a causas locaes, 2º ao aborrecimento do luxo, e de voluptuosidade, 3º aos 2os Elementos Monarchicos, e Aristocraticos =

Quanto á Constituição da Creta que se introduzio depois da monarquia deveo a sua duração ao Elemento Aristocratico = o corpo dos Cavalheiros = por outro lado os chefes não podião sahir senão de certas Familias priveligiadas!

A constituição de Thebas depois da chamada Republica = Excluia os *Commerciantes, e os Artistas* de serem jamais eleitos para as Magistraturas!

N. B. Que dirião a isto os capitalistas, e industriaes da nossa Epoca que são tudo, e querem ser tudo?

Elles estão promptos a atacar com a sua influencia todas as formas sociaes Monarchicas, e Aristocraticas que lhe derão na Europa moderna uma existencia honrosa, e uma grande consideração, e influencia, p.a verem, e applaudirem os sonhos das antigas theorias gregas que os excluião de tudo!!!

Quem seria hoje que tudo he egoismo, e dinheiro = a sustentar-se á sua custa servindo o Estado e a considerar-se como deshonrado de servir por um salario, como acontecia nas Republicas da Grecia?

QUANTO Á ROMA

Não só o Elemento Aristocratico era o Sustentaculo da chamada Republica, mas se ella durou deveo sem duvida a tres elementos principaes

---

[a] Corresponde a pag. 157 desta edição.

á Religião do Povo, e as suas m.mas superstições ao seu afferro aos Deuses, e á crença, ao Estado de Guerra permanente, e ao poderoso Elemento Aristocratico.

Apesar destes elementos d'ordem = p.a a Eleição dos Senadores era necessaria, a illustração, a riqueza, e a idade.

E os Theoristas modernos, que declaravão guerra á morte e tudo isto poderão manter a sua utopia tragica, quando os Romanos mesmos apezar daquelles elementos conservadores não poderão manter a sua?

O elemento aristocratico dominava tanto entre os Romanos que uma das bases da sua Constituição Militar repelia toda a admissão no Exercito = *dos individuos indigentes* = fundando a base conservadora no elemento da possessão, e independencia, elles estabelecerão assim pelo principio que se não podia Esperar nenhum valor nem nenhum afferro á Patria de Gentes = *Sans aveu* (Cramer) e que não tinhão nada a perder —

Quando he que se poderia estabelecer entre as Tropas mercenarias dos modernos o q̃ se vio entre as Romanas que durante 300 annos servirão sem receber soldo!

Foi só no anno 349 de Roma que se introduzio a paga na Infantaria, e 3 annos depois na Cavallaria!

Em os nossos tempos basta o atrazo de mez para se manifestarem symptomas de descontentam.to e de insubordinação!

O Estado social dos povos modernos da Europa he mui differente do daquelles tempos dos Gregos, e dos Romanos —

§.º 61.

Mr. Paris

CONSERVATEUR ADJOUINT DES MANUSCRITS A LA BIBLIOTHÉQUE DU ROI

Dice-me ultimamente q̃ o 1.º volume do seu Cathalogo dos Mss. Francezes estava publicado, e que trabalhava no segundo em que entravão os Mss. Portuguezes. Que lhe tinha sido indispensavel servir-se do meu cathalogo critico, que tinha estudado bem a lingoa, e que a achava admiravel =

§.º 62

Gabinetes de Estampas de diversos Paizes da Europa

Mr. Duchesne conservador das estampas da Bibliotheca Real publicou com o titulo = Voyage d'un Iconophile = en 1834 o resultado das suas observações sobre um grande numero de collecções deste genero.

A leitura deste trabalho que vivamente me interessou, não deixou por outra parte de me mostrar quanto neste ramo o nosso Portugal está atrazado.

Nunca ouvi mesmo fallar de um amador! As Bibliothecas não possuem collecções algumas propriamente taes.

Parece incrivel a riqueza de taes collecções possuidas por particulares em toda a Europa e a nossa pobreza!

§.º 63.º

Jantar d'Antiquarios

Mr. Allou, Membro das Sociedades Reaes dos Antiquarios de França e d'Inglaterra, tendo sido hospedado no famoso Chateau Gothico no Devonshire do Dr. Meyrich antiquario celebre, onde se encontra a mui perfeita collecção de armaduras antigas, e outros objectos preciosos, quiz obsequiar o filho do seu collega Inglez, e convidou-me para me reunir ao jantar que elle lhe dava no 1º de Setembro, com outros amigos igualmente dados a este ramo.

Assim pois alli concorri, e encontrei o General Bordin, Autor de m.tas obras em materias militares, e que são consideradas como classicas, o Director do Museo d'Artilharia de Paris, e 2 outros Francezes instruidos, e que ambos viajarão bastante.

Mr. Meyrich filho que tem já viajado bastante he um Inglez polido e das melhores maneiras.

Durante o jantar, sem duvida mui delicado, a conversação foi muito animada, e que eu dirigi exclusivamente sobre tudo acerca das obras de Sanchoniathon, Philon, & e sobre um grande numero de assumptos diversos, comtudo, Mr. Meyrick fosse pela difficuldade de fallar correntemente o Francez fosse por a conversa se tornar mui variada em materias litterarias não tomou p.te nellas.

Depois de Jantar, Mr. Meyrick convidou-me a ir-lhe fazer uma vesita no seu Chateau do Devonshire, e me obrigou com expressões mui delicadas.

O Director do Museo d'Artilharia é Italiano, mas instruido no seu ramo. Mme Allou he uma Senhora da maior amabilidade, e de uma conversação picante, e Espirituosa.

§.º 64.º

Mr. Raoul Rochette

OPINIÃO A MEU RESPEITO

O Marquez de Fortia dice-me no dia 4 de Setembro = Mr. Raoul *Rochete a de vous* l'opinion que vous meritez qu'on en forme apeine on vous entend. Il vous aime beaucoup =

§.º 65.º

Marquis de Fortia

4 de Setembro — Fui levar-lhe as correcções que tinha feito sobre as synonimias dos nomes Latinos do Roteiro de Antonino, e da Taboa Peutingeriana. Convidou-me a jantar, e alli passei parte da noite.

Encontrei ali um velho cavalheiro de S. Luiz = Normando, senhor do

chateau de Roquefort, e Marquez Levert, o qual conheceo e cultivou ainda o Benedictino D. Brial.

Elle he Membro da Société de l'*Histoire de France*. He bastante instruido, mas tem a maior de todas as difficuldades em se explicar. He fortissimo nas Genealogias Francezas, e Inglezas. Avançou a singular asserção de que em Inglaterra que não havia Nobreza.

Que os nomes que tinhão agora algumas Familias não era porque descendessem da antiga Nobreza &!

Mr. de Vitrol = antigo Ministro do Interior de Luiz 18 =

Alli vi tambem pela 1.ª vez este individuo historico. He um homem de 50 a 60 annos, mas mui bem conservado, com um penteado poudré e mui paralta = tendo as melhores maneiras e conversando com o maior Espirito =

Fallando da belleza d'algumas Inglezas do seu tempo fallou na antiga Duqueza de Devonshire que elle tinha conhecido, e que era uma das mais bellas molheres de Inglaterra, e dice que ella introduzira o costume de andar só de paceio = que uma vez fazendo-lhe elle um cumprimento á sua belleza ella lhe respondera que todo o mundo lhe tinha dito o mesmo, mas que a fineza que mais a tinha encantado fora a que lhe dicera um Marinheiro = referio que hindo ella paciar só pelas bordas do Tamisa, um Marinheiro que vinha com o seu cachimbo na boca a seguira, e parara defronte della mettendo-lhe a cara, que ella decedidam.te lhe proguntara o que queria, ao que elle lhe respondera *que o mais desejara seria poder acender o seu cachimbo com o fogo dos seus olhos.*

Mr. de Vitrol accrescentou talvez na Academia Franceza, e m.mo na das Inscripções nunca se dicesse uma cousa tão espirituosa! =

Esta plaisentrie tambem não foi mal =

Alli vi tambem Mr. Picoh = Redactor de l'Ami de la Religion =

§.º 66

Mr. d'Avesac

No dia 4 de Setembro fui vesita-lo para lhe entregar o meu ultimo trabalho Sobre Vespucio — Li-lhe a parte concernente ao Exame sobre a Edição de Lorraine. Elle achou-a curiosa, e não teve que responder mas são taes os prejuizos — que apezar de vêr que tinha citado Mr. d'Humbolt veio ainda com a progunta se eu não tinha visto a parte em que elle trata deste ponto das Viagens de Vespucio, no seu Exame Critico respondi-lhe que sim — veio depois com o Art.º de Graber de Hemso nos Annaes da Geographia Tom. 2. pag. 69 impressos em Italiano, onde elle diz que «se retrata do que tinha dito acerca de Vespucio de o considerar um *aventureiro* e impostor fundado no que tinha lido em Herrera, Charlevoix, e Robertson, mas que depois que lera a curta, e mui vigorosa defeza deste navegador feita p.r *Deophante* Alexandrino, mudara de opinião!

Aqui temos outro apologista de Vespucio que vem como o *Hacomylus* a coberto do nome supposto! para defender impudicamente um absurdo, e uma injustiça!

Entretanto a *abjuração* de Hemso he do anno 23, e o anonimo devia ter Escripto antes. Este pois não chegou a conhecer a fortissima bateria com que Navarrette no anno 29 e eu attacamos, e derrotamos todos esses absurdos. Nós ambos não fizémos simplesmente como Herrera, Charlevoix e Robterson, analysamos tudo e eu puz o remate a esta analyse =

M.r d'Avesac mostrou-me um Artigo seu que tinha feito inserir na *Encyclopédie Pittoresque* em que pertende que os antigos Phenicios, Carthaginezes, Gregos, e não sei quem mais tinhão feito a volta d'Africa dobrando o Cabo da Boa Esperança muitos seculos antes de Bartholomeu Dias, e de Vasco da Gama, e por tanto que não forão os Portuguezes que fizerão a 1.a descoberta!!

Mas além de que o sabio geographo que nos declara a guerra não cita os textos para que possamos julgar da sua descoberta, fica sempre um merecimento immenso aos Portuguezes. Acharão o que antigos tinhão perdido, uma grande serie de seculos entre os Carthaginezes e os Portuguezes do 15.o seculo se metteo de permeio para dar a Estes ultimos esta gloria que hoje tão injustamente lhe querem disputar.

As m.as objecções posto que certas forão tão fortes, que elle foi obrigado a convir com algumas e p.r fim a ler-me outro artigo seu na m.ma Encyclopedia em que mostra que os povos da Peninsula Iberica tinhão uma relação intima com a Africa e com o Oriente no tempo dos Phenicios, Carthaginezes & e p.r tanto a D.s préoridade dos Normandos, mas p.a que estes não ficassem desconçolados pelos bons serviços que fizerão no 8.o e 9.o século de devastarem Paris, Lisboa, a Sicilia & que coubelhes da generosidade do A. a préoridade de terem descoberto primeiro do que os Portuguezes a costa occidental da Africa!

Fez-me presente de duas folhas do seu artigo sobre as *Cartas Geographicas* =

A sua opinião entre a Encyclopedia Pittoresca, e a des Gens du Monde, he que esta 2.a não vale nada!

§.o 67

Da Existencia Litteraria d'algumas Celebridades Scientificas em França

Já em outra parte destes *Memorandums* tratei deste objecto, todavia o Art.o seguinte do Messager de 8 de Setembro de 1836 augmenta as provas do que alli dicemos. = [*a*]

§.o 68

Collecções d'autographos em Paris, e nas Provincias

No n.o 62 deste Tomo tratei do thezouro preciozo da Collecção d'Estampas de que faz menção Mr. Duchesne na sua obra de = *Voyage d'un*

[*a*] Segue-se um pedaço deste jornal, comprehendendo 22 linhas de composição.

Iconophile — aqui citarei outra riqueza de que se não tem m.^mo^ idea em Portugal e consiste = nas collecções de autographos de homens celebres =

Mr. Fontaine, Bibliographo, acaba de publicar um trabalho excellente neste Ramo a que deo o titulo =

= Manuel de l'amateur d'autographes = Paris 1836 = 8-1 Tom 360 pag. =

He incrivel a riqueza deste genero de collecções que existe em Paris pertencentes a Particulares =

Vi com bastante magoa que entre milhares de homens celebres de toda a Europa desde o 9 Seculo de que se faz menção entre os autographos destas collecções nem um só nome Portuguez apparece = Nellas não existem nem Pachecos, nem Albuquerques terriveis, Castros *fortes* e *outros que em poder* não teve a morte! nem tão pouco o Virgilio que os eleva com sua sonora tuba á immortalidade!

Fatal descuido dos nossos, cruel ingratidão, estupida isolação do mundo civilisado, abnegação das mais preciosas memorias da Patria!

Alli fui eu remediar como pude aquelle silencio daquellas collecções a nosso respeito. Alli apparece pois citada a m.ª collecção d'authographos — Alli se falla em Castro, em D. M.^el^, D. João 3.º, e em m.^tos^ outros. Fiz dar um signal de existencia ás memorias d'aquelles grandes homens!

Enviei m.^mo^ em resposta a Mr. de Fontaine uma grande copia de noções sobre as nossas riquezas authographicas, de que elle ficou admirado e de que prometteo fazer uso.

(Vide a nossa correspondencia sobre este objecto).

Esta obra, he uma preciosa addição da de Mr. Duchesne. He indispensavel possuir ambas para fazer conceito deste thesoiros que existem em algumas partes da Europa, aliaz inteiramente ignorados em Portugal.

Alem disto esta obra offerece excellentes reflexões ao philosopho, alli se vêm as ordens do tempo da revolução p.ª destruir todos os authographos, e logo depois a reacção quasi desesperada, e Enthusiastica de os reaver, de formar delles collecções, de os considerar por toda a parte como thezoiros, que na realid.^e^ são!

Alli se vê o preço enorme com que alguns tem sido vendidos!

§.º 69

Cartas Geographicas do Marquez de Fortia

O trabalho do Marquez sobre o Roteiro d'Antonino concordando com as Taboas de Peutinger não tem nada de novo — Entre os Livros da excellente collecção da Bibliotheca de Lavalliére existia, e bem moderna.

«Histoire des grands chemins de l'Empire Romain Ensemble de «l'Eclaircissement de l'itineraire d'Antonin et de la carte de Peutinger — par Nicolas Bergier = Bruxelles = Jean Leonard 1728 2 vol. in 4.º

Pude obter a Edição de 1736 a qual he posterior ao trabalho de Wesseling. Nesta obra o A. se serve de Resende para a geographia antiga da Lusitania =

§.º 70

Marquez de Fortia

No dia 17 de Setembro conveio elle comigo e Guérard do m.mo modo sobre as emendas e correcções que eu tinha feito dos Itinerarios d'Antonino taes quaes se descrevem no Texto, e na carta do coronel Lapie =
Dice-me que tinha mostrado as minhas observações a Walknaer, e que elle que as tinha admittido, mas quanto aos escriptores Portuguezes antigos dice-me que não havia muito q̃ confiar nelles! Elle não vio o que o Sabio Wesseling dice de Resende = *vir eruditissimus* =

§.º 71

Epitafio de Marat

O famoso Epitafio Latino epigramatico feito a Marat = *Corpore cum faedus* & a idea foi tirada do que fizerão ao Rei João d'Inglaterra que se lê na obra (Script. rerum Anglic.) «Quis dolet aut doluit de regis «morte Johanis? Sordida fœdatur, foetente Johane Gehenna.

§.º 72

Decadencia de Portugal comparada com a dos Persas

A perda das nossas Conquistas, e da liberdade da Nação pela Catastrophe d'El-Rey D. Sebastião assemelha-se á do G.e Imperio dos Persas =
Podemos fazer o parallelo das duas Epocas desde Cyrus athe ao ultimo dos Darius (desde D. João 1.º athe D. Sebastião) athe o fim do Perso = 200 annos se tinhão passado, e o grande imperio da Persia já não existia. Em geral as suas conquistas passageiras tiverão uma grande influencia na sua epoca, como as forças elementares da natureza immediatamente, e com rapidez os Persas começarão p.r invadir e submetter os payzes e os Imperios com a Impetuosidade da tempestade, e em particular a Expedição de Xerxes contra a Grecia assemelha-se a uma innundação, mas como um fogo devastador que depois de consumir tudo com suas elevadas Chamas Cahe de si m.mo assim passou aquelle horror cahio de si mesmo, e se extingue nas suas proprias cinzas.

§.º 73

F. Schelegel

PHILOSOPHIA DE L'HISTOIRE 2 VOL. 1828 —

Esta obra apezar do mysticismo, e do tom profetico em que he escripta, he precioza. A religião como base de toda a organisação social

indispensavel he o fim demonstrativo do A. Vê-se que o A. Escreveo esta obra depois de largos annos de Estudo, e meditação profunda. Este trabalho abunda tanto em principios e doctrinas conservadoras que he mui difficil fazer-se sellecção dellas!

Huma analyse della seria talvez maior que mesma obra. Assim pois apenas aqui transcreverei alguns pensamentos bastante interessantes, e que me tocarão pela impressão que me fizerão —

SOBRE OS POUCOS HOMENS HISTORICOS QUE EXISTEM

O A. diz = sobre 900 milhões d'homens que habitão a terra, a maior parte nascem, vivem, e morrem sem deixar materia para uma biographia, ou sem entrarem por cousa alguma individualmente na historia Universal, de modo que os homens verdadeiram.[te] historicos, formão um numero infinitam.[te] pequeno, e só apparecem como excepções = &.

D'este lugar commum comtudo se tira uma consideração de philosophia pratica mui importante, e he que as Massas são precisamente condemnadas a serem perpetuamente governadas por esses homens que devem o que são verdadeiramente historicos —

SOBRE A INCONSEQUENCIA DO ESTUDO E LEITURA DO A. — CONFISSÃO DELLE

«Moi aussi du commencement de ma carriérie litteraire je m'adon«nai tout spécialement à l'Etude des Grecs. Plus tard la langue et l'ori«ginalité caracteristique des Indiens, m'offrirent un attrait invencible. «Ensuite et durant les vississitudes de ma vie, et les malheurs du temps, «un sentiment patriotique m'entrainâ vers l'Histoire de mon pays, et «celle de mon Siécle =

Foi justamente o que me succedeo = mas em uma Escala mais larga durante estes ultimos 28 annos.

§.º [74]

O A. reprova como inuteis as investigações sobre o Estabelecimento primitivo das differentes Tribus nas localidades e portanto sobre as Emigrações

Elle diz = A identidade da origem, da lingoa, e das Tradições que existem entre quasi todos os povos da Terra, tem sido admittida, e reconhecida pelos historiographos dos nossos dias, os mais instruidos, e os mais versados no conhecimento da natureza das lingoas. Uma vez este ponto assentado, he indifferente, ou pouco importante saber de que maneira esta tribu chegou permittivamente a estes logares &. (vide T. 1.º p. 16).

§.º [75]

O A. falando a p. 135, Tom. 1 da lingoa geral que se falla nas Escolas do Levante = diz que he o Portuguez = Nas pag. seg.[tes] 136, e 137

o A. nos dá uma idea das differentes lingoas do Indostão = e fallando do *Samscrit* diz que o verd.º Samscrit he p.ª as outras lingoas do Indostão o que he o Portuguez, e o Italiano que são ainda mais doces ao ouvido que o antigo Latim.

§.º [76]

Exagerações numericas d'Alguns Escriptores =

Bergier na sua Excellente obra de l'Histoire des Chemins de l'Empire Romain diz = que Salomão empregara na construcção do Templo 30＄ Israelitas p.ª cortarem a Madeira no Libano, 10＄ outros trabalharão, e que 80＄ trabalharão igualmente em fabricar o m.mo templo, e 60＄ p.ª acarretarem os materiaes. —

Com a authoridade de Plinio o Naturalista, Liv.º 36 — cap.º 12 diz que p.ª construir a maior das Pyramides do Egypto forão empregados 300＄ homens pelo Espaço de 20 annos!

Entretanto quando se trata do n.º das Legiões Romanas que continhão em respeito o Mundo inteiro compunhão-se só de 173＄ homens!!

Os calculos da população da antiga Roma experimentarão a m.ma exageração. Entre outros M.r de Chateaubriand m.mo ainda acreditou que era de 3 milhões!!

§.º [77]

Academia R. das Inscripções

Convidado p.r M.r Raoul Rochette fui assistir á leitura da Sua Memoria sobre os monumentos funerarios dos antigos (Sessão ordinaria de 21 de outubro de 1836).

Com effeito elle citou a m.ª authoridade sobre os objectos achados no Tumulo, ou hypogeos de Familia Minatia =

M.r Etiéne Quatrémére questionou-me sobre a rarid.e das Edições de Balthezar Telles Ethyopia Alta = e sobre a viagem de Tenreiro.

Vi pela 1.ª vez o Duque de Luynes um dos principaes Archeologos Francezes = e vi igualmente M.r Beugnot, e Emeric David —

§.º [78]

Barão d'Ekstein

Vi pela primeira vez este orientalista em casa de Lajard no dia 25 d'8br.º de 1836 = He um homem de perto de 60 annos = fortissimo em conhecimentos de Lingoas orientaes principalm.te do Sanskrit = e Eruditissimo em toda a phylosophia Indiana = e na Cosmologia dos antigos povos do Indostan =

Elle fez grandes elogios á grande Epoca Portugueza das Descobertas = Dice que nada havia de mais admiravel do que aquella serie de gran-

des homens que tivemos no seculo 15 e 16 = Que um dos melhores historiadores modernos era inquestionavelm.[te] João de Barros =

Encontrando em Casa do Marquez de Fortia no Domingo seguinte M.[r] de Langlois do Instituto = fallei-lhe do Barão — Elle dice-me logo quem o ouve fallar admira-se precisamente por que falla muito bem, mas todos os seus conhecimentos dos Livros e philosophia oriental fizerão delle um Thesophante = O Marq.[z] dice que Em consequencia de o ter ouvido fallar, que compara as obras delle, e qûe ellas erão ininteligiveis —

§.º [79]

Academia das Inscripções

SESSÃO DE 28 D'OUTUBRO

Fui assistir á sessão — M.[r] Raoul Rochette continuou a leitura da sua Memoria sobre os objectos achados nos Tumulos antigos e citou largamente a minha Memoria Archeologica sobre os hypogeos de Familia Minatia =

M.[r] Quatremére de Quimcy = Estevão Quatremére e Pouqueville depois de se concertarem todos dicerão-me que a elles competia a iniciativa nas Eleições proximas do mez de Novembro, e que tinhão contado os votos que haveria para a m.[a] admissão e que não só eu teria a maioria, mas que podia contar de certo com a m.[a] admissão =

§.º [80]

Sampayo, e a sua Bibliotheca

Em Consequencia do convite de Sampayo fui vêllo no Domingo 30 de 8br.º no seu lindo Hotel 11 Rue de Labruyére =

Recebeo-me com a maior polidez. A Livraria está collocada em um vasto salão longo sustentado sobre Columnas. As Estantes são Excellentes, e tem alguns moveis antigos, e as cadeiras marchetadas de madreperola = A Livraria terá de 3 a 4ꝏ volumes, mas de uma escolha, e variedade notaveis.

Dice-me que para um Savant como eu a sua livraria me não podia interessar.

A Collecção tem uma serie admiravel de obras Hespanholas, e Portuguezas historicas, e algumas Inglezas relativas a Portugal impressas em Inglaterra.

Offereceo-me a livraria para os meus trabalhos, e instou muito comigo p.[a] ficar a jantar, mas dizendo-lhe que estava ja engajado pelo Marq.[z] de Fortia dice me = C'est un homme érudit mais il n'a pas de critique =

Convidou-me então diffinitivamente para jantar com elle em familia 4.[a] fr.[a] 2 de Novembro.

§.º [81]

Bouce copiou textualmente as relações de Balthezar Telles na sua Ethiopia Alta, e deo-as como suas!

Sylvestre Pinheiro contou-me que achando-se em Hollanda com Antonio d'Araujo, e com o Morgado de Matheus appareceo um infame escripto contra Portugal = *Tableau de Lisbonne* onde se dizião os maiores desatinos contra nós.

Que discutindo elles quaes serião os motivos de semelhantes escriptos, elle Sylvestre dicera he por que elles os publicão impunemente e ninguem lhes responde! Convierão então visto que estavão alli sem fazer nada em distribuirem as materias, e fazerem uma refutação de Demunier, das viagens du Chatelet, de Mr. de La Harpe, de Murphy & = que effectivamente concluirão o seu trabalho a que derão o titulo

Un voyageur contre quatre

propondo-se de o publicarem anonimo = mas que a Araujo dicera como isto he um Escripto serio, e p.ª apparecer em publico, e está escripto em o nosso Francez gallego, convem que alguem o Emende, e convindo todos Escrever-se a um Sabio Francez M.r [*sic*] que effectivamente corrigio o Mss. e mandou-se para Paris — D. José Maria de Sousa que se achava já então na sua Missão de Copenague, sabendo que o Mss. tinha sido corrigido p.r um 3º declarou que não consentia, porque queria que as suas ideas apparecessem taes quaes elle as tinha escripto.

Isto provinha diz o Sylvestre da raiva que elle tinha aos Francezes, ao que eu lhe dice, mas essa raiva fa-lo fazer o casamento com M.me de Flahaut?

O caso he que o Mss. não se impremio e apenas Araujo lêo na Academia de Lisboa algumas Memorias.

Foi pois por essa occasião que o Sylvestre observou que Bouce copiara a Relação de Balthezar Telles, e a dera como sua! Copiando-a de outro Mss. que Sir Joseph Banks dera a Araujo.

§.º [82]

Bibliothéque du Roi

DEFEZA DOS ESCRIPTORES PORTUGUEZES =

Debaixo do titulo = Histoire du Portugal = impressa em Genéve em 1610 se encontra uma traducção Franceza de Osorio =

O Discurso preliminar do Editor ou Traductor tende a justificar os nossos Escriptores, a provar que elles Escreverão com a maior exactidão.

§.º [83]

Academia Franceza

SESSÃO PUBLICA DE RECEPÇÃO DE MR. M. DUPATY =

No dia 10 de Novembro assisti a esta sessão Publica, e tomei logar entre os Membros do Instituto. O Discurso de Mr. Dupaty foi m.^{tas} vezes aplaudido.

Antes de ir para a Sessão lembrando que este nome historico era o do celebre author das cartas sobre Italia, fui ver o que este tinha escripto, e consultei a Statisque des Lettres en France, e apenas ali vi = *Il a donné quelques piéces de Theatre* = Vi depois um largo art.º sobre elle no Satyrico Dictionario des *Gironetes*, onde se diz que elle fora marinheiro em o tempo da Republica &.

A este Discurso respondeo-lhe Alexandre Duval —

§.º [84]

Academia R. das Inscripções

Assisti ás duas Sessões de 6 e 11 de Novembro. Tomei lugar junto aos socios Mr. Etiéne Quatremére = dice-me que acabava de vagar outro logar de Membro correspondente = o de Mr. Jaquemont, e q̃ julgava que havia outro, que assim não poderia haver pretexto p.ª se procurar tirar a m.ª admissão = Que podia contar com elle, e com todos os seus amigos.

Mr. Quatrémére de Quincy fez-me presente neste dia de um exemplar da sua obra = Lettres sur l'enlévement des ouvrages de l'Art antique à Athénes, et á Rome =

Neste ultimo dia fallei pela 1.ª vez a Mr. Feuillet Bibliothecario do Instituto sobre um Mss. de Brautôme daquella Livraria =

§.º [85]

Mr. Etiéne Quatremére

Vesita que fiz a este Sabio Orientalista Membro do Instituto. No dia 14 de Novembro fui vê-lo. Encontrei-o na sua excellente casa e recebeo-me na Livraria a qual he a maior Bibliotheca particular que tenho visto depois da de Mr de Fortia =

Offereceo-me um exemplar completo das suas obras, segurou-me que eu havia de ser eleito nas proximas eleições no logar vago de Jacquemont =

Achou incontestaveis as provas que lhe citei acerca da impostura de Vespucio --

Prometteo-me de tratar com todo o disvelo o neg.º do Instituto.

§.º [86]

Vesita ao Departement des Cartes, e recepção de Mr. Jomard do Instituto

No dia 16 de Dezembro, propoz-me o meu Sabio amigo M.r Guérard o levar-me a M.r Jomard para eu examinar as antigas Cartas da America.

Effectivamente fomos ambos. Não é possivel descrever aqui a urbanidade com que M.r Jomard me recebeo! Não houve especie de delicadeza que me não fizesse. Mostrou-me tudo. Fallamos largamente em materias Géographicas, e elle dice-me que havia muito tempo que ambicionava Conhecer-me pessoalmente, porque havia muito que me conhecia de nome, que desejava consultar-me sobre varias cousas. Gabou-me immenso o meu artigo sobre Vespucio publicado pela Socied.e Geographica, que posto que não estivesse presente á sessão em que elle fora lido, que o Estudara com grande fructo depois que fora impresso. Convidou-me para os dias da sua recepção, e que me enviaria convite p.r Escripto.

Tendo eu encontrado M.r Lajard á noite no Circulo de M.r Rochette, este me dice que Jomard lhe tinha dito que ficara encantado de me vêr, e do Exame que eu tinha feito das preciosidades do Gabinete. Lajard accrescentou = *Il etait dans la joie de voir que vous avez attaché un grand prix aux anciennes Cartes.*

Recebi depois um convite p.r Escripto de M.r Jomard p.a as suas Soirées Litterarias =

§.º [87]

Academia des Inscripções et Belles Lettres

No dia 23 de Dezembro leo M.r de Sacy Secretario Perpetuo a m.a carta e a lista das m.as obras.

Esta leitura excitou o interesse da Academia, a ponto que conforme me contou M.r Lajard e Fortia fizerão-no ler mais alto e repetir.

M.r de Sacy quando chegou ao meu trabalho sobre os Orientalistas mostrou p.r elle a sua sympathia lendo-o 3 vezes —

M.r Lajard dice me que M.r Fauviel lhe tinha dito que votaria pela m.a admissão —

§.º [88]

Mr. Raoul-Rochete, Letronne

Estes dois antagonistas apresentarão-se como candidatos ao Instituto pela occasião da *Epuration* de alguns membros que forão riscados pela occasião da restauração. Ninguem se quiz apresentar para preencher os logares vagos por tal maneira. Forão pois admittidos por este facto.

NB. Anedocta contada p.r M.r de Fortia.

§.º [89]

Sobre Philon de Byblos

No dia 15 de Jan.º de 1837 M.r de Fortia, me dice que M.r de Seguier d'Academia das Inscripções que lhe tinha dito que hia lêr no Instituto uma Memoria publicada em Allemanha p.r Grotefend na qual elle me citava como authoridade contra a authenticidade da descoberta do texto de Sanchoniaton que se dizia descoberto em Portugal, e que o Philologo Allemão seguia a minha opinião.

§.º [90]

Petrarca

Um bando de Litteratores Superficiaes annunciarão uma Sentença contra Petrarca, na qual o declaravão *ignorante*. Elle vio-se obrigado a escrever o celebre Tratado = *De la propre ignorance et de celle de beaucoup d'autres.*

Voyez Ginguené Tom. 2. p. 467.

§.º [91]

(Art.º du Journal des Debats)

NOBREZA ESPANHOLA

Em o Jurnal dos Debates de 25 de Janeiro de 1837 publicou-se um artigo muito interessante sobre a Nobreza Espanhola, provando que ella não era feudal. Tudo quanto alli se diz da differença da Constituição daquella Nobreza he applicavel a Portugal. Publicou outro sobre a m.ma materia igualmente interessante no N.º de 7 de Fevereiro.

Outro Art.º mui curioso he o do N.º 15 de Fev.º de 1837 = Com o tt.º *Le Clergé = Les Couvents* =

NB. Todos estes Art.os tem uma applicação quasi directa a Portugal —

Outro art.º magnifico sobre este assumpto foi publicado no m.mo Jornal de 13 de Março de 1837.

Finalmente dois outros sobre o Estado militar, e outro sobre o Financeiro em 15 de Outubro de 1837 sobre a venda dos Conventos. He excellente = E no n.º de 22 do d.º Mez —

§.º [92]

Os Romances, e a Sciencia

Na Epoca dos Troubadous toda a Sciencia era secundaria as trovas, na Epoca mais polida de Boccace 14º seculo já os romances tinhão tanto

poder sobre o commum dos Leitores que a grande fama deste Celebre Escriptor lhe proveio = d'oú il l'attendait le moins (como diz o Erudito A. da Hist. Litt. da Italia pag. 69 e 70) d'un ouvrage assez futile en apparence, d'un recueil de contes qu'il estimait peu, qu'il n'avait composé comme il le dit, que pour désennuyer *les femmes* qui de son temps menaient une fort triste vie.

§.º [93]

Dictionario d'Academia Franceza = Anecdota

O Prefacio que he feito por Mr. Villemain contem muitas palavras que se não Encontrão no Diccionario!!

O Journal das Bellas Artes = attacou Mr. Scribe pela palavra — *Camaraderie* dada á sua ultima peça, dizendo que ella se não achava no Diccionario da Academia emquanto o Seu A. era da Academia Franceza.

Segundo a opinião geral m.r Nodier he hoje um dos homens que sabe melhor a lingoa, segundo alguns dos seus collegas, tem sido elle e Mr. Chateaubriand qne tem introduzido um grande numero de palavras que não são Francezas!

§.º [94]

Abbade Correia, e Verdier

OPINIÃO D'ALGUNS ACADEMICOS ÁCERCA DESTES DOIS HOMENS

No dia 10 de Fevr.º antes de Entrarmos para a sessão do Instituto estavamos na salas da Bibliotheca a conversar ao fogão. Estava eu, Quatremére, Quincy, Pouqueville, Visconde de Beugnot, Leclerc, Walkenaer, Mionnet, e outros, fallarão-me elles em Verdier = dizendo que era um *Farceur*, e que não valia nada como homem de Sciencia.

Walkenaer dice que o seu unico talento, consistia em uma grande assiduid.e ás Sessões de todas Academias, e que assim elle sabia tudo quanto se passava.

Eu repliquei que se Verdier era assim que não acontecia o m.mo ao Abb.e e isto foi respondido por um applauso geral, Mr. Walkenaer dice mesmo que Corrêa da Serra não só era um dos mais celebres naturalistas do seu tempo, mas que era um homem de salão, que a sua conversação que era admiravel, mas que *era m.to priguiçoso!* o que he exactissimo.

§.º [95]

Gentz — e M.elle Eshler

PARTE DE UMA CARTA DELLE =

«une demie année entiére c'est écoulée, mon amie, depuis que nous nous «sommes Ecrit; la faute n'est à moi très assurément, et c'est moi qui en

«souffre, mais plutôt attribuer mon malheur à ce terrible siécle où nous «vivons qui ne laisse aux communications telles que les notres ni paix, «ni repos, encore moins la reflexion, et l'essor. Chaque pour que s'écou«lera doit rendre la terre où nous sommes plus sombre, et plus desolée; «nul ne peut connaitre aujourd'hui ni la destinée de sa patrie, ni celle de «ses relations les plus proches, ni la sienne propre au de là de quatre «semaines, nul ne sait d'avantage à quel parti on doit s'affilier. Opi«nions, désirs, besoins se croissent si étrangement, se rencontrent, et se «confondent si bizarrement dans le tumulte universel qu'apeine distin«guet'on maitenaint amis, et ennemis. C'est une guerre de tous Contre «tous; et le tonerre sur nos têtes, et la terre se fracassant sous nos pas «peuvent seuls nous donner une fin à tout celà. Aux plaies morales se «joignent les fleaux matériels, et ce que les revolutions, et la guerre «n'ont pas écrosé, le Cholera l'importe!

&.

§.º [96]

Escola Philosophica Ingleza, e Allemã

Uma parte da Escola philosophica Ingleza actual, não podia de modo algum admittir as doctrinas conservadoras da Escola Allemã. Assim vemos que ella atacou ainda ha bem pouco tempo Lamer, e Schelegel, forão atacados por Sarcasmos em uma das Revistas Inglezas mais acreditadas sobre a Identidade das Raças Indostanicas, Persanas, Pelagicas, e Teutonicas.

Vid. Revue Britanique N.º do Mez de Maio de 1836.

§.º [97]

A nossa preoridade maritima disputada por Formaleone

Este Veneziano quer que os venezianos fossem os primeiros Navegadores. Predominado por esta idea = elle ataca em parte a problematica circumnavegação de Neckos, e a dos Gregos em torno d'Africa isto he pelo Cabo da Boa-Esperança, e nisto bebeo talvez Gosselin a primeira idea p.ª o seu excellente Exame no qual elle trata justamente de fabuloza esta navegação, entretanto Formaleone infinitamente menos erudito que Gosselin, pertende provar uma parte das suas asserções com as problematicas viagens dos Irmãos Zenis =

Comtudo uma passagem deste author parece ter suscitado a Mr. d'Humboldt a idea ou antes a base do seu interessante trabalho do *Examen Critique* sur l'histoire de la géographie du Nouveau Continent =

Mas Formaleone he de uma credulid.ª pasmosa p.ª época em que viveo, parece que elle tinha a Cabeça rechiada dos monstros do Inferno do Dante, ou dos que os Heroes do Ariosto combaterão. Elle diz e acredita fallando no Planispherio de Fra-Mauro de um monstro que de uma Extremidade de *uma aza á outra tinha* 60 passos! O que era insignificante a vista do que tinha observado um Rabino d'Africa de um paçaro

do qual tendo-se quebrado 2 ovos allagarão 60 milhas de terreno!!! Apezar de não acreditar em Marco Paulo, elle não fez grande reflexão nestas patranhas —

Todavia Formaleone diz bem quando diz fallando da Africa de Livio Sanuto, que nas suas cartas *se vê todo o curso do Senegal e do Gambia* deleneado de modo que mostra que elle o conheceo muito bem, e *multo prima che vi giungessero i Francesi, che volion fartuto, e tuto aver fato* =

(pag. 22 e 23).

Formaleone não conheceo nem Cordeiro Historia Insolana, nem pois que elle diz que = se houvesse «uma historia exacta dos Açores, e «da sua descoberta, facilmente se veria claro quaes os motivos das mu«danças de nomes — (que elle nota na carta de Livio Sanuto!

Formaleone Comtudo tem bastante merecimento. A 2.ª parte do seu trabalho mostra bastante erudição, e descernimento. Mr. d'Humboldt bebeo nas ideas delle, as bases do seu trabalho.

Este veneziano fallando das problematicas viagens, e descobertas de Madoc diz

Que a viagem de Madoc parece uma mal pensada invenção de Powel. Hakluit a dá por cousa indubitavel, mas nem um nem outro apresentão uma verdadeira prova, por que as provas não se dão em 4 versos, e muito menos em versos *gallesi e rimati*.

§.º [98]

Albufeda traduzido por Mr. Reinaud do Instituto

He tal a confusão dos Geographos Arabes quanto aos nomes das terras que he quasi impossivel estabelecer uma Synonymia exacta.

As descripções d'Albufeda são quasi tão magras como as d'Edrisi da tradução de Conde = Elle cita a cada passo Ibn-Said, geographo que esqueceo a Mr. d'Avezac na sua nomenclatura da *Esquisse sur l'Afrique* quando fallou d'Albufeda —

§.º [99]

Gosselin

OPINIÃO DALGUNS ACADEMICOS ACERCA DESTE SABIO

Antes da sessão do Instituto de 24 de Fev.º de 1837 Estavamos uns poucos reunidos conforme o costume na Bibliotheca do Instituto ao fogão. Erão os seguintes = Mr. Duran de La Malle, Presid.e = Mr. Pouqueville, o Conde Miot de Milito, da Academia das Inscripcões, e o celebre Geometra Mr. de Lacroix, d'Academia das Sciencias, Mr. Fervillet, d'Academia das Sciencias Moraes, e eu. Dicerão alguns que Gosselin não sabia nem o Grego, nem o Latim. Mr. Duran, dice que elle tinha

grande talento p.ª o calculo, que elle pegava nos Stadios, e chegava por este caminho desde o promontorio sacro athe ao Chersoneso d'ouro, mas que elle mesmo confessava que não sabia aquellas duas lingoas —

Entretanto as suas obras estão cheias de citações gregas, e latinas!

Na Traducção d'Herodoto, por Larcher, nesta obra Estimavel 2ª edição este A. Combate em uma Extensa Nota apoiando-se na Authorid.ᵉ da obra do Major Russell, a analyse de Gosselin que tende a provar que os antigos não fizerão a volta da Africa. Larcher sustenta a affirmativa igualmente com Renell.

§.º [100]

Epigrama feito por um Membro d'Academia Franceza, á mesma Academia

Quand nous sommes trente neuf
ont se met á nos genoux
Quand nous sommes quarente
on se moque de nous! [a]

Bonheur et Malheur sont deux fréres
Qui furent toujours ennemis;
Fortune et hasard sont leurs péres
Que l'on vit toujours très amis.

Malheur a lá mine pauvrette
Ne fut jamais trop bien traité;
Bonheur, d'une beauté parfaite,
Fut de chacun l'enfant gâté

Bonheur veut un parti sortable
Riche dot et bonne maison;
Malheur, se sentait moins aimable
Il eut moins de protetion.

Bonheur, épousent l'Inconstance
se trouvá bientôt malheureux:
Malheur epousa l'Esperance
Et finit par se croire heureux.

Oh mihi tam longe maneat pars ultima
Spiritus, et quantum sat erit tua dicere facta.

V. Eglog. IV

---

[a] As quadras seguintes são escriptas em lettra differente da anterior e em outra pagina.

Tu és ditosa
Entre os humanos,
o céo festeja
Teus bellos annos.

Nos céos vibrando
Eu escutei
Divino canto
Que decorei

Era um archanjo
Que ao passo lento
Vinha cantando
Teu nascimento

Vi em seu rosto
Prazer sem fim,
com vós celeste
cantava assim:

Canto teus annos
Em lyra d'ouro
Porque na terra
E's um thisouro

Serás no mundo
sempre feliz
o ceu contente
Assim te diz

MEMORANDUNS

DAS MINHAS LEITURAS E DE OUTROS OBJECTOS LITTERARIOS

TOMO 4.°

PARIS [a]

---

§.° 1.°

Membros do Instituto que me pedirão Communicações litterarias

1°=Mr. Raoul-Rochette alem da Memoria sobre o hypogeo Romano descoberto em Alcanhões, e que lhe dirigi, citado p.r elle 3 ou 4 vezes, na Sua Memoria lida na Academia das Inscripções com o tt.° = *Memoire sur les objects trouvés dans les Tombeaux des Anciens*, consultou-me diversas vezes sobre as antiguidades Romanas de Portugal —

2°—Mr. Le Marquis de Fortia, Guérard, e Alase d'Academia das Inscripções tratando de publicar as Excellentes Cartas do Coronel Lapie dos Itinerarios d'Antonino, e das Taboas Peutengerianas, me consultarão p.a a Synonymia dos nomes da Peninsula.
Fiz sobre isto um largo trabalho.

3°—Mr. Pardessus d'Academia das Inscripções, me Consultou sobre a passagem de Fernão Lopes sobre os seguros maritimos entre nós no 14 Seculo. Expliquei-lhe não só isto mas mostrei-lhe o que se dizia nas tarifas d'Alfandega naquella Epoca, e nas antigas Côrtes sobre commercio.

4°—Mr. Reynaud da mesma Academia Consultou-me varias vezes para a parte da sua traducção da Geographia d'Albufeda relativa á Peninsula, e cita a m.a authorid.e em algumas partes —
NB. Fiz sobre isto um largo trabalho.

5°—Mr. Mionnet da m.ma Academia Consultou-me m.tas vezes sobre os Gabinetes de Medalhas da Peninsula, sobre os Escriptores neste Ramo d'Archeologia.

---

[a] Nesta mesma pagina lê-se o seguinte : Buffon disait = *Le génie c'est la patience.*

6 — Mr. Darrac de Lamalle Consultou-me sobre as nossas viagens d'Africa & e ultimamente 1853 sobre a sua Memoria ácerca do Periplo d'Hannon e do Gorillo encontrado em Gabão.

7° — Mr. de Laboulay — sobre os Cancioneiros &.

8° — Lenormand - sobre o Feudalismo na Hespanha.

9° — Mr. Lajard sobre muitos assumptos.

10° — Mr. Paris — até publicou 2 analyses minhas — de Mss.

11 — Stanislas Julien — sobre as viagens dos chinas.

12° —

§.° 2.°

Estatua de Vasco da Gama

No Journal des Debats de 12 de Março = cita-se uma descripção da India recente p.r Mr. de Monthólon-Seinonville, onde se encontrão

«*Notices de Goa*, jadis la perte de l'Inde, aujourd'hui vaste amas de «ruines. Il à visité avec un réligieux respect la *Statue de Vasco da Gama* «qui reste encore debout au milieu au milieu [*sic*] des decombres des «palais dont Goa etait remplie lorsqu'il comptait 200:000 habitants.

La description de Gôa, et de l'ancienne vice-Royauté Portugaise de la Côte de Malabar fait passer dans l'âme du lecteur un profond sentiment de tristesse, en quoi l'ouvrage de ces heroïques Portugais est donc voué au néant! Notre civilisation Europeenne aura donc «sur ces rives «lointaines les ruines confondues avec celles des plus antiques Empires! «Les eaux de la rivière de Gôa n'étant plus contenues par la main des «hommes», ont envahi le territoire environnant et l'ont fécondé de miasmes infects qui ont chassé les habitants. Le cocotier ce = ***mala ficus*** de ces contrées, y á déjà demoli la plus part des monuments des hommes. *Une tyranique et brutale Philosophie usurpant le nom des lumiéres* et se parant du masque de la liberté, á voulu mettre la dernière main à cette scène de désolation. En 1835 les derniers couvents qui furent élevés dans la cité étaient encore debout avec les debris de leur splendeurs et rivalisaient encore de grandeur, et d'hardiesse d'archicteture = Nulle part ailleurs on ne rencontrerait, rien de comparable aux traces du culte exterieur rendu autrefois ici á cette religion Chrétienne qui, imposée par des fiers conquérans á des populations vaincues, sentait le besoin de l'entourer de tout ce qui pouvait agir sur les imaginations, et de frapper des esprits orientaux par la pompe de ces ceremonies, et la magnificence de ses Basiliques =

Mais le dernier vestige de la grandeur de Gôa (dit le Journal) va disparaître. Un liberalisme étroit et haineux, oubliant tout ce que la sainte

cause de la liberté doit au Christianisme, n'a pu souffrir que quelques poignées des pauvres moines bravaissent un air exquisite pour disputer aux éléments les édifices Sacrés. Quels patriotes les démocrates portugais á qui il tarde que les traces de la gloire et de la grandeur de leur patrie disparaissent sous la végétation des marécages de l'Inde =

Mais laissons parler Mr. de Montholon lui-même et nous donnerons ainsi une idée de sa manière. On verra qu'il est difficile de mieux penser de mieux dire —

«Ainsi donc parmi tant de grandeurs passagéres, au milieu de ces décombres» que le pied heurte á chaque pas de ces restes du pavé des rues de ces bois de cocotiers qui ont remplacés le massif des maisons, et dans cette enceinte d'une ville silencieuse et abandonnée depuis longtemps, s'élévent seule encore comme des oasis, les vivantes traditions de l'omnipotence de la religion Chrétienne au moyen-âge. Elles se manifestaient jusqu'à présent dans ce desert triste, et morne par les soins des derniers habitants, à la robe noir ou blanche, dignes gardiens des ruines de ces grandeurs humaines, dont ils prechent le néant. Mais lors de mon passage, depuis huit mois, un ordre cruel inspiré á Lisbonne par le zèle peu raisonné de l'Esprit démocratique (car la Filosophie á aussi son fanatisme) un ordre transmis au gouvernement de Gôa á fait expulser de chaque couvent une cinquintaine de malheureux que s'y recroutaient encore, et empechaient les murs de tomber. Aujourd'hui moines et religieuses presque tous Indiens sont allés de nouveau se confondre avec leur race pauvre, miserable et fainéante. Dans un petit nombre d'années lorsque ces vastes batiments devorées déjá et avec une effroyable rapidité par le salpetre, n'étant plus entretenu par la main de l'homme qui luttait constament contre l'action corrosive des éléments, se seront ecroulés de Gôa il ne restera plus que le souvenir, et les lieux sur lesquels *s'acharne le* génie de la destruction, exalant au milieu des ronces et des broussailles epaisses, des miasmes homicides ne seront plus connus que par le soin de l'Indien á les éviter.

§.º 3.º

Gazetas de Madrid, officiaes. Sua exageração

Lord Mahon interpellando o Governo na Camara dos Communs na sessão de 10 de Março = dice q̃ um dos seus amigos tinha tido o trabalho de fazer o seguinte calculo -- que Calculava a somma dos Carlistas mortos seg.do a Gazeta de Madrid nos diff.tes combates e que a Cyfra montava a 339$129? Ora que o exercito carlista compondo-se de 30$ cada Soldado teria assim sido morto 8 o 9 vezes!

§.º 4.º

Investigationes historicas sobre los principales descobrimentos de los Espagnoles en el mar Oceano en el siglo XV, y principios del XVI en resposta á la memoria de Mr. Otto sobre el verdadero Descubridor da America.

POR D. CHRISTOBAL CLADERA. MADRID 1794 —

Esta obra he m.to erudita. Tem uma preciosa noticia sobre as cartas geographicas anteriores ao seculo 16 e he uma refutação das pertenções dos Allemães acerca de Marthim de Bohemia.

M.r d'Humboldt bebeo muito da doctrina deste AA.

A digressão que faz sobre o Estado das Sciencias em Espanha antes de Carlos V.º he bastante interessante e he applicavel tambem a Portugal.

§.º 5.º

Mr. d'Arago, estabelecendo a prioridade das Sciencias, sobre as Lettras, Mr. de Lamartine deffendendo ás 2as Sessão da Camara dos Deputados =

No Jornal dos Debates de 24 de Março vem um artigo mui picante a este respeito referindo-se ao d.º de M.r d'Arago de um sabio que dizia «Ainsi le savant, quelque illustre que soit son nom, qui á dit que la «Structure d'un insecte l'interesset plus que toute l'histoire Romaine, «a-t'-il eu le malheur de laisser echapper á notre avis une grande sottise = «et M.r d'Arago á mal chosie sa citation. Ce qui interesse avant tout «l'homme, c'est l'homme, et son histoire. Le monde de l'intelligence hu«maine á des spectacles mille fois plus grands, et plus magnifiques que «toutes les Etóiles qui brillent sur nos têtes —

§.º 6.º

Histoire des Wandales por Marcus = Paris 1836

EXEMPLAR DA BIBLIOTHÉQUE =

O A. na Introducção discute a etymologia da palavra Wandalos = Esta não fica apezar disto definitivam.te assente, offerece em conclusão uma nova

Divisão da obra

He dividida em 3 Partes —
Na 1ª da invasão dos Wandalos — nas Galias,
Na 2ª da sua entrada em Africa
Na 3ª da Historia da sua habitação nesta p.te do Mundo.

Elle traz a pag. 87 este conceito famoso de Salviano (Idatio) e que he applicavel a tantas nações, e á obra d'alguns dos nossos theoristas = «On trouverai avec Orose qu'il valait mieux jouir d'une liberté précaire chez les barbares, que de passer sa vie á satisfaire aux exigences des commis d'impôts, ou comme dit Salvien que mieux vaut être captif en apparence et libre pour le fond, que libre pour la forme, et captif par le fait =

§.º 7.º

Statistique des Theatres de Paris année de 1836 =

Les 15 Theatres de Paris ont fait en 1836 une recette totale de 6 millions 910,123 f. C'est la chiffre le plus haut qu'ils aient atteint depuis 30 ans.

Les recetes de l'Opera ont été d' 1 million 170,877 fr. =

§.º 8.º

Mr. Stanilas Julien Membro do Instituto, e os Mss. Chineses da Bibliotheca R.

No dia 2 d'Abril jantei com este orientalista pela 3ª ou 4ª vez em casa do meu veneravel Collega Marq.z de Fortia; jantou igualmente Raoul Rochette, que segundo o seu costume provocou a conversação da analyse das capacidades ou incapacidades de outros sabios. Entre as cousas curiosas que M.r Julien sustentou foi que Deguignes apesar de ser interprete não sabia o Chinez =

Que a Collecção dos Livros Chinezes da Bibliotheca não só estavão truncados, mas que os mais importantes não podião servir.

Que M.r de Remusat nunca consentio que se fizesse delles um cathalogo, que regeitou a proposta que lhe fora feita p.r Inglez, e que por falta de um cathalogo Klaproth substituio os que lhe pareceo!

Ora isto lá me pareceo um pouco temerario, e injusto da parte deste Academico contra a memoria do seu Collega, por quanto não só antes delle havia um cathalogo de Fourmont publicado em 1742, mas elle mesmo deo uma excellente ideia desta precioza Collecção na sua = Memoire sur les Livres Chinois de la Bibliothéque du Roi = 1818 =

Propoz a Raoul Rochette uma troca de Duplicados seus, por outros da Bibliotheca. Dice que a sua Livraria se compunha de 10✠ volumes Chinezes.

Arguio o Governo de não ter querido fazer gravar todas as Estampas sobre os Bixos de seda, para poupar uma despeza de 400 fr. e p.r tanto que o Tratado dos bixos de seda que elle traduzio, que lhe faltão algumas Estampas por este motivo.

P.ª exaltar a sua especialid.e dice que tinha começado por estudar a maior parte das Lingoas orientaes para ver qual valia a penna, mas que achava que só a chineza, e que se dedicava a ella. E que he que nos dão das outras? Exclamou elle). Nada, absolutamente nada.

Elle fallando do talento, da capacid.ᵉ e da pobreza de Dujardin, dice que era elle quem tinha feito p.ʳ M.ʳ Coussin as Traducções, pois que Coussin não sabia o latim, nem o Allemão, que todas as traducções que se tem publicado em seu nome não são delle! A isto exclamou Raoul Rochette, *voi-la* pour tant que M.ʳ Coussin = Est Pair de France, Membre de l'Academie Française, Professeur de Philosophie e Directeur de l'Ecole Normale!! e contou a este respeito o que elle tinha feito por M.ʳ de Laborde; dice que M.ʳ de La Borde lhe tinha pedido que compozesse a obra dos monumentos da França, e que fizesse com elle o contrato de lhe dar 60 f. por pagina que effectivamente todo aquelle trabalho publicado com o nome de M.ʳ de Laborde era feito por elle Rochette, e que em logar de lhe acceitar o dinheiro, regulou esta transacção exigindo alguns livros magnificos de M.ʳ de Laborde.

§.º 9

Tissot = d'Academia Franceza

ANECDOTA =

M.ʳ Tissot foi nomeado Membro do Instituto pela morte de M.ʳ Dacier 1833. As suas principaes obras são 1.º uma traducção em verso das Bucolicas de Virgilio = Poesias eroticas = Estudos sobre Virgilio = Uma historia da Revolução Franceza da qual só o 1.º volume appareceo em 1833 = Escreveo a Introducção dos Fastos civis da França = Nasceo em 1768, em Versailles = Estas obras lhe abrirão as portas d'Academia Franceza. O *Dictionnaire des Gironnetes* lhe dedica um artigo immenso ornado de 7 ventuinhas a todos os ventos =

Alguns dos seus collegas pretendem que não é mui polido. Logo que foi eleito membro d'Academia Franceza, e que devia fazer o seu Discurso do Estilo, Dirigio-se a casa de M.ᵐᵉ de Remusat já então viuva do Celebre orientalista Remusat, tendo-lhe antes escripto, pedindo-lhe emprestado o uniforme do Instituto do seu defunto marido! M.ᵐᵉ de Remusat tinha respondido escusando-se polidamente = dizendo que o uniforme era *un souvenir dont elle ne voulait point se défaire*, mas elle não contente com esta resposta veio em pessoa, e logo que vio M.ᵐᵉ Remusat dice-lhe que sem duvida ella estranharia que elle se apresentasse assim sem uma introducção prévia, mas que o caso era urgente e que isso o desculpava, que o negocio que elle vinha tratar era o de pedir lhe emprestado o uniforme do seu defuncto marido para poder assistir á sessão do Instituto. M.ᵐᵉ de Remusat fez todas as deligencias p.ª evitar um tal emprestimo, mas não foi possivel deminuir ás instancias de Tissot, o qual por fim lhe dice que lhe pedia faculdade para o vestir afim de ver se lhe iria bem. Effectivamente foi vestil-o no Gabinete proximo, e depois de o ter vestido, voltou a salla a consultar M.ᵐᵉ de Remusat se o uniforme de seu marido lhe hia bem!!! Depois desta scena exigio o chapeo e a Espada &.

Esta anecdota foi-me contada por M.ʳ Laiard do Instituto, pessoa in-

timamente ligada com M.r de Remusat, e actualmente com a sua viuva! = M.r Lajard contou esta anecdota no dia 11 de Abril =

Vi este Academico pela 1.a vez no dia 25 de Maio na Sessão d'Academia Franceza = He parecidissimo com M.r de Humboldt, de modo tal que M.r Mionnet se equivocou —

§.º 10

Opinião de Mionnet sobre o Marquez de Fortia—

O velho Mionnet chama sempre aos dois velhos Marquez de Fortia, e Quatremere de Quincy = *Pápá Fortia* = *Papá Quatremer!*

Diz que Fortia *ne fait autre chose que compiler, compiler, compiler!* que M.r Victor Leclerc mui satyrico que lhe diz sempre quando o vê «*Ah M.r le Marquis toujours avec des gros in-folio!*

§.º 11

Galeria de Quadros da Escola Flamenga e Hollandeza pertencentes á Duqueza de Berry =

Vesitei esta preciosa Collecção, e vendeo-se por mais de um Milhão e 500[illegible] fr.

§.º 12

Instituto — Academia das Inscriptions et Belles Lettres.

ELECTION DE MR. GUIGNIOT

As ultimas eleições tem sido altam.te disputadas. Apezar de tudo quanto se diz de que nos Corpos Scientificos o Espirito de partido politico se não manifesta, vejo o contrario nesta eleição, e na de M.r Michaud.

M.r Guérard contou-me todos os motivos pelos quaes era opposto á nomeação de M.r Paris = Elle dice, que Paris era menos do que nada, que mesmo não tinha apresentado uma só das suas obras pela qual os Membros podessem dar o seu voto em consciencia, que o seu trabalho sobre os Mss. que não tinha critica alguma, que elle ignorava mesmo a existencia de um grande numero de obras que estavão ao alcance de toda a gente, e q̃ elle devia ter consultado. Que a sua eleição seria um desdoiro p.a a Academia, que tinha feito della um assumpto politico, quando elle estava prompto a mostrar pelos proprios Escriptos tanto delle, como do seu competidor que elles não tinhão opinião firme, e decidida. = Que era rediculo que *des grandes Dames du Faubourg S.t Germain* se tivessem compromettido em quererem influir nas Eleições Academicas. Que a Princeza de Craon fôra em pessoa obrigar Mr. de Gerando a dar-lhe juram.to que votaria p.r Paris, mas que logo depois

fora o Duque de Broglie exigir delle que votasse por M.r Guigniaut, que Gerando vendo-se nesta tortura preferira fingir-se doente, e ficar em casa (entretanto este *juste milieu* deu um voto de mais contra Paris!) que o Duque de Case fizera altas deligencias no mesmo sentido. Emquanto M.r Guérard diz isto, os do partido de Paris dizem que os contrarios não pouparão meio algum p.a derrotarem Paris, que athé M.r Thvény recebera ordem de um Min.o de Estado p.a hir votar contra Paris!

Guérard conta = que Lajard dicera a M.r Leclerc = *je ne fairais pas l'injure á Guigniot de le comparer á Paris*, mas que apezar de ser o seu candidato, e que elle queria fazer entrar na Academia era obrigado para ser fiel ao seu partido a votar por Paris. M.r Guérard accrescentou = que a sua opposição a Paris provinha do interesse pela Academia, que votaria e faria tudo por elle excepto fazelo entrar na Academia = Que tinha sido mui ligado com elle, que esta indisposição provinha de que tendo elle sido encarregado pela Academia de lhe fazer um *rapport* sobre uma obra de Paris, elle lhe observara confidencialmente alguns defeitos, e que desde então Paris desconfiara. —

Que existia uma maioria compacta de 12 votos (maioria de M.r Quatremére de Quincy) que podia fazer passar toda a gente, uma vez que encontrasse alguns dos outros, que assim mesmo poude obter 5 dos outros o que lhe foi facil.

Que a antiga maioria da qual M.r de Remusat era o Chefe ao menos elle (*se se exceptua Lajard*) tinha a habilidade d'escolher sempre os seus candidatos entre os homens habeis!

Que M.r Raoul Rochette tirado da sua Archeologia que não entendia nada do resto!

Ora succede que na vespera tinha eu ouvido a M.r Stanislas-Julien dizer, e sustentar que M.r Letronne não sabia uma palavra de latim, e que p.a as citações se servia das traducções!

Na realid.e he curioso ouvilos =

A opinião de M.r de Fortia acerca de Guérard, he que Durau de Lamalle que diz mal de todos, e de tudo, que o tem perdido.

§.º 13

Origem provavel do grande agoiro que tem os portuguezes com o dia de 3.a fr.a como os Francezes tem com a 6.a fr.a em que geralmente não começão cousa alguma.

Muito tempo julguei assim como bastante gente instruida que este agoiro provinha da grande desgraça que acontecera ao Principe D. João nos Campos de Vallada, ficando o Reyno privado do herdr.º da Corôa, acontecim.to succedido em 3.a fr.a, mas a leitura da Historia dos Vandalos me fez encontrar sem duvida a origem deste agoiro com o dia de 3.a fr.a

Foi em uma 3.a fr.a que os Wandalos e os Allanos entrarão na Peninsula. Os Historiadores contemporaneos, e Procopio dizem que com elles

entrarão neste paiz todos os males destruidores da humanid.[e] Aos excessos de barbarid.[e] e ás exações dos Emperadores, e das suas tropas se juntou a fome, e a peste sua companheira constante. Os homens comião-se uns aos outros, as mãis nutrião-se da carne dos seus proprios filhos recemnascidos, mortos ou assassinados durante o tempo em que lhes davam de mamar. Os animaes Carnivoros se habituarão a comer a carne dos cadaveres daquelles que o ferro, a peste ou a fome tinhão feito perecer, e acabarão por attacar os homens vivos, e por devoralos p.[r] mui robustos que elles fossem.

GRANDE USO DO ALHO E DA CEBOLA ENTRE O POVO PORTUGUEZ — ORIGEM

Parece ser transmittido pelos Wisigodos. Sidonius Apolinaris Escriptor do v seculo — diz fallando dos costumes destes povos = em peça de verso.

«Oh! heureux les yeux et le nez aux quels ne s'etalent pas chaque matin dix services *d'ail et d'infames oignons!*»

§.º 14

M.[r] Ternaux-Compans

Em outra parte destas Miscellaneas tratei da preciosa Bibliotheca deste *amateur*. Depois que a examinei pela primeira vez no principio do anno passado, M.[r] Ternaux publicou a *Bibliothéque Americaine* obra extremamente importante para a Hist.[a] do novo Continente. Deo uma traducção de Magalhães Gandavo e publicou duas outras obras curiosas sobre o memo continente

No dia 20 d'Abril deste anno (1837) reunio a jantar as pessoas seguintes = reunião curiosa pela Especialidade litteraria dos convidados = a saber

M.[r] Jomard do Instituto Conservador do Deposito das Cartas geographicas = M.[r] Fauniel, Conservador dos Manuscriptos = M.[r] Magnin, e Dubeux Conservadores da Bibliotheca Real = M.[r] Roulin Conservador da Bibliotheca do Instituto, e mui forte em sciencias géographicas = M.[r] Dorbigny celebre *voyageur* Naturaliste autor de immensas obras de geographia e d'Historia natural = M.[r] de Monmarqué Membro do Instituto e um dos primeiros bibliographos = M.[r] Bulos Directeur da Revue des Deux Mondes, et de la Revue de Paris = M.[r] Deniz author de m.[tas] obras, e d'algumas descripções geographicas. =

He escusado dizer que nesta reunião a conversação foi a mais interessante =

§.º 15

Memoire sur les grands et Petits voyages par Camus

Esta obra classica neste ramo, além dos defeitos que já lhe notámos em as Notas addicionaes sobre vespucio publicadas no Bulletin da Socie-

dade Geographica do mez de Fev.º deste anno = observamos a pag. 11 quando trata da collecção d'Haklyt não descreve as peças que ella contem, como fez com as de Ramusio e outras. Esta lacuna he importante, e he contraria á promessa que elle fez na Introducção — O m.mo fez na collecção do Allemão *Hulsius* remettendo-se apenas a Bibliotheca de Meusel Tom. 2, p.te 2.a p. 336 e a Freytag = Annalecta Litteraria p.472. A mesma lacuna na colleção de Purchas = Eis agora as razões que elle dá.

«La plus part de ces collections anciennes étant dans des langues qui ne sont pas familieres á tout le monde, et leurs exemplaires complets étant rares, il serait à souhaiter qui l'on donnât sur chacune des notices qui rendissent plus générale la connaissance des piéces qu'elles renferment, et plus faciles les recherches qu' on peut avoir á y faire. Mon plain, est de donner seulement la notice de la collection de Bry et de celle de Thevenot &.

§.º 16

Academie des Inscriptions =

Sessão de 5 de Maio

1.º Leo Mr. Seguier = Fragmentos de Sanchoniaton, mas nada ha mais ininteligivel. Elle não conclue nada. São extractos de muitos escriptores sem uma applicação determinada. Antes de concluir a leitura não podemos julgar o que elle quer.

2.º Leo Mr. Hase uma Memoria sobre as Inscripções Romanas de Bona em Africa. Noticia de immensa erudição, e saber.

3.º Leo Mr. Dutrochet Membro d'Academia das Sciencias, uma Memoria sobre a materia de que erão feitas as roupas das Mumias do Egypto. =

Foi entroduzido pelo secretario, Mr. Guigniot novo Membro, e appresentado á Academia. —

§.º 17

Academia das Inscripções

Sessão de 19 de Maio

1.º Continuou Mr. Seguier a ler a continuação dos seus fragmentos sobre Sanchoniaton.

2.º Mr. Leclerc continuou a leitura da sua Memoria sobre os Jornaes dos Romanos. —

3.º Mr. Hase continuou a leitura da sua Memoria sobre as Inscripções de Constantino = aliaz de Guélma. —

§.º 18

Mr. de Larenodiaire

A nova expedição do Capitão Dumont Durville ao Polo antartico, e a minha nomeação de Membro da Commissão Central da Sociedade Geo graphica em que Mr. de Larenodiaire teve tanta parte persuadirão-no a convidar algumas pessoas das principaes da Socied.e Geographica a jantar.

Teve pois logar no dia 21 de Maio — a elle assisti, Mr. Durville, Jomard, o Presid.e da Sociedade e Mr. Eyriés e outros.

Mr. Durville he homem m.to instruido, e tendo ficado ao pé de mim conversamos muito sobre diversos assumptos scientificos. =

§.º 19

Academia Franceza — Recepção de Mr. Mignet

Esta sessão publica que teve logar no dia 25 de Maio foi uma das mais brilhantes que tenho visto. M.r Mignet hé um *bel homme*. Com os cabellos encaracolados, e uma phisionomia insinuante, e uma figura que lhe corresponde, hé finalmente do genero d'aquelles que Bielfeld nas suas instituições politicas recommenda que se empreguem de preferencia nas Embaixadas. Effectivamente nos seus poucos annos elle tem feito uma brilhante Carreira Litteraria, e dizem as más lingoas que ainda mais na carreira amorosa. Elle conquistou os bellos olhos da Princeza de Belgeoso — que he a principal, e de m.tas outras, de modo que o Espírituoso Conde Beugnot, meu collega me dizia, e a Langlois, *il est trés drole qu'un homme des Lettres est le metier coiffeur universel!* e acrescentou, q̃ houvera um verdr.do favor da p.te das senhoras da alta sociedade p.a obterem bilhetes para virem a esta recepção.

A resposta de M.r de Pouqueville foi fraca e o Discurso de Mignet excellente.

Tomei logar junto a Fauriel, e outro Membro que não conheço.

A analyse deste Discurso de Mignet que traz o Journal des Debats de 27 he mui curiosa ahi diz em honra da m.ma Academia =

«L'Academie Française un peu oisive depuis long-temps, puisse ofrir á sa sœur, la laborieuse Académie des Inscriptions et Belles Lettres = &. O A. do Artigo diz do de M.r Pouqueville: Le Discours de M.r Pouqueville á eu le malheur de succeder á ce Discours. =

§.º 20

Se um Estrangeiro he obrigado a escrever uma lingua Estrangeira como um nacional?

Parece que se deve responder negativamente, tanto mais que entre os mesmos nacionaes todos os sabios se accusam reciprocamente de falta de pureza no modo de a escrever.

Mas para o meu caso, e p.ª responder aqualq.r arguição que a este respeito me possa ser feita, citarei o Exemplo de Duclos, um dos 40 da Academia Franceza e Presid.e d'ella, e ainda mais o do Celebre Archéologo Visconti um dos Membros mais distinctos do Instituto, o qual lhe levantou uma Estatua =

Diz-se no rapport feito a Bonaparte pela Commissão do Instituto em 1810, pag. 60

«Comme M.r Visconti *n'est pas né en France et ne s'y est fixé que depuis un petit nombre d'années*, M.r Dacier Secretaire perpetuél de la classe s'est chargé de revoir l'Estyle de l'ouvrage. =

§.º 21

Duque de Coigny

M.r de Vitrolles com a sua graça costumada contou-nos no dia 28 de Maio, fallando eu nesta personagem que durante a emigração esteve em Lisboa, que era um bello homem, e que foi grande conquistador de senhoras, que era voz publica que elle era amante da Raynha Maria Antoinette, e que elle temendo que uma tal anecdota continuasse a graçar no publico, e que viesse aos ouvidos do Rey, e que lhe fizesse perder a immensa fortuna, pedira ao Duque de Guines que fizesse tudo pelo desmentir. Que poucos dias depois estando elRey á caça e achando-se cançado, se sentara em uns troncos de arvores com elle Duque de Coigny e com o de Guignes, quando momentos depois um cuco veio pousar-se na arvore e começou o seu canto = Cocu, cocu = o Duque de Guignes mesmo por detraz de ElRey voltou-se p.ª o de Coigny e dice-lhe = *Vous voyez que les propos vous suivent partout?* o outro estremeceo, e calou-se!

§.º 22

Sobre o Nilo

Propondo-me a escrever uma dissertação para mostrar que Bruce não fez mais do que copiar Balthezar Telles, conto consultar por essa occasião o grande numero de A A, citados por Cancellieri a pag. 265, 266 das suas Dissertações sobre Colombo.

§.º 23

Academia das Inscripções

ELEIÇÃO DE PARIS

No §.º 12 referi o que se passou na eleição de Guigniot, finalmente na sessão de 2 de junho apresentarão-se como correntes Paris, Mr. Willemain, Anguis, Marcel, Champolion, Buchont. =

O partido de Willemain, isto he o Ministerial tinha empregado todos os meios p.ª o fazer eleger. Assim mandou partir Bournont pai p.ª Marseille, emq.to Naudet se achava na Eleição fizerão vir votar Thierri, cego, e entrevado, o qual veio acompanhado da mulher, da creada, e do creado e apesar disto Paris foi eleito por 17 votos = !

Mr. Paris teve depois pela amizade de Mr. de Salvandy, M.º da Instrucção Publica, a Com. da Legião d'Honra, e foi convidado ás Festas de Versailles. =

§.º 24

Curso d'Archeologia de Mr. Raoul Rochette

Neste 2.do anno que frequento este curso, o Professor trata da Archithetura. Na 1.ª Lissão no dia 30 de Maio fez a introducção. Dice que tratava este anno da architectura Trogloditica a 1.ª de todas, isto hé a architectura subterranea, ou praticada no interior dos Rochedos, 2.º da Architectura á superficie da Terra, 3.ª da dos Egypcios, dos Gregos e dos Romanos = Hé notavel que tendo fallado da Archictura Cyclopeana ou pelasgica não dicesse nem uma palavra da Druidica.

N. B. Vide §.º 40 —

§.º 25

Portefolio

Esta celebre publicação feita evidentemente contra a Russia, e onde apparecem os documentos secretos de diversas Cortes, he curiosissima. Os N.os 18 e 19 contem uns Desp.s do Conde de Neselrod ao Principe de Licreu sobre Portugal, e Espanha de Janeiro de 1827 m.to curioso = outro de Pozo di Borgo sobre o m.mo assumpto ainda mais curioso = 3.º o Despacho de Lord Dudley ao Marquez de Palmella de 22 de Abril de 1828 = em resposta á Nota desta Emb.or á qual elle tinha unido o extracto do meu Despacho =

Em os N.os 20 e 21 — a pag. 132 vem uma tirada contra Palmella = Elle diz que ces hommes nous décreditent chez leurs peuples et cependant obtienent de nous tout l'appui &.

§.º 26

Mr. d'Arlincourt

Fallando-se da Herbagére deste Romancista, em casa de M.r de Fortia, contou Picot a seguinte anecdota = que em outro tempo quando elle publicou o *Solitaire*, negociou com o *Constitutionel* que este Journal publicasse um art.º laudatorio. Apenas elle se publicou, dirigio-se M.r d'Arlincourt ao dos Debats que era então Journal realista, e dice-lhe que estava furioso que um tal Jornal tivesse publicado um art.º a seu respeito,

e seu louvor, que o maior favor que lhe podia fazer, era publicar outro mais largo, e mais importante! Tempos depois desmascarou-se este plano, e veio o dos Debats a saber toda esta manobra =!

§.º 27

Sobre os erros d'alguns Escriptores concernentes ás populações dos antigos Povos.

Ha perto de 2 annos que eu desenvolvi este ponto em uma carta à M.r Mielle, ultimamente veio que as m.as asserções são seguidas p.r outros Escriptores. M.r de Richerau na sua celebre obra=*De la population*, que appareceo neste mez de Junho sustenta o m.mo e ultimamente um art.º no Journal da Société d'Estatistique Universelle = N.º 23 -- de Maio de 1837 — pag. 654 = em uma Nota extrahida da obra de sir Francis d'Ivernois.

§.º 28

Sobre a prisão por Dividas

No Journal de la Statistique Universelle de Maio 1837 -- pag. 673 vem um artgo m.to curioso a este respeito, e que he digno de lêr-se.

Entretanto a prisão por Dividas, e o restabelecimento desta lei civel por Tarquinio o Tyrano foi uma das causas da destruição da realeza =

§.º 29

Mr. Berger de Xivray.

A Entrada na Academia das Inscripções he objecto dos votos de quasi todos os Litteratos Francezes. As difficuldades p.a a admissão são immensas. He necessario preparar o caminh.º m.tos tempos antes, seguir um systema d'estudos com preseverança, e mais que tudo fazer a côrte aos Academicos, já com vesitas, já assistindo com assiduidade ás Sessões, já dedicando-lhes obras.

Entre os pretendentes do meu tempo nenhum tem seguido este plano mais methodico e assiduamente que M.r de Xivry = Elle tem a recomendação de Bielffeld. — Boa figura, optima physionomia e m.º bôas maneiras, unidas a m.ta gravidade —

A sua obra = Traditions Teratologiques foi impressa na Imprensa Regia = mas a dedicatoria foi feita a M.r d'Humboldt, membro influente no partido Arago da Academia das Sciencias, em quanto elle obteve por outro lado um rapport favoravel na m.ma obra da m.ma Academia, e as honras de um artigo no Journal des Savans =

Por outro lado, elle escreveo uma outra Brochura, e dedicou-a a M.r Brissonade com uma pomposa dedicatoria, mas como este Academico não tem a maioria, arranjou debaixo do pretexto do Museo do Principe de Canino, um art.º no Journal dos Debates de 15 de Junho de 1837 m.to

curioso, alli os elogios fervem á Raoul-Rochette, Emeric David, Naudet, e sobre tudo a Lajard que tem grande influencia na maioria=Buscou pois com habilid.[e] captalos todos, e m.[to] a Quatremére de Quincy =

§.º 30

Portefolio

CONTINUAÇÃO DO § 25

Em o N.º 1 vem com o tt.º. De l'État présent et de l'avenir de l'Allemagne pelo Conde de Benistorff, entregue a ElRey da Prussia, um documento do mais alto interesse politico, mas a Memoria com o tt.º *observations sur ce Memoire* que vem em o N.º 2 excede tudo quanto tenho visto nesta materia, pelas questões d'Estado que alli se discutem. Entre as passagens notaveis que alli se encontram vem a seg.[te]

«Comme il est plus facile d'apprendre par cœur le pétit Cathecisme des Droits de l'homme, que d'Etudier le grand tableau de l'histoire Universelle avec ses exemples, et ses leçons, il se trouvera precisement plus de connaisseurs pour accepter le premier, que de disciples pour approfondir la science historique. =

Este papel he mesmo considerado pelos Redactores inemigos como são da Russia, como obra prima.

Em o N.º 5 vem um desp.º do Principe de Sieven datado de Londres de 4/16 de Janeiro de 1829 — com o n.º 7 sobre o Ministerio Inglez, a sua posição, e neg.[os] d'Inglaterra, que he igualmente da maior importancia. Alli diz o Principe que o caracter politico do Duque d'Wellington se lemita a meias medidas. O seguinte §.º mostrará melhor do q̃ tudo que eu possa aqui dizer.

«Mais le cours de son administration prouve qu'en effet il á toujours «hésité á se prononcer d'une maniére positive, et que quand les circon«stances l'on forcé à prendre une résolution, il ne s'est jamais arrêté qui â des demi-*mésures*.

«La marche qu'il á suivie dans les evenemens de Portugal lui occa«sionerá probablement des discussions trés épineuses. Les rapports qui «unissent ce pays á l'Angleterre sont trop intimes, pour que ces affaires «ne soient pas d'un intérêt pour ainsi dire national, et la politique incer«taine et timide que le Duc á adoptée dans cette question, sera difficile à déffendre —

Tudo o q̃ se passou em a negociação portugueza prova este verdade. Lord Aberdeen p.[r] m.[tas] vezes dice a Zea, e ao Visconde d'Asseca, que sempre que fallava ao Duque no neg.º de Portugal, o neg.º recuava mil leguas.

Quando já estava marcada a audiencia de recepção do visconde, foi o Duque nos ultimos paroxismos m.[mo] do seu Ministerio, que o fez de todo abortar! Foi elle que com a exigencia do Decreto para ser apresentado ao Parlamento fez perder tudo!

Em o N.º 6 vem outro Desp.º de Posso di Borgo datado de 22 de

Dbr.º de 1826 — em que acerca do Marquez de Monstier Emb.ºr de França em Madrid, contra o qual Francisco d'Almeyda fez uma famosa tirada na Camara dos Pares = diz Posso = (França) e Inglaterra. —

«Celui de Londres de ne pas se prononcer favorablement sur le sort de D. Miguel et celui de Paris de se faire représenter par le Marquis de Monstier, instrument odieux aux réprésentants de tous les souverains de l'Europe à Madrid et infidéle á son propre gouvernement.

§.º 31

Exagerações dos Combates em Hespanha

No Journal dos debates de 17 de Junho vem um artigo extrahido do Journal de Madrid = La Verdad = que teve a paciencia de fazer uma somma sobre os dois jornaes officiaes, da Gazeta de Madrid, e da Gazete d'Oyscate — cujo resultado he o seg.te.

Assim seg.do os jornaes officiaes os Generaes Christinos, e Carlistas baterão-se em 447 Batalhas, 1:058 Escaramuças, e em 609 encontros, o que forma 2:114 vezes o que em razão de 1:095 dias pelos 3 annos que decorrerão desde 1833 dá dois encontros por dia.

Os dois partidos deixarão mortos no campo 314:658 mortos e fizerão-se reciprocam.te 160:626 prisioneiros. Matarão 460 generaes e apprehenderão 2:142 peças d'artelharia!

§.º 32

Grandissimo Navio Portuguez

Em um artigo de *Correa de Sá* da Biographie Universelle = vem citado o navio que Martim Correa de Sá fez construir, o maior que jamais se vio. Tinha a quilha 160 pes de comprido = !!

§.º 33

Recherches Philosophiques sur les Américains par Pauw

Esta obra he bastante curiosa sobre tudo pelo Estilo epigrammatico do A. produzirei alguns exemplos 1.º = fallando de *Riccioli* diz, *cet impertinent calculateur qui du fond de son cabinet* répandait partout des nuées des déluges d'hommes, n'en plaçait pas moins de trois cents milions en Amerique.

ANECDOTAS

Pauw — Tom. 2 refere Que Henrique 2.º de França fora convidado p.ª ser padrinho de um f.º do Gram-Turco, e o Imperador Turco Bajazet 2.º escreveo ao Papa Alexandre 6 uma carta na qual elle supplicava a S. S.de de dar um Chapeo de Cardeal ao Arceb.º d'Auvergne no qual conhecia dizia o Sultão *uma inclinação secreta á se faire Musulman!*

§.º 34

No §.º 29 tratei de M.r Berger de Xivray agora publicou outro artigo no jornal dos Debates de 29 de Junho = *Sur la publication des Cartulaires* bastante interessante.

§.º 35

Carli = Lettere Americane

Este A publicou originalmente em Italiano em 3 Tomos as suas Cartas Americanas = Milão 1786 = com o fim de combater Pauw, mas a erudição, a profundidade, e mais que tudo a critica deste ultimo offereceo a Carli difficuldades taes p.ª o combater, que elle apenas falla nelle com elogio, e quando o pretende contradizer o faz com tal timidez e inconcludencia, que as suas observações contra o sabio Allemão cahem todas, e não valem absolutam.te nada.

Carli adopta todas as idéas Platonicas sobre a Altantica, todas as de Diodoro da Sicilia, e em geral dos antigos — neste numero não faz m.to escrupulo de admittir as fabulas do Hercules Egypcio &.

§.º 36

Exagerações dos Antigos

ESCOLA D'ALEXANDRIA

Por exemplo o n.º das obras de Callimaco = deixou segundo uns 80 vol. de suas obras — 800 seg.do outros, e seg.do outros 8.000 ! ! esta ultima versão he de *Suidas*. Voy Bibboth. Grec. de Fabricius = Liv.º 3. cap. 17.

2 — o n.º das obras d'*Aristarco de Samos* — he de 800 = ! !

SUIDAS !

Mas estes volumes erão simplesmente rôlos e portanto uma dissertação das nossas de 6 folhas de papel, era então contada por uma obra =

§.º 38 [*a*]

Queixão-se em a nossa Epoca da multiplicidade dos Resumos, e dos seus inconvenientes, e tem razão, mas o mundo de hoje he tão pouco applicado como era a maior parte delle no tempo dos Romanos e dos Gregos. Estes ultimos já compunhão resumos antes mesmo do seculo d'Alexandre, e m.to mais no tempo dos primeiros que gostavão deste genero de leitura —

[*a*] Do § 36 passa immediatamente para o § 38.

A m.mo tempo que se propagavão estes Epitomes, uma outra calamidade de genero novo veio invadir a litteratura Romana, isto he a dos Romances historicos, a mais facil, e a mais funesta de todos os generos de composição.

§.º 39

Contra a possibilid.e do Periplo de Necos ao tour de l'Afrique

Les connaissances géographiques de l'Ecole d'Alexandrie resterent longtemps trés imparfaites quant aux regions de l'Asie, quoique Ptolémée lui même eut été de l'expédition d'Alexandre, quoique Androstene, Néarque, Onésicrite eussent été chargés par Alexandre de reconnaitre par mer les côtes meridionales de l'Asie, quoique enfin Mégasthene et Daïmacclus eussent publiés des details sur l'Inde.

§.º 40

Archeologia

Assisti este anno a 11 lições do curso d'Archeologia. Faltei só a uma. Os resumos publicão-se no Echo du Monde Savant.=

§.º 41

Histoire Romaine de Niebuhr et Mr. Raoul Rochette

Tudo quanto escrevo nestes volumes des Miscellaneas não tendo outro objecto mais do que conservar aqui algumas observações que me occorrem sobre diversos objectos, afim de poder recordalas sem recorrer novam.te a Livros difficeis de tornar a ler, e mesmo a factos que se não repetem, não tendo, digo, outro objecto, se algum dia as encontrarem não julgem que as fiz com outro algum proposito senão o que deixo referido, e ao m.mo tempo p.a meu particular estudo. Não são pois, p.a criticar pessoa alguma, e ainda menos um Sabio das qualidad.es pessoaes mesmas de Rochette.

Lendo agora a Historia Romana, de Niebuhr ou antes a Biographia deste Sabio que Golbery publicou no Tomo 2.º encontrei em uma nota o seg.te que me provou a razão por que Rochette atacou Niebuhr na Lição do Curso da Archeologia do anno passado (Lição de 26 de Julho de 1836) vid. Tom. 4 destas Memorias p. 78 §.º 31)=aliaz p. 81.

«Niebuhr vouait á M.r Letronne une estime particuliere, et il avait «coutume de dire *qu'á lui seul il valait toute une Academie.*=

Ora Golbery que he da m.ma opinião de Letronne, produzio á celebre explosão de Rochette contra Niebuhr por este conceito que o celebre historiador fazia do seu antogonista!

Esta obra he antes uma collecção de dissertações criticas sobre a historia da antiga Roma, do que uma historia de Roma propriamente dita.

He comtudo de uma erudição vastissima. Hé obra para estudar, e não para ler. Cada capitulo contem uma abundancia tal d'observações criticas acompanhadas de citações que só por si e destacados offerecião materia para outros tantos trabalhos Academicos, e para as meditações, e estudo de uma semana.

Entretanto no meu entender um grande defeito desta obra consiste em que o A. discutindo as tradições, e origens dos differentes povos que habitavão a Italia antiga, empregando uma vasta erudição philologica, para descrever muitas vezes o assento, outras a transmutação de um povo, emprega os nomes primitivos sem jamais os acompanhar de uma Synonimia que era indispensavel neste labyrintho; trabalho bem facil por certo p.ª um homem de tal saber. Se pois tivesse juntado a synonimia, e a esta a geographia comparada a sua obra seria estupenda, e o seu estudo muito mais facil e proveitoso. Assim tal qual a escreveo o leitor tem que fazer outro trabalho penosissimo para a estudar, e consiste em recorrer a mil outros trabalhos para fixar a synonimia, e a geographia comparada. Por outra parte julgo que uma tal obra exigia uma collecção de cartas systematicas para uma intelligencia perfeita da materia. Cartas nas quaes se mostrasse successivamente as alterações territoriaes, e os movimentos dos povos que se succedião uns a outros. Pelo menos algumas conformes ás que se encontrão na preciosa obra de Rock p.ª uma epoca modernissima que aliáz está ao alcance de todo o homem instruido, quando aliás a parte tratada por Niebuhr remonta não só á mais remota antiguidade, mas tambem a um dos periodos historicos mais obscuros e difficeis de entender. He pois para deplorar que o sabio, e laborioso traductor não tivesse remediado tampouco este deffeito.

A opinião do autor sobre os Etruscos he tão curiosa que a transcrevo aqui.

«Les ruines de leurs villes (Etrurie) les monumens de leurs arts, qui se présentent si nombreux á nos découvertes, l'Esprit national des Toscans, qui voyaient en eux leurs aiieux (Les Tuci) et qui s'en orgueilissaient, tout enfin jusqu' aucharme énigmatique d'une langue entiérément inconnue, tout á fixé l'attention des modernes sur les Etrusques, de preférence á tous les autres peuples de l'Italie. Aujourd'hui ils sont infiniment plus célébres, plus honorés qu'ils ne l'etaient au temps de Tite Live. Malheuremement cet interêt n'a pas été toujours acompagné d'un égal esprit de critique, et de sincerité : ou n'a pas voulu de contenter de savoir ce que les recherches peuvent atteindre, et nulle partie de la litterature relative á l'histoire ancienne ne contient autant de choses inintelligibles légères, inutiles, ou même trompeuses, que ce que l'on á ecrit sur la langue, et l'istoire de l'Etrurie depuis *Annius de Viterbe.*

Opinião do A. sobre aquelles Historiadores que quizerão conquistar as Fabulas p.ª a Historia.

Elle mostra que os successos que obtiverão forão m.to variados.

As nossas Chronicas antigas da Idade Media podem ser comparadas pelasua magreza aos Annaes dos Pontifices, nos antigos tempos de Roma, de cuja magreza se queixava Cicero. Elles durarão até ao tempo dos

Gracos. Taes Chronicas como aquelles provão que ainda não havia uma litteratura formada.

Falando nesta obra a M.r de Fortia, respondeo-me logo que não valia nada. Que M.r Artand querendo em Roma apresentar Niebuhr ao celebre antiquario Carlo *Feu*, elle se recusara a recebelo dizendo como quer v.e que eu receba um homem que diz ***que Roma não existira!***

Herrera dans son Manuel de la Litterature Classique pag. 364 atacou-o tambem fortemente, e diz que mais uma obra critica, do que historica, e que os esforços do A. são dirigidos a derrubar tudo q.to tem até hoje sido admittido.

§.º 42

Antiguidade da nobreza plebea pela riqueza

Em nossos dias que tanta bulha fazem os homens ricos que constituem uma nova nobreza, e que tanto se tem gritado contra esta transformação aristocratica podiamos dizer que se esquecem aquelles que disso se admirão do que dizia á mais de 2.000 annos Aristodemo auctor dos Reis d'Esparta = *L'argent fait l'homme.*

Entre os Romanos a riqueza, e não o nascimento sem fortuna servia de base á Aristocracia plebianna quando se tratou de constituir debaixo de novas formas.

§.º 43

Quando me increpão por não apparecer agora tanto em Sociedade lembra-me responder como Montesquieu. *J'aime les maisons où je puis me tirer d'affaire avec mon esprit de tous les jours.*

§.º 44

Salviano escriptor do 5.º seculo

Curioso art.º no jornal dos Debates de 19 de Setembro — nova traducção por Grégoire, et Collombet 2 vol. (Paris, Bohaise Boulevard des Italiens 10 —).

§.º 45

Millin = Dictionnaire des Beaux Arts

Entre os artigos fraquissimos deste diccionario vemos 1.º da Architectura. He magrissimo. Não diz nada, nem entra em detalhes sobre a Architectura primitiva, a Troglodytica, a Pelagica & = 2.º o Artigo *Voute* he tambem fraco =

§.º 46

Historia das Descobertas na America —

M.r Terneaux acaba de publicar tres novas obras sobre as primeiras Relações das descobertas na America — a saber.

1.º Historia da viagem de Ulrich Schmidel no Rio da Prata e entre os Indios que habitão as margens deste Rio publicada em Nuremberg em 1559 — e feita nos annos de 1544 a 1553.

Esta relação he interessante. O A. conta os factos com clareza. Elle apresenta um Quadro dos soffrimentos e fadigas que os Espanhoes sopportarão, e das tyrannias que cometterão e das suas divisões e contendas produzidas pela ambição —

§.º 47

Das difamações dos homens celebres nas Guerras Civis.

As difamações, e as injurias dos partidos uns contra os outros em nenhuma epoca forão mais pronunciados do que no tempo das Guerras Civis de Roma.

Vê — attacar o partido de Salustio, e Salustio mesmo a Cicero e a toda a sua familia com injurias publicas contra sua propria molher, e filha, e Cicero por sua p.te attacar Salustio pelos seus deboches — e na verdade quando se considera que este celebre escriptor toda a raiva que tinha a Millon era proced.a por este o ter feito açoitar com urtigas pelo ter sorprehend.o em flagrante adulterio com a sua mulher.

§.º 48

Vida do grande Infante D. Henrique por Candido Lusitano =

Esta obra não preenche o fim a que o A. se propoz nem satisfaz o leitor do seculo 19 — Um largo volume de 4.º escripto sem duvida em bôm estylo he occupado mais de meio com a Conquista e Guerra de Ceuta, e com as harengas e Discursos, de que os nossos Escriptores recheados, e embebidos dos conhecimentos da Litteratura Latina põem a cada passo na boca dos differentes individuos, e personagens, arengas que já um escriptor d'antiguidade registava como fabricadas = *é só paginas para produzirem effeito.* =

A parte das descobertas que era justamente a mais importante copía Barros, e como todos deixa-nos em jejum sobre os detalhes mais importantes quanto á sciencia que as predipoz. = ! Logo em principio p.a não deixar de relatar alguma cousa extraordinaria diz que o *Infante nascera com uma cruz esculpida no peito* signal que depois se verificou nas conquistas que fez =

§.º 49

Masdeu = Hespanha antiga.

Este autor na sua Espanha Phenicia em logar de tratar do Estado da Espanha no tempo deste celebre povo, trata pelo contrario de compor um resumo da Historia delle, e das suas colonias no Egypto!

Já M.r Fauriel me tinha dito á m.to que este Escriptor não valia nada e que não tinha critica. Não adopto a 1.a opinião, mas conformo-me com a 2.a —

Em a compilação da Historia de Denham, e dos Allemães por M.r Paquis (Paris 1836) pag. 700 = diz q.to a p.te da Historia dos Arabes que elle comettera immensos erros por não ter consultado os historiadores do Languedoc e d'*Assemani* =

§.º 50

Arabes em Espanha

Estado das Academias por elles fundadas e suas Bibliothecas = Consultei uma obra curiosa na Bibliotheca R. publicada em 1811 por Middelidorph = em Gottinga com o tt.º «Commentario de institutis litterariis in Hespania, quæ Arabes auctores habuerunt».

M.r Dubeux apezar d'Orientalista dice-me que a não conhecia =

Contem 65 pag. M.r Reynaud tambem a não conhecia!

§.º 51

Lingoas orientaes

Uma grande parte dos homens de saber aqui não tem grande confiança no saber dos orientalistas principalm.te de certas lingoas Asiaticas.

Uma prova dada ainda á pouco sobre a lingoa Phenicia, e que se encontra no Journal Asiatico mostra esta verdade. He uma Nota do Abb.e Arri Academico de Turim em que mostra que em uma Inscripção Bilingue de Liptis 4 ou 5 orientalistas a lêem de differentes formas, e estas tão disparatadas que nenhuma palavra se encontra da outra!! O Facecio Jacquemont nas suas Cartas da India no Tom. 1.º diz com espirito a este respeito. = J'ai renoncée á comprendre á la Theogonie Indoue. Je suis persuadé qu'elle a toujours été un inintelligible galimathias pour les Européens qui ont prétendu l'expliquer, Bernier, Sir W. Jones &.

Entretanto se o Estudo da theologia Indiana he ainda um laberyntho, o das Lingoas orientaes tem effectivam.te feito grandes progressos nestes ultimos annos = Mas Jacquemont como muitos homens de saber não reconhecem que de tal estudo se tire proveito. Este author tinha voto na materia p.r que as tinha estudado. Sabia o Sanscrit, o Persa e o Indus-

tani = Entretanto elle diz Ibi pag. 222 = *Le Sanskrit ne ménerá á rien qu'au Sanskrit*. Le mécanisme de ce langage est admirablement compliqué, et neamoins, dit on, admirable. &.

(Vid. a continuação pag. 222 e conclue pag. 223 =

«La mode du Sanskrist, et de l'Orientalisme littéraire en genéral durerá cependant, parce que ceux qui auront passé ou *perdu* 15 ou 20 ans á apprendre l'arabe ou le sanskrit n'auront pas la candeur d'avouer qu'ils possedent une science inutile. —

O caso he que os orientalistas m.^{mos} estão devididos em uma guerra philologica quasi igual á dos antigos Diplomatistas. Os de Paris dizem que Peyron não sabe o Copte, Peyron diz que elles o não sabem! &.

(Vid. tambem Tom. 2 — pag. 72 sobre Wilson) e sobre tudo a pag. 204, 293, 307 e 322 —

§.º 52

Recherches Historiques et Géographiques sur le Nouveau Monde par J. B. Scherer — Paris 1777 = 2 vol. de 8.º

Mr Routain Sub-Bibliothecario do Instituto dice-me que esta obra não valia nada, e entre tanto não só he erudita, mas mesmo Mr de Humboldt tirou ou antes bebeo nella algumas ideias para a sua ultima obra. =

O que me parece entretanto he que o A. buscou argumentos em generalidades de costumes identicos que se encontrão em todas as nações sem que d'ahi se sigão que ellas provenhão da m.^{ma} origem. As noções que compilou sobre as navegações e Colonias Phenicias, e que pruduz de pag. 139 em diante são curiosas, e sobre a pertença navegação á roda d'Africa do tempo de Necos. —

Tem o fragmento de Platão no Timeo, sobre a Atlantica, mas além da mythologia que transluz neste fragmento, a discripção de uma porção desta parece ser a Peninsula Iberica considerada como uma Ilha = Visto que elle diz = Ao mais moço dos filhos, elle deo &. chamado *Eumelus* em grego, mas na lingoa do paiz *Gadirus. Este f.º teve em partilha* uma das extremid.^{es} da Ilha, a saber a que fica situada ao pé das columnas d'Hercules, e no paiz que se chama em nossos dias Gadira, que tomou o nome do seu possuidor.

§.º 53

Cours d'Histoire Ancienne par M.^{r} Ch. Lenormand =

A questão do provimento da cadeira d'Archeologia Egyptiana no Collegio de França, vaga pela morte de Champolion, acendeo uma guerra d'ambições extraordinaria, e portanto uma destas guerras litterarias que á muito se não vião. Os candidatos, e os seus am.^{os} recorrerão á Imprensa para desfazerem o seu mao humor, e entorpecerem pela pertendida opinião publica a nomeação dos seus respectivos antogonistas.

Os candidatos erão 1.º *Salvolini* antigo companheiro de Champolion na viagem do Egypto, e autor de diversas obras sobre a Archeologia Egypciana = 2.º Guérard = Professor á l'école des Chartes = 3.º Dr. Dujardin sabio orientalista = 4.º Lenormand companheiro de Champolion, e conservador da Bibliotheca = 5.º M.r Lajard do Instituto.

A antiga indisposição de Paris contra Guérard fez que o 1.º publicasse no folheto da Quotidiénne uma horrivel diatribe contra Guérard para demonstrar a sua incapacidade, e por essa occasião passou em revista os outros candidatos, e pretendeo provar que o unico que tinha titulo para obter a Cadeira era Lajard pelo seu estudo das antiguid.es orientaes.

Entretanto como o art.º não era assignado, forão diversos caracterisados de autores entre outros M.r Rochette. Letronne servio de Medianeiro entre Rochette e Guérard, e derão-se explicações reciprocas, e ficarão bem. Em consequencia deste bom procedimento de Letronne = Rochette concertou-se com elle p.a não escreverem mais um contra o outro.

Mas Dujardin exigio explicações e Paris vio-se obrigado a escrever-lhe declarando-lhe que o A. do Art.º da Quotidiénne era elle = Quanto a Lenormand — Dujardin publicou na Revue des Deux Mondes um artigo furioso contra o curso que elle fez no collegio de França, isto hé sobre a obra em questão, e Salvolini publicou igualmente a Traducção dos hyerogliphicos do oblisco de Lucqusor, onde igualmente ataca Lenormand.

Tal he o estado desta guerra curiosa athé este momento.

§.º 54

Gnomon de Florença

N. de Barros membro d'Academia de Berlim, e correspondente da de França, escreveo ao Jornal des Savans uma carta m.to erudita, e que foi publicada em o caderno de jan.º de 1758 pag. 14 em que defende os Portuguezes, mostrando que nenhum estrangeiro isto hé nenhum conselho de sabio estrangeiro cooperou para a sua famosa descoberta das Indias Orientaes.

§.º 55

Academia das Inscripções

SESSÃO DE 24 DE NOV.º 1837 —

1.º O Presidente leo uma interessante e larga carta de M.r Corécy [?!] orientalista discipulo de M.r Etienne Quatremere, que vai viajar na Persia, e na Palestina.

2.º M.r Matter continuou a lêr as suas Memorias sobre o Museo, e Bibliothecas d'Alexandria.

3.º M.r Guérard leo um trabalho sobre os pesos, e medidas do tempo dos Reis da 2.ª Raça.

Nesta memoria mostrou elle que no tempo de Carlos Magno havia um systhema de uniformidade de pesos, e medidas — e que desde os Romanos até áquella epoca tinhão sido invariaveis —

§.º 56

Vie de Mohamed. Texte Arabe d'Aboufeda, acompagné d'une traduction Française et des Notes par A. Noël Des-Vergers

No §.º 51 dicemos alguma cousa sobre o estudo das Lingoas orientaes, aqui continuaremos a mencionar que m.mo o celebre erudito Dr. Vincent na viagem de Nearco, pag. 538, nota 2 — observa quanto as nações orientaes á falta de materiaes historicos —

Ora tudo quanto se póde ler de mais insipido na classe de monumentos historicos he esta vida de Mahomet; e este escripto he obra de um dos mais famigerados Authores Arabes!!

Alli figurão como comparsas importantes os Camellos maxos e femeas, as relações são magrissimas, e destituidas da menor critica, o Estilo he de uma avidez, e de uma secura tal que duas linhas bastão para fatigar o leitor. Abouféda não cita os Escriptores Arabes donde extrahio a sua compilação de modo que não sabemos, ou não sei, se foi elle quem originalmente a escreveo, ou se houve q.m o precedesse visto que elle viveo no seculo 13!

Entretanto uma observação importante se colhe desta leitura, e consiste em que pasma-se de ver como um impostor pode abusar da credulidade de um povo barbaro!

§.º 57

Construcção Naval dos Antigos

Muitas obras se tem escripto sobre esta importante materia mas as duvidas existem ainda a este respeito quasi no mesmo estado pelas contradicções dos textos, e pelas diversas interpetrações dos commentadores.

1.º — Schœffer = *De Militia Navali Veterum* =

2.º — Dissertation du Pere de Languedoc sur les Trirémes. Paris 1721.

3.º — Wossius in Grevius.

4.º — Memoires de Roy dans le Tom. 38 de Memoires de l'Academie des Inscriptions — p. 542 —

5.º — Monstesquieu = Grandeur et Décadence des Romains = (12 pag. 33 e sui.tes

§.º 58

Antonio Galvão — Descobrimentos antigos e modernos

Este escriptor sendo já do seculo 16 e da mais bella epoca da nossa litteratura, tendo lido bastante das obras dos antigos como se vê pelas

suas citações no texto, não tem critica nenhuma, a ponto tal que não só refere as Circunnavegações d'Africa pelos antigos, principalmente a de Necos, sem citar Herodoto, e sem o combater, mas a pag. 12 acredita nos Peixes que se pescavão nos Mares da Africa Oriental, e que *andavão em pé nas agoas, e que tinhão rostos e natureza de mulheres, com que os pescadores se desenfadavão quando os tomavão!!!*

Ainda não fica aqui = accrescenta = «e se os vendião davão-lhes jura-«mento se dormião com ellas, e se o não fizerão então lhos compravão, e «d'outra maneira não lhes davão por elles nenhuma cousa!!!

Ora acresce que a ultima edição foi publicada em Lisboa em 1731, e dedicada ao Conde da Ericeira Vice-Rei da India — e nem o editor accrescentou uma nota para refutar estas patranhas, mas o Conde vivendo já em um seculo em que havia mais critica deixou-o imprimir ainda!

Chegando ao V seculo á invasão dos Povos do Norte (pag. 15) diz no anno de 474 se perdeo o Imperio de Roma, e depois disto vierão os Lombardos a Italia *no qual tempo andavão os Demonios tão soltos polla terra que tomavão* as figuras de Moysés, e os Judeos enganados forão m.[tos] no mar afogados!

Antonio Galvão introduz na sua obra como Descobrimento Modernos as viagens de Damião de Goes feitas na Europa!

§.º 59

Anecdota sobre o Tumulo de Guilherme Conquistador

Mr. Eyriés, fallando-me das bellezas de architectura da Cathedral de Rhoan dice-me que os revolucionarios destruirão no 1.º Vandalismo m.[tos] dos tumulos dos Duques de Normandia que alli estavão, mas que o de Guilherme Conquistador que se conserva em Caen escapara em consequencia de um individuo do comité de destruição quando um dos Membros propoz a destruição ter dito = Quem é o estupido que propõe tal? Acaso Guilherme não era Normando como nós, e não conquistou elle a Inglaterra? Havemos nós consentir que se destrua o tumulo do nosso compatriota que conquistou esses nossos mortaes inimigos, e tanto mais que elle era filho de uma P...? Esta brava eloquencia fez tal effeito que o tumulo foi conservado, e o facinora expulso da Assemblea!

§.º 60

Academia R. das Sciencias de Lisbôa = 1837

Apareceo finalmente o Tom. 12, P.[te] 1.ª mas pela primeira vez desde a fundação da Academia alli se não publicou o Discurso dos trabalhos do anno precedente recitado na sessão Publica!

Ou não houve sessão publica primeira vez que tal acontece, ou o não quizerão publicar para não comprometterem o A. Secret.º perpetuo no futuro e no Estado de Divisão de partidosp oliticos em que se acha o Reyno. Tampouco alli se não inserio a Lista dos Socios conforme o costume!

§.º 61

Mr. Rastoul Professor de Historia ao Pritaneo das Lettras de Paris —

No dia 17 de Fev.ro 1838 — me foi apresentado aqui em casa por Mr. Avellar este joven Professor que pretende obter de mim noções sobre Litteratura da Peninsula.

No m.mo dia recebi uma carta pedindo-me o Conde p.a receber o Dr. Moura que se occupa de publicações d'Antiguid.es que deseja igualmente que eu o aconselhe, e lhe dê noções sobre este objecto.

§.º 62

Museo do Conde de Pourtalés —

No dia 28 de Fev.º 1838 — fui com o meu Collega Lajard do Instituto e com o celebre viajante inglez Robert Stwart visitar o Conde de Pourtalés, e vêr as suas preciozas galerias.

M.r de Pourtalés recebeo-me optimamente, e me mostrou tudo.

Hé incrivel a profusão, e preciosidade deste Museo.

A collecção de estatuas he uma das mais preciozas. Tem um Busto unico de Crispina — outro de um Apollo que pertenceo á villa Justiniani —

A collecção de Vasos Gregos, e Etruscos pareceo-me melhor que a do Museo Blacas, mas m.to inferior á do Museo Durand; dos quaes possue alguns. M.r R. Rochette descreveo alguns no Journal des Savants —

A collecção de Pedras gravadas he rica, mas não consideravel.

A de Bronzes pequena mas tudo *des morceaux de choix*, entre outros uma armadura completa de um gladiador.

A collecção de joias romanas lemita-se a um collar em oiro, e em outros pequenos ornatos, e uma *Bulla* sem inscripção, et de fórma redonda como as descriptas por Ficoroni —

A collecçãò de obras de Marfim do xv e xvi.e seculo he precioza posto que não conterá mais de 20 objectos.

A collecção de objectos Egypcianos he insignificante. Não tem m.mo uma collecçãò d'*Escarabées Sacrés*..

A ultima sala que elle mandou construir segundo o estilo da Idade de Média, contem uma grande quantidade de objectos pertencentes a esta Epoca, mas não todos da melhor escolha, ainda que não pode ser comparada esta collecção com a de M.r de Souvrast.

A collecção de Pinturas he de primeira ordem. Possue quàdros dos primeiros mestres de todas as Escolas, e entre outros uma das mais bellas producções de Velasques.

Depois que o Conde construio o seu novo Hotel, e galeria na Rue Tronchet, escrevi-lhe para lhe apresentar o meu collega Thomaz Wright, e elle logo permittio que alli fossemos vêr o novo Museo e alli encontramos M.r de Irsaeli, celebre Membro do Parlamento Inglez.

§.° 63

Hespanha Antiga

PLINIO = COMBATES DE ANIMAES ENTRE OS HESPANHOES =

Plinio diz Liv.° 8.° que os Espanhoes pensão que os miolos do Urso contem um preservativo contra os maleficios. He por isso que elles queimão as cabeças dos Ursos que são mortos nos seus espectaculos =

§.° 64

Lusitania

PLINIO LIV.° VIII = (VER PAG. 480 ET LA NOTE 45) =

No Liv.° 9 — Chap. 5. *De Tritonum* começa
«Tiberio Principi nunciavit Olysiponensium Legatio ob id missa, visum auditumque in quodam specu conchâ canentem quam noscitur forma.»

Des Députés de Lisbonne vers l'Empereur Tibere, venus exprés à cet effet lui annoncerent que dans une certaine grotte un Triton l'était montré sous la forme que l'on connaît aux Tritons et qu'on l'avait entendu sonner de la trompette!

§.° 65

M.r Letronne em uma cota marginal de sua lêttra no Exemplar dado á Bibliotheca = das suas *Recherches sur le Livre = De Mensura Orbis Terrae de Dicuil*, retracta-se do que diz no texto impresso —

Vid. pag. 106.

§.° 66

Des origines du Theatre par M.r Magnin

O 1.° volume desta obra apenas publicado foi em geral bem acolhido m.me por alguns dos mais difficeis paladares dos Academicos, entretanto fallando eu com M.r Walchenaer sobre este assumpto, elle respondeo-me: Oh bas! *c'est une erudition de second main*, e notou-lhe erros, entretanto em consequencia d'algumas observações que lhe fiz conveio que a disposição era feita com habilid.e mas accrescentou: = Tout y est Theatral, de maniere qu'on pouvait d'aprés son systéme dire que la messe est aussi une partie du drame!

§.º [67]

Das Citações

Nas Mem. d'Academia das Inscripcções Tom. 34 sobre a necessid.ᵉ das citações nas obras d'erudição == se diz que as obras dos antigos erão de uma pasmosa erudição — ora para prova M.ʳ de Burigny == produz os exemplos d'Strabão que cita mais de 320 autores ==

Deniz do Hallicarnaso, grande critico, e contemporaneo de Strabão que cita 70 —

Plutarco cita 544 — AA.

Plinio o antigo, consultou 2.000 volumes, e 100 AA. escolhidos ==

NB. ora estes volumes não erão como os nossos — veja-se o que escrevi a este respeito sobre as obras de Calimaco, e de outros da Escola d'Alexandria nestas minhas memorias.

A' vista do que deixo referido posso afoitam.ᵗᵉ dizer áquelles q̃ julgarem as minhas Dissertações pelo formato, que reparem bem que uma só de 50 pag. contem mais de 150 AA. citados! Vid. Mem. ou Recherches *sur l'Epoque* de l'Introduction de la manufacture de soie dans la Peninsule Ibérique, Paris 1838 —

Recherches sur Vespuce, 190 pag. mais de 300 AA.

§.º [68]

Defeitos da G.ᵉ obra de Malte-Brun

A' m.ᵗᵒ que alguns litteratos me tinhão prevenido de me não confiar nas citações delle. Entre outros M.ʳ de Fortia que lhe tinha mostrado a elle m.ᵐᵒ um sem numero de citações erradas. Mas M.ʳ Walkenaer foi mais adiante em consequencia do que eu lhe dice de ter encontrado n'este A. a citação de um facto do Reinado de Justiniano attribuida a Ammiano Marcellino Escritor que vivera um seculo antes d'aquelle Imperador, M.ʳ Walknaer foi mais adiante digo por que me referio os seg.ᵗᵉˢ factos ==

Que os plagiatos de Malte-Brun forão taes que não se limitavão a pequenas passagens dos AA. roubados, mas a grande numero de paginas, e que depois de ter transcripto e aproveitado os textos delles, refutava-os! Estes plagiatos forão taes que foi attacado em *contrefaçon* por meio de um processo.

Comprou a M.ʳ Eyriées a traducção que elle fizera da Historia das Descobertas de Sprengèl, e que o Mss. transcreveo todo, e deo-o como seu!

Entre tanto apezar de tudo isto esta obra gosa da maior reputação tanto em França, como no resto da Europa.

M.ʳ Walkenaer accrescentou m.ᵐᵒ que p.ʳ esta occasião appareceo uma Brochura com o tt.º — *Maniere d'être savant au depends des autres* onde se apresentavão os plagiatos de Malte-Brun —

§.° [69]

Histoire des Sciences en Italie par Libri = 2 vol. 1838?

Esta obra he de uma g.[e] importancia pela riqueza das citações, e da critica das Notas. Quanto as idéas do A. em pontos essenciaes; ellas differem de todos os principios recebidos — Citarei apenas os seg.[tes] exemplos — 1.° He geralm.[te] admittido que o Christianismo abolio a escravidão, o A. pertende provar que uma tal asserção he um erro, e que m.[tos] factos, e até Bullas provão o contrario — 2.° Que as Lettras e as Sciencias p.[a] prosperarem necessitão da protecção dos soberanos e dos Governos. Elle pertende mostrar com exemplos que os esforços do genio tem apparecido, e se tem desenvolvido em despeito dos maiores tyranos, e q.[do] m.[tos] homens de Lettras erão perseguidos.

Libri diz, que he um problema notavel, que merecia chamar a attenção dos historiadores, he o d'investigar as causas por que «Les plus epaisses ténébres n'arrivérent pas en Europe avec la grande invasion des barbares, et pourquoi elles ne furent pas la suite immédiate.

«Ce fut seulement aprés que Charlemagne eut dompté les Saxons, repoussé les mores d'Espagne, rendu l'eclat et puissance á l'Eglise, et rétabli l'Empire d'occident, que l'Europe tomba dans le dernier degré de l'abrutissement = !

[§.° 70] [a]

Juntarei a este curioso artigo algumas anecdotas igualmente curiosas ácerca de homens notaveis.

Sheridan nunca entrou em casa sem vir de tal modo bebado, que parecia um morto!

O Eloquente Fox além deste mesmo vicio tinha o costume curioso diz a Revista Britanica = o de jogar *le jeu de plus effréré des trois royaumes* =

Cuvier segundo me contou o meu Livreiro hia frequentes vezes encommendar-lhe Estampas obscenas.

Helvetius = todas as vezes que hia ver a sua *Maitresse* q.[do] chegava a casa desta despia os seus vestidos d'homem, e vestia-se de molher, então a amiga devia injuria lo, e depois destes argumentos passava ao acto que o leitor deve advinhar e immediatam.[te] tornava a vestir o seu casaco e hia-se embora!

---

[a] O texto deste § [illegible] serve de additamento, ampliação ou a proposito de um longo artigo de um jornal francez [illegible] sob a epigraphe seguinte: QUELQUES CELEBRITÉS DANS L'INTERIEUR. *Meyer-Beer — Beranger — M. Alexandre Duval — Charles Nodier. — Le Bibliophile Jacob. — M. Auber*, e assignado por *Une Contemporaine.*

[§.º 71]

1838 — Resenha das Familias Titulares de Portugal — acompanhada de noticias biographicas d'alguns individuos das mesmas Familias

LISBOA — IMPRENSA REGIA 1838. 1 GROSSO VOL. D'8.º COM 301 FOL.

He feito este trabalho segundo o modelo da obra Ingleza de Lodge *The Peerage of the Bristh Empire.*

§.º [72]

Estudos dos officiaes do Exercito Francez
1838

No Journal des Debats de 4 Septembre 1839 vem um artigo Statistico sobre o n.º dos officiaes que neste anno imprimirão obras. — Dá o seg.te resultado =

1:101 officiaes, e 659 officiaes inferiores de 94 regimentos occuparão as typographias com obras da sua composição —

§.º [73]

History of Brasil = By John Armitage. 2 vol. — London 1836

He uma continuação da Historia de R. Southey. Comprehende desde a chegada ao Brasil da Familia R. ao Brasil até á abdicação de D. Pedro em 1831.

A pag. 6 — diz que os Nobres Portugueses não erão obrigados a servir na tropa, o que hé falço. Não só quasi todos erão militares, mas até a Lei de 69 obrigava os primogenitos a servirem sob pena de perdimento dos Morgados. O q̃. diz relativam.te á presentação dos candidatos p.a os beneficios Ecclesiasticos he igualmente falço.

Quanto ás Artes — que diz que erão prohibidas — he falço, mas mais ainda o q̃. diz dos Liv.os e da Instrucção! vid. pag. 9.

Ora o primeiro capitulo que comprehende a Historia do meado do seculo passado e que alcança até 1820, contem apenas 20 pag.! Delle portanto não se póde tirar partido algum senão para o refutar nas immensas falsid.es q̃ contem =

Entretanto todo o resto do 1.º volume contem detalhes preciosos que se não encontrão em nenhuma outra obra. O A. guarda a maior imparcialid.e Caracterisa os factos com boa critica e com um profundo conhecimento das circunstancias, e dos homens, e partidos influentes.

A parte mais curiosa he inquestionavelmente a em que o A. trata do que se passou com Lord Cochrane, e da guerra do Sul. =

Quanto ao 2.º vol. não lhe podemos perdoar o que diz a pag. 2.
«The povesty of the Portuguese Litterature is Well *knowm throu-*
«ghout Europe.»

§.º [74]

Histoire de la Gaule Méridionale sous la domination des conquérants du Nord = Par M.r Fauriel. 4 vol. in 8.º 1836 —

Esta obra abrio as portas do Instituto ao seu Autor. Esta producção passa por ser um dos monumentos mais interessantes dos Creadores da nova escola, e seu Autor não deixa depois de tantas ovações que tem obtido de considerar com certo desprezo as melhores producções de alguns de seus proprios concidadãos.

Examinemos um pouco esta producção.

Em primeiro logar notaremos de passagem = que o A. começou pelo fim. No seu Prefacio diz elle que compozera 3 obras. Esta 3.ª que he a menos difficil he justamente o que o A. nos dá. —

He comtudo muito interessante e a sua leitura mui deleitavel. = principalm.te a do 1.º vol. = dos Costumes e do Estado da propriedade no v seculo =

Sobre os costumes dos Germanos serve-se de Tacito = e aqui confirmei de novo o que á muito tinha escripto. = Que he uma cousa bem curiosa ver os modernos conservarem ainda nas suas obras a denominação dada pelos Romanos aos Germanos de Barbaros, e ao m.mo tempo proclamarem e seguirem e imitarem m.tas das suas Instituições =

1.º a dos Julgados por Pares =

2.º = a dos Chefes por eleição, e até a dos Generaes!

A parte em que trata da adopção da civilisação Romana pelos Barbaros principalm.te pelos Wisigodos he m.to interessante =

Camelos em França vi.º seculo —

Vid. Tom. 2. pag. 290 = Au mois de Mars. 585 Mummole et les autres Chefs Gallo-romains ou franks, qui «restaient attachés á la for-«tune de Goudorald quitterent Bordeaux pour prendre, átravers la Vas-«conie leur chemin vers le centre des Pyrinées. Ils se misent en marche «avec une énorme bagage qui les suivaient lentement, sans ordre, et dont «faisait partie le trésor de l'armée porté sur de nombreux *chameaux*».

Ora he mui duvidoso que houvessem estes animaes indigenas na Europa — he pois provavel que Goudorald que tinha vindo do Oriente, os teria feito conduzir da Asia, ou mesmo da Africa para o Meio Dia da França?

§.° [75]

Histoire des Découvertes et des Voyages faites dans le Nord par J. K. Forster —

2 VOL. 8.° TRADUZIDO PAR BROUSSONET. PARIS 1788 —

A Biographia de Forster publicada em diversas collecções biographicas he mui curiosa.
Este sabio foi companheiro de Cook.

Contem a Geographia d'Alfredo rei d'Inglaterra enrequecida de um grande numero de Notas. He traduzida do Anglo-Saxonio — Mas limita-se só ao Norte da Europa —

Navigation et Construction des vaiseaux des Normands et autres peuples du Nord = voy. 1. p. 126 et suivantes — des détailes curieux. —

A p. 331 — T. 1. Il raporte le voyage du noble Venitien = Pierre Quirini (1431) et de son entrée á Lisbonne le 25 août. Son pélérinage á S. Jacques de Compostelle e parle du Collier, ou plutôt *Cordon garni de grains d'ambri* qu'il avait apporté de S. Jacques de Gallice. —
Le coup d'œuil général sur *l'État des affaires de ce temps* est d'une grande éxagération et contraire au Moyen-âge. Il peint l'Europe dans l'état de la plus complete Barbarie. On le sent bien — il montrait par lá appartenir á l'école de son siècle — Plus moderé que Paes, il n'est pas moins sur de ceux qui n'ont vu que ténébres dans le 4 et 5 siécles. Il croit que tout suivant fut détruit les Barbares =

Tom. 2

L'EAU POTABLE DE LA MER — PAG. 43

Malgré les louanges qui donne le Chev.r *Bringle* au cap.ne Cook sur l'usage qu'il á fait de la glace pour fournir d'eau douce sur les vaisseaux, il est trés-certain cependant qu'il n'est pas le premier qui dit comme que la glace flottant sur la mer, étant fondue donnait une eau très potable. *Forbisher* l'avait éprouvé des l'année 1578 — consequemment 194 avant l'expérience de Cook.
Davis fit la même expérience dans l'année 1585 (voyez dans la collection d'Hackluyt —).
A pag. 85 = Elle trata da Esquadra q̃ os Inglezes enviarão ás Indias Orientaes em 1591 e de que tomou o commando *James Lancaster* = Alli diz que este maritimo teve occasião de se informar n'aquellas paragens, *et de rassembler* dans les «*Indes une multitude d'observations des Portu-*

gais». On pouvait ajouter aussi (dit Forster) les renseignements donnés par quelques portugais prisoniers des Anglais, et qui avaient dit qu'un vaisseau de leur nation avait été quelques temps avant, le long de la côte de la Chine, et avait trouvé en 55 lat. nord une mer libre =

A pag. 89 = *Lancaster* dit que les Portugais avancérent avec leurs vaisseaux jusqu'au 55ème dégré lat. N. de la Chine. Il parait être delá que les Portugais avaient été dans le voisignage de l'île de *Sagalin-Anghata* de la rivière d'*Amour*, et qu'ils se seraient avancé jusqu'á la riviére d'Uda oú est actuellement l'établissement russe = Udskoi =

Elle cita differentes meios que os viajantes do Polo empregavão p.ª curarem o scorbuto — (pag. 179) =

Das *Vesses* (plantas) elles empregavão as folhas. Elles comião-nas com azeite e vinagre. Elles pisavão tambem as folhas e misturavão o succo expremido com a bebida. Comião-nas cruas com pão = as gengivas restabelecerão-se, e os dentes firmarão-se = Forster cita uma obra curiosa =

«Histoire du Froid = par Boyle» =

Urdamietta communica a ElRey de Portugal a sua descoberta da navegação d'America (1557). Vid. Forster pag. 301.

Elle consagra algumas observações geraes sobre as descobertas dos Portuguezes — o Liv. 3.º = no principio e a pag. 319 trata dos Cortes Reaes —

§.º [76]

Attaques e motejos contra o clero pelos Trouveres e poetas do XIIIᵉ e XIV seculos

Collection des Documents inédits sur l'histoire de France publiés par ordre du Roi et par les soins du Ministre de l'Instruction Publique =

Voy. As poesias do XIII s. *l'Architrenium*, la *Bible de Guyot*.

Ruteboeuf. Les sirventes, et les tensons du Midi sont pleins d'accusations, et d'Epigrammes sanglants contre le haut clergé =

Voyez à ce sujet La *Chronique de Bertrand Daguesclin* par Cuvelier Trouvére du XIVᵉ s.

Lede os Art.ᵒˢ do Journal des Debats du 15 octobre et 17 Nov.º 1839 =

Ao m.ᵐᵒ tempo que isto se passava em França e Hespanha o mesmo se passava em Portugal. — Os chronistas Portuguezes do 15 s. não são muito cautelosos nas suas expressões contra o clero, e os Procuradores das Côrtes accusavão m.ᵗᵃˢ vezes a sua falta de conduta =

NB. Já no XIº s. em uma obra fabulosa de Mahomet (Le roman de Mahomet) la chevalerie et le clergé sont fort maltraités. Mahomet est devenu quoi? un cardinal!... Voyez Leroux de Lancy-Legendes pag. 52.

§.º [77]

Liber Niger Scaccarii nec non Wilhelmi Worcestrii Annales rerum Anglicarum — 2 vol. da Biblioth. 8.

Li o que pertence á Bibliotheca Real —

§.º [78]

Recherches Historiques et Critiques sur la vie et les ouvrages d'Henri de Gand — par François Ibret — Gand = 1838 — 8.º, 209 pag.

Elle diz pag. 3 que M.r de Gerando chamou a Henry de Gand = *Henri de Genéve*, et que lui même dans ses citations du docteur Colemarel écrit trés bien = *Henricus Gandarensis!*

§.º [79]

Ponderei a Fauriel que me admirava que elle não tivesse citado a obra de Mayer = de l'origine progrés & des Institutions Judiciaires = principalm.te pelo que respeita aos Germanos, e analyse que elle faz do famoso tratado de Tacito = De more Germanorum = Elle respondeo-me que não conhecia esta obra. Entretanto Savigny na sua Historia do D.to Romano na Idade Media citando-a e remettendo o leitor a ella (Tom. I) parecia que não devia ter escapado a M.r Fauriel visto que elle não só citou Savigny mas até o refutou em um ou dois pontos. Parece pois que o sabio Historiador limitou a sua leitura de Savigny á parte concernente á Leî Salica &?

§.º [80]

Lusitania — Juvenal — Satyra III =

«Tanti tibi non sit opaci.
«Omnis arena Tagi quodque in mare voluitur aurum.

§.º [81]

Lusitania de Plinio —

Liv.º iv. Caput xxi. Edição de Poissinet — 4.º

§.º [82]

Histoire Litteraire de la France avant le 12.me siècle par Ampére Paris 1839.

He uma excellente obra deste professor hé indubitabel que este trabalho é o resultado de um estudo immenso. Entre outras passagens curiosas tem a seg.te que é digna de se conservar.

«Quand on a le malheur comme Euménes &.

«L'amour des Lettres est un sentiment généreux qui suivit à tous les «autres. Quand on a le malheur de tomber comme Eumêne dans un «temps où la religion s'en va, où le sentiment de la patrie se perd, il n'y «á plus pour l'enthousiasme d'autre refuge que les lettres.

«C'est une derniére religion, une derniére patrie, mais le sentiment «du beau ne peut subsister longtemps s'il s'isole des croyances et des «affections humaines, l'art á besoin de la vie =

Outra passagem curiosa

Tobre as communicações dos Sabios entre si posto que de religiões, e partidos differentes = diz

«IV[e] Siécle — Ces hommes formaient une confrérie lettré dans l'Empire; ils faisaient un commerce perpétuel de vers, de discours, de questions, de compliments sans tenir compte des differences de religions, sans occuper beaucoup des malheurs et des perils de la Société romaine.

Le chretien Ancone entretenait une correspondance active avec Symaque, qui fut le champion du paganisme contre S.[te] Ambroise. Quelque chose de semblable s'est passé au xvi[e] s. quand les erudits catholiques et protestants s'écrivaient sur les questions de science et de Litterature, au milieu des troubles de l'Europe».

A impressão contem muitos erros typographicos, e entre estes um bem extravagante = Tom. 1. — pag. 322 = fallando do Arianismo lê-se «...... l'importance de ces discussions soutenues alors avec tant de vivacité et presque oubliés de ***nos ours!*** ours pour ***jours.***

Governo Representativo

A pag. 326 Tom. 1.

«Les idées du gouvernement répresentatif, ainsi qui l'a fort bien cru M.[r] de Chateaubriand, ont leur origine historique dans le gouvernement de l'Eglise. Le mot *répresentatif* pri dans le sens moderne, sens assez peu le latin, se trouve par la prémiére fois dans Tertulien =»

Sur les ministres

Voy. p. 335 = Tom. 1.

A pag. 127 conclue desta maneira interessante.

«Cette influence du genie grec sur notre litterature qui se présente avec doute, comme un fait réel, eut-elle un fait chimerique? Me pardonnera-t-on après avoir établi de nombreux rapprochements par la Science, d'en avoir indiqué quelques unes par l'imagination? Il est difficile, en traversant la terre de la Grece de ne pas être atteint par quelques vestiges de poesie. En mettant le pied sur le sol romain, nous alons rentrer dans la severité de l'Histoire.

A pag. 289 = il cite les paroles d'un prédicateur Portugais, et ne cite ni le nom, ni l'époque, ni les ouvrages!

SOBRE A HISTORIA DA HISTORIA

A pag. 302 = é mui curioso.

«C'est un fait á signaler dans l'histoire de l'Historie, si je puis, m'exprimer ainsi, que le tendence á l'***abreviation*** plus on remonte dans les

annales des genre historique plus on trouve l'histoire abondante largement écrite, et amplement racontée. Quoi de plus abondante qu'Herodote!

L'histoire devient bientôt plus serrée, plus concentrée, fleuve large encore, elle laisse voir plus distinctement la forme de ses rives et les sinuosités de son cours. C'est l'histoire de Thucydide, de Tite-Live, de Polybe.

Avançons toujours, nous arrivons á *Salluste ;* ici la narration se presse, le fleuve se retrécit: enfin nous tronvons Tacite, le plus admirable des abréviateurs. Aprés Tacite on tombe dans la sécheresse des *Epitomateurs.*

Alors tout récit perit, tout bel art de raconter se perd, toute nuance, toute imagination, tout développement philosophique ou oratoire est sacrifié á le briéveté.

Quant l'histoire á été remplacée par l'abregé, les faits sont encore lá, mais steriles, décharnés; les faits sont alors des chiffres que la mémoire additionne. On á plus sous les yeux un livre, mais une table des matiéres.

Or quand la chronique moderne á commencé, l'istoire était venue á son dernier dégré d'epuisement, de caducité, elle amaigrie, extenuée autant que possible, de lá résulte que la chronique elle même á son point de départ, est si maigre et si aride, et il en va ainsi jusqu'a ce quela civilisation des temps modernes ait apposité une vie nouvelle.

Tomo. 2.

A pag. 40 volta outra vez a esta materia = La chronique de S.t Prosper se compose de deux parties; dans l'une il abrége ce qui etait déjá trés suffisament succinte: la chronique de Eusebe.

Est celle de Saint Jérome =

Les annalles du moyen-âge oú les événements les plus importants sont indiques, avec un brévété désolante, et oú l'on trouve en revanche une mention assez étendue des incidents tout fait indignes d'etre rapportés par l'histoire.

Souvent l'aucteur s'égare selon nous dans le vaste champ des controverses réligieuses e dans de discussions théologiques, qu'il melle avec des rapprochements entres les AA. du V.e siècle et 17 et 18e même.

C'est ainsi que nous voyons Bossuet et Bourdaloue comparés á S.t Prosper Ve s. des paissages des ouvrages de les AA. modernes transcriptes, quand il s'agit de l'histoire littéraire de la France au V.e s. et ces écrits théologiques rapprochés des *Femmes Savantes* de Moliére!!

No Tom. 2. p. 97 mostra como os Frades forão atacados nas primeiras epocas do seu estabelecimento, fallando de *Rutilius* diz

«Libanius compare la vanité des Moines en robe noire á la voracité des Elephants, comparaison repoussée par Gibbon, dans l'interêt des Eléphants! Eunape les assimile á des porceaux; Sorine leur reproche de ne servir à rien la société.

Rutilius enfin dedaine des sarcasmes. Quand Rutilius se moque de la

mal propreté des moines, ses plaisenteries sont tout-á-fait semblables á celles de Voltaire qu'elles ont précédées de 10 siècles.

Ibi. pag. 133 = Sobre as tradições populares da Cosmographia Escandinava = ha mil cousas que se introduzirão em Portugal.

A pag. 206 et 207 il est d'avis que l'invasion des Francs, á été plus profitable, que le serait celle des Goths plus civilisés qu'eux. Puis que les prémiers ètaient plus guerriers et on pu deffendre la Gaule contre les Sarracins tandis qu' en Espagne les Goths furent vaincus dans une seule Bataille. —

Ces deux pages sont fort curieuses.

A pag. 255 é mui curioso pelas reflexões que elle faz á vista das publicações de Sidonius Apolinaris em presença dos Barbaros p.ª mostrar com exemplos seguidos até ao do Almanack das Musas de 1793, que a a Litteratura não é sempre a expressão do Estado da Socied.ᵉ

No 16.º seculo até as Princezas em Portugal sabião o Grego = quando em outras Partes alguns padres catholicos, dizião

«On á inventé une certaine langue qu'on rappelle le grec; elle rend «héretiques ceux qui l'apprenent, et quant à l'hebreu, il est reconnu que «ceux qui le savent deviennent tous juifs!!!

Ampére 3 — p. 54.

Neste mesmo vol. p. 159 = diz = o seg.ᵗᵉ fallando de Thegan (IX.º seculo).

«Remarquons aussi ce langage figurée d'allusions bibliques, et clas«siques. Homére, Virgile, Ovide, cités avec le Pentateuque, et le Livre de Job, qui est attribué á Tobie. La *pédanterie* vient en aide á l'emportement politique: *on croit être au XVI*ᵉ *siécle*, ce qui arrive assez souvent au IXᵉ. *Il y á déjá du Samnaire* dans Thegan —

Como Samnaire era um pedante? Mr. Ampére esqueceo-se da vasta erudição deste critico!!!

Tom. III. 33 =

«Un symptôme est commun aux trois renaissances: la réssurréction de l'antiquité, le retour de la civilisation moderne aux sources de la civilisation antique. Ceci eut bien sous Charlemagne et au XII.ᵉ siècle —

L'etude de l'antiquité fut alors secondée par la multiplication des mss. qui l'opera plus en grand au XVI.ᵉ á l'aide de l'instrument nouveau qui fournissait l'invention de l'imprimerie.

Desordres et violences du clergé au IX.ᵉ siécle =

L'évêque Hilduin qui fut porter une protestation sur le tombeau de S.ᵗ Pierre, entra dans l'eglise de S.ᵗ Pierre á Rome l'epée á la main, tua un des gardiens de la Basilique et en blessa plusieurs.

Tels étaient les procédés dont usaient les plus ardents des Evêques envers le Pape au IX.e sècle = !

A pag. 211 = sur l'affaiblissement de l'aristocracie Episcopale et de l'aristicrocie feudale est trés curieuse.

A pag. 236 = Les bibliothéques ne manquaient pas au IX.e siécle que les écoles = .

A pag. 264 —

«Les troubles des IX.e siècles expliquent la décadence intelléctuelle «du X.e. Outre les abus ordinaires qui ne disparaissent jamais on vit alors «des monstrueux.

«Des clercs se mariérent publiquement; quelques uns epouserent leurs propres sœurs; il eut un Archévêque de Reims âgé de cinq ans que son pére le comte de Vermandois plaça sur la siége épiscopal illustré par Hincmar, et cet archevêque fut confirmé par le Pape =

Baronius á dit de cette époque que á vu 50 Papes et antipapes = Baronius l'historien de le papauté «que Jésus-Christ dormait du plus profond sommeil dans la barque au milieu de cette tempête; alors des courtisanes disposent de la chaise de Saint-Pierre».

Ce qui á donné lieu ou naissance au conte de la papesse Jeanne =

Philosophie au IX.e siécle

«Un concile de Tolede défend déxcumunier celui qui se contente d'une seule femme, soit d'une épouse légitime, soit d'une concubine. Ives de Chartres cite une loi civile d'aprés laquelle un mari pouvait tuer celui qu'il trouvait avec la femme aprés de lui avoir defendre *trois fois.*

§o [83]

Della Economia Politica del Medio Evo por Cibrario da Academia de Turim = 1 vol. 8.o 614 pag.

A Revue de Bibliographie analytique deu conta desta obra. — Logo em principio topei com o seg.te periodo que é o reverso das obras de Humbold, Libri, Guisot, Thyerri, e Ampére = e contrario aos factos demonstrados por estes sabios.

Na divisão dos Periodos da Idade media — diz o seg.te p. 1

«Il primo del secolo VI al XIo é periodo di tenebre, di barbarie, d'uni«versel corrizioni».

§o [84]

Francisco d'Alpoim de Menezes.

Este indeviduo que desde 1828 tem representado um papel de furibundo Miguelista, e de grande partidista da monarquia absoluta acha-se no famoso Processo da conjuração da Rua Formosa de 1822 defendido por Barbosa Araujo — pela forma seguinte —

«Sendo um homem de conducta e adhesão ao systema constitucional e liberal como prova sobejamente a fol. 453 e como se fez publico nesta côrte, applaudindo e ellogiando nos theatros ajuntamentos aos regeneradores da Nação, & (1).

[§ 85.°]

Obras sobre a Idade Media

Lupi — opera omnia, scilicet Synodorum omnium decreta cum illustrationibus. Venetiis, 1724 = 12 vol. in-fol.

[§ 86.°]

Diccionarios — Chez Aillaud

1 — Dictionnaire Universel de Géographie moderne par une Société de Savans d'après Malte Brun, Lapie, Balbi et Walkenaer. 5 gros. vol. de 49 pag. grand in 8.° contenant la matière de plus de 40 vol. in 8.° 30 fr.
2 — Dictionnaire historique des cultes religieux établis dans le monde, depuis son origine jusqu'á nos jours (1820) 4 vol. in 8.°........ 16 fr.
3 — Dictionnaire d'E'conomie Politique par Ganich = 3 vol... 4 fr.
4 — Dictionnaire du Commerce et des marchandises contenant ce qui concerne le commerce de terre et de Mer par une Société de commerçants (1839) — 2 vol. in 4.°................................ 80 fr.
5 — Dictionnaire d'anedoctes (1821) 2 vol. in 12.°........... 3 fr.
6 — Dictionnaire infernal 4 vol........................... 20 fr.
7 — Dictionnaire abrégé des sciences medicales — 15 vol.... 60 fr.
8 — Dictionnaire Technologique abrégé par Francone &. — 6 volumes in 8.°.. 7 fr.
9 — Dictionnaire Critique & (1821) 30 vol.
10 — Dictionnaire de Police administrative et judiciaire (1816) 1 vol. in 8.°..4,50 fr.
11 — Dictionnaire des Conciles par Allet = 1 vol. in 8.°..... 6 fr.
12 — Dictionnaire de Theologie par Bergier — 8 vol. in 8.°.. 32 fr.
13 — Dictionnaire des Arts du Dessein & par Coutard — 1 vol. in 8.°.. 7 fr.
14 — Dictionnaire Universel de la Noblesse de France — 5 volumes in 8.°.. 24 fr.
15 — Dictionnaire Chronologique des Découvertes — 17 vol.. 48 fr.
16 — Dictionnaire de l'Industrie — 6 vol. in 8.°............. 12 fr.
17 — Encyclopédie élémentaire de l'antiquité, ou origine et état et progrés des sciences et arts chez les anciens par Duvire — 4 vol. in 8.° 12 fr.
18 — Dictionnaire de la Beauté ou la toilette sans dangers par Gordeton — 1 vol in 8.°. Fig.................................. 3 fr.

(1) Vid. Apontamentos para a Biographia de um Novo Mecio. 2.ª edição — Lisboa 1852.

19 — Dictionnaire des Ménages — 1 vol........... 5 fr.
20 — Dictionnaire Classique des hommes célebres par Hocquard = 2 vol. in 12........................ 7 fr.
21 — Diction. historique des hommes celébres par Ladvocat — 5 vol. in 8.º.. 24 fr.
22 — Diction. Philosoph. de la Religion par l'Ab. Nonotte 2 vol. in 12.. 3,50 fr.
23 — Dictionn. de la Penalité, ou Tableau des Supplices et tortures & chez tous les peuples de la terre par Saint-Edoue. 5 vol. grav. 30 fr.
24 — Classical Dictionnary par Lecupricus = London (1838) — 1 vol.. 15 fr.
25 — Dictionnary of Peinters (1829) by Pilkingtons London — 2 vol. Chez Beaudry.. 27 fr.
26 — Dictionnaire des hérésies par Pluquet. Trés estimé.
27 — Dictionnaire des cas de conscience par Pontas (1726) = 3 volumes in fol.
28 — Dictionnaire d'Erudition Morale par Capelle (1824). 2 volumes in 8.º
29 — Dictionnary de l'Amour — Paris 1811. 5 vol. in 8.º.
30 — Dictionnaire des Jeux mathémathiques. Paris = in-4.º fig.
31 — Dicionnaire de Chimie par Vauquelin. 1826 in 12.
32 — Dictionnaire des événements remarquables — par Voltaire in 8.º
33 — Dictionnaire de la Fable par Noël — 2 vol. in 8.º 4.ª edit. Chez le Souveraud r. de Seine 8 — .... 15 fr.
34 — Dict. Abrégé de la Bible par Petitot. 1 vol. in 12...... 2 fr.
35 — Dict. des Sciences et des Arts par Lunier—3 gros. v. in 8.º 12 fr.
36 — Dict. des Dates (ou Manuel des Dates) par Chantal = 1 vol. in 8.º. Chez l'auteur = Passage Dauphine.
37 — Dictionnaire de Chimie, de Physique et d'Histoire Naturelle par Brard = 2 vol. in 8.º = Chez Dupont, r. Grenelle .... 9 fr.
38 — Dictionnaire Bibliologique.
39 — Dictionnaire Universel de la France ancienne et moderne, geographique et ethymol., typograph. et hist. par Marin Sanguin = Paris, 1726, 3 vol. in fol.
40 — D.ᵉ geograph. et hist. et polit. des Gaules, et de la France par l'Abbé Sapilly = Paris 1762 = 68. 6 vol in fol.
41 — Dict. hydrograph. de la France par Moithey = 1787 — in 8.º
42 — Dictionnaire universel de Géographie por Massellin. Paris 1829. 2 vol. in 8.º.
43 — Dict. géograph. & de la France par Briand de Versé — Paris 1 fort vol. in 8.º.
44 — Dictionnaire des Sciences Phylosophiques par Krug. 4 vol.umes.
44 — Dizionario Storico-geografico dell'America meridion. Composto dall Coletti = Venesia 1781 = 2 vol. in 4.º.
45 — Dictionnaire des Alimens et des Boissons en usage dans les divers climats et chez les differents peuples. Par A. F. Aulognier (Faux-titre) 734 pag. in 8.º Paris, Cosson.
46 — Dictionnaire de Médicine & par Hurtel d'Arboval. 4 vol.

47 — Dictionnaire Universel de Géographie moderne, description physique, politique et historique de tous les lieux de la terre acompagné d'un Atlas de 59 chartes. Par Penot et M.me Aragon.

48 — Dictionnaire Universel du Commerce et de la Banque 2 vol.

49 — Lexicon politique, ou définition des mots techniques de la Science politique par le Chev. de Sade. 4 vol.

50 — Nouveau Dictionnaire d'anedoctes historiques de l'amour. A' Paris chez Garnier.

51 — Dizionario (Dictionnaire géographic. hist. et civil du royaume des deux Siciles par Mastriani = Naples 1838.

52 — Dictionnaire biographique des hommes illustres de Sardaigne = 2 vol.

Em Lisboa se publicou o n.º 10 do Biografo onde vem a vida de Salvador Ribeiro de Sousa.

53 — Dictionnaire de Marine par Rome. 2 vol.

54 — D.º des Monmaies in 8.º.

55 — D.º des Prédicateurs, in 8.º.

56 — D.º de Géographie Maritime par De Grampré. Paris, 1820 — 3 vol. in 8.º.

57 — Dictionnaire Raisonné de Botanique par Sebastien Gisardier de Miaconet, et par M.r Desveaux = Paris, 1822.

MINISTERIO DA MARINHA

ARCHIVOS

DOCUMENTOS HISTORICOS

Guyana

1644 — a 1716.

Comecei os meus trabalhos d'investigação nos Archivos da Marinha de França em 11 de Jan.º de 1844.

1667 — Dbr.º 17 C. da R.ª de Port. a Colbert (original) diz q̃ o sentim.^to q̃ ElRei seu amo pode ter do q̃ se passara em Portug. tanto pelo interesse deste Estado, como della R.ª e do neg.º do Tratado d'Alliança, a determinára a despachar-lhe Verjur p.ª o informar de tudo. Dando-lhe credito perante elle Colbert, e sobre a necessid.ᵉ em que se estava em Portugal de um soccorro consideravel p.ª q̃ tudo vá á vontade d'ElRei de França.

1700 — Jan.º 20 = Na Estensa Memoria mandada ao Gov.º por M.ʳ de La Boulaye datada de Cayena em consequencia das Instrucções de 2 de 7br.º de 1699 — diz no Art.º 6, que mandara vir do Brazil um homem e uma molher Portuguezes para frabricarem o Tabaco á moda do Brazil =

ARCHIVOS DA MARINHA

Quanto ao Cacáo, diz que as sementes (graine) se deverão trazer do Amazonas p.ʳ serem as melhores, mas isto quando a questão que se agita entre os Portuguezes, Francezes sobre a propriedade deste Rio estiver terminada.

Fallando do café diz que dando-se no alto Amazonas — M.ʳ de Ferrolles que alli tinha mandado alguns dos seus para o trazerem mas forão surprehendidos pelos Portuguezes que os massacrarão.

A nós muscada descoberta havia pouco no Amazonas é o que deu logar aos Portuguezes de que[re]rem disputar aos Francezes a proprie.ᵈᵉ e o commercio, accrescentando que fará vêr a S. M. os seus direitos em uma Memoria particular.

A verdr.[a] canella igualm.[te] descoberta no dito Rio, os Portuguezes carregão m.[to] no anno passado —
Os Portuguezes fazem tambem um grande commercio de Salsa parrilha.

Em um dos Art.[os] das Instruções citadas se ordenava «sobre esta navegação do Amazonas elle se informará circunstanciadam.[te] quaes sejão os titulos p.[ra] os Francezes, e as provas de que elles gosavão, e que se podem oppor aos Portuguezes que as contestão agora, e querem reduzir os limites da colonia ao R. d'Yapol.

1709 — Memoires concernants la colonie de Cayenne — (Ibi — vid fol.
Tem a contestação dos Limites com Portugal —
1713 — Ag.[to] 22 = A França ordena ao Gov.[or] de Cayena que participe a
Cit. todos os outros que se acabava de assignar a paz em Utrecht com a Hesp.[a] Ingl. Port. e Hollanda — Ibi.
1713 — Jan.[o] 11. Cayenna — Conferencias a ter com os Plenipotenciarios de Portugal a respeito desta Ilha —
Cit. Reg. p. Etrang. Coté. 40 fol. 9 — n.[o] 93.
Não se acha neste cartão.
1716 — Descripção do Rio d'Ouyapo. — Ibi N.[o] 408.

Registres des Depeches de M.[r] Phelipeaux — 1694 é o mais antigo —
NB. é tudo correspondencia de cumprimentos —

2.[o] vol. 1695. Não contem nada.

1695 — 8br.[o] 14 C. de Philippeaux a M.[r] Deseloujeaux approvando que os off.[es] do Almirantado de Vannes tivessem confiscado o navio Portuguez capturado p.[r] Fongueux e de terem posto os sellos, e como elles o sujeitassem ao juizo do Almirantado & — Ibi p. 533.
1696 — Nada.
1697 — 13 Juillet — C. de Pontchartrain ao Presid.[e] Rouillé sobre o transporte das suas equipagens por via de Rochefort.
Cit. Volume desta data. p. 45 v.[o]
1697 — Outubro 30 — Desp.[o] do m.[mo] Min.[o] ao Presid.[e] Rouillé respond.[o] á carta deste Embaixador de 23 de Setembro na q.[le] lhe par-
Cit. ticipava a sua cheg.[da] a Lisboa, pedindo-lhe que lhe communique o que se passar naquella Corte. — Ibi. f. 343 v.[o].
1697 — Dbr.[o] 4 — Desp.[o] do m.[mo] a M.[r] L'Ecolle accusando a recepção da carta delle de 29 de 8br.[o] pedindo-lhe que lhe remetta uma

Memoria sobre o estado actual de Portugal, e do Commercio
Cit. e Navegação dos Portuguezes, e isto secretamente para que pareça que só trabalhou nisto p.r sua propria curiosid.e — Ibi fol. 419 v.º.

D.º An. — Dbr.º 11 — ao m.mo acusando a recepção de uma carta, e com-
Cit. municações. — Ibi. fol. 438 v.º.

D.º Dbr.º 11 — A M.r de Rouillé Accusando a deste Emb.or de 5 do passado.

Cit. NB. Este desp.º é de M.r de Ponchartrain filho e lhe diz que vira a Memoria que o m.mo Emb.or enviara a seu Pai — sobre Cacheo. — Ibi f. 438 v.º.

1698 — Jan.º 23. — Desp.º p.a o m.mo accusando a carta deste Emb.or de 17 do mez ultimo, e bem assim a Memoria sobre o Reino de Portugal que este diplomata lhe tinha mandado, e as noti-
Cit. cias da nsssa corte. Diz-lhe que a Memoria posto que só lhe dê um conhecimento geral daquelle R.º p.a poder conceber o estado presente delle, lhe roga que p.a o futuro seja mais explicito a este respeito, redigindo Memorias especiaes sobre cada art.º — Ibi (sem paginação).

1699 — Fev.º 22 p.a M.r l'Ecolle agradecendo-lhe as noticias que lhe man-
Cit. dava de Lisboa. — Ibi.

—— — Fev.º 19 — Ao P.e Rouillé accusando a de 14 do preced.te e a continuação das Memor. sobre o R.º de Portugal accrescentando
Cit. que confessava que *les manières* daquella corte erão tão extraordinarias que não deve causar admiração se se faz um conceito inteiram.te opposto á verd.e — Recomenda-lhe q̃ o ponha ao facto de tudo sobre o comm. e forças daquelle R.º, diz que lhe transmittirá as resoluções d'ElRei sobre o que elle deverá obrar no neg.º relativo ao Rio das Amasonas.

1699 — Março 2 — a M.r de L'Ecolle — accusando a de 28 de Jan.º e approvando o passo que elle dera ácerca da remessa da Memoria
Cit. sobre o Estado do Reino de Portugal, tendo-a communicado a M.r de Rouillé, rogando-lhe de satisfazer a curiosid.e delle Min.º — Ibi.

—— — 2 de Março a M.r de Rouillé accusando a de 28 de Jan.º. Partici-
Cit. pando-lhe que ElRei ainda se não havia explicado sobre o que elle devia fazer ácerca do Rio das Amasonas.

1699 — M.ço 29 — D.º ao m.mo accusando a de 11 do passado em que elle referia a sua entrada Publica que diz que fora magnifica, e q.to convinha á corôa de França. Recomenda-lhe as Memorias.

Cit. M.r de Ponchartrain recommenda um Desp.º de 19 de M.ço a M.r L'Ecolle de lhe fazer uma relação circunstaciada de tudo q.to se passou na entrada de M.r de Rouillé. — Ibi.

—— — Abril 2 — D.º a M.r de Rouillé, accusando a recepção que elle lhe mandara do que se passara nas procissões da Quaresma em Lisboa.

A este respeito é um pouco livre =!

—— — Abril 30 — P.ª o m.mo accusando a carta delle de 25 de M.ço e que acompanhava as copias das que o m.mo Emb.or escrevia a ElRei e ao Marquez d'Harcourt, dizendo-lhe M.r de Ponchartrain que experimentara um verdr.º prazer de vêr o estado presente

Cit. da côrte junto da qual elle se achava e do que alli se tinha passado p.r occasião da doença d'ElRei d'Hesp.ª accrescentando que estava persuadido como elle Emb.or que todas as medidas que ElRei de Portugal poderá tomar a este respeito, serão inuteis não som.te pela impossibilid.e em que se acha de levantar um corpo de tropas assaz consideravel, mas tambem pelo que respeita aos differentes interesses que devidem hoje a corte de Madrid; mas, continua elle, que estava sorprehend.º de que ElRei de Portugal mostrasse um tão g.e *éloignement* por a França, visto que elle não podia negar as grandes obrigações que devia a esta Potencia, e que S. M. Christ. tinha tido sempre p.ª com elle bastantes contemplações.

Repete que esperava com g.e impaciencia a Memoria que elle Emb.or lhe tinha promettido &. — Ibi.

1698 — Junho 21 — A M.r de l'Ecolle — accusando a de 6 de Maio = e recomendando-lhe que lhe communique tudo quanto se passava em Lisboa, e de todos os navios q̃ ali entrassem, suas cargas, lo-

Cit. gares donde vinhão, e que lhe mandasse a nova Pragmatica que os Estados de Portugal tinhão feito; se era conforme ás informações que elle de l'Ecolle lhe havia dado —

1698 — Junho 25 — Desp.º do m.mo a M.r de Rouillé ac. a de 20 de Maio deste Embaixador, e agradecendo-lhe as noticias que lhe dá dos Neg.os de Portug. e acrescenta, que era da m.ma opinião

Cit. delle Emb.or que os preparativos que fazia a côrte de Portugal serão bem inuteis tanto pelo que respeitava ás poucas tropas como pela falta de numerario, e que se ElRei de Port. não tem outros recursos senão os da força para se apossar da Corôa d'Espanha em todo ou em parte, receava muito pouco do successo das suas pretenções. Acrescentando — «vós dizeis que essa côrte busca mais a dar que pensar, do que a decidirse ou persuadir-se ao que deve fazer e obrar. Estou tambem persuadido disto; mas que juizos pretende ella que se fação, ou insinuar? Pode ella lisongear-se que se acredite que se acha em estado de se apossar da Hesp.ª p.r força ou p.r intriga? — Ibi.

—— — Julho 9 ao m.mo Emb.or accusando a de 8 de Junho e as copias que lhe mandara das que escrevia a ElRei — nas quaes não tinha

Cit. achado nada de ocioso a não ser o artigo dos Jesuitas e de outros Frades. Surpehende-me (diz elle) que estes prim.os fassão

profissão d'ignorancia e protestem não se intrometterem em nenhuma intriga secreta ou particular, «car vous savez que ce ne sont pas lá leurs deffauts ordinaires.

Quanto aos outros Frades é ácerca dos seus debauches e lhe recommenda que lhe conte tudo.

Recommenda-lhe que lhe dê noticia dos movimentos que se fazem em Portugal sobre o neg.º na successão d'Hesp.ª

1698 — Julho 19. Ao m.mo em que lhe recommenda de saber a respeito do Cardeal Sousa e de lhe indicar qual possa ser a causa que o induz a querer procurar intimidade particular com elle Emb.or de França, qual é o espirito, caracter, e inclinação deste Min.º, em que credito está jnnto a ElRei, se o Emb.or julgava poder attrailo aos interesses de França, se a sua inclinação o inclina particularm.te p.ª qualq.r outra Coroa — em geral tudo que elle soubesse e podesse descobrir a este respeito—

Cit.

1698 — Julho 23. P.ª extractar: Desp.º p.ª o mesmo — Ac. a recep. da de 17 de Junho e das Memorias sobre os differentes cons.os (Tribunaes) de Portugal, dizendo este Min.º que se a multiplicid.e destes contribuia a *rectifier* o Gov.º de um estado, é necessario convir que Portugal deve ser governado, pois elle jamais vio tantos conselhos, concluindo que era do parecer do Embaixador, que erão bastantes para regular, e administrar toda a Europa.

Cit.

Falla com disgosto na visita q̃ o Emb.or tinha tido do Cav.º d'Hauteford, e que seu pae M.r de Pontchartrain daria conta a ElRei das inquietações da corte de Portugal quando esta teve noticia da aparição d'algumas fragatas de S. Mag.de, e que estava persuadido que era a proposito de a entreter com estas aprehensões e que isto não podia produzir senão bons effeitos. f. 138 v.º

1698 — Julho 28 — Do m.mo a M.r de l'Ecolle, accusando as cartas q̃ elle lhe havia escripto em 17 e 24 de Junho e a que lhe mandara do Cavalleiro d'Hauteford, e agradecendo-lhe a noticia que lhe dá da chegada da Esquadra Franceza a Lisboa.

Cit.

Recomenda-lhe que o informe do que se passa no tocante á imposição que ElRei de Portugal pretende pôr no Tabaco e que lhe diga as razões por que suspendeo a publicação da nova Pragmatica. f. 193.

1698 — Ag.to 22 — D.º do m.mo ao P.e Rouillé ac. a recep. da de 15 de Julho, e a Memoria q̃ acompanhava, pede-lhe entretanto que dê mais detalhes, e seja mais explicito em cada materia de q̃ trata, p.r ser tudo de gr.e interesse e utilid.e — approvando o arbirito que elle tomou de fazer uma Memoria especial, e destacada de cada coisa, recommendando-lhe de lhe mandar uma de 15

Cit.

em 15 dias. — Accrescentando — que não se julgasse com esta remessa desobrigado de mandar e communicar todas as noticias correntes, *nem* tampouco o que respeitava «a *Chronica Escandalosa de Portugal*, visto que isto era do ajuste que tinhão feito ambos, pois elle lhe dava a do que se passava em França *(Vous voulez me donner le change)*.

Queixa-se de q̃ elle não lhe dizia nada sobre os preparativos d'ElRei de Portug. nem das medidas que elle toma p.r se assegurar contra todos da successão d'Esp.a Acaso todos estes g.es projectos se desvanecerão. — Ibi f. 410.

1698 — Set.o 4 — Do m.mo ao m.mo acc. a carta de 5 de Agosto, e a Memoria q̃ havia mandado sobre o Commercio de Portugal. Esta Memoria diz o Min.o dá uma idea g.al do com. que faz o Port. em todas as p.tes do mundo, mas não é assaz circunstanciada,
Cit. não sendo senão um extrato do q̃ elle Min.o lhe havia pedido recomenda que lhe dê uma explicação mais explicita art.o p.r art.o não omittindo nenhum dos menores esclarecimentos sobre o equipamento de navios de *longo curso*, seu n.o a paga dos officiaes e tripulação &. Se ha algumas comp.as o que se deveria fazer para augmentar o commercio de França com Portugal.

Recomenda-lhe que será m.to util que elle Min.o obtivesse os Planos e Cartas dos Paizes das Possessões Portuguezas, recomendando ao Emb.or que ajunte ás Memorias que elle devia mandar sobre o estado presente da força e comercio de suas colonias, com cujo conhecimento elle Emb.or se tornaria mui sabio em tudo q.to respeitava a Corôa de Portugal, recomendando-lhe emfim que lhe communicasse o que se passava de mais secreto nos conselhos de Portugal. — f. 446 v.o

1698 — 7br.o — A M.r de L'Ecolle — accusando as de 12 d'Ag.to e do 1.o actual e proguntando-lhe o resultado do que se tinha passado
Cit. com o Enviado d'Inglaterra em Lisboa ácerca de uma Fragata Ingleza de cujos marinheiros se baterão com os Portuguezes. — Ibi f. 479.

NB. em 8br.o — se fez = um Regulamento feito por ElRei, entre M.r de Pontchartrain M.o da M.a e Mr. de Fortey, Min.o dos N. E. sobre as funcções dos seus cargos—em cujo Art. 5.o o Min.o da Marinha fica authorisado a continuar a dar directam.te instrucções aos Emb.ores Francezes em Madrid, Constantinopola, e Portugal sobre os negocios da Mar.a e Comercio = Ibi f. 553.

1698 — Nov.o 11 a M.r de l'Ecolle. Accus. as de 7, e 14 de 8br.o nas quaes lhe dava parte este Agente da descoberta duma Mina de Prata, que se achara no anno anteced.e na Costa de Mosambique, e
Cit. lhe recomenda que lhe indique ao mesmo tempo os designios que teem os Inglezes, e Irlandezes ou parecem ter de a tirarem aos Portuguezes =

1698 — Nov.º 26 — A M.r Rouillé ac. as de 7 e 28 de 8br.º. Diz-lhe que as refleções q̃ elle Emb.or faz da conducta de ElRei de Portugal, e das conversações frequentes com o D.e de Cadaval são mui ajustadas, que entretanto elle Min.º julgava que por mais sinceros que pareção os discursos deste Min.º, se não devia ter confiança nelle mais do que pedia a prudencia, e que se alguma cousa podia desvanecer toda a suspeita a este respeito, era a impossibilid.e em que se achava ElRei de Portugal de emprehender qual coisa, porque qualq.er discurso do que possão ter uns Min.os estes Min.os persuadem que S. M. Port. não tem outras vistas senão cobrir seus Estados. Julgava entretanto o Min.º d'Estado, que se o d.º Rei visse alguma abertura para a successão d'Espanha, ou m̃.mo para se apropriar d'alguma porção, elle não se negava a isso. Roga-lhe que o informe do que se colher a esse respeito, dizendo que estava convencido como elle Emb.or que convinha mandar a Portugal frequentes vezes navios ao Porto de Lisboa ═

Cit.

Diz que a Mem. q̃ elle mandara sobre as Colonias Portuguezas, provava que ellas estavão em m.to máo Estado. Estranha entretanto que este trabalho seja pouco explicito, e lhe recomenda que lhe mande um detalhado sobre cada colonia, no qual elle deverá silagnar a sua origem, progresso e decadencia, o estado em que então se achava, a sua extensão, o n.º de forças e a força das praças q̃ a defendem, de que m.ra se faz ahi o comercio.

Pede-lhe que lhe diga a razão por que deixou de tratar com o Marq.z d'Alegrete o neg.º de *l'entreport*, e por que preferio tratalo com o D. de Cadaval — Ibi f. 690.

1698 — Dbr.º 8 ═ C. do m.mo a M.r de l'Ecolle — acc. a recepção de 21 d'8br.º — diz-lhe que fizera saber a M.r Rouillé as instrucções d'ElRei tocante ao Tratado de l'entreport, que os Portuguezes pretendem não serem obrig.dos a executar lepois da paz e approva q̃ elle tivesse dado ao Emb.or todos os esclarecim.tos áquelle respeito —

Cit.

——— Dbr.º 10 — Do m.mo ao Emb.or accusando a de 11 de Nov.º Recomenda-lhe q̃ o informe de quem era o Nuncio qua acabava de chegar a Lisboa, sua fam.a, caracter, espirito, e suas intenções a respeito da França, de que man.a elle foi recebido da côrte, e se as relações que o com.cio estabeleceo com elle promettem ser estaveis e sinceras.

Cit.

Falla que houvera um Auto Fé e que a Insurreição era menos vigorosa do que outros julgados. (Ibi. f.)

——— 31 Dbr.º do m.mo. Nada —

1699 — 4 de Fev.º ao Consul em Lisboa de l'Ecolle accusando a de 31 de Dbr.º na qual este Agente lhe communicava que havia

Cit. obtido do Duque de Cadaval a licença de fazer entrar os navios Francezes em todo o tempo no Rio de Lx.ª

NB. Tem outras cartas sobre neg.os puram.te commerciaes.

15 d'Abril 1699 — Proguntando o destino dos 5 navios de Guerra Portuguezes que se armarão.

Cit. Era destinada a fazer levantar o cerco de Mombaça.

1699 — Fev.º 4 — A M.r Rouillé. Diz-lhe, que lhe indique donde procede a extrema alegria da corte de Portugal pela nova declaração feita com o favor do Eleitor da Baviera, quaes são as vantagens tão consideraveis que ella pretende trazer desta escolha,

Cit. se elle Emb.or via se no caso que este Principe seja effetivamente Rei de Espa.ª S. M. Portugueza abandonaria todas as tentativas que tinha tenção de fazer =

1700 — Jan.º 6 — Do m.mo ao m.mo acc. as de 5 e 9 de Dbr.º — Diz que lhe causarão a maior satisfação e que não era para surprehender á vista da pintura que elle Emb.or lhe tinha feito do Monarcha Portuguez que elle tivesse achado bem depressa con-

Cit. solações. Deseja comtudo saber a quem deve elle esta feliz mudança.

Corresp.ª deste an. f. 7.

——— — Jan.º 20 do m.mo ao m.mo. Diz-lhe que elle poderá vêr pela carta d'ElRei e pela g.e que elle lhe escreve que tinha tirado a França de g.es embaraços voltando as coisas de man.ª que esta Potencia não fosse obrigada a arrenegar-se este anno por occasião do neg.º do Rio das Amazonas visto, acrescenta, que visto que

Cit. nós não tinhamos desejo de nos arrenegar agora, e que deferimos toda a nossa colera p.ª o anno proximo.

Diz-lhe que ElRei está m.to satisfeito delle, e que da man.ª como são feitas as observações sobre os Art.os do Tratado que elle negociara elle não deixaria de ser approvado — Ibi.

1700 — Fev.º 17 do m.mo ao m.mo ac. a de 19 de Janr.º — e diz que a afronta que se fizera na corte de Hesp.ª ao Min.º de Portug. era uma prova evid.e qu'ElRei de Portug. não deve contar

Cit. m.to com a amisade dos Hesp.es e que era necessario que elle estivesse bem prevenido em favor delles, se elle persiste na inclinação que tem p.r elles —

Que era verd.e como elle observava que a R.ª viuva de Inglaterra tomara o partido de se recolher a um convento, elle Min.º julgava que a podião considerar como separada do Paço ou de voltar a elle. Elle Ministro não sabia se isto seria um mal p.ª a França (pour nous). Ibi f. 74 v.º

——— Março 17 — ao m.mo ac. as 9, e 16 de Fev.º Diz-lhe que se indignára do juizo do Marq.z d'Arronches, o qual era uma prova convincente do que elle Embaixador lhe participava que as vistas do

Cit. casam.to subsistião sempre entre a corte de Vianna e a de Port., e que erão mesmo mais vivas depois que esperão o Archiduque em Madrid, mas que o Emb.or lhe não explicava os motivos que davão causa aquelas vistas. — Ibi f. 100 v.º

—— — Abril 1.º — ao m.^{mo} Significa-lhe o g.^{e} contentam.^{o} d'ElRei e a sua
Cit. aprovação pelo Tratado que elle Embaixador assignara. — Ibi.

—— — Junho 23 — Ao d.^{o} accusa as de 3, 18, e 25 do passado, e 10 do presente — Nesta approva o que elle declarara a respeito das sal-
Cit. vas, expressando-se q̃ elle Emb.^{or} tinha fallado neste neg.^{o} com um Almirante de França. — Ibi. f. 200 v.º.

—— — 28 d'Ag.^{to} — Recommenda-lhe que lhe mande as famosas Cartas Portuguezas. = Ibi.

—— — Dezbr.^{o} 8 — accus. varias delle e lhe diz que elle fizera maravilhas para engajar os Portuguezes a assignar o Tratado para a divisão
Cit. da Monarquia d'Espanha. Recomenda-lhe que diga qual foi a impressão que causou a noticia da aceitação do Testamento do Rei d'Hesp.^{a} em favor do D.^{e} d'Anjou. Ibi.

1701 — M.^{co} 30 — Ao m.^{mo} acc. a de 20 do p. Diz-lhe q̃ não ha coisa nem mais bella nem melhor do que aquella que acabava de obter dos Portuguezes, mas o Min.^{o} não comprehende como elle po-
Cit. derá fechar os Fortes aos Inglezes e Hollandezes, e que não pode conceber como elle conseguio que nós abandonassemos um commercio que nos era tão vantajoso. — Correspond. prop. f. 74 v.º.

1702 — Não encontrei nada de Portugal.

1703 — Nada.

1704 — Nada.

1705 — Nada.

1706 — Abril 12 — Sentença da Junta do Assento ácerca dos Negros introduzidos pelos Portug. na Provincia de Caracas, antes e depois do Tratado do Assento dos Negros = Corr. deste An. f. 240 v.º = Peça mui extença.

CARTAS

1702 — 8br.^{o} 2 — Carta de M.^{r} d'Aubenton Villebois ao Min.^{o} da Mar.^{a} datada de Madrid. Diz que o enviado em Portugal tinha derigido queixas á Junta R. contra D. Fran.^{co} Ronquillo, corregedor daquella villa pretendendo que elle Ronquillo tinha dito mal do
Cit. ref.^{o} Enviado, e que tinha posto espiões no seu Bairro para vigiar as suas acções. Mas isto não tinha fundam.^{to} julgava-se que era um pretexto que buscava o d.^{o} Enviado para fins politicos — Ibi Doc. 43.

1702 — Ag.^{to} — Officio do m.^{mo} sobre os navios d'ElRei de Portug. que vinhão do Brasil e os temores que isto devia causar á França,
Cit. as precauções que se devião tomar p.^{r} causa da volta do Almirante, e q̃ era necessario escrever a Mr Rouillier, e que contava fallar nisto a Mr Blecourt — Ib. D. 37.

1702 — 8br.^{o} 14 — Outro do m.^{mo} ao Min.^{o} em q̃ lhe diz que os Nav.^{os} de Buenos Ayres estão no R. de Jan.^{o} e que voltarão com a

frota de Portugal, sobre o que elle havia representado a M.^r
Cit. de Blécourt. Este escrevera a Mr Rouillier. Receava q̃ o Almirante de Castilha persuadisse ElRei de Portugal a obrar contra os m.^mos navios — Ibi Doc. 39.

— — Nov.° 16 — Do m.^mo annunciando a proxima partida p.^a Lisboa dum certo Spinola p.^a fazer reclamações.

—— — Nov.° 24 — Do m.^mo sobre os Armamentos que os Portug. fazião para se declararem contra Hesp.^a — D. 53.

O m.^mo Ag.^te Francez communica a copia de uma c. escripta pelo Alm.^te de Castilha datada de Lx.^a de 7 de Nov.°
Cit. deste anno e dirigida ao Secretario d'Estado *Puente* na qual se queixa que o enviado d'ElRei de Hesp.^a lhe não tivesse ainda feito visita, animando assim com o seu exemplo o Min.° de França e o Nuncio a praticarem o m.^mo

—— — Dbr.° 28 = Annuncia a entrada em Lisboa de 28 Navios Inglezes — Indifferente!

1703 — Jan.° 27 — Off. do m.^mo no q.^l diz que os Portuguezes se queixavão na Fronteira das ordens que se derão para impedir a
Cit. introdução das mercadorios do inimigo por via de Portugal em Hesp.^a. Respondeo-se-lhe que não havia nada mais justo. — Ibi Doc. 713.

1703 — Fev.° 17 — Do m.^mo dizendo que o enviado d'Hesp.^a em Lisboa escrevia dizendo que lhe mandassem commissões (cartas de
Cit. marca) para alguns individuos que se offerecião a armar o corso sob pavilhão Hespanhol. — Ibi.

—— — M.^ço 1 — Do m.^mo dizendo que o Juiz do contrabando de Sevilha havia embargado m.^tas barcas Portuguezas carregadas de mercadorias e viveres que negociantes Portuguezes havião comprado aos Inglezes, mas que havia já levantado o d.° embargo em virtude dos Tratados de Paz feitos entre Hesp.^a e Portug.
Cit. que establecem que os navios Portuguezes não poderão ser visitados e que lhes é permitido fazer transportar e vender em Hesp.^a os productos e cereaes necessarios para a vida. Accrescenta que este neg.° entre as duas corôas é m.^to importante e de gr.^e consequencia o impedir a entrada de taes effeitos ou generos p.^a impedir assim a dos inimigos pois se os Tratados são exactos — Ibi.

1703 — M.^ço 31 — Do m.^mo diz que o Enviado de Portugal em Madrid deu uma longa Memoria a ElRei de Hesp.^a p.^a a Comp.^a Portuguesa da Guiné a respeito de 11 Capitulos de reclamações das quaes algumas lhes tinhão parecido a elle Agente de França dizerem respeito á nova comp.^a do Asssento. S. M. C. mandou a Memor. ao conselho das Indias que fez uma consulta que foi comunicada ao Cardeal d'Estrées (então Emb.^or em Madrid) a fim de que elle desse o seu parecer e conselho a S. M. C.

Junta um Extracto daquella consulta, sobre a qual S. Em.^cia disse que as representações do Cons.° das Indias lhe parecião judiciosas.

NB. Não encontrei este Papel mas vem anexa uma carta de Lisboa de 20 de Março deste anno de 1703 na q.[l] se dizia que o Chanceller Methwin depois de se ter embarcado sobre uma das 2 Frag.[tas] que estão em Lisboa para regressar a Inglaterra, El Rei o fizera voltar e que depois tinhão havido m.[tos] Conselhos. Os Inglezes asségurão que elle fora chamado para assignar a Liga, o que é certo é que El Rei de Portugal estava mui inclinado a obrar assim á m.[to] tempo. Quando ElRei fez a Liga com a França e Hesp.[a] elle fez entrar no seu conselho Antonio de Freitas Branco que M.[r] L'Abbé d'Estrées conhece mui bem para saber a sua opinião, a qual foi de dever ElRei de Portugal permanecer sempre unido ás duas Corôas, e como agora elle não foi chamado, isto lhe faz querer, e recear que alguma cousa poderá haver em favor dos inimigos. ElRei D. P.[o] sabendo que elle é opposto a esta Liga com elles (pois que elle diz que ella será a ruina de Portugal).

Accrescenta, que não duvida que M.[r] de Rouillier não fassa todas as dilligencias para descobrir algumas cousas, mas como elle não é liberal será difficil de nada saber.

Methwin esteve hontem todo o dia no Paço em conferencias com os Ministros e fallou tambem a El Rei, o que dá logar aos raciocinios acima expostos.

1703 — Abril 28 — Participa q̃ o Enviado de Portugal em Madrid apesar de se ter posto em liberd.[e] o navio Portuguez embargado em Vigo e que levava um presente de louça que ElRei de Portugal mandava ao Imperador, apesar disto o d.[o] Enviado se queixava em termos fortissimos em uma Memoria que dirigio a S. M. C. na q.[l] exige que todas as ordens que forão dadas á junta das Represalias sejão revogadas, e que lhe seja defendido de repetir eguaes procedim.[tos]. O Cons.[o] d'Estado fez uma consulta a este respeito a qual foi communicada ao Cardeal d'Estrées o qual foi d'opinião que tendo o navio sido entregue, se devia considerar o neg.[o] terminado.

Cit.

O Enviado dizia 1.[o] que a apprehensão deste navio era um attentado sob o falso pretexto de levar cousas p.[a] o Imperador, que disto elle se não queixava porque não tinha nada com isto mas que elle não podia dissimular o seu espanto a respeito desta violencia, visto o d.[o] navio ter sido obrigado pelo temporal a entrar naquelle Porto. Que elle não podia em consequencia seg.[do] os Art.[os] 13 e 16 da ultima Paz ser *visitado*, 2.[o] que ainda mesmo q̃ um nav.[o] Portuguez fosse carregado de mercadorias dos paizes inimigos da Corôa d'Hesp.[a] não o podião confiscar conforme ao que se pratica em virtude dos Tratados por q̃ um navio de um paiz am.[o] garante as mercadorias confiscaveis não só aquellas que se querem introduzir,

e que era pela Junta dos contrabandos, e não pela de Represalias que se podia usar de tal direito e isto logo que a guerra esteja declarada, o que fez correr o boato em todo o Reino que a Paz se havia rompido entre as duas Coroas e reclama portanto na forma acima apontada.

Na Junta do Cons.º d'Estado alguns dos Cons.os forão de opinião que se tratasse de justificar as queixas do nosso Enviado para não dar occasião de ressentimento a Portugal.

1703 — Abril 28 — Em outro se vê q.to a Hesp.ª tratava de evitar a dar-
Cit. nos motivos de recentim.to.

——— Junho 4 — Escreve o m.mo accusando a copia seg.te duma carta q̃ M.r Rouillé lhe escrevera datada de Lisboa de 29 de Maio, na q.l lhe dá as novidades que ali havião do Almirante de Villars, sendo que havia cheg.do a Lisboa um navio Inglez de 36 p. que diz ter-se separado de uma Esquadra que vem p.ª es-
Cit. tas costas que se esperava com impaciencia o resultado do combate de 5 nav.os Francezes contra 5 hollandezes q̃ os havião attacado a 10 legoas do Cabo d'Espichel. Estes navios escoltavão um comboi de 26 vélas hollandezas, e Inglezas, e que nelas se achava embarcado o Conde de Waldstein Emb.or do Imperador, e que toda a frotta fora dispersada —

O mes.mo Emb.or escrevia ao Card. d'Estrés dizendo-lhe que isto causava grande agitação em Lx.ª e que o Duq. de Cadaval não lhe tinha fallado com a m.ma firmeza ordinaria sobre a manutenção da neutralidade. O m.mo Emb.or accrescentava que ElRei de Portug. lhe segurava todavia que queria manter a neutralid.e mas que era m.to p.ª recear que á chegada da frota inimiga a Lx.ª não obrigue este Monarca a abandonar os seus verdr.os interesses.

1703 — Junho 18 — Do m.mo dizendo que o Enviado de Portu. se tinha queixado a ElRei Cath. de terem posto as Armas de Portugal nas de S. M. C. e nas Bandeirolas, e trombetas dos Regimen-
Cit. tos das guardas de cavallaria, o que é uma infracção do ultimo Tratado feito entre as duas Cortes.

ElRei respondeu a esta queixa que o teria em consideração, e o Enviado recebeu promessa de que se mandarião fazer outras. (1)

---

(1) O Marq.z de Louville, Memoires Secrétes — T. 1 p. 161 — dizia em uma carta ao Marq.z de Torcy de Madrid de 19 d'Abril de 1701, dizendo-lhe que a situação das coisas em Hesp.ª era cruel, e q̃ seria peor pela guerra logo que ElRei de Portugal ajud.º dos Inglezes tambem se intrometter nas cousas daquella monarquia, e que elle o faria. O Marq.z diz que se estivesse no caso d'ElRei D. P.º venderia a camisa p.ª atacar os Hesp.os. Diz que apezar disso os Min.os Hesp.es no estado em q̃ se achavão, parecia incrivel que elles fallassem de conquista, e que ElRei d'Hesp.ª tinha já Portug. na cabeça, e lhe repetia todos os dias que o dito Reino era seu, que lho havião cedido pelo Tratado dos Pyrineos.

Accrescentando que tinha tido grande trabalho para lhe fazer assignar o Tra[ta]do que a França fizera com aquella Corôa, mas que ficasse elle Min.ro Torcy persuadido

1703 — Dbr.º 2 = Do m.^{mo} dizendo q̃ o Enviado de Portugal tinha partido de Madrid no dia 30 de Nov.º p.^{a} voltar a Lisboa e que ElRei d'Esp.^{a} lhe tinha dado guardas até á Fronteira. Cit.

——— 2 de Dbr.º (m.^{mo} dia) do mesmo dizendo que as noticias que sabia de Port. erão q̃ o Alm.^{te} e seus partidarios se achavão consternados porq̃ a frota inimiga voltava aos seus postos não somen.^{te} sem ter feito a menor operação no Mediterraneo, mas ainda depois de ter perdido a maior p.^{te} das suas equipagens e que os Portuguezes começavão a arrepender-se da confiança que tinhão posto nos Min.^{os} d'Inglaterra e de Hollanda sobre as suppostas entreprezas das suas esquadras. Que os navios que estavão no Tejo erão mui fracos e não poderião sustentar um combate, e q̃ se Archid.^{e} e os 12$ h. de desembarque promettidos á tanto tempo não chegar immediatam.^{te} será facil ás 2 coroas de fazêr qualq.^{r} Tratado vantajoso com Portugal. Cit.

Nesta queixa o Alm.^{te} animava a emigração dos Hesp.^{es} do seu partido p.^{a} Portugal — vid. off.º deste de 12 de Dbr.º.

1703 — 8br. 11 — Nesta diz o m.^{mo} que Mme D'Elvas tratava de todos os negocios de Portugal com gr.^{e} habilidade e saber. Que esta s.^{ra} era m.^{to} util pelo seu apego á França, e que tinha m.^{tas} relações com os Min.^{os} d'ElRei de Portug. e que elle entretinha uma corresp.^{cia} dez.^{da} com ella. Cit.

NB. Vam apensas varias cartas originaes desta s.^{ra} datadas de Lx. de 2 deste mez.

Nesta lhe participa elle a chegada de Methwin a Lisboa como Emb.^{or} d'Inglat. e q̃ se dizia q̃ elle tinha tambem credenciaes do Imperador com o mes.^{mo} caracter, mas que elle só servirá d'ellas q.^{do} chegar o Archiduque.

Que o Emb.^{or} de Chateauneuf (diz elle nosso Emb.^{or}) não foi vesitado senão de 3 ou 4 pessoas da corte, estas casadas com s.^{ras} Francezas, emq.^{to} Methwin o tinha sido de toda a côrte. Accrescenta que havia então em Portug. grande indisposição contra os Francezes. Aconselha q̃ a França faria bem de ameaçar-nos declarar guerra que isto poderia levar-nos a uma boa neutralid.^{de} (o Filho della era Portuguez e commerciante). (1)

1703 — 8br.º 17 — Escreve de Madrid dizendo que amanhãa se esperavão em Madrid Mr Rouillé et l'abbé de Chateauneuf, os quaes podião melhor informar do máo estado das Tropas Esp. que continuavão a desertar p.^{a} Portug. Cit.

——— Nov.º 6 — Participa q̃ ElRei D. P.º destinava um presente p.^{a} o Imperador de 500$000 crusados.

NB. Até aqui 68 Docum.

1703 — Nov.º 22 — Do m.^{mo} dizendo q̃ o Enviado de Port. devia estar

desta verd.^{e} que os Hesp.^{es} tem tal desejo de haverem Portugal que darião á França os Paizes Baixos, desde que esta consentisse sóm.^{te} a auxilialos a fazer aquella conquista.

(1) O nome de fam.^{a} era du Verger, era Valida da Inf.^{a} de Portugal, que a casou com M.^{r} d'Elvas.

satisfeito das rasões que lhe forão dadas e das explicações con-
Cit. teudas na carta q̃ lhe escreveo o Conde d'Aguilar, pois que a
representação da outra não teve logar.

—— — 28 de Nov.º informa da entrada em Lisboa de 5 navios Ingl. 7 Holl. 2 Fragatas, 13 galiotas bombardeiras =

– — Nov.º 28 — Aviza q̃ ElRei de Hesp.ª havia dado ordem ao seu
Enviado em Lx.ª de se retirar. ElRei de Portug. lhe mandou
dar uma guarda até á fronteira, e S. M. C. faz o m.mo ao de
Cit. Portugal que devia retirar-se de Madrid promptamen.te acon-
tecimen.to que fazia temer a M.r d'Aubenton que a correspon-
dencia com Portugal por meio de cartas seria interrompida, que
seria importante conservar a correspd.ª com aquelle Reino p.ª
estar informado do q̃ ali se passava, propunha elle que esta se es-
tabelecesse p.r meio de pequenos navios q̃ com o pavilhão ge-
novez fossem de Cadiz a Lisboa, debaixo do pretexto de faze-
rem o commercio. Accrescenta que M.me d'Elvas lhe havia es-
crito p.r um correio expedido de Lisboa que a retirada do En-
viado de Hesp.ª havia produzido bom effeito em Portugal, e este
seria ainda melhor se os Esp.es fizessem avançar as suas tro-
pas.

1703 — Julho 5 — Diz q̃ se o Portugal se declarar, que todas as precau-
ções serião poucas para deffender, e conservar Buenos Ayres
q̃ os Portuguezes sempre invejarão p.r causa da sua Colonia do
Sacramento, proxima a esta. Que uma Memoria sobre este as-
Cit. sumpto que o Cardeal d'Estrées dera a ElRei Cath. q̃ este
soberano a mandára ao Cons.º das Indias para se tomar uma
prompta deliberação.

Este Ag.te junta uma copia da Mem.

– — — Julho 21 — Escreve dizendo q̃ sendo certo q̃ Port. não tem subsis-
tido té então do que pelos trigos q̃ os nav.os mercantes de Genova
e Livorno ali levão e ha noticia de q̃ n'aquelles Portos se carregão
actualm.te g.es quanti.des p.ª Lx.ª e que os negociantes daquelles
Cit. portos ali tinhão mandado g.es quantidades, diz que cousa al-
guma podia ser mais vantajoso para desarranjar os projectos
d'ElRei de Portug. e dos seus suppostos Alliados do q̃ impedir
e interromper este commercio. Julga-se que o unico meio de o
conseguir era q̃ elle Min.º desse ordens aos Consules France-
zes naquelles dois Portos p.ª advertirem os Cap.es e proprie-
tarios dos nav.os que se os seus navios forem encontrados no
mar, serão impedidos no mar, e talvez confiscados. Sendo claro
q̃ em França se devia fazer o m.mo e que tudo isto lhe havia
ordenado de lhe dizer da sua p.te o Emb.or o Cardeal d'Estrées
— Effectivamen.te já se embargarão alguns nos portos d'Esp.ª
como se vê pelo off.º delle de 29 Julho e por fim se derão á
Hesp.ª ordens p.ª embargar os neutros que p.ª ali fossem. Off.º
de 29 de Ag.to.

ElRei de Portugal prohibira tambem a sahida do sal p.ª a
Galliza onde elle absolutamen.te faltava.

1703 — Ag.^to^ 8 — Participa q̃ a Frota inimiga de 150 vélas dirigindo-se a Lisboa se soubera della p.^r^ um expresso da Galliza —

Cit. Mr de Chateauneuf tinha chegado a Madrid no dia 5 vindo de Lisboa.

— — — Ag.^to^ 17 — Diz que o m.^mo^ Mr de Chateauneuf e o Abb.^e^ seu irmão

Cit. partira p.^a^ Lisboa.

1703 — Ag.^to^ 31 — Diz que lhe fora communicada uma c. de Lisboa de 21 deste na q.^le^ se segura que ElRei de Portugal declarará a guerra, q̃ as ratificações do Tratado tinhão chegado pelo Paquete.

Cit. Que se espera o Archid. em 7br.^o^ e q̃ os Inglezes trazem tropas de desembarque na sua Esquadra, mas q̃ os Holland. não. Em outras c. de Mme d'Elvas m.^to^ instruida nos neg.^os^ daquelle paiz nas quaes se diz que o Principe está m.^to^ mortificado dos empenhos que tomára e que os romperá logo que o Archid. chegar. ElRei de Port. não se declarará a menos q̃ este não tenha um g.^e^ partido em Hesp.^a^ em estado de o sustentar, e q̃ neste caso S. M. Portugueza lhe daria as suas tropas. As tropas castelhanas q̃ forão mandadas p.^a^ as Fronteiras causarão bastante inquietação aos Portuguezes. Accrescenta q̃ o Cardeal d'Estrées lhe dicera que isto não tinha dependido delle (tenu a lui).

— — 7br.^o^ 13 — Cumprindo as ordens do Min.^o^ informasse de que a par tida e volta annual das frotas Portuguezas que estas não tinhão agora tempo fixado, q̃ antes sahião de Lx.^a^ 3 frotas, 1.ª p.^a^ Pernambuco e Paraiba no principio de janeiro. A do R. de Jan.^o^

Cit. partia em Fev.^o^ e a 3.ª p.^a^ a Bahia com os nav.^os^ p.^a^ Goa no fim de Março. A 1.ª voltava no começo d'Ag.^to^ a 2.ª nos primeiros dias de 7bro.^o^ e trazia com ella os navios de Goa no mez de Nov.^o^ Ha 3 annos que estas ordens se interromperão e os navios fazem-se de véla q.^do^ estão promptos, juntão-se 8 ou 10 para se reunirem todos no Brazil. Não acontece o m.^mo^ p.^a^ a volta. As 3 frotas tem ordem de voltar reunidas. A do Rio vem á Bahia incorporar-se com a deste nsme. Passão depois a Pernambuco onde se juntão todas 3 voltando assim de conserva, e são comboyadas p.^r^ 6 ou 7 navios de guerra de 60 peças. Assegura-se que ellas voltarão a Lisboa em Fev. ou M.^ço^ proximos.

Accrescenta, q̃ se Portugal se declara antes daquelle tempo, julgava elle q̃ seria facil a elle Min.^o^ da Mar.^a^ de nos fazer arrepender, pois se ElRei de França mandar uma Esquadra p.^a^ a attacar o successo poderá ser vantajoso, pois os navios Portuguezes á sua volta vinhão fracos de tripulações.

O Ministro parece q̃ se não contentou com estes detalhes, pois em uma carta manifestava que se devia aprofundar isto.

1703 — Sept.^o^ 19 — Escreve q̃ os Portuguezes tem a guerra p.^r^ certa, mas que entretanto as cousas podião mudar se Mr de Chateauneuf

Cit. tivesse algumas proposições vantajosas a fazer a ElRei de Port.

visto que se fazem todos os esforços possiveis p.ª o levar a fazer a guerra.

— 7br.º 28 — Que o Enviado de Port. tinha feito ali em Madrid muita bulha p.r q̃ o Conde de Aguilar lhe escrevera uma carta na q.l depois de lhe ter fallado em um neg.º pouco importante sem
Cit. dizer nada d'ElRei de Portug. elle lhe diz que lhe roga de dar conta ou de participar a *Su regencia*, o que quer dizer ao seu governo. Este termo deu m.to q̃ entender ao Enviado que expedio um correio sobre este assumpto a ElRei seu Amo, entretanto a carta foi suprimida, e o Conde lhe escreveo outra na q.l elle poz = *ElRei de Portugal* = em logar de *Su Regencia*. O Marq.z de Rivas escreveo ao m.mo tempo ao Enviado d'Hesp.ª em Lx.ª p.ª o informar q̃ este incidente tinha acontecido por engano —

1704 — Jan.º 4 — Remette as cart. que recebera de Lisboa p.r um correio que havia exped.º M.r de Chateauneuf sobre a impressão
Cit. causada no nosso Gabinete pela noticia de q̃ a França mandava tropas a Hesp.ª

Em outro off.º da m.ma data diz que M.r de Puisegur fôra m.to bem recebido da corte e que trabalha com o Secretr.º Orsey nos planos de guerra contra Portug.

— — Jan.º 20 — Dá p.te de algumas presas feitas por corsarios Biscainhos contra os nossos navios.

Cit. M.e d'Elvas foi acompanhada como se vê pelo off.º de 31 de Jan.º

— — — Fev.º 15 = Trata de q̃ ElRei Cath. se decidira a commandar o
Cit. exercito contra Portug.

— — — Abril 2 — Diz q̃ as noticias de Lx.ª são q̃ ElRei de Portugal fora presenteado pelo Archiduque com o navio em que elle viera.
Cit. Que S. M. P. fizera publicar uma ordem p.ª se não molestar nenhum Francez. Que o Archiduque contava achar em Lx.ª 500 gentis h. Espagn. As tropas Ingl. e Holl. montavão a 10@ h.

1704 — Maio 23 — Diz q̃ ElRei d'Hesp.ª tinha publicado um D. prohi-
Cit. bindo o comm.º com Portug. sob pena de morte, e q̃ p.r isto se não recebião noticias de Lx.ª.

Propõe de novo o envio dos navios com bandr.ª Genovesa. Participa que seg.do as cartas de Lisboa que o Arch. e seus Cons.os e os d'ElRei de Portug. tinhão frequentes conselhos, mas pinta o estado militar m.to favoravel ás duas Corôas.

1704 — Maio 3 — M.r de L'Ecolle estava ainda em Lx.ª e M.r de Chateauneuf em Hesp.ª Diz q̃ os Min.os do Archid. perseguião for-
Cit. tem.te ElRei de Portug. p.ª q̃ se se apossassem das fazendas dos Francezes, q̃ era n.al q̃ isto se excutasse pois S. M. F. deu já ordem p.ª embargar todos os navios q̃ estão, ou entrarem no Porto.

As cartas que M.r de Chateauneuf escrevera a de l'Ecolle forão interceptadas em Port. e que M.r de l'Ecolle tinha recebido a ordem delle Min.º que ordenasse aos Neg.tes Francezes

de se retirarem e que elles tiverão conhecim.to desta ordem o q̃ obrigou S. M. F. a embargar os navios Franc.

——— — Julho 31 — Diz que logo que o enviado de Portugal residente em França passasse p.r Madrid p.a ir p.a Lx.a q̃ elle Ag.te faria as
Cit. dilligencias p.a segurar a volta de M.r de l'Ecolle e dos neg.tes Francezes.

87 docum.tos.

1704 — Dbr.o 1 — Comm. que faltava o dinheiro p.a o soldo, e subsisten-
Cit. cia das tropas destinadas contra Portugal.

——— — Dbr.o 2 — Que o bispo d'Elvas não tinha ainda respond.o á C. q̃ o D.
Cit. de Gramont lhe escreveo p.a serem mandados por em liberd.e os navios Francezes e Marinheiros que forão postos em prisão.

——— — Dbr.o 7 — Diz que se sabia q̃ ElRei de Portug. tinha mandado ao de Marrocos um Emb.or p.a lhe pedir um soccorro de cavallaria e
Cit. de munições de guerra, e que aquelle Principe lhe promettera de lhas fornecer com a condição que lhe darião em Refens o f.o primogenito d'ElRei de Portugal.

——— — Dbr.o 10 — q̃ lhe escreverão que os Portuguezes estavão mui descontentes do Almirante, e lhe atribuem a causa da guerra. Que não obstante continuarão a mostrarse duros contra os marinheiros francezes detidos em Lisboa, os quaes são em n.o de 444.
Cit. Diz que escrevera a alguns neg.tes p.a impedir que elles servissem nas frotas inimigas.

Em q.to isto se passava em Lx.a, os Francezes tambem capturarão os nossos navios.

——— — Dbr.o 13 — Faz g.des elogios a M.me d'Elvas dizendo que sacrificava todos os seus interesses ao serviço das duas corôas, e se expunha aos furores do Min.o Roque Mont.o Paym, o mais cruel inimigo q̃ os Francezes podião ter, e que a declaração de guerra d'ElRei de Portugal contra a França de que parece que se não pode duvidar, merece que S. M. tome as resoluções que convierem ao seu serviço —

Houve então um encarregado secreto M.r Prevot que M.me d'Elvas expedio em trages de Marinheiro, e que voltou a Portug. com instruções de D'Aubenton acerca dos Marinheiros, e desertores.

1704 — Nov.o 1 — M.me d'Elvas em uma c. desta data a elle dirigida dando-lhe conta do q̃ padecião os Marinheiros, e prisioneiros Hesp.es diz q̃ ElRei de Portug. ignorava tudo isto p.r q̃ sua intenção é q̃ elles sejão bem tratados.

Ella tinha intimid.e com ElRei D. P.o confiança que os q̃ a intrigavão não lhe poderião fazer damno. Tinha mesmo conferencias com Roque Monteiro, e em uma citada nesta carta diz que elle ajustara com ella que escrevesse esta ao Marechal de Berwich para se trocarem os prisioneiros —

Roque Montr.o q̃ tantas vezes á perto de 2 seculos foi alcunhado de ter sacrificado tudo a Methwin, eis aqui o que participa M.me d'Elvas, que elle dissera ao Vice-Consul de França

com g.^de colera; quando elle ali fora da p.^te de Methwin, Methwin *est un chien* qui nous á trompé, e manque en tout ce qu'il avait promis. Quand le Diable l'emportera-t-il?

N. B. Existem apenas varias cartas de Lisboa do mez de Nov.^o nas quaes se trata dos Marinheiros, e dos movimentos militares, e de ter sido mandado saír de Portugal o Nuncio do Papa.

1704 — Nov.^o 23 = Diz q̃ pelo ultimo Paquete viera uma proposta da R.^a Anna d'Inglaterra a ElRei de Portugal que ella consentia a enviar a Port. 40✡ h. promettendo q̃ elles só ficarião neste Reino
Cit. 15 dias. Diz q̃ Methwin tivera uma Audiencia de 3 horas com ElRei em consequencia das ordens q̃ tinha recebido pelo Paq.^te e que parecia que era seg.^do declarava um dos Min.^os p.^a obrigar ElRei a declarar a guerra á França. Houve em consequencia um grande conselho, e Methwin depois de ter estado com ElRei foi ter outra conferencia de uma hora com a Rainha sua Irmãa, e depois voltou p.^a o conselho que durou ainda 2 horas —

Conclue q̃ seg.^do se dizia já a declaração de guerra contra a França estava na Imprensa e que se publicaria em jornaes.

——— Nov.^o 16 — Diz q̃ communicára ao D.^e de Gramont a nova ordenança d'ElRei de França que permitte aos seus navios irem a corso e capturarem os Portuguezes, elle julgou a proposito de defirir
Cit. q̃ elle Aubenton mandasse copias aos Consules e Vice-Consules, até que elle recebesse resposta da c. q̃ escrevera ao B. d'Elvas p.^r ordem de S. M.

1704 — 8br.^o 29 — Diz q̃ o D.^e de Gramont em consequencia das ordens que recebera em uma c. de Luiz 14 escreveo ao B. d'Elvas
Cit. p.^a lhe representar as razões q̃ devião obrigar ElRei de Port. a pôr em liberd.^e os navios Francezes e suas equipagens que estão em prisão. Esta c. devia ser levada p.^r um Trombeta.

——— 8br.^o 1 — Participa que antes de hontem havia cheg.^do a Madrid M.^r de l'Ecolle que fora hospd.^o em sua casa e que no dia seg.^te o apresentara a Mr de Gramont para na presença delle dar conta ao Embaixador de tudo quanto se passava em Portugal. Que a conferencia fora mui longa, e ia detalhada na Memoria junta. (NB. Esta Mem. não existe apensa) p.^r q̃ o Emb.^or a quer remetter com a sua correspondencia.

——— 7br.^o 1 — Diz q̃ informára o Sr de Mirasol do destino das Barcas Genovezas, q̃ o Sr de Villebague deve mandar a Lx.^a e que lhe recomendára g.^de segredo sobre isto, accrescenta q̃ Mr de Chateàuneuf lhe tinha dito antes da sua pàrtida que não tornaria mais a eserever, e q̃ tinha feito saber ao Sr de Villebague de se não encarregar de carta de ninguem.

——— 7br.^o 11 — Diz que M.^r de l'Ecolle havia desembarcado em Cadis, e que ElRei de Portug. tinha feito desmentir e desapprovar o seu enviado sobre a liberd.^e do commercio entre as duas na-
Cit. ções, e que seria perigoso que a França mandasse a Portugal

os seus navios até o Principe desse as necessarias seguranças posto que nem aparencias havia disto pois elle estava cercado de Min.os todos votados aos Alliados.

——8br.o 1 = Memoire sur Portugal.

«Diz q̃ ElRei não entrou na Liga com a Ingl. e Hollanda com condição que fornecerião o seu R.o com o trigo necessario p.a supprir o que lhe falta. Bem longe os dois Alliados de fornecerem isto apenas mandarão algum p.a as suas tropas. — Prescreve-se interceptar p.r meio de navios no Mediterraneo os de Venesa, Genova e Liorne que trouxessem trigos a Lisboa. Falla do máo estado das nossas finanças —

1705 — Jan.o 1 = Escreve q̃ o D. de Gramont recebera resposta do B. d'Elvas, alias do Algarve — e lhe remette a copia. Trata M. d'Auben- da troca de 600 prisioneiros dos Alliados que se achavão em Çadis, pelos Marinheiros Francezes que se achavão em Lxa.

1704 — Dbr.o 11 C. do B.o do Algarve ao D.e de Gramont datada de Lx.a — Accusa a recepção da c. do D.e de 29 d'8br.o e lhe diz q̃ ficára sorprehend.o da maneira p.r que se dizia que erão tratados os Francezes em Port. e de se ter segurado que contra o D.to das Gentes se havião embargado alguns navios Francezes que havião entrado nos Portos do R.o e p.o ordem delle B.o se havião mandado por na cadea as equipagens.

Cit.

Que apenas havia entrado um navio Francez com Passaporte d'ElRei Christian. no q.l se fazia menção da liberd.e de comm. entre a França e Port. cousa inteiramen.te supposta, e da q.l ElRei de Port. não tinha conhecimen.to algum, se julgava a proposito de o embargar. No passaporte suppunha-se que o Enviado desta côrte de Port. durante o tempo q̃ residira em França proposera a ElRei Christ. uma liberd.e de commercio p.a os seus navios nos nossos portos e q̃ elle D.e lhe repetia o m.mo mas como aquelle Min.o não tinha ordem alguma d'ElRei seu Amo para fazer uma tal proposição a S. M. Christ. e que ainda não é chegado a Lx.a e que pelos seus off.os o Gov.o Port. não recebera nenhuma participação de elle ter feito tal proposta, foi com razão que S. M. pozera tal difficuld.e de admittir este commercio.

Que esperava que este Min.o chegaria em breve e que então S. M. tomaria a resolução que lhe parecesse acertada. Queixa-se então que tanto os Navios de guerra como os cursarios Francezes havião capturado muitas embarc. Port. e q̃ assim não era justo q̃ S. Ex.a se queixasse de que tivessemos embargado um só navio.

———

102 Documentos.

ARCHIVOS DA MARINHA DE FRANÇA.

Começado em 14 de Fev.º de 1844.

1705 — Jan.º 21 — Diz q̃ ElRei de Port. fazia armar 10 Navios de guerra.
Cit.

—— — Jan.º 23 — Diz que o Rei de Marrocos fez saber ao de Port. que se os Inglezes quisessem ajudalo a tomar Ceuta no começo da guerra elle lhe forneceria um poderoso soccorro de cavallaria.
Cit.

—— — Jan.º 28 — Diz que as noticias de Lx.ª erão importantissimas, que forão logo communicadas a ElRei Cath. q̃ o Monarca Port. estava m.to doente e q̃ se duvidava q̃ podesse viver até ao fim de Fev.º Que a Nobreza e povo queriam a paz com a Hesp.ª
Cit.

Que ElRei de Port. tinha declarado á Rainha d'Inglaterra Reg.te do R.º que tinha dado licença aos navios neutros de partirem.

1705 — Fev.º 7 — Que M.r de Puységur partia no dia seg.te p.ª Salamanca e lhe segurava q̃ o Marq.z das Minas o havia prevenido q̃ ElRei de Portug. mandaria immediatam.te a Almeida os Prisioneiros Franceses p.ª serem trocados com os Portug. detidos em Hesp.ª

—— — Fev.º 9 — Remette uma Memoria em Portug. da Convenção entre M.r Galoway e Fagel e por estes dada ao Bisp.º do Algarve concernente ás medidas que se devião tomar p.ª o fornecimento dos navios e equipagens e Exercito de Portug. durante a guerra. O Alm.te Cunha lhe havia segurado que se não havia ainda tomado resolução a este respeito no dia 17 do p. q.do partio de Lisboa —

—— — Fev.º 16 — Diz q̃ as cartas de Lisboa dizião q̃ havia desintelligencia entre ElRei e o Archiduque que se vião raras vezes, e que a Rainha Duariére continuava a governar.

1705 — Abril 29 — Diz que o D.e de Gramont não tinha recebido noticias nem c. de M.me d'Elvas — Que se esperava em Lx.ª uma Esquadra Ing. de 10 Náos sendo umas 3 partes, e 9 outras com tropas d'Hollanda. Que o Emb.or d'Inglaterra fazia tudo em Lx.ª imperando sobre os Mm.os Portug. e m.mo sobre a Rainha viuva p.r meio do seu confessor que elle soube corromper, bem como o do Principe.

1705 — Jan.º 17 — C. de Lx.ª relata que ElRei esteve á morte, que o

povo mostrava g.[l] sentimento, e que os Ingleses falavão publi-
Cit. a p.[te] francezacam.[te] que no caso da m.[te] de ElRei elles tomarião posse do Castelo, e Fortalezas no Tejo = A R.[a] tomou de novo a Regencia.

Seg.[do] a opinião dos Medicos a grave doença de ElRei provinha de gr.[e] tristeza. O resto são noticias dos projectos e preparativos p.[a] a Campanha deste anno.

IMPERIO

Diz q̃ o Arquiduque vivia sempre em Belem, e ouvia 3 Missas p.[r] dia, e no dia de Natal ouvia 9, que assim faria bem em se fazer frade p.[a] ter o prazer de as dizer.

Diz q̃ o Emb.[or] de Inglaterra é um homem fino e activo faz acreditar aos Portugueses tudo q.[to] quer, trata de persuadir ElRei de dar a Lord Galoway o posto de generalissimo dos seus exercitos, e p.[a] se guindar o Emb.[or] Mylord faz a côrte a toda a Nobreza Portuguesa.

Diz q̃ o D.[o] de Cadaval e m.[tos] fidalgos são considerados aqui como Agentes de França.

—— — Julho 20 — Diz q̃ o Alm.[te] de Castella fallecera de disgosto em Estremoz causada por uma altercação com o Conde de S. João
Cit. — pois dizen do- lhe o Alm.[te] q̃ ElRei de Portug. se quizesse po dia ter-se apoderado d'Alcantara e de Badajoz o Conde lhe respondera que era impossivel, ao q̃ o Alm.[te] replicara q̃ ElRei de Port. não era servido com fidelidade, o Conde entrou em furor e dice ao Alm.[te] que traidor era elle ao seu Rei, e vierão ás mãos, arranhando-o o Conde na cara e o castelhano tivera tal colera que cahio com uma apoplexia — !

—— — 7br.[o] 16 — Diz q̃ na fronteira de Portugal se estava tão tranquilo como em tempo de paz.

—— — 8br.[o] 23 — Participa que M.[me] d'Elvas fora presa em consequencia diz elle do furor contra ella de Roque Monteiro.

Pondera q̃ se a França a reclamasse isso lhe faria mais mal. — Diz que a R.[a] d'Inglaterra se declarára contra ella.

—— — 9br.[o] 22 — Diz q̃ havia m.[to] tempo q̃ se dizia que os Ingleses ou uma facção que existia p.[a] excluir o Principe do Brazil, e pôr seu irmão 2.[o] em seu logar, mas M.[r] O'brien off.[al] Irlandez de m.[to] espirito que se achava em Lisboa q.[do] tirarão o governo á R.[a] viuva d'Inglaterra p.[a] o dar a este Principe assegurou a d'Aubenton que esta resolução tinha feito prazer aos Portugueses, e q̃ não havia apparencia da existencia de um partido em favor do f.[o] 2.[o]

Este neg.[o] parece ter tido logar no começo de Nov.[o] —

Mas todo isto foi falso pois El Rei retomou o governo p.[r] se ter restabelecido (Vid. Desp.[o] de 16 Dbr.[o])

1706 — Jan.[o] 6 — Diz q̃ El Rei de Portugal se ia por á testa de um exer-
Cit. cito de 20ↀ h.

Vem uma c. apensa em original do Marq.z de Bay dizendo a d'Aubenton que não tinha bastantes tropas p.a se oppor ás d'ElRei de Portugal.

— Março 9 — Sobre a convenção q̃ se devia negociar para a troca dos prisioneiros de guerra.

— M.ço 12 — Que El Rei de Port. concedeo 4:00 h. ao Arquid. mas que os não quer enviar senão depois, que forem supridos p.r um igual n.o de Inglezes.

A prohibição da sahida do sal de Port. p.a Hesp.a poz em tanta falta aquelles povos — que M.r d'Aubenton diz em off.o de

— 24 de M.ço — que as negociações para o Tratado dos saes se renovavão com Port. mas que elle tratava de a fazer malograr. =

Fazia este Ag.te uma estalada continuada dos máos tratam.tos q̃ em Port. se fazião aos Prisioneiros Francezes q̃ morrião de fome, mas p.r outra p.te diz que os neg.es Francezes em Lx.a não lhe querião dar nada — ora o Ministro pos á margem que se lhe mandasse dar alguma coisa = *avec economie.*

— Abril 26 — Dá p.te que fora impossivel a M.r de Bay e de Joffrewille de obter do Marq.z das Minas a convir do *Cartel* p.a os Prisioneiros de mar e Terra. Soubera elle Ag.te que a difficuld.e procedia de que este ultimo pretendia que os outros lhe erão inferiores, e q̃ elle não podia tratar que com um Marechal de França. *Voilá — une* ostentation bien Portugaise — !

M.r d'Amelot (então Embaixador lhe havia promettido que remetteria os poderes necessarios ao Marechal de Berwik, que sem duvida fará todo o possivel p.a concluir este Tratado =

— Junho 1 — Remette a capitulação de Ciudad Rodrigo feita com os Portug. em 26 de Maio.

— Julho 7 — Manifesto de Filippe V contendo as razões q̃ o obrigavão a sahir de Madrid. — Diz que sendo informado que o Duque de *Bragança* e seus Aliados = fazião constar q̃ elle tinha sahido de Madrid p.a abandonar o throno &.

Remettido p.r d'Aubenton com off.o datado de Pamplona de 20 de julho.

EXTRACTOS DE DIFFERENTES OBRAS
PARA AS M.as RECHERCHES

Ortelius — 1581. Le Preface est de 1582. Afrique — f. 4.

«Car depuis les lacs, dont la riviére du Nil prend sa source vers le midy, il á été incognu aux AA. Anciens, laquelle partie pour le iourdhuy est appelée des Arabiens et Persiens Zansibar et en est le dernier port en la mer Meridionale, appellé = *Cabo de buona Esperanza* descouvert tout prémierement par la navigation des Portugalois l'an 1497.

Dans la carte d'Afrique T. 4 on y voit pas depuis du Bojador au sud de ce cap.

1564

Castaldi — marque un fleuve au nord du Bujador et prés de ce fleuve dans l'interieur on voit l'indication d'une ville sur ce fleuve avec le nom de *Boiador*. Par consequent d'aprés ce cosmographe ce port serait au nord du cap — et ne donne aucune indication qui ai pour fuire supposer qu' il y en avait un au sud.

Ortelius dans son texte = Novus orbis — citando o que Jacobus Wavarchus écrivait en 1505 trata da pedra com a inscripção fabricada com a professia como a de Seneca na Medea que se achára em Cintra.

Traité historique du commerce de toutes les nations dans les divers endroits du monde particulierment par rapport aux Hollandois.

Mss. n.º 7.111 $\frac{2}{.}$. Ce Mss. é d'écriture du XVIIIe siécle. Mais il fut écrit avant car il dit —

«Les marchands ont paru d'une telle necéssité au chancelier Bacon un des plus grands politiques de notre siécle —

ANGLETERRE

Ibi dit

«La Puissance d'Angleterre était si peu considérable sur mer avant le Regne d'Elisabeth que Camden remarque que ses predecésseurs et même son pére, lorsqu' ils voulaient mettre une flotte en mer etaient obligés de louer des navires de Hambourg, de Lubek, de Dantzick, de Génes et de Venise.

Commerce

Jacques Cœur Argentier de Charles VII tinha commercio com a Africa isto é «les vaisseaux allaient au Brabante querir toutes les marchandises. La licence du Soudan et de Turcs. (Il vivait en 1449).

L'auteur garde le plus grand silence sur le prétendu commerce des Diéppois en Guinée au XIV et XV[e] s.

NB. Seguem-se as Memorias sobre o commercio dos diversos povos da Europa. O cap.° 1.° versa sobre o commercio desde o anno 1:000 até ao ultimo seculo (f. 29.).

Trata do commercio das especiarias que então se fazia por via dos Italianos tanto por mar como p.r terra com Alexandria, e as introduzião no resto da Europa «et étaient apportés par les Anseatiques soit par terre soit par le mer Rouge.»

Diz que a Liga Anseatica tomára este nome da palavra Allemã Amsée que significa sur la Mer et leurs négociants *Osterlen, c'est-à-dire Orientaux.*

On y voit le passage suivant.

«Mais les Portugais ayant découvert vers la fin du 15.e siécle une nouvelle route par le Cap de Bonne Esperance pour aller aux Indes Orientales enleverent aux venitiens le commerce des Epiceries et des autres marchandises de l'Orient de sorte que Lisbonne ait devenu le Magasin d'oû elles se repandaient ensuite dans le reste de l'Europe.

1487

Feitoria Portugueza em Flandres — (Ibi f. 49).

Hollandezes

Apossão-se do nosso commercio e do da Hespanha em 1595 a sua 1.a Comp.a data de 1602. La Republique (elle s'est conduite avec tant d'habilité, qu'elle á depouillé celle des Portugais de la meilleur partie des principales places qu' ils avaient dans les Indes, et de presque tout le commerce qu' ils y faisaient.

La guerre avec l'Espagne avait recommencé en 1621. Les Hollandais profiterent encore pour l entendre encore dans l'orient au depends des deux couronnes — c'est a dire du Portugal, qu'alors était sous la domination de l'Espagne.

En 1623 ils s'emparent du Brésil et des meilleures Places que les Portugais avaient en Guinée et dans les autres endroits. Cela fut l'ouvrage de leur fameuse Comp.e des Indes Occidentales.

A p. 221 repete les mêmes choses.

Philippe 3 — au mois de Septembre 1598 voyant que toutes les tentatives qu' on avait faites pour porter les Hollandais á la Paix avaient été inutiles résolu de leur interdire toute sorte de commerce dans les Etats. Philippe fit executer son édit avec la derniére rigueur et séverité. On fit

par toute l'Espagne une éxacte recherche des matelots de Hollande. Les uns furent condamnés á une prison perpetuelle ou aux galéres, les autres furent executés á mort par diverses sortes de supplices.

Les represailles des E. E. G. furent aussi terribles —

Le chap. 11 p. 260

Du commerce de portugal

Diz que antes da incorporação de Portugal a Hesp.ª em 1580 os Hollandezes commerciavão muito com Portugal, e com grandes facilid.es «Le fort de leur commerce se faisait á Lisbonne d'ou ils tiraient outre les marchandises du pays celles des Indes Orientales, et du Brésil dont le commerce était alors entre les navires des seuls Portugais.

Que um dos 1.os cuidados que o Gov.º Portuguez teve depois da restauração de 1640 foi de fazer parar o progresso das conquistas dos Hollandezes nas nossas colonias.

NB. Todo este cap. é curioso e importante p.ª as nossas negociações Diplomaticas com a Hollanda antes e depois do Tratado de 1656 por mediação da Inglaterra, e deve ser copiado.

A p. 301 fallando do commercio com as Indias Orientaes diz que «Les Portugais ayant fait le tour de l'Afrique (1497), route alors inconnue á tous les navigateurs arriverent á Calecut &; ayant employé 88 ans á découvrir cette route ce qui eleva leur reputation audessus de celle que les Pheniciens, les Carthaginois et les Grecs s'étaient acquise par leurs navigations».

Nas praças d'Africa que possuimos cita «Le Chateau de la Mine en Guiné, la ville de S. Salvador sur les cotes du Royaume du Congo, celle de S.t Paul de Loanda. Sur celle d'Angola les rendaient maîtres de tout le commerce de la côte occidentale d'Afrique, et les forteresses de Sofala, de Mozambique et de Quiloa de celui de la côte orientale. Ils avaient les importantes places de Mascate et d'Ormuz sur les côtes d'Arabie et de Perse.

NB. O resto deve ser copiado bem como a secção 1.ª p. 306 sobre a maneira como os Hollandezes se estabelecerão na India.

Atribue tudo á má conducta dos Portuguezes, á sua tyrania e ao zelo dos Missionarios que atacavão as crenças religiosas dos povos — &.

Em 1602 já os Hollandezes tinhão formado uma Comp.ª p.ª se apossarem do nosso commercio.

Afrique

Au chap. 14 p. 443. Tratando do commercio dos Hollandezes na costa do Ouro — diz

«Le village de Mouré sur la côte d'Or fut le première endroit oú ils eurent la permission de trafiquer. Ils surent si bien se conduire qu'en

peu de temps ce lieu devint une place tres marchande. Les Africains qui l'accommodaient mieux d'eux que des Portugais y accroissaient de toutes parties et le commerce des Hollandois s'augmenta considerablement dans la suite sur la côte de Guinée qu'avant la tréve de 1809 il occupait plus de 20 gros navires.

A p. 455 vient un rapport aux EE. GG. par Daniel Brauus —

Choix de voyages modernes par John Adms — traduit de l'Anglais par André — Paris Ann. VIII. 2 vol. in 8.

L'A. comence ainsi —

«L'Europe était encore dans la barbarie, quand les Portugais commencérent leurs premieres navigations dans les mers oú l'on présume qui etait anciennement l'Atlantide. Henri fils de Jean 1er Roi de Portugal, mit á profit le peu d'astronomie que les Arabes avaient conservé. Il fit élever á Sagres, ville des Algarves, un observatoire oú furent instruits les jeunes gentishommes qui composaient la cour. Il eu beaucoup de part á l'invention de l'astrolabe, et sentit le premier l'utilité, qu'on pouvait tirer de la boussole, qui était déjá connue en Europe mais dont on n'avait pas encore appliqué l'usage á la navigation.

NB. Raconte alors les découvertes. Est trés elegament écrite et peut servir pour mon 3e Mémoire pour l'Institut C. Noun =

Il suffit de lire la relation du naufrage de Brisson e sa captivité en 1787.

Sanguier — Relation de plusieurs voyages á la côte d'Afrique 1792. 1 vol. in 8.

Sont effectuées en 1784.

Il fit naufrage auprès du Oued Noun — (p. 6).

Il dit que les Maures qu'il aperçut descendent des Arabes errans et des fugitifs Portugais qui se refugierent dans le Saharà lorsque les Schérifs s'emparerent des 3 Royaumes de Barberie. Les Barbares du desert reconnaissent pour souverain l'Empereur du Marroc. Les lames sur les plages sont horribles — et les barbares d'une cruauté horrible. Ces tribus il les appelle *Mongearts* étaient les seuls qui s'étaient trouvé sur le rivage au moment du naufrage. Ils partagerent ce butin avec les Arabes du Saharà qu'on connait dans le pays sous le nom de Mouselmines.

Les tentes qu'on remarque dans la carte catalane sont de ceux-ci =

A p. 46 il décrit le Saharà — Les peuples qui l'habitent ne s'occupent d'ordinaire que de la garde et l'entretien de leurs bestiaux.

Les troupeaux des Mongeart sont composés de moutons, de chevres et de chameaux. Ils habitent en deça du Bojador.

A p. 69 — une barque Espagnole des Canaries y fait naufrage, toute l'equipage est egorgée. La haine de ces peuples vient de ce que les habitans des Canaries et même avec tous les Espagnols font de temps en temps des descentes sur les côtes et qu'ils enlevent tout ce qu'ils rencontrent hommes, femmes et bestiaux —

Dans son second voyage p. 114 elle experimenta tempestade forte no mar das Canarias. No Cabo Branco virão 2 navios naufragados.

Naufrage de la Sophie perdu le 30 Mai 1819 dans le désert du Saharà par M.r Cochelet. Paris, 1821. 2 vol.

Dans l'espace de 25 ans on compte les naufrages de 30 navires, de presque toutes les nations sur cette côte inhospitaliére (Intr. p. VIII). On sait cependant que la même cause á produit ces naufrages: on sait que des courants dangereux entrenent les batiments dans la côte occidental de l'Afrique.

Ne doit-on pas esperer que les autorités maritimes prendront enfin des mesures pour propres á prevenir ces accidents, et que les capitaines écriveront des instructions pour se mefier d'une plage qui à déjà vu le malheur de tant de victimes.

Il les appelle plages funestes.

Dans la carte jointe á cette relation on y voit pas de port marqué au sud du Bojador et seulement le R. das Enguias au Nort e plus au sud oú marque un autre avec un encrage et port á *Penha Grande* qui reste vers le 25 ½ de lat.

Ils étaient entre les Canaries et le continent. Il dit p. 21 «Sur un cote inhospitaliére et barbare, qui à toujours été le *terreur des marins*. Il décrit ces parages comme *une horrible solitude*. p. 22. C'était un peu au nord du Bojador (Ibi). Les lames étaient furieuses qui se brisaient avec un bruit affreux sur un banc.

«Des tous côtés soit en considérant cet effroyable désert, soit en por«tant nos yeux sur l'océan je ne vu plus que la mort.

A p. 65 — Les tribus des Ouadelins habitent ordinairement les environs du Cap Bojador dans le voisignage des Montjearts, avec les quels ils vivent assez bien. Malgré leur vie errante, ils dépassent rarement les limites qu'une més intelligence habituelle á établies vers le nord, entre eux et les Monslemines.

Ils y ont grand nombre de chameaux — (Voy. p. 96) c'est-à-dire appartenant aux Ouadlins.

A p. 102 et suiv. fallando do naufragio =

«de tous côtés on découvrait une multitude de lettres, et de personnes qui les ont écrites laissent sans s'en douter, dans ces *regions inconnues* le signe de leur existence &.

Une troupe de Bedouins s'approche de ces parages montée sur des chameaux p. 118. «Ils avaient été dans les environs du Cap Bojador *oú «on en trouve* abondamment (des graines du désert). En revenant de leur «expedition la nouvelle de notre naufrage était parvenue jusqu' a eux, et

«l'espoir d'en partager ce profit, les avait engagés á detourner de leur route (Ibi p. 119).

Or combinant par un rapprochement de la carte de Cabote=l'endroit oú il fit naufrage et sa relation avec celle de Bethencourt il parait resulter le fait que ce gentilhomme avait près le Rio das Enguias aux abords du Bojador pour le port du Cap.— 2.° que ce fut en deça du cap qu' il fit la fameuse Rhasia.

A p. 173 — Vestiges d'autres naufrages d'une epoque recoulée.

«Dans ces parages dangereux, la côte située un peu au sud du cap «Noun se présente sous *un aspect si effrayant*, que l'on croit á l'*impos-«sibilité de s'aborder par quelque temps que se puisse être*.

(A pag. 174) Malheur au bâtiment qui s'en approche dans les jours de tempête! lancé par les vagues furieuses au milieu des cavernes qu' elles se sont creusées sur cette côte redoutable il doit se perdre et perir infailliblement.

Ils rencontrent un lac dans le désert de 3 lieues. Ibi p. 184.

Graine qu' on trouve en grande quantité ou abondance au *sud du cap Bojador* (on l'appelle dans le désert «*Énéfice*=

Cette graine est de la grosseur d'une petite cerise séche rouge.

M.r Cochelet n'a pas su l'arbuste qui la produit puis qu' il se trouve en grande abondance au sud du Bojador (Ibi p. 194).

NB. Ce fut de cet arbuste que Gil Eannes apporta á l'Infant quelques branches.

La distinction entre la dénomination de Maures indépendants et celle de Monslemines est assez difficile á établir, les uns et les autres se donnen-quelques fois indifférentement á l'une et á l'autre de ces deux qualités. Cependant, il est m'est bien prouvé que la portion du désert habité que nous avons parcourue, appelée pays des Monslemines, cesse d'etre ainsi nommée dans l'endroit oú nous avons rencontré ces demeures fixes.

A p. 270 il décrit le Ouadnoun.

La carte est dressé M.r Lapie d'aprés les Itineraires fournis par M.r Cochelet.

Au Tom. 2. chap. XVIII p. 273 traite des causes des frequents naufrages sur la côte occidentale d'Afrique=

T. 2. Parlant des naufrages frequents de cette côte il dit—

«Il m'a semblé que beaucoup de marins l'ignoraient; c'est un mal que l'on ne saurait assez déplorer; car puisque l'on accorde aux capitaines de navires marchands une confiance sans limites, ils doivent y répondre par la connaissance de tous les dangers qu' ils peuvent rencontrer dans leur navigation.

Parlant des courants dans ces parages il dit

«Ces courants ont une violence telle que le batiment qui s'y trouve «abandonné peut dévier de sa route de plus de *quarente lieues en moins de trois jours*.—

«Redoutables dans tous les temps, ils le sont d'avantage par les cal-

«mes; alors ils agissent presque irresistiblement, et entrainement les na-«vires, lors que leurs villes privées d'air ne peuvent opposer aucune ré-«sistence. Le vent, qui habituellement souffle á la côte, augmente encore la force des courants qui s'y dirigent; mais dans ce cas, ils deviennent moins á craindre, parce qu' une marche rapide permet souvent aux batiments de se dérober heureusement á leur effet.

Le navire français fit naufrage selon le dire des officiers 36 ou 40 lieues au sud des îles Canaries.

La carte de Lapie dans cette ouvrage met Timbouctou vers le 18 delat.

Sanson fils dans la carte de 1669 — copiou a do Pay tirada de Sanuto [a]

Labat na viagem á Guiné pelo Chev.r Desmardies — est d'une telle mauvaise foi qui dit en parlant de Teneriffe ce qui suit

«Tout le monde sçait que Teneriffe est une des îles Canaries, elles furent découvertes et conquises en partie en 1405 par un Gentilhomme Normand nommé Bethencourt *dont les heritiers cederent les droits qu'* ils avaient sur ces îles au Roy d'Espagne. —

1727 — Dans la carte dressée par D'Anville qui accompagne la Nouvelle Relation d'Afrique occidentale par le P.e Labat (Tom. 1.º on ne voit pas du port du Bojador.

On y remarque la lat. de Timbouctou entre le 14 et le 15 lat. N.

Pour Mr Guérin.

Si le Mss. etait mutilé par une main etrangére á l'endroit oú il pouvait mettre sur la voie des Bibliotheques ou se trouveraient les fameux documents des Dieppois, comment Labat á laissé en blanc dans son livre imprimé le nom de l'Avocat chez qu' ils se trouvaient á Dieppe. en effet le Perè Labat — Tom. 1. p. 8 de sa Relation d'Afrique, écrit ce qui suit

«On les pourra voir dans le cabinet de Monsieur   avocat du Roy de la même ville.

On voit donc en blanc et bifé dans l'edition imprimée le nom qui pouvait mettre sur la trace!

PORTULANS DU MOYEN AGE COMME LA CARTE CATALANE ET AUTRES —

Dans ces cartes on indiquent les routes et quelques fois les distances sans aucun egard aux latitudes ni aux longitudes des terres et par cette raison on ne trouve pas dans ces cartes aucun meridien gradué, mais seulement une ou plusieurs roses des vents avec une échelle ou petit pied de lieues pour mesurer les distances d'un endroit á un autre et les caps, pointes, îles et ancrages peintes selon le nimb = *a que se correm uns* a respeito dos outros.

---

[a] Esta linha está escripta a lapis.

re, comme dans le mer Baltique, dans la Mediterranee ou il ne se passe jamais plus de 24 heures sans voir la terre, mais dans l'océan Atlantique.

Ces cartes servaient seulement pour la navigation cotiere, de cabotage, et pour les mers ou á peu de distance, on peut reconnaitre la ter-dans les grandes navigations il serait impossible de se servir de ces cartes, non seulement parce que les distances sont seulement fondées sur la conjecture aproximative d'un pilote et non pas dans aucune raison géometrique, mais aussi parce que quand même les distances du meme endroid pour les autres puissent être exactes, ne peuvent pas l'être des autres endroids entre eux.

Pimentel Arte de Navegar, cap. XV. p. 68. P.ª o Navio de Ferrer

«O modo p.ª se achar na carta a que rumo se corre uma terra com outra, é buscar na Rosa dos ventos alguma linha que leve direito de uma p.ª outra parte e se se achar justa, nesse rumo diremos que estão ambas as terras, como por exe m]plo — querendo saber que rumo leva direito de Lisboa á Madeira, porei um pé do compasso em Lisboa outro no rumo do Nordeste Sudoeste e correndo com o compasso vejo que a ponta que sahio de Lisboa vai dar na Ilha da Madeira.

A distancia de legoas que ha de uma p.te a outra se sabe pondo a ponta de um compasso em uma terra e a outra noutra, e transferido o compasso ao tronco de legoas mostrará a distancia. Mas se a distancia for maior que o *tronco*[1] de leguas, como p.r ex. de 300 e o tronco fôr sómente de 100, tomado este espaço 3 vezes parallelamente ao rumo por onde as duas terras se correm mostrará a distancia justa.

Para responder á objecção feita por d'Avezac de que a 12.ª carta de Sanuto é reduzida e p.r isso não marcará o porto do Bojador pelo contrario o cosmographo Pimentel diz, que a carta reduzida de gráos crescidos, ou de latitude crescida hé a mais certa e ajustada de todas que se teem inventado.

«Estas cartas tem os gráos do Meridiano desiguaes cada vez maiores quanto mais apartados do Equinoxial. Os Meridianos nesta carta são parallelos da mesma sorte que nas cartas communs.

Outro Rio d'Ouro na Costa d'Africa oriental como o escreveo Manoel de Mesquita Perestrello em 1575 quando explorava hydrographicam.te a costa desde o C. da Boa Esperança até ao C. das Correntes. Vid. Pimentel p. 437.

Nestes Roteiros se não faz menção do Cabo Bojador nem ha roteiro algum para os portos d'Africa Occidental áquem deste Cabo!

Severianus est du ıvᵉ siècle =
Homilia VIIIª em que trata do firmamento, e dos Navios.

---

[1] Petitpés de leguas (Escala).

«... et portus quando minores naviculæ inter majores naves apparent &.

Histoire de Richer Moine du x[e] siècle.

«Selon les géographes (onze) la terre habitable se divise en trois parties, l'Asie, l'Afrique et l'Europe: l'Asie, que s'étend du Nord au midi au travers de l'Orient, est limité exterieurement par l'Océan; intérieurement, elle est separée de l'Europe, depuis les monts Riphées jusqu'au centre de la terre, par le Tanaïs, le lac Méotide et la Mediterranée, du centre de la terre, jusqu'au Midi, le Nil la sépare de l'Afrique; l'Afrique et l'Europe separées par la Mediterrranée, sont extérieurement enveloppées par l'Océan, depuis le Midi jusqu'au septentrion; á l'intérieur, la prémière est, comme on l'a dit, separée de l'Asie par le Nil, la seconde par la Mediterranée, le Tanaïs et le lac Méotide.

NB. Dans une Note les Editeurs disent que cette description est a peu près exacte et que c'est un merite chez un auteur du x[e] siècle = Monts Riphées (les Monts Ourales il les plaça ailleurs dans l'île Britanique) !!—

Voyage fait par ordre du Roi en 1771 et 1772 par Puigré &. Paris 1778. 2 vol. in-8 avec cartes.

Les AA. n'ont pas connu le document d'Alphonse IV relativement aux Canaries. Vid. n.º 76 — Vol. 1[er]. Neste traz a planta hydrographica do Porto da Praya na Ilha de S.[t] Thiago — e uma descripção historica & a p. 166 — et suivantes. E' a unica que vem descripta.

Cabo Bojador

T. 2 p. 47 —

De S.[t] Croix jusqu'au Cap Bojador la cote est trés peu connue et peu frequentée.

Du Bojador ne dit rien et saute au cap Blanc = Il y cite la carte de Bellin dans son Neptune Oriental —

Dans la belle carte nautique qu'on voi à la fin on n'y voit que le Rio das Enguias au Nord du Bojador et aucune figure de port au sud.

Mss. de Dante

N.º 7255 = Tem alguns systemas desenhados e é magnifico —

Pierre d'Ailly — Mss. de la Biblioth. n.º 2692 in-4.º

Traitant de *Mare Indico*, dit.

«Mare quod vocamus Indicum secundum Plinii determinationes per lacus Indie a tropico capricorni setam equinoxialem et transit per latus mediam Indie &.

NB. E' toda a theoria de Plinio.

XIIIe SIÉCLE

Mss. n.° 7991 — Image du Monde á appartenu á la Bibliothèque de Charles V. Le n.° 157 du catalogue de Giles Mallet.

Il traite de Saint Brandan et des merveilles qu'il vit en la mer.

NB. Il raconte toute la legende qu'il faudra copier.

Este Mss. tem os pequenos Mappamundi iguaes aos que fiz gravar de Gauthier de Metz.

En général les Mappemondes du Moyen-Age était fait d'après les idées systhématiques que j'ai signalé dans mon memoire mais quimere quant á la position du Paradis terrestre on la determinait aux extremités orientales du Monde d'après des Mss. pareils á ces Images du Monde comme celle-ci, où nous trouvons un chapitre special sur cet objet. De même il représentait Saint Brandaines se promenant sur la mer d'aprés les memes mss. des cosmographes qui leur servaient de guides pour rédiger leurs Mappemondes.

«Le poëte cosmographe dit «que la premiére region d'Asie est le paradis, que personne y peut aller (inaccessible).

Qu'il y la l'arbre de vie. Il est environné de feus ardents. Qu'un ange avec une épée flamboyante garde l'entrée.

Un autre Mss. de l'Image du Monde. Mss. n.° 7852 (3) — du XIIIe siècle =

Mss. 7991. — Image du Monde — XIIIe siécle —

NB. Tem os pequenos Planispherios que julgo ter feito gravar.

Mss. de l'Image du Monde 7929 —

NB. Neste Mss. se vêm pedaços mutilados e substituidos par du parchemin recollé — et on y voit d'autres mutilations.

Mss. de la fin du XIIIe siécle.

Nic. Reusneri Itenerarium totius orbis in 8.° —

A la Biblioth. du Roi G — 562. V.^{s} 1580.

Dans une epitre en vers — ad Joachimum camerarium on y lit —

1.° «Nam si non animum mutant, qui trans mare currunt,
2. «Ut tuus ille canit: non plus tibi cognitus Alpis
3. Contulerit, quam ista Tagi proediviste unda
4. Nuper, et Herculea Summato gurgite Gades,
5. — Et mihi Sarmaticae Borealis regna Paludes &.

Isidore de Séville

Chap. XXIX Liv. III

Edition de Rome de 1748 p. 145

Chap. xxx

De forma Mundi

«Nam quemadmodum erigitur mundus in Septentrionalem plagam, «ita declinatur in australem caput autem ejus, et quasi facies, orientalis regio est : ultima pars septentrionalis est.

Liv. xiii. Cap. xv, T. 4 p. 124

De Oceano

«Quique a proximis regionibus diversa vocabula sumpsit ut Gallicus, Germanicus Scythicus, Caspius, Hyrcanus, Atlanticus, Gaditanus. Nam Gaditanum fretum a Gadibus dictum, ubi primo ab Oceano *Maris Magni* limem aperitur. Vunde et Hercules quam Gadibus pervenisset, columnas ibi possuit, sperans illic *esse orbis terrarum in finem.*

Chap. xxi

De fluminibus

En parlant du Nil il dit

«Geon fluvius de paradiso exiens, atque universam Aethiopiam cingens, vocatus hoc nomine, quod incremento suæ inundationis terram Aegypti irriget.

Aprés il parle du Ganges, (Phison) du Tigre et de l'Euphrate qui contente tous du Paradis Terrestre.

Isidore ne parle point dans son enumeration des fleuves de l'Afrique, que du Geon, ou Nil.

Liv. xiv

De terra et partibus p. 141.

De terra

Cap. i

La terre est au Centre du Monde.

Cap. v

De Lybia.

«Lybia dicta, quod inde Libs flat, hoc est, Africus. Alli &.

Limites

«Incipit autem finibus Aegypti pergens juxta meridiem per Aethiopiam usque ad Atlantem montem. A septentrionali vero parte mediterraneo mari conjuncta clauditur, et in gaditano freto finitur, habens provincias Libyam Cyrenensem, Pentapolim, Tripolim, Bysancium, Carthaginem, Numidiam, Mauritaniam Sitifensem, Mauritaniam Tingitanam, et circa solis ardorem Aethiopiam.

Il passe ensuite á decrire les limites de ces provinces. En parlant de la Mauritania Tangitaine = A meridie Gaulalum gentes usque ad Oceanum Hisperium pererrantes. Regio gignens feras, simias, *dracones* et sthruthiones, olim etiam et elephantis plena fuit, quos sola nunc India parturit (Ibi p. 167).

En traitant des limites occidentales et orientales on voit qu'il ne connaissait pas ce continent au-de-lá du 12.ᵉ de lat. septentrionale.

En parlant de l'Ethiopie —

«Aethiopia, dicta a colore populorum, quos solis vicinitas torret. Denique vim sideris prodit hominum color, est enim ibi jugis æstus. Nam quidquid ejus est, sub meridiano cardine est. Circa occidium autem montuosa est, arenosa in medio, ad orientalem vero plagam deserta: cujus situs *ab occiduo Atlantis montis ad orientem usque in Aegypti fines porrigitur, a meridie oceano;* a septentrione Nilo flumine clauditur, plurimas habens gentes diverso culto, et monstruosa specie horribles.

§ 17. (Ibi p. 168)

«Extra tres autem partes orbis, quarta pars trans oceanum interior est meridie, *quæ solis ardore nobis incognita est,* in cujus finibus Antipodes fabulose inhabitare produntur. Proxima autem Hispaniæ Mauritania est deinde Numidia &. postea Aethiopiam, *inde loca exusta solis ardoribus.*

- -

Les Dragons de la Mappemonde de Bianco est un souvenir des Dragons qui gardaient les Hesperidem sur la Mer Atlantique dans les limites de l'Afrique.

NB. Ce rapprochement est fait sur la passage d'Isidore de Seville — f. 172. § 10 —

L. xiv

Cap vii

De Promontoriis

Le dernier dont il fait mention á l'occident — c'est = Calpe.

Au Chap. viii

Des Montagnes

§ 17 — Il ne traite que de *Calpe* =

«*Calpe* mons in ultimis finibus oceani qui discuit Europam ab Africa quem Atlantis finem esse dicunt de quo *Lucanus Hisperiam Calpen, summumque implevit Atlantem.*

Aprés il parle de l'Atlas (voy. p. 187).

«Atlas Promethei frater fuit, et Rex Africæ, a quo astrologiæ artem prius dicunt ex-cogitatam, ideoque dictus est sustenisse cœlum ob conditionem igitur ejus disciplinæ, et scientiam cœli, nomen ejus in montem Africæ derivatum est: qui num Atlas cognominatur, qui propter altitudinem suam quasi cœli machinam, atque astra sustentare videtur.

Dans le chap. 1.e du Liv. xv des Villes = il cite Cæsarea — ville de la Mauritanie =

D. Francisco Manoel — Epanaphora =

E' em 1.º logar um escriptor do seculo xvii e por tanto posterior de perto de 4 seculos aos Descobrimentos —

A Epanaphora — Tragica = Naufragio da Armada Portugueza em França no anno de 1627 — pag. 153.

A pag. 162 diz o A. enobrecendo as qualidades de Lisboa = que por esta causa assentarão os Politicos, e confirmou a experiencia «*que aquelle* Principe que senhoreasse esta magnifica cidade *se habilitava para dominar todos os mares e terras que jazem no hemisferio oposto alem das aguas.*

A pag. 164 rapelle que la noblesse Portugaise se entregára á *guerra maritima* contra os Infieis em virtude da Bulla de João 22 no 3.º anno do seu Pontificado e ao 1319 servindo de continuo em as Armadas.

A p. 173 [a].

Descobrimento da Ilha da Madeira anno de 1420. Epanaphora *Amorosa.* Escripta a um amigo.

Elle chama-lhe m.mo uma *obra de mais divertimento,* que as passadas &.

Diz p. 275 que fizera o proposito d'immitar o Cardeal Bentivoglio.

A pag. 178, na carta que D. Franc.co M.el escreve e data de Bellas de 9 de Setembro de 1654 diz elle referindo o que se tinha escripto sobre a Madeira — 1.º o Liv.º em Latim q̃ o D.r M.el Clemente dedicou a Clemente VII = 2.º Manoel Thomaz que havia poucos annos havia publicado o poema da = *Insulana* = accrescenta

«Antes, e melhor que todos, Francisco Alcoforado, Escudeiro do Infante D. Henrique, fez de todo o successo huma Relação, que ofereceo ao mesmo Infante, tão cheia de singeleza, como de verdade, por ser um

[a] Aliás, 273. Erro de impressão na edição de 1660.

dos companheiros neste descobrimento: a qual Relação original, eu guardo como joya precioza, *vindo á minha mão por extraordinario caminho.*

«Refiro-vos o *avoengo* destas Memorias porque a antiguidade as tem justificado e enobrecido. E tambem porque conheço, não é meu credito bastante, para que por si sómente inculque ao Mundo, *como verdadeira, huma historia tão exquisita.*

Bellas 9 de Setembro de 1654.

D'Avezac tomou como Avoengo uma confissão de Fran.co Manoel de ser descendente d'Alcoforado e que por isso possuia a tal relação!!!

Avoengo tomava-se em m.tos sentidos = Diz-se «da honra e origem dos seus Avoengos —

D. Fran.co M.el queria dizer nisto que elle referia a avoengos a origem ou o passado da historia que ia contar, a *avoenga da Epanophora Amorosa* (ascendencia — Moraes).

Passando agora ao fundo do escripto que M.r d'Avezac attribue a Alcoforado, e que na realid.e é de D. Francisco M.el porque nem o estilo nem a erudição historica pertence ou se pode encontrar ou assimilar-se aos dos escritores do seculo XV em que Alcoforado escreveo —

Alem disto para mostrar a falsidade bastará ver a p. 280 que o Parlamento Inglez mandára prender Roberto Machim por causa dos amores com Anna. O estilo é todo e a composição do escriptor do XVII° seculo, e tanto o é que elle mesmo o confessa a p. 280 — quando diz

«Não escrevo amores, senão o sucesso delles; força será, comtudo, temperar segundo o tom, o instrumento: prevenha-se desta consideração, o animo d'aquelles, a quem talvez parecer reprehensivel a brandura da pena ou o *asseio do estilo*, com que se escreve».

Ora a p. 281 vemos a falsid.e deste neg.o

1.e Como poderia Alcoforado mesmo saber e ter conhecimento do Discurso que Roberto Machim tinha feito a parentes e amigos e criados a ousada resolução em que se achava, tanto mais que isso se passára em *Secreto* em Inglaterra?

Não é isto uma pura ficção?

Entretanto D. Fran.co Manoel que viveo 400 annos depois traz o tal discurso p.r extenço posto que Machim o tivesse pronunciado em segredo e no XIV° seculo, em um paiz extrangeiro!!!

Parece incrivel que haja quem creia em taes cousas, e que as dê como factos historicos incontestaveis! e o tal discurso tem mais de uma pagina! E isto para fazer roubar a tal Anna de Arfett.

A p. 283 — se vê que não fôra Alcoforado que nem mesmo escreveo esta historia ou a inventára pois alli diz Fran.co Manoel § 2.° linha 4 = *que ao mesmo Roberto* (Machim) *a quem devemos esta historia.*

Ora Roberto Machim — ja não existia no tempo d'Alcoforado como podia este escriptor ter conhecimento da tal Historia que elle escrevera?

Ainda na mesma pag. se vê a data moderna de todo este romance.

A descripção de Bristol e do seu commercio é a do seculo XVII transportada precisamente p.r Fran.co M.el para o seculo XIV. Até não esqueceo a este romancista que a estação dos *ventos nortes* era a favoravel para roubar a heroina.

D. Fran.co M.el até soube que *ella tinha recolhido as mais preciosas joias de seus contadores*, entre as quaes havia um memoravel crucifixo do qual elle conta todas as particularid.es

Os immensos episodios que Fran.co M.el ajunta a cada passo mostram que tudo é delle.

O auctor até teve conhecimento das caricias que Machim fez á sua bella durante av iagem (p. 288) e para estar de tudo instruido até refere ahi as proprias palavras e discurso que Machim fez a Anna durante a viagem!

Depois de todos estes romanescos episodios diz o A. a p. 289

«quero eu agora *tomar sobre mim esta noticia*. Não ha melhor confissão de ser elle o A.

«Descobrem a Ilha — Anna leva as joias e sobretudo o crucifixo — mas p.a que o Romance seja completo, morre Anna na Madeira e logo Roberto lamentou esta catastrophe da maneira seguinte.

«Segue o Discurso que occupa 3 paginas depois do qual desmaiou, e um mancebo lhe dirigio outro discurso que tambem Fran.co M.el traz a p. 303 e este do mancebo tem 4 paginas!!

Para ainda melhor se provar que tudo isto é de Francisco M.el transcreverei a passagem seguinte.

«Foi Roberto mesmo que *em versos latinos elegiacos escreveo a sua historia* na maneira que fielm.te procurámos referila (Ibi p. 309) «acabando em uma elegante apostrophe».

Isto passou-se entre os Marroquinos achava-se captivo um castelhano *João de Morales* o qual viveo no captiveiro longos annos com os Inglezes naufragados e foi elle que deo noticia da Ilha da Madeira cuja existencia lhe tinha sido revelada pelos Inglezes —»

Ora é realmente curioso que o Piloto castelhano fosse revelar isto a um Portuguez e não aos seus compatriotas!

D'Avezac não copiou como devia a passagem seg.te a pag. 314 e 315 da mesma Epanaphora.

«Por este tempo e deste logar (Sagres) começou D. Henrique novas conquistas e descobrimentos revolvendo cada dia suas embarcações os Mares Atlantico e Occidental, *cujos seyos por muitas centenas de annos* estiveram incognitos, e ainda a juizo de melhores, *nunca forão trilhados de outras gentes*.

A p. 320 da m.ma obra, D. Franc.co diz, fallando da expedição de João Glz Zarco que foi á descoberta da Madeira que forão com elle alguns outros homens de Lagos praticos na navegação, que se dizião: Antonio Gago e Lourenço Gomes.

Os outros que acompanharão Zarco forão João Lourenço, Franc.co do Carvalhal, Ruy Paes, Alvaro Affonso e Franc.co Alcoforado, primeiro Chronista desta historia.»

M.r d'Avezac ne tire des AA. Portugais que les passages qui peuvent torturées par lui faire amoindrir la gloire Portugaise; mais il s'engarde bien de produire ni même indiquer ce qu' il y trouve en faveur des découvertes et de leur priorité.

Ici dans cette Epanaphore a p. 321 D. Franc.co Manoel fallando da

expedição de J. Glz Zarco, dit qu' il partit de Lisbonne com uns navios e um varinel —

«Tal foi a frota com que partio de Lisboa posto não sómente celebre entre os melhores do Mundo por si mesmo, mas por haver sido aquelle notavel ponto donde se tirarão linhas de gloriosas conquistas e incriveis descobrimentos a toda a circunferencia de todo o universo.»

A p. 322

«e como até aquelles tempos, por falta do astrolabio, e Balestilha (mais moderna) ninguem navegava pela altura, mas junto á costa, e era julgado por impossivel ou milagroso: *Que quem perdesse a terra de vista podesse tornar a ella.*

Passa a tratar da opinião de alguns Theologos de que fosse aquella a antiga ilha de Cipango por misterio de D.[s] encuberta donde foi fama, se retirarão os Bispos e povo catholico Lusitano e Espanhol quando a oppressão dos Sarracenos. Amotinão-se os Marinheiros de Zarco com o temor de se aproximarem á Ilha da Madeira (Ibi p. 325).

Sepulturas de Machim e d'Anna d'Arfet das quaes as Cruzes e epitafios confirmavão o primeiro testemuuho (Ibi p. 331).

Como é que isto escapou aos escriptores primitivos?

«Foi levantado alli o Altar (Glz Zarco) com o proprio que Roberto e Anna havião erigido.

A p. 335 — Ora se o piloto João de Morales sabia bem o Roteiro dos Inglezes, como é que julgavão que a Madeira não era uma ilha mas sim uma parte do *continente de Africa?*

D'Avezac truncou a passagem de p. 335. D. F. M.[el] falando da ethymologia do Funchal quer atribuila aos gregos e Latinos.= e é então que diz

«Os Portuguezes antigos com gr.[e] diferença das outras Nações conquistadoras do Mundo, mostravão a singeleza e pouca ambição de seus animos, aos nomes que davão ás terras de seus descobrimentos &.

Ora se d'Avezac acredita nisto por que não pode acreditar na falla de Zarco a ElRei D. João 1.º na presença dos Emb.[res] estrang.[os] p. 339 e segs.

«diz por mares nunca vistos, e terras *nunca descobertas* fallando da Madeira?

«Que os Portuguezes em vez d'Estados conquistarão elementos.

NB. Vê-se que esta falla é forjada.

Mas o nome de Madeira diz que forão os Portuguezes quem primeiro assim a chamarão. (Ibi. p. 342.)

Procurar no nôme de Constança Rodrigues, m.[er] de Zarco, o que houver?

Mappa do Inf.[e] D. Pedro —

Galvão. Tratado dos Descobrim.[tos] p. 22 diz

«No anno de 1428 foi o Inf.[e] D. Pedro a Inglaterra, França, Allemanha, á Casa Santa e a outras daquella banda, tornou por Italia, esteve em Roma, e Veneza, trouche de lá hum Mappamundo que tinha todo o ambito da terra, e o Estreito de Magalhães se chamava cola *do Dragão*, o Cabo da Boa Esperança fronteiro de Africa, e que deste Padrão se ajudara o Inf.[e] D. Henrique em seu descobrimento. Francisco de Sousa Tavares me disse que no anno de 1528 o Inf.[e] D. Fernando lhe mostrára *huma Mappa* que se achava no cartorio d'Alcobaça que havia mais de cento e vinte annos que era feito o qual tinha toda a navegação da India, com o Cabo da Boa Esperança como as de agora Se assim he isto já em tempo passado era tanto como agora mais ou menos descoberto.

Quanto a Gil Eannes diz que fora opinião que passára o Bojador (Ibi p. 22).

A p. 23 se acha o erro de João 2.°, por D. João 1.°

Descoberta da Ilha da Madeira.

Galvão diz a este respeito o seg.[te] p. 19.

«Tambem querem que neste meyo tempo (1344) fora a ilha da Madeira descoberta que está em 32 gráos por um inglez q̃ se chamava Machim que viera de Inglaterra para Hespanha com uma mulher furtada, forão ter á Ilha com tormenta, e sorgirão naquelle Porto que se agora chama Machico de seu nome tomado. Machim que a muito amava pera sua sepultura fez uma ermida do Bom Jesus, e escreveo em huma pedra o nôme seu e della, e a causa que alli os trouxera. No anno de 1393 (accrescenta elle) reinando em Castella ElRei D. Henrique III pela informação que Machim desta Ilha dera, e a náo da sua companhia, moveo a muitos de França e Castella irem a descobrilla, e a Grão Canaria =

Pelo que elle accrescenta se vê que não tinha conhecim.[to] algum deste neg.°.

A p. 22 diz = que «dizião que Bettencourt morrera nas Ilhas Canarias, sendo alli morto.

Richard Hakluit publicou em 1611 em Londres com o titulo =

«The Discovery of the World from their original anto the of our Lord 1555 por Galvão.

É uma traducção Ingleza que elle fez (Pequeno volume in 4. — Biblioth. R. o — + — 1431.

Historia Insulana do P.[e] Antonio Cordeiro = publicada em 1717.

É ella um escripto da 2.ª metade do seculo xvii, como se vê do seu mesmo prologo.

XIIe Siécle — Hist. Litt. Etat des Lettres — Tome IX. p. 154

S^t. Bernard ignorait qu' il eut de son temps une Abbaye de Flais, oú S. Germer on est porté á regarder ce fort ignorant en géographie.

Il ne parait pas que Pierre Mirmet Moine de Charroux qui voulait se tirer de cette ignorance et qui á cet effet voyagea beaucoup en Espagne et en Afrique eut eu des immitateurs. Gui de Banches (Alberic des Trois Fontaines *Chron.* ad An. 1203 p. 431) publiá á la fin de siècle un écrit sur les divers pays du Monde, qu' il ajouta á son Histoire universelle. Mais cet ouvrage qui ne parait plus, était apparemment dans le gout de celui qui Robert Moine de St Martien d'Auxerre á mis à la tête de sa Chronique, c'est á dire une description de l'Asie, l'Afrique et l'Europe et des îles qu' on connaissait alors. Et quelques géographes au rapport d'*Otton de Frejusque* (Otto hist. liv. I. c. I.) ne reconnaissait même que deux parties du Monde, l'Asie et l'Europe. Ce n'est pàs qu' ils ignorassent le nom et l'existence de l'Afrique, mais c'est qu' ils n'en connaissaient que les côtes maritimes, sans connaître son étendue, elle leur paraissait si petite, qu' ils croyaient devoir la joindre á l'Europe et de ces deux parties du Monde n'en faire qu' une seule.

«Il serait curieux de savoir en combien de parties la terre était divisée sur la Mappemonde, dont se servit Jacques de *Vitri* pour écrire son Histoire de l'Orient (Jacques de Vitri = Hist. Orientalis Liv. I. cap. 91).

400 ans auparavant (VIII siècle) St Virgile évéque de Saltzbourg qui soutenait qu' il y avait des Antipodes, c'est a dire qu'il y avait un autre Monde qui avait son soleil, sa lune et ses saisons comme le notre (Concil. Tom. VI. p. 1521).

Dans le XIIe siècle le plus versé selon les AA. de l'Hist. Litt. p. 156) était Otton de Frisingue.

Mais ils avouent qu'il connaissait bien mal même la partie de l'Inde conquise par Alexandre le Grand. Il la regardait effectivement comme une des extremités du Monde, et un pays impénétrable aux hommes.

Il s'appuyait d'une prétendue lettre d'Alexandre á Aristote.

Otton de Frise. Lib. 1. c. 1.

Les 3 Parties du Monde Asie, Afrique et l'Europe, mais que quelques AA. avouaient joint l'Afrique á l'Europe *propter* sui *parvitatem*, quod Africam tertiam mundi partem dixerunt, non rationes dimensionum, sed refluxiones maximum secuti sunt.

Quant aux regions dont se composent ces parties il á onze.

Dans les Ascensiones Historiae de Leibnitz. =

«Gesta Treverum. p. 23 = on rencontre le partage de la terre entre les decendans de Noë —

XIII.ᵉ siécle

Engelbertus Abbatis Admontensis ord. S.ᵗ Benedicti — Apud Pertz — Tom. 1 p. 428.

L'ouvrage sur Aristote De Mundo, ne se trouve pas dans la publication de Pertz.

X.ᵉ siécle

Carte de la Cottonienne donnée dans le Magazin Pittoresque Tom. 8 — 2.ᵈᵉ Partie p. 208 y est donnée plus reduite que celle de mon Atlas.

«On y dit qu'en la comparant l'une carte moderne, ou en la mettant en regard, on remarquent d'abord que les points cardinaux ne sont pas disposés selon l'usage adoptéé depuis longtemps par les géographes. Le Nord au lieu d'être en haut, est á gauche, et par conséquent le Sud est á droite ou se trouve ordinairement l'Est.

L'execution graphique est extre[me]ment imparfaite, par exemple, on pourrait confondre les Pyrenées et les Alpes avec la mer et les lacs, les chaines de montagnes étant toutes tracées avec les lignes qui servent aussi á indiquer l'eau; une marque cependant les distingue c'est la ligne droite qui coupe leur base.

Les noms des pays, des cités, des fleuves sont écrits les uns en latin les autres en Anglo-Saxon.

La terre y est rèprésentée sous la forme d'un carré plat déchiqueté par l'ocean. L'Asie en est la partie la plus vaste; toutefois elle est reduite á la moitiée de sa grandeur.

Les tribus d'Israel y occupent une étendue démésurée de territoire.

La mer caspienne au lieu de rassembler á un lac, á la figure d'une baie formée par l'océan.

L'Europe n'était pas mieux connue.

La Macedoine est au-dessous de la Grece, et Athenes au dessus de l'Attique. Le mont Olympic est dans l'Asie mineur. Les Iles Britaniques patrie de l'auteur sont inferieurement représentées; elles sont indiquées á l'ouest de l'Islande.

En Afrique on voit deux Nils. L'un est le fleuve Egyptus dont parle Homére, l'autre n'a point d'embouchure.

Aux sources du Nil on lit la legende suivante

«*Hic dicitur esse mons super ardens* =

Montagne dont l'on raconte que le cime est en feu.

A consulter

Zara — Anatomia ingeniorum et scientiarum sectionibus quatuor comprehensa — Venise 1615.

Ce savant naquit en 1574.

XI.e siécle — Adam de Brême

Edition de Mader, p. 6.
Il parle des peuples du Nord qui «totam simul Europam inundaverunt et Africam.
A p. 156 il traite des Orcades — Il décrit la grande Bretagne d'aprés Béde, de Thyle (a p. 158).
Il parle d'autres îles du Nord de l'Europe —
Il cite Marcianus —
Il place les Amazones prés de la mer Baltique (p. 147) et le cynocephala[s] — *in Russia* sæpe videntur captivi, et cum verbis latrant in voce.
Il y cite Solin et Martianus Capella á propos des Scythes.

Adamann — Dé Situ Terræ Sanctæ et quorundum aliorum locorum, ut Alexandriæ, et Constantinopoleos Libri tres; Ingloustad — 1615. In 4. —

O — 1263
Au Chap. xxvii.e il decrit Alexandrie et le Nil (p. 97) et met en face la description de Béde.
NB. Dans ce même petit volume on rencontre
Descriptio ac delimitatio Geographica Detectionis Freti sive transitus ad oceanum super terras Americanas in Chinam atque Japonem ducturi, par Henri Hudson 1612 Amsterdam. Avec cartes.
Il y á d'autres relations des Samoyedes &.

La Mappemonde de Berlingheri — contient la rose des 12 vents —

Bernard de Chartres ou Bernard Sylvestris. —

Mss.n.o 2133, et 5208 —, 6752 A (A' tous ces n.os)
Il commence par une cosmographie.

2.de Mss. *C* N.o 8751 — qui porte le titre Cosmographia Magistri Bernardi Sylvestris — (in petit 4.o) *sive Mundi descriptio.*

Theorie des Planetes et toute la partie de ces theories est tirée de Platon comme il l'avoue au feuillet 22 —
«Topographia de *Paradisus Orientalis* —

3.me Mss. N.o 7994 in grand 8.o —

Boussole

Hugues de Bercy cité par Ménage =

Il dit = Moine Français, ancien Poéte, qui vécut du temps de S.[t] Louis, fit mention de la manière d'adopter l'aiguille «com queste ampolle pierre d'acqua in que versi registrati da Stefans Pasquier, dans le Liv. IV. c. 25 —

La même manière se voit encore adopté en Chine comme le dit Fournier (était un *Vanochio verde)*.

Etienne Pasquier. Recherches — T. I. Liv. IV. cap. XXV p. 370. = qui á pour titre

«Contre l'opinion de ceux qui estiment que l'invention du quadrant des mariniers est moderne.

«Le quadrant des mariniers, appellé par les Italiens Boussole. Les mariniers s'en servent de la manière suivante.

«L'étoile polaire qui fait la quêue de la petite ourse, ainsi nomée pour être la plus prochaine de celles qui sont prés du Pole Artique, est appellée en la mer Mediterranée par les Italiens Transmontaine.

L'aiguille se mêt chez nous dans une figure carrée qui est la cause pour laquelle nous l'appellons — quadrant. Les Italiens la mettent dans une petite boite, qu'ils appellent Boussole.

Quelques uns estiment que soit invention moderne trouvée par les Portugais, depuis leurs grandes navigations *és terres inconnues* á nos anciens géographes — Ils s'abusent car du temps de Jehan de Mehum cette invention était en usage comme nous l'apprennent ces trois vers.

«Un marinier, qui par mer nage,
«Cherche mainte terre sauvage,
«Tant il á lœil en une etoile.

Puis Hugues de Bercy nous fait une ample description en sa Bible Guyot. XI.[e] et XII.[e] Il cite Hugues de Flavigny = Chronique.

Dans — Labbe — Biblioth. Mss. Nor. Tom. I. p. 75. (Ne contient rien).

Anonyme de Divisionibus et Generationibus Gentium (Ibi p. 298 jusqu'á l'année 529 (VI.[e] siécle).

2.[de] SECTION

Divisio Terræ et de Tribus Filiis Noe (p. 299. Il faut copier.

C'est de lá les **AA**. des Mappemondes avec de semblables legendes ont tirés les leurs. —

Les cartes du Moyen-âge etaient comme les Chroniques et les Annalistes — Elles etaient une Liste de noms géographiques, comme les Annalistes se servaient de leur simple liste chronologique d'événements —

On rencontre plusieurs de ces Annalistes dans la Biblioth. de Mss. Nov. de Labbé.

Quinte Curse

Liv. IX. c. 4

Les Macédoniens qui ont accompagnés Alexandre dans la Guerre Asiatique ont representé á ce souverain lors qu'ils entrerent dans le pays des Oxydriaques et des Malliens = Quint Curse dit —

«Les Macedoniens qui s'étaient cru au terme de toutes leurs épreuves lorsqu'ils vinrent qu'une nouvelle guerre leur restait á commencer contre les nations belliqueuses de l'Inde, furent frappés d'une crainte panique, et se reunirent á éclater en clameurs contre le roi en clameurs sedicieuses —

«On avait été forcés disai[en]t-ils de renoncer au Gange et aux contrées au delá de ce fleuve: et cependant la guerre n'était pas finie; elle avait seulement changée de théâtre. On les poussait contre des peuplades indomptées, et leur sang allait couler pour ouvrir á leur roi une route vers l'océan. Entrenés par de lá du cours des astres et du soleil, ils allaient se perdre dans des pays dont la nature avait dérobé la vue aux yeux des humains; avec de nouvelles armes, c'était toujours pour eux des nouveaux ennemis. Et quand ils les auraient tous batus ou mis en fuite, qu'elle récompense les attendait? *Des brouillards*, *des ténébres et une mer enveloppée* dans une nuit *perpétuelle;* des abymes remplis de monstres effrayants; des eaux immobiles, qui attestaient l'épuisement de la nature mourante = (Traduction).

Dans le Liv. VI. c. 4 — de Quînte Curse, on voit que les Macedoniens se croyaient aux extremités du *Monde habité*.

Ils voulaient s'en retourner avant que le ciel même et la lumière venissent a leur manquer.

«Locorum squalor et solitudines inviae fatigatum militem terrebant humanarum rerum terminos se videre credentem. Omnia vasta, atque sine ullo humani cultus vestigio attoniti intuebantur, et antequam *lux* quoque et cœlum ipsos deficerent reverti jubebant».

Ortelius

Dans le catalogue des cartes dont il s'est servi. Toutes les cartes cités sont du 16me siécle.

Edition de 1574.

Mappemonde. Carte de Cabot. Elle est d'une g.^{e} dimension re[m]pli de légendes marginales.

A' gauche *Tabuta Prima* del Almirante renferme un aperçu de la decouverte de Colomb de Magellan, des Moluques, de Sebastian del Cano —

Celles de Jean et de Sebastian Caboto.

Ortelius cite une carte de 1265 de l'epoque de St Louis — [a]

Tabula 2.ª. Est relative á l'Afrique, Asie : — Il parle de Marco Polo.

Au sujet la Taprobane il cite Ptolomée et Pline.

Puis il parle des variations de l'aiguille.

Aguia del marear con la estrella del Norte.

Il y dit

«Que Cabot doit en partie d'avoir pu dresser cette Mappemonde — dans l'anné 1544 immitando Ptolomee ainsi que les Modernes découvreurs Espagnols — *como Portuguezes.*

Ensuite il cite Pline — Cornelius Nepos &.

Dans l'Asie il marque le Ciapangu insula.

Dans le coyn de la Mappemonde on remarque des Legendes oú il cite Pline sur la Remora ce poisson fameux.

Le cours du Nil est tracé d'aprés Ptolomée.

Dans l'Amerique on voit le Pavillon de Portugal sur le Bresil.

---

[a] Com excepção desta linha, o texto original de toda esta pagina está escripto a lapis.

Memoire lû a la Société de Géographie sur les voyages des Genois et des Portugais au Moyen-âge [a]

Pendant les dix siécles du Moyen-âge, c'est á savoir des le ve jusqu'au xve tous les cosmographes de l'Europe tous les historiens, tous les geographes on[t] montré dans leurs ouvrages qu'ils ne connaissaient ni le prolongement ni le vrai contour de l'Afrique, ni les côtes occidentales et meridionales de ce vaste continent au de lá du Cap-Bojador. Pendant ces 10 siécles tous les auteurs Européens, on crut que les Zones intertropicales et notamment la *torride étaient inhabitées* et les cosmographes Européens n'on[t] réelement su que cette partie de la terre était habitée qu'aprés les découvertes des Portugais [1]. D'un autre côté il suffit de jetter les yeux sur les 22 Mappemondes que nous avons donné dans notre Atlas depuis celle de Cosmas jusqu'á celle de Pierre d'Ailly pour voir dans quel état d'ignorance se trouvaient l'Europe en ce qui concerne la connaissance du globe que nous habitons = Il suffit de comparer ces 22 monuments avec une seule Mappemonde posterieure aux découvertes des Portugais pour reconnaître l'immense revolution scientifique que les navigateurs de cette nation on[t] fait faire á la géographie et á l'hydrographie par

---

[a] Paris. — Sessão de 7 de março de 1845. Resposta dada a uma Memoria lida por d'Avezac nas duas sessões anteriores, isto é, em 7 e 21 de fevereiro do mesmo anno.

No extracto da sessão de 7 de março, lê-se o seguinte: «M. le vicomte de Santarem lit la 1.re partie d'un Mémoire sur les navigations portugaises anterieures aux grandes découvertes. Ce travail a éte redigé pour servir de réponse à celui que M. d'Avezac avait précédemment communiqué á la Société, sur les découvertes faites par les Européens dans l'océan Atlantique, antérieurement aux grandes navigations portugaises du xve siécle» *(Bulletin de la Soc. de Géog. de Paris,* pag. 202).

A acta da sessão de 7 de fevereiro consigna esta referencia: «M. d'Avezac lit la suite de son Mémoire sur la découverte des iles de l'Océan occidental et sur les navigations du moyen-âge dans ces parages. M. de Santarem présente plusieurs observations sur ce Mémoire, en réclamant la priorité des découvertes en faveur des navigateurs portugais, et il annonce qu'il y réprondra dans une des prochaines séances» (*Bulletin,* pag. 139).

E a do dia 21 do mesmo mez de fevereiro: «M. d'Avezac lit la suite de son Mémoire sur les navigations du moyen-âge dans l'Océan occidental. M. le vicomte de Santarem présente de nouvelles observations sur ce travail, et annonce qu'il y répondra dans la prochaine séance» *(Bulletin,* pag. 141).

O manuscripto agora publicado é, na sua maior parte, o original francez da traducção em portuguez reproduzida no Tomo II dos *Opusculos e Esparsos,* pag. 405 e seguintes, com algumas differenças e alterações.

[1] Voyez nos Recherches — Introd. p. XXV.

leurs brillantes découvertes. Enfin il suffit de parcourir tous les Portulans anterieurs aux découvertes des Portugais et de les comparer avec ceux qu'on á drèsse posterieurement pour reconnaître l'exactitude de tous ces assertions.

L'étude de plus de 300 auteurs et de plus de 100 cartes et monuments géographiques dont il est question dans nos Recherches nous á conduit aux conclusions suivantes.

1.° Avant le passage du Cap-Bojador par Gil Eannes (1433-1434), aucune nation Européene ne connaissait la côte d'Afrique située au delá du dit Cap, et les notions qu'on avaient sur l'interieur du pays et *sur quelques points voisins de la côte á partir de ce Cap*, étaient *dues aux relations que l'Europe entretėnait avec les Maures et les Arabes des ports de l'Afrique Septentrional, et avec ceux du Maroc* (1).

2.° Qu'avant les découvertes faites par les Portugais au delá du Cap Bojador le tracé de cette partie de la côte manquait dans toutes les cartes historiques, et hydrographiques, dans tous les portulans, preuve évidente, que la dite côte et les ports étaient inconnus aux cosmographes de l'Europe, et n'avaient point été visités par les navigateurs de cette partie du globe pendant le Moyen-âge (2).

3.° Avant le passage du dit Cap Bojador par les Portugais, et les découvertes qui en furent la suite, les ouvrages de cosmographie, l'état des connaissances géographiques et tous les monuments antérieurs au dit passage se trouvent en parfaite harmonie avec la Cartographie, et prouvent de la maniére la plus évidente que cette partie de l'Afrique, découverte par les Portugais était inconnue aux Européens (3).

4.° — Qu'á l'appui de ces preuves viennent aussi celles qui découlent des rélations authentiques des premiers explorateurs portugais, et de celle de Cadamosto, les quels déclarent unaniment n'avoir découvert au delá du dit Cap aucun vestige qui pût leur faire soupçonner que ces parages eussent été antérieurement visités par aucun navigateur Européen (4).

5 = Que ce n'a été qu'aprés que les Portugais, ayant doublé le Cap-Bojador, et ayant découvert et exploré les divers points de la côte, ainsi que les baies et fleuves, les eurent tracés et dessinés sur leurs cartes marines, que les autres nations de l'Europe commencérent á ajouter aux leurs ce même tracé, employant la nomenclature hydrogeographique portugaise, étant prouvé et reconnu qu'avant les découvertes des Portugais ces cartes n'offraient aucun nom Européen. Que sur le sujet tous les cosmographes des diverses nations de l'Europe ont été tellement d'accord, que par les cartes posterieurs au passage du Cap-Bojador, disposées par ordre chronologique, l'on voit que les cosmographes des différentes nations de l'Europe, complétérent leurs cartes en y ajoutant la démarcation des côtes et la nomenclature hydrogéographique, á mesure que

(1) Voy. Recherch. §§.° V, X, et XV.
(2) Recherch. §. X.
(3) Ibi §.° X. et rapprocher de l'Introduct. p.
(4) Ibi §.° VII p. 62, et 63.

les explorateurs Portugais découvrirent de nouvelles terres, et les dessinérent sur leurs cartes marines ([1]) preuve indubitable de la priorité des découvertes faites par les marins de cette nation, preuve qui se trouve en parfaite harmonie avec les relations des marins portugais qui aborderent les premiers á ces parages, et ne rencontrérent chez les peuples de la partie occidentale d'Afrique ni souvenir, ni tradition qui pu faire supposer qu'ils eussent été visités auparavant par toute autre nation de l'Europe.

Ainsi, dans l'histoire des découvertes portugaises, tout est certain, tout est confirmé par le témoignoge et par les relations des voyageurs et des historiens contemporains, tout est basé sur des faits incontestables, faits qui récoulérent d'une maniére étonnante les bornes de la géographie positive, qui enrichirent la science, qui se sont vérifiés d'une maniére certaine, indubitable, et qui se trouvent en parfaite harmonie, quand on les étudie selon les régles de la critique, avec les chroniques et les ecrits des auteurs qui en furent témoins, et avec la cartographie de toutes les nations.

Dans l'espace d'un siécle du XV au XVI on voit les Portugais découvrir les îles de Madére et Porto Santo, l'Archipel des Açores toutes les cotes africaines au-delá du Cap Bojador, doubler celui de Bonne Espérance, décrire et occuper dans leur vaste contour les cotes d'Afrique, étendre leur empire en Asie sur plus de 8:000 lieues dicter des lois á 33 royaumes, qu'ils rendirent tributaires de la couronne de Portugal, et en même temps ont les voir étendre leur domination dans l'Inde, et depuis la côte occidentale d'Afrique jusqu'á la presque île de Malaca et aux Molluques et l'assurer au moyen d'une chaine de places fortes et de factoreries, au même temps découvrir par une suite d'expeditions successives la plus grande partie orientale du Nouveau-Continent.

De 360 dégrés qui partagent le cercle de la terre, disait un écrivains Français, il y á plus de 200 considerés en longitude sous la domination des Portugais ([2]).

Les résultats des découvertes des Portugais non seulement agrandirent la connaissance de la géographie physique du globe et de l'hydrographie, mais aussi l'Europe leur est redevable d'une foule d'ouvrages qui lui ont fait connaître les langues, les mœurs et les usages d'un grand nombre de nations de la terre les unes toutafait inconnues. C'est ainsi que l'Europe doit aux découvertes des Portugais 12 grammaires et 17 dictionnaires des langues orientales composés par des AA. de cette nation et 221 ouvrages sur les voyages et l'hydrographie sur les cultes les usages, et mœurs des différents peuples de l'Orient et de l'Afrique.

Tous les auteurs contemporains, de toutes les nations de l'Europe ont constaté ces faits dans leurs ouvrages publiés dans ce siécle prodigieux de la restauration des lettres et des sciences. Tous ont proclamé ces voyages des Portugais comme des véritables découvertes. Tous les souve-

([1]) Voy. Recherches §.º XII.
([2]) Boismerlés Hist. de la Marine. T. 2. p. 38.

rains, tous les gouvernements de cette époque les reconurent comme telles. Personne n'osa contester á ce peuple une telle gloire. Ces découvertes réelles que les contemporains considererent comme telles d'aprés des faites incontestables, un écrivain de nos jours e[s]t venu les appeller = *Serie de reconnaissances* (1).

Il paraitrait que l'écrivain qui caracterisait ainsi en 1844 ce que les auteurs contemporains du XV.e et XVI.e siécles appellerent des découvertes, venait de trouver des documents authentiques, de cartes et de monuments anterieurs á ces siécles dans les quels il était prouvé de la maniére la plus évidente, et sans aucune réplique possible qu'un autre peuple de l'Europe avait découvert ces pays, en avait pris possession et les avait consignés dans ses cartes marines et dans ses ouvrages.

Mais il n'existe rien de tout cela. Quelques indices si même on peut les appeller tels tous obscures et problematiques comme nous le montrerons ailleurs sont pris pour des découvertes réeles: de maniére que d'aprés un pareil système ce qui est vague, ou problematique, ce qui une discussion aprofondi des sources mêmes renverse et detruit, serait si on adoptait une telle opinion, des *découvertes réels*, et ce qui est constaté par tous les AA. contemporains, et par la réalité des faits les plus eclatants tants que nous avons énumerés plus haut, ce qui á profité á la science en agrandissant le domaine, ce qui changea la face du commerce des peuples ce qui mit l'ancien monde en rapport avec les régions nouvellement découvertes serait des *simples reconnaissances!!*

Nous ne savons pas ce que les savants penseront de cette arret·qu'on ait venu prononcer plusieurs siécles aprés les navigations des Portugais, pour notre part nous continuerons á soutenir que ce qu' Azurara, Ruy de Pina, Resende, Cadamosto, Pierre Martyr, Schedel, Behaim, Colomb, Toscanelli, le célebre Le Poge, Las Casas, Bernaldes, Manardi, Schöner et un grand nombre d'autres A.A. du xv.e siécle et du siécle [suivant] proclamérent relativement aux découvertes des Portugais, ce que la cartographie, ce que les faits et en grand nombre de documents attestent.

Nous pouvons appliquer á cette innovation qu'on pretend introduire dans l'histoire de la geographie ce que le savant le plus illustre de nos jours á dit parlant des découvertes (Exam. Crit. T. 2 p. 31).

«Ce n'est que lorsque les premiéres impressions ont perdu de leur «charme, qu'on commence á scruter les causes qui on[t] pu mettre sur la «voie des grandes conquêtes de l'intelligence. Dans ce travail les haines «nationales, le plasir malin du désenchantement, et surtout *l'absence d'une «bonne critique historique donne souvent de l'importance á des faits non «avérés,* á des créations conjecturales, qui ne sont fondées sur aucun «raisonnement scientifique.»

Quand il s'agit d'enlever á un peuple la gloire qui lui á été généralement reconnue par les historiens contemporains de tous les pays pour des faits constatés par des documents authentiques, et par la commune renommée dont il a joui pendant plusieurs siécles; quand il s'agit, disons

(1) Vid. Afrique dans l'Univers Pittoresque, 1844. p.

nous de contredire toutes ces autorités, il ne suffit pas produire un passage tronqué d'un texte isolé, sur le quel on batit tout un ordre de suppositions et de conjectures qu'on prend arbitrairement comme des faits acomplis, mais il faut présenter d'autres documents également authentiques et contemporains aussi clairs que le jour. Il faut même qu'en les analysant et en les rapprochant de l'état des connaissances scientiques de l'époque on prouve qu'ils sont dans l'harmonie la plus parfaite avec cet état.

C'est seulement en procedant de cette maniére qu'on pourra rendre un véritable service á la Science, mais si au contraire on oublie cette sage précaution, non seulement on comet de bien graves injustices, mais on concourt encore á propager des erreurs qui ne manqueront pas d'être admises par des espirits superficiels, ou par des gens de mauvaise foi, qui ne prenderont pas la peine d'étudier les événements historiques en leurs sources.

Ce danger est plus á craindre encore quant un savant connu par la specialité de ses études vient en quelque sorte y préter l'appui de son nom.

C'est cette même crainte qui m'à engagé á venir combatre les assertions emises par notre savant confrére M.r d'Avezac dans le Mémoire qu'il á lû à la Société de Géographie le 7 de ce mois.

Notre savant confrére se fondant sur un passage de Barros auteur du XVI.e siécle et le rapprochant d'un autre passage des relations de Bethencourt, a dit dans ce mémoire qu'á l'époque ou les Normands allai[e]nt par la haute mer aux Canaries les marins Portugais n'étaient que des caboteurs.

Nous montrerons avec les textes et avec les faits, que tous les temoignages historiques anterieurs à Barros prouvent absolument le contraire. Nous montrerons que le texte même des relations de Bethencout prouve également le contraire, nous demontrerons enfin que les documents authentiques du XV.e siécle prouvent jusqu'á la derniére évidence que les Portugais sont allés aux Canaries en prenant la haute mer 71 ans avant l'expedition de Bethencourt en 1402 [a].

Le voyage de Bethencourt est de cabotage [b]

Nous commencerons d'abord montrant que Bethencourt est allé comme caboteur jusqu'á Cadix.

Bethencourt part de la Rochelle le 1.re Mai 1402 dans un seul vaisseau (1) en passant á l'île de Ré il éprouve des vents contraires, et dit-il, *adresserent leur voyage en Espagne, et arrivérent* au port de Viviers (Vivero) oú ils resterent 8 jours (Rel. p. 6 e 7). La leurs gens s'ameuti-

[a] O original destes seis ultimos paragraphos tem numeração á parte.

[b] *Este capitulo, até o final da pagina 317, acha-se redigido em 8 paginas com numeração á parte e constitue um accrescentamento aos trechos anteriores, ao ultimo dos quaes pertence uma chamada concebida nestes termos:*

NB. Doit entrer ici le voyage de Bethencourt pour prouver qu'il eut allé par cabotage jusqu'á Cadix et se fut seulement lá qu'il á pris la haute mer son voyage ayant tous les elements Espagnols —

rent tant que le voyage fut en grand danger d'être rompû (Ibi). De ce port ils allerent en cinglant la côte jusqu'á la Corogne, où ils s'arreterent de nouveau. Ensuite M.r de Bethencourt et sa compagnie prindrent leur chemain, et quand *ils eurent* doublé le Cap-Fine-terre, *ils suivirent la costiere de Portugal*, (notez) *jusques au Cap de S. Vincent, puis reployerent et teindrent le chemain de Seville, et arriverent au port de Calix qui est assez prés du detroit de Marroc et ils y sejournérent longuement* (Chap. 2. p. 9).

Or d'aprés ce recit on voit de la maniére la plus formelle que Bethencourt fut toujours comme un caboteur jusqu'á Cadix, on voit aussi par un autre passage du chap. suivant. 3. p. 100, que les matelots se decouragerent lorsqu'il s'agit de prendre la haute mer (1) ce qui parait indiquer qu'ils n'étaient point habitués á s'eloigner des côtes. Ce ne fut que á Cadix qu'ils allerent.

Et si on rapproche les voyages anterieurement faits aux Canaries par les Portugais et á cette époque par les Espagnols, si on les rapproche dis-je des relations de Bethencourt, on y verra que ce gentilhomme normand est allé á Cadix et Seville s'instruir sur la route qu'il aurait suivre qu'il á pris trés probablement des pilotes Espagnols et marins de cette nation (2). Quoiqu'il en soit il parait d'aprés ce qui rapporte la Relation (chap. IX) que Bethencourt est allé de Cadix aux Canaries avec des navires Espagnols (3). Non seulement des normands étaient alors ensemble avec les marins Espagnols, lesquels connaissaient parfaitement le chemin pour aller à ces îles (4) mais il fallut à Bethencourt mener des intreprétes Espagnols. C'est à savoir un nommé Alphonse et une femme nomée Isabelle (les quels dit la relation) *le Sieur de Bethencourt avait amenéz pour être leur truchement en l'île de Lancelot* (Ibi p. 25) (5).

Nous voyons à chaque instant figurer les Espagnols dans cette expédition des normands. Apeine il etait arrivé aux îles, qu'il retourne en Espagne en *cinglent* (6) et vient s'adresser au roi d'Espagne qui était á

(1) Les mariniers meus de mauvais courages descouragerent tellement toute la Compagnie, en disant qu'ils avaient peu de vivres et qu'on les menoit mourir».
Relat. de Bethencourt p. 11.

(2) En effet s'ils perdirent 200 matelots par les dissentions *de telle maniere, que devant que la nef partit de l'Espagne pour travesser es îles de Canare* ils perdirent ce nombre d'hommes (p. 18) comment aurait-ils pû continuer leur voyage sans augmenter l'equipage a Cadix?

(3) La Relation parle a p. 20 de la nef Espagnole Tranche-mare commandée par Fernand Ordognes et d'une autre appellée = *Morelle*, commandée par François Calvo aussi Espagnole. Ensuite nous y voyons un Ximenes également Espagnol.

(4) *Les Canares disaient comme les Espagnols etaient descendus á terre* (Ibi p. 24) et ensuite la même relation nous fournit une preuve que les Portugais y avaient déjá donné des noms à quelques endroits de l'île de Lansarote = En effet il dit ce qui suit «qu'ils allérent á un certain village nommé la *Grande Aldée* mot, evidement Portugais.

(5) Nous devons faire remarquer que Bethencourt loin de mener de Cadix des interprétes Genois, il amena des Espagnols, quoi il y avait des individus de cette nation dont il parle a p. 10 = *Les geneuois*. M.r d'Avezac prétend que Bethencourt avaient amené ces interprétes de France! Or en lisant le chapitre rien n'autorise cette assertion, bien au contraire il parait les avoir amenés de Cadix.

(6) Cinglerent tant qu'ils vindrent en Espagne. — Relat. p. 17.

Seville, aprés la relation dit «*que François Calvo* (Espagnol) *qui prom-* «*ptement était arrivé des îles de Canare et se présenta de retourner de-* «*vers Gadifer* (qui était aux Canaries) — Ibi p. 44) Au Chap. 25 — p. 45, nous voyons encore un autre nef Espagnole arriver des Canaries a Cadix. *Le nommé Ferrand d'Ordognes amena des Canaries la nef en Aragon et tout le fardage et prisoniers.*

Ensuite Bethencourt fait hommage au roi d'Espagne. (Ibi p. 46) et ce monarque fait équiper une nef á la demande de ce gentilhomme normand et lui donne de l'argent (Ibi p. 49).

Or d'aprés les passages que nous venons de citer ce des particularités, qui viennent d'être enumerées on reconnaîtra que tous les elements de cette expedition étaient Espagnols, et que d'aprés la distinction ou plutot la theorie de Mr. d'Avezac cette expedition au point de vue politique serait Espagnole, et aussi au point de vue scientifique puis que nous venons de voir que les Espagnols étaient avec eux et leurs navires, commandants, et marins — De maniére que les normands ne prirent la haute mer qu'aprés avoir été a Cadix, et en compagnie des Espagnols, et lorsqu'il retourna en Espagne au-lieu de prendre la haute mer pour revenir, il cingla la côte du Maroc.

En second lieu ce fut un Africain qui apris a Bethencourt ce qui concernait la côte et les terres Africaines, et s'il á eu l'idée de l'existence d'un *Rio d'Ouro* au sud du Cap Bojador ne fut par un livre d'un Espagnol, le quel Espagnol n'y était allé á ce qui disait ce livre qu'avec les Arabes.

Ainsi donc un pareil voyage abstraction faite des fables et des absurdités géographiques qu'on remarque en la Relation du frére Mendiant, et qui Bergeron avait déjá remarqué, n'est point et ne peut pas être classé parmi les explorations faites par les marins de l'Europe, et nous ne pouvons pas concevoir comment M.r d'Avezac ayant caracterisé l'expedition d'Alphonse IV aux Canaries comme une expedition genoise, soit venu caracterisér l'expedition normande une navigation Arabe et dans laquelle un frére mendiant *Espagnol* qui la rapporte se trouvait?

A moins que M.r d'Avezac ne voulait prendre la note de Bergeron p. 98, pour le texte de Bethencourt; et c'est malhereusement ce qu'il á fait, car dans la relation Normande tout prouve qu'ils ne sont point allez au *Rio d'Ouro* =

M.r d'Avezac á converti l'intention de Bethencourt, d'y aller pour un fait acompli, pour un voyage éffectué.

Le Chap 54 — p. 98 = prouve qu'il n'a eu que l'intention =

«Or est l'intention de M.r de Bethencourt de visiter la contrée de la «terre ferme de Cap de Cantin, qui est my-voye d'icy et Espagne, jus- «ques au Cap de Bugeder qui fait la pointe de la terre ferme au droit de «nous, et s'étant de l'autre band jusqu'au *fleuve de l'or.*»

L'editeur Bergeron mit en note «Rio d'Ouro sous le tropique, qui fut le terme de la navigation de Bethencourt =

Mais rien dans le texte prouve pareille chose =

La relation de Bethencourt même déclare que son intention de faire pareil voyage et d'y fonder un établissement dependait de trouver = *du confort au Royaume de France.* (Ibi 99).

Le passage suivant de la relation de Bethencourt rapproché des documents authentiques anterieurs viendra démontrer ce fait d'une maniére peremptoire.

Relation de Bethencourt [a]

GRANDE CANARIE

Nous rencontrons une autre fois les Espagnols *(les Espagnols qui étaient maistres de la barque)* (Ibi p. 74).

Bethencourt ou plutôt ses Chapel[a]ins (chap. 40 — p. 74) = *nous avons trouvéz le testament des fréres chrestiens qu'ils tuerent ore a douse ans qui etaient* treise personnes [1], ils y *avaient demeurait 7 ans*, ce qui nous porte á l'année 1384 prés d'un demi siécle aprés l'expedition Portugaise d'Alphonse IV.

En lisant attentivement les relations de Bethencourt on voit qu'ils exploraient les îles a l'aide des Espagnols. Lorsqu'ils retournerent a Lancerote aprés l'excursion qu'ils firent dans cet Archipel, disent «*et se partirent delá pour eux en aller en leur pays en Espagne* (p. 80).

M.r d'Avezac est plus emerveillé du voyage de Bethencourt quant il le rapproche de celui des Portugais — que les normands euxmêmes, Bethencourt lui-même. Le Gentilhomme Normand (c. 53 p. 95) disait = «Nul «ne se doit esmerveiller si M.r de Bethencourt à entreprins de faire une «telle conquête, comme est celle des îles par-de ça; car maints autres au «temps passé ont fait de si étranges entreprises.

M.r d'Avezac malgré la naiveté avec la quelle les relations de Bethencourt rapportent toute celá pour continuer á perservrer dans son théme favori d'enlever aux portugais la priorité des découvertes á recours á une interpretation toute sophistique du texte de Bethencourt chap. 53 p. 95 — oú il dit que le Portugal & pourrait fournir des navires et de Pilotes plus que tout autre pays pour conquerir ces pays &c.

Il dit que Bethencourt se trouvant á Lancerot le *mot par de ça* s'entend dés le détroit de Gibraltar jusqu'au Cap Nun, mais malheureusement pour lui le texte précedent détruit une pareille interpretation et montre que Bethencourt parle de toutes les îles et un continent jusques même au-de-lá de Bojador. Voir le titre du chapitre (53).

«*Comment M.r de Bethencourt á visité ces iles, et de leur bonté et facilité á les conquerir avec les autres pays d'Afrique.*

«Nul ne doit s'emerveiller si Monsieur de Bethencourt á entreprins «de faire une telle conquête, comme est celle des îles *par de ça* [2] car «maint autre au temps passé ont fait d'aussi estranges entreprises dont ils «son bien venus a Chef, et ne *doute l'en point que si les Chrestiens vou«laient* un peu secourir le fait, *toutes les iles et unes et autres, et grandes «et petites, seraient conquises* (p. 95).

On voit que Bethencourt ne   pas que c'était la côte en deça de Lançarote mais bien toutes les iles.

---

[a] Ao original deste longo capitulo deu o auctor uma outra numeração,
[1] 1391.

En lisant attentivement ce chapitre on voit d'aprés cette relation qu'il y était question non seulement de la conquete des toutes les iles Canaries mais encore du Maroc et d'autres pays Africains situés dans la Mediterranée (qui pouvait se faire á l'aide des navires, et pilotes du Portugal, Castille et Aragon) et en faisant la conquête on avait pû avoir des nouvelles du «Prestre Jean et qui serait entré au pays ou trouverait assez «prés de lá une maniére de gens qui s'appellent *Farfus*».

Ce fut par un de ceux-lá qu'il á été informé de beaucoup de choses *et trés probablement* du pays situé au delá du Cap Bojador, jusqu'au Rio d'Ouro. =

«Farfus (continue-t-il p. 98) qui sont *Chrestiens et pourrai*[*en*]*t adresser* «de moult de choses qui serai[en]t grandement profitables; car ils sçavent «les pays et les contrées, et parlent les langages, et en cette compagnie «en a il un qui tousiours á esté en la conqueste visitant les dites îles et «par luy s'est-on informé de moult de choses.»

Et que ce fut par cet Africain que Bethencourt eu connaissance du pays au delá du Bojador parait ne pas rester de doute lorsqu'on voit *qu'aprés* avoir informé de *luy de moult de choses* il eu l'intention de «visi«ter la contrée de la terre ferme de Cap Cantin qui est my voie d'ycy et «d'Espagne jusqu'au Cap de Bugeder qui fait la pointe de la terre ferme «au droit de nous, et s'estend de l'autre bande jusques au fleuve de l'or «pour voir s'il pourroit trouver aucun bon port et lieu qui se peult forti«fier et estre tenable quand temps et lieu sera pour avoir l'entrée du «pays et pour le mêtre en treu s'il chet à point.» (Ibi p. 98 et 99) [*a*].

Voi-ci ce qu'on lit a pag. 95 au chap. 53 portant ce titre: toutes ces îles (les Canaries) et de leur bonté et facilité á les conquérir *avec les autres pays d'Afrique*.

Les chapelains de Bethencourt mettent dans la bouche de voyageur les paroles suivantes =

«Si aucun noble prince du royaume de France, ou *d'ailleurs* vouloit «entreprendre aucune grande conqueste par *deça* qui serait une chose «bien faisable et bien raisonnable, le pourrait faire á peu de frais; car «*Portugal* et Espagne, et Aragon, les fourniraient par leur argent de tou«tes vitailles et de navires *plus que nul autre pays, et aussi de pilotes qui «savent les ports et les contrées.*

Ce passage est extrement important dans la question dont il s'agit = car ce sont les Normands eux-mêmes et avant les decouvertes du Prince Henri qui avouent que si quelque noble Prince de France ou de tout autre royaume voulait entreprendre la conquête de cette partie de l'empire le Maroc et d'autres lieux de l'Afrique occidentale, cela serait facile, parce que les Portugais lui fourniraient *des vivres et des navires plus que nul autre pays*, et ce qui plus est *jusqu'à des pilotes versés dans la connaissance des ports et de ces pays.*

[*a*] A composição desde paginas 311 até aqui corresponde á parte publicada, em portuguez, no «Diario do Governo» de 5 de setembro de 1845, n.º 209.

Comment? Bethencourt reconnait lui-même que si les Français ou les Princes de tout autre pays voudraient conquerir ces contrées ils deveraient engajer des Pilotes Portugais pour les y conduire et on vient nous dire qu'ils n'étaient que des caboteurs?

Et en effet Bethencourt avait raison, un document authentique nous preuve que des expeditions Portugaises etaient allé aux Canaries 71 ans avant l'expedition de ce gentilhomme normand et consequemment montre que les Marins Portugais avant l'époque du Prince Henri ne se bornaient pas a faire le cabotage et qu'au contraire ils navigaient sur la haute mer. Ce document c'est une lettre de Alphonse IV Roi de Portugal adressé e au Pape Clement VI, datée du 12 Fevrier 1345 protestant contre la souvéraineté que ce Pontife avait accordé a D. Louis de Lacerda des îles Canaries. Dans ce document donné par Raynaldi, T. IV p. 212 et tiré des Archives du Vatican le roi repondant au Pape lui dit — que ces îles étaient plus prés de nous, cet-à-dire de nos états, que de ceux de tout autre prince, et que pouvant les soumettre *plus facilement* que tout autre nous avons porté toute son attention á nous en emparer.

Qu'a cet effet = *nous* y avions envoyé *nos gens (gentes nostras et naves)* et *quelques vaisseaux* pour les explorer les quels en abordant á les îles s'emparerent par force des hommes, des animaux et d'autres objets, qu'ils conduisirent avec grande joie dans mon royaume: Mais lorsque nous etions determinés á y envoyer une autre flotte avec un grand nombre de chevaliers, et de fantassins, les guerres qui survinrent l'une contre nous et le roi de Castille, l'autre entre nous et les rois Mores nous en empechèrent.

Le roi ajoutait = tout cela doit être connu de votre S.te et nous prions de prendre en consideration les réprésentations que les Ambassadeurs envoyés par nous ont dû lui faire á cet égard[1].

Or il est evident d'aprés ce document 1.° que les Portugais navigaient sur la haute mer 71 années avant les Normands de Bethencourt — 2.° Qu'en prenant même la date de ce document authentique (c'est-à-dire l'année 1345 les Portugais revannerent les Normands de plus d'un demi siécle [a].

Ainsi le passage de Barros, malgré la grande authorité de cet historien ne serait ici d'aucune valeur, puis qu'il se trouve démenti par un document et par des faits anterieurs á lui de prés de deux siécles; toutefois en lisant le même passage il parait évident que Barros veut parler des difficultés que éprouvaient les marins portugais pour passer au-delá du Cap Bojador, et cela ne peut s'appliquer qu'aux côtes d'une partie

---

(1) Voyez cette lettre dans le Mémoire de notre savant confrére M.r de Macedo publié dans le T. VI dans les Mémoires de l'Académie de Lisbonne.

(a) *Seguem-se tres periodos que o auctor inutilisou, riscando-os. Ao 2.° delles pertence a seguinte nota, não inutilisada* : (1) Le celebre Toscanelli qui naquit en 1397 ecrivant a Colomb qu'il ne s'etonnait pas de le voir faire preuve de tant de courage, courage que l'on á toujours rencontré dans la nation Portugaise oú de tout temps il y eut des hommes qui se sont distingués dans toutes sortes d'entreprises — (Recherches, p. 195).

du Maroc et notamment á celles situées entre le Cap Nun et celui de Bojador, et ne peut pas être pris dans un sen général, comme l'a pensé notre confrére.

Barros exagerant les craintes que les marins éprouvaient lorsqu'ils s'approchaient du Cap-Bojador, qui se courbait á l'ouest prés de 40 lieues — de se voir entrener par les grands courants et par une espece de tournoyemmment des eaux «prés du Cap qui paraissait disait-il = (saltar e «ferver) sauter comme si elles étaient brouillantes (litteral) et que pour «cela ils n'osaient passer outre, laquelle crainte les aveuglaient tous ne «s'appercevant pas qu'en s'eloignant de 6 lieues du cap ils pouvaient le «doubler parce que comme ils étaient habitués aux navigations qu'on fai«saient alors du Levant vers le ponant se portant toujours dans la dire«ction de la côte par le rumb de la Boussole ils ne savaient point s'en «éloigner l'espace necessaire pour doubler le grand banc et les bas fonds «(Restinga). L'historien repete qu'ils ne l'osaient pas par la crainte qu'ils «avaient á la vue, de cette eau si agitée, que la mer au-de-lá du Cap ne fut «toute rempli de bancs et de bas fonds. (Barr. Dec. 1.ª L. 1.º Cap. 2.)

Il nous semble d'abord que l'historien parle en général de tous les marins de cette époque et non pas seulement des Portugais.

Au surplus, en lisant attentivement ce passage et en mettant en rapport avec d'autres du même auteur, Barros n'ignorait point que 10 années avant le passage du Cap Bojador le Prince Henri avait envoyé une expedition aux Canaries commandée par Ferdinand de Castre forte de 2:000 de infanterie et 150 chevaux pour prendre possession des Canaries — on reconnait, que Barros, comme la plupart des Ecrivains du XVIᵉ siécle que se sont occupés des découvertes, avaient l'imagination rempli des traditions des marins du moyen-âge, parmi lesquelles comme tout le monde sait il en existait une qui pretendait qu'on ne pouvait pas aller au-de-la du cap Nun, limite ou s'arretaient en général tous les navigateurs quand parfois ils l'attignaient.

Barros n'a pas même remarqué la contradition dans laquelle il tombait, en rapportant ailleurs qu'ils avaient découvert Porto Santo, Madeira, &c.

Nous ferons observer encore combien d'autres faits anterieurs montrent que le passage de Barros ne peut s'appliquer qu'à cette portion de la côte de l'Afrique Occidentale dont il y á été question plus haut.

Cela nous parait si positif que le Cap Bojador n'ayant été doublé qu'en 1434, on voit avant cette époque non seulement les marins Portugais prendre la haute mer pour aler faire le commerce en Inglaterre, et dans les ports de l'Irlande meridionale, des le XIIᵉ siécle comme nous le montrerons plus tard, nous les voyons faire des voyages en 5 jours de Lisbonne aux Canaries au commencement du XIVᵉ, mais encore, que le fameux Martim de Behaim qui est anterieur d'un siécle a Barros dans une note de son globe nous dit, ce qui suit = «l'an 1431 lorsque regnait en Portugal l'In«fant D. Pedro on équipa deux vaisseaux munis des choses necessaires «pour deux ans, par les ordres de l'Infant D. Henri, frére du roi de Por«tugal pour aller à la découverte des pays qui se trouvaient derriére «S.ᵗ Jacques de Finisterre, lesquels vaisseaux aessi équipés *firent tou-*

«*jours voile vers le couchant apeuprés 5o lieues d'Allemagne.* á la fin ils «découvrierent un *jour les dix iles* &c.

Or il est évident d'aprés les textes et les faits que nous venons de rapporter, qu'avant le passage du Cap Bojador les marins Portugais navigairent sur la haute mer = «*A Lisbonna civitate datis velis in altum* «*abiisse quærentes ad eas insulas quas vulgo repertas dicimuus* = dit la relation d'une des expedions d'Alphonse IV aux Canaries en 1341 plus d'un siécle avant le passage du Bojador et 60 ans avant l'expedition de Bethencourt —

Ces passages sont donc decisifs, mais quand même ces documents n'auraient pas existés les témoignages d'autres historiens anterieurs á Barros refuteraient l'assersion emise par notre savant confrére. Nous nous bornerons á citier ici les suivants. L'Historien Resende qui est antérieur a Barros et qui était secrétaire de Jean II (1455-1495) dit en parlant des navires Portugais dans tout l'*Océan on ne vit pas d'autres navires* latins que les Caravelles de Portugal et de l'Algarve (Chr. c. XXIV. Rech p 164) passage qui montre ainsi que les marins Portugais étaient au XV[e] siécle les seuls qui osaient braver la haute mer dans de les embarcations aussi petites que les caravelles.

Cadamosto, qui était étranger et antérieur aussi de prés d'un siécle á Barros dit en parlant des navires Portugais ce qui suit «*E sendo le Caravelle di Portugalo i migliori navigli che vadano sopra il mare de vela* (Ibi).

Nous ajouterons encore le témoignage d'une autorité bien plus grande sur cette matieres celle du Célébre Mathematicien Portugais Nunes, comme de l'Europe Savante sons le nom de *Nonius* et qui naquit encore au XV[e] siécle c'est-à-dire á l'époque des grandes découvertes. Il dit dans son fameux livre *sur l'art de naviguer* «que c'était chose notoire que les «découvertes des côtes, des îles, et des terres fermes n'avaient pas été «faites au hasard, mais que les marins portugais partaient munis d'in«struments et de livres de Cosmographie, de Cartes, &c.

Quoiqu'il en soit les marins du Prince Henri avaient pour mission de decouvrir les côtes d'Afrique au-de-lá de Cap Nun, ils devaient en consequence *cingueler les côtes* aller comme les caboteurs.

M.[r] d'Avezac n'ayant pû meconnaitre l'importance du document pour la question du regne d'Alphonse IV dont il s'agit prétend que si les Portugais atteignirent les Canaries vers 1336 ce furent les marins genois qui les conduisirent[1]. Et ce qu'il allegue comme preuve de cette assertion c'est que le roi Denis de Portugal des l'année 1317 avait engagé á son service á titre d'Amiral heréditaire[1] le génois Emmanuel Peçanha avec charge expresse que celui-ci fournirait et tienderait toujours au complet un état major de 20 officiers génois pour le commandement et la conduit des galléres —

Nous ferons observer que la lettre adressée au pape par Alphonse IV

[1] Univers Pittoresque Afrique p 35 —

dit en termes bien précis en parlant de expeditions Portugaises au[x] Canaries : nous avons envoyé *nos gens et nos vaisseaux*, et ailleurs il repéte en parlant des droits qu'il prétendait avoir á la possession de ces îles, «*et aussi parce que nous avons avec nos sujets commencé heureusement cette entreprise* ([1]).

Mais supposons même que parmi ses sujets il comptait aussi les genois qui étaient au service du Roi son pére qui étaient sujects du roi de Portugal comme on voit dans le document du Roi Denis = Sousa et apud Macedo, l'expedition cesserait-elle d'appartenir aux marins Portugais ? Certainement non.

A combien d'erreurs ne menerait pas une pareille argumentation ? De ce que les successeurs de Philippe Auguste furent obligés d'achetter ou de louer les navires aux republiques de Genes, de Venise, et de Pize, il s'en suivrait qu'il n'y n'avait pas de constructeurs de navires en France sous les successeurs de Philippe Auguste ni avant le regne de ce Prince ? De ce que le Cardinal Mazarin qui etait Italien et gouverna la France il s'en suivrait que les affaires de la France étaient conduits par les Italiens !

De ce que des milliers les matelots Portugais étaient enrolés dans les flotes Anglaises dans la dernière guerre maritime il s'en suivrait que flottes anglaises étaient conduites par les mains portugais ? Assurement non.

Notre savant confrère ait venu faire une distinction très ingenieuse qui si elle avait été admis aurait par résultat de perverter toute l'histoire des peuples. Il à soutenu qu'au point de vue politique l'expedition d'Alphonse IV était Portugaise, et qu'il serait pueril de le nier, mais qu'on point de vue de la Science elle était genoise.

Or si on venait á découvrir que les constructeurs des navires étaient des Grecs supposons, il s'en suivrait qu'au point de vue de l'art de la construction navale, appartenait á la Gréce et ainsi du reste on finirait par denationaliser toute chose.

Quoiqu'il en soit il nous semble qu'avant de faire une pareille distinction il fallait prouver d'abord que les Portugais ne pouvaient entreprendre cette expedition par eux mêmes, qu'ils n'avaient point de marine, ni officiers, ni pilotes avant cette expedition equipée á Lisbonne aux frais d'Alphonse IV qu'ils ne savaient point prendre la haute mer. Ce n'est pas á coup sur le seul passage d'un auteur qui vécut deux siècles aprés et l'interpretant dans le sens de tout accorder aux Genois, qui pourrait prouver pareille chose.

Nous nous permettrons de dire quelques mots encore pour montrer que nons regretons qu'on n'ait point étudié l'histoire de la marine portugaise anterieure au Roi Denis qui appella á son service un Amiral Genois,

---

([1]) Sixte IV dans la Bulle de 1481 confirmant celle de Nicolas V dit — que son predécesseur informé que le dit Roi et l'Infant D. Henri avec tant de peines et de frais, et avec la perte d'un grand nombre d'hommes, *aidés seulement des naturels du Portugal firent la découverte de ces Provinces, les conquirent* et possederent. (Voy. nos Recherches p. 205).

de la même maniére que la Russie et d'autres puissances ont maintenant á leur service des Amiraux, et des Officiers étrangers; on y verrait que ce Monarque ne fit qu'augmenter la marine, l'encourager plus que ces prédecésseurs.

Quoiqu'il en soit par cette étude on verrait que ce n'était pas seulement l'Amiral Génois qui commandait les flottes Portugaises — on y verrait que dans l'année 1337 sous le regne du même Roi une flotte Portugaise forte de 20 galéres et montée par 2:000 hommes partit de Lisbonne sous le commandement de l'Amiral Portugais D. Gonçalo Camello et attaqua et pris differentes villes en Espagne (¹) en même temps qu'une autre flottte commandée par l'Amiral Pessanha (²) parcourait toute la côte Septentrionale de l'Espagne coullait á fond toutes les embarcations Espagnoles qui se trouvaient dans les ports des Asturies (³).

(¹) Monarch. Lusit. T. VII. Liv. VIII, c. XII.

(²) Almirante — Hoje em Portugal he a segunda pessoa depois do General da Armada. Dos *Miraes* ou Admiraes dos Mouros, passou este nome (que entre os Turcos e Sarracenos se dava a senhores de terras e Governadores de Praças) aos Sicilianos e Genoveses, que com elle intitularão os generaes de suas galeras. Daqui passando ao resto da Europa foi dado o titulo de Almirante Mor ao General da armada de alto bordo, ficando o de simples Almirante ao General das galés. Em França se acha D. Florencio de Varennes Almirante da Real Armada pela 1.ª vez no anno de 1270. Em Portugal se ouvio este titulo só no tempo d'ElRei D. Diniz que fez mercê delle a Micer Manoel Peçanha, mas só como Almirante das Galés.

Por uma carta de Ricardo II Rei d'Inglaterra do anno de 1386 — que traz Rymer tom. VII a p. 521 se vê que o Arrais não era o primeiro Official ou Personagem das Reaes galeras pois que o Rei de Portugal: Mittet Domino Regi Angliæ decem galeas, ipsius domini nostri Domini Regis Portugaliæ sumptibus, et expensis, bene armatas: videlicet, de uno Patrono, tribus alcadibus, [sex arraizis], duobus carpentariis, octo, vel decem marinariis, triginta Balastariis, centum et quaterviginti remigibus et duobus sutaneis in qualibet galearum prædictarum — Elucidario, na palavra Arrais.

Não foi por que houvesse no Reino falta de sujeitos capazes de desempenhar as funcções d'Almirante, que ElRei D. Diniz se determinou a tomar ao seu serviço um Extrangeiro, e a conferir-lhe um dos mais importantes cargos do Estado; outros forão os motivos desta sua deliberação, e da nomeação do Almirante Peçanha. Achava-se naquelle tempo o reino alevantado e repartido em dous bandos, um d'ElRei e outro do Principe D. Affonso, e vindo a fallecer o Almirante Nuno Fernando Cogominho que com manifesta deslealdade se havia lançado no partido do Principe, não querendo El-Rei nomear-lhe por successor parente ou filho seu, e receando que se conferisse aquelle posto a outro qualquer Portuguez lh'o imputassem á vingança, tomou o arbitrio de o conferir a um Estrangeiro encarregando-o de trazer comsigo um certo numero d'officiaes, com o que engrossava o seu partido, diminuia o dos Inconfidentes ao mesmo tempo que justificava aquella eleição com a conhecida pericia do eleito (¹).

Peçanhas. São Genoveses e procedem de Misser Carlos Peçanha que foi commendador de Santiago de Cacem, filho de Micer Manoel Peçanha, o primeiro Almirante do reino, despois que nelle se renovou esta dignidade porque des o tempo d'ElRei D. Affonso Henriques esteve muitos annos extincta. Tem por armas em campo de prata uma banda vermelha endentada, e nella tres flores de Lis do primeiro a seu direito: timbre huã azagaia vermelha e sobre ella as tres flores de lis das armas em palla. Destas usão os Coresmas por parentesco.

(³) Voy. notre ouvrage Dipl. t. I.°

(¹) P.e Raphael de Jesus. «Monarch. Lusitan.», P. 7.ª Liv. 4 cap. 3.° n.° 1. p. 106.

Les hostilités commisses par ces flottes furent telles que l'Espagne se vit dans la necessité d'avoir recours á la médiation de la cour de Rome, ce qui amena la Tréve de 1338 (1). En même temps une autre flotte portugaise composée de 5 grands vaisseaux et de 3 galéres croissait constamment sur la côte de Portugal. Les pécheries étaient alors si florissantes qu'on exportaient pour des grandes sommes dans les differents pays situés tant sur les côtes de la Mediterranée que sur celles de l'Atlantique et de la mer Septemptrionale [a].

Pendant le même regne les nogociants Portugais firent un Traité avec Edward III d'Angletre pour pouvoir pêcher sur les côtes de son royaume et sur celles de France. (Apud Rymer) fait qui nous atteste de nouveau que les mais Portugais n'etaient point des caboteurs.

D'aprés ce que nous venons de dire il est évident l'Amiral Pessanha avec des officiers n'etait pas le seul qui commandait les flottes Portugaises et que ce n'étaient point les genois qui conduisaient les Portugais dans leurs entrepises maritimes —

Nous ajouterons encore de autres faits qui prouveront d'avantage que l'assertion de M.r de Avezac est completement detruite par l'histoire de la marine portugaise =

L'Amiral Pessanha n'arrivá en Portugal que vers l'année 1317. Or en 1303 c'est á dire 14 années avant que le roi Dinis eut engagé le Amiral Genois á son service Edward 1.r Roi d'Angleterre promulga le tarif des droits que ies Portugais devaient payer aux douanes Anglaises pour les marchandises qu'ils y apportaient (Carta Mercatoria—Quadro T. 1, p. 67).

Le 3 octobre 1308 nous voyons par des lettres patentes d'Edward II d'Angleterre qu'il existaient des traités de commerce entre le Pays et le Portugal, et que le Monarque Anglais accordait aux portugais la faculté de pouvoir résider en Angleterre et y faire le commerce. (Rymer).

Le 17 Fevrier 1297 nous trouvons un saufconduit d'Edward 1.r en faveur des marchands Portugais qui allaient en Angleterre (Ibi).

Dans l'année 1295, une flotte Portugaise sortie du Tage et livra bataille a celle du roi de Castille dans la haute mer et captura une autre qui fut amenée á Lisbonne (N. do Leão, Ch. Quint.).

Nous demanderons á M.r d'Avezac si les marins Portugais pouvent aller dans les Ports d'Angleterre sans s'eloigner des cotés ?

Ils allaient même á Falmouth, (1371) prenaient donc la haute mer un siécle avant Bethencourt et des Normands —

En 1294 (Avril 24) les rapports maritimes entre les deux pays étaient si fréqants que le même Roi Edward 1.r accorda aux Portugais et aux Anglais la faculté de nommer 4 arbitres pour decider les discussions sur des objects de commerce (Ibi).

---

(1) Severim de Faria. Not. &.

[a] Desde a pagina 318 até aqui, o original em francez corresponde á traducção portugueza publicada no «Diario do Governo» de 1 de outubro de 1845 (n.º 231) reeditada a pags. 413-419 do volume II dos *Opusculos e Esparsos,* recentemente publicados pelo actual visconde de Santarem.

Sous le regne de Sancho II roi de Portugal on voit les forces navales Portugaises assieger et prendre des villes dans le midi de la Peninsule (Monarq. Lusit. T. 5. L. 16).

Ainsi donc, d'aprés ce que nous venons de demontrér il y avait déjà au XIII[e] siécle bien avant l'arrivé[e] du genois l'Amiral Pessanha un grand mouvement maritine en Portugal. Dans la plupart des villes du litoral il existaient des corporations de negociants qui jouissaient de privilégcs et d'attribu i tions trés etendues, et dont les deliberations étaient sanccionnées par le souverain. Les documents dans les quels ces deliberations de trouvent consignées nons attestent l'etendue des relations commerciales et maritimes du Portugal á cette époque avec la Flandre et les pays du Nord et la Bretagne, la Normandie, l'Angleterre, l'Afrique et avec d'autres pays. (voy. T. 3. do Quadro p.)

Ce mouvement maritime subsistait déjà dans le XII[e] siécle et les marins Portugais allaient en Angleterre faire le commerce. Nous nous bornerons á citer ici quelques faits qui suffiront pour le prouver. Une Lettre du Roi Jean d'Angleterre datée du 30 Juin 1199 nous atteste ce fait (Rymer). Dans l'année 1189 sous le regne de Sanche 1.[r] une nombreuse flotte portugaise se joignit á celle des croisées pour la conquête de Silves (Relation contemp. donnée. En 1190 une flotte Anglaise composée de 63 vaisseaux étant venu mouiller dans le Tage, les Anglais ápeine debarqués se porterent á toute sorte d'excés contre les Maures qui vivaient en paix sous la protection des lois portugaises, lois qui pour le dire en passant, suffraient á elles seules pour nous reveler le dégré de civilisation oú se trouvait á cette époque la nation Portugaise. Les Maures s'étant plaints des mauvais tratements qu'ils avaient reçu des Anglais, pour leur donner juste satisfaction Sanche 1.[r] fit arretter et jeter en prison 700 Anglais, mais il finit á la fin par les relacher et par accorder á leur flotte la permission de sortir du Tage. (vid Richard Howeren).

L'artillerie n'étant pas encore en usage de ce temps, il parait hors de doute que le port ayant 2 lieues de largeur, devait nécessairement être deffendu par des vaisseaux plutôt que par des forteresses, car s'il en avait été autrement la flotte Anglaise n'aurait pas en besoin de l'autorisation du roi pour mettre á la voile.

Quoiqu'il en soit on remarque déjà sous le regne d'Alphonse I.[r] 1447 que les rapports maritimes avec les différentes contrées étaient assez importants, et qu'à l'occasion de la prise de la ville de Lisbonne sur les Maures, le Tage était couvert d'un grand nombre de vaisseaux portugais, dont 7 furent destinés à servir de pont pour livrer l'assaut á la partie de la ville occupée par les Maures. La marine était déjà si considerable á cette époque, qu'Alphonse I.[r] á l'imitation des Empereurs Theodose, Constant, Valens, et Gratien fit de grandes concessions aux marins et à ceux de ses sujets qui se consecraient á cette art, reconnaissant la dignité de leur profission et augmentant l'étendue de leurs droits et priviléges. Suivant l'exemple des Impereurs Constantin et Julien il éléva á la dignité de chevaliers, des capitaines et des constructeurs des vaisseaux (Foral de Lisbonne).

De ce que nous venons de rapporter fondés sur les documents authen-

tiques et sur le temoignes des historiens contemporains, resulte la preuve evidente que la marine Portugaise était non seulement trés considérable pendant les deux siécles qui précéderent l'arrivé en Portugal de l'Amirla Genois Peçanha, mais aussi que les marins Portugais ne se bornaient point a une simple navigation de cabotage comme il arrivait chez d'autres nations de l'Europe.

Le récit de l'expedition Portugaise, envoyé[e] aux Canaries par Alphonse IV en Juillet 1341, armée á Lisbonne, composée de 2 vaisseaux et d'un autre batiment moins considerable, expedition dans laquelle Niccoloso Reccho Genois commandait un des navires, rapproché de la lettre du même Roi Alphonse IV prouve qu'il y á eu diverses expeditions portugaises aux Canaries avant celle ou ce genois avait le commandement d'un vaisseau. On voit par les mêmes documents découverts par Ciampi dans les Mss. de Boccacio = que des expeditions Portugaises y étaient alés antérieurement et que cette navigation par la haute mer était déjà si frequente que l'expedition sortie de Lisbonne arriva aux Canaries en 5 jours ([1]).

Il serait donc contraire aux faits les plus evidents de soutenir que ce furent les Genois qui conduisirent les Portugais aux Canaries, seulement parce qu'un Génois commandait un des navires de l'expedition Portugaise ou qu'elle était Florentine parce qu'un Florentin y commandait aussi.

Il nous semble même, que si la république de Genes dont la marine était si puissante et le gouvernement si avide d'entendre ses possessions commerciales avaient eu la possibilité de s'emparer des Canaries, si celles de Madére, de Porto Santo et des Açores avaient été découvertes par ses sujets, la republique n'aurait pas permis á ses marins d'y conduire les Portugais pour prendre de telles possessions sur l'Atlantique et prés des côtes africaines.

Nous ajouterons que l'entrée de la mer Atlantique fut ouverte a la marine commerciale des Italiens et des Catalans pour la premier fois au commencement du XIII.[e] siécle, lorsque Ferdinand Roi de Castille enleva aux Maures Seville une grande partie des côtes de l'Andalusie.

Ce qu'il fit pour la prosperité de Seville les previléges que ses successeurs accordérent aux Génois, aux Pisans et aux Catalans attirerent le commerce. Il s'en suivit que ces peuples, *nommément les Génois*, qui alors étaient les maîtres du commerce dans la partie occidentale de la mer meditérranée entamérent avec Seville des relations commerciales actives. *La ils rentrerent en contact avec les navigateurs du Portugal*, de Biscaye et de Guipuscon, que les rois de Castille avaient également attirés dans les ports commerçants de l'Andalousie. *Ceux-ci déjà habitués á parcourir la mer atlantique* commerçaient aussi á cette époque par occasions avec les ports de France, des Pays-Bas, d'Angleterre, et c'est á ces relations sans aucune doute, qu'on doit attribuer en grande

---

([1]) Voy. Mémoires de M.[r] de Macedo dans les Mem. p. 16.
Dans la même relation il est dit que l'expedition était allé *aux îles qui selon l'opinion vulgaire* étaient *découvertes* — consequemment avant cette expedition de 1341 il y á eu plusieurs autres expeditions portugaises aux iles de la mer Atlantique.

partie l'extension que les navigateurs méridionaux donnérent bientôt aprés á leurs voyages en entrant dans la mer Atlantique (1).

On voit donc d'après l'étude consciencieuse et impartiale d'un savant Alleman étranger tout à fait aux questions de priorité des découvertes maritimes, que les Génois ne commencérent á parcourir l'Atlantique qu'aprés *qu'ils se mirent en rapport á Seville avec les marins du Portugal*.

A ces faits ainsi démontrés dans leur ordre chronologique le plus rigoureux, nous ajouterons, que les dates des cartes souvent citées par M.r d'Avezac et dans les quelles les Canaries et même les îles de Madére et Porto Santo se trouvent tracées, sont toutes posterieures aux voyages des Portugais sur la haute mer sous le regne d'Alphonse IV. Ces voyages s'étant effèctués depuis 1331 á 1344 et les cartes en question, étant dabord la carte du Portulan Mediceo dont Baldelli prétend fixer la date á 1351, posterieure de 7 années (2), ensuite celle des Fréres Pizzigani de 1367 posterieure de 36 ans la carte catalane de la Bibliothéque du Roi de 1375 posterieure de 44, et le Portulan Pinelli dréssé entre 1384-1400, posterieur de 53, ou bien de 72 ans, tandis que dans le fameux Portulan Genois de Visconte qui est datée de 1318, c'est-à-dire 13 années avant les expeditions d'Alphonse IV.

Ces îles *ne s'y trouvent point tracées*, non plus que côte occidentale de l'Afrique découverte plus tard par les Portugais (3), malgré son admirable perfection. On y remarque non seulement les îles de côtes de Portugal, et d'Espagne, de France, mais encore on y voit l'Angleterre dont les contours et la richesse de la nomenclature hydrogeographique prouve la connaissance que les genois avaient de toutes ces côtes, comme de celles de France, et de la Flandre, mais on remarque au même temps non seulement l'absence complete de ces détails pour la côte de la Hollande laquelle s'y trouve apeine indiquée d'une manière vague de même que l'Ecosse, particularités qui nous semblent démontrer (sans qu'on puisse faire aucune objection serieuse) que le Cosmographe á tracé fidellement dans son portulan les pays, ports et îles que les marins genois connaissaient et que s'il n'a pas tracé les îles en question c'est qu'ils n'y allerent point avant les Portugais.

De même dans Marin Sanuto auteur de la fin du XIIIe siècle et qui vivait encore en 1329 et consequement au temps de Visconte, dans la Mappemonde qui acompagne son livre du = *Secreta fidelium crucis* (4) marque à l'occident de l'Irlande le *golfe de 350 îles des bienheureux* selon l'opinion de ceux qui marquaient les îles Fortunées au soud-oest

(1) Voy. Wapatis untersuchungen p. 325 e seguintes et les documents qu'il analysa á cet égard.

(2) M.r d'Avezac dit que c'est justement dans cette carte qui se trouve la date de 1351 — mais ce fut Baldelli qui á ajouté cette date, car l'original n'á aucune date. Nous possedons un *Fac-simile* qui á été collationnée par Graberg e Faria et pareille date ne s'y trouve pas.

(3) Le dernier nom qu'on voit sur la côte occidentale du Maroc, c'est = Mogador = et le tracé de la côte termine dans le Portulan á ce nom.

(4) Voy. Bougars Gesta Dei par Francos.

de l'Europe et ne marque pas d'autres îles dans l'ocean Atlantique à l'occident de l'Europe. Zurla ayant examiné cette mappemonde, malgré qu'il cita le passage de Foglietta d'aprés Tiraboschi, guidé par une critique plus judicieuse et plus impartiale ajoute *que les Canaries et les autres îles à l'occident n'avaient été visitées du temps de Sanuto* (1). C'est-á-dire du temps que Visconte dressa son Portulan.

Les mêmes îles ne se trouvent point tracées dans la Mappemonde de 1320 que nous donnons dans notre Atlas et qu'on voit dans le Mss. de la Bibliothéque du Roi qui á pour titre *Chronicon ad Annum* MCCCXX.

Si donc les dates qu'on signale aux cartes des Pizzigani, à celles de l'Atlas catalan, et à celui de la Bibliothèque Pinelli prises isolement sans être rapprochées des documents anterieurs ont servi á l'auteur du Memoire pour affirmer que les Portugais n'aient point découvert ces îles, et n'on fait que les reconnaitre, ces mêmes dates et ces mêmes cartes rapprochées des documents antérieurs cités plus haut et du fameux portulan de Visconte servent á démontrer le contraire, c'est á savoir que ces îles n'ont été tracées dans les cartes cité[e]s par notre savant confrére *qu'aprés les voyages des Portugais sous Alphonse IV.*

On peut donc avec plus de fondement soutenir que si les cartographes italiens et catalans ont tracé ces îles dans leurs cartes, ils l'on fait d'aprés les rélations de leurs compatriotes qui étaient au service des portugais, ou bien qu'ils avaient connaissance de ces îles par les rapports intimes et continuels de commerce qui existaient entre ces pays et le Portugal. Que sont eux qui traduisirent dans leur langue les noms Portugais et non pas les Portugais que de *Ligname* on[t] fait Madeira et conservérent les noms données par les Genois aux Açores!

Pour qu'un pareil argument ait put offrir quelque plausibilité, il aurait fallu que celui qui le soutien decouvrit, et presentá une carte, ou un portulan anterieur aux voyages des Portugais sur l'Atlantique sous le regne d'Alphonse IV. C'est á dire anterieur à 1345 *dans le quel les îles en question se trouvassent et avec des noms genois.*

M.r de Macedo avait déjá fait observer dans un Mémoire bien connue de notre savant confrére en ci qui concerne la question de ceux qui pretendent que les Genois on[t] découvert et pris possession des Canaries que Raynald faisant mention des lettres écrites au Doge de Genes et à d'autres Princes par le Pape dans les quelles leur demandait des secours en faveur de D. Louis de Lacerda, avait fait remarquer, disje, que cet auteur ne donne point les réponses, donnant seulement celles du Roi de Portugal et de Castille ce qui montre que celle du Doge de Genes et des autres ne contenai[en]t rien d'important et que si la Republique de Genes eusse quelque pretention aux Canaris et aux autres îles qu'on voit dans les cartes citées plus haut, elle les aurait fait prevaloir, ni Oderic Raynaldi qui était italien laisserait de copier la réponse du Doge, comme il à fait pour celles des Rois de Portugal, e de Castille.

(1) Zurla Di Marco Polo T. II. p. 316 «Né le Canarie *né altére isole all Occident non molto lunghi dalle coste mentre a tempo suo non erano ancora visitate.*

M.r de Macedo, Memoires de l'Académie R. des Sciences de Lisbonne.

Il parait donc evident que si le Doge de Genes á qui le Pape avait adréssé une Bulle semblable á celle qu'il envoya á Alphonse IV ne protesta point comme ce souverain, contre l'investiture de ces îles données á D. Louis de Lacerda, c'est que les Genois n'avaient aucune droit á la prétendue possession et decouverte des îles en question. Si ces îles eussent été decouvertes par Lancelot comme notre savant confrére le prétend, d'aprés la fameuse croix estampillée sur Lancerote (1) se fondant sur ce rapprochant qu'il fait de cette particularité avec une legende d'une carte posterieure de 115 années, qu'il prétend indiquer la souveraineté des Genois, si celá ait eu la moindre aparence de verité le Doge de la Republique de Genes aurait protesté devant le Pape comme l'a fait le Roi de Portugal contre l'investiture accordée à D. Louis de Lacerda.

Il est vraiment curieux de voir que notre confrére connaisse mieux au XIX.e siécle les droits ces Genois du XIV qu'eux mémes ne les connaissaient il y á 5 siécles quand ces evenements eurent lieu!! [a]

Comment se fait-il que le Doge de Genes à qui le Pape avait adressé une Bulle semblable á celle qu'il envoya á Alphonse IV ne protesta poin[t] comme ce souverain contre l'investiture de ces îles donnée à D.Luiz de Lacerda? Le Doge du XIV.e siècle ignorait sans doute les droits de la découverte de ces îles par Lancelot et la prise de possession dont la fameuse croix *Estampillé* indiquait la souveraineté. M.r de Avezac connait mieux au XIX.e siécle les droits des Genois du XIV.e qu'eux mêmes ne les connaissaient il à 5 siécles —

Comme se fait-il que pas un auteur contemporain genois, ou de toute autre partie de l'Italie, n'eleva la voix contre cette usurpation? et au contraire ont tous proclamé les Portugais comme les premiers qui avaient découverts ces îles? Eux qui étaient prés des evenements, leurs marins qui devaient connaître les portulans, leurs cartographes du XV.e qui connaissaient precisement les cartes de ses devanciers sur les quelles ils pui-

---

(1) Les Anglais, les Portugais, les Vénitiens et même les Georgiens en orient usaient de la banniére et de la Croix de S.t George (voy. Jacques de Vitry L. 1.º c. 79 et Sanuto. Vid. Gothier de Meths dans son poëme de la Mappe Monde les vers transcripts dans la dissertation de Petitot (Rem. T. III. p. 236).

[a] Nesta altura conclue tambem a traducção portugueza publicada no «Diario do Governo» de 2 de outubro de 1845 (n.º 232) e reeditada nos *Opusculos e Esparsos* Volume II, pags. 419-425.

O que se segue até á pagina 335 constitue, no original manuscripto, um accrescentamento com numeração separada em 10 paginas. Como se vê da sua leitura, o respectivo texto não tem correspondente na publicação feita no «Diario do Governo» O facto de se não encontrar entre os originaes do Visconde de Santarem, a parte correspondente (em francez) ás Addições publicadas no «Diario do Governo» de 23 e 28 de outubro de 1845 e 18 de dezembro do mesmo anno leva-me a suppor que taes Addições não chegaram a ser redigidas na lingua franceza.

sairent les elements pour dresser les leurs — aucun n'est venu s'opposer ni contredire le fait de la découverte Portugaise, et cella dans un siècle d'une elaboration scientifique prodigieuse, comme ce fut le XIV, et dans le suivant celui de la restauration des Lettres et des Sciences, époque en la quelle les savants Italiens, et les critiques, les historiens les plus habiles ont tout discuté, tout examiné, loin de reclamer pour les genois ou pour d'autres italiens la priorité des découvertes Atlantiques dont il s'agit, ils ont au contraire proclamé dans tous leurs cartes celle des Portugais.

Le fameux Le Pogge, le savant sécrétaire de Leon X, cet écrivain eminant du XV.e siécle ignorait-il l'histoire d'Italie, ne connaitrait-il les ouvrages de Petrarque, ni l'histoire des navigations? Assurement non = S'il ait cru que les Genois avaient tout découvert comme on le prétendent = aurait il écrit au Roi Emm. ce qui suit. (Voy. Recherches p. 114). Manardi, savant de Ferrare du même siécle (Ibi).

Et en effet n'est il pas surprenant de voir les Açores, Madeira e Porto Santo marquées avec les noms Portugais dans les portulants comme dans celui de Pinnelli — de 1400 et que 15 et 20 aprés les marins Portugais vénant á decouvrir ces îles — leur donnent les mêmes noms et que personne en Italie, ni ailleur eût lévé la voix contre celá.

M.r de Macedo avait déjá fait observer dans un Memoire bien connu de M.r d'Avezac en ce qui concerne à [la] pretention á la découverte et possession des Canaries, que Reynaldi faisant mention des lettres écrites au Doge de Genes et á d'autres Princes par le Pape dans les quelles leur démandait des secours en faveur de D. Louis de Lacerda, cet auteur ne donne point les réponses, donnant seulement celles des Rois de Portugal et de Castille, ce qui montre que celle du Doge de Genes et d'autres ne contenaient rien d'important et que si la Republique de Gênes eusse quelques prétentions aux Canaries elle les aurait fait prevaloir, ni Reynaldi qui était interessé laisserait de les copier, comme il á fait pour celles des rois de Portugal et de Castile. (Mem. Addic. p. 41).

Mais par malheur dans la relation de l'expedition d'Alphonse IV (papier de Boccacio) les italiens n'en disent pas le mot de l'île avec le nom de Lancelot, avec la fameuse *Croix Estampillé* qui est le cheval de bataille de notre geographe.

A[i]nsi ils y trouverent des maisons qui étaient construites (disent ils) avec (um grande artificio) en piérres carrées, et couvertes de grandes poutres &. (C'est possible que Bethencourt ait pris une de ces constructions pour un ancien *chalet* de Lancelot?)

Dans cette relation de cette Expedition d'Alphonse IV de 1341 les voyageurs aborderent, et debarquerent d'abord a une 1.e qui avait 150 milhes de rond —

De lá ils naviguerent vers 12 autres, aprés ils visitérent une 4.e dans laquelle ils ont vû (m.tos falcões) ensuite il virent une 5.e qui avait des Rochers enormes, *puis il ont debarqué dans plusieurs* autres îles au nombre de 13, les unes habitées, les autres entierement désertes. Ils on[t] trouvé encore une autre île, *qui est evidement Tenerife* (voy. p. 6).

Cette éxpedition reconnu donc 18 îles.

Or les Canaries étant au nombre de 13 qu'elles furent les 5 autres qu'ils visitairent?

Voi-ci les noms des principales des Canaries.

1.° Tenerife. 2 Forteventura. 3 Grand Canarie. 4 Palma. 5 — Lançarote. 6 — Gomera. 7 îl de Fer.

Les autres n'offrent que des rochers sont 8 — Graciosa. = 9 Rocca. 10 — Allegrança, 11 — S.[t] Claire. 12 — Infierno, 13 Lobos.

Or dans la carte du Portulan Mediceo (qu'on persiste á faire remonter à 1351 —) c'est á dire 10 années posterieur à l'expedition Portugaise le groupe des Canaries se compose seulement de 9 îles, y compris même les rochers — Voi-ci les noms qu'on y lit = L'alegranza, I. de Lanzeroto (¹). I. de Negimari, I. de Forte Ventura — I. Canaria, l'inferno, Corvi, I. Sensa Ventura e I. de Liparme.

Or il faut donc chercher les 9 autres que l'expedition [a] reconnu = Dans la relation nous trouvons que l'Expedition de Recco parle du bois de Bresil qu'ils   dans les îles = et le Portulan dressá une île avec ce nom *I. de Brazi*; abordá premierement á une île où on trouva un grand nombre de chevres. Nous croyons reconnaître une reminiscence de cette île dans celle qu'on voit dans la carte en question entre Porto Santo et celle du Brasil = *á la quelle* l'auteur du Portulan à donné le nom — *d'In-*

(¹) Puisque que M.[r] d'Avezac persiste à soutenir que ce furent les Genois qui y conduisirent les Portugais, et Recco étant au service de Portugal et par consequent sous les ordres de l'Amiral Lancerote Pessanha puis était le fils du 1.[er] rien de plus naturel de voir les marins genois donner le nom de leur Amiral á la prémiere île qu'ils reconnurent de la même maniére que nous voyons de nombreux exemples dans l'histoire maritime = et que dans les premiéres cartes tracées de ces îles á cette époque y missent la fameuse *Croix Estampillé* qui étaient les armes de son amiral!

Quoiqu'il en soit toujours est-il qu'à l'époque où l'expedition portugaise de 1341 visite l'île en question, Recco qui était Genois ne donne aucun à l'île de Lancerote, ni aux autres excepté à *Canaria* preuve selon nous que le Lancelot *Maloyesel* n'avait encor été á cette île. M.[r] Berthelot croit que ce Lancelot y est allé dans l'expedition Espagnole des Biscayens de 1399 (voy. son Hist. des Canaries p. 44 T. 1).

Le passage sur Lancelot Maloisel des relations de Bethencourt — (c. 32 p. 59) *«Et le miren en un viel chartel que Lancelot maloisel avait jadis fait faires selon que l'on dit»*, ne peut pas être prise comme anterieure aux navigations Portugaises de 1341 puisqu'il n'est point question de pareille chose dans le recit de l'expedition de Recco —

Cet argument n'est point negatif, il est positif. C'est à savoir que le Genois Recco même n'en donne pas de nom à l'ile de Lancerote.

Le rapprochement que M.[r] d'Avezac à fait entre ce passage de Bethencourt d'1402 — avec la legende qui se trouve dans la carte de Bartolomeo de Pareto de 1456 ne détruit pas notre argument — Cette carte genoise est posterieur de 115 années à l'expedition Portugaise. Recco et ses Marins n'en rencontrairent dans l'ile un pareil chateau = !!   que le fameux *Chartel* fut un de ces édifices guanches construits de grands piérres quarrées et que les marins de l'expedition Portugaise ont remarqué un demi siécle avant Bethencourt. Aprés l'expedition Portugaise de 1341 les iles Canaries [*a*]

---

[a] Este periodo não tem continuação no original.

sula de Cabrera qu'il y á tracée au hasard et simplement par le recit de ce voyage qui lui était visiblement connu.

Comme le Cosmographe qui dressa ces îles et très probablement les ajouta á sa carte dréssée sur d'autres antérieures ou elles ne se trouvaient point, comme nous le demontre celle de Visconti de 1318, comme il les marquait au hasard voyant par la relation de l'expedition qui disait = qu'après avoir debarqué dans l'île où ils trouverent les chevres (cabras), ils passerent à une autre *où ils ne trouverent aucune utilité ni profit* et prirent le *parti de s'en aller*, le Cosmographe Genois dressá une autre île avec ce nom = *Insula Senza Ventura*, denomination qui montre de la maniére la plus claire qu'il y dessiná ces îles d'après la relation de ce voyage Portugais.

En quittant celle-ci, c'est-à-dire *l'île Senza Ventura du Portulan* ils virent plusieures îles distantes 5, 10, 20 et 40 milles et il[s] sont allés à une troisiéme dans *laquelle ils trouverent seulement des arbres d'une grande elevation et droites jusqu'au ciel* = et l'auteur genois de la carte y dessina l'*Isola del Ligname.* L'île des madriers — (d'où on a fait aprés l'île da Madeira).

En quitant cette île l'expedition alla reconnaître une autre dans laquelle ils trouverent un grand nombre de cours d'eaux (ribeiras) et grande quantité de bois et des pigeons qu'ils attrapaient à coupe de battons, et ajoute, qu'ils n'avaient pas trop exploré celle-ci *parce qu'elle lui á parû entiérement déserte* = et notre Cosmographe nous peint immediatement auprès de l'autre une île = où on lie = *I. déserte* =

De lá s'offrit á leurs yeux une autre île dans laquelle *il y avait des rochers d'une elévation excessive la plus part du couverts de nuages* ([1]) (e com choveiros) *Mais dans le temps calme elle est trés extremement belle*, et á ce qu'on dit habitable.

L'Auteur du Portulan y dessina l'île de (Porto Santo) sous le nom de *Porto Scõ).*

En rapprochant le recit des Genois de Lundby dans Maltebrun on y trouve une ressemblance frappante de ces îles Madere et Porto Santto = La voi-ci.

«L'île de Porto Santo situé[e] dans le nord-est de Madére (voyez le Portulan qui la marque exacte) *ce n'est qu'une montagne rapide, souvent envelloppé[e] de nuages* bordée d'un lisiére de terres basses.

On y trouve beaucoup de lapins et de chévres, des perdris, des pigeons et des tourterelles sauvages —

(NB. il faut transcrire l'autre).

Ce fut aprés avoir reconnu ces trois îles que les marins de l'expedition prirent port *dans plusieurs* autres au nombre de 13 les unes habitées et les autres désertes =

La description rentre alors dans des détails. Dans un sens général des 13, ils trouverent que 5 étaient habitées.

Ensuite la relation ajoute qu'ils ont trouvé une île dans laquelle ils n'ont point debarquè mais qu'on y voit une chose merveilleuse.

On dit qu'il y avait une montagne qui aurá 30 milles d'[h]auteur (c'est le) ils disent qu'ils n'on pas osé débarquer.

Le Portulan = marque une île avec le nom *I. de Liparme?* (Palma?) Après ils se dirigerent vers la *grande Canarie,* la seule á laquelle *la relation* donne le nom ancien. On la voit marquée avec ce nom du portulans en question.

Après cette île la relation resta incomplete et on remarque dans le mss. oú elle se trouve qu'elle n'y fut point copiée en entiers puisque la pag. au verse existe en blanc, comme pour continuer à la transcrire.

D'aprés les rapprochements que nous venons de faire avec le 1.r portulan dans le quel se trouvent marquées ces îles, dréssé 10 années aprés l'expédition, non seulement il devient chaque fois plus evident que ces îles n'ont été dessinées dans les cartes avec ces noms qu'après l'expeditions du temps d'Alphonse IV mais encore, qu'il est trés probable que l'auteur du Portulan à connu le reste de cette relation qui si elle nous aurait été parvenue elle nous aurait montré la même coincidence avec la designation des îles dréssées par l'Auteur de la carte du Portulan Mediceo —

Nous savons qu'on aurait pû objecter que la plus grande partie du recit montre que ces explorations des navigateurs ne sont applicables qu'aux Canaries proprement dites, mais nous répondrons à celá qu'il saute aux yeux que le Cosmographe qui ne s'occupait point d'expliquer comme nous les détails minutieux du recit en relation avec la connaissance que nous avons actuellement de ces îles, de leurs habitans, de leurs mœurs & — il se contentait de les marquer et de leur donner des noms selon les particularités phisiques ou naturelles les plus saillantes du recit.

Il lit dans la relation 1.º qu'ils on[t] trouvé du bois Brésil — il dessine une île avec le nom d'*insula de Brasil* — ensuite il lit qu'ils ont abordé á une autre où il y avait une multitude de chévres = il dessine une autre île et lui donne [le nom] d'*Insula de Cabrera*, de lá le recit lui dit qu'ils étaient al[l]é á une autre ou ils n'on[t] trouvé aucun profit = où ils n'ont pas été heureux le Cosmographe dessine l'île et lui donne le nom bien caracteristique = d'*Insula Senza Ventura.*

Quant aux prétendus voyages des Dieppois en Guiné au XIV.e siécle dont il á été question encore dans le Mémoire que notre savant confrére á lu dernièrement á la société nous ne dirons qu'un mot quoiqu'il nous soit bien penible d'en parler, c'est que cette question est maintenant jugé par tous les gens les plus éclairés en France et notamment par un des plus illustres geographes par M.r le B.on Walckenaer. C'est ce qu'ont reconnu également les savants les plus competents de l'Europe, et M.r d'Avezac lui même qui dans un excellent travail publié dernièrement dans l'*Univers Pittoresque* p. 35 à reconnu que les récits de ces prétendus voyages *se trouvaient dans quelques auteurs* normands du XVII.e siécle.

Il ajoutait en nous faisant l'honneur du citer nos *Recherches*, que «*ces* «*faits avaient été contestés par une critique rigoureuse, aux yeux de la*«*quelle des allegations tardives ne peuvent suppléer les preuves positives* «*ou les témoignages contemporains.*

Après cet aveu nous ne voyons pas trop pourquoi le savant géogra-

phe est venu accorder le droit de contester ces pretendues découvertes parce que les titres s'étaient perdus.

Il nous semble que pour avancer qu'ils s'étaient perdus il fallait d'abord prouver qu'ils avaient existé.

Quant á la citation que notre savant confrére à fait de ce qu'un Academicien de Lisbonne n'avait pas cru impossibles ces pretendues voyages, nous n'avons aussi que deux mots á dire, c'est à savoir que malheureusement l'Académicien dont il s'agit avait plus d'érudition que de critique, et qu'il sacrifiait celle-ci à la prémiére; c'est ce que citer tout ce qu'il avait lû dans des AA. de la fin du XVII.ᵉ. et même du siécle dernier sans s'apercevoir que leur autorité était de nulle valeur puisqu'il s'agissait d'un fait qui se disait avoir eu lieu au XIV.ᵉ.

Cette absence de critique était telle qu'il á cru que dans des cartes du commencement du XIV.ᵉ siécle, qu'il avouait être perdues, á cru, dis-je, que le Cap de Bonne Esperance, et ce qui plus est le Détroit de Magellan s'y trouvaient déjá marqués. Nous sommes heureux d'être venus à une époque où nous pouvons connaître et étudier des monuments de la geographie du Moyen-âge dont la plupart étaient presque inconnus il y aprés de 40 ans quand l'Académicien cité plus haut composá son Mémoire.

Quoiqu'il en soit, je dirai, que non seulement l'autorité et l'opinion d'un Académicien mais celle même de toutes les Académies du Monde ne peuvent renverser le manque de documents et d'historiens contemporains, les seuls qui font authorité en la matiere.

Maintenant nous ferons remarquer que notre savant confrére á cru que le plus ancien historien des découvertes des Portugais—Azurara, semblait indiquer qu'il croyait que des navigateurs d'autres nations avaient passé au-de-lá du Cap Bojador avant les Portugais.

Nous allons traduire textuellement diverses passages de ce celebre historien qui prouvent qu'il n'á jamais cru pareille chose. Il affirme le contraire.

Cet historien rapportant les motifs qui avaient décidé l'Infant D. Henri á envoyer á la découverte des terres de Guiné, s'exprime de la maniére suivante:

«... *Et parce qu'il desirait savoir quelles terres se trouvaient au-de-*«*lá des îles Canaries et d'un cap qu'on* nomme Bojador *car jusqu'á ce* «*temps lá ni par les écrites, ni par la tradition des hommes on ne savait* «*positivement quel pays il y avait au-de-lá de ce cap.*» (voy. Recherches p. 60).

Nous ne repeterons point ici l'analyse que nous fimes déjá de ce passage = p. 61 de nos Recherches publiées en 1842 pour en montrer toute l'importance —

Ailleurs le même historien parlant du voyage de *Denis Dias* et de la découverte du Cap-Vert = «Ils s'emparerent de quatre natureles que fu«rent les premiers que les chrétiens prirent dans ce pays, et *il n'existe* «*pas d'histoire ou de chronique qui rapporte le contraire* (Azurara chap. VIII passim. Recherches p. 154).

On voit donc par ces passages que Azurara était bien loin de suppço-

ner que d'autres marins eussent passé au-de-lá du Cap-Bojador avant les Portugais.

Ayant ainsi suffisament démontré ces faits, nous [a]

Enfin si nous eussions voulu suivre l'exemple de ceux qui dans les temps modernes ont contesté les découvertes des Portugais citant des voyages fabuleux, ou d'autres remplis de contradictions ou toutafait problématiques, nous aurions renverser leurs argumens pretendus chronologiques avec la legende qu'on trouve sur certains monuments cartographiques du Moyen-âge — oú il est dit «que l'an 734 (VIII.e siécle année que «toute l'Espagne fut soumise par les payens venus de l'Afrique : l'île An- «tilia nommée *Spte Ritade* fut habitée par un Archévêque du Porto en «Portugal, avec six autres ésveques et nombre de chrestiens, hommes et «femmes qui s'y étaient sauvé d'Espagne avec leurs bestiaux et leurs «biens.

Or ils ne pouvaient y aller qu'en prenant la haute mer et personne mediocrement instruit dans l'histoire de la navigation du Moyen-âge osera soutenir que si telle expedi[ti]on eut eu lieu ce furent les genois ou les autres peuples du bacin de la Mediterranée qui les conduisirent á cette île, ou plutot á l'archipel dont nous croyons qu'il en est question. Personne aussi pourra dire que furent les Normands que leurs donnerent l'exemple, car tout le monde sait que les prémieres incursions de ces pirates fameux sur les cotes de la Neustrie et de la Peninsule Hispanique n'en commencerent qu'au IX.e siécle.

Rio do Ouro [b]

Extracto do Livro do Mendigante Hespanhol nas Relações de Bethencourt cap. 102 e 103

Fallando do paiz do Preste João diz «et de l'autre costé á la Riviére «de Nil qui vient des Marches du Prestre Jean, et s'estend le Royaume «de Dougalle jusques oú la riviére de Nil si fourche en deux parties, ***dont «l'une fait le fleuve de l'or qui vient vers nous et l'autre s'en va en «Egypte.***

[a] No original, este periodo ficou por concluir.

Os dois periodos que se seguem constituem um Additamento, cujo original está escripto em uma pequena tira de papel, solta.

[b] O original deste capitulo consta de quatro quartos de papel escripto de ambos os lados, com numeração de 1 a 7.

Este capitulo e o seguinte supponho deverem corresponder á promettida continuação do artigo publicado no «Diario do Governo» de 18 de dezembro de 1845 (n.º 298). — Cnf. nota [a] da pag. 440 dos *Opusculos e Esparsos*, Vol. II.

Já em a nossa obra sobre a prioridade dos descobrimentos portuguezes mostrámos que esta passagem se não podia applicar ao Rio d'Ouro descoberto pelos Portuguezes ([1]) pois aqui [se] tratava do Nilo desauguando no Oceano Atlantico conforme a geographia systematica dos antigos, e da Idade Media, e não do Rio d'Ouro dos Portuguezes que tem apenas 8 legoas, e que nenhuma communicação tem com o Nilo.

Basta pois confrontar esta passagem com as Cartas dos seculos 14 e 15 anteriores aos descobrimentos dos Portuguezes de que adiante trataremos para se vêr da maneira mais positiva que o Rio d'Ouro de que tratava o Mendigante Hespanhol não era outro senão o braço do Nilo que os antigos cosmographos fazião desauguar no Atlantico.

Para melhor o demonstrármos seguiremos sobre as 3 Cartas seguintes a descripção da viagem do dito mendigante, como mostraremos adiante.

Antes disso para ligarmos o texto da mesma relação afim de pôrmos isto em melhor evidencia — diremos — Que acima vîmos que o Mendigante diz que um dos braços do Nilo que vinha do Paiz do Preste João para o oceano, formava o *Rio d'Ouro*, e depois accrescenta a relação que de Damieta, «s'en alla le frére en Egypte au Caire, et á Damiette entra en une nef de Chrestiens, et depuis revint á Susette, qui est front á front de Grenade, et s'en alla derriére par terre á la cité de Maroch, et traversa les monts de Clerc, et passa par la Gazulle, et la trouva Mores qui armoient une galere pour aller au *fleuve de l'or* et se loua avec eux, entrérent en mer, et tindrent le chemin au Cap de Non, et au Cap de Sabrun et puis au Cap de Bugeder et toute la costiére *devers le Midy jusques au fleuve de l'or*.

Ora se o Rio d'Ouro de que elle trata acima era um dos Braços do Nilo que vinha do Paiz do Preste João (a Abyssinia) e depois seguio com os Mouros toda a Costa para o Meio dia até a um Rio deste nôme, segue-se combinando-se estas duas passagens que o Rio do Ouro aonde forão os Mouros, e o mendigante foi ao systematico Rio do Ouro da Idade Media ao Nilo dos Negros e não ao Rio do Ouro dos Portuguezes, que nunca ninguem tomou nem podia tomar por um Braço do Nilo, e muito menos os Arabes que emprehenderão esta viagem, consequentemente nesta relação não se trata de outra cousa senão a nosso vêr do mesmo Rio do Ouro da geographia systematica da Idade Media, *o fluvius Aureum*, o Pallolus &.

Como ainda melhor se vê — no cap. seguinte da continuação da viagem do Frade Mendigante cheia de fabulas e d'absurdos que bem se lhe poderia chamar apocrypha, pois diz que quando chegarão ao tal Rio acharão formigas muito grandes que acarretavão areas d'ouro, depois partirão de lá seguirão as costas do mar, e acharão uma ilha muito boa e rica, onde fizerão grande negocio que se chamava a ilha *Gulpis* cujos habitantes erão idolatras ([2]) daqui proseguirão e acharão outra ilha que

([1]) Vid. Recherches — Addição XXXVIII p. 322.
([2]) Entra o Boi.

se chamava Caeble [a] e a deixarão á direita, e depois acharão uma montanha na Terra firme muito alta, e muito abundante de todos os bens que se chamava Albor da qual nasce um rio muito grande ([1]). Daqui ou deste ponto regressou a Gabron dos Mouros, e o mendigante entrou no Reino de *Gotome?* onde as montanhas erão as mais altas do mundo, segundo se dizia, e alguns as chamavão os Montes da Lua, *e outros os montes de ouro* e erão 6, e nascião delles 6 grossos rios que todos desauguavão no *Rio d'Ouro* e ali fazem um grande lago, e dentro deste se forma uma ilha que se chama *Palloge* (é evidente a Ilha Pallola do ouro) que é no paiz dos Negros.

Na carta do Museo Borgiano se vêm marcados estes Rios sahindo das montanhas da Lua, e desauguando n'um que corre p.ª o occidente, e vem desauguar no Atlantico, e tem a inscripção = *Hic colligitur Aurum.* Aqui se colhe ouro. E que tinha 8 legoas de largura — o que não acontece ao R. do Ouro dos Portuguezes.

Mostrando-se assim que a relação de que se trata não tem applicação alguma com o Rio d'Ouro situado a 50 legoas do Bojador *descoberto* pelos Portuguezes.

Mas ainda aqui não parão estas singulares viagens nas quaes são tantos os absurdos geographicos quantas as palavras; diz elle que da tal ilha situada no lago, elle fôra sempre por diante até um Rio que chamava o Euphrates que vinha do Paraizo Terrestre, e que elle mendigante atravessou!!!

De maneira que do lago formado pelos rios sahidos das montanhas da Lua no interior d'Africa, foi de paceio, ou de salto, até á Asia ao Tauras d'onde vem o Euphrates, e daqui ainda não satisfeito com esta absurda pregrinação, vemo-lo outra vez na cidade *Melée* (Maly, Melli?) nos dominios do Preste João na Africa!!!

Estes espantosos absurdos geographicos até espaventarão os capelães redactores da viagem de Bethencout pois declarão que se abstinhão de fazer menção de outras maravilhas contadas no tal Livro» *et pour doute que ce ne semblat au lisant estre mensonges*, e Bergeron não poude resistir a pôr em cota marginal «*Estrange travessée de l'Euphrate au Preste Jean* ([2]).

No Mappa Mundi do famoso Fra Mauro se vê igualmente a juncção do Niger com o Nilo, quer dizer um Braço deste Rio desauguando no Mediterraneo e outro sahindo do supposto lago com 6 rios ou boccas delles, e outro braço que corre para o Atlantico onde desaugua.

---

[a] *A' margem leem-se estas palavras* : Sera Cabra porto de Tombouctou?

([1]) Relac. p 104. Parece ser a ilha de Gorea, e a montanha *Cabo Verde,* mas aqui não se encontra nenhum Rio grande

([2]) Vid. Relac. cit. p 105.

Voyage de Bethencourt [a]

Rio d'Ouro

NB. Addição ao que já se imprimio no Diario do Gov.º de 5 de setembro de 1845, N.º 209.

NB. Esta theoria de fazer vir do Oriente para Leste o oiro — Humboldt tratou-a mui bem no Tom. 2 do Examen Critique p. 37 e seguintes.

No Cap.º 57 das Relações dos Capellães de Bethencourt descrevem elles em resumo a continuação do que elles lerão no Livro do Mendicante Hespanhol (vid. p. 104).

A relação deste é de tal modo cheia de confusões e d'absurdos e fabulas que até Bergeron nota em cotas marginaes que são destituidas de verosimilhança.

Como todavia é da seguinte passagem do Cap.º 58 seguinte que o nosso consocio pretende achar uma prova positiva e indubitavel de que os Normandos e outros forão ao Rio d'Oiro antes de Gonçalo Baldaya
ou transcrevela-hemos para melhor a analisar, e mostrarmos que ella é relativa ao *fluvius palolus das Cartas da Idade Media* e posto que marque a distancia entre o Cabo Bojador e um Rio a que chamavão do Ouro, não era aquelle a que os Portuguezes derão este nome depois que o descobrirão nem prova que mesmo o tivesse em sua Carta marcado pela experiencia dos navegadores Europeos.

«Et dit ainsi le frére Mendiant en son livre que l'en ne compte du «Cap Bugeder jusq'au fleuve de l'or que 150 lieus françoises (¹), et ainsi «l'a montré la carte, ce n'est singulaire que pour trois jours pour naves, «et pour barges; car gallees qui vont terre á terre pregnent plus long chemin, quand pour y aller d'icy nous n'en tenous pas grand compte (²).

Ora salta aos olhos pela leitura desta passagem que o redactor ou redactores desta relação juntarão ás indicações do Livro do mendicante Hespanhol asserções suas que a amplião.

Na relação do Frade que fez as viagens com os Arabes se lê que elle faz menção *das formigas* fabulosas que acarretavão oiro que era uma reminescencia do que se encontrava em Strabo Liv. 15. em Pomponius Mela Liv. III Cap. 7 e Plinio Liv. 2, Cap. 31, mas transportadas com indisivel confusão para a Africa. Depois faz elle Mendicante menção de 6 Rios que nascião nos montes da Lua e que todos acarretavão oiro, falla depois da ilha *Pallola* que era povoada de negros.

Tanto esta ilha como o Rio *palolus* isto é do ouro, já o Cardeal Zurla

---

[a] O original deste capitulo está escripto em cinco quartos de papel numerados de 8 a 16.

(¹) Isto prova em nosso entender que o texto das Relações dos Capellães de Bethencourt fôra alterado, pois não é verosimil que um Frade Hespanhol do seculo XIII contasse por legoas francezas e muito menos descrevendo uma viagem feita com os Arabes.

(²) Relac. p. 106, cap. LVIII

havia mostrado que não podia ser o Rio dos Portuguezes. Mas aqui dizem os Redactores da viagem de Bethencourt que o liv.º do Mendicante contava desde o Bojador ao Rio do Ouro 150 legoas, e *que assim o mostrava a Carta*. A carta de que elles tratão era semilhante á dos Pizzigani de 1367 na qual se vê um Rio ao sul do Bojador com a denominação de *fluvius palolus* ou Rio do Ouro, o que igualmente se vê no Mappamundi da Mediceia de 1351 de que temos um Fac-simile onde se vê o dito Rio = e á legenda = *Hic colligitur Aurum,* aqui se colhe oiro. Do mesmo genero emfim da do Museo Borgiano = [*a*]

Mas todas estas noções erão fundadas na geographia classica systematica e que se reproduzio ainda com maior confusão nas cartas da Idade Media.

Que era do Nilo da geographia systematica da Idade Media e que se vê nas cartas citadas que Bethencourt tratava de vêr combinando o que elle diz da relação do Liv.º do Mendigante, com o texto p. 102 as seguintes expressões «et de l'autre coste est la riviére de Nil qui vient «des marches du Preste Jean, et s'estend le royaume de Dongalle jus«ques oú la riviére du Nil se fourche en deux parties *dont l'un fait le «fleuve de l'or qui vient vers nous* et l'autre vá en Egypte» e é justamente o que se vê na carta da Medicea.

A simples confrontação do capitulo 58 das Relações em que os redactores transcreverão as noticias que encontrarão no Liv.º do Mendigante Hespanhol, com as cartas citadas, e outras está mostrando palpavelmente que os viajantes Normandos não tinhão conhecimento *preciso por viagens feitas antecedentemente* por elles do Rio do Oiro dos Portuguezes.

E ainda uma prova mais de que não tinhão tal experiencia se vê nas palavras que se seguem no texto acima citado do cap. 58 p. 106 «et si «les choses de par de ça sont telles comme le livre du frére Espagnol le «devise, et aussi ceux qui ont frequenté ces marches dient et racontent á «l'aide de Dieu, et des Princes et du Peuple Chrestien *l'intention de M.r de Bethencourt est d'ouvrir le chemins du fleuve de l'or*. (Logo elle não estava aberto nem praticado anteriormente pelos Normandos e Francezes, e por conseguinte o argumento que M.r d'Avezac quer tirar da carta não colhe, e tanto o dito caminho não tinha sido precedentemente aberto, e «praticado, que a relação continua (p. 107) «car s'il en venoit á bonne fin «ce serait grandement l'honneur et le profit du Royaume de France (notre) *et de tous les Royaumes Chrestiens* rien que l'on approchevoit les marches du Preste Jean dont tant de bien et de richésses viennent.

A relação do Mendigante punha o Imperio do Preste em a cid.e de Melée (Mali ?)

A analyse desta posição tão confusa da geographia da Idade Medîa

---

(*a*) *Á margem do original encontram-se estas palavras:* Pôr em duas columnas p.a mostrar que a carta de Bethencourt era do mesmo modo que a Medicea e dos Pizzigani — transcrever 1.º o texto do P.e Mendigante e á margem o que digo a p. 238 das *Recherches* logo no principio e ainda mais analogia tem o relatorio do Mendigante e a coincideucia com a carta de Bethencourt com o que escrevemos em a Nota 2 de p. LXXXIX das nossas *Recherches*.

fornece outra prova de que Bethencourt não tinha ideas exactas do verd.º Rio do Ouro dos Portuguezes, pois este não era proximo *des marches du Pretre Jean.*

Logo o dito caminho para o Rio d'Oiro não estava aberto nem para a França nem para os outros Reinos Christãos. Tal é o que diz o texto expresso das relações de Bethencourt com as quaes nos querem agora provar o contrario do que ellas mesmo estão dizendo!

E' pois tudo quanto ali se diz ácerca do Rio do Oiro.

Por conseguinte não vêmos senão a tenção de lá ir, *e não o facto de ter ido*, que é o ponto principal da discussão.

A' vista disto é indubitavel, que Bethencourt teve tenção de ir ao Rio do Oiro (1), e que os navegadores Portuguezes realmente lá forão e o descobrirão. Como o refere Azurara contemporaneo e outros em 1444 e como se vê das cartas hydrogeographicas.

Quanto á Ilha de Lancerote que M.r d'Avezac quer por força que seja dos Genoveses de Lancet Moloisel = eis [a]qui o que se lê nas delações de Bethencourt cap. LXXI p. 133 que os naturaes a chamavão = *Tile-Roygutra* «*Que os Hespanhoes et autres Corsaires* de mers les ont (as villas da d.ª Ilha) par maintes fois prins, et menez en servaige, tant qu'ils sont peu de gens.

---

(1) Pela escala da Carta de Malte Brun — o Rio d'Oiro fica a pouco mais de — legoas Francezas do cabo de Bojador e não 150 como diz a Relação de Bethencourt 50 o mesmo se vê na Carta de Jackson Anticourt of Timboucton — na de Cooley — de Roussin &.ª

Quelques observations sur la Notice des Découvertes faites au Moyen-âge dans l'Océan Atlantique antérieurement aux grandes explorations portugaises du XV.e siècle [a]

Publiée dans les Nouvelles Annales des Voyages dans le Cahier d'Octobre 1845. (1)

PAR M. LE V.TE DE SANTAREM [b]

A p. 25.

Sur Samuel Braun qui á trouvé en 1614 au cap de Monte un roi négre qui parlait très bien le Français — n'est point un temoignage comprabatif que les Dieppois y fonderent des établissements plusieurs siècles avant. Cela preuve tout au plus que les Français, comme nous l'avons montré nous mêmes § de nos Recherches, y allaient dés la 1.e moitiée

---

(1) L'auteur á pris pour epigraphe un passage tirée des Memoires de M.r de Macedo sur les navigations et découvertes des Portugais, passage dans lequel le savant Academicien Portugais se fondant sur une lettre d'Alphonse IV datée de et adressée au Pape Clement prouvait qu'il avait avant cette epoque envoyé des expeditions aux îles Canaries et reclamait les droits qu'il avait aux mêmes îles. D'aprés ce fait M.r de Macedo prouvait que la palme de gloire qu'on accordait á l'Infant D. Henri pour avoir été l''auteur des prémiéres découvertes sur l'Atlantique, devait être mise dans les mains d'Alphonse IV. Ce dernier passage á été omis par l'auteur de la Notice = ayant cité seulement le texte de M.r de Macedo jusqu'au mot = do Senhor Infante D. Henrique = et elagant ceux qui suivent «*e confessaremos que se podem com certeza dar tes«temunhos das nossas expedições maritimas á Costa d'Africa, alem do Cabo de Não, já «no Reinado do Senhor Rei D. Affonso IV* (Macedo Mem. para a Hist. &, nas coll. da Academia). De maniére que le passage de M.r de Macedo qui voulait avec le document dont il s'agit enlever la palme de la main d'un Prince portugais, pour l'accorder á un autre Prince portugais, est par l'auteur de la Notice employé contre les deux et contre les Portugais !

Nous savons bien qu'on peut prendre pour epigraphe seulement la partie d'un texte d'un auteur, mais nous ignorions si dans ces cas cela devait se faire. Et nous montrerons que le passage en question est l'application qu'il fait loin d'avoir l'exactitude de ce que soutenair M.r de Macedo

[a] A «Notice» tinha por auctor D'Avezac.

[b] A parte desta «Notice» de D'Avezac que o Visconde de Santarem aqui discute e critica, foi lida na Academia Real das Inscripções e Bellas Lettras do Instituto de França

du XVI[e] siècle la même valeur á l'autre assertiou de Braun rapporté par M.[r] d'Avezac, «qu'en 1617 les indigénes de la côte de l'or lui racontaient l'ancien établissement chez eux, et la *venue ulterieur des Portugais!*

Comme si le dire d'un Hollandais au 17.[e] siècle appartenant à une nation qui avait usurpé les colonies des Portugais, et celui d'un négre puisse avoir plus de valeur ou infirmer les documents authentiques et les faits anterieurs de près de 2 siècles constatés de la maniére la plus mathematique.

La decouverte de la Mine.
Sur le dire du négre au cirurgien Hollandais — Braun en 1617.

Dans le document des Archives Royales de Lisbonne c'est á savoir les Instructions passées le 6 Decembre 1544 á son Ambassadeur prés la Cour d'Hespagne, il était dit que tous les souverains de l'Europe s'étaient constamment obtenu des le temps des découvertes des Portugais et des Espagnols de naviguer et de frequenter les mers et les terres de la domination des deux couronnes et qu'ils avaient observé célá d'une maniére si stricte, que jamais aucun sujet de quelque autre Prince avait jamais osé visiter ces contrées, *excepté il y avait quelques années quelques pirates Français* et cela le roi de France disant toujours, que cela était contre ses *ordres*.

(Quadro T. III. p. XCIX).

Or qui doit-on croire — le roi de Portugal, ou le dire d'un négre sauvage et qui était posterieur de prés d'un siècle?

Il est vraiment incroyable qu'aprés les piéces diplomatiques que nous avons cité[e]s dans nos Recher. §.° l'esprit le plus exclusif vienne soutenir que le dire d'un négre en 1614 était un temoignage comprobatif!!!

---

na sessão de 14 de novembro de 1845, e occupa as pags. 20 — 58 do referido n.° de outubro, do mesmo anno, da publicação «Nouvelles Annales des Voyages».

A continuação desta Memoria de D'Avezac foi lida nas sessões de 5 de dezembro deste anno e 6 de março de 1846; a parte correspondente á primeira destas duas sessões foi publicada no n.° de janeiro de 1846 (pag. 68-85) e a outra nos n.[os] de março e maio deste ultimo anno (respectivamente, pags. 277-298 e 149-162).

E' esta a mesma «Notice» a que o Visconde de Santarem se refere nas notas do seu *Raport lu .. à la Société de géographie sur une Mémoire de M da Silveira, relativement à la découverte des terres du Prêtre-Jean et de la Guinée par les Portugais*, cuja leitura foi feita na sessão de 17 de outubro de 1845, mas cuja publicação só veiu a fazer-se no «Bulletin» da mesma Sociedade do mez de janeiro de 1846. A ultima dessas notas termina assim: «Telles sont, par le moment, les observations succintes que nous avons cru devoir consigner ici à propos de la notice publiée dans les Nouvelles Annales des Voyages du mois d'octobre de 1845. Nous nous proposons de mettre bientôt sous les yeux des savants un nouveau travail sur ce sujet, dans le quel nous espérons pouvoir montrer que rien de ce que nous avons prouve dans nos *Recherches sur la découverte des pays situés au delà du cap Bojador* n'a été infirmé par l'auteur de la Notice citée plus haut.» (Conf. «2.° Visconde de Santarem — Opusculos e Esparsos», Vol. II, pag. 134).

Sur la foi qui merite[nt] les assertions des négres de la Mine

Le Feitor da Mina dans une lettre écr citá la Reine Catherine datée de la Mine du 18 Avril 1507 — dit.

«porem tudo isto forão palavras cobradas de *negros que não se vé, nem tem verdade principalmente onde lhes vai interesse.*

Pour la question de la Batterie Française à la Mine

On peut lui appliquer la similitude avec ce qui est arrivé en Angleterre.

Le Morning Post du 23 Aout 1846 rapporte (Journal des Débats du 28 Aout) que — «Les prisons appellées françaises dans la forêt de Darenvous propriété du Prince de Galles furent commencées en 1806, elles ont été baties — deux par les Français et *l'intérieur* de la chapelle á été finie par les Americains. A une époque de la guerre on comptait 10.000 prisoniers = On lit au-dessus des portes cette inscription = *Parcere subjectis.*

AA. Hollandezes du XVII[e] siècle ne meritent fois sur l'affaire de la Mine

Braun e[t] Dapper ne meritent aucune confiance sur l'affaire de la Mine non seulement parce qu'ils sont posterieurs de plusieurs siècles à l'etablissement des Portugais dans ses parages, mais encore parce que les mêmes Hollandais ayant usurpé cet établissement aux Portugais voulaient infirmer les Droits legitimes de ceux-ci qui leur disputaient la possession injuste en allegant avec des pretendus droits d'un tiers qui n'était en cause et qu'ils savaient trés bien que ne les soutiendraient point par les armes, et par des titres legitimes comme les Portugais.

En effet nous voyons peu de temps avant que Braun eut écrit le passage cité par D'Avezac (Nouvelles Ann. p. , cahier d'octobre) que les Portugais avaient capturé prés du chateau da Mina en Guinée 6 vaisseaux Hollandais et prenant comme presiers plus de la moitié des équipages et ayant perdu une autre partie (1).

Nous voyons que les mêmes Hollandais attaquerent Angola e[t] S. Thomé en 1641 — (Vid. Discours de l'Ambassadeur Portugais à LL.

(1) Biblioth. R. de Paris — Mss. Cod. $\frac{228}{12}$ Doc. 41 — Lettre du 2 Juillet 1610 de M. de Vaucelles ambassadeur en Epagne à M.r de Villeroi.

Hautes Puissances = Francisco d'Andrade Leitão Imprimé á Lisbonne en 1643 in 4.º

Et l'autre discours du même de 14 Juin 1642.

Nous voyons que dans les propositions presenté[e]s et dans les reclamations faites á la Hollande par l'Ambassedeur de Portugal Antoine de Sousa de Macedo eu 1651 le 24 Mars, il exigá cathegoriquement la *restituition de la Mine* et les places de l'Inde qui les Hollandais prirent des mains de l'usurpateur.

Le lecteur aurait pu alors juger de l'objet sur ce qu'il on á pretendu que nous avions été induits en erreur.

Et nous écontrerons que l'auteur du Mémoire qui citte les Benedictins pour indiquer que nous avions été induits en erreur sur l'époque où on á commencé á user *généralment* des chifres Arabes, en France, n'ait point indiqué que c'était sur l'autorité des Benedictins eux mêmes que nous nous sommes fondés et que nous avons cités á p. 34 de nos Recherches et que nous traitions non pas de leur usage dans les mathematiques mais bien dans une inscription lapidaire que malgré ce qu'on ai soutenu dernièrement dans une note a pas 24 et 25 d'un Mémoire inseré dans le cahier des Nouvelles Annales des Voyages du mois d'octobre dernier, nous continuons á maintenir ce que nous avons soutenu dans nos *Recherches sur la priorité de la découvei te des côtes occidentales d'Afrique au delá du Cap Bojador* p. 39 relativement au Prince Henri et aux fleurs de lys dont il est question dans un ecrivain *posterieur de plus de deux siècles* á la fondation du chateau, et de l'eglise de St. George da Mina par les Portugais.

Au reste nous montrerons dans un autre ouvrage comment celui qui á voulu détruire deux de nos objections n'a transcri[t] notre texte et nos argumens.

En attendant nous transcrirons ici ce qui dit de Vaines.

«Ce qu'il y á de certains, c'est qui ils (Les chiffres Arabes) étaient en «Europe avant le milieu du 13e siècle. D'abord on ne fit guére usage que «dans les livres de mathematiques, d'Astronomie, d'Arithmétique et de «Géometrie. Ensuite on s'en servit pour les chroniques, les calendriers, «et les dates des manuscrits *seulement*; car ces chiffres n'ont jamais admis «dans les diplômes ou chartes avant le 16e siécle. Si l'on trouvait quel-«ques uns avant le 14e siecle ce serait un phénomene des plus rares. Dans «le 14e et 15e siécles, on pourrait, quoique assez difficilement, en ren-«contrer dans des minutes de notaires. Ces exceptions s'il s'en trouvait, «ne servirait qu'a confirmer la regle qui ne leur permet de se montrer «que dans les actes du 16e siécle.

«Ces chiflres ne parairent sur les monnais pour marquer le temps où «elles avaient été fabriquées que depuis l'ordennance de Henri II rendu «en 1549.

«La figure de ces chiffres Arabes (continue le savant diplomatiste Français) *n'était pas encore uniforme parmi nous en 1534 et ce n'était que depuis 1500 que l'usage était ordinaire en France*, encore les entremelait-on souvent de chiffres romaines. Ce n'est même, si l'on en croit un Historien moderne (Lobineau-Pref. du 2 T. de l'Histoire de Bretag[ne]) *que*

depuis le regne d'Henri III que l'on commença en France á se servir en écrivant de ces nombres *Arabesques*.

Si donc j'ai commis une erreur comme l'auteur du Mémoire pretend c'est aux savants Beneditins de S. Maur á qui il doit s'en prendre et non á moi. Mais s'il avait trancrit notre texte et nos arguments peut-être que les savants impartiaux aurai[en]t trouvé que non seulement nous n'avions pas été induits en erreur guidés par de telles autorités, mais que les arguments que nous avions tirés avaient peut-être plus de valeur comme ils étaient sur de nombreux documents contemporains de la fondation du chateau de la Mine, que la induction qu'on á pretendu tirer des assertions d'un mémoire ouvrage écrit plus de 2 siècles aprés les decouvertes Portugaises.

Et si le millésime de 1164 se trouve sculpté dans les derniéres assises de [la] cathedrale de Chartres, comme le dit l'auteur du Mémoire, ce que nous examinerons, nous dirons que ce serait vouloir faire prevaloir l'exception contre la régle generale. Et au surplus il existent maintes exemples d'inscriptions qui ont été sculptés sur des edifices, tombeaux et autres plusieurs siècles aprés leur fondation, notament lorqu'on les restauré.

Le milesime même de Chartres en est la preuve, car cette cathedrale á été élevée sous le Roi Robert car les chartes de ce souverain son da tées en chiffres Romains comme on le voit dans te cartulaire de Saint Maur-des Fossés = Data VII kalend. novembris indict. XII, Anno XII — Regnante Roberto Rege. Anno incarnationis *urbi millesimo* (1).

Dans une autre du même Roi on y lit «*Actum Parisius* Anno Dominicae incarnations MXXVIII regnante Roberto rege XL (2).

Nous pouvions citer encore d'autres toujours datées en chiffres Romains.

Au surplus le Monarque mourut le 20 juillet de l'an 1031, et le milessime cité par M.r d'Avezac est de 133 annés posterieur à la mort du fondateur de la Cathedral.

Ainsi les exemples avec les quels l'auteur du Mémoire á pretendu nous relever une erreur, ne detrúisent en rien ce que nous avons soutenu et nous maintenons dans toute son integrité ce que nous avons dit á cet egard dans nos Recherches.

Nous dirons á cet egard que malgré ce qu'on á soutenu dernierement dans une note a p. 24 et 25 d'un Mémoire inseré dans le cahier des *Nouvelles Annales des Voyages* du mois d'octobre dernier, nous continuons á maintenir ce que nous avons s[o]utenu dans nous Recherches sur la priorité de la *découverte des côtes occidentales d'Afrique au-delá du Cap Bojador* p. 39 relativement au Prince Henri et aux fleurs de Lys que Dapper ecrivain posterieur de 2 siècles á la fondation du cha-

(1) Art de verif. les Dates par les Benedictins. T. I, p. 11.
(2) Ibi.

teau de la Mine prétend avoir vu dans le même chateau, que l'auteur du Mémoire prétend être un temoignage comprobatif des prentendus etablissements des Normands en Guinée au xiv.e siècle.

Quoique nous nous proposons de montrer dans Mémoire especialement consacré á l'examen de celui publié dans les *Nouvelles Annales* comment l'auteur du dit Mémoire passa sous silence toute l'analyse que nous y avions fait de l'ouvrage de Dapper, les arguments que nous y avons fait fondés sur l'autorité de *Resende* historien contemporain, de Barros. Nous y montrerons qu'il á passé sous silence les arguments qui nous y avons fait citant Belle Forest et Thevet [1].

Chiffres effaccés

Tant l'argument qu'on veut tirer de Dapper est faux que maints exemples prouvent que des monuments d'une époque recente on y voit le milesime effacé =

M.r da Silva Lopes dans la Chorographie de l'Algarve p. 372 signale un monument du temps de Jean III qu'on remarque aux Algarves = où on voit au dessous des Armes Royales de Portugal une inscription qui dit = *Joannes III. 159* * le dernier chiffre etant entierement éffacée =

Ainsi donc, une inscription *d'une époque* plus rapprochée de nous de 2 siècles que les pretendues etablissements Dieppois en Guinée est finete, et celle de Jean II du xve siècle un siècle plus ancienne se trouvait parfaitement conservée au temps de Dapper.

Erreures des chiffres jusqu'au xv.e siècle

Mr. Humboldt dit T. 1.º p. 282 de son Examen Critique —

«L'on sait á combien d'erreurs la maniére de écrire les chiffres Arabes «á donné lieu jusqu'á la fin du xve siècle.

Les chiffres Romaines encore employées en 1553 dans une lettre de Charles V au Roi Ferdinand =

Lanz = Collection des Lettres a l'Empereur. — Tom. III, p. 571. Doc. n.º 954.

Chiffres Romains et les Chiffres Arabes confundus. T. IV des Memoires de l'Academie des Inscript. p. 500, 503 cit. no Indice imp. em 1839.

[1] Voyez nos Recherches § IV de p. 29 a p. 39.

Les Benedictins rapportent plusieurs exemples de l'usage des chiffres Romains encore au xv[e] siècle et nous n'y avons pas recontré un seul daté à cette époque encore en chiffres Arabes (Voy. l'Art de vérifier les dates I, p. 13 et suiv.).

Fleurs de Lis

Escudo das Armas Reaes de Portugal com outro das Flores de Liz de França em sepulturas de Principes Portuguezes antes do seculo XVI.

Em um documento datado de 20 de Abril de 1525, escripto pelo corregedor do Minho a El-Rei D. Manuel, sobre as sepulturas que se achavão em Villa do Conde, diz que no Convento das Freiras se acharão duas sepulturas grandes com outra em cima — e juntos a estes mais dous *com muitos escudos nelles na pedra lavrados com as quinas* de Portugal *em huma metade e cinco froles de Liz de França na outra metade.* Dizião que erão sepulturas de dois filhos de D. Affonso Sanches.

Ha alli mais dous que tem um escudo em hum cabo que tem em huma metade *as quinas de Portugal, e na outra metade as cinco flores de Liz*, e na outra metade uma Barra com duas cabeças de serpes em cada ponta sua, e na parte defronte delle está um letreyro, que diz que ally Jaz Dom Fernando de Menezes, e sua molher bisneto de Dom Affonso Sanches, o qual he Padroeiro daquelle Mosteiro (¹).

On voit donc les écoussons avec les fleurs de Liz écartelés avec les armoires Portugaises dans les monuments de ces Princes Portugais, comme on pouvait les trouver dans l'eglise du Chateau de la Mine et même sur la porte de la Forteresse.

Fleur de Lys

Tem esta villa [Abrantes] por Armas em eampo azul quatro flores de Liz, e outros tantos corvos com uma estrella no meio. As lizes se diz que tomara do seu primeiro Alcayde Mór que se achou na tomada de Lisboa, donde levou para ella um dente de S. Vicente em cuja honra se fundou a igreja do seu nome e por esta cause se lhe aggregarão os corvos — Carvalho, Corograph. Portug. T. III, p. 187.

As Armas da Rainha D. Filippa de Lencastre no seu monumento da Batalha tem o seu escudo partido em dois, tendo á direita o Escudo das Armas de seu marido (El-Rei D. João I) e á esquerda o seu proprio brazão, que é esquartelado, e tem nos lados respectivamente oppostos os Leões e *as flores de liz.*

(¹) Voyez Panorama 1843 — N.º du 23 Septembre, p. 304.

São Luiz — Mem Hist. sobre o Mosteiro da Batalha p. 208 do T. 10 das Mem da Acad. Real das Sciencias de Lisboa.

Tanto no tumulo d'El-Rei como no do Inf.e D. Pedro as Armas reaes estão assentadas sobre a cruz floreteada de Aviz.

As Armas do Infante D. Henrique são em tudo semilhantes ás de seu Irmão.

Por conseguinte com a cruz que na forma parece inteiramente a flor de Liz (Ibi 209).

No Frontespicio da Igreja da Batalha se achão dois escudos das Armas Reaes Portuguezas esquarteladas com um escudo com as flores de liz.

Vid. Murphy, grande obra, estampas.

Na armadura d'ElRei D. João 1.º se vê no centro as 5 quinas — e nas as flores de liz.

Fleur de Lis

Addition

Dans les armes de Françe on voit la fleur de Lis. ≐
Dira-t-on pour cela que les Français ont bati France?

D. Henrique

A capella tem os seguintes Brazões. Nas faces estão as Armas do Infante «*em tudo semilhantes ás de seu irmão* (por conseguinte com as extremidades da cruz d'Aviz que na pedra formão a mesma figura da flor de liz) em 2.º logar com a cruz e diviza e lettra da ordem da Jarreteira e em ultimo logar outro escudo que mostra a cruz da cavallaria de Christo (Ibi Mem da Acad. T. 10, p. 209)·

Etudes des Mathematiques au Portugal — xv.e siécle.

Il y avait au moins la celébre Academie de Sagres. Or écoutons ce qui écrit Fontenelle dans l'histoire de l'Academie des Sciences — depuis 1666 jusqu'a 1699 —

«Ce n'est guére que de   ce que l'on peut compter, le renouvellement des mathematiques et de la physique. M.r Descartes et d'autres grands hommes y ont travaillé avec tant de succésses que dans ce genre de litterature tout á changé de face.

Refutation de ce qui dit M.r d'Avezac p. 27

Lá = l'A. dit que d'autres reconnaissances plus difficiles à contester (que les pretendu[e]s navigations Dieppois) précéderent de beau-

coup celles que fit exécuter le Prince Henri, et dont il convient de rappeler, avec quelque précision les dates successives. C'est aux historiens portugais eux-mêmes, aux historiens spéciaux de leurs explorations et de leurs nobles efforts, que nous emprunterons à cet egard les documents necessaires.

Nous ne savons pas pourquoi l'auteur appelle reconnaissances, les tentatives avortées de Doria et de Vivaldi, et celle de Jacques Ferrer qui sont les seuls des navigateurs Européens dont il y est question!

Ensuite il dit que c'est aux historiens Portugais eux-mêmes qu'il emprunte à cet egard les documents necessaires; mais dans tous les textes de Jean de Barros et d'Azurara que l'Auteur cite il n'y á pas un mot qui indique que d'autres peuples ai[e]nt éffectués des découvertes au-de lá du Cap Bojador et sur la mer Atlantique anterieurement aux Portugais et celá ce point fondamental de la question que l'A. á traité par tous les moyen de illuder; bien au contraire Azurara e[t] Barros soutiennent le contraire de ce qui dit l'auteur.

NB. Citer les passages.

Remarque à la Note de p. 27

L'A. y dit que Barros ayant rédigé ses *Décades* sur les documents originaux et les chroniques contemporaines, a une autorité jusqu'ici incontestée; nos adversaires (contenue-t-il) pourront tenter, pour le besoin de leur cause, d'amoindrire, sur certains points contraires à leurs prétentions la valeur de son temoignage, mais ce n'est que par la production de documents d'un poid égal à ceux qu'il á employés, qu'il serait possible d'y parvenir, et c'est ce qu'on n'a point fait encore...

Or si l'A. eut été de bonne foi il aurait admis l'autorité de Barros qui soutient dans les termes les plus formels que les Portugais furent les premiers qui dêcouvrirent les pays situés au-de-lá du Cap-Bojador, que le Prince Henri fut le premier qui eut tenté les entreprises et navigations. Mais quand il s'agit de priorité de découvertes des Portugais la grande autorité de Barros n'est d'aucun valeur pour l'A. puisque cella contrarie son théme favori. L'autorité de cet historien est seulement immense quand il croit trouver dans son recit que les Portugais étaient novices dans l'art de la navigation avant leurs grandes découvertes!!!

Mais ce qu'il y á de curieux c'est que les marins experimentés dont il est tant question dans la notice n'ont pas osé faire ce qui ont fait les novices. C'eux-ci passérent les premiers le Cap Bojador et decouvrirent l'Afrique entiere et étendirent leur domination jusqu'aux extremités de l'Orient, tandis que les AA. des nations experimentées dans la navigations de la *Mer interieure* resterent á citer les uns les tentatives des deux caravéles perdues de Vivaldi — les autres la tentative avortée de Ferrer.

Barros na dedicatoria das Decadas a ElRei D. João 3.º diz — «pois avendo 120 annos (por que de tantos trata esta escriptura) que vossas

armas e padrões de victorias tem tomado posse não sómente de toda a terra maritima d'Africa e Azia, mas ainda de outros maiores mundos, do que Alexandre *comentara*, por não ter noticia delles, não [h]ouve alguem que se antremettesse a ser primeiro neste meu trabalho, sómente Gomes Eannes de Zurara —

Barros escreveo em 1539 = Dec. Liv.° 1.°, f. 4, Ed. de Lisboa de 1628.

No cap. 2. f. 5 = traz Barros outra passagem em que fala da priorid.e do descobrim.to do Inf.:

«e tambem porque acerca dos homens lhe ficasse nome de primeiro conquistador e descobridor de gente idolatra: empresa que té ao tempo nenhum Principe tentou.

A passagem de Barros é toda relativa á costa d'Africa que «concebião (os navegantes) que o mar «daly por diante era todo aparcellado e que se não podia navegar: e que esta fora a causa porque os povoadores desta parte da Europa não se entenderão a navegar contra aquellas regiões. Alguns que entendião acerca das cousas naturaes querião dar causa por que o mar daquellas terras quentes não era tão profundo como o das terras frias; dizendo q̃ o sol queimava tanto as terras que jazião debaixo do seu curso, que com justa causa estava assentado por todos os filosophos serem terras onde se não podia habitar por razão do ardor delle.»

NB. E' necessario copiar toda a passagem. Os primeiros descobridores — diz Barros e assim devia ser «que o Infante deu-lhes regimentos «que corressem a costa de Berberia até passarem aquelle temeroso Cabo «Bojador e dhy fossem descobrindo o que mais achassem; a qual terra segundo mostraram as tavoas de Tholomeu, e assim pela informação dos Alarves sabia ser continua uma á outra, té a meter debaixo da linha equinocial pero que nam tivesse noticia da navegação da sua carta.

Quoique Barbosa dans la grande Bibliothèque Lusitana dit = Zurara — en parlant = du Chroniqueur = le professeur Farinha = dans le Resumé de la même Bibliothèque doptant une leçon plus moderne et plus exacte = dit Azurara.

Barbosa comet même une erreur en écrivant Zurara et disant qu'il était naturel de la ville de son nôm lorsque celle-ci s'appelle *Azurara* = et non pas Zurara.

João de Barros, Dec. 1.ª, Liv.° 2.°, cap. 2, f. 31 v. dit = *Zura*; dans la Préface il l'appelle Zurara.

Duarte Nunes de Leão, Chron. de D. João 1.°, cap. 97 parle de lui. —
D. Agostinho M.el de Vasconcellos — Vida de D. D.te de Menezes. —
Goes — Chron. do Principe D. João 1.° cap. 17 écrit = *Zurara* =
Jorge Cardoso no Agiologio Lusitano T. 3, p. 217.
Nicolao Antonio — Biblioth. Hisp. Vetus, Liv. 10, c. 12 — § 695 —
Fr. Luiz de Sousa — Hist de S. Domingos, P.te 1, Liv.° 3, cap. 16 —
Macedo — Flores de Espanha — Cap. 8, Excellen. 9
Brandão — Monarq. Lusit. Parte V, Liv.° 17, cap. 3 — Zurara.
Faria — Epitome da Hist. de Port. P.te 4, c. 18.
Toscano — Var. illustres, cap. 28 et 44.
Franckenau — Biblioth. Hesp. Geneal., p. 164.

Azurara

Refutation [de] d'Avezac á n.° 2, p. 31. Nouvelles Ann. Octobre 1845 =

Panorama Tom. V p. 336. On y lit «Carta do S.r D. Pedro Mestre d'Aviz e que depois foi Rei d'Aragão a Gomes Eannes d'*Azurara*.

Azurara = Panorama Tom. IV, p. 15 = parlant de l'oubli qu'il á fait dans l'autre article de la Chronique de Guinée = Obras d'*Azurara* = et répete souvent *Azurara* =

Le Cardinal Patriarche de Lisbonne S. Louis — un des plus savants philologues Portugais — á ecrit p. IV, note, de son = Indice Chronologique = «Quando isto escreviamos ainda não tinha apparecído a edição da obra d'*Azurara* ha pouco publicada em Paris pelo Snr. Visconde de Santarem.

Lopes-Lima, Ensaios — Tom. 1.° nota 1 = Gomes Eannes d'*Azurara*, p. IX.

Barbosa = Bibliotheca Lusitana diz = Azurara natural d'Azurara.

Azurara

Em 1790 ainda a Academia que fez a Introdução do Liv.° de Matheus Pisano escreveo — *Zurara*.

1792 = Na Chronica de D. Pedro de Menezes por Azurara o Abb.e Correa = escreveu á antiga = *Zurara*.

A pag. 207 Tom. II d'Ineditos o Abbade diz = falando do logar d'Azurara donde elle tomava o appelido =

«Isto faz supor que *a Zurara* donde seu pai, e elle tomarão o appellido era *a Zurara* da Beira e não do Minho.

Ora não é pois mais correcto dizer Azurara do que a — Zurara?

Dans la note qui nous fimes à la chronique d'Azurara dans ce point en question nous n'avions en vû d'enumerer rigoureusement le nombre de fois que l'infant D. H[enri] ait allé en Afrique, notre but était d'expliquer comme nous l'avons fait d'expliquer comment on devait comprendre le passage du chroniqueur qui disait qu'il avait gouverné Ceuta XXX ans — pour cela il falait prouver qu'il y était allé plusieurs fois et comme je n'avais pas en vu de denicher les oublies d'un auteur pour lui en faire un reproche devant le publier oubliant ce qu'il peut se trouver d'important dans ses ouvrages, pour ces motifs je n'ai pas prevu qu'on ait venu *sindiquer*.

Sur le passage de Barros

M.r de Humboldt — Examen Crit. T. 2. p. 152 dit ce qui suit, ce qui infirme aussi le sens que M.r d'Avezac veut donner au dit passage —

«Plus semblable á l'expédition des Almagourins que celle des Vivaldi, est, á n'en pas douter le voyage que l'Infant Don Henry fit faire

en 1431 par Gonçalo Velho Cabral. C'était une véritable exploration de l'Atlantique, une tentative, dit le biographe de l'Infant (Le P.e Oratorien Joseph Freire) pour découvrir une terre à l'ouest (Vida do Inf. p. 319). Cette tentative conduisit Velho Cabral d'abord vers les écueils des Formigas, au sud de l'île de S.t Michel des Açores, et en 1432 à l'île de Santa Maria.

Passage d'Azurara qui infirmait celui de Barros

Le chroniqueur contemporain du Prince Henri parlant de la fondation qui ce Prince fit de la ville de Sagres en 1416 (Chron. p. 33 et 34) dit ce qui suit.

«Que l'intention du Prince était de faire de cette ville un entrepot especial pour le commerce et pour tous les navires qui traversairent du Levant vers le couchant afin qu'ils aient pu y *trouver des vivres et des pilotes* comme ont ils le faisaient á Cadiz, port, ajoute l'auteur, qui était loin d'offrir les avantages de celui-ci, dans le quel les navires étaient à l'abri des vents, et pouvaient mettre á la voile avec tous les temps =

Or si on rapproche ce passage si positif avec celui des relations de Bethencourt on verra prouvé de la maniere la plus positive qu'au commencement du xv.e siècle encore les ma[r ins du bassin de la Mediterrannée prenaient des pilotes á Cadix pour les conduire dans la navigation de l'Atlantique, de même que dans les ports du Portugal.

Quand on voit Bethencourt aller par cabotage à Cadix et seulement delá prendre la haute mer, et qu'il dit que les pilotes Portugais d'abord, ensuite les Espagnols étaient les plus habiles, il est plus qui probable qu'il á prit á Cadix des Pilotes Espagnols pour le conduire par la haute mer aux Canaries.

Gil Eannes est allé doubler le Cap-Bojador non pas dans une nef mais dans une simple barque (voyez Azurara cap. IX p. 56).

Ce même marin était allé aux Canaries avant son fameux voyage de 1433.

Un autre passage d'Azurara — Chron. cap. IX. p. 57 contredit aussi le sens que M.r d'Avezac á donné á celui de Barros — des marins qui étaient habitués seulement á la navigation de Flandres. —

Rio do Ouro

Erreur de M.r d'Avezac relativement à la position du Rio d'Ouro des Portuguais.

M.r d'Avezac transcrivant [a] le texte d'Azurara (chap. IX p. 59) où il est dit que l'Infant envoyá Gil Eannes de nouveau avec Baldaya à la découverte, ce qu'ils exécuterent en dépassant cette fois le cap de 5o

[a] Pag. 33 da revista «Nouvelles Annales des Voyages», de outubro de 1845.

lieues ([1]) et puis il ajoute que «l'Infant chargea encore Alphonse Gonçal-«ves Baldaya d'une nouvelle expédition et dans ce voyage on alla à 70 «lieues au-delá du point où l'on s'était arrêté la précédente fois, c'est-à-«dire [jusq']à 120 du cap où l'on trouva une embouchure comme celle «d'un grand fleuve, s'enfonçant de huit lieues dans les terres» =

Ici M.r d'Avezac tout en produisant le texte d'Azurara dans la note 1 de p. 12 [*b*] n'a pas produit dans son texte la portion suivante de celui d'Azurara qu'il [a] transcripte toutefois dans la note «en que avya muitas boas ancorações, cuja entrada era por terra spaço de viij legoas onde lançaron suas ancoras.

«Il y avait (à l'embouchure) plusieurs endroits où on pouvait jetter l'ancre, et ils y *jetterent l'ancre*.

Or ce passage omis par M.r d'Avezac est assez important puis qu'il prouve que Baldaya et Gil Eannes non seulement reconnurent le fleuve mais *qu'ils y mirent à l'ancre* et le même auteur á soigneux omis tout le récit de l'exploration qu'à cette occasion les Portugais firent dans l'interieur des terres, exploration qu'on trouve longuement détaillé[e] dans le chapitre de la chronique d'Azurara dont il ne cite que des passages *mutilés*.

C'est ainsi que M.r d'Avezac pour faire croire au lecteur que le *Rio d'Ouro* des Portugais etait encore au-delá de 120 lieues au sud du Cap = reunit deux passages qui se trouvent dans le texte separés pour le récit du chroniqueur de ce que les Portugais ont fait dans ces parages, et transcrit le passage suivant: «Poursuivant sa route jusqu'á 50 lieues «plus loin encore, Alphonse Gonçalves arriva à une pointe formée par «un rocher qui de loin ressemblait à une galére, ce qui á fait appeler dé-«sormais ce lieu le port de la Galére».

Et puis M.r d'Avezac saute 30 lignes du texte d'Azurara, et cite le passage suivant = ce fut en l'année 1436 de Jesu Christ.

Et puis il ajoute: «Cette embouchure de fleuve n'est autre que le *Rio* «*d'Ouro*, ainsi nomé en divers endroits par Zurara.

D'apres cela on pourrait croire que le Rio d'Ouro des Portugais serait ainsi á 170 lieues au sud du Cap Bojador non dans le fleuve qu'ils ont reconnu à 120 lieues mais á celui qui forme le *Porto da Galé*.

Mais une pareille supposition n'est pas soutenable — car le *Rio d'ouro* se trouvant marqué dans toutes les cartes anciennes et dans celle de D'Anville sous le tropique de Cancer = ce qui á été constaté par la carte même que Vidal et Mudge de la Marine Britanique lévérent de ce fleuve et que l'Amiral Roussin adopta comme on le voit dans sa carte hydrographique demeurant ainsi á un peu plus de 60 lieues au sud du Bojador, et y aurait dans les récits dont nous avons parlé plus haut 1.º une difference de 75 = et une autre de 110 lieues plus au sud, erreur formidable

---

([1]) D'Avezac — Découvertes faites au moyen-âge sur la Mer Atlantique — p. 11 [*a*].

[*a*] E' o mesmo que pag. 33 da já mencionada revista «Nouvelles Annales des Voyages» n.º de outubro de 1845. — Vê-se que d'Avezac fez *separata* da sua Memoria.

[*b*] Ou pag. 34 das «Nouvelles Annales des Voyages».

qu'il n'est pas possible d'admettre.2.° — En admettant que le Rio d'Ouro d'Azurara fut situé á 120 lieues du Cap Bojador on n'y rencontrairait à cette distance *aucun fleuve*, mais bien le *Cabo das Barbas*. 3.° si on admette les 170 lieues comme le fait entendre M.r d'Avezac on se trouverait dans le golfe d'Arguim mais non pas à l'embouchure d'un fleuve d'huit lieues =

Or en suivant attentivement l'ordre et la disposition des chapitres de la chronique d'Azurara, on voit que le chap. X où il parle par la 1.re fois du *Rio d'Ouro* et au quel il donne ce titre = como Affonso Gliz Baldaya chegou ao *Rio d'Ouro* = précéde très exactement ce chap. XIII où il raconte la découverte du *Cap-Blanc* qui demeure par 20 dégrés 46 m. 55 de lat. nord.

Or si Azurara met avec raison le *Rio d'Ouro* non seulement avant le Cap Blanc, mais encore avant le *Port do Cavalleiro*, et du *Port da Galé*, il est évident qu'il y á grand erreur dans le nombre de 120 et 170 lieues au sud du Bojador ce qui metterait le fleuve en question au sud même d'Arguim. =

Il y á donc confusion entre le nombre des lieues indiqueés dans le texte, et la vraie position du fleuve indiquée dans l'ordre successive des explorations.

Ainsi sĩ on admettait l'assertion de M.r d'Avezac que le fleuve dont Azurara parle a p. 60 chap. X, et p. 66 chap. XI et á p. 96 du chap. XVI, et au chap. XIX p. 151 n'est autre que le *Rio d'Ouro*, on aurait ainsi quatre *Rios d'Ouro* á des distances differentes au lieu d'un seul marqué dans toutes les cartes.

Nous aurions: 1.° celui marqué dans toutes les cartes á 60 lieues du Cap Bojador sous le Tropique — 2.° un autre à 120 lieues au sud du même cap d'aprés l'interpretation du texte d'Azurara; 3.° celui du Port de la Galé à 170.

A p. 38 — Nouvelles Annales. Note 1 [a]. M.r d'Avezac dit que toute la côte d'Afrique jusqu'au Cap Cantin était considerée comme une plage Espagnole, et c'est dans ce sens que le mot *plaga*, *plages*, *plagie*, *piaggie*, ou *spiagge*, se trouve constamment inscrit vers le milieu de cet espace sur les cartes nautiques, portulans ou compas du XIV et XV[e] siècle —

Or nous ne voyons dans cette denomination autre chose que le mot = plage · praia en Portugais —

L'induction que de ce nom M.r d'Avezac veut tirer est tellement me thaphysique que nous ne la comprenons pas.

Nous ne voyons autre chose sinon que dans les cartes, portulans & on y marquait par leurs vrais noms = les bords de la mer par le nôm de *plaga*, plage (praia en Portugais) et rien autre chose — mais pour prouver selon son idée favorite, que les Portugais malgré que les habi-

---

[a] Aliás, 2.

tans des Algarves sont même en face du Maroc et les marins y vont pécher de toute antiquité, il vient nous gratifier de ce qui suit tiré de Balducci Pegolotti = qu'il dit relatif au commerce des Européens avec le Maroc où il dit = *Arcilla delle piagge di Spagna.*

Il cite pour ceci l'ouvrage de la Decima p. 119 T. 3. Or en lisant dans Pegolotti même ce passage il nous semble qu'il ne peut pas avoir la moindre doute que M.r d'Avezac á comis une erreur ne voyant pas que á l'endroit cité on ne voit autre chose sinon = les plages (les cotes d'Espagne) sous ce titre même Salle — Piagge di Spagna.

Mais il faut remarquer que le livre de Decima e[s]t relatif aux rapports de Pise avec les differentes nations, et on ne peut pas en tirer de ce qu'il y n'est point question du commerce du Portugal avec le Maroc, que ce peuple n'eut point de rapports avec l'Afrique!

A p. 216 que cite M.r d'Avezac on ne trouve rien de ce qu'il dit.

A 226.

Niffe = veut dire que la meure de Niffe — qui voulait dire que le commerce se faisait par l'Espagne, et je ne vois autre chose que les meures comparés — entre celles de Niffe e[t] d'Espagne.

Et pourquoi à la même page on y remarque *Buggia di Barbaria* et non pas des *piagges d'Espagne?*

Sur la question du Paralellisme!

Dans la carte catalane de 1371, on y voit le mot = *plaga* au nord d'Azamor et pas même dans cette carte on y voit le mot *Spana* ajouté au mot *plaga!*

On y lit autre part au sud du *Cavo de Sabium, Plages arenoza* que M.r Buchon traduisit = *Plages sablonesses.*

Nous n'avons pas besoin de citer d'avantage pour montrer la valeur du fameux paralellisme que l'auteur a voulu trouver!

En Afrique le mot piagie à le vrai sens de = *Plage* = mais quand Pegolotti dit *pragi* d'Espagne cela veut dire = *paese, regione, luogo* (Voyez Dict. Italien). C'est comme s'il dirait = *terre d'Espagne* dans son commerce avec Arzile, ou avec d'autres places. —

---

§

Motifs qui ont conduit Bethencourt en Espagne avant la conquête des Canaries.

M.r d'Avezac fez passar o Bojador a Bethencourt quando o mesmo Bethencourt diz que não passou =

Thomassy — Relações sobre o Marrocos faz ir o mesmo Bethencourt até o Cabo Branco —

Un grand nombre d'AA. e[t] documents contemporains de Bethencourt parlent de son voyage aux Canaries et de la conquête de ces îles

mais aucun Auteur ni du xve ni du xvie siécle á signalé Bethencourt comme celui qui á decouvert la Guinée ni franchi pour la premiére fois le redoutable Cap Bojador. Bethencourt lui-même d'aprés ce que nous lisons dans ses relations ne l'avait point vanté d'avoir fait la moindre découverte, bien au contraire il assure que pour conquerir ces terres il aurait fallu l'aide du Portugal &.

Mr de Humboldt = Exam. Crit. T. 1, p. 285 note 1, = Jean de Bethencourt, longtemps avant les Portugais, longea aussi la côte Africaine depuis le Cap Cantin jusqu'au Rio d'Ouro. Et l'autorité qu'il allegue c'est Viera = *Historia de Canarias* Lib. III. §° 30 Liv. IV §° IV — ce qui preuve que Mr de Humboldt n'a pas lû les relations de Bethencourt, ainsi que l'écrivain Espagnol Viera qui du reste écrivit dansle siècle dernier ! ! !

Quoique nous nous proposons de publier sous peu une analyse complete du Mémoire publiée dans les Nouvelles Annales des Voyages du mois d'octobre dernier [*a*], nous jugeons á propos dire d'avance ici quelques mots sur les documents qui selon l'auteur de la Notice démentent la priorité des découvertes des Portugais en Afrique.

Ce ne sont plus déjá les pretendues navigations Dieppoises du XIVe siécle en Guinée qui démentent la priorité des découvertes Portugaises puis que l'auteur lui-même nous parait ne pas croire comme nous le montrerons par l'analyse de divers textes de ses ouvrages, et notamment par l'aveu formel qu'il fit dans son *Esquise Général de l'Afrique* publiée dans l'Afrique de *l'Univers Pittoresque* l'année derniére a p. 36 où il dit qu'á partir du *Rio d'Ouro* (ou fleuve d'or) *commençaient les découvertes reelles des Portugais*, reconnaissant par-lá que ce furent eux qui découvrirent réellement la Guinée ; ce cerait une contradiction flagrante, de soutenir aprés cela que les Dieppois y étaient allé avant et s'y étaient établis, et que les documents contemporains qui en assuraient l'authenticité ont peri ! [1]

Et au surplus. Nous sommes surs que la grande sagacité de l'auteur doit lui faire voir qu'on ne dispute pas á un autre la possession legitime et constaté, en invoquant des documents qu'on dit perdus. Il aurait fallu prouver dabord que ces documents avaient existé et celá par des témoignages contemporains, c'est á dire par des documents des XIVe siécle. [2]

[*a*] O original correspondente a estoutro paragrapho ou capitulo consta de oito quartos de papel numerados, tendo o primeiro o n.° 21, e o ultimo o n.° 36, e mais 3 com numeros repetidos. O primeiro começa por dois periodos que o auctor inutilisou. A um delles corresponde a nota seguinte : Voyez nos Recherches §° X p. 80. oú nous avons démontré que *Les Cartes historiques et géographiques du XIV e[t] XVe siécle.*

(1) Assertion de l'auteur de la Notice inserée dans les Nouvelles Annales des voyages, d'octobre p. 27 et a p. 35.

(2) Nous avons discuté ce point dans nos *Recherches sur la priorité &*, publiées en 1842 p.

Ainsi ces pretendues voyages *ne dementent en rien* la priorité incontestable des découvertes Portugaises en Afrique.

Un autre témoignage historique que l'auteur allegue contre la priorité des découvertes des Portugais au-de-lá du Cap-Bojador, c'est 1.º que Bethencourt avait doublé le Cap avant le Portugais Gil Eannes, s'appuyant du texte des relations des chapelains de Bethencourt qui dit «Fortune vint dessus la mer que les Barges furent departis et vin«drent tous trois prés des terres Sarrazines bien prés du port de Buge«der (1).

L'auteur de la Notice malgré la simplicité du texte de la Chronique de Bethencourt qui est exprés et qui dit *bien prés du port de Bugeder*, ajouta ce qui suit *«ce port est au sud du Cap!!!*

Et prétend deduire du même texte que Bethencourt avait doublé le cap 29 ans avant l'entreprise tant vantée de Gil Eannes! Lors méme que Bethencourt eut abordé á ce qu'ils appellaient *port du Bugeder* il ne s'ensuivrait pas qu'ils avaient doublé le cap d'aprés un systeme scientifique de découverte comme le Prince Henri l'avait conçu et que Gil Eannes aurait executé. Voi-ci du reste ce qui dit l'Amiral Roussin dans son *Memoire sur la Navigation aux cotes occidentales de Afrique* p. 33 et suivante.

«Le Cap Bojador, situé par 26 deg. 6 m. 57 secondes de latit. N. et «par 16 dégrés 50 m. 34 secondes de longitude du Meridien de Paris, «est peu remarquable. Vu par le nord, ce n'est qu'une gréve de sable «roux, en pente jusqu'á la mer, *et dont l'extremité ouest*, fort basse, *for«me une petite anse* avec lá falaise qui la suit. C'est á la partie la plus «occidentale de cette falaise dont la hauteur put être de 70 pieds, qui se «rapporte la position ci-dessus. Ce point á été choisi comme plus re«marquable que tout ce qui l'avoisine.

On va voir que le port dont il sagit est dans *le cap même* et non pas au sud comme l'auteur de la Notice inserée aux Annales des voyages l'á indiqué.

L'amiral Roussin continue disant «on peut mouiller *dans la petite «anse* du Cap Bojador (2) mais le fond y est mauvais.

On verra ainsi que l'assertion de l'auteur de la Notice sur les découvertes au Moyen âge, se trouve démentie et par le texte même qu'il produit, et par la savante exploration hydrographique française de l'Amiral Roussin: on verra enfin que le texte méme des relations de Bethencourt loin d'enlever au marin portugais Gil Eannes la gloire d'avoir le prémier doublé le fameux Cap (3) viennent au contraire confirmer cette priorité, aussi bien que tout ce que nous avons démontré á cet egard dans nos Recherches d'aprés des textes et des documents de la plus incontestable authenticité dont l'auteur de la Notice n'a pas cité un seul.

---

(1) Nouvelles Annales des Voyages p. 40 et 41.

(2) Memoire de l'Amiral Roussin p. 34.

(3) Dans nos Recherches sur la découverte des pays situes sur la cote occidentale d'Afrique au-delá du Cap-Bojador = Paris 1843, nous avons établi d'aprés une longue serie de textes contemporains et par les monuments cartographiques.

Une autre preuve selon l'auteur qui *est positive, directe, expresse* (1) qui dement aussi la priorité des découvertes au-délá du Cap Bojador c'est la fameuse carte catalane de 1375, où on trouve une legende ou il est dit que «Le 10 Aout 1346 Jacques Ferrer partit pour aller au fleuve de l'or (2).

Mais malheureusement pour ceux qui disputent aux Portugais la priorité des découvertes reélles au-delà du Cap Bojador il arrive qu'un manuscript trouvé aux Archives de Gênes répetant cette mention ajoute *que l'on n'avait plus eu, depuis aucune nouvelle du batiment* (3).

Or si aprés son départ de Majorque on n'a plus eu de ses nouvelles, comment peut-on serieusement soutenir que cette tentive echouée de-aussi la priorité des découvertes portugaises qui se verifiérent, et qui sont constatés par les documents positifs?

Avant les découverts reélles des Portugais au-delà du Bojador aucun document ni aucun témoignage historique antérieur prouve que les marins des differentes nations de l'Europe y fussent parvenu (4).

Au grand nombre de preuves et de témoignages que nous avons produits dans nos Recherches nous ajouterons ici en passant un autre témoignage qui nous fournit un passage du teste de la Chronique de Bethencourt dont l'auteur de la Notice n'á cité que seulement les premiéres lignes, c'est á savoir ce qu'on lit dans le chap. LVIII de la dite chronique.

«*Et dit ainsi le frére Mandeant en son livre* que (5) l'en ne compte «du Cap de Bugeder jusques au fleuve de l'or, que cent cinquente lieues «françaises et ainsi l'a monstré la Carte (6). Ce n'est singlure que pour

---

(1) Voyez Notice dans les Nouvelles Annales en Voyages. Cahier d'Octobre p. 23 et 42.

(2) Nous consacrámes un chapitre tout entier dans nos Recherches á la discussion de ce sujet. Voyez nos Recherches p. LXXXIX et Notes 3 et 227 a p. 241 et l'Adition XXXVIII p. 320. L'auteur de la Notice inserée dans les Annales des Voyages n'a point detruit une seule des objections que nous y produisimes, ni celles de M.r Walckenaer dont nous avons fait mention.

(3) Voyez Nouvelles Annales des Voyages — Notice citée dans le cahier d'octobre 1845 á p. 42.

L'auteur de la Notice dit que «ce voyage n'était pas le premier : car on ne fait point «un armement á destination fixe quand on ne connaît pas, approximativement au «moins le but qu'on doit atteindre». Il nous semble qu'un grand nombre d'exemples montrent le contraire. Combien de fois depuis l'antiquité qu'on a armé avec le destination fixe de decouvrir les sources du Nil, sans savoir oú elles se trouvent.

(4) Le voyage du Frére mendiant Espagnol avec les Arabes ainsi que celui d'Ibn-Fathima ne sont point des voyages entrepris par des navigateurs et des marins de l'Europe. Nous avons bien demontré cela — Voy. nos Recherches p.

(5) Cette partie du texte que nous avons souligné á été omise par l'auteur de la Notice inserée dans les Nouvelles Annales — cahier cité — comme on peut le voir a p. 40. Cette omission aurait pu faire croire que c'était Bethencourt qui savait qu'elle était la distance du Cap-Bojador au fleuve d'or, quand la Chronique de Bethencourt avoue que ce fut dans le livre du Mendiant Espagnol que c'était dans ce livre du Mendiant que cela le trouvait.

Nous ajouterons qu'il ne parait pas croyable que dans le livre du Mendiant Espagnol anterieur au xv siécle les distances fussent indiquées en lieues françaises.

(6) Cette distance de 150 lieues du Cap Bojador au fleuve de l'or des Portugais n'est point exacte car elle excede d'apeuprès 100 lieues et prouve comme nous le montrerons bientôt que la Carte de Bethencourt dont il en quaestion était conforme aux cartes du Moyen-Age, et ne pouvait même pas être plus avancée.

«trois jours pour naves et pour barges; car galees qui vont terre á terre «pregnent plus long chemin; et quand pour aller d'icy, nous n'en tenons «pas grand compte.

Ici l'auteur de la Notice mutila le teste le quel continue en disant ce qui suit qui a selon nous beaucoup d'importance.

«Et si les choses de pardeçá sont telles comme le livre du frére Es«pagnol le devise, et aussi ceux qui ont frequenté en ces marces dient et «racomptent à l'ayde de Dieu et des Princes et du peuple Chrestien, *l'in«tention de Monsieur de Bethencourt est d'ouvrir le Chemin du fleuve* de «l'or. Car s'il en venoit á bonne fin, ce seroit grandement l'honneur et [le «profit du Royanne de France et] de tous les Royaumes Chrestiens, veu «que l'on approcheroit les marches du Prestre Jean dont tant de biens et «de richesses viennent (1).

Or si l'[int]ention de Bethencourt était d'ouvrir le *chemin du fleuve de l'Or* dans le cas que les choses *par de ça furent telles* comme le livre du frére Mendiant Espagnol le disait, et ayant l'aide des Princes Chréstiens, l'induction logique qu'on doit tirer de ce passage est *que le Chemin du fleuve de l'or n'était pas ouvert pour les Chretiens.*

Ainsi donc ni la ten[ta]tive avortée de Ferrer en 1346, ni le voyage du Mendiant Espagnol avec les Arabes relation du reste rempli des plus monstrueuses erreurs geographiques (2), ni les passages des relations ou chroniques de Bethencourt dementent la découverte réelle du *Rio d'Ouro* des Portugais, comme l'auteur de la Notice sur les decouvertes du Moyen-Age l'a pretendu, et malgré que l'auteur de la Notice rapporte même le texte où il est prouvé que la tentative de Ferrer pour aller à un fleuve d'or au-delà du Cap Bojador avait échoué, il n'en persiste pas moins á l'indiquer comme un fait acompli, comme si Ferrer eut été reéllement au Fleuve de l'Or et l'eut découvert!

Les autres textes que l'auteur de la Notice presente comme offrant des preuves qui démentent aussi la priorité des découvertes des Portugais, sont ceux 1.° de Foglietta 2.° de Giustiniano dans leurs histoires de Gênes, et de Pierre d'Albano qui parlent de deux galeres Genoises qui sortirent du Detroit de Gibraltar au XIII.e siècle.

Or les trois textes de ces auteurs sont tous unanimes sur un fait, á savoir qu'auprés le depart de l'expedition on en á plus *su ce qu'elle était devenu.*

Au surplus, nous renvoyons pour le moment le lecteur á nos Recherches oú nous avons longuement discuté ce point.

Le 3.° témoignage historique avec le quel l'auteur de la Notice prétend

(1) Chronique de Bethencourt. Chap. LVIII p. 106 et suiv.

(2) L'auteur de la Notice inserée dans les Nouvelles Annales dejá citée parait vouloir indiquer par sa phrase á p. 43 que le Frére Mendiant Espagnol avait visité deux fois les endroits situés au-delá du Bojador, mais le texte n'indique que le voyage fait avec les Arabes. Ici encore l'auteur de la Notice n'a pas produit aussi le commencement du Chapitre sur le voyage accidentel de l'Arabe Ibn-Fathima que l'auteur cite dans sa Notice (Nouvelles Annales des Voyages p. 44). Nous renvyons le lécteur aux textes que nous avons produits et á l'analyse que nous avons fait dans nos Recherches p. LXXIX a p. LXXXVII et dont il n'est pas dit le moindre mot dans la Notice donnée dans les Annales des Voyages.

démentir la priorité des découvertes Portugaises, c'est un passage de Pierre d'Abano mort en 1315 qui disait que était sorti par le détroit de Gibraltar et qu'il aurait 30 ans on ignoraient ce qu'elles étaient revennues (1)!

Or si l'auteur contemporain lui-même n'a pas su ce qui ait devennue l'expedition, comment des écrivains posterieurs de plusieurs siècles peuvent ils venir affirmer que cette expedition avait alors effectué la découverte des côtes occidentales d'Afrique au-de-là du Cap Bojador avant les Portugais?

Les savants impartiaux leur diront: vous aurais beau faire passer le cap Bojador á ceux que les textes même que vous produisez, montrent qu'ils ne l'ont pas doublé.

Ainsi donc Bethencourt qui *est allé prés du port du Bojador* (2) ont le fait doubler le cap (3). Jacques Ferrer dont on n'a pas eu des nouvelles et comme M.r Walckenaer l'a dit fort bien dans la lettre á Malte Brun, n'aurait pas même sorti de la Mediterranée, on le fait aller au fleuve d'or reellement découvert par les Portugais!

Les Galléres Genoises que l'auteur contemporain et même les historiens de Genes posterieurs de 2 siécles ont dit qu'on n'en á eu plus de nouvelles, on les fait aller en Guinée et decouvir les côtes occidentales d'Afrique!!

A p. 25[a] — Dans le passage de Bethencourt, M.r d'Avezac mutila encore le texte ayant omis ce qui se trouve avant ceci.

«Il ordonna que ce seroit le 6.e d'octobre 1405 et en icelle journée il fut preste pour y aller á tous les nouveaux hommes qu'il avoit amenés et *plusieurs autres et se mirent en mer iceluy jour et se partirent trois galéres, dont deux estoient au dit seigneur, et l'autre estoit venu du Royaume d'Espagne que le Roy lui avoit envoyé.* (Rech. cap. LXXXII, p. 137) (1)

Ils furent au Bujeder jettés par une tempete = Note de Bergeron même p. 173 in marge.

Rio d'Ouro

Sobre a questão do navio de Jacques Ferrer hindo para o rio de l'or —

Alem do que diz Mr Walck naer accrescentarei que dans *Masoudi* qui au xe siecle ecrivait une histoire universelle sous le titre de = *Prairies d'or* = *sous al Adua* á d'entendue environ 20 jours de marche. Au delá se trouve un torrent de sable que l'on traverse pour arriver á la ville de Nehas.

Mr D'Avezac diz que o rio d'ouro só podia ser conhecido pelos nave-

(1) Voyez «Nouvelles Annales, cahier cit. p. 44.

[a] Da *Separata;* corresponde á pag. 40 da revista «Nouvelles Annales des Voyages», de outubro de 1845.

(1) Elle não ia ao Cabo mas sim á G.r Canaria e foi perto do Bojador lançado pela tempestade.

gadores e não por terra — mas isto é contrario até aos primeiros elementos da historia; os Rios forão primeiramente por terra, e pela navegação forão até dos naturaes do que pelo exterior dos Portos pelos Navegadores Estrangeiros. Por outra parte quem diz a M.r d'Avezac e Tastu, que este Rio d'Ouro não fosse o Nilo na sua trasbordação o *Ouangara d'Ibn-al-Wardi* situado dans une des contrées du Soudans, qui c'était le pays de l'or et des aromates? La grandeau du Nil l'environne de trois côtés dans son débordement, et en couvre la plus grande partie. Lorsqu'il s'est retiré, les habitans vont ramasser l'or. Cet or s'exporte en grande partie á *Sédgelniesse*, e que fosse a este ponto ao qual Jacques Ferrer se dirigiu?

M.r D'Avezac = funda-se em que o *Rio do Oiro* n'est qu'un *ruisseau*, qui ne pouvait pas être connu que par des navigateurs, car il est comme celle de S. Cyprius et celle de S. Jean = qui se perdent dans les sables =

Rio d'Ouro

Selon M.r Tastu (Lettre á M.r d'Avezac du 8 Nov.e 1836 — Bulletin de la Société de Géographie Tom. VI. Deuxième série p. 239) en parlant de la galéace de Ferrer dans l'Atlas Catalan — dit *qu'elle cingle vent en poupe vers la Sénégambie!*

Selon le même le = *rio de l'or* ne peut être *autre que la riviére de Gambie* que les anciens dûrent appeler fleuve ou rivière de l'or, puisque les sables en contennaient des parcelles que la riviére laisait á la vue en se retirant.

Rio do Ouro

1367 — Carte de Pizzigani

Tem junto ao Cabo Bojador ou no ponto corresponde[nte] a nota «*Caput finis Africe* (Zurla p. 24 Sulle antiche Mappe lavorate in Venezia) [a].

Zurla observa que se vê um rio que parte das suppostas fontes do Nilo e que corre para Ouest — que elle julga o *Palolo* = curso de um grande rio ao occidente que se confunde com o Nilo dos Negros, ou Niger com o Nilo, neste systema = cujo systema é quasi repetido no Mappa de Fra Mauro. Vu que *le Palolus* n'est pas du tout situé á la latitude du Niger mais beaucoup plus au Nord. Il semble qu'on á voulu appliquer les anciennes theories obscures de l'antiquité du Niger á un *fleuve riche d'or* qui charriait des prilletes de ce métal et debouchait dans cette côte dont la renommée de son existence était ancienne. En effet si je ne me trompe un tel nom est derivé du mot *pajola*, con cui ci que (vid. p. 25. Confronte-se com o que dicemos a p. 164 da Memoria) nome que n'aquelle tempo denotava *soleasi-oiro*, e lançando os olhos no Mappa-

---

[a] Corresponde á pag. 320 do vol. 2.º da edição de 1819, Veneza.

mundi de Fra-Mauro — se vê *oro di pajola* in que fiume, non solo in apposite note, mas tambem com areas auriferas.

NB. Paça a citar o Tomo 6 dos Annales des Voyages da viagem de Ferrer em 1346 a *Rujauro*, o que mais fortifica a opinião acima sustentada acerca da origem do nome *Palolus* da carta dos *Pizzigani* mas este é differente do R. d'Ouro dos Portuguezes, visto que fica entre o do Bojador e o de Não, e dos Portuguezes no Tropico.

Rio d'Ouro

Sur les fleuves imaginaires M.r de Castelnau vient de verifier que *les meilleures* cartes d'Amerique telles que celles de Arromith et de Bové n'indiquent pas moins de 4 et 5 riviéres imaginaires dans depuis le Paraguay depuis l'embouchure du Jaru jusqu'au fort Bourbon — Ce fleuve ne reçoit aucune riviére venant de l'ouest, «les meilleures Cartes & (plus haut).

Lettre de M.r de Castelnau au Min.e de l'Instruction Publique datée de Lima le 16 Fevrier 1846 (Journal des Debats de 9 Juillet. —

Rio d'ouro á 60 lieues au sud du Bojador

Celui de la carte de Bethencourt on le met a 100 lieues de plus et á cette distance du Bojador ne se trouve pas aucun fleuve — Ce qui montre que c'etait tout á fait au hasard qu'ils marquérent cela —

La même démonstration nous donne la carte d'Stiiwe des connaissances géographiques des Arabes, Berlin 1835.

La même chose dans la carte de Roussin, les 150 lieues au sud du Bojador donnent dans le golphe d'Arguim — mais pas précisement dans un fleuve.

«Bethencourt possédait lui-même une carte de ce littoral et des îles voisines á telles enseignes que sur cette carte *le fleuve d'or etait marqué* a 150 lieues françaises au sud du cap de *Bujeder*.

(D'Avezac. Note sur le veritable mouillage marqué au sud du cap de *Bugeder* p. 7. Conquéte des Canaries chap. LVIII p. 106 et chap. LVI p. 103.

Rio d'Ouro

C'était une idée systématique et non pas une connaissance positive resultant de l'experience des navigateurs Europeens du Moyen-age.

C'était une opinion générale d'alors que les métaux speciaux n'existaient que dans les pays chauds.

Dans le Journal de Colomb du 21 Nov.e 1492 — il y est dit que par la grande chaleur que l'Amiral éprouvait, pensait que dans les Indes il devait y avoir *mucho or*.

«Aussi longtemps que V.e Segneurie en 1495, un Lapidaire de Burgos, Mossem Jaime Ferrer a Christophe Colomb eu la grande isla de Cibau, *n'aura pas rencontré de négres* pendant les progres surprenants de ses découvertes, et atteint la *Signus Magnus de Ptolomée* elle ne peut conter sur des grandes choses (les vrais trésors) comme épiceries, diamants et or» ([1]).

Diego Ribero dans sa célebre Mappemonde de 1629 met la note suivante près de la Terre de Garay (Floride Occidentale).

«Le pays est pauvre en or, parce qu'il est trop eloigné du Tropique «de Cancer =

Ces croyances fondées (ajoute M.r de Humboldt) sur des analogies incompletes transmises par l'antiquité, croyances qui assugetisaient aux mêmes limites, au climat des Tropiques, les épices et les pierres précieuses ont disparu trop tard.

Rio d'Ouro

Selon Gosselin = Recherches sur la Geogr. systh. d'Hypparque =, T. 1, p. 75.

Dans une carte très curieuse publiée dans l'ouvrage de Pruneau de Pommegorge intitulé = *Description de la Nigritie* on voit au nord du Rio das Inguias — et par consequent au nord du Cap Bojador des montagnes avec cette legende «*Les montagnes d'or.*

Or étant prés du Rio das Inguias ce fleuve ne serait pas par cette particularité un des fleuves d'or du Moyèn-âge en raison de la proximité aux dites montagnes?

Et ne serait pas á ce fleuve que Ferrer devait se rendre?

Rio d'Ouro

P.a a díscussão d'este ponto

Le Planisphère du Cardinal Borja porte une légende sur l'Empire du Préte Jean qui peut expliquer les assertions d'Antoniotto *Usodimare.* La voici

«*In Nubia christianorum sedes presbiteri Joannis, cujus Imperium ab ostio Gadis per meridiem usque ad fluvium auri.*

Jusqu'au Niger (dit Blau Mem. des deux Monuments geographiques de Nancy, p. 51.

A p. 44 — Foglietta.

Ciampi mesme ne se fiait trop même au recit de Foglietta et avec bonne critique le tache de suspect =

([1]) Humboldt — Exam. Critique, T. 2, pag. 47 e[t] suivs. Sentencias Catholicas del Divo Poeta Dante.

Il dit á ce sujet ce qui suit.

«Il vedere narrati una si usdita impresa *sol dal Foglietta*, e tacluta «nelle antiche cromache genovesi, *mi arreble forse tenuto alquante, au-«bioso e sospeso.*

Mais ce fut le passage de l'auteur contemporain Pierre d'Abano qu'il lui parut confirmer ce voyage.

Vide Macedo. Memor. Part. 2, p. 22 in nota.

Pour la Chronique de Genes de Giustiniani

Interpolations

Ne voit-on pas dans les Mss. du *Trésor* de Benetto Latini des chapitres entiers d'interpolations?

Voyez — Article Benetto dans le Tom. 20 p. 295 de l'Hist. Litt. de la France.

Sur Antoniotto Usodimare

Il est bien remarquable le silence de Christophe Colomb au sujet de la prétendue rencontre de Uso di Mare avec un de ses compatriotes en Afrique de ceux qu'il croit échapés des Galeres de Vivaldi = Car Antoniotto ecrivit cela dans une lettre de 1455 et Colomb séjourna en Portugal depuis 1470 jusqu' á la fin de 1485. En 1485 il fit un court voyage á Gênes pour offrir ses services á la Republique. Ces dates sont fondées sur les documents recueillis par Munoz. — Hist. du Nouveau Monde, Lib II, § 21.

Et il est singulier que dans le fameux livre *das Profecias* oú il compte en detail tout ce qu'il savait et de son érudition il ait gardé silence sur les voyages de Doria et Vivaldi et du souvenir d'Antoniotto, ses compatriotes, si ses voyages eussent eu lieu au long de la cote d'Afrique comme les ecrivains posterieurs l'ont prétendu?

Et il y est bien singulier que son fils D. Ferdinand Colomb dise dans la vie de l'Amiral «qu'il commença á conjucturer que si les Portugais «navigaient si loin vers le sud, on pourrait aussi naviguer par la voie de «l'occident et trouver des terres sur cette route» ([1]). Il est singulier dis-je qu'il n'en parla point des prétendues decouvertes effectuées par l'expedition de son compatriote Vivaldi et de l'assertion de la lettre attribuée á Antoniotto.

L'interpolation du passage relative au prétendu descendant des hommes de Vivaldi, dans le Mss. de Genes — n'a rien d'extraordinaire bien au contraire elle pouvait être trés naturelle.

N'a-t-on pas vu sur l'ancienneté ou plutot sur la question de la priorite de l'observation de la declinaison de l'*aiguille aimentée* dans plusieurs ouvrages trés estimés (Thomaz Young — Let. ou Nat. Philosoph. T. 1, q. 746 — Hausten &) on trouve citée une *prétendue* observation de

Pierre Adsiger «faite en 1269 et dont Thévenot á parlé d'aprés ce fragment d'une lettre qui posséde la Bibliothèque du Roi á Paris (Humboldt — Exam. Crit., T. 3, p. 30 not. 2) dit M.r Libri qui a fait une étude profonde de l'histoire des sciences physiques observe qu'il y a erreur de nom ; la lettre porte l'inscription : «*Epistola Petri Perigrini di Musicourt ad Sigerinum de Foucoucourt*» (Ces mots ad Sigerinum ont été convertis en Ad siger) 2° que le passage de la déclinaison magnétique est *intercallée* et ne se trouve *pas dans le Mss. de Leyde.* On ne doit donc, dit Humboldt, attribuer l'observation ni á Pierre Peregrini (Barlow — Trans phil.) ni á celui qui a reçu la lettre. —

Dates fabriquées

(Pour la lettre de Antonioto).

M.r Halmann dans ses curieuses Recherches sur l'origine des Béguines de Belgique publiées à Berlin (voir Revue Analytique de Janvier de 1845).

Il y montra victorieusement que les chartes publiées au XVIIe siècle par le Professeur Crycius Puteanus datées de 1065, et deux autres de 1129 et 1151 étaient fausses, ce qu'il á etabli par les temoignages les plus authentiques, et il conclue qu'une Bulle du pape Urbain V était émané d'Urbain IV em 1262 et quant aux trois autres piéces il montra que Pontanus les á falsifiées chose facile puis que cette date était en chiffre.

Et il finit par trouver dans un couvent qui hérita en partie des biens de l'ancien béguignage, la plupart des chartes de cet établissement.

Les quelles aucune ne remontait au-delá du XIIIe siècle et il trouva l'original même de la premiére fondation du Béguignage par Gui, évéque de Cambray, en 1239.

Il vient enfin à prouver que la falsification fut faite dans l'intervalle des Annèes de 1350 à 1450. Il est probable que Puteanus champion passionné de l'authenticité de ces chartes, se doutait de leur exagération qu'il mit dans leur défens et les teimognages imposants dont il s'efforça d'entourer sa découverte.

Faussaires du XVIe siècle

(Vid. Herculano Hist. de Portugal t. I, p. 499, § 3.°)

N'avons nous vû paraitre la fameuse pierre avec un fausse Inscription trouvée au Cap-la-Roca en Portugal fabriquée par un Portugais et trouvée en 1508 profetisant les grandes découvertes = mais dont le jurisconsulte Orlando découvrit la fausseté et que Resende dénonca dans les *Antiquitates Lusitaniae?*

Est-ce qu'on n'a pas même fabriqué des Livres sacrés? Le IVe Livre d'Esdras ne passe-t-il pour apocriphe?

Or si nous avons de milliers d'exemples, et même dans la fameuse lettre de Toscanelli de 1474 — oú on trouve tant d'interpolations comme l'a signalé M.[r] d'Humboldt — Exam. Crit. T. I p. 236 et seg. note 1, pourquoi celle ou celles attribuées á Antoniotto n'en auraient point?

Transcrire á ce propos ce qui dit M.[r] d'Humboldt. T. 2, de l'Examen Critique — p. 144.

Ptolomeo poe todas as 6 Canarias no mesmo Meridiano n'huma linha de N. a Sul, o que estaria longe de ser a sua verd.[a] posição geographica. A carta ca[ta]lan de 1371 — as poe quasi pelo m.[mo] modo ou pelo mesmo as 6 enfiadas no mesmo Meridiano e de Norte a Sul, e o que é mais é que a Madeira e Porto Santo as coloca tambem quasi no mesmo Meridiano das 6 Canarias de Plotomeo, o que parece provar ainda mais que forão alli postas ou accrescentadas posteriorm.[te]

Cartes du Moyen age — Interpolations

Mannert á prouvé que dans la Table Peutingeriénne — certainement antérieure á l'époque des Thèrdorés qui étaient chrétiens = dans cette table — où on remarque 600 temples payens, élévés dans toutes les parlies de l'Europe, une main posterieur ait venu peindre et introduire l'*Église de St. Piérre de Rome.*

Comme arriva avec Ptolomée c'est qu'un plaisant du siécle suivant s'est permis d'inscrir dans l'ouvrage quelque chose de plus moderne et concernant au temps où il vivait.

(Voy. Mannert Pref. de la Table Peutingeriénne sect. 11).

Fraudes dans les Inscriptions

Elles sont incroiables — Quel est le savant qui ignore le grand nombre d'inscriptions apocriphes introduites à la suite des fraudes de Pierre Ligorio dans les grandes collections?

(Vid. Devergers — Lettre a M.[r] Letronne sur quelques inscriptions latines &. p. 5 e Not. 1).

Interpolations dans les Cartes ou Additions

Déjá en 1807 M.[r] de Macedo dans un immense travail qu'il a fait sur l'Atlas Catalan de la Bibliothèque du Roi il y avait remarqué que dans la 3.[me] carte (Taboa 3.[a]) o circulo roda foi raspado para emendar os nomes dos mezes que tinhão sido postos errados e egualm.[te] os concorrentes e p.[a] mudar a tinta tendo escripto com encarnada onde *deve ser preta* e *vice-versa* (Mss. de M.[r] de Macedo em meu poder).

Pour les interpolations sur les Portulans

Il suffit de voir dans celui de Viconti et d'autres du xive et xve siècles — marquée la ville de *Mogador* dans le Maroc — ville fondée et batie à une époque toute récente — comme le prouve Chenier dans son ouvrage intitulé = *Recherches* historiques sur les Maures.

Cartes — Additions qu'on trouve dans les cartes anciennes

Mr Reinaud m'a fait remarquer dans les cartes Arabes du Mss. d'Edrisy (Mss. Supplem. Arabe de la Biblioth. du Roi n.º 655) un grand nombre d'additions posterieurement faites sur les cartes.

D'un autre côté Mr Hommaire de Hell m'a signalé aussi d'autres qu'il á trouvé dans la carte catalane de la Bibliothèque du Roi de 1375.

Interpolations dans la lettre d'Antoniotto et dans les cartes du Moyen Age.

N'a-t-on pas vu interpoler dans les tables de Ptolomée les positions modernes dont on croyait connaître la longitude et la latitude, et les inscrire sur les cartes dressées par ce géographe d'Alexandrie?

Ne voyons nous pas qu'un Artiste posterieur de 3 siècles á Ptolomée, Agathodémon dessiná les cartes du fameux geographe, qui sont parvenues jusqu' á nous sous le nôm de Ptolomée? Il y á même des AA. qui pretendent que même quelques unes de ces cartes, ont été dans chaque manuscrit un travail particulier du copiste. D'Avezac parlant de celá dans son article Cartes dans l'Encyclopedie du xixe siècle p. 275 non seulement admet des interpolations, mais encore, qu'il á lieu de penser que «les copistes qui ont reproduit les dessins d'Agathodémon en y *faisant des modifications* qui leur semblait exiger tantôt une leçon nouvelle dans le texte de leur auteur, *tantôt le progrés, oú ce qui était regardé comme tel des connaissances géographiques.*

NB. C'est ce que nous croyons qui est applicable aux îles de Madere, Porto Santo, Açores dans les cartes catalane, de Pizzigani et Pinelli anterieures aux decouvertes des Portugais — [a]

---

[a] A composição que se segue até á pagina 376 corresponde a um certo numero de quartos de papel em que o Visconde de Santarem fixou apontamentos soltos, observações e considerações ácerca da primeira parte da discutida *Notice* de d'Avezac e que, na impossibilidade em que me encontro de atinar com a altura da discussão em que mais provavelmente deveriam entrar, aqui deixo á apreciação e critica do leitor.

Notre savant confrére M.r d'Avezac ayant lu á la fin de la derniére seance la note dans la laquelle il voulu répondre à un Memoire que j'ai eu l'honneur de lire á la Société le 7 Mars de cette année et dont on á publié la traduction avec quelques additions á Lisbonne, ne m'a pas donné le temps d'y faire la moindre remarque dans la même séance.

Je me vois par ce motif et à mon trés grand régret forcé de reclamer aujourd'hui votre bienveillante attention sur les remarques que je m'en vais lire.

J'ai cru jusqu'á present et je crois encore qu'une critique sérieuse et loyale exige que lorsqu'il a lieu de censurer ou de répondre un auteur il faut produire litteralement ses expressions et notament ses arguments tirés de l'analyse des documents et fruits de l'étude paciente de plusieurs années.

J'espere prouver que notre confrére ne s'est pas conformé en vers moi à cette regle si sage et si necessaire pour que le public ai[t] pû juger si ce qu'il soutenait reposait sur des fondements incontestables si ses assertions étaient ou non fondé[e]s.

Si notre savant confrére se fut borné á soutenir simplement la premiere assertion, savoir que quand les marins Portugais n'étaient que des caboteurs déjá les Normands de Bethencourt prenaient la haute mer pour aller aux Canaries, je n'aurai[s] pas prés la peine de lui répondre, puis que la réponse se trouvait déjá dans mes Recherches publiées en 1842, où ceux qui les auraient lû avec impartialité aurai[en]t su a quoi [a]

Il leur suffirait de combiner deux dates, savoir celle du voyage de Bethencourt en 1402 et celle des expeditions Portugaises par la haute mer de 1336 a 1344 plus d'un demi siècle avant celui du Baron Normand.

Mais notre confrère pour apuier son assertion s'est prevalu d'un passage de Barros dans le quel cet historien dit en parlant de la terreur qui inspirait le passage du Cap Bojador aux marins parce qu'avant cette époque (1434) ils étaient habitués a leurs navigations qu'on faisaient alors *du Levant vers le ponent* se portant toujours dans la direction de la côte.

Nous avons demontré longuement avec des faits et des arguments dans notre Mémoire que l'assertion de Mr. d'Avezac tirée de ce passage de Barros en l'interpreterait à sa manière etait dementie par les faits anterieurs à cet historien. Je les citerai de nouveau puis que Mr. d'Avezac s'est abstenu de les citer textuellement ainsi que les arguments que j'ai employé, n'ayant pas fait mention d'un seul dans sa note.

D'abord c'est une regle de critique que quelque grande que soit l'autorité d'un historien elle diminue à mesure qu'elle s'éloigne des événements anterieurs et elle devient tout-à-fait nulle lorsque des faits et des documents authentiques prouvent le contraire de son assertion; tel est

---

[a] O original destes periodos — o ultimo dos quaes, como se vê, está incompleto — consta de um quarto de papel, escripto de ambos os lados, marcados com os algarismos 1 e 2.

E' possivel que constituissem o principio da resposta a d'Avezac.

l'état dans le quel se trouve le passage de Barros même en l'admittant dans le sens que Mr. d'Avezac lui a donné, et nous allons le prouver par des faits antérieurs que nous avions indiqués chronologiquement, les quels demontrent que les marins Portugais avant la passage du cap Bojador en 1434 navigaient dans la haute mer et s'éloignaient des côtes: d'abord voici, ce que dit Martin de Beheim qui est antérieur d'un siècle à Barros: «L'an 1431 lorsque regnait en Portugal l'Infant D. Pedro on équipa deux vaisseaux, munis des choses necessaires pour 2 ans par les ordres de l'Infant D. Henri frere du Roi de Portugal pour aller à la decouverte des pays qui se trouvaient derriere Saint Jacques de Finisterre, les quels vaisseaux ainsi équipés *firent toujours vers le couchant* a peu près 500 lienes d'Allemagne; à la fin ils decouvrirent un jour les dits îles &.

Notre savant confrere citant le passage de Barros passa sous silence ce passage que l'infirme completement.

En 1424, dix années avant le passage du Cap du Bojador le Prince Henri avait envoyé une expedition aux Canaries qui à coup sur a pris la haute mer, commandée par le Portugais Ferdinand de Castro, et forte de 2000 hommes d'infanterie et 150 chevaux pour prendre possession de ces îles.

Ce second passage qui infirme également celui de Barros a été également passé sous silence par notre savant confrere. Nous rapporterons encore une autre qui l'infirme de la même maniere.

En 1419 Perestrello, Zarco et Tristão Vaz Chevalier de la maison du Prince Henri sont allés chercher dans leur navire à l'ile de Porto Santo.

Dans l'année davant 1418 Perestrello voulant tenter de doubler le cap Bojador fut poussé par une tempete et aborda à l'ile de Porto Santo.

Ces deux exemples prouvent contre l'assertion de Barros, et quoique on puisse nous objecter quant a ce dernier que ce ne fut que par la tempete qu'il fut obligé à naviguer sur la haute mer, il n'est pas moins vrai qu'il sut revenir en Portugal à Lisbonne dont il a parti l'année suivante pour la même île et en prenant la haute mer.

Nous avions même invoqué dans notre memoire le temoignagne bien formel des chapelains de Bethencourt de 1402 qui disent que si aucun noble prince du royaume de France ou dailleurs voulait entreprendre aucune grande conquete *par deça* qui serait une chose bien faisable et bien vraisonnable le pourrait faire; car *le Portugal* et l'Espagne et l'Aragon le fourniraient pour eux argent de tantes vitailles, et de navires *plus que nul autre pays*, et aussi des pilotes qui savent les ports et les contrées.»

Nous avons dit dans notre memoire que ce passage etait aussi de la plus haute importance pour infirmer le sens que Mr. d'Avezac donne au passage de Barros, puis que ce sont les mêmes Normands qui avouent que si aucun voulait entreprendre la conquête des îles et de la terre ferme de l'Afrique le pourrait effectuer facilement avec l'aide des Portuguais qui lui fourniraient des navires et, ce qui plus est, des pilotes. Cependant notre savant confrère tout en insistant sur le passage de Barros ne tint aussi aucune compte de celui des chapelains de Bettencourt qui comme on vient de voir l'infirme absolument.

Nous avons cité encore la lettre du Roi Alphonse IV du 12 fevrier 1345 adressée au Pape Clement VI document par le quel il est prouvé

d'une manière peremptoire que differentes expeditions Portugaises etaient allées aux Canaries avant cette époque et par consequent près d'un demi siècle avant Bethencourt et deux avant l'époque où Barros écrivait; j'ai ajouté donnant plus de developpement à ce sujet que le roi disait dans sa lettre non pas qu'il y avait envoyé des étrangers mais bien de ses sujets *gentes nostras* et sachant de justifier le droit qu'il avait à la possession de ces êles il repete en termes formels: *et aussi parce que nous avons commencé heureusement avec nos sujets* cette entreprise: Ce que contredit l'assertion de notre savant confrere de ce que furent les Genois qui conduisirent cette expedition.

Nous repeterons plus tard ce que nous avons dit a ce sujet a fin de ne pas interrompre la serie de faits et de documents qui infirment l'induction que Mr. d'Avezac persiste à tirer du passage de l'ouvrage de Barros.

Nous avons cité une série de documents qui constataient des relations suivies entre le Portugal et l'Angleterre durant les siècles 12, 13 et 14 antérieurs pourtant de plusieurs siècles non seulement à Barros, mais encore à l'arrivé du Genois Peçanha en Portugal.

M.r d'Avezac ayant gardé le silence sur tous les autres vient dans sa note dire qu'ils n'infirmaient point le passage de Barros. Mais nous croyons tout le contraire, qu'ils l'infirment de la même manière; voi-ci les raisons — Dés qu'ils prouvent qu'il y avait dès le XII.° siècle des rapports maritimes entre le Portugal dont les ports sont situés sur l'Atlantique, et l'Angleterre qui est une île, il est de toute évidence que les marins Portugais ne pouvaient y aller en singlant toujours les cotes. Et au surplus nous pensons qu'il serait même absurde de pretendre que dans l'espace de plus de 200 ans les navires Portugais allant des Ports de Portugal en Angleterre ne se seraient jamais eloignés de la cote forcés mêmes par les vents et par les tempetes, lorsque de nos jours même où l'art de la navigation ait atteint de plus haut degré de perfection les marins sont souvent poussés par les vents à des distances enormes sur la haute mer.

Mais supposons que l'allegation de ces faits tirés des documents authentiques n'avaient entiérement convaincu notre savant confrére, il aurait dû, ce nous semble, infirmer les autres, en les citant *textuelment* l'un aprés l'autre et en refutant toutes les inductions que nous avions tirés de chacun ces faits.

Nous avions ajouté encore que quand même les documents que nous venons de citer n'auraient pas existé les témoignages d'autres historiens anterieurs à Barros infirmeraient l'assertion de notre savant confrère.

C'est à savoir celui de l'historien Rezende qui est anterieur a Barros, qui dit en parlant des navires Portugais du XV.e siècle ce qui suit «*que dans tout l'ocean on ne voyait pas d'autres navires latins que les caravelles du Portugal et des Algarves* (1).

---

(1) Resende. Chron. de D. João 2.° Cap. XXIV, dans nos *Recherches* etc., p. 164. = [a].

(a) O original correspondente ao capitulo que fica impresso desde pag. 370 até aqui, consta de cinco quartos de papel paginados com os numeros 2 a 12. E' possivel que devessem preceder os quartos que ficam impressos a paginas 358-362. O quarto 2, continuando um periodo anterior, começa por estas palavras: *s'en tenir a ce sujet.*

Ribeiro dos Santos

Memoria sobre os 2 antigos Mappas Geographicos do Inf.e D. Pedro e do cartorio d'Alcobaça (T. 8.º das Memorias de Litt. da Academia R. das Sciencias 1812) — [a]

1.º erro — não os tendo nunca visto pois havia seculos que tinhão desaparecido, diz «*que erão* notaveis pelas singulares demarcações que nelles vinhão do Cabo da Boa Esperança e da Terra do Novo Mundo antes do descobrimento de Bartholomeo Dias e de Colombo! (cap. 1º) Ora se estes Mappas remontavão como elle diz a 1358 — (seguindo a conta dos 120 annos que lhe deu Tavares) e que já tinhão todas as Terras que depois se descobrirão para que teve o Rei D. Affonso V necessidade de encommendar a Fra Mauro o Mappamundi em 1457 e que foi remettido a Lisboa em 1459 (vide M. p. 280) quando alias no seu tempo taes Mappas se conservavão em Alcobaça?

Ainda mesmo suppondo a existencia destes dous Mappas ha erro manifesto no numero de annos que lhe attribuio Francisco de Sousa Tavares no anno de 1528 epoca em que diz telos visto = Sendo natural que fosse o de Fra Mauro feito 69 annos antes. Que o d.º Mappa não era datado se prova mesmo pelo que refere Galvão de ter ouvido a Tavares, o qual lhe dissera que no sobredito anno de 1528 o Inf.e D. Fernando lhe mostrara um Mappa que se achára no cartorio d'Alcobaça que havia mais de 120 annos que era feito = Esta data pelas mesmas expressões se vê que era de estimativa.

O mesmo Ribr.º dos Santos accrescenta o correctivo — «Salvo se ha engano na conta da antiguidade do de Alcobaça» (p. 281).

A m.ma descripção — p. 281, de que o que elle tomara por Estreito de Magalhães com o nome de *Cola do Dragão*, é o que se lê no Mappamundo de Fra Mauro na Ilha em frente do *Sinus Ethiopicos* na extremid.e d'Africa occidental.

Mas como este mappamundi d'Alcobaça era de forma circular como o de Fra Mauro não sendo mui provavelm.te o mesmo, Aquelles AA. Galvão e Tavares assentarão que ali era a extremid.e da Africa, e mesmo da America.

Car je dirai que non seulement l'autorité d'un Académicien ne signifie rien dans une pareille question, mais encore que l'opinion même de de toutes les Academies du Monde ne peuvent suppler le manque de documents et d'historiens contemporains qui sont les seuls que peuvent faire autorité [b].

1.º — Que a Barca de Ferrer estando ao sul do Cabo Bojador na altura de 18 gráos logo foi ao Rio do Ouro!

---

[a] Esta memoria de Ribeiro dos Santos é citada por d'Avezac na sua *Notice* — «Nouvelles Annales des Voyages», pag. 26 do fasciculo de outubro de 1845 e pag. 160 do n.º de maio de 1846.

[b] Este periodo em francez está escripto no verso do quarto de papel que contem o original acima. Parece pertencer a assumpto tratado noutro papel.

Resposta 1.° — se depois que elle partio nunca mais se soube d'elle, como é que pode saber-se que elle passou alem do Bojador? 2.° Se a carta terminando ao Bojador, e notando-se só ao sul um simples traço que mostra da maneira mais positiva que o cartographo até ignorava a direcção da costa, e sem graduação como é que pode dizer que elle fora á lat. de 8 gr?

Não é isto tudo um tecido de argumentos sem o menor fundamento e sem critica alguma?

Quanto á passagem de Giustiniani —

Diz d'Avezac que Giustiniani podia ter conhecido outros escriptos de Cecco de Ascoli; mas a passagem sobre que Giustiniani apoia a sua citação é a que elle diz achar-se nos Commentarios que o mesmo Cecco d'Ascoli fez ao Tratado da Esphera de Sacro Bosco, onde tal passagem se não acha. Logo é um sophisma o que d'Avezac sustenta para escapar a esta difficuldade. =

2.° Que se limitou ao porto do Bojador, e não foi ao Rio do Oiro sob o Tropico como o nosso consocio o parecia indicar, e como outros pretendião.

3.° Que o desembarque nesta parte da costa nas chamadas prayas arenosas não foi uma viagem á Guiné ([1]).

No cap. seguinte das mesmas relações (cap. LXXXIII p. 174) ainda mais se prova pela confissão dos mesmos Normandos que elles só forão ás costas do Bojador ([2]).

E aqui acabão todas as expedições de Bethencourt pois voltou outra vez para Hespanha para ir de lá a Roma ([3]). Foi ter com ElRei de Castella que estava em Valhadolid — Este Monarca lhe deo até um individuo para o conduzir a Roma, e alem disto poz á disposição do mesmo Bethencourt outro que fallava bem a lingoa dos canarios ([4]). E escreveo ao Papa ([5]).

Depois disto voltou para a sua casa em Normandia onde morreo no anno de 1425 ([6]).

Nous aurions pu, à la rigueur, nous dispenser de repondre à la reproduction faite par notre savant confrére de l'opinion de Ciampi qui regarde comme genoise l'expedition envoyée par le roi Alphonse IV aux Canaries en 1341 se fondant uniquement sur ce que quelques-uns de

---

([1]) Vide sobre isto o que dissémos na nossa obra intitulada *Recherches sur la priorité* § ° XIV p. 165 a 173 e especialmente o §.° XV sobre a posição da Guiné segundo os cosmographos da Europa nos seculos XIV e XV p. 173.

([2]) Depois da volta á Gran-Canaria elles dizem «et lá arriva une des barges qui «*avoit este á la Coste de Bugeder*... Quand ils furent lá arrivés ils furent un peu or«guilleux de ce qu'ils estoient si avant entré en terre ferme au pays des sarrarins.

([3]) Vid. cap. LXXXVIII p. 191.

([4]) Ibi p. 195 =

([5]) Veja-se a analyse que fiz do discurso que fez o Papa a Bethencourt ácerca do conteudo da carta que ElRei de Castella lhe escrevera = nas minhas *Recherches* & §.° XV — p. 175 =

([6]) Relação dos Capellães de Bethencourt p. 208.

navires de la dite expedition étaient commandés par des Genois; car il est universellement reconnu, qu'une expedition appartient de droit à celui qui l'a conçue, preparée et organisée, et qu'étant incontestable que celle en question a été organisée et preparée dans les ports du Portugal, aux frais, et par les ordres du roi Alphonse IV, on ne peut l'attribuer sans une manifeste injustice, sans un renversement total des principes d'une saine dialetique à ceux qui ne furent que quelques uns des instruments dont ce monarque s'est servi pour la mettre en exécution; et cependant c'est ce que notre confrère pretend faire, en soutenant que, sous le point de vue scientifique, cette expedition est genoise, et que ce furent les Genois qui ensignèrent aux Portugais le chemin qui conduisait aux Canaries. Pour que telle assertion eut quelque vraisemblance, il aurait fallu que notre savan confrère eut préalablement prouvé par des documents authentiques, que les Genois, quoique habitants des bords de la Mediterranée, étaient plus versés dans la navigation de l'Atlantique, que les Portugais qui en étaient voisins, ce qui eut été consideré comme un véritable paradoxe; il aurait fallu qu'il eut demontré d'une manière positive et évidente, que le project de l'expédition en question avait été conçu par les Genois; or c'est ce que notre savant confrère n'a pas fait, c'est ce [que] ne pourra jamais faire, c'est ce qui est dementi par un document authentique, par la lettre de celui qui a conçu le projet de cette expedition et qui a eu la satisfaction de le mettre en execution, du roi Alphonse IV lui même qui revendique la gloire dont on pretend le depouiller, six siècles après l'événement. En protestant contre l'investiture de ces îles accordée par le Pape à D. Luiz de Lacerda, il dit expressement — nous y avons envoyé nos gens et quelques vaisseaux «*Gentes nostras et aliquas naves illuc misimus:*» Et dans un autre endroit: il ajoute: Et aussi parce que cette entreprise a été commencée sous d'heureux auspices par nous et nos gens. *Ac etiam propter negotium, quod jam per nos et gentes nostras feliciter fuerat inchoatum.*

Application aux disputes de priorité suscitées par les Italiens et par D'Avezac.

«A toutes les époques d'une civilisation avancée, il en a été des découvertes géographiques comme des inventions de les arts et de ces grandes conceptions dans les lettres et les sciences, par les quelles l'esprit humain tente de se frayer une route nouvelle; on nie d'abord la découverte même, ou la justesse de la conception; plutard on nie leur importance, enfim leur nouveauté. Ce sont trois dégrés d'un doute qui adoucit, du moins pour quelques temps, *les chagrins causés par l'envie;* c'est une habitude dont le motif est le plus souvent moins philosophique que la discussion qu'elle fait naître, une habitude qui date de plus loin que la fondation de cette Academie d'Italie, qui doutait de tout excepté de ses propres arrets.

D'autre point il prend l'*exception* pour la *régle* et en tire un conséquence qui repose sur une grave erreur de raisonnement.

L'Inde

Notices sur les Portugais chez les AA. Arabes.

Dans l'Histoire de l'Yemen (L'Arabie) de Kothbeddin Mahmoud = Notice et Extraits des Mss. T. IV, p. 419. Article de M.r de Sacy. L'A. arabe dit =

«Ce fut dans les premières années du x.e siècle de l'Egire, que, par malheur des Musulmans, les Portugais entrérent pour la 1.re fois dans l'Inde. Quelques navigateurs de cette nation aprés avoir passé le Détroit de *Ceuta* et s'être enfoncés dans l'océan Ténébreux doublaient les montagnes nommées *Djébal alkomr*.

C'est à dire les *montagnes Blanches* (c'est-à-dire montagnes de la Lune) dans lesquelles le Nil prend sa source. Ils venaient ensuite dans un lieu proche de la côté, qui forme un détroit borné d'un côté par montagne[s] et de l'autre par la mer Ténébreux, et où les flots sont toujours extrémement agitées (Cap de Bonne Esperance?) Leurs batiments y étaient brisés par la violence des vagues, et il n'en était aucun qui pût echapper au naufrage et pénétrer jusque dans la mer de l'Inde.

Après avoir longtemps essayé en vain de surmonter le danger de ce passage, un de leur[s] vaiseau[x] parvint enfin á sortir du détroit et gagna la mer de l'Inde. Encouragés par ce succés, ils ne negligerent rien pour acquerir la conaissance de cette mer, et ils furent enfin instruits de la route qu'ils devaient tenir par un habile marin nommé *Ahmed-ben-Madjed*. Le chef des Portugais se nommait *Ali Almélindi* (Almeida, le Vice Roi de ce nome).

NB. Contem mais detalhes sobre os Portuguezes.

Reveux des Deux Mondes du 15 Juin 1848 — Les cotes de la Normandie — Premiére Partie — Les Falaises par M. Baude.

Il copie Estancelin en faveur des navigations des Diepois au xiv.e siècle.

A p. 49, où il dit que les Portugais dans le commencement du 15[e] siècle étaient encore novices dans l'art de la navigation, quant au contraire dans le commencement de l'année de 1386 au xiv[e] siècle = Jean 1[er] envoyá au Duc de Lencastre 6 galéres et 12 Nefs pour le transporter en Espagne.

Fernam Lopes P. 2. cap. 44, e[t] 67 [*a*].

[*a*] Agora, que vamos passar em revista os originães que encontrei subordinados aos titulos ***marinha, commercio*** e ***almirantes*** de Portugal na edade media, devemos ter presente que todas estas e outras investigações e locubrações similhantes do grande erudito e patriota que foi o Visconde de Santarem constituiam material para um promettido e annunciado segundo volume das suas ***Recherches sur la découverte des pays situés sur la côte occidental d'Afrique au-dela du Cap Bojador et sur les progrès de la science géographique, après les navigations des Portugais au XV siècle.*** Paris, 1842. Como se sabe, porém, este 2.º volume não chegou a apparecer, passando mais tarde, 1848, o seu objecto a entrar no plano da grande obra ***Essai sur l'histoire de la cosmographie*** (Vide o meu estudo — «O 2.º Visconde de Santarem e os seus Atlas geographicos», especialmente a pags. 79 e 89, nota. Lisboa, 1909).

A'cerca desta nova polemica com d'Azevac, escrevia o Visconde de Santarem ao erudito academico e nossa compatriota Costa Macedo, em 18 de Novembro de 1845: «Elle (d'Azezac) da maneira mais capciosa contra todas [as] regras da critica e da lealdrde que se deve guardar em discussõee litterarias passa em silencio os factos e os textos que tenho allegado, e vai por diante com as suas falsidades e absurdos, unicamente com o fim de fazer bulha nos Bulletins da Socied.[e] abstendo-se cautelosa e astuciosamente de imprimir e publicar para não ser desmascarado como merece; pela sua má fé e pelas suas espantosas contradições!»

Sobre o mesmo assumpto é tambem muito interessante a seguinte carta, que escreveu a Albano Anthero da Silveira, em 27 do mesmo mez e anno:

«Ill.[mo] Sr. — Agradeço infinitam.[te] a V. S.[a] o presente que teve a bondade de fazer-me das ***Memorias resuscitadas da Antiga Guimarães por Peixoto.***

Muito estimo que V. S.[a] principiasse as suas investigações anteriormente a ElRei D. João 1.º e para esse feito parece-me muito util a leitura dos Foraes das terras maritimas. Permitta-me todavia que lhe diga que em um trabalho que principiei em 1838 e que me proponho publicar no corrente do anno que vêm, mostro que segundo me parece, que a Marinha de Portugal remonta a tempos m.[to] anteriores á fundação da Monarquia. No tempo mesmo dos Arabes e dos Mouros existem textos nas Escrituras orientaes que provão este facto. A palavra e cargo d'***Almirante*** nos vêm dos Arabes.

«A' vista dos textos dos Escriptores Arabes não me parece pois que se possa sustentar que forão os Gascões que ensinarão a construcção e a navegação aos habitantes de Gaia ou *Cale*. Os Arabes já no seculo IX construião navios de grande porte p.[a] aquella época, os quaes erão comparados a muralhas pelos escriptores contemporaneos, e de um destes ficou memoria nos annaes de Bretanha.

«Mas deixando estas épocas, e tratando só da nossa Marinha desde o seculo XII até aos fins do XIV convem descobrir algum Diploma que prove quaes erão as faculdades do Alcaide do Mar da cidade do Porto no tempo de Affonso III, e d'Alcaide Mor do Mar de Lisboa. Quaes as de Capitão Mor d'Armada d'Alto Bôrdo, principalmente se deste cargo se passou carta a D. Gonçalo Camêlo. Muito necessito ter estas noticias, e bem assim as que houverem relativamente a Nuno Fernandes Cogominho que foi Almirante e antecessor do Genovez Manuel Peçanha. Quanto ás noticias das Chronicas são todas confusas = baralhadas.

«Resta-me manifestar-lhe o meu profundo sentimento pela coincidencia que V. S.[a] trata na sua estimavel carta, e agradeço-lhe do coração as obsequiosas expressões com que me trata.

«Não me é possivel escrever mais largamente p.[r] este Paquete.

«Entretanto acredite que sou &».

Os destinatarios destas duas cartas são os mesmos escriptores referidos nas notas (1) e [*b*] á pag. 343 deste volume.

Relations avec l'Afrique avant le xv.e siécle

1190 — Julho 5.

Proposta de Tregoas por 7 annos feitas por ElRei de Marrocos a ElRei D. Sancho 1.º, as quaes não são acceitas. Monarq. Lusi.. T. 4, Liv. 12, cap. 13, fol. 21 v.

Sancho 2. 1240. — O Inf.e D. Pedro nascido em 1187 irmão deste Rei entra no serviço do Imperador de Marrocos. — Schaëffer p. 97.

Marine Portugaise

XII.e siècle

Expedition de Lisbonne par les croisés —

Dans Mathieu Paris. Chron. Tom. 2 edit du Duc de Lugues n.º 107.

Le Roi de Portugal promis de ajouter 37 galéres et plusieurs autres vaisseaux.

Un Traité fut conclu entre le roi et eux.

Marine et navigation

XII.e jusqu'au XIV.e siècle

Or comment pourrait on soutenir que les Portugais n'avaient point de pilotes, ni navires et n'etaient que de simples caboteurs avant 1434, lorsqu'on voit qu'ils entretenaient des relations commerciales en 1252 avec les ports de la Normandie, la Bretagne avec Abeville, Arras, et Caen et que les droits à payer par leur marchandises furent reglés par une loi de Philippe le Bel de Novembre de 1290 (Quadro, Tom III. p. 13) comment peut on soutenir une pareille erreur quand on voit dans les cortes de Leiria de 1254 établir des reglements relatifs à ce commerce (Ibi p. 13)? Et dans ces mêmes documents on voit que les mesures pries par les ouctorités Françaises combien le commerce était considerable comment pourra-t-on soutenir une pareille assertion lors qu'on voit qu'en 1411, c'est à dire 18 années avant le passage du Cap Bojador les Privileges que Philippe le Bom Duc de Bourgogne confirma ou commerce Portugais dans ces Etats et qui avaient été accordés par le Duc Jean son Pére — document par le quel on voit que les Portugais allaient faire le commerce des les temps anciens (o mesmo q̃ se praticava nos tempos antigos) — (Ibi p. XXVII et suiv. et l'Introduction du T. 3).

Priviléges qui remontaient au Regne de Robert II c'est à dire á 1272 (xiii.e siècle).

Commerce au xii.e siècle

Edrisi parlant du Commerce qui se faisait avec quelques villes du littoral de l'Afrique il parle des Espagnols, et à cette époque les Portugais étaient compris sous ce nom. (Voy. Mas-Latrie).

Que les Portugais allaient en Afrique en deça du Bojador bien avant des découvertes on peut le voir par le document que nous produisons dans le Tom. II du Quadro Elementar p. 419 où on prouve qu'avant 1500 les Portugais avaient obtenu des jugements en Espague en leur faveur a cet egard (voy. le Docum. cité). Par ce document on voit qu' avant l'année 1500 le Portugal avait dans le xv.ᵉ siècle obtenu dans les Tribunaux de Castille deux jugements en faveur du droit qu' ils avaient contre les Espagnoles de faire le commerce exclusif en Barbarie et pour que les mêmes Espagnols n'y fussent point faire le commerce sans la permission des Portugais. Particularités qui montrent le contraire des opinions et les assertion[s] de Mʳ d'Avezac = sur le rapprochement des mots *piagge* de Pegolotti — rapprochement qui n'á pas l'ombre du sens commun [*a*].

Pour les Recherches

Dans la relation de Jean Leon l'Africain, on ne voit jamais les Genois cités comme faisant le commerce avec les Ports d'Afrique occidentale situés sur l'Atlantique = Quand il traite du *Sebu* en parlant de ce fleuve il dit «et quand il entre dans la mer il s'alargit, faisant une grande bouche, telle qu'y peuvent aborder plusieurs gros navires, comme les Espagnols et *Portugalois* l'ont essayé (1).

Rapprocher ce passage de celui de Pegollotti que nous donnons dans la note de l'Introduction de nos Recherches.

Communications qui devaient avoir avec le Maroc

XIII.ᵉ siècle

En 1203 — Le Roi d'Aragon après avoir mis Aurembiax en possession de ses Etats (Comté d'Urgel) chercha lui-même à lui donner un époux digne de sa naissance et de ses richesses.

D. Pierre Infant de Portugal fils du Roi Sanche et de Douce *d'Aragon* fille de Raymond Bérenger IV comte de Barcellone, s'était retiré d'abord à la cour du Roi de *Maroc pour eviter les vexations* du Roi Affonso II son frère. S'étant refugié depuis auprés du Roi d'Aragon, son parent, ce prince lui fit un apanage dans le territoire de Tarragone et lui fit ensuite epouser Aurembiax comme la plus riche héritiére de son royaume (Zurita Liv. IV, c. XII, D'Achery Spicl. Tom. IX p. 176). Cette princesse mourut l'an 1231 sans laisser de posterité. Par son testament elle laissa à son époux le comté d'Urgel avec la ville de Valla-

---

[*a*] Estes periodos podem ser referidos a pag. 38 das «Nouvelles Annales des Voyages», devendo portanto ser addicionados na pagina 357 deste volume.

(1) Leon — Descript. de l'Afrique.

dolid et les seigneuries qui lui appartenaient dans le royaume de Galice pour en disposer à sa volonté (Zurita ibi, Ferrest ad an. 1231).

Mais le comté d'Urgel, formant une partie considérable de la Catalogne, le roi craignit que don Pierre ne cedat ses droits à la maison de Cabrera. Pour prevenir ce coup, il se concerta avec l'infant par un traité du 29 de septembre 1231, et lui donna, en échange des terres de sa femme, la seigneurie de Majorque et des îles adjacentes, pour les posseder en fiefs pendant sa vie avec faculté de transmettre la propriété du titre à ses heritières, ne retenant que la citadelle de la capitale avec la ville, et les chateaux d'Obron et de Palença (Zurita ibid., Genes ibid. Liv. VIII p. 119 et Liv. X p. 469. Gesta com. Barein Marca Hisp. col. 555). L'an 1231 l'enfant souscrivit avant Nugues-Sanche, prince du sang et la contesse d'Ampurias l'ordonnance de paix, donné par le roi Dom Jayme aux etats-généraux de Catalogne tenus à Tarragone sous cette qualification, *P. infans senior de Mallorque*, Pierre, infant seigneur de Majorque.

Consta de Catal. Var. 1, Liv. X. tit VIII et XI [1].

Marinha

1211 a 1215.

Vid. Monarq. Lus. T. 4 — Escript. n.º 6. Schaëfer p. 70.

Marinha

1249 — Brandão na Part. IV, liv. XV, p. 182 da Monarch. Lusit. tratando do cerco de Faro diz que para que os Mouros perdessem a esperança de soccorros por mar mandou ElRei D. Affonso vir a sua frota de navios grossos, alguns dos quaes se atravessarão no rio e bem fortalecidos de couros enervados, e outras invenções de guerra segurarão os nossos dos accommettimentos das galés mouriscas.

Tomada de Faro

E pera que os Mouros perdessem a esperança de socorro por mar, mandou elRey vir sua *frota de navios grossos*, alguns dos quaes se atravessarão no rio, e bem fortalecidos de couros enervados, e outras invenções de guerra seguravão os nossos os acometimentos das galés mouriscas, se por aquella parte os quizessem romper [2].

---

(1) L'Art de verifier les dates. Tom. 10, p. 78.
(2) Monarch. Lusitan. Tom. IV, Liv. XV, [cap. VI,], fol. 182.

Marine

Commerce de Portugal avec l'Afrique au XIII.e siècle

De Mas-Latrie dans son *Aperçu dans Relations commerciales de l'Italie Septentrionale avec les Etats mussulmans* — Paris 1845, dit en parlant des Venitiens et des Genois qui renouvelerent leurs conventions en 1271 et 1272 avec Abou-Abd-Allah qui regnait à Tunis, à Bugie et à Bone et Alger. Qu'à Tlemceu se trouvait une colonie de chretiens catalans qui faisaient un commerce fort étendu par les ports d'Oron, et des Mers-el-Kébir. Les Provençaux, les Aragonois, les *Portugais* fréquentaient ses principaux marchés. —

NB. — Ce passage vient transcripte dans l'ouvrage de M.r Mauroy = *Du commerce des peuples de l'Afrique Septentrionale*, p. 47.

Marine Portugaise dans les xii.e e xiii.e siécle

CAPITULO XII

Do estado da milicia naval deste Reyno no tempo em que o Infante D. Dinis fez a jornada a Sevilha.

Na escritura referida, na qual elRey D. Afonso dá razão da jornada do Infante seu filho, diz que hia elle socorrer a elRey de Castella com exercito de terra e *armada de mar*. E o mesmo Rey socorrido deixou hũa e outra cousa especificada na carta de demissão que já citamos: *E por la ayuda que nos fiziestes en esta guerra por mar e por tierra.*

Do principio de Portugal até o tempo presente ouve grande descuido *(a respeito das forças maritimas do Reyno)* fazendo-se só memoria de Dõ Fuas Roupinho Almirante do mar em tempo delRey D. Afonso Henriques, ainda que na terceira parte desta historia se acrescentou mais algũa cousa. Daquelle tempo adiante ouve sempre Almirantes, e armadas. Emquanto a côrte esteve em Coimbra pela foz do Mondego sahião as armadas de fustas e galés; despois que se ganhou Lisboa, nesta cidade, pela maior commodidade se fabricarão as frotas, e edificarão Tercenas para materiaes della. No foral q̃ o Mestre do Templo D. Galdim Paez deo aos moradores de Pombal, quando povoou aquella villa e edificou o castello, ordena q̃ todos aquelles que fossẽ obrigados á justiça, para satisfação de ferimentos, fossẽ condenados ás fustas, conforme ao costume antigo de Coimbra. Pro omnes feridas quas *satisfacere debet, intret in fustam, secundum veterem usum Colimbriæ* (1). Sinal de que avia de tempos antiguos fustas no Mõdego, e pode ser que chegassem até Coimbra, por não estar tão espraiado e areado aquelle rio, como o vemos hoje, que abaixo mais perto do mar teve sempre bom surgidouro.

---

(1) Cartorio da Mesa da Consciencia 2. p. da Ordem de Christo fol. 251.

Do tempo delRey Dõ Sancho Primeiro se mudou para Lisboa a armada, e por essa razão dando foral, ou confirmando o que seu pay tinha dado, concedia aos peões desta cidade, que não fossem obrigados a servir nos navios da armada, senão que voluntariamente por terra ou por mar acudissem a seu arbitrio ([1]). Como o porto de Lisboa he de tantà capacidade logo se servirão de navios altos, avendo só fustas no do Mondego.

Por não estar tão afastado o rio como agora... situarão os reis as suas taracenas na freguezia da Magdalena. Pelos annos de 1237 no reynado delRey D. Sancho Segundo pagavão de foro João Muçes [?] e Ourocina Richardes ás Religiosas de Chelas foro de hũas casas que dizem estar na freguezia da Magdalena junto ao paço dos navios delRey. *Suas habemus in parrochia S. Maria Magdalena circa palatium navigiorum Regis.*

Alem do Foral de Lisboa pelo qual ElRei D. Afonso Henriques concedeo honras de cavalleiros aos capitães dos navios e seus calafates, no que ElRei D. Diniz deo á Villa Rei no anno de 1285 se vê a seguinte disposição. *De navio ainda mando, que o alcaide e doos espadeleiros e doos proeiros e hum petintal hajam foro de cavaleiros.*

Elucid. na palavra Alcaide de Navio.

O mesmo foro de cavaleiro dêo aos calafates ou carpinteiros da Ribeira D. Troila Ermiges no foral que deu aos moradores de Villa Franca de Xira no seculo XIII. Elucidario na palavra Petintal.

Este foral é anterior á vinda de Peçanha.

Commercio. Seculo XIII

Era 1290

Ribeiro, Dissertation. N.º 9. T. 3.º. Docum. XXI p. 59. do tempo d'Aff. 3.º = trata do dr.º estrang.º que tinha curso em Portugal = era o seg.[te]

Libras.

Denarius Legionis valeat = 12 £ de monaie Portugaise.

Denarius Burgalensis.

D.º — Turonensis.

Et morabitinus novus.

De auro — devaient valoir 22 sold.

Parmi les animaux dont on se servaient alors en Portugal on y voit la Zebre = Zevra.

([1]) *Nunquam* intrent in navigium meum pedites contra suam voluntatem : sed in eorum sit beneplacito per terram, aut mare in obsequium meum. Livro dos foraes velhos.

NB. Aqui se vê uma Ley de caça como a actual de França, que ordena que se não matem á caça os coelhos desde o Dia da Cinza athé 15 d'Agosto (Ibi p. 61).

Il parle des peaux de martre =

Escarlate Inglez = (et cobitus de Ingres).

Panos tintos de Gam (Gand) e de Ruão ou d'Ipli? e panos d'Abeville e de Lilla, Ypres, Bruges, S.[t] Omer = Pruis? — Chartres — Arraz, Valenciennes, Caen, Tournay, Larantona? — Frisia — — Palencia, Segovia, Castella.

NB. Trata já de pimenta e diz que *et arroba de pimenta* valha 15 £ Portuguezas.

Falla do commercio com Londres, S. Thiago de Galiza = Momparle? —

Falla dos Arminhos.

Il parle à differentes reprises du commerce exterieur e ordena a este respeito:

«Item mando et defendo quod nullus mercator de extra rregnum saquet merchandiam de Regno, nisi duxerit aliam pro illa, que se valeat cum illa: Et mando, et defendo firmiter, quod merchandia, que pertinet ad mercatorem, non extrahatur per terram, sed tota veniat ad portus, et quicumque eam per terram sacaverit perdat eam.

---

7 das kalendas de Jan.[ro]. Era 1290 — 1252 — Lisboa = Lei d'ElRei D. Aff.° 3.° regulando os preços dos generos — (Arch. R. Maç. 1.° de Leis n.° 13, dada por Ribeiro — Dissert.

Nesta se trata dos d.[tos] a pagar pelos Panos que paguem uma Libra o covado.

D. Diniz. 1231 — Era. Lisboa 10 de Maio. Confirmação d'ElRei D. Diniz do accordo que fizerão os mercadores de Portugal sobre os navios que fossem de 100 toneladas p.[a] cima, e carregassem nos portos dos seus reinos p.[a] Flandres, Inglaterra, Normandia ou Bretanha, Rochella que paguem 20 soldos de esteliis de frete (Ribeiro — Dissert. Chron. T. 3.° p. 170 — Doc. LXII — Extraido do Liv.° das Extras do R. Arch. f. 237).

NB. — Neste doc. se trata igualm.[te] dos que navegarem p.[a] *Sevilha* e outros logares, e p.[a] alem mar.

E' a confirmação de uma especie de companhia de seguros maritimos.

1418 — Era. Dez.[bro] 8. — Prov. Regia a favor dos que construissem embarcaçoes de certo lote p.[a] cima — Rib. Dissert T. I, p. 314.

Relations du Portugal avec l'Afrique

XIII.e siècle

Or si le Portugal n'avait pas en 1290 des relations avec l'Egypte le roi d'Aragon Jaime II n'aurait par besoin d'estipuler dans le Traité qu'il

fit en Aout de cette année avec le sultan d'Egypte que par la bonne inteligence qui existait entre lui et le trés puissant roi de Portugal son beau frére, il Roi d'Aragon faisait savoir au dit sultan qu'il lui promettait au nom des Rois de Castille et de Portugal, que la même amitié que ces souverains avaient pour lui l'aurait pour le dit sultan si les Portugais ne fussent pas en état de nuir par mer à l'Egypte à quoi bou cette stipulation?

En effet quelle avantage serait pour le sultan la bonne amitié et la bonne intelligence avec le roi de Portugal si ce pays à cette époque ne fusse pas en état d'envoyer des vaisseaux en Egypte et partant en Afrique[1]?

Marine Portugaise

XIII siècle

En 1295 (Jal — T. 2 = p. 301 et suiv.) on voit qu'une division de lNefs Portugaises était reuni[e] à la flotte Française (voy. p. 307) de Philippe le Bel.

1.° — Nef S.t Marie de Portugal.
2.° — S.t Marie de Villa do Conde.
3.° — Nef Notre Dame de Portugal.

NB. Ces navires faisaient partie de la flotte que le Roi Philippe avait reunir sur la côte ouést de France (Ibi p. 306).

1295 — Outubro 3.

Carta Patente dElRey de Inglaterra passada a requerimento de Bernardo Dongresille cidadão e mercador de Bayonna.

Nesta data confirma ElRey d'Inglaterra a carta de marca conferida por João, filho do Duque de Bretanha seu Lugar tenente em Gasconha ao mencionado Bernardo Dongressille, autorisando-o a usar de represalias contra os Portuguezes, especialmente contra os moradores de Lisboa que lhe havião pilhado um navio, o qual voltando da costa d'Africa carregado de fazendas, se vira obrigado por ventos contrarios a arribar a Lagos, onde o tinhão ido capturar alguns armadores de Lisboa, e conduzil-o a essa cidade, repartindo entre si as fazendas á excepção da decima parte que segundo o costume recebera ElRey de Portugal [2].

---

[1] Pour ce document voyer le Tom. 2 du Quadro p. 349 et 350.

[2] Lettres des Rois et autres Personnages des Cours de France et d'Angleterre tirées des Archives de Londres por Breguigny. Collection de Pieces médites sur l'histoire de France par Champollion Figeac, Tom. 1.er 1.ere Serie, Pag. 418, Pièce 318.

Marine et Commerce des Italiens au Moyen-age

Addition à la note de p. LX des Recherches

Les Genois au XIIIe siècle étaient en rapport avec les catalans, et seulement d'alors daprés les documens on voit que date leur commerce avec les ports de l'Afrique Septentrionale de Tunis et de Bougie et de Bonne.

Jusque lá c'était l'Espagne, la France et les Etats Romains qui fournissaient ces ports de laines ([1]).

M^r. Mas-Latrie guidé par un esprit d'un critique plus impartiale, dit p. 12 ce qui suit. «qu'il faut remarquer que le commerce des Pisans, des «Genois, comme celui des Siciliens, des Napolitains et des Vénitiens que «les navigateurs de l'Italie se dirigérent vers les côtes orientales du Nord «de l'Afrique de préference au pays du Maghreb-el-Aksa. Bien qu'ils vi«sitassent les ports du couchant et que les Génois ce fussent même avan«cés, des la fin du XIIIe siècle, sur la côte occidentale du Maroc vers le «cap Bojador, leurs relations étaient infiniment plus actives avec les côtes «orientales, á partir de la position d'Alger jusqu'á Tripoli. *Les Portugais* «et les Catalans au contraire, par leur proximité des provinces du Magh«reb de l'Ouest, *furent toujours en rapport*[s] fréquents et immediats «avec Tanger, Ceuta, Salé, Tlemsem, Arzen, Mortaganes et Al«ger de préference aux autres ports».

A p. 14 — l'Auteur traitant du commerce des vénitiens avec l'Afrique Septentrionale montra que le plus ancien Traité date de 1251 du 1.^r Avril et que l'auteur de *l'Histoire Civile et Politique du commerce de Vénise **se trompe*** de croire qu'ils faisaient le commerce avec les Arabes de l'Afrique occidentale =

Cette Histoire fut publie[é] en 1798 a 1808 — Tom. IV.

NB. Plusieurs §§ de ce Mémoire de Mas Latrie doivent se copier pour l'histoire du commerce, et a p. 27 parlant d'un contemporain du XIVe siècle = dit parlant de la forte cité *d'Afrique* ville encore importante sous le nom de Al-Madhya que l'A. contemporain dit qui de lá partaient de nombreux navires pour tous les pays du Monde».

Marinha

Seculo XIV — Anterior aos descobrimentos.

Veja-se Panorama n.º 116 de 16 de Março de 1844 p. 87 e 94.

Veja-se Froissart que diz que o Duque de Lencastre mandara pedir aos Embaixadores Portuguezes o Me de S. Thiago e Fogaça que lhe

---

([1]) Aperçu des relations commerciales de l'Italie Septentrionale avec l'Algerie au Moyen-âge, par Mas Latrie (1845). Extrait du Tableau de la situation des établissemens français en Algérie 1843-1844, p. 11.

enviassem 7 galeras e 18 náos (grós vaisseaux) para transportar as tropas inglezas e com effeito lhes forão dadas —

Pour la marine

Les rapports si intimes entre les maisons royales du Portugal et d'Aragon surtout au temps du Roi Denis restaurateur de la Marine ne permettent pas de douter que les ordonnances marines et tout ce qui se passait á Majorque fusse ignoré en Portugal. Bien au contraire de la même maniere que ce roi fit traduire en Portugais les Tables d'Alphonse le Sage son grand Pére, il aurait certainement adopté les dispositions établies en Aragon, dont l'ordonnance Royale de 1359 prescrivit que chaque galére devait être fournie non seulement d'une mais de deux cartes marines ([1]). Or le Roi Denis qui était beaufrére du Roi d'Aragon, et qui se consaicrait á augmenter la marine n'aurait pas introduit le même usage dans la marine?

Nous croyons même que l'usage des cartes marines était plus nécéssaire aux Portugais pour leurs navigations sur l'Atlantique où sont situés tous leurs ports, qu'aux catalains qui habitaient l'interieur du bacin de la Mediterranée.

D'autre part — si les Majorquins se servaient de cartes marines bien avant 1286, et fabriquaient des instruments destinés á trouver le temps et la hauteur du pôle á bord des vaisseaux, lumiéres qui selon un savant éminent ([2]) étaient originairement puisées *chez les Arabes* et qui se repandaient dans toute la Mediterranée, ne se pratiquerait la même chose en Portugal et le Roi Denis qui avait fait traduire de l'Arabe en Portugais la Chronique de , n'aurait pas puisé aussi chez les Arabes une science qui était plus importante et profitable á ses sujets et á son royaume, que les recits d'une Chronique Arabe?

Si ces lumieres se repandaient dans toute la Mediterranée, comment les officiers des flottes Portugais qu'y croisaient, qui souvent se joingnirent à celles des Aragonais pouvaient-ils ne pas avoir les mêmes cartes marines et les mêmes instruments destinés á trouver le temps et la hauteur du pôle á bord des vaisseaux?

Quoique nous n'ayons pu trouver de lois especiales á cet égard — il est toujours certain que ce roi ne les á pas promulgué, puis que le code de la partie Maritime das Leys das 7 partidas étant aussi la loi Portugaise alors ainsi que les lois maritimes de l'Aragon — les lois en question étaient en observance en Portugal —

Dans les années de 1231 et 1244 les rapports entre le Portugal et Mallorque étaient tels que l'Infant D. Pedro de Portugal était Roi de Mallorque (Voyez notre ouvrage du Corp Diplomatique T. 1.º p. 3) et lui fait donnation et échange des iles Baleares et de leurs revennues tant de ceux du commerce de terre que de *celui de mer*.

([1]) Salazar = Discurso sobre los progressos de la Hydrographia.
([2]) Humboldt — Examen Crit. T. 1, p. 283 et suiv.

Navegação e liberdades concedidas ao Commercio — Reinado de D. Denis

Addition a p. 16

Era de 1331 = Lx.ª 10 de Maio = Confirmando uma Postura (Determinação de uma Corporação). Esta determinação foi tomada por todos os negociantes, o que prova que elles formavão um corpo deliberante (dependendo comtudo da sancção Real).

Neste docum.^to elRey diz = que os Neg.^tes decidirão ou propozerão nesta postura que todos os navios que fossem de 200 toneladas p.ª cima, e que carregassem nos portos do Rey no p.ª Bretanha, p.ª Normandia, p.ª a Arrochella, p.ª Flandres, ou p.ª Inglaterra que paguem 20 soldos destiliis nô frete, e os que forem menores de 100 toneis paguem 10 soldos e outrossi que se algum navio for fretado dos mercadores de Portugal p.ª *alem mar* (Africa) ou p.ª Sevilha, ou p.ª outros logares e que forem p.ª Flandres, ou p.ª cada um dos logares citados acima paguem como fica dito, e alem disso deverão ter estes mercadores em Flandres 100 marcos de prata ou a valia delles, e outro tanto em Portugol nos logares que lhes approuver, p.ª q.^do tiverem naquelles logares neg.^os possão fazer as despezas que julguem a proposito.

Doc. Dissert. de J. P. Ribeiro 3, p. 170 —

Em 1435 — Julho, 11. — I, 317 = J. Ribeiro.

Provisão mandando renovar no Porto á chamada *bolça* dos Negociantes, a beneficio commum do seu commercio —

Sur les rapports maritimes avec l'Afrique au xive siécle

1332. Septembre = Le Roi de Castille envie un[e] Ambassade en Portugal demander des secours maritimes contre les Maures qui avaient assiegé Gibraltar = Le Roi les envie et ils empecherent les Maures de passer & (Vid. T. 1 do Quadro p. 156).

Or les Portugais marins qui empechaient les Maures de travesser la Mediterranée d'aprés M.^r d'Avezac ne pouvaient aller en Afrique, n'y allurent pas et cela parce qu'il á trouvé le mot *piages* dans quelques Portulans et que ce même mot se trouve dans Pegolotti où il n'y est question des ports du Portugal!! Cet arret est vraiment trés extraordinaire = ce *veto* de l'homme du xix siécle contra ceux de il y a 4 siécles est vraiment d'une merveilleuse sagacité. Il penetre dans les mysteres du passé.

1338 = Junho 11 — Corpo Diplom. p 220.

Do instrumento dessa data se prova que os Portugueses estavão em relação com Africa. Veja-se a p. 228.

Marinha d'Affonso IV.º

XIV.º seculo

Docum. de 1338. — A p. 236 do T. 1.º do Corpo Diplomatico — se diz «ElRei de Castella respondendo a ElRei de Portugal diz que aos auxilios q̃ ElRei de Portugal fizera por mar e p.r terra, verdade era que lhe tinha mandado suas galés por mar no anno em que ganhára a villa d'Oliveira e outros 3 castellos de Mouros, e estando o almirante castelhano á espera da frotta do Rei Mouro d'Africa (alem-mar) o Almirante Portuguez se foi com as suas galés e não quizera esperar mais tempo. —
Que q.do os Mouros cercarão Gibraltar mandou ElRei de Castella rogar a ElRei de Portugal que lhe enviasse as suas galeras, e ElRei de Portugal as mandou como o confessou o mesmo Rei de Castella.

Marinha

Oito galés de Castella e quatro naos de Portugal (das que soccorrião Tarifa e guardavão o Estreito) levarão os ventos e os mares ás praias das Algeciras ([1]).

Affonso IV

1369. Junho 15.
Vemos uma Esquadra Portugueza composta de 30 Náos e 28 galeras Portuguezas e 4 Genovezas.
Vid. T. 1 do Quadro p. 215.

Marinha

1376- Molestada [?] estas costas de (Sevilha) poderosa armada de Portugal que, sin opposition entrandose pur el rio Gadalquibir su gente sobrava sus comarcas, para oponer se a cuja invasion aunque avia galeras en las Marciranas de Sevilla, cuyo Alcayde Tenador era Ruiz Volante faltavam remos.

1247- Nesta epoca havia já segundo Zuniga, almirantes em Hespanha e o era neste anno Dr. Ramon Bonifar que se suppoe ser de origem franceza Em 1253 começou a exercer este cargo D. Rui Lopes de Mendonça. Em 1272 D. Fernando Gutierres — Em 1269 Pedro Martins & continua a dar uma longa lista d'Almirantes.

([1]) Mon. Lusit Tom. 7, liv. 9, cap. 6, p. 455.

Batalha do Salado

1349

Havendo perdido o Almirante hespanhol D. Alonso Jufte Tenorio a maior parte das galeras n'um combate naval que teve com as do Rei Mouro Alboacen, refere Zuniga que este «perda puse Elrei de Castella, en gran sentimiento, y en precision de rehazer-se de fuerças maritimas en que poso increible conato, embió a la Reyna su muger a Portugal, (aunque solo tenia treguas con aquel Reyno) a que recebesse d'Elrey su padre Galeras e socorros [1].

Chronica de D. Pedro de Castille

XIV.e siècle =

Pour l'expedition des armements contre le Roi d'Aragon il dit que c'etait l'usage de louer les marines etrangéres.

Navegações anteriores ao seculo xv.

Vide documento de 26 de Dbr.º de 1411. Quadro Tom. 3. p. XXVII e XXVIII.

Pour la question de savoir si avant Gil Eannes les Portugais étaient ávancés dans les arts nautiques

Ils avaient aprés des Arabes Mathematiques même. Aussi les Tables Alphonsines avaient été en usage en Portugal du temps du Roi Dinis. —

Sur ce point = il faut voir Sedillot. «Materiaux pour servir à l'Hist. comparée des Sciences Mathematiques cher les Grecs et les Orientauu» p. 139.

Sur les Marins Portugais du xv.e siècle.

Quand M.r d'Avezac vient dire des marins Portugais du xv.e siécle qu'ils ne valaient rien qu'ils [n']étai[en]t navires sur la mer, le plus savant géographe et l'homme le plus instruit de l'époque dont-il s'agit Toscanelli = écrivait á Christophe Colomb sur les mêmes marins si mal traités par M.r d'Avezac ce qui suit quand ce grand Amiral Genois le consulta avant d'entreprendre sa g.e découverte de l'Amerique :

«Je ne suis pas surpris que vous montriez si grand courage manifesté «per toute la nation portugaise dans laquelle *il y a eu toujours des*

---

[1] Zuniga. Annales p. 194

«hommes qui se sont distingués dans de telles entreprises (Voy. Humboldt. Exam. Crit. T. 1., p. 237).

C'est a dire comme decouvreur et marin il fait remarquer que Toscanelli écrivait en 1474 et Barros s'écrit seulement en 1536, soixante deux ans aprés.

Marinha

XV.e siécle

Sobre Pedro Nunes e a nossa Arte de Navegar. Vid. Tom. V. do Panorama p. 178.

Guinée

Mémoires de la Société des Antiquaires de France — Tom. XXVIII (VIII de la Nouvelle série).

Mémoire de M.r Depping contenaut

Piéces inédites des siécles XIII, XIV, et XV provenant de l'ancienne chambre des comptes de Paris.

Quitances pour le transport d'animaux curieux amenés de Guinée a Louis XI par ordre du Roi de Portugal en 1475 —

Marinha

Sua igualdade em toda a parte durante a edade-media

Posons d'abord en fait une chose incontestable, c'est que les batiments construits dans les ports de France ne differaient guère par la forme des navires étrangers. La raison dit que cela devait être. Les relations des peuples navigants, les interêts paralleles de la plupart d'entre eux, la necessité de ne se point laisser primer dans certaines expeditions, en même temps qu'ils tendaien[t] au progrès de la navigation, faisaient que l'[un] empruntait bien vite à l'autre ce que celui-ci pouvait avoir inventé. Venise ne restait pas en arrière de Gênes; Gênes suivait Pise, qui, de son coté, ne laissait pas à Barcellone, à Almafi, á Marseille ou à Constantinople l'avantage d'une construction nouvelle ou d'un perfectionnement dans l'art de gréer et de mâter les navires ([1]).

Almirante

Priorité des découvertes des Iles.

Dans les Cortes d'Evora 1481 (Vid. Nos Mem. Docum. P.te 2.a p. 243) [a] on y dit que l'Infant D. Henri á été celui que les á fait découvrir. =

([1]) Jal. Archeologie Navale p. 352. [Tom. II].

[a] *A lapis lê-se no original:* 1361. Cortes desta data cap. , p. 57, Tom. 2 das nossas Memorias —

«... o Ifante dom anrique Inventor dellas =

Ils se pleignent que les Etrangers y fussent faire le commerce dans leurs navires — pois que dans l'année 1480 ils avaient chargé dans l'île de Madére 20 navires de *haut bord* (náos de castello) de sucre — et 40 a 50 autres de diverses marchandises.

Commerce avec le Maroc au xv[e] siécle =

Les cortes de 1481 — Le peuple se plaignit au Roi de la prohibition d'aller faire le commerce aux endroits, et ports de la côte de Barbarie avec ses marchandises non prohibées = demanderent que cette prohibition fusse revoquée et que les naturels du royaume puissent commercer dans ces endroits de Barbarie *comme anciennement* faisaient et d'où ils apportaient de l'or et grande quantité de marchandises (1).

État comparatif de la Marine de la Mediterranée actuelle avec celle d'autrefois pour l'argument de cabotage qui faisaient les Portugais avant le Prince Henri.

Séance de la Chambre des Députés de 12 Juin 1846 =
(Journal des Debats du 13).

M.[r] d'Angeville avec la permission de M.[r] le M.[e] de la Marine (dit-il). J'ai voulu voir comment les tables de Loch étaient tenues. Il m'en á été communiqué plusieurs, et s'y ait vu que dans la Mediterranée on navigait encore comme au temps des Phéniciens, terre á terre, et sans aucune observation des variations de la boussole. Sur un grand nombre de dossiers, je n'ai trouvé que deux observations de ce genre.

Pardessus. Lois maritimes T. IV p. 551. Portugal y est cité.

Ainsi — que dans le §[e] p. 555 § XXXI et suivant et XXXIV et XL.

Le plus ancien Code maritime de Genes est de 1413. Pardessus ibi p. 581.

Ils en avaient cependant de plus anciennes pour leur Colonie de Pera (Ibi —) et pour Caffa p. 583.

Les Statuts de la Garanie=publiés en Tom. IV p. 439 de Pardessus.

Afrique. T. 1.° XIV et Tom V de la collection occidentale = l. XXVI. = Tentatives des Génois et des Français pour s'y établir dans le XIV.[e] siécle T. II p. XXXVI. — Vid. T. 3 — XLVIII et suivant = Espedition des Portugais au XV.[e] siécle III. — LII et suiv. XLVI, XLIX et suiv.

---

(1) Nos Memoires pour l'Hist. des Cortes — Tom. 2, documents p. 245. NB. Transcrire ici le texte.

A p. 301 vient le Portugal.

Sousa T. 1.º das Provas — p. 355. Instrucções d'ElRei D. D.te 1436.

L'ouvrage se trouve chez Treutel et Wurtz — Rue de Lille n.º 17.

Si les Genois navigaient dejá sur la haute mer au XIV.e siécle. —

L'Statut Genois du 24 Septembre 1330 (Jal p. 372 — T. 1º) parait montrer le contraire = seulement que les grosses galéres étaient employées quelques fois aux navigations de Gênes en Flandre =

Veneza

1430 Era. = p.a a Hist. da Marinha e Quadro Elementar. Italia.

Marine Portugaise et refutation de d'Avezac

Le même argument fait par Zanetti (Zurla dei Antiche Mappe p. 5 et 6 in note) doit s'appliquer au Portugal et a sa marine et qu'ils devaient avoir des cartes marines pour pouvoir frequenter les ports de l'Angleterre de la Bretagne de la Flandre des cotes d'Esp.e et de l'Afrique.

França

1142 = Cartas de feudo ao Mosteiro de Claravol. Ribeiro Dissert. 2.a T. I, p. 55.

Marinha

Nesta vem confirmante = Fuas Roupinius Colibriae Praefectus.

Marine de France

Siécle XIII

Sous Louis IX S.t Louis — La France n'avait pas de marine et ce roi dans les deux expeditions qu'il fit en orient ne se servit d'autres navires que de ceux de Gènes pour transporter son armée (1).

(1) Voy Sauli — Della Colonia dei Genovesi in Galata = Turin 1831.
P.a as Recherches extrahir o que digo em a Nota 226 de p. 180 do *Quadro* T. 3.º

Marine de France

1332 = Dans le fameux *Directorium ad passagium faciendum* on y voit que l'auteur recommandait au Roi = dans la 4.e partie qu'on reunisse un nombre suffisant de galées et de nefs — 2.º qu'au pritemps prochain 12 galées soient armées pour la garde de la mer.

Marinha d'Inglatterra antes da Rainha Izabel

La Puissance de l'Angleterre (dit un auteur) etait si peu considerable sur mer avant le regne d'Elizabeth que Camden remarque que ses prédécesseurs et même pére, lorsqu'ils voulaient mettre une flotte en mer étaient obligés de louer des navires d'Hambourg, de Aubek, de Danzick, de Genes et de Venise ([1]).

Relações com a Africa antes da passagem do Bojador

1428. Nov.º 24 — Nesta data se vê um salvo conducto em favor de Fernando de Lemos e Vasco da Gama por ElRei de Castella para poderem atravessar os seus Estados com direcção a Tanger (Navarrete, T. III — Documto N.º VI do Appendice p. 477.).

1493. Maio 20 = Carta nomeando Almirante a Christovão Colombo e prohibindo-lhe de ir á Mina pertencente a ElRei de Portugal.
Doc. de Navarrete n.º X, T. III p. 483 Appendice.

1495. Fev.º 4 — Ordem de ElRei Catholico mandando prender Alonso Morales e Lourenço Antero, Portuguez, e proceder contra elles por haverem quebrantado em Guiné os pactos feitos por SS. AA. com ElRei de Portugal (Archiv. de Simancas, apud Navarrete III. Appendice in XXX p. 503.

1495. 8br.º 29 — Outra sobre o mesmo objecto.
Ibi. Doc. XXXII p. 505.

Colombo esteve 14 annos em Portugal (Ibi — p. 527).

([1]) Bibliothèque du Roi — Mss. 7111 2 Traité historique du Commerce de toutes les nations dans les divers endroits du Monde particuliérement par rapport aux Hollandois. =

MARINHA PORTUGUEZA DO PRINCIPIO DO SECULO 17.º (1634).

En parlant des carraques Portugaises le P. Fournier dans son Hidrographie (p. 182), sont ordinairement du port de quinze cents a deux milles:

De sorte que ce sont les plus grandes vaisseaux du monde à ce qu'on estime, et ne peuvent naviguer a moins de dix brasses d'eau. Ces grandes carraques ont donc quatre ponts ou estages, et en chacun estage un homme tout grand, il s'y peut promen. r sans toucher de la tête au pont ou trilhe, voire s'entant plus de 2 fieds. La poupe et la proue sont plus hautes que la   de plus de 3, voire quatre hommes; des qu'il semble que ce soient deux chateaux elevés aux deux bouts, et y pent y avoir trente cinq ou quarente pieces de canon de fonte verte, car ils n'usent guere (les Portugais) de pièces de fer comme nous faisons; et lœur canon est du poids (du poids d'une seule de pièces de 4 à 5000 livres.

---

que la 2de allé du Prince était la 3.me sans que cela vienne le moins du monde à propos de l'objet traité par l'auteur de la Notice! [a]

No cerco de Ceuta o Inf.e esteve em Ceuta 3 mezes. Elle foi como cap.am da Frota (Ibi p. 477).

Quanto ao negocio disparatado da inducção que elle tira da exorbitancia dos privilegios dados por ElRei D. Fernando á Marinha — T. IV de Ineditos cap. XC p. 319 [b] montre tout le contraire ce que le Roi á vouler ce fut favoriser par des droits protecteurs les navigations de ses Etats, e[t] leur commerce. —

Voici le chapitre.

«Veendo o muy nobre Rei D. Fernando, como [nom soomente] desta samta e proveitosa hordenaçom que assi fizera, se seguia gram proveito a el, e a todoo poboo do reino, mas aimda das mercadorias mujtas que delle eram levadas, e tragidas outras, avia gramdes e muj grossas dizimas, e que o proveito que aviam dos *fretes os navios estramgeiros*, era melhor pera os seus naturaes, des i mujto maor homrra da terra, *avemdo em ella mujtas naves* (1) as quaes o Rei podia teer mais prestes, quamdo comprissem a seu serviço, que as das provemçias del alongadas; hordenou, pera os homeens haverem moor voomtade de as fazer de novo, ou comprar feitas, qual mais semtissem por seu provejto, que [aquelles] que *fezessem naaos de cem tonees a cima*, podessem talhar e trazer pera a çidade, de quaes quer matas que delRei fossem, quamta madeira e mastos pera ellas ouvessem mester, sem pagamdo nenhuuma cousa por

[a] O original correspondente a estas duas linhas e aos seis paragraphos seguintes, até — NB. Deve copiar-se — consta de uma folha de papel de carta, escripta de ambos os lados, o primeiro dos quaes tem o algarismo 3 num dos angulos.

[b] É citado por d'Avezac a pag. 50. «Nouvelles Annales des Voyages» de Outubro de 1845.

ella; e mais que nom dessem dizima de ferro, nem de fullame, nem doutras cousas, que de fora do reino trouvessem pera ellas; e quitava todo o dereito que avia daver, aos que as compravam e vendiam feitas. Outrossi dava aos senhores dos ditos navios, da primeira viagem que partiam de seu reino carregados, todollos dereitos das mercadorias que levavom, assi de sal, come de quaes quer outras cousas, tambem de portagem, como de sisa, come doutras emposiçoões, assi das mercadarias que seus donos das naoos carregassem, come dos outros mercadores. Dava mais aos donos das naoos ameatade da dizima de todollos panos, e de quaaes quer outras mercadarias, *que da premeira viagem* trouvessem de Framdes, ou doutros logares, assi das cousas que elles carregassem, come das que outros carregassem *emellas*. Aalem desto mandava que nom tevessem cavallos, nem servissem per mar nem per terra com comçelho nem sem elle, salvo com seu corpo: e que nom *paguassem em fimtas, nem talhas*, nem sesas que fossem lamçadas pera elle, nem pera o comçelho, nem em outra nenhuuma cousa, salvo nas obras dos muros aomde fossem moradores, e das herdades que hi tevessem, e doutras nenhuumas nom: e aconteçemdo que os *navios assi feitos ou comprados*, pereçessem da primeira viagem, mandava que estes privilegios durassem aos que os perdessem tres annos seguimtes, fazemdo ou comprando outros, e assi per quantas vezes os fezessem ou comprassem; e se dous em companhia faziam ou compravam alguma naao, ambos aviam estas mesmas graças. =

On trouve au chap. suiv. p. 320 cap. XCI o que trata das Bolsas maritimas, dos seguros Maritimos dos ditos navios. —
NB. Deve copiar-se.

Chronica d'ElRey D. Fernando, pag. 319.

Dos privilegios que ElRey D. Fernando deu aos que comprassem ou fizessem naos [a].

Les motifs — 1.º Que le roy voyant les avantages que s'en suivraient d'avoir un grand nombre de vaisseaux, e dos frettes que dahi resultarião, e das mercadorias em que abundaria o Reyno, ordenou p.ª os homens terem melhor vontade de as fazer de novo, ou comprar feitas, que aquelles que fizessem náos de cem toneis acima podessem cortar, e conduzir p.ª a cidade das matas d'ElRey q.ᵗª madeira necessitassem, e q̃ não pagassem dizima nem do ferro, nem do velame, nem doutras cousas que de fora do Reyno p.ª elles viessem.

2.º — Dava aos Senhores dos d.ºˢ navios da 1.ª viagem que partiam do Reyno carregados todos os direitos das mercadorias que levavam,

---

[a] *A' margem do manuscripto original do Visconde de Santarem encontram-se as seguintes linhas:* O Liv.º II do *Forum Judicum* trata des voyages par mer et des négociants.

assim de sal, como de qualquer outra cousa, assim das mercadorias que exportassem assim pertencentes aos carregadores como a quaesquer outros!

3.º — Concedeo mais a metade da dizima aos donos dos navios de todos os panos, e de quaesquer outras mercadorias que da 1.ª viagem trouxessem de Flandres e dos outros logares assim das cousas que elles carregavam, com o de que outros carregassem nellas.

NB. Segue-se a creação das bolsas maritimas.

Revenus des Douanes

800: livres ou 200₰ dobras outre les revenus des celles de Lisbonne et d'Oporto. Celle de Lisbonne 40₰ dobras =

L'historien dit que les revenues etaient encore plus forts dans les regnes précédents car les rois portaient meme de l'argent pour l'equipement des vaisseaux =

Il avait alors à Lisbonne des negociateurs de Genes, de Pise, de Lombardie, d'Aragon, de Catalogne, de Mallorque, de Millan, de Biscayens, et d'outres nations auxqueles les rois avaient accordé des privileges = Le commerce etait alors dans si grand état de prosperité que dans une seule année on á chargé á Lisbonne 12 mille tonneaux de vin, outre ceux qui furent exportés en mars de la meme année = quelques fois se trouvaient en face de la ville entre 500 à 600 vaisseaux à la charge —

Compagnies maritimes pour les assurances maritimes établies sous le regne du roi Ferdinand.

Ibi pag. 320

Dans le preambule de la Loi = prouve combien le commerce etait dejá dans un état de grande prosperité = Les dispositions de la Loi de l'établissement des bourses maritimes ordonna pour prevenir les consequences funestes des pertes que les proprietaires des navires pourraient éprouver par les naufrages, ou autres sinistres.

1.º Que à Lisbonne, Porto et outres villes maritimes du Portugal des negocians enregistraient tous les vaisseaux de plus de 50 tonneaux ainsi ceux qui le construiraient dans l'avenir.

2.º Que dans ces registres fussent inscripts le prix d'achat, le jour ou il s] furent achetés, aussi ceux qui auraient été construits de nouveau.

3.º Que tout ce que ces vaisseaux appartenant aux proprietaires, ou aux armateurs ou autres leurs gains lui fussent garantis comme on l'a toujours observé, neanmoins que du produit de leurs gains tant des voyages, devaient payer pour la *bourse* (Borsa) de la Compagnie 2 couronnes p.r 100 —

4.º Que les deux bourses de Lisbonne et de la ville du Porto devraient

aprés des avaluations legales achetter d'autres vaisseaux pour remplacer ceux qui seraient perdus et pour indemniser les proprietaires ou autres, de quelques charges.

5.º Dans le cas qu'un ou plusieurs vaisseaux se perdissent, soit en raison des tempêtes, soit pour tout autre motif tant dans les ports que durant le voyage ou même pris par l'ennemi, que la valeur du navire ou navires perdus fusse partagé parmi tous les proprietaires et armateurs et autres interessés dans d'autres vaisseaux de la maniere suivante = Qu'on deverait examiner dans les registres la valeur de tous les vaisseaux que s'y trouveraient enregistrés, ainsi que l'evaluation des vaisseaux perdus, ou capturés et que chaque proprietaire de chaque vaisseaux devrait payer 1 *soldo* pour *Libra* par chaque miliers de valeur du vaisseau perdu, cela dans les cas que ces capitains qui se trouveraient la bourse de la Compagnie ne fussent assez pour l'indemnisation du proprietaire, ou proprietaires des vaisseaux perdus, neammoins que cette evaluation devenant etre faite par le jury (Louvados, homens bons), ordenant que l'evaluation de ces *hommes bons* fusse sans appel et que l' fusse faite immediatement dans les biens de ce lui qui l'aurait refusé á se soumettre à cette décision pour la somme qu'il devrait payer.

6.º Si quelque vaisseau, ou vaisseaux poussés par la tempete ou par tout autre motif fussent forcés d'arribar aos Portos, abrirem agora ou peorassem chegando ao logar e só podessem carregar o 3.º da carga que o receberia depois de concertado, que o proprietario fosse obrigado a reparalo á sua custa e que a Companhia não fosse obrigada a reparalo, nem a pagar outro e acontecendo que o navio soffresse tanto damno que se não podesse reparar senão pelo que valeria depois de reparado — acontecendo isto sem culpa, dos capitães, ou mestres, e sem outra malicia, que neste caso, que então o dono recebesse delle o aparelho, e o que se podesse haver de boa fé, e q̃ então se avaliasse o que aquelle navio valia ao tempo q̃ lhe aconteceu a avaria, fosse logo pago a seu dono para comprar ou fazer outro descontando-se-lhe o que houvesse salvado do navio, e os reparos que houvessem de ser feitos fossem avaliados por peritos, e se alguns donos fretassem p.ª terras de inemigos sem terem previamente segurado os seus navios, e sendo estes tomados, ou naufragando em taes viagens, que os socios da Companhia não fossem obrigados a pagarlhos. Que se os capitães ou donos de navios fizessem alguns damnos a outros navios, ou a cid.^es, logares ou portos, ou fossem condemnados nelles, e embargados, os outros, quer dizer os seguradores não fossem obrigados a indemnisalos, salvo provasse que taes damnos lhe provierão de se defender, ou por serviço d'ElRey a bem da nação, e p.ª q̃ alguns capitães dos Navios só pela esperança de que lhes serião pagos ainda que os perdessem, não cuidarião de os fornecer d'anchoras, cabos & de gentes, armas & p.ª os defender no mar, e aos inemigos (pag. 323.) determinou que os Escrivães fizessem um auto de vesita previa dos Navios antes de partirem, e descrevessem tudo, para se verificar depois se se perdiam por falta dos necessarios para seguirem sua viagem, e assim lhe serem pagos ou não; e quando acontecesse que se perdessem tantos navios que os outros donos dos demais

navios [1] não podessem tudo pagar, pagassem logo metade, e tomassem tempo para pagamento do resto. Acontecendo que ElRei tivesse guerra com os Reys visinhos ou com outras gentes, e armando cada um daquelles navios p.ª sua defeza e percebendo delles em taes armadas sendo feitas para bem commum, que fossem pagos do bem commum a seu senhorio, e q.do os Navios fossem com mercadorias, e houvessem alguns precalços, assim d'inemigos como p.r outra qualquer guisa que taes precalços fossem entregues aos senhores e mariantes dos navios que os ganhassem e que o acontecesse aos senhores, e mariantes dos navios, ouvessem ellas metade, e a outra fosse *posta na bolça* p.ª beneficio commum, ficando reservado a ElRey o direito que elle devia perceber.

Mandou ElRey que as suas naos, que erão 12, entrassem nesta Comp.ª e que fossem sujeitas a tudo como as outras e que fossem avaliadas & como as outras.

Dans une instruction écrite por le roi Eduart lui même sur l'Expedition de Tanger (Provas da H. [istoria] G. [enealogica] Tom. 1.º pag. 535) — Lx.ª 10 de 7 br.º de 1436, il y est dit que les vaisseaux marchands des anglais et des biscayens qui ont été fretés pour cette expedition leurs propriétaires n'ont pas vouler les assurer, tandis que tous les portugais etaient assurés =

Almirante em q. tempo se introduzio esta dignidade

Sousa Hist. Gen. T.º 1. p. 207

Cogominho — Tom. 12 P.e 1.ª p. 48 e seg.

Tanto os dois cargos de Almirante e Capitão Mór da Armada de Alto Bordo ou Almirante mor era differente que nas Cartas dos Almirantes que se achão no Liv.º 1 das Destras na Torre do Tombo se vê que sobre a jurisdição sobre todos os navios houvera controversia pois por Carta d'Aff.º V passada em Evora a 22 de Julho de 1453 de Almirante a Ruy de Mello quando havia já 10 annos que exercitava este cargo diz assim

«Fazemos saber, que a nos disse Ruy de Mello, Almirante de nos«sos Reynos e de nosso Conselho, como por bem do dito seu officio a «elle pertence todolos feitos das Armadas assy navios grossos como

---

[1] Quer dizer as bolças

«dos pequenos e arrestamento delles [?] quando cumpre para nosso ser-«viço.»

Feita em Lisboa 15 de julho de 1454.

Liv. 1º das Dextras f. 85 v.º

Almirante Mór era o mesmo que General da Armada de Alto Bordo, e o titulo d'Almirante sem Mór, competia ao General das Galés, e Este era tambem o costume de Castella como diz Salazar de Mendonça nas suas Dignidades. (Vid. Brandão Monarq. 6.ª P.e f. 240 Col. 1.ª).

No tempo d'Elrei D. Diniz que introduzio por Almirante ao Peçagno se acha em escripturas nomeado o Cogominho Almirante Mayor assim na escriptura da eleição do Peçanho como em todas as mais de seus successores, que se podem vêr, nas Chancellarias se não falla senão no Ministerio das Galés.

O Regimento d'ElRei D. Affonso V especifica o Ministerio dos Almirantes descendentes dos Peçanhas e lhes attribue o das Galés, e em outro titulo confirmava á Alvaro Vasques d'Almada do seu cons.º em Capitão Mayor do Mar, assim como o tinha sido Gonçallo Tenreiro em tempo d'ElRei D. Fernando e depois delle Affonso Furtado de maneira que com esta divizão estremou e differençou os dois cargos da Milicia naval. —

O cargo d'Almirante que andou nos Castros era puramente honorifico do mesmo modo que o d'Almirante do Mar Indico na Familia dos Gamas.

Almirante

Um dos maiores postos e de maior confiança, que naquella idade havia no reino de Portugal era o de Almirante Mór a que agora corresponde General do mar ou General das armadas Reaes. Poucos annos atraz tinha ElRei D. Diniz promovido a este lugar a pessoa de Nuno Fernandes Cogominho, criado do Principe e declarado parcial e companheiro de sua esquivança &.

Monarch. T. VII, l. IV, cap. III.

Almirante. — Hoje em Portugal a segunda pessoa depois do General da Armada. Dos Amiraes ou admiraes dos Mouros passou este nome (que entre os Turcos e Sarracenos se dava a Senhores de terras e Governadores de Praças) aos Sicilianos e Genovezes, que com elle intitularão os Generaes das suas galeras. Daqui passando ao resto da Europa foi dado o Titulo de *Almirante Mór* ao General da Armada de alto bordo; ficando o de simples Almirante ao General das Galés.

Em França se acha D. Florencio de Varennes Almirante da Real Armada pela primeira vez no de 1270. Em Portugal se ouvio este titulo só no tempo d'ElRei D. Diniz que fez mercê delle a Micer Manoel Pacanho, mas só como almirante das galés. Depois as introduzio o titulo

de capitão mor do mar a quem a Real esquadra em tudo obedecia. Segundo o antigo uso o Almirante é capitão do mar, com mero e mixto imperio, immediato ao Rei, sem recurso ou appellação a outra pessoa: repartia as prezas maritimas de que tinha a quinta parte, &. Ha neste Reino dous Almirantados: hum do mar Lusitanico que anda nos Castros outros do mar Indico que anda nos Gamas.

Elucidario na palavra Almirante.

Almirante

Brandão dans le Tom. v de la *Monarchie Lusit.* Liv. xv cap. xii, p. 22, dit expressement que bien que les memoires des premiers tems de la monarchie n'aient fait mention que de l'Amiral D. Fuas Roupinho, il est pourtant certain que depuis le tems d'Alphonso Henriques jusqu'à l'époque où il écrivait il y eut toujours en Portugal des Amiraux, et des armées de mer; que pendant tout le tems que la cour resida a Coimbre des flottes de fustes et de galères entraient dans le Mondego et en sortaient et qu'après la prise de Lisbonne on y construisit de gros navires dans les Tercenes ou arsenaux qui furent alors bâtus pour cet effet. D. Galdim Paes maitre des Templiers en Portugal qui vivait sous Alphonso Henrique en donnant une charte à la ville de Pombal qu'il peupla ordonna que ceux qui se trouveraient avoir encouru quelque punition pour des blessures faites à un autre seraient condamnés *aux fustes*, suivant l'ancienne coutûme de Coimbre (1).

Sous le règne de Sanche 1.er les armements dans le port de Lisbonne furent considerablement augmentés, il ne fut plus questions de fustes, mais des navires en raison de la capacité du port: aussi dans la chart r e donn[é]e par ce roi aux habitants de cette ville y il est dit qu'ils ne seraient point tenus á bord des navires du roi contre leur gré (2).

Dans le temps de Sanche ii les Juifs qui residaient à Lisbonne étaient obligés de fournir pour chaque nef ou galere que le roi armait une ancre et une amarre, preuve indubitable que sous ce roi les armements continuerent.

Sous le regne d'Alphonse iii (1260) les armements maritimes furent continués et il y avait à Lisbonne un celebre constructeur de navires

---

(1) Voici le texte de cette ancienne charte: «Pro omnes feridas quas satisfacere debet intret in fustam secundum veterum usum Colimbria.

(2) Dans la chartre donnée a Lisbonne il y est dit le suivant: Nunquam intrent in navigium meum pedites contra suam voluntatem sed in eorum fit beneplacite venire per terram aut mare in obsequium meum. Le Pape Gregoire ix dans le tems que le roi D. Sanche II temoignant grand desir d'aller guerroyer en Palestine par sa bulle l'engageant á perseverer dans ce propos et s'exprimit en ces termes. Comme l'illustre roi de Portugal notre tres cher fils en Jesus Christ, selon ce qu'il nous a mandé, se propose de marcher contre les ennemis de la croix du Christ avec les nobles de son pays et une grande *armée de mer* et de terre, et soi chose tres louable &. Donné a S. Jean de Latran le 12 de kalend. de Mars l'annee 14 de son Pontificat.

nommé Jean Miona au quel le roi donna en toute proprieté une maison pour lui avoir construit une nef. *Pro multo servicio quod mihi fecisti in mea navi quam feci in Ulixbona.*

En 1266 sous le même regne le Prince D. Dinis fut au secours de son aieul le roi d'Espagne avec une armée de terre et de mer, comme le declare le propre roi d'Espagne dans sa lettre du 7 May 1267 par laquelle il exempte le roi de Portugal et le Prince son fils de l'obligation où ils étaient de lui assister avec 50 lances, disant expressement qu'il agissait ainsi en consideration du secours qu'ils lui avaient donné dans ses guerres par terre et par mer. *E por la ayuda que nos fiziestes en nuestra guerra por mar e por tierra.*

Almirante

Brandão, dans le tom. v de la Monarch. Lusit. L. xvii, cap. 1, p. 173, lorsqu'il vient à traiter des officiers que le roi D. Dinis donna à l'Infant son fils, (depuis Alphonse IV) dit que Nuno Fernandes Cogominho fut placé, près de ce Prince chancelier, et il donne pour preuve de son assertion un document qui nous parait irrecusable, et c'est une acte de vente par lequel Nuno Martins de Chacim cède à Jean Alphonse, frère naturel de l'Infant, pour une certaine somme, toutes les proprietés qu'il possedait à Chacim et ses environs, acte qui se trouve dans le Liv. 5.º dos Misticos f. 21 et dans lequel Nuno Fernandes en qualité de témoin a apposée sa signature comme suit «Nuno Fernandes Cogominho, Almirante mor d'ElRei ce qui corresponde en français à Grand-Amiral: d'où l'auteur conclue que quoique le Roi D. Dinis eut pris à son service le Genois Manoel Peçanha en qualité d'Amiral, il ne supprima pas la place de Grand-Amiral *Almirante Mór* qu'occupait Cogominho, place qui était audessus de celle de Peçanha.

Cette opinion s'accorde parfaitement avec la lettre et l'esprit de la convention qui fut celebrée entre le Roi D. Dinis et Misser Manoel Peçanha lorsque on lui accorda le titre d'Amiral: car il y fut expressement stipulé, qu'il n'aurait d'autre commandement que celui des galères; qu'il tiendrait toujours prets à la disposition du roi 20 Genois po[u]r servir dans les dites galères et cela à ses frais et depens, aussi avait-il la faculté de les employer pour ces propres affaires et l'envoyer aux ports de Flandes et a Génes chargées de marchandises pour son propre compte, attendu que le roi n'etait tenu de payer ces marins génois, que dans les occasions où il les employait à son service. D'après ces stipulations il est évident, que cette marine legere qui n'etait bonne que pour un coup de main, et qui pouvait être employée à des entreprises commerciales pour le compte de l'Amiral n'excluait pas l'entretien d'une armée navale portugaise; tout au contraire elle le rendait indispensable, puis que les galères commandées par l'Amiral Peçanha pouvaient se trouver éloignés des côtes du Portugal au moment où on en aurait besoin. Il y a encore autre stipulation qui nous fait voir que le Roi ne considerait cette marine Genoise que comme armée auxiliaire dont il pouvait avoir quelquefois besoin, et

non comme une armée de mer regulière; et c'est celle où il est dit, que dans les cas que quelques-uns de 20 hommes que l'Amiral devait toujours tenir prets à la disposition du roi, viendraient à mourir ou a aquitter les galeres, il serait accorde à l'Amiral 8 mois pour s'en procurer d'autres.

Sobre o Almirantado

No officio de Chançarel do Infante Dom Afonso succedeo o Almirante mór Nuno Fernandes Cogominho, como achamos por escritura do anno de mil trezentos e quinze, em que Nuno Martins de Chacim Abbade de Fonte Arcada vendeo a João Afonso, irmão bastardo do Infante todas as herdades que tinha em Chacim, e em seu termo — nelle assina Nuno Fernandes desta maneira: *Nuno Fernandes Cogominho Almirante maior delRey e Chançarel do Infante D. Afonso seu filho.»* Ainda que ElRey conduzio para ser Almirante a Manoel Peçanha, conservou todavia o titulo de Almirante q̃ dantes tinha o Cogominho, e ainda conforme a isto devia de exercitar o officio com superintendencia ao Peçanha ([1]).

Capitão-Mór do Már

D. Franc.co M.el de Mello na Epanophora Amorosa, p. 316 diz: «Capitão Mór do Már, que era o maior titulo que nossos Reys davão aos «Cabos de seus exercitos no Már ou no Campo.»

Almirante

Com vinte galés bem esquipadas e guarnecidas cõ dous mil homens sahio de Lisboa *Gonçalo Camello*. Em os primeiros dias de Setembro dobrou o cabo de São Vicente, e surgio cinco legoas da foz do Guadiana para o nascente na boca de hum esteiro, originado de hua pequena aberta por onde entra o mar duas legoas pella terra dentro... Nos bateis das galez sahio com a gente de sua guarnição. Gonçallo Camello saltou em terra ([2]).

Tous les Amiraux qui se trouvent dans la longue liste qui en donne Sainte Marthe sont français, l'unique dont le nom annonce une origine italienne c'est Raynier Grimaldis Amiral du Roi en 1307.

Quant aux generaux des galeres on sait que le célebre André Doria fut nommé a cette charge par François 1.er et qu'il exerça dès l'an 1525.

([1]) Monarch. Lusit. Tom. v, Livro xvii, fol. 173.
([2]) Monarch. Lusit. Part. 7. Liv. 8. Cap. xii. p. 403.

Sur le courent de la Batalha

L'article de Cardoso n'est autre que celui de Fr. Luiz de Sousa.

Pessanha

P.ª examinar. Nobreza d'Italia. = D Francisco d'Zarera Napolitano impresso em 1628.

O Pessanha veio para Portugal para succeder ao Almirante Môr Nuno Fernandes Cogominho por morte deste (Monarquia P.te VI, p. 239.
Pessanha naturalisou-se no anno =

Au temps de Pessanha

Les Françaís se servent des Galéres Genoises pour la guerre dé 1337.
Mss. de la Biblioth du Roi = Jal. T. 2, p. 333) et Antonio d'Oria Almirante de França 1337 Genovez (voyez P.e Anselme T. VII p. 749. Vem o contracto todo — Copear e fazer o paralelo com o de Peçanha — Servio com 20 galés de Genovezes c. p. 338 — note 2.

Sobre Maloisel aux Canaries voyez Jal = Tom. 2 p. 339 note 4.

Para o contrato de Peçanha

Foi feito á moda do Estatuto de Genova de 14 d'8br.º de 1316 — como se pode induzir do que diz Jal = Arch. Naval — T. 1. p. 367 e seg. = «C'est à dire 128 hommes dévaient être Genois.

Peçanha se reconnait sujet du roi de Portugal et pretá serment au Roi de le servir — *dans les galeres du même Roi* et s'engage de la même maniére á servir le Roi dans l'armée de terre.
Est-ce-qu'il n'on eu et n'existe continuellement un echeange entre les nations.
Rymer — 1199 — Severim de Faria — Noticias. Discurso 2.º § 15
1293 —

Rymer T. 2 da ultima edição = p. 247

1314 — D.te 2.º ao Papa Clemente V em que falla «*dilecto* mercature nostro Antonio Passaigne de Janua recepistis. =

Pilotes Portugais qu'au commencement du XVI.ᵉ siécle s'etaient enfuis en Espagne —

1512.

Voyez Lettre de l'Ambassadeur Portugais du 30 Aout 1512 (Doc. XXXIII apud Navarrete Tom. III — p. 127).

Estes Pilotos erão João Dias de *Solis*, e João Henriques, que passarão a Castella desgostosos, e cuja opinião era que Malaca pertencia a Castella. — Quadro Elem. T. 2 p. 19 e 20.

Estevão Gomes Piloto, sobre a viag. a Moluco. Ibi p. 39. Anno de 1524.

MARINE

§

Amiral

Le Pére Anselme donne dans le catalogue des Amiraux de France aussi un Genois savoir Benoit Zacharie *Genois* en 1297 (justement dans le même siècle que Pessanha á été Amiral en Portugal).

(Voyez Guérin — Hist. de la Marine de France. T. 1, p. 52 — nota 8.

De nauigio uero mando ut alcaide et duo spadelarii et duo pronarii et unus petintal habeant forum militum. (Foral de Santarem) [a]

Facta carta apud Colimbriam mense maio E 1217. — R. Arch. Maç 3 de Foraes ant. n.ᵒˢ 3 e Maç 12 n.º 3. fol 4 v.

No foral de Coimbra o mesmo. Maç 12 de Foraes antigos. n.º 3 e Maç 5 n.º 7.

[a] O original de aqui por diante não é do punho do Visconde de Santarem. São transcripções, noticias e copias enviadas da Torre do Tombo, especialmente por Albano Anthero da Silveira Pinto, aquelle investigador e escriptor a quem o Visconde de Santarem dirigiu a carta que transcrevi a pag. 377 deste volume.

De uma grande parte dos documentos aqui reproduzidos, se occupa a seguinte correspondencia trocada entre o Visconde de Santarem e o mesmo Albano Anthero

Carta do Visconde de Santarem a Albano Anthero:

«Paris, 6 d'outubro de 1845. — Ill.ᵐᵒ Snr. — Tive o gosto de receber a estimadissima carta que V. S.ª teve a bondade de escrever-me em data do 1.º de Setembro passado e que acompanhava varios exemplares da 1.ª P.ᵉ da sua excellente e mui importante Memoria Chronologica acerca do descobrimento das Terras do Preste João.

«Se V. S.ª se der ao trabalho de lê a pequena Introducção que fiz á minha Noticia dos Mss Portaguezes que existem na Bibliotheca R. de Paris, e que a Academia R. das Sciencias publicou em 1827, verá a importancia que já naquella epoca se dava aos trabalhos da natureza daquelles em que V. S.ª com tanta vantagem da Patria se acha empenhado

«Nos 25 annos que tem decorrido desde que fiz aquelle trabalho até hoje uma larga experiencia, e um estudo profundo me tem persuadido cada vez mais que um dos

No foral de LIsboa:

In nomine &. Quoniam gratiæ dei cooperante qui dat omnibus affluenter et non improperat.

Ego Alfonsus divino nutu Portugaliæ Rex corporali labore et *privilegi astuciæ* mei et meorum hominum civitatem ulixbone Sarracenis abstulit et eam dei cultui restitui et vobis meis hominibus atque vassallis et alumnis ad habitandum jure hereditario tribui &......

De nauigio vero mando ut alcaide et duo spadularii et unus petintal habeant. forum militum. E. 1217 mense maio. Maç 12 de For. ant. n.º 3 fol. 7 v (O Foral de Leiria é da m.ma data).

---

maiores serviços que hoje se pode fazer ás sciencias e á historia é o de publicar os documentos ineditos. Todas as nações estão hoje persuadidas desta necessidade e até os Governos republicanos dos Estados Unidos, e as republicas Americanas se estão occupando de publicações deste genero, apezar da difficil situação politica e financeira dellas.

«Considero pois as publicações de V. S.ª de grandissimo interesse. A memoria que teve a bondade de enviar-me é tanto mais preciosa quanto foi opportuna a publicação vindo augmentar as provas documentaes da prioridade da fundação do Castello da Mina pelos Portuguezes, no momento em que eu discuto de novo alguns pontos sobre a priorídade dos nossos descobrimentos. Como V. S.ª terá visto pelo Diario do Gov.º.

«Não só offereci um exemplar da d.ª Memoria á Socied.e Geographica de Paris, mas assentei que a materia era tão relevante que devia fazer um Relatorio sobre ella no qual traduzi algumas partes della. Aos documentos preciosos que V. S.ª publicou sobre a Mina juntei outra prova importante tirada da secção XVII da m.ª obra Diplomatica, que está ainda inedita, é esta a Bulla de Xisto IV de 11 de setembro de 1841 relativamente á concessão que fez em favor dos que forem á Mina.

«Logo que o meu Relatorio estiver impresso no Bulletin mensal da Sociedade terei o gosto de o remetter a V. S.ª

«Agradeço infinito a V. S.ª as obsequiosas expressões com que me trata em as notas 3 e 16 da sua Memoria. Pela 1.ª das suas citações vejo que V. S.ª se refere á minha Memoria Portugueza. Acaso V. S.ª não terá nenhum exemplar da obra que publiquei em Francez com o titulo «*Recherches*» &, pois no caso de o não ter o remetterei a V. S.ª pelo primeiro portador que partir para essa Corte.

«A sua Memoria é feita como devem ser feitos os trabalhos historicos, que é provando os factos com documentos e com authoridades contemporaneas. Com este methodo exigido pela razão e pela critica desesperão certos cavalheiros d'industria litterarios, que sendo incapazes de estudarem e ainda menos de discutirem os factos historicos, não curão senão de substituirem as suas proprias ideas, e os desvarios da sua imaginação á verdade dos factos historicos.

«Mas deixando de parte por agora este assumpto sobre o qual muito teria a escrever, permitta-me que lhe diga que achei muito interessante o *Itinerario do caminho que da India por terra a Portugal fez Mestre Affonso cirurgião no tempo d'Affonso d'Albuquerque.*

«Estimei tambem a noticia que V. S.ª á tempos me deu de ter offerecido á Academia R. das Sciencias um Liv.º dos pesos e medidas da India organisado em 1554 pelo Provedor dos Contos da Fazenda Antonio Nunes.

«Em 1820 encontrei nos Mss. da Bibliotheca R. de Paris um Mss. precioso deste genero, e original feito na India por Antonio d'Abreu contador d'ElRei nas partes da India acabado em 7 de Nov.º de 1575 cujo titulo V. S.ª verá fielmente transcripto a p. 54 da m.ª Noticia dos Mss. Portuguezes que existem na Bibliotheca R. de Paris publicada pela Academia em 1827.

«Permitta-me que lhe pondere que muito conviria que se descobrissem e publicassem todos os documentos relativos ao nosso estado maritimo *anterior a ElRei D. João 1.º* Sei quanto é para recear a penuria dos mesmos documentos, mas tambem conheço por experiencia que muitas vezes uma só indicação se torna preciosissima quando se

Foral d'Alemquer (Sancho 1). Facta Carta ultima die maij E m. ccxxij (O mesmo q̃ Santarem) L 3. da Chanc. D. Diniz fol 38.

Carta Concilij ulixboñ super almotacaria

Sancius dei gratia Portugaliæ Rex. S. ejusdem ulixbonem episcopo et pretori ulixbone et aluazilis et concilio salutem e amore &

Super quo ego mando vobis et concedo ut nostram almotazaria ha-

---

trata de tempos tão escuros. O methodo que eu seguiria nas investigações deste genero, seria o de ler todos os documentos das mercês feitas a cada um dos nossos Almirantes, e maritimos onde as mais das vezes se encontrão mencionadas as acções que praticarão. Os nomes da maior parte destes Almirantes se achão mencionados por Quintella nos Annaes da Marinha e p.^r mim na Memoria que ultimamente li na Sociedade Geographica, tendo-os eu colhido nas suas fontes como costumo. Por esta minha ultima Memoria V. S.ª veria o grande partido que tirei de simples indicações da Monarchia Lusitana combinando-as com os documentos que se encontra na preciosa collecção de Rymer, rebatendo só com este auxilio, por certo bem pobre, as falsas inducções que um geographo Francez tirou de ElRei D. Diniz ter chamado a seu serviço o Almirante Genovez Pessanha.

«Conviria pois que se examinassem não só os documentos do R. Archivo relativos aos mesmos maritimos, mas tambem as genealogias historiadas de algumas familias em 1.º logar pelo P.º Rousado que consultou muitos documentos dos cartorios dellas, e os Nobiliarios de Diogo Gomes de Figueiredo, e d'Affonso de Torres, estes unicamente para algumas indicações que poderão conduzir as investigações documentaes.

«Recebi ultimamente uma mui curiosa *Memoria sobre o intentado descobrimento de uma supposta Ilha ao Norte da Terceira* & pelo Sr Bernardino José de Sena Freitas e V. S.ª muito me obrigará se tiver a bondade de lhe mandar entregar a carta inclusa, pois ignoro a sua morada.

«Renovo &.»

Carta de Albano Anthero ao Visconde de Santarem, em 10 de novembro (?) de 1845:

«Illmo e Exmo Sr. — Não sei como responder á Carta de V. Ex.ª de 6 d'Outubro passado, e prefiro antes guardar silencio pelo que respeita á minha memoria, a repetir novas expressões de agradecimento; deixando ao tempo a sua prova.

«Se não fosse a animação de V. Ex.ª de certo teria abandonado a lide, menos pelo desprezo que no Paiz se dá a taes trabalhos, que pelos espinhos que cada dia mais encontro; e pela necessidade de grande estudo e lição, qualidade que me falta posto m'entregue com preseverança e gosto a este ramo de litteratura.

«A honra que V. Ex.ª me fez dando-me uma incumbencia litteraria, é mais uma prova da sua bondade, e um stimulo á minha gratidao, oxalá eu corresponda como desejo á expectativa de V. Ex.ª

«Tenho demorado esta carta, por que desejava dar a V. Ex.ª um testemunho de apreço e respeito pelos seus preceitos apresentando alguas ideas d'aquelle trabalho, que desde já lhe dedico.

«Nas minhas investigaçoes segui á risca o que eu indicava, mas dellas tirei mui poucas ou quasi nenhũas ideas; e vi a necessidade de faser um exame mais miudo, passando pelos olhos os foraes de Aff.º II.º, a cujo reinado, por ora, tenho limitado o meu studo; e posso diser a V. Ex.ª que os documentos que lhe respeitão estão quasi todos revistos.

«Pela serie dos ditos documentos e pelas chronicas se conhece que merecia a Marinha algua consideração aquelle Rei, ou fosse por vistas futuras, por necessidades immediatas, ou por que avaliasse a posição do terreno de que s'ia apossando.

«Que os primeiros navios que se conhecêrão em Portugal foram os da Armada dos

beatis et per uoluntate nostra disponatis. mando etiam ut nec meus pretor ville neque *pretor nauigiorum*, nec aluaziles nec aliquis alius audeat afforciaret alique hominem de concilio & facta fuit hec carta apud vimaranes mense augusto. E m. CCXLij 1242.

Liv. 1 de Doaç Aff.º 3.º fol 54. col. 1.

Inqu[i]sicio de Relego ulixbonẽ

Nos prior Sancti vincencij et alcayde mendus gonçaluij e aluaziles Petrus plagii et Petrus egee, *ffernandus martini pretor nauigij*. Sueris fernandis. Petrus suarij, menendus petri. Petrus mourariz, menendus gomez per litteras domni Regis sancij et domni Gonsalui menendi maioris

Gascões que aportaram a Gaia ou *Cale* não tem duvida, que estes ensinaram a construcção e navegação aquelles habitantes parece verosimil.

«Comtudo nas chronicas só se falla em força maritima Portugueza depois da tomada de Lisboa, dando-lhe por Almirante a Fuas Roupinho.

«Nos foraes de Santarem Coimbra e Lisboa, da Era de 1217, isto é 32 annos depois d'aquella tomada, se encontra a seguinte provisão: «De navigio vero mando ut alcaide «et duo spadalarii et duo pronarii et unus petintal habeant forum militum.

«D'aqui concluo ficar provada a minha asserção atraz referida; e tambem que n'aquelle tempo o capitão se denominava alcaide. E mais tarde no reinado do Sr. Aff.º 3.º se falla em Alcaide de Mar na cid.ª do Porto.

«Em vista d'isto, é claro que Fuas Roupinho não podia ter outra denominação posto commandasse as galés.

«Accresce que em Portugal não podia n'aquella epocha existir o titulo d'Almirante quando na França so teve logar mais tarde em 1270. Nem entre nós havia força regular de marinha como é patente e as gales erão montadas por pescadores e cavalleiros.

«Tambem não podia ser fronteiro como diz um scriptor porque este titulo aparece pela primeira vez no reinado do Sr. Aff.º 4.º

«E menos ainda capitão mor do mar por que so ha conhecimento deste posto no reinado do Sr. D. Fernando.

«Por todas estas rasões é evidente que Fuas Roupinho nunca fora mais que Alcaide, e com esta denominação se achão algũs capitaes do tempo do Sr. D. Sancho 2.º que ainda responderam do Sr. D. Diniz á inquirição do que pagavam os Mouros para as armadas, como se pode ver no T. 3 das Dissert. Chronol.

«Eis aqui até onde tenho alcançado, e fique V. Ex.ª certo não me descuido de tudo o que me indica. Espero agora me diga se approva o methodo que sigo passando a maxima parte dos documentos de cada reinado, trabalho improvo e que tem de ser mais demorado do que soffrem os meus desejos.

«Por esta occasião declaro, que sabendo que o cavalheiro Pereira deixava de ser amanuense de V. Ex.ª, pela sua saida para Napoles, intentei sem lh'o participar, por não haver tempo a perder, ir substituil-o; promptificando-me a ir a quaesquer bibliothecas que V. Ex.ª quizesse, pois que passado certo tempo das suas lições me reputaria quasi habilitado, mas como a realisação deste meu desejo fosse para mim a maior ventura por que contava com a benevolencia de V. Ex.ª e com a minha applicação; mas a minha infelicidade fez que tal pretenção fosse encontrada com a resposta que V. Ex.ª deu ao Ministro Castro a uma pergunta analoga. Assim já que não posso ao perto receber as lições de V. Ex.ª espero ao longe grangear a sua estima.

«O Itenerario de M.el Aff.º está ultimado falta o prologo ou noticia historica que ando a fazer. As cartas do Brochado tambem estão quasi acabadas.

Remetto um volume das Memorias da antiga Quim.es que fiz publicar.

«A Carta que V. Ex.ª mandou para o p. Sena Freitas foi entregue como mandava.

domnus curie domni Regis Sancij quod ipse tenebat ulixbonam interroganimus & &. Ista interrogatio fuit facta transactis quinque diebus Julii E m. ccxlviij 1248.

O m.^mo livro fol 55.

Sancius Dei gratia Portugaliæ Rex Pretori ulixbonem et meo almoxarife P. plagii et meo scribano G. Sueri salutem sciatis uere quia gran-

---

Mande-me V. Ex.ª no que lhe for prestavel pois n'isso recebe a maior honra quem é de V. Ex.ª Cr.º Obrg.^mo e se me consentir discip.º *Albano Anthero da Sylvr.ª Pinto Pachêco.*

Carta de Albano Anthero ao Visconde:

«Illmo e Exmo Sr. — Pela carta com que V. Ex.ª me honrou em 27 do mez p. p. [a], vejo tem já mui adiantado o trabalho que quer publicar relativo á nossa marinha, e igualmente o ser dispensado de tractar esta materia que tencionava apresentar lhe.

«Se perdi esta occasião de mostrar o quanto aprecio a amisade de V. Ex.ª, a sua bondade proporcionou-me a de me empregar no seu serviço, que sem duvida não é para mim menos lisongeira.

«Quisera poder enviar-lhe bastantes subsidios, porem o haver estado doente e o pouco tempo de que posso dispôr para exame de documentos, faz com q̃ os meus insignificantissimos trabalhos, mesmo assim sejão morosos.

«Mui poucas noticias temos da nossa Marinha Mercante, e ainda menos da de guerra; e posto a Hist. Compostelana, nos referia o offerecimento que a Rainha D. Theresa fizera a Diogo Gelmirez de o conduzir nos seus vasos á Costa de Hespanha, e o escriptor arabe Al Makkari os combates havidos entre as nossas galés ou barcias, é certo q̃ nenhũa noticia positiva destes acontecimentos possuimos; nem mesmo da pretendida existencia de Fuas Roup.º personagem q̃ não aparece nos documentos do nosso Archivo relativos ao Sr. D. Aff.º H.^es nem sequer como confirmante; e q̃ devêra se fora Alcaide do Cast.º de Mollas = Porto de Moz = ou nos foraes de Leiria ou Lisbôa; o q̃ junto á noticia da sua pouca existencia confirma a opinião de ser esta fabulosa. Como já disse são raros os documentos que interessão aquelle trabalho, e aquelles que tenho encontrado vão juntos a esta para V. Ex.ª examinar sendo mui notaveis o que menciona a Fernando Mĩz como Pretor dos Navios e o que se refere a Marinheiros encontrado no Convento d'Achellas. E esta talvez a primeira noticia segura q̃ tenhamos e que a judiciosa critica de V. Ex.ª dara o valor que merecer.

«Preciso diser a V. Ex.ª que eu não pretendia exclusivam.^te mostrar que os Gascões fossem os primeiros q̃ nos ensinarão a construcção, e a Arte de Navegar, isso seria desconhecer a existencia dos povos Occidentaes da Peninsula não fallando em Gregos e Carthaginenses que visitarao as nossas praias, mas sim p.ª demarcar desde aquelle epocha 999 o meu trab.º, de um periodo tao saliente da nossa Hist. Para o seg.^te paquete verei se posso melhor corresponder a confiança de V. Ex.ª dando alguas noticias do Corpo de Gavetas e Chronolog q̃ ainda falta examinar com mais sizudesa. Sou com o maior respeito e gratidão — De V. Ex.ª — O menor servo *Albano da Sylveira* — Lx.ª 19 de Dezb.^ro de 1845.»

Carta do Visconde a Albano Anthero:

«Paris, 7 de Janeiro de 1846 — Illmo Snr. = Pelo ultimo Paquete recebi a estimadissima e interessante carta de V. S.ª de 19 de Dezembro passado, e com ella os importantes documentos relativos á Marinha Portugueza que teve a bondade de mandar-me.

«Tem V. S.ª muita razão em dizer que mui poucas noticias temos da nossa Mari-

---

[a] E' a que o leitor encontrou a pag. 377, nota

dem rancuram habeo de vobis quare per aliis meis litteris et per meo portario nichil voluistis facere super de rocas marinariis que vobis mandaui adubare unde mando vobis firmiter ut uisis litterîs per quantum înveneritis ad petrum raolis et ad martinum rebolum et ad Rodericum petri et ad suum fratrem et ad stephano fernandi et ad fernandum moniz et ad martinum valada et ad Jhoaneem de ueriel et stephano aliteiro et ad Gonçalvem fernandi faciatis dari ad Jhoanem gordo quantum malum et quantam predam ei fecerunt sic quod jam non veni inde mei queri-

nha Mercante dos primeiros tempos da Monarquia; comtudo não só os documentos publicados por Rymer, e mesmo por Bidle, mas tambem os que se achão em um Codice do seculo XIII nos Archivos de Southampton que o meu amigo e collega M.r Wright secretario da Sociedade Archeologica da Gran Bretanha descobrio, e de que me está tirando uma copia, nos fornecem noticias importantes para este assumpto. Outras investigações donde mui provavelmente se poderião colher noções interessantes a este respeito serie dos Cartorios das Camaras de Municipalid.es das nossas cidades Maritimas, principalmente da de Lisboa e Porto, e das do Algarve. Algumas destas tiverão na Idade Media um commercio consideravel como se prova por varios documentos, e até fizerão parte da Liga Anseatica, da qual Sartorius escreveo uma Historia mui curiosa.

«Quanto ao cargo d'Almirante, os nossos escriptores tratão deste objecto com muita confusão. D. Antonio Caetano de Sousa apezar de ter examinado as cartas deste cargo conferido a varios individuos, e que se achão (diz elle) no Liv.º 1.º das Dextras na Torre do Tombo, não dá uma noticia positiva da differença que havia entre o Almirante das Galés, e Capitão Môr da Armada de Alto Bordo, e de Capitão Mór do Mar, de que trata o Regimento d'ElRei D. Affonso V.

«Brandão diz que Nuno Fernandes Cogominho (que é anterior a Peçanha) assignou um acto que se acha na Torre do Tombo no Liv.º 5 dos Misticos f. 21 — da forma seguinte «Nuno Fernandes Cogominho, *Almirante Mór d'ElRei*, o que seria conveniente verificar.

«Quanto a D. Fuas Roupinho que a Monarchia Lusitana diz que fôra Almirante no tempo d'ElRei D. Affonso 1.º, lembro-me ter visto em um documento de 1142 publicado por J. P. Ribeiro nas Dis. Chron. que se acha como confirmante tomando o titulo de *Colibriæ Praefectus*.

«Permitta-me que lhe diga com o sincero interesse que tomo por V. S.ª e pela sympathia que lhe consagro, que não desanime e que continue nos excellentes e mui uteis trabalhos a que se tem dedicado, que continue com este relativo ao nosso estado maritimo anterior a ElRei D. João 1.º

«Esteja certo que se uma coincidencia *que eu não podia prever*, me privou o grande prazer de o ter immediatamente aqui trabalhando comigo, de que talvez p.ª o anno se poderá dar alguma combinação e urgencia maior que permittão q̃ haja de ter esta satisfação.»

Carta do Visconde a Albano Anthero:

«Paris, 12 de março de 1846 — Ill.mo Snr. = Tive o grande gosto de receber successivamente as suas estimadas cartas de 19 de Dezembro do anno passado e de 8 e 19 de fevereiro ultimo [a]. Agradeço a V. S.ª não só as ditas cartas, mas muito particularmente os valiosos e importantissimos documentos com que as acompanhou. São elles para mim de grande preço, e na asssiduidade e zêlo que V. S.ª tem posto neste negocio e nestas investigações tão uteis para a Historia da nossa Patria tem mostrado que é um homem precioso destinado a prestar-nos grandes serviços.

«São com effeito mui interessantes para a minha obra os documentos sobre o Alcaide e Marinheiros de Tavira e a carta de composição entre D. Affonso 3.º e o Mes-

[a] Não encontrei os originaes destas duas ultimas cartas.

monia et per istum meum portarium Jhoanem plagij faciatis totum hoc emendari et mando firmiter et defendi quod nullus sit qui audiat male facere meis marinariis sed mando quod sint amparati et defensi sicut quicunque melius fuerat et non sint almotazados et quicumque eis male facerit pectavit mihi mile marabitinos et erit meus inimicos et nullus de villa habeat postestam super meos marinarios nisi ego et suum pretor. Datum apud arriel VIII kal.[s] madij per meum mandatum.

Docum.[to] do cart. do Real Mosteiro d'Achellas.

---

tre de Santiago. — Parece-me excellente o methodo que vai seguindo nas investigações compulsando os Indices das Chancellarias. Quanto a doação feita ao Cogominho é uma prova incontestavel de que tivemos Almirantes anteriormente ao Genovez Peçanha.

«As investigações dos Archivos da Camara Municipal de Lisboa podem ser muito fructuosas. Já a este respeito indiquei a V. S.ª o muito que isto importava para podermos saber alguma cousa do nosso Estado maritimo e commercial anteriormente a ElRei D. João 1.º. No Archivo porém talvez se encontrem em cartas de mercês antigas algumas noticias relativas a este objecto. — Agradeço tambem a V. S.ª o favor que me fez em pedir ao Sobrinho do J. P. Ribeiro o que a este respeito pudesse descobrir no Archivo da Camara do Porto. — Do Esmera'do = *De situ Orbis* = de Duarte Pacheco necessito muita cousa. Em 1.º lugar o texto do seu 1.º livro na parte em que elle trata dos descobrimentos do Infante D. Henrique. 2.º O que elle diz ácerca do estado da Cosmographia no seu tempo e do Cabo de Bojador e dos rios e portos junto deste celebre limite da navegação da Idade Media. 3.º se trata circumstanciadamente das nossas relações com a parte d'Africa occidental situada áquem do dito Cabo, e anteriormente ao Infante D. Henrique — As suas Memorias da Asia parecem-me excellentes; logo que acabe alguns trabalhos mais urgentes, tratarei de dar uma noticia dellas á Sociedade de Geographia de Paris. — O seu projecto de publicar uma critica ou commentario dos dous Mss. do Mestre Affonso e uma hydrographia de Duarte Pacheco é excellente. Grande serviço fará em publicar a obra de *Situ Orbis* e da hydrographia. — Vi com a maior magua o que me diz da situação do seu habil, zeloso, e honradissimo Mestre. Tanto quanto eu puder para melhorar a sorte de um Empregado tão benemerito e que tem feito tantos serviços hei de fazel-o. Oxalá que possa d'ahi resultar algum melhoramento! Elle é tão modesto que nunca me escreve uma só palavra ácerca dos grandes trabalhos em que V. S.ª me falla. Muitas cousas conviria fazer para tornar o Archivo o que elle deve ser, maxime na época scientifica em que vivemos até para corresponder ás idêas que ElRei D. João 1.º e D. Manoel conceberão ácerca deste thezouro o mais importante que possuimos. Permitta-me V. S.ª que não só lhe agradeço o que me diz a este respeito, mas tambem que lhe exprima quanto me lisongeou o zelo que V. S.ª toma pelo mesmo estabelecimento. — Remetto incluzo dous exemplares do Relatorio que fiz na Sociedade de Geographia da sua Memoria relativa á descoberta das terras do Preste João e da Guiné. Queira V. S.ª ter a bondade de offerecer um ao seu illustre Pai da minha parte. A p. 10 V. S.ª verá bem como da nota que juntei a pag. 13 o partido que tirei da sua excellente publicação para refutar vigorosamente em poucas palavras uma pequena noticia de M.r d'Avezac publicada ultimamente em um Jornal scientifico desta corte. Este individuo cuja má fé não conhece limites neste assumpto da prioridade dos descobrimentos, tem buscado em um arsenal de sophismas, de chicanas, de repetições & tudo quanto pode para baralhar a verdade historica e para roubar a nação Portugueza a indisputavel prioridade dos seus descobrimentos. Continue V. S.ª a dar-me as suas interessantes noticias e rogo-lhe queira ter a bondade de me remetter os extractos do Esmeraldo de Duarte Pacheco que acima indiquei porque muito necessito delles para o meu trabalho. Pelo meu Relatorio V. S.ª verá o partido que tirei dos que V. S.ª citou ou antes transcreveu na sua Memoria. — Renovo &.

«P. S. — Acabo de receber a sua estimada carta de 25 do passado e os importantes documentos que V. S.ª teve a bondade de remetter-me os quaes muito lhe agradeço.

Este documento é do tempo de Sancho 1.º e foi encontrado p.r mim [a], por occasião de ali ir com o Sr. Alex. Herculano, J.e M.el Severo Aureliano Basto e outras pessoas a uma visita archeologica.

Parece incrivel como este documento exista em hum convento de Religiosas, e é natural ali existão mais de diversa natureza, e como encontramos tanto pa a historia Civil como Judiciaria. Pelo extincção [dos] frades, perdeo-se muita cousa e successivamte se vão perdendo: eu conto desde já o m.mo na extincção das freiras que vão acabando todos os días já pela miseria já pelos annos.

Não vai a carta que se refere ao Alcaide do mar do Porto, por q̃ examinando o proprio docum.to vi era de mil quatro centos e tantos.

Sobre D. Gonç. Camelo nada posso diser, pr me faltar saber o nome patronimico. responderei no segte Paquete, bem como a N. F. Cogom.º. Não aparece deste homem a mercê q̃ deseja, mas temos apenas J.º fernz Cogomº Judex curiæ — talvez seja ascendente.

O Desejo que tenho de responder alguã cousa pr este paquete faz com q̃ não vão mais noticias que successivamte irão.

Carta — qualiter naues et barquete debet desemcarregare in Portum

Alfonsus dei gratia Rex portucalæ et Comes Boloniæ vobis Judici de Gaya et Symeoni micahel meo homini salutem. mando vobis que de omnis Barcis et Barquetis qui uenerint de ripa de Dorio cũ uiuio et cũ lignis et cũ alijs rebus *uócrijs* faciatis duas partes aportarẽ ĩ villam Ecclesiastice de Portum et tertiam partem faciatis aportarẽ ĩ meam uillam de Gaya, et hoc sit dũ mi placuit. Et mãdo uobis que de omnibus nauibus et de omnibus Barcis magnis et parvis qui uenerint de francia uel de Rupella uel etiam de alijs locis cũ pannis uel cũ madeira uel cũ ferro uel cũ quocũque alio metallo faciatis mediatatẽ aportare ĩ meam villam de Gaya et alia medietate faciatis aportare ĩ villam Ecclesiæ. et ubi Barca suee nauis descarregauerit ibi encarreguẽt eam. Mando uobis etiam qui lexetis aportare ĩ villam Ecclesiæ Barcas et Barquetis que uenerint de mari qui fuerint de hominibus ipsius Ecclesiæ de portu. Et omnia supradicti faciatis teneri et observari....... suprius continetur unde aliud nõ faciatis. sin aut toruabo me per inde ad uos.

Datur apud Leirenam Rege mãdãte per Rodrici petri d'spino super indicẽ xvij marcij — Johus sueriz scripsit.

E m. cc L. x ij (1292).

Real Arch. L 1 de Doaç Affº 3 a fol — 6 v.

---

[a] Albano Anthero.

No Foral de Villa Nova de Gaia em frente da Cid^e do Porto

....

«Et si maiordomus siue portarius pignorauerint siue filiaverit nauigium de Rivo et aut de mari mando que dominus de nauigio siue achat custodiat illud de Petri de boym usque ad vilar et maiordomus debet habere suum directum.

Ita si piscatoris uierint ad Galleciã ad piscaudũ et exiuerint de mari et fecerint pousadas et salgauerint piscatum quando uenerint mando que dent maiordomo decẽ pissotas et de unaquæque *carauela* siue *nauigio* et si de illa pousada enuiauerint piscatum ad domos suas dent maiordomo de unaquæque enuiada decẽ pissotas —

«Et *carauela* extranea qui intrauerit per focẽ de portu: cũ mercaturis mãdo que dent maiordomo unũ solidum de intrada, et si uenerit ad Gayam de quanto vendederint aut comprauerint duos denarios dẽt maiordomo de marabitino et de Barca seeyra qui non fuerint de vecino dent maiordomo unũ marabitino de intrada et de quanto uendidrint siue comprauerint dent duos denarios de marabitino et si burcardos trincatos qui nõ fuerint de vecino intrauerit per focem cũ mercatura dent maiordomo unum marabitino de intrada et de quanto vendiderĩt siue comprauerĩt duos denarios dent de marabitino de illo habere que nõ fuerint decimatum et de Burcia qui uenerit cũ panis mãdo que dent maiordomo quatuor marabitinos de intrada.

Et caminos de uobis inquam et concedo que omnis Naues et Barce et Nauigia que fuerint maiora quam pinatia qui intrauerit per focem dorij que mediatas eorum stent ĩ portu de Gaya et alia medietas ĩ portum de villa Episcopi et omnis Naues que portauerint ĩ ipso Portu de Gaya mando et concedo que carreguent et descarreguent ĩ villa de Gaya —

Real. Arch. L 1 de Doaç d'Aff.º 3 fol 12 e 12 v.

Anno de 1288 = Villa Nova de Rey apar do Porto antigamente burgo velho = Om.^mo foral de Gaya —

No Foral de Vianna da Foz do Lima dado em Guimarães a 18 de Junho de 1296 p^r Aff.º 3º se diz =

« . Et ritineo mihi et omnibus successoribus meis tota decimã de omnibus rebus qui intrauerint per focẽ de limie qui soluant eã mihi et similiter retineo mihi et successoribus meis portagine de rebus qui intrauerint et exiuerint per focem limie et piscatoris qui non fuerint vecini de Viana dent mihi et successoribus meis *nauom* per ut dare consueuerint ĩ ipsa marina. —

Et vecini de viana nõ dent decimã regi nisi de rebus que uenerint de portibus francie *et de terra sarracenorum.* Et piscatores vecini de viana non dent mihi decimã de piscato nec nauom —

Real Arch. L 1 de Doac Aff.º 3.º fol 32 e 32 v in fine.

Na carta de foro do concelho de Viãna se repetem as m.[mas] condições —Dada em Guim[es] E de 1300.

L 1 de Doac Affº 3º fol 62 e 63 v.

A' villa do Prado — Os mesmos foros de Vianna.

L 1 de Doaç Affº 3º fol 42 —

Na doação feita p[r] Affº 3º do Cast.º d'Albufeira no Algarve á Ordem d'Aviz

..........Concedimus insuper que si nos uel homines moratores ĩ dicto Castello de Albopheyra nauigium aliquod contra sarracenos armaueritis uel armauerint et illud nauigium in lacco sarracenico applicauerĩt in albopheyra qui nos recípiatis ex inde pacifice et integre quintam partem —

L 1 de Doaç Affº 3º fol 43 v.

Na Carta q̃ D. Aff.º Rei de Castella faz da cedencia perpetua dos preitos e posturas dos cast.[os] do Algarve a D. Affº 3º de Portugal e a seu f.º D. Diniz em rasão do auxilio q̃ lhe prestou por mar e por terra na guerra q̃ teve contra os Reis de Hesp.ª tanto Mouros como Christãos. ....e por la ayuda que nos feziestes en nuestra guerra por mar e por terra — & —

Real — Arch L 1 de Doaç Affº 3º a fol 86 v. in fine E. 1305 —

Note-se q̃ este auxilio foi feito pela nossa marinha de guerra — antes de ser alm[e] o micer Manuel—pena é q̃ não saibamos o nome do capitão que commandou aquella esquadrilha [a].

Carta de composição entre D. Aff.º 3. e o Mestre da Ordem de S. Tiago sobre o Rio d'Alcaçer

Conheçuda cousa seia & aquantos esta carta uirẽ como sobre cõtenda que era antre nos dom affonso pela graça de deos Rey de Portugal e do Algarue da huã parte e uos don Paay pires per ssa meesma graça mestre da Ordem da Caualaria de Santiago ẽ nome denos e de nossa Ordẽ da outra parte. Sobre razõ do Rio quem de Alcaçar aafoz de Palmela e de Setuual e sobrela foz dalpena e do Porto dalmada e sobrelas pescarias Dalmadaa ede Sesimbra ede Palmela ede Setuual e de Alcaçar.

---

[a] Esta observação é de Albano Anthero.

Eu Rey don Affonso sobredicto cõ outorgamẽto de mha molher a Raĩa dona Beatrys filha do nobre rey de Castella e de Leõ e de meus filhos e de mhas filhas dom Denis dõ Affonso dona Brãca edona Sancha. E uos dom Paay piriz mestre sobredicto cõ outorgamto de nosso Cabidoo geeral fazemos tal preyto etal aueença de nossa boa uootãde por prol (pl) de nosso reyno ede nossa Ordem edaq̃les q̃ depois nos ueeram q̃ *de todas as barcas que entrarẽ pela foz do Rio dalcaçar tambẽ cõ panos come cõ ferro come cõ cobre come cõ madeyra come com metaaes come cõ coyros come cõ Cera come cõtodalas outras cousas que entrarẽ aia eñ (ende) el* Rey *a dizima* e desta dizima que eu Elrey ouuer que aia eñ a Ordem a dizima. E outro ssy detodalas cousas que sayrẽ contra o mar pela foz do Rio que uẽ de alcaçar que aia ẽn a Ordem seu dereyto ou como de aueer cõ aq̃les cuias forẽ as cousas e q̃ nõ aia elRey eñ nada. Saluo eñ q̃ o homẽ q̃ este der em Setuual pelo almoxe de Lixboa que filhe fiadores per aq̃las cousas deq̃ elRey deue auer dizima e q̃ as tornẽ aa tra (á terra) segũdo como se usa em Lixboa. E outrossy todos aqueles q̃ entrarẽ pela foz q̃ trouxerẽ cousas de q̃ elrey deue aauer seu dereyto nõ aportẽ alhur senõ em Setuual nẽ se partẽ eñ ata que elrey aia en seu dereyto ese alguñs contra este forem em entrar ou ẽ sayr filhenos por descaregaados. & & &

Dada foy esta carta ẽ Scãren (Santarem) tres dias andados de ffeuerejro elRey o mandou per dom Joham dauoym seu mayordomo mayor e per dom martĩ afonso lupiz e per dom Diogo lupiz e per dom meem rodriguez eper dom Pedre anes e per dom Pedro affonso e per Lourenço soariz de valadares e per Rõy (Rui) garcia de Pauha e per Johan soariz coelho e per ffrey affonso piriz fariã e per martim anes do ambal eper Pedro afonso deçamora e per martim dado alcayde de Santarẽ e per mestre esteuã archidiago de Bragaa e per ffrey Giraldo da Ordem dos preegadores e per fernam fernadĩz cogomĩo (cogominho) e per Domỹgos ihniz (Joanis) seu clerigo e pelos outros de seu conselho. Joham piriz notayro da Corte afez en a Era de mil etrezentos e douze anos.

Real Archi Liv. 3 de Doações de Affo 3. pag. 4 v.

Carta dos dizimos dos navios que saem de Setubal dada ao Mᵉ da Ordem de S. Tiago

Dom Denis pela graça de deos Rey de portugal e do Algarue Auos lourẽço pirez meu Almoxarife e aos meus Scriuaẽs de lixboa e aaqueles q̃ estã per mĩ ẽ setuual saude. Sabede que dõ Johã usores mestre da caualaria da ordĩ de Santiago ximj queixou q̃ ora nouamẽte lhy filharades as dizimas das nauees e dos nauios e dos bayxees que saaẽ per essa foz de Satuual e lhy poedes hi Juiz que ouça as querelas dos do mar e que lhes hides contra seos costumes q̃ ata aqui ouuerõ e husarõ e que lhes nõ guardades as cartas nẽ os priuilegios q̃ teẽ de mĩ e dos Reyx que ante mĩ forõ Eeuquerendo lhy fazer graça e mercee tenho por bẽ e man-

douos q̃ aquelas *dizizimas* /ita/ das nauees e dos nauyos e dos bayxees de que lhys tomades as dizimas q̃ saaẽ per essa foz que a aja comoa antes auya ẽnas outras cousas q̃ husardes cõn a ordĩ como husauades ẽn o tempo de meu padre e no meu. E outrossiuos mando q̃ nõ tenhades hy mays que huũ homẽ e huũ scriuã como sse sempre husou ãteez. E sse lhis algua cousa teẽdes filhado ou testado per esta Rezõ mandouos q̃ lho entreguedes E todas estas cousas sobredictas faço de graça ao dito mestre don Johã usoriz ẽ toda sauida onde al nõ façades. E o dicto mestre ou Alguẽ por el tenha esta carta — Dãte no Sabugal xb (15) dias dabril ElRey o mandou lourẽço steues da guarda affez E. M. C C C xbj anos (1316).

Real Arch. L 3° da Chanc. D. Diniz fol 61 — col 2.

No Foral de Castro Marim

. . . . De nauigio uero mãdo ut alcayde et duo spadelarij eternus petĩtal habeant forum militum. Concedo et ũbs ( ) ut nũquam intrẽt ĩ nauigiũ meũ pedites de castro marĩ q̃tra (contra) suã u'ũtate sine in corũ sit beneplaci uenire per terram aut per mare uenire ad obsequium meũ. facta carta Elbore prima die mady Regy uiãdante.
E. M. ccc xx (1320) —

L. 1 de Doaç. D. Diniz fol. 45 v.

Carta per que ElRey mãdou ao Conselho de Tauira como se mantiresse com o Alcaide do mar e mar.os segundo usarão os de Lisboa

D. Deniz & auos alcaide e aluazis de Tauira saude sabede q̃ eu mandey dizer ao alcayde e aos aluazis de Lixboã que mẽuiasẽ per sa carta seelada do sello do sseu cõselho dizer ẽ como se mãtynhã con o Alcayde do mar e coñ os marinheirs ee como mho mãdarõ dizer enuiouos ende esta carta cõuẽ asaber o alcayde do nauyo e dous espadaleyros e dos proejros (peyros) e huũ petĩtal a foro do caualeyos. — Item os moordomos de Lixboa chegauã e penhorauã en a terra en o mar. saluo q̃ en os marinheiros do cõto que deuẽ seer Lx vj (96) que ordene primeyramẽte a pedir adereyto ao alcayde do mar e se lhos o alcayde do mar nõ der os deuẽ achegar per ssi q̃ uenhã per dãte o alcayde eos aluazys estar a dreyto eseo alcayde do mar chegar esses marinheyos quando lhos moordomos disserẽ nõ deuẽ porẽde esses moordomos perder o seu dereyto ate o deuẽ aauer come sse per eles fossẽ chegados — Item. se alguã aimorda mjha pelo mar de terra de mouros ou doutro logar ỹ atees IX. dias deue aseer chegada pelo alcayde do mar e desque os IX dias paasarẽ deue seer chegada polos moordomos e esses Lxvj (96) marinheiros seos y ouuer deuẽ aauer õrra de caualeyro mẽtre forẽ marynheiros deste cõto. ese morrerẽ sas molheres nẽ seos filhos nõ ficarẽ ẽ õrra nẽ ẽ direito de

caũlo. Item. se frota fazẽ e alguũ sa moora cõ dr (dereito) ou e rreuel ỹo alcayde do mar os penhora ẽeos cõstrãge e este costrangedor e arrẽgador das cousas da frota e dos nauios quando sãrmã — Item mymãdarõ dizer que martim anes (mtinhañs) q̃ foy yrmaão do chãceler quando era alcayde do mar e da terra que metia alcaydes ẽ Cascays e ẽ Sesinbra e nos outros logares quando os pescadores estauã na costeyra e que sese chegauã ou alguã cousa faziã sem guisa q̃ esses alcaydes os prendiã e diziã q̃ esto era per rrazõ da alcaidaria do mar unde uos eu mãdo vista esta carta q̃ uẽs uos mãtenhades assi como aqui scrito con os homees do mar e con o alcayde do mar e eles cõ nosco. En testemunho destas cousas dou ende esta mha carta a Domĩgos iuyaaez Julião alcayde do mar eesa vila Dada ẽ Euora xj (11) dias de mayo ElRey o mãdou per Rooy (Rui) gomez sobre Juiz — Lourẽço martĩz a fez. E m. ccc–xx (1320).

Real Arch.º Livro 1.º D. Diniz a fol. 46 v.

Carta de foro duã Pobraçã que chamã as paredes que iaz en termho de Leyrĩa

Dom Denis pela graça de Deus Rey de Portugal e do algarue. Atodolos que esta carta vyrẽ ffaço a ssaber que eu faço carta de foro aos meos Pobradores assy aos presentes come aos que am de vyr da minha Pobra das paredes que e ẽtermho de Lyrea cõ seos termhos assy como parte pelo couto de Alcobaça edesy como uã pera [?] affonte quebrada e ende como uã seafoz do val de Madeyro per tal preito que seia e morẽ hy os mays homẽs qne poderẽ hy morar e nõ seiã mẽos ca trỹta pobradores e nõ aiã meos ca sex carauellas guisadas e aparelhadas de Todalas cousas que ouuorẽ mester mays seiã mays homẽs e aiã mais carauellas se poderẽ. E mãdo que os homẽs que hy morarẽ que dẽ amĩ e a todos meos successores a dizima de todo o pescado que tilharẽ e no mar assy cõ carauellas como cõ lĩnhas cõ rredes come ẽ outra guysa qualquer que o filhẽ. E por esta dizima que amĩ deuẽ adar nõ se entẽda atolher o dizimo da Eygreia que devẽ auer de direito. E por tal que morẽ e pobrẽ e no dicto logar das paredes dou aos ditos Trỹta homeẽs e atodos seus successores e do meu Regaẽgo de ulmar acada huũ deles per todo sempre tãta herdade que leve sex quarteiros ẽ semeadura. Eles dẽ amĩ e a todos meos successores a quarta parte de todo froyto que Deushy der ẽ saluo. E doulhys eesse rregeẽgo acada huũ ẽ que semẽe tres alqueires de lĩaça pera sas redes e linas e nõ mj dẽ foro dessa linhaça. E estes portadores deuẽ aauer per cinquanos cõpridos adita herdade e adiãte pera sempre se o quiserẽ. Edepoys os v (5) anos sea quiserẽ vẽder vẽdana ou dẽ aatal pessoa que de ende amĩ e a todos meos successores o quarto sobredito dos froytos que De.ˢ hy der ẽ saluo. E de que essa herdade ouuerẽ morẽ na dita Pobração e seiã pescadores e dẽ amĩ e atodos meus successores a dizema do pescado assy como dicto é E seos dictos Pobradores uuerẽ filhos ou Mãcebos ou Mouros que mostrarẽ apescar nõ mj facã foro per v (5) anos depescado que filharẽ cõ linhas esses

que amostrarẽ. En todalas outras cousas my devẽ affazer foro de Leyrea os ditos Pobradores amĩ e a todos meus successores saluo julgada e este nudeua per mar e per terra que nĩ nõ deuẽ nẽ fazer nẽ nĩ deue dar nẽ huã cousa de vinhas nẽ de Almuÿas que fezerẽ ẽ termho das Paredes as quaes cousas lhys quito. E sse pervẽtuyra tormẽta de mar fezer e esses pobradores da dicta Pobração portarẽ ẽ outro porto ou eles de seu grado ala forẽ star a pescar dẽ ende amĩ e atodos meos successores adizima do pescado E por vĩrẽ pobrar o dicto logar doulhys logo dentrada aos dictos pobradores acada huũ deles senhos moyos de pã o quelhys logo mãdey dar pelos meos seruiçaes de Leyrea En testemoho daqual cousa dou aos dictos Pobradores esta minhà seelada do meu scelo do chũbo. Dãte ẽ Coimbra xxviiij (29) dias de Setembro ElRey o mãdou. Manuel eanes afez E. M. ccc. xxiij (1324).

Real Arch. L. 1 da chanç. D. Dinis p. 176 v.

Confirmação do foro dos alcaydes araizes e petintaes das Gales

Dom Denis pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarue aquantos esta carta uirẽ faço saber que eu querendo aguardar aos alcaides arraizes e pitintaaes das minhas Gales os foros e costumes que ouuerõ cõ os outros Reis que ante mĩ forõ e querendolhis fazer graça e mercee outorgolhos en esta guisa que seiã quites deste e danuduua e de fossadeira e das outras peitas que amĩ perteẽce. E elles deuẽ aestar prestes pera entrarẽ nas minhas Galees quando mester fezer. E aquelles alcaides e arraizes e petintaaes que hy forõ assi elles como seus filhos que hy ficarẽ depos elles deuẽ auyr perante o meu almirante e escreuer ẽ seeuo livro eno liuro do meu scriuã per seu mandado saluo seo concelho fez calçadas ou pontes ou muros ou outras cousas que perteece aprol do concelho que nõ seiã escusados que cõ elle nõ paguẽ como por dereito e mandar seu foro. E os Alcaides das ditas Galees aiam honrra dinffançõ. E outrossi mando e tenho por bẽ que se os dictos alcaides arraizes e petintaaes fezerẽ algua cousa ou deuerẽ algũas diuidas que o alcaide nẽ os aluazjs nẽ os mordomos nõ trauarẽ delles nẽ nos costrãgã por nẽ hua diuida que deuã. E aquelles que com elles entẽderẽ aiã alguũ direito tã bẽ per razõ de diuidas come por razõ doutras cousas. Chamẽnos perante seu almirante ou perante seu alcaide do mar. E o dicto almirante e o dicto alcaide façã deles auer cõprimento de dereito aaqueles que os demãdaren peranteles. E en outra maneira mando que nẽgun nõ uaa con elles nẽ lhis faça mal nẽ força. E aqueles que ofezessen eu me tornaria poren a elles e peitarmã os meus encoutos de sex mil soldos. En testemunho desto deilhe esta mha carta seelada do meu seelo do chũbo. Dãte en lixboa sex dias de Janeiro.

ElRey o mandou martin louredo affez. E. m. cccxxxvj (1336).

Real Arch. L. 4 da Chanc. de D. Denis a fl. 1 verso.

[Doação da orta de Salvaterra a Nuno fernandiz cogomyo] [a]

Don Denis pela graça de deos Rey de Portugal e do Algarue a quantos esta carta uirem faço saber que eu enssembra com a Rayna dona Izabel e com o Inffante don Affonso nosso filho primeiro herdeiro querendo faser graça e mercè A Nuno fernandes cogominho *meu Almirante mayor* e Chanceler do Inffante Don Affonso meu ffilho doulhy por herdamento a mha orta de Saluaterra com todolos dereitos e pertenças que eu hy ey en essa orta que el a aia pera todo sempre el e todos seus socessores que depoys del ueerem e faça dela e en ela el e todos seus sucessores toda sa uoontade assi come de sseu herdamento proprio. En testimunyo desto lhy dey ende esta mha carta — Dante en Santarem tres dias de março el Rey o mandou vicente anes a ffez Era Mil tresentos Cincoenta e dous Anos — [b]

Está conforme ao Registo do L.° 3 de Doações de D. Diniz f. 85 v.° e esta Copia se tirou em virtude de Ordens Regias. R. Archivo 10 de Jan.ro de 1846./ — *José Manoel Severo Aureliano Basto.*/

---

[a] Este documento, com mais alguns dos que se seguem, foi reproduzido pelo snr. Ayres de Sá no final do 2.° volume da sua obra «Frei Gonçalo Velho» — Lisboa, 1900. E' o documento DCCVIII, ou seja o 3.° dos «Documentos na integra (Para a historia do almirantado em Portugal nos seculos XII a XV)», pag. 507.

[b] A este documento, e a outro mais adiante (p. 430), se refere a seguinte carta dirigida ao Visconde de Santarem:

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Lx.a 10 de Jan.ro de 1846.

«Em cumpriment.° das Ordens de V. Ex.a conteúdas na sua Carta de 18 de 9.bro de 45, q̃ recebi a 3 de Jan.ro cor.te, busquei os Indices respectivos e não encontrei nem a Carta de Almir.te de Nuno Friz. Cogominho, nem a M.ce de Capitão Mor feita a D. Gonçalo Camello, porem remetto 2 Copias, q̃ servem p.a o intento, uma de certa Doação feita ao d.° Cogominho, onde é tratado p.r D. Diniz = meu Almirante Mayor =, e outra passada a Micer Manoel Peçanha sobre conflicto de jurisdicções com o Alcaide de Lx.a onde, entre outras cousas, manda ElRey D. Diniz guardar os privilegios q̃ o Almir.te etc. houverão = dos Reys ondeu venho e de mim = os quaes lhe serão guardados como forao = em tempos dos outros Reys ondeu venho e no meu e dos outros Almir.tes e Alcaides q̃ em Lx.a ouve = o q̃ prova ser já antigo o d.° Off. de Almir.te no tp.o de D. Dinis.

«Tenha V. Ex.a Festas e annos felizes, como lhe deseja quem tem a honra de ser — De V. Ex.a Sub.to rev.te e s. obrig.mo — *José Manoel Severo Aureliano Basto.*»

Esta carta é resposta á que o Visconde de Santarem dirigiu, em 18 de novembro do anno anterior, ao mesmo José Manuel Severo Basto, official maior do Archivo da Torre do Tombo, nos seguintes termos.

«Tive o gosto de receber pelo ultimo Paquete duas cartas de V. S.a de 19 de setembro e de 10 d'outubro ultimo, e as duas copias que as acompanhavão. Agradeço muito a V. S.a esta remessa.

«No Diario do Governo V. S.a veria talvez a traducção de uma Memoria minha sobre as nossas navegações na Idade Media que li em Março deste anno na Socied.e Geographica de Paris. Tendo preparado outra de grande importancia necessito para melhor illustração de certos pontos que V. S.a tenha a bondade de me mandar o mais breve que lhe for possivel uma copia da carta d'Almirante de Nuno Fernandes Cogo-

Doaçã do logar da pedreira ao Almirãte [a]

En nome de deos amẽ—Sabhã quantos esta carta uirẽ como Eu Dom Denis pela gracia de deos Rey de portugal e do Algarue enssenbra cõ AReỹa (Rainha) Dona Isabel minha molher E con o Inffante Don Affonso nosso filho primeiro herdeiro entẽdendo per seruiço de deos e meu e prol e onrra da minha terra dauer obrigado uos micer manuel peçagno de Genoa e uossos sucessores pera ficardes na minha tenra per meu Almirãte pera seruirdes ẽ esto oficio mỹ e os meus sucessores que forẽ enportugal. dou e dõo aaos pera todo o senpre ẽ lixboa o meu logar da pedreyra peraquel logar per u foy deuisado pera os Judeos cõ casas e cõ terrẽos liure equite e eixẽto assi comeo eu ey. E sse hi alguñs xpaões an casas ou terrẽo ou couas q̃ as aiã seos donos e q̃ aiades uos hy aqle dereito que eu eles auya E quanto he as casas e o terrẽo q̃ eu hy auyã q̃ demĩ tỹhã os Judeos seer todo uosso e dos uossos sucessores. E outrossi tenho por bẽ deuos dar ẽ cada huũ ano tres mil libras ẽ drõs (dinheiros) da moeda de Portugal e q̃ as aiades pelas Rendas dos meos Regaengos deffreelas e dunhos e de Sacauẽ e de camaratj aas terças do ano cõuẽ assaber A primeira terça per primeiro dia de Janeiro que ora foy daera de mil e trezentos e cincoẽta e cinquo anos. que ora anda Ea outra terça por primeiro dia de mayo primeiro que uẽ. Ea outra terça per primeiro dia de Setẽbro e assi en cada huu ano E esto uos dou enffeu ata que uos de alguã villa ou logar pobrado ou herdade tal a meu pagamẽto e uosso que ualhã Renda as ditas tres mil libras pero quanto he as casas e o terrẽo da pedreira que uos eu dou Tenho por bẽ e mando que uos e uossos sucessores o possades dar e uender e ffazer del e nel o que por bẽ teuerdes come deuossa propria herdade possisam. E uos micer manuel deuedes auer o dicto feu en todo tenpo deuossa uida e seruirdes per el amĩ e aos meus successores que forẽ Rex en Portugal como adeãte he scrito Ea auossa morte deueo herdar o uosso filho mayor que ouuerdes lydimo e leigo que ffor pera seruir mĩ e meus sucessores pela maneira e pelas condiçoẽs que amĩ uos uos obrigastes. E assi deuẽ herdar o dicto feu per maneira de mayorgado todolos que deuos per linha dereita decenderẽ ficando senpre no mayor filho lydimo e leigo dos que deuos descenderẽ per linha dereita q̃ ffor pera seruir por el como dicto he e que façã amenagẽ e o Juramẽto que mĩ uos fazedes e que guardẽ as outras cousas que mĩ uos permetedes affazer e guardar no meu seruiço tambẽ amĩ come aos meus sucessores que forẽ Rey ẽ Portugal. E eu sobredicto micel manuel por esta mercee e por este feu que mĩ uos sobredicto Senhor Rey dades pera mĩ e pera os meus sucessores fico logo por uosso uassalo e ffaçouos menagẽ e Juro aos sanctos auãgelhos enque corporal·

---

minho que foi antecessor de Misser Manoel Peçanha. Esta carta deve achar-se na Chancelaria d'ElRei D. Diniz e talvez na de Affonso III. Conviria egualmente examinar na mesma chancelaria, e na de Affonso 4 se se encontrava a carta da mercê de Capitão Mór da Armada de Alto Bordo feita a D. Gonçalo Camelo.

«Sou &.»

[a] Doc. DCCIX de «Frei Gonçalo Velho», pag. 507-513.

mẽte ponho minhas maãos que sirua bem e lealmẽte nas uossas galees per mar cada que uos comprir o meu seruiço e cada que uos quiserdes pero que o meu corpo nõ deue hir sobre mar ẽ uosso seruiço mẽos (menos) que cõ tres gallees. E permeto per este Juramẽto que faço que uos sirua contra todolos homẽs do mundo de qualquer estado e de qualquer cõdiçõ que seia tãbẽ xpaãos come mouros e que guarde e achegue sempre o seruiço e a prol e aonrra uossa e do uosso senhorio per todolos logares que eu poder e souber e que dees mĩ uosso dano e uosso desseruiço per todolos logares que poder e souber e que uos de boõ conselho cada que mho demandardes o melhor que eu ẽtender e souber e que guarde uossos segredos que mi diserdes ou enuyardes dizer e que uos seia entodalas cousas leal e uerdadeiro uassalo auos e aos uossos sucessores que forẽ Rey en Portugal. E esta menagẽ e este juramẽto deuẽ fazer auos sobredicto Senhor e Rey e auossos sucessores que forem Rex em portugal todollos meus socessores que este feu erdarem outrosy como quer que de suso diz que eu e os meus socessores deuemos seruir per mar uos e uossos socessores pero eu permeto per mĩ e por meus sucessores que sse uos sobredicto Senhor Rey ou uossos sucessores que depoz uoos ouuerẽ de Reynar ẽ Portugal fordes per terra en alguã hoste per uossos corpos que eu e os meus sucessores que o ffeu herdarẽ uaamos cõuosco per i uos seruir en essa hoste se uos nos mandardes e en outra guisa nõ deuemos a hir seruir per terra. E sse peruẽtuira eu micer manuel ou meus sucessores que este feu herdarẽ adoecermos ou ouuirmos enbargo lydimo tal que nõ possamos seruir per nossos corpos que seiamos nos escusados ẽton e que nõ percamos nada do nosso porẽ. Outrossy eu micer manuel e os meus sucessores que este feu herdarẽ deuemos sempre teer uỹte homes de Genua sabedores de mar taaes seiã cõuenhauỹs pera alcaydes de Galees e pera arrayzes e que uos sabhã bẽ seruir per mar ñas uossas galees cada que uos quiserdes e uos conprir seu seruiço e deuemolos teer anossa custa continoadamẽte en quanto os nõ ouuerdes mestres que seiã prestes quando mester for pera uos seruirẽ nas uossas galees. Pero quando uos soubredicto Senhor Rey ouuossos sucessores nõ ouuerdes mester seruiço dos dictos vỹte homẽs que eu micer manuel e meus sucessores nos possamos seruir deles ẽ nossas merchandias e enuyalas affrandes ou a Genua ou aalguãs outras partes cõ elas. E sse per uentuira cõtesesse que enuiadees uos assy aalgua parte entanto conprisse auos sobredicto Senhor Rey ou auossos sucessores seruiço deles que uos logo enuyemos per eles e que onde quer que seiã uenhã logo pera uosso serviço. E quando uos sobredicto Senhor Rey ou uossos sucessores ouuerdes mester seruiço dos dictos vỹte homes deuedelo fazer saber amỹ e aos meus sucessores que os possamos teer prestes pera uosso seruiço. E quando forẽ en uosso seruiço deuedeslhys dar ao que for por Alcayde da Galee doze lbs (libras) e meya pelo mes por soldada e por gouernho e pera bizcoito e agua como dicto he. E sse contecer que alguũ dos dictos vỹte homẽs fugirẽ ou morerẽ que eu e meus successores seiãmos teudas de mãdar a uossa custa por outros homẽs sabedores de mar que siruhã uos sobredicto Senhor Rey e uossos sucessores en guisa que aiades sempre cõprimẽto dos dictos vỹte homẽs

como dicto he. E que pera esto aiamos espaço de viij /8/ meses pera enuyar aqueles que ẽn (end) uŷguarẽ e pera os trager aauossa terra. Pero de alguũ dos dictos uŷte homẽs adoecer ou ẽuelhecer en uosso seruiço ou dos uossos sucessores ẽ guysa que nõ possam seruir que eu nẽ meus sucessores nõ sseiamos teudos demãdar por outros en logar deles enquanto esses homẽs forẽ uiuos e nõ poderẽ seruir. E assy eu e os meus sucessores que este feu herdarẽ deuemos mãteer pera sempre os dictos uŷte homẽs de Genua pera uosso seruiço e dos uossos sucessores que forẽ Rey en portugal. E eu sobredicto Rey Don Denis assi o outorgo. E permeto por mŷ e por meus sucessores affazer teer e aguardar as cõdiçõoes e as outras cousas que en esta ccarta son cõteudas e postas antre mŷ e uos, e os uossos sucessores.

E demays querendo fazer graça e mercee auos micer manuel e auossos sucessores tenho por bẽ e mando que uos e os uossos sucessores que este feu herdarẽ aiades pera uos aquinta parte de todalas cousas que guanhardes e filhardes per mar nas minhas Galees daquilo que tomardes aos ẽmigos do nossa fe ou aos ẽmygos da minha terra pero que sse nõ entenda que uos deuedes aver o quinto dos cascos de Galees nẽ doutros nauyos se os tomardes nẽ das armas nẽ dos aparelhos delas que lhy tomardes nẽ de mouro de merce seo tomardes porque estas cousas son liuremẽte dos Reys pero quanto mouro de merce seo eu ou meus sucessores quisermos tomar deuemolo cõprar pelo custo que he husado no meu senhoryo que son E en lbs (libras) de Portugueses e do preço que por el dermos auerdes uos a quinta parte. E quero e mando que uos micer manuel e uossos sucessores que o dicto feuherdarẽ aiades Jurisdiçõ e poder sobre todolos homẽs que comuosco forẽ nas minhas galees tabẽ enffrota como ẽ armada en todolos logares per u andardes per mar. E nos portos da terra hu sayrdes fora. E mãdo que façã per nos e uos seiã mandados come asseu Almyrante e assi como fariã polo meu corpo meesmo se hy fosse. E que aqueles que nos nõ forẽ obedientes ou bẽ mandados que lho stranhedes nos corpos cõ direito e cõ justiça secundo o merecerẽ assi comoo eu faria se hy ffose. E outrossy mando q̃ todolos que ẽssas Galees forẽ seiã obedientes e mandados aos alcaides que uos ẽ elasposerdes entodalas cousas come asseo Alcaide e como he de costume e esto se entẽda do dia que armardes Galees ou nauyos ata o prestumeiro dia que desarmardes. Outrossi tenho por bẽ que os meus scriuaães que fforẽ nas Galees que Jurẽ amĩ e aos meus sucessores que bẽ e direitamẽte escreuã ẽ seos liuros as cousas que no mar guanhardes e as outras cousas que deuẽ screuer e de que deuẽ dar fe ẽ guisa que seiã aguardadas amŷ os meos dereitos e acada huũ os seos E sse per uẽtura contecesse que uos micer manuel ou uossos sucessores que este feu herdassẽ no leixasse assa morte filho barõ lydimo e leigo que seia pera esto seruir ou hy nõ ouuesse outro herdeiro barõ lydimo e leigo que de uos decenda per linha direita lydimamẽte nado que entõ offeu se torne aacoroa do Reyno de Portugal sen contẽda nẽnhũa E por esto ser firme e nõ uyr poys enduuida mandey eu faser duas cartas duũ teor das quaes eu deuo teer hũa e uos micer manuel a outra e mãdeyas seelar cõ meu seelo do chũbo. E eu sobredicto micer manuel so escreuy cõ

mha (minha) maão o meu nome ẽ cada hũa delas. Dãte en Santarẽ primeiro dia defeuereiro El Rey o mandou. Domĩgos anes affez. E. m. ccc Lv (1355) anos — Ego micel manuel pezagno. ElRey auỹo: —

Real Arch. L. 3 da chanc. D. Diniz afl. 108 col. 1 in fine.

[*Carta per que o Almirãte ha de mãteer vite homẽs que sabhã de mar*] [*a*]

Don Denis pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarue Aquantos esta carta virem faço saber como antre as outras cousas que micer manuel hade fazer e manteer no seu seruiço ha de trazer vynte homens de Genua sabedores de mar que seiam conuenhaueis pera Alcaides de Galees e pera arrayzes que me sabham hy bem seruir e em quanto os eu nom ouuer mester que os mantenha el a ssa custa E quando er forem em meu seruiço que eu lhis de soldadas e quitações segundo he conteudo nas cartas que antre mim e el som feitas. E porque o dito micer manuel diz que nom he certo se os ditos homens porque el ia mandou queiram ficar todos ou alguum deles na mha (minha) terra pediume que lhy desse tempo pera enuyar por outros tamtos quantos menguassem dos vinte e que lhis fezessen a custa delos a primeira uez E eu tenho por bem de lhy fazer sobresto merce em esta guisa que se os ditos vynte homens ou alguum deles agora esta primeira uez que ueerem nom quiserem ficar na mha terra nem sse obrigar pera seruir que o dito micer manuel aia espaço de oyto meses pera enuyar por outros tantos quantos minguarem dos uinte e que eu lhys pague a despesa dessa uez primeira e nom mays per aquel custo que ora custarom os ditos vynte homens porque el mandou A Genua por tres meses porque os mandou Alugar e pera esto aiam espaço estes homens pera dizer se querem ficar pera seruir ou nom do dia que sse comprirem os tres meses porque os ora Alugarem ata quinze dias depoys e se ata eses xv dias se calarem ou disserem que querem ficar que des hy adeante nomsseia eu tendo de dar nada a outros porque micer mãnuel enuie quanto per Razom da custa da uinda deles Ainda que sse esses depoys uaão mays se ante que seiam compridos os xv dias depoys dos ditos tres meses disserem que sse nom pagam de seruir como dito he entom deuo eu pagar a custa pera outros tantos quantos minguarem dos vynte porque micer manuuel deue enuyar essa uez primeira e nom mays. E delos xv dias adeante deue o dito Micer manuel e seus sucessores Affazer vyr semsre aassa custa Aqueles homens de Genua que minguarem dos ditos uinte que an de mantener no meu seruiço e dos meus sucessores que forem Rex en Portugal como conteudo nas ditas cartas de aueença que sson feitas antre mim e el. En

[*a*] Doc. DCCX de «Frei Gonçalo Velho», pag. 513-514.

testemunyo desto lhy mandei dar esta mha carta. Dante em Santarem cinquo dias de ffeuereiro el Rey o mandou Joham domingues affez. Era mil trezentos cincoenta e cinco anos — Steuam da guarda.

Inserta no L. 3.º da Chanc. D. Diniz a fol. 109.

Carta da merce d'Almirante a Paçanho [a]

Dom Denis pela graça de Deos Rey de portugal e do Algarue Aquantos esta carta virem faço saber que querendo fazer graça e mercee A micer manuel genoes meu vassalo façoo meu Almirante moor E mando a todolos meus Vassalos cossairos e a todolos outros Alcaides de Galees e arrayzes e officiaaes que a este officio perteecem que ffaçam seu mandado e lhy seiam obedientes e façam por el como por meu Almirante moor e aqueles que o assi fiserem fazer-lhis ey porem bem e mercee. E os que doutra guysa fezerem lazerar lho am os corpos e os Aueres como daquelles que passam mandado de Rey e de ssenõr e que non obedcecem A sseu Almirante En testemunho desto mandey dar ao dicto Micer manuel esta minha carta. Dante em Santarem dez dias de ffeuereiro elRey o mandou Joham domingues affez — Era mil trezentos cincoenta e cinquo Anos — Steuam da guarda.

[Real Arch. — Chanc. de D. Diniz, Liv º 3º, fl. 109].

Carta per que seia cõffirmado pera sempre o almirante de Portugal [a]

Don Denis pela graça de deos Rey de Portugal e do Algarue aquantos esta carta virẽ faço saber que eu querendo fazer graça e merce a micer manuel meu vassalo façoo meu almirate moor e depois da morte mando que o seia o sseu filho moor que hy ficar que herdar offeu que eu dou ao dicto micer manuel e assi os outros seos sucessores todos que o feu herdarẽ secundo he conteudo nas cartas que son feitas antre mĩ e el e que assi en como ouuerẽ offeu que assi aiã o almirãtado per linha direita pela maneira e cõdiçõẽs que sou cõteudas nas dictas cartas. E mãdo atodolos meus vassallos cossayros e alcaydes de Galees e arrayzes e officiaaes que a este officio perteẽcer e atodolos outros homẽs de mar que cõ eles forẽ ẽffrota ou ẽ Armada ou en outra cossaria de mar que lhys seiã obediẽtes e mãdados e que façã por eles come por meu almyrãte moor. E mando que possa tirar e poer nas Galees alcaydes e arrayzes officiaees que hy comprirẽ como vyrẽ que seera mais meu seruiço de deos e meu e dos meus sucessores que forẽ Rey ẽ portugal que aiã todolos podryos que os outros meos almirãtes de dereito e de costume ouuerõ sempre nos homes da coparia do mar. E aqueles que hy forẽ mandados e obedientes come asseu Almyrãte eu lhys farei porẽ bẽ e mercee. E os que

[a] Doc. DCCXI de «Frei Gonçalo Velho», pag. 514-515.
[b] Doc. DCCXII de «Frei Gonçalo Velho», pag. 515-516.

doutra guisa offezerẽ lazerarlhoã os corpos e os aueres come daqueles que passã mandado do Rey e de Senhor e que nõ obedeeçẽ asseu almirãte. E mãdo a el que per aquel poder que de dereito e de costume deue auer ẽ eles que lhy lo estranhẽ e lho vede secundo o deue ffazer de dereito e de costume e que esto meesmo façã os outros seos sucessores que o feu herdarẽ e o almirãtado assi como he conteudo nas cartas que antre mj e o dicto micer manuel son feitas. En testemunho desto mãdey dar ao dicto micer manuel esta minha carta seellada cõ meu seelo de chũbo Dãte en Santarem vỹte e tres dias de ffevereiro el Rey o mãdou Joham doiz (domĩgos) affez. E m. iij[c] Lv (1355) anos Steuã da guarda. =

Real Arch. L 3 da Chanc. D. Diniz a fl 109 v. col 2 in fine.

Carta por que deo ao Almirante em cada hum anno tres mil libras [a]

Don Denis pela graça de deos Rey de portugal e do Algarue auos Affonso peres meu almoxarife das minhas aueẽças e dos meus scrivaaes de Lixboa saude uos sabedes como uos eu mãdey per minha carta que dessedes a micer manuel meu almirãte tres mil libras (lbs) ẽ cada huũ ano aas terças do ano e que lhy começassedes a dar per primeiro dia de Janeiro que ora foy mil libras que era a primeira terça e per primeiro dia de mayo que nẽ as outras mil libras e por primeiro dessetẽbro as outras mil libras. E que assi offezessedes ẽ cada huũ ano nos e todolos outros meus almoxarifes que depos nos hy ffossen. E pera os auer melhor parados mandeuos que lhos fezessedes auer polas Rendas dos meus Regaẽgos de ffreelas e dunhos e de Sacauẽ e de Camaratj e que costrengessedes os Rẽdejros ou aqueles que por mj ouuesse de veer esses Regaẽgos que lhy pagassẽ ẽ cada huũ ano essas tres mil libras. E agora micer manuel ẽuyome dizer que nos dissestes que lhy nõ dariades nada per essa minha carta per que nõ dizia hy que lhas dessedes senõ das Rendas dos dictos Regaẽgos e que vos nõ auyades hy deueer esses Regaẽgos E semelhanes que dizedes sen Rasõ calhy nõ paraua en essas libras nos dictos Regaẽgos senõ pera as auer per i melhor paradas e que outrẽ aia deueer essas Rendas sabedes uos que mandaua eu que lhes fezessedes dar de quem quer que as ouuesse deueer é que os costrẽgessedes que lhas dessem ca eu lhas Receberia en couto de mays que minha uoõtade era que eu quer que as podessedes auer que lhas dessedes Porque nos mando que lhy façades logo dar as dictas mil libras que ouuer per Janeiro tãbẽ desas Rendas desses Regaẽgos come onde quer que as possades auer das minhas Rendas de lixboa e que trabalhedes como lhy façades paga das outras oũ quer que as possades auer aos tẽpos que son cõteudos ẽ essa minha carta E mãdalos outros meus almuxarifes que depois nos hy forẽ que assy offaçã E uos scriuaaes screuede ẽ nossos liuros cõmo lhas pagarẽ e de que Rendas pera os Receberẽ en encõto aos almuxarifes ou aos Rendeiros ou daqueles que per mj ouuerẽ deueer

[a] Doc. DCCXIII de «Frei Gonçalo Velho», pag. 516–517.

os dictos Regaẽgos aquaesquer que lhos pagarẽ ũn al nõ facades. Eo dicto micer manuel tenha esta carta. Dãte en Santarem vij (7) dias de março. ElRey o mãdou Johã doiz (Domingos) affez E m. iij[c] L e cinquo (1355) Steuã daguarda.

Real Arch. L 3 da Chanc. D. Diniz a fl. 109 v. col. 2.

Doação do Castello e Villa d'Odemira ao Almirante [a]

En nome de deus amen Sabbam quantos esta carta vyrẽ C° (como) eu Don Denis pela graça de deos Rey de Portugal e do Algarue enssẽbra cõ a Rẽya (Rainha) Dona Isabel mha (minha) molher e Con o Inffante Don Affonso nosso filho primeiro herdeiro Entendo por seruiço de deos e meu e prol e onrra da mha terra dauer hobrigado vos micer manuel peçanho degenua meu allmirante e meu vassallo e os vossos soçesores pera ficardes na minha terra e seruirdes mĩ e os meus successores que forẽ Rey en portugal no offizio do almirãtado Tiue por bẽ deuos fazer meu Almirãte e vos ficastes entõ por meu vassalo e obrigastesnos por uos e por uossos sucessores amĩ e aos meus sucessores que teuessedes sempre vĩte homẽs de Genoa. sabedores do mar pera nos seruirẽ per mar nas nossas galees quando cõprisse e que enquanto andasse ẽ meu seruiço oudos meus sucessores que lhys pagassemos uossas soldadas e quitações e quando nõ andassẽ en uosso seruiço que uos e uossos suçessores os mãteuessedes e uos seruissedes deles assi como mays cõpridamẽte he cõteudo nos priuilegios que amtre mĩ e uos forõ feitos en que conta per qual guisa uos e uossos sucessores deuedes seruir mĩ e os meus sucessores cõos dictos homẽs per mar e outrossi per terra hu nos fossemos cõ nossos corpos cõnprir estes seruiços aq̃me uos obrigastes Tiue por bẽ de uos fazer doaçõ puramẽte das mhas (minhas) casas e terras da pedreira hu morauã os Judeos em lixboa. E demays deiuos ẽ nome do ffeu que ouuessedes en cada huũ ano tres mil libras de Portugueses pelos meus Regaẽgos de ffreelas e de Hunhos e de Sacauẽ e do Camaratj e que este feu e o officio do almirãtado herdasse aqueles uossos sucessores que deuos descendessẽ que fossẽ barões lydemos e leygos e taaes pera seruir mĩ e os meus sucessores como dicto he. assi como se côta mays cõpridamẽte nos sobredictos priuilegios que antre mĩ e uos son feitas agora ueẽdo eu que este ordihaãmẽto (ordinhamento) deste preito que é firmado antre mĩ e uos he perduravel e dura sempre e querendo deos e uos e ẽ aqueles que deuos decenderẽ Porẽ q̃rendo eu catar maneira de mayor ffirmaçã como a este feito perteẽce Tiue por bem que este feu fosse posto en herdade ou ẽ terra certa que he mais conuenhauel pera ser dada en ffeu que os dinheiros que uos eu de começo assineey pelos sobredictos Ragaẽgos desi per que amĩ cõpre que os dictos Regaẽgos fiquẽ amĩ eisentos que nõ mãdes nos nẽ uossos sucessores per eles as dictas tres mil libras outrossi por que eu permeti

---

[a] Doc. DCCXIV de «Frei Gonçalo Velho», pag. 518-523.

a uos quando comigo ficastes que este feu que uolo desse en terra en algua villa ou ẽ alguũ logar poboado e boõ tãto que o podessem fazer Por todas estas Razões assinadamẽte querendouos fazer maior graça e mercee por grandes merces por grandes seruiços que mĩ uos fezestes enguisa que uos e os uossos suçessores que este feu herdarẽ aiades mateẽça onrrada como perteẽçe a este officio do almirãtado. Tenho por bẽ deuos dar logo e outorgar por Jurderdade. O meu castello e amha (aminha) uila de Odemira cõ todos se[us] termhos e cõ todos seos dereitos e Rendas e perteẽças assi comoo eu ey e de dereito deuo auer e cõ a Justiça e cõ todo Jur e Jurisdiçõ e senhoryo Real que eu ey e de direito deuo auer saluo omõtado dos gaados do termho de Odemira que deue seer meu e dos meus sucessores como agora he E as apelações do dicto logar deuẽ uyr auos e auossos sucessores que o feu herdarẽ quando fordes na mha (minha) ou aqueles que uos deixardes en vosso logar. E deuos e deles uỹr aapelaçõ amĩ e aos meus sucessores como se husa e aguarda en todalas uilas e logares do meu senhoryo E uos e uossos sucessores deuedes colher mim e os meus socessores que forẽ Reys en Portugal no dicto castello e villa pagado e hyrado com poucos e cõ muytos cada que uos cõprir E outrossi deuedes del ffazer guerra e tregoa e paz per meu mãdado e dos meus sucessores E outrossi sse hy forẽ achados ueeiros de [a] metaaes seerẽ meus e dos meus sucessores. E nõ deuedes hy colher nẽ deffender os meus ẽmygos nẽ nos ẽmygos da minha terra assabẽdas E tanto que o souberdes nõ uos teerdes hy mays. Outrossi se hy aportarẽ per mar Naues ou barcas cõ cousas que tragã deffrança ou dalẽ mar ou doutras partes que a dizima Real seia en minha (ita) e dos meus sucessores E uos deuedes auer a dizima do pescado que hy portar e todolos outros dereitos que nõ tangẽ aadizima Real. Outrossi uos dou e outorgo por Jur derdade o meu Regaẽgo dalgees da par de lixboa como parte pela agua dalcantara e como parte cõ outro Regaengo dueiras pelo Rio de Ninha e como parte cõ nas herdades que eu dei desse meu Regaengo dalguez ao meu mõn (mosteiro) dessam Denis dodiuelhas e como parte com outros hereos daredor cõ que de direito deue partir assi como ora eu ei esse Regaẽgo dalguez e de dereito deuo dauer e cõ o ssenhoryo e iurisdicõ dos homẽs que morã e morarẽ en esse Regaengo e que possades hy poer Juiz e vigairo denossa maão assi como ora hy anda e as apelações desses juiz e uigairo deuẽ hyr primeiramẽte auos e auossos sucessores e deuos e deles uyr (virem) amĩ e ameos sucessores como direito he e que aiades todolos direitos e Rendas que eu ey e de direito deuo dauer en esse Regaẽgo. saluo huũ almargẽ en alguez que e meu stremado onde ei prado pera os meus Caualos que nõ uay en esta dooçõ e que deue ficar amĩ e ameus sucessores pero nossos caualos. E uos nẽ uossos sucessores nõ deuedes uẽder nẽ dar nẽ ẽ nẽhũa maneira alhear os ditos castello e villa e Regaẽgo nẽ parte deles mais ficarẽ sempre entregamẽte auos e auossos sucessores que ho feu erdarem pera seruir por elles mim e os meus socessores

[a] Em vez de ***ueeiros de***, o sr. Ayres de Sá leu ***no eirado***.

pelas maneiras e cõdiçõẽs que sson conteudas nos ditos priuilegios que o aviades deffazer pelas ditas tres mil libras pero que tenho por bẽ por que este Regaẽgo dalguez pode cõprir amĩ ou ameus sucessores que sse eu ou meus sucessores dermos auos algũa villa ou logar pobrado e bõo aprazimẽto nosso e uosso ou dos uossos sucessores eu cãbho por elle que seia aguisado que uos tomedes o Canbho per el pelas cõdiçõẽs sobredictas per que uos dou o dicto Regaẽgo e leixardes anos a dito Regaẽgo. E sse uos ou uossos sucessores en este Regaẽgo cõprardes alguas herdades daquellas que as hyam foreyras e hy fezerdes algua bẽffeitoria que seiades teudo de deixar amĩ ou a meus sucessores todo aquilo que hy cõprardes ou guanhardes cõ a bẽffeitoria que hy fezerdes sesse Regaẽgo auos tornar per- cambho como dicto he pagãdouos nos ãte o que uos custarẽ e abenffeitoria que hy fezerdes. E quero e mãdo que os sobreditos priuilegios que forõ feitos antre mim e uos quando loguo comigo ficastes que valham e estem em sa força pera sempre antre meus e uossos sucessores saluo eu as dictas tres mil libras que nõ deuedes auer pelos dictos Regaẽgos deffreelas e dunhos e de sacauẽ e de Camaratj nẽ uollas deuo eu nẽ meus sucessores adar pois que uos eu dou os sobredictos logares de odemira e daliez que ualẽ tãto e mays que eles porque prouge amĩ deuos fazer hy mayor graça como dicto he. E sse per uẽtura contecesse que uos micer manuel ou uossos sucessores que este feu herdarẽ nõ leixasse assa morte filho barõ lydimo o leigo que seia pera esto seruir ou lhy nõ ouuesse outro herdeiro barõ lydimo e leigo que deuos decenda lydimamẽte per direita linha que entõ o dicto feu se torne da coroa do Reyno de Portugal sen cõtẽda nẽhũa. E per que depoys algũus poderiam poer contenda en hua palaura que he conteuda nos priuilegios que antes forõ feitos e enestes outrossy hu diz que se hy ficar herdeiro barõ lydimo e leigo que sera tal pera seruir en este officio que este herde offeu e sse hy tal nõ fficar que se torne offeu aacoroa do Reino e alguus que per forteleza de vogaria queriã dizer que nõ era pera seruir o que ficasse menyno sen Reuora e que nõ deuia auer offeu poys nõ podia seruir. E eu pera tolher esta duuida declaroo en esta guisa que ali *hirdes* [*a*] que seia tal pera seruir que sse entenda que seia saõo de seu corpo e desseus mẽbros e per mĩgua de hydade nõ perder nada de seu direito nẽ leixe porẽ derdar offeu... a el ou osseu Tetor darẽ outro que seia cõuenhauil que siruha por el quando a mĩ ou ameos sucessores cõprisse seu seruiço. E sse el ou seu tetor nõ poder auer tal que por el siruha que eu ou meus sucessores..... [*b*] alguũ caualeiro cõuenhauel pera seruir en logar do que ficar sen Reuora quando anos cõprir seu seruiço e pruuerlhy o tetor pola hyda que fezer en nosso seruiço como for aguisado e esto se faça quando anos cõprir seu seruiço em quanto o menyno nõ for de Reuora pera seruir per si. E quando o mayor filho fosse tolheito do corpo ou dos mẽbros que nõ fosse pera seruir este officio do almirã-

---

[*a*] Em vez de ***hirdes,*** o sr. Ayres de Sá leu ***hu diz***.
[*b*] Á palavra ***sucessores,*** o sr. Ayres de Sá fez seguir estoutras: ***catemos alguun caualeiro.***

tado tornasse offeu ao outro seu Irmaão depoiz el sse ouuer ou a Tio ou assobrinho que seia saão pera seruir como dicto he e que seia descendente de uos micer manuel e o mays chegado auos per linha dereita descendendo deuos lydimamēte. Eu sobredicto micer manuel conhecēdo auos sobredicto senhor Rey senhoryo e vassalagē que uos eifeicta e muytas merces que deuos Receby e Recebo polas quaes uos de nostro senhor deos bõo galardõ eguise amĩ sempre que uolo possa seruir outorgo e prometo por mĩ e per meus sucessores que este feu herdarē a comprir e guardar todas estas cousas desuso dictas e cada hũa delas que nũca uenha cõ elas e conhosco que assi passou todo esto ante uos sobredicto senhor Rey e mĩ e como en esta carta deste priuilegio he cõteudo e assi ficou firme antre nos. E eu sobredicto Rey Dom Deniz assi o permeto aguardar por mĩ e por meus sucessores e que nõ uenhã contra esta. E os meus sucessores que o assi aguardãrē e fezerē aguardar nõ lhymetendo hy *escutima* nē pontaria nē outro embargo abençõo de deos e a minha seia sempre cõ eles. E os que en outra maneira fezerem nõ na aiã nē lhys seia outorgada. E pera esto seer firme e estauel pera sempre nõ uirē poys en duuyda mãddey fazer duas cartas deuũ teor e seelar do meu sello de chumbo das quaes eu e uos micer manuel deuemos..... senhas. E eu micer manuel soescreui en cada hua delas o meu nome com mha (minha) maão. Dãte en Benffica apar de lixboa xxiiij (24) dias de Setembro ElRey o mãdou *Domĩgues anes* affez Era m.ccc.lvij (1357) anos.

Real Arch. L. 3.º da chanc. D. Dinis a fl. 127 v.

Carta de foro e de Doação da Villa d'Odemira ao Almirante [a]

Dom Denis pela graça de deus Rey de portugal e do algarue auos alcaide e aluazis e Tabalioẽs e Concelho dedemira e de seos termos saude sabede que eu fiz doaçõ dessa villa e castello e de seos termhos amicer Manuel meu almirante e a seos sussessores que o feu herdassassē [ita] pera seruir ooffizio do almirãtado assi come conteudo nos priuilegios que antre mĩ e ele sõ feitos. Por que uos mando que lhy obedeessadas e façades seu mandado assi come por nosso Senhor e que lhy arrecadades e façades arrecadar bē e dereitamente cõ todolos dereitos e Rēdas que en ele ha dauer. Outrossi lhy obedecede en feito de Justiça e as apelaçõees dos aluazys ou Juizes desse logar uenhã a ele e asseos sussessores que o feu herdarē quando forē na mha terra ou aaqueles que en sseu logo leixarē. E deles virem amĩ e ameos sussessores como sse husa e guarda en todalas outras villas e logares do meu senhoryo E uos assy ofazede cõprir e aguardar. E aquelles que o assi fizerdes farey uos eu porē mercee. E os que doutra guisa fezessen aos seos corpos e aueres me tornarya eu porē come aaqueles que nõ conprem mandado de Rey e de Senhor e que nõ obedecē asseu senhoryo. E por ueer como hy comprides o meu mandado mando que o dicto almirãte ou outrē por ele

[a] Doc. DCCXV de «Frei Gonçalo Velho», pag. 523-524.

tenha esta carta. Dante en Benffica vīte e cinquo dias de Setembro. ElRey o mandou. Joham roīz affez. Era de mil e trezentos e cincoēta e sete anos. Steuā da Guarda.

L 4 da Chanç. D. Diniz fl. 82.

Carta por que departirō o campo da pedreira antre os ffreires da Trindade e Micel Manuel almyrāte [*a*]

Dom Denis pela graça de deus Rey de portugal e do algarue anos alcayde e aluazys de lixboa saude Sabede que mice manuel meu almirāte xemy querelou que os frades da Trindade lhy tomā osseu campo da pedreira que lheu dei. soterrando hy os homēs peralho alhearē e fazerē perder osseu Dereito. E eu mandey hy pera partir esto e que assinaassē alguū logar certo pera o (mōn) monasteiro e que di adeante nō tendesse os frades mays pelo campo de micer manuel. E aqueles que eu hy mandei partirō essa contenda e derō medida certa pera u fosse do monasteiro. E tomarō hy peça do Campo de micer manuel assi come conteudo ē huū stormēto que nos el mostrara feito per Tabaliō de como entō ficou partido. agora o dicto almirāte diz que sse trabalhā ainda esses frades dexelhy meter pelo seu campo e soterrar hy os mortos. E esto nō tenho eu por bē; Por que uos mando que uaades hy e ueede esse stromento ē que he comtehudo como aqueles que eu hy mandei terminharō essa contenda e fazedeo assi manteer e aguardar. E deffendede da minha parte a esses frades que lho nō passē nē lho cōsentades-uos que o passē nē que soterrē os mortos no cāpo de micer manuel e poede peri boas diuisōēs e marcos peru deve seer partido osseu monasteiro. En guisa que nō ua hy depoys contenda unde al nō façades. Dāte en Benffica uīte e cinquo dias de Setembro e ElRey o mandou Joham doiz affez E mil trezentos e cincoenta e oyto anos.

Real Arch. da Torr. do Tombo — L 4 da Chanç. de D Diniz a fl. 86.

[*Conffirmação do fforo dodemira*] [*b*]

Dom Denjs pela gracia de deus Rey de portugal e do algarue aquantos esta carta uirē faco saber como eu ouuesse dado o meu Castello e a villa de dimira amicer manuel meu Almirāte e asseos suscessores consseos termhos e perteenças e cō osseu senhoryo dos homēs que morā ē esse logar ou morarē daqui adeante per razō do offizio do almirantado e que me elesan deseruir agora odito almirante me disse que a el prazia que os boōs fforos e costumes e husos que o concelho de Odimira ouuerō no tempo del Rey Dom Affonso meu padre e nomeu que lhy fosse aguardados e pediume por eles mercee que lhos conffirmasse. E eu sen pre-

[*a*] Doc. DCCXVII de «Frei Gonçalo Velho», pag. 525-526.
[*b*] Doc. DCCXIX de «Frei Gonçalo Velho», pag. 527-528.

juizo e seu Dano do meu almirãte e dos seos sucessores e sen ẽbargo da doaçõ e jurisdiçõ que lheu dey esse logar querendo fazer graça ao dicto Concelho d'Odemira outorgo e conffirmo a eles seos foros ehusos e costumes boõs que ouuerõ no tempo del Rey Dom affomso meu padre e no meu. En testemunho desto mãdevlhy dar esta minha carta seelada do meu seelo do chumbo. Dãte en Santarẽ xxij (22) dias diffeuereiro ElRey omandou Joham martins affez E m. ccc Lix (1359) Steuã daguarda.

Real Archivo — Chanc. de D. Denis a fl. 134 v. do L.º 3.º.

[*Carta per que os aRayzes e alcaides e petĩtaaes nõ Respondã senõ per ante o almirãte*]. [a]

Dom Denis pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarve a quantos esta carta virem faço saber como fosse duvida antre Micer manuel meu Almirante e fernam rodrigues meu Alcayde de lixboa sobre Algumas cousas que dizia o dito Almirante em que lhy o dito Alcayde tomaua A Juridiçom do Almirantado e sobre agrauamentos que dizia que os seus homens e os Alcaides e arrayzes e petintaaes que son dessa juridiçon Recebyam dos homes do alcayde e sobre outras cousas en que dizia o alcayde que o Almirante e os seus passavam o mays do que deuyam contra o sseu offizio E eu sobresto fiz uiir perante mim o dito Almirante e o dito Alcayde e ouuy o que cada huum dizia que algumas cousas que hy Recrecerom mays que deuyam da huma parte e da outra que non fora a culpa de nemhuum deles mays que os seus homens deles moueron Algumas tenções e palavras de que a eles non prougue e que eles que o partiron como deuyam pera nom poder recrecer depoys Antre eles contenda nen Antre os seus homens sobre las cousas que perteecerem aos offizios de cada huum deles Tiuy por bem de mandar A cada huum deles como sse manteuessem e como o fazessem manteer aos que esteuessem em seus logares em Aquelas cousas. sobre que era a duuyda Antreles — primeiramente tenho por bem e mando que os priuilegios e cartas que o Almirante e os Alcaides e aRaizes e pitintaaes ouuerom *dos Reys ondeu uenho* e de mim que lhis seiam aguardados como o milhor forom em tempo *dos outros Reys ondeu uenho* e no meu e *dos outros Almirantes* e Alcaydes que en Lixboa ouue E porque os ditos alcaides das Galees e arrayzes epitintaaes an cartas epriuilegios que respondam e façam dereito perante seu Almirante ou perdante seu alcaydey do mar saluo en ffeito de Crime que deuem seer da juridicom do alcayde e dos Aluaziis E o dito Almirante dizia que os prendiam por qual cousa quer sen merecimento e que por cousas ligeiras em que nom auyam morte nem laydimento nem perdimento de nẽmbro os faziam jazer en perlongada prisom e que os nom queriam soltar ata que sse estragauan do que auyan E eu tenho por bem e mando que nos feitos que nom forem

---

[a] Doc DCCXX de «Frei Gonçalo Velho», pag. 528-531.

de crime seian da ssa juridicion do seu Almirante como he conteudo em sas cartas e priuilegios que por estas non seiam presos nem ouuydos se nom per seu Almirante ou pelo seu Alcayde do mar e por querelas de morte ou de laydimento ou de perdimento de nembro ou por chagas ou por cousa que merescan Justiça em sseus corpos seiam presos e ouuidos e Julgados pelo Alcaide E pelos Aluaziis E esto nom se faça per achaques nem maliciosamente pera espeitar nem desonrrar os homes do mar e liurem nos sen detença que nom jaseam en perlongada prison sen dereito Pero tenho por bem e mando que sse por algumas chagas forem presos que tanto que os chagados forem saãos ou sen perigoo que o Alcayde de Lixboa de esses homens do mar Ao Almirante ou ao sseu Alcayde do mar por ffiadores que façam corregimento perante os Aluaziis como Acharem por dereito E o alcayde nom os tenha mays presos despoys que os fiadores derem E por outras querelas ou demandas que nom seiam de crime nom seiam presos nem ouuidos se nom pelo Almirante ou pelo Alcaide do mar como dito he — Outrossi tenho por bem e mando que as Armas que trouuerem os homens do mar de lo dia que lhy começarem a dar as soldadas ata que sse uaam na ffrota que lhas nom ffilhe o alcaide nem os seus homens E depois que a frota tornar non nas tragam mais Pero tenho por bem que lhas nom ffilhem esse dia que chegarem e se lhys Armas defesas fora deste tempo mando que os homens do Alcaide lhas tomem e se lhas nom quisessem leixar e per esta razom prenderem Alguum que seia alcaide de galee ou Arraiz ou petintal leuem nos perante o Almirante ou perante o seu Alcayde do mar effilhem lhy a arma e leuem na Ao Alcaide e leixem esse homem que for alcaide de galee ou arrayz ou petintal ou ao Almirante ou ao seu alcaide do mar pera lhy estranharem o atriuimento que fezer nom querendo leyxar a arma deffeza Ao homem do Alcaide Mays por esto nom os leuem ao Castello se nom chagarem nem fferirem nenguum com essa Arma - Outrossy eu tenho por bem e mando que a carta da mercee que eu fiz ao Almirante per que o Alcaide nem seus homens nom entendessem en el nem nos seus aqueles que ffossem seus uestidos e gouernados nem em sseu barho que lhy seia aguardada pero tenho por bem que sse homens do Almirante fezerem Alguum maao feito per que merescam morte ou chagarem Alguem e os hy achar no feito o alcaide ou os seus homens mando que os prendam e os leuem ao Almirante E sse for cousa de morte ou perque merescàm Justiça nos corpos mande os entom o Almirante ao Alcaide e aos Aluaziis que façan em eles aquela iustiça que merecerem. E sse for cousa pera corregimento o Almirante faça fazer o corregimento emtal guisa que sse nom agrauem aqueles que o ouuerem de Receber E sse Alguuns destes maaes fezerem e nom forem achados no feito entom frontem Ao Almirante que os mande poẽr en Recado pera sse fazer deles dereito e Justiça ou corregimento segundo offeito for E sse o Assi nom ffezerem entom enuimho dizer o Alcaide pera o mandar eu fazer correger como entender por dereito e en outra guisa nom entenda o alcayde nem seus homens nos homens do Almirante en nenhuma outra cousa outrossi tenho por bem que quando Alguns que mal fezerem na vila se colherem ao bairo do Almirante que o alcayde ou os seus homens

o ffaçam saber ao Almirante ou Aaquel que hy esteuer por el que lhos Recade e que lhos de ou se nom que lhos ponham fora nom escondidamente mays en guisa que os possam tomar os homens do alcaide E en outra guisa nom entrem os homens do Alcaide en sseu bairo nem façam nenhuum desguisado Ao Almirante nem a nenhum dos seus. Outrossi o alcaide nom filhe por esto entendimento que por nom auer dentender nos homens do Almirante que nom aia por esso dentender nos outros da terra que lhys mal fezerem mays mando a el que aqueles que souber que lhys força ou mal ou desaguisado fezer que lho estranhem nos corpos e nos Aueres con justiça e con dereito segundo offeito for. En testemunyo desto mandei dar esta carta Ao Almirante e ao Alcaide outra. Dante en Santarem quatorze dias daBril ElRey o mandou Joham martiz a fez. Era Mil Trezentos cincoenta e nove Anos. Steuam da guarda.

Está conforme ao Registo de Doações do S.r Rei D. Diniz L.º 3 fl. 137: e esta Copia se tirou em virtude de Ordens Regias R. Archivo 10 de Jan.or de 1846. — *José Manoel Severo Aureliano Basto.*

Doação ẽ nome do feudo ao Almirante [a]

Dom Denis pela graça de deus Rey de Portugal e do Algarue aquantos esta carta uirem faço saber como entendendo eu por seruiço de deus e meu e prol de mha (minha) terra tomey micer manuel peçanho por meu Almirãte e fizio obrigar que me seruisse no offizio do almirãtado e pugilhy per feu tres mil libras ẽ no castello e villa de demira e no Regengo dalguez de cabo de Lixboa de que lhy eu fiz doaçõ ẽ nome do dicto feu E el fficou e obrigou-se e seos sucessores que offeu herdarẽ pera seruir mĩ e os meus sussessores que fforẽ Reys ẽ Portugal ẽ no dicto offizio do almirantado polo dicto feu pelas maneiras e cõdiçõoes que sõ conteudas nos priuilegios e cartas que antre mĩ e el forẽ feitas. E depoys desto ueẽdo eu comoo dicto Almirante me seruia bẽ e lealmẽte cõ muitas cousas e congrandes custas dosseu auer que despendeu per alguãs uezes no meu seruiço. Tiue por bẽm delhy poer que teuesse demĩ ẽ cada hũn ano duas mil libras en panos pela maneira que sõ contadas e aualiadas os panos aos meus uassalos. Outrossi ssabendo eu affazenda do dicto almirante e as custas que el fezera efazia no meu seruiço per razõ do dicto offizio do almirantado e que o nõ podia cõprir per aquilo que demĩ tynha E querendo eu aquel mãteuesse este offizio onrradamẽte e como conpria. E ueendo eu que auendo el per que manteer este offizio con onrra e como deuya e que todo sse tornaria ẽ meu seruiço e dos meus suscessores por todas estas Razões e assinaadamẽte querendo fazer graça e mercee ao dicto almirãte por muytos seruiços que me el fez ponholhy agora mil libras ẽ dinheiros que as aia demĩ e dos meus suscessores pera sempre ẽ cada hun ano E tenho por bẽ que estas mil libras que lhy agora eu ponho e as duas mil ẽ panos que lhy eu pugi tempo ha que as aia ẽn

[a] Doc. DCCXXI de «Frei Gonçalo Velho», pag. 531-533.

cada huũ ano pera sempre sen contas e scn chancelaria por feu e ẽ nome deffeu El e os seus suscessores que o feu herdarẽ pelas maneiras e cõdiçóes que ssom conteudas nos priuilegios que antre mĩ e el son feitas nõ lhis mĩguãdo nẽ lhis tolhendo porẽ nẽ hua cousa das tres mil libras que lhy eu pugi de começo por feu ẽ odmira e no dicto Reguẽgo dalguez como dicto he mays tenho por bẽ que todo aiã conpridamẽte. E este acrecentamento que lhy agora eu faço ao dicto feu das dictas mil libras ẽ dinheiros. E das duas mil enpanos Tenho por bẽ que seiã junto como feu das dictas tres mil libras e que sseia daquela cõdiçõ e per aquelas maneiras que o he o das tres mil libras come conteudo nos dictos priuilegios Outrossi querendo e tenho por bẽ questas mil libras ẽ dinheiros que lhy ora crecento ao dicto feu que lhas ponha ẽm herdade ou ẽ casas ou en outras possissões que as ualhã e Renda en cada huũ ano e que as tenha o dito almirãte dessa maão tanto que o eu poder fazer amha uõotade e aassua por esto sser certo e nõ uir ẽ duuida deilhy eude esta minha carta seelada do meu seelo do chumbo. Dãte en lixboa xiij (13) dias de Juynho ElRey o mandou Joham domĩgues de portel affez. E m. iij^e Lx (1360) anos — Steuã da guarda —

R. Arch. L. 3 da Chanc. D. Diniz a fl. 142 v.

Priujllegios e jurdiçam do almirante sobre os alcaides e arraezes e petyntaaes das gallees

(Lançarote Peçanha).

Dom fernãdo pella graça de ds Rey de portugal e do algarue / a todallas justiças dos meus Regnos que esta carta virdes saude sabede que lançarote peçanha meu almjrante me dise que eu lhe dey minha carta de graça em que lhe fiz mercee e mãdey e outorguey que ouuese elle e podese auer e usar da jurdiçam nos alcaydes e arrayzes e petintaaes das minhas gallees. E sobre os alcaydes arraezes e petintaaes e homẽs do mar que foe dada e outorgada per elrrey dom denjs meu bisauo a esse almlrante e a sseos sucessores assy e per aquella maneira e condições que he contheudo em cartas do dito senhor rey dom denjs segundo mais compridamente na dita minha carta he contheudo que ẽ esta razam demĩ tem E diz que ora nas minhas justiças lhe toruades e embargades a dita jurdiçam e lhe ides comtra ella porque dizedes que ẽ essa minha carta nom som contheudas as cartas do dito meu bisauoo nem se mostra nem he declarada a jurdiçam que lhe ora per mĩ he dada e outorgada E mãdado que lhe em esta razam seia aguardada. E pediome por mercee que lhe mãdase dar o treslado das ditas cartas do dicto rey dom denjs meu bisauoo pera as elle mostrar e lhes per nos[as] justiças serem guardadas e lhe nom hirdes comtra as dictas cartas e Jurdiçam e saberdes como e perque guisa lha deuedes guardar E eu veẽdo que me pedia E porque as dictas cartas do dicto meu bisauoo eram scriptas e registadas na mi-

28*

nha chancellaria fizeas perante mĩ vir e querendo-lhe fazer graça e mercê lhe mãdey dellas dar o treslado das quaes cartas o theor tal he. [a]

Dom denjs pella graça de deus rey de portugal e do algarue a quãtos esta carta virdes faço saber que eu querendo fazer graça e mercee a mjce manuel janues meu vasallo façoo meu almirante moor E depois de sua morte mando quesseia seu filho moor que ficar que herdar o seu que herdou ao dicto mice manuel e assy aos outros sucessores todos que o seu herdarem segundo he contheudo nas cartas que som feitas antre mi e elle E que assy em como ouuerem ou que assy aiam ho almirantado por linha dereyta per maneyra e condições que som contheudas nas ditas cartas. E mando atodollos meos vassallos caseyros e alcaydes das gallees e arraezes e officiaes que a este officio pertencerem e atodollos outros homẽs do mar que com elle forem em frota ou em armada ou em outra cosaria do mar que lhe seiam obedientes e mandados e que lhe façam por elles como meu almirante moor. E mãdo que possam tirar e poer nas gallees alcaydes arraezes e officiaaes que lhe comprirem como virem que seia mais seruiço de deus e meu e dos meos sucessores que forem reis em portugal e que aiam todollos poderes que os outros meos almjrãtes de direito e de costume ouuerom sempre nos homẽs da cosaria do mar. E aquelles que lhe forẽ mãdados e obedientes como a seu almjrante eu lhes farey porem bem e mercee. E os que doutra guisa fezerem lazeraloam nos corpos e nos aueres como aquelles que pasam mãdado de seu senhor e rey e que nom obedecem a seu almirante. E mando a elle que pera aquele poder que direito e de custume deue dauer em elles que lho stranhe e lho uede segundo o deue fazer de direito de custume et que esto mesmo façam os outros seos sucessores o seu herdarem e ho almjrantado assy como he contheudo nas cartas que amtre mĩ o dicto mjcel manuel som feitas. E em testemunho desto mãdey dar ao dicto micel manuel esta minha carta sellada com o meu sello de chumbo damte em Santarem xx iij dias de feuereiro elrrey o mãdou Johã roiz a fez era de mjl iij^{c} e l^{ta} b (1355) anos [b]. Dom denjs & aquantos esta carta virem faço saber como fosse duuida antre mjcel manuel meu almjrante e fernã rroiz meu alcayde de lixboa sobre algũas cousas que dizia o dicto almjrante em que lhe o dicto alcayde tomava a jurdiçam do almjrãtado. E sobre agrauamentos que dizia que os seus homẽs os alcaydes e arraezes e petintaes que som da sua jurdiçam recebiam dos homẽs do alcayde. E sobre outras cousas em que dizia ho alcayde que o almjrante e os seus pasauã o mais do que deuiam comtra seu officio. E pera eu sobreesto determinar fiz uir perante mĩ o dicto almjrante e o dicto alcayde e ouuj o que cada huũ delles dizia e achey que alguas cousas que hi Recreciã mais que deuiam da hua parte e da outra que nõ fora culpa de nenhũs delles mais que os seus homẽs delles moueram algũas tençooẽs é palauras de que a elles nõ p[ro]ugue. E que elles que o partiram como deuiam. E por nõ recrecerem depois antre elles com contenda nem antre os seos

---

[a] Doc. DCCXXXII de «Frei Gonçalo Velho», pag. 545-547.
[b] Doc. DCCXII de «Frei Gonçalo Velho», pag. 515 e 516.

homẽs sobre as cousas que pertencerem aos officios de cada huũ delles Tiue por bem de mandar a cada huũ delles como se mantiuesẽ e como o fizesem manteer aos que esteuesem em seos logos em aquellas cousas sobre que era duuida antre elles. Primeiramente tenho por bem e mando que os priuillegios e cartas que o almjrante e os alcaydes e arraezes e petintaaes ouveramdos reis unde eu, venho e de mĩ que lhe seiam aguardados como melhor forom em tempo dos outros reis unde eu venho e no meu E dos outros almjrantes alcaydes que em lixboa ouue. E por que os dictos alcaides das galees arraezes e petintaaes ham cartas : e priuillegios que respondam e façam direito perante o seu almirante ou perante o seu alcaide do mar saluo em feito crime que deuem ser de Juridiçom do alcaide e dos aluazys E ho dicto almjrante dizia que os prẽdia por qual cousa quer sem merecimento e que por cousas ligeiras em que nõ auja morte nẽ laydamento nem perdimento de mẽbro os faziam jazer em prelongada prisom e que os nom qria soltar ataa que se stragauam do que aujam E eu tenho por bẽ e mãdo que nos feitos que nõ forem de crime seiam de Jurdiçam do seu almjrante como he contheudo ẽ essas cartas e priujllegios que por estas nom seiam presos nẽ ouujdos senão per seu almjrante ou per o seu alcayde do mar E por querellas demorte ou de laydamento ou deperdimento de membro ou por chagas ou por causa que mereçam Justiça em seus corpos seiam presos e ouvjdos e julgados pello alcayde e aluazys. E isto nam se faça pera achaques nẽ malliciosamente pera espreitar nẽ derrancar os homẽs do mar e livrẽnos sem deteença que nã jaçam ẽperlongada prisam sem direito. Pero tenho por bem e mando que se por alguas chagas forem presos que tanto que os chagados forem saaos ou sem prygo que o alcayde de Lixboa de esses homẽs do mar ao almjrante ou ao seu alcayde do mar porfiadores que façam corregimento perante os aluazys como acharem per direito. E ho alcayde nõ os tenha mais presos depois que os fiadores derem. E por outras querellas ou demandas que nom seiam de crime nom seiam presos nem ouujdos senã per o almyrante ou per ho alcayde do mar como dicto he. Outro ssy tenho por bem e mãdo que as armas que trouuerẽ os homẽs do mar dello dia que lhe começarẽ a dar os soldos ataa que se haão na frota que lhas nom pilhem ho alcayde nem os seos homẽs. E depois que a frota tornar nom as tragam mais pero tenho por bem que lhas nom pilhem esse dia que chegarem. E se lhes acharem trager as armas defesas fora deste tẽpo mãdo que os homẽs do alcayde lhas tome. E se lhas nom quiserem leixar e per esta razam prẽderem alguũ que seia alcayde de gallee ou arraez ou petimtal levẽ nos perante ho almjrante ou perante o seu alcayde do mar e pilhem-lhe aarma e levẽ na ao alcayde e leixem esse homẽ que for alcaide de gallee ou arraez e petintal ao almjrante ou a seu alcayde do mar pera lhe estranharẽ o atreujmento que fizer nõ querẽdo leixar a arma defesa ao homẽ do alcayde mais por esto nom ho leuem ao castello se nom chegarẽ ou ferirem nenhuũ com essa arma — Outrossy eu tenho por bem e mando que a carta de mercee que eu fiz ao almjrante perque ho alcayde nem os seus homẽs nom entendesem com el nẽ nos seus aquelles que fossem seus vestidos e governados nẽ em seu bairro que lhe seia aguardado pero tenho por bem que se

os homẽs do almjrante fizerem alguũ mao feito per que mereçam morte ou chegarẽ alguũ homẽ e os hi achar em no feito ho alcayde ou seus homẽs mando que os prendam e os levẽ ao almjrante. E sse for causa de morte ou per que mereça Justiçam justiça nos corpos mandoos entam ho almjrante ao alcayde e aos aluazys que façam em elles aquella Justiça que merecerem. E se for cousa pera corregimento ho almjrante faça fazer ho corregimento em tal guisa que se nõ agrauem ende aquelles que o ouuerem de Receber. E se alguũs desses maaos fugirẽ e nom forem achados no feito entam frontẽno ao almjrante que os mãde poer ẽ recado pera se fazer delles direito e Justiça ou corregimento segundo o ffeito for E sse o assy nõ fizer ẽtam ẽujenno dizer ao alcaide pera mãdar ou fazer correger como entender per direito. E em outra guisa nom entenda ho alcaide nẽ seos homẽs nos homẽs do almjrante em nenhũa outra cousa. Outrossy tenho por bem que quãdo alguns que mal fizerem em na villa e se acolherẽ ao bayrro do almjrante que alcayde ou seos homẽs o façam saber ao almjrante ou aaquelle que esteuer por elle que lho recade e que lho de ou senã que lhos ponha fora nom scondidamente mas em guisa que os possam tomar os homẽs do alcayde. E em outra guisa nom entre os homẽs do alcayde em seu bairro nem façam nenhuũ desaguisado ao almjrante nem a nenhuũ dos seos. — Outro ssy ho alcaide nom pilhe por este entẽdimento e por nõ auer de entenderem nos homẽs do almjrante que nõ aia por este dentender nos outros da terra que aquelles mal fezerem e mais mando a el que aquelles que souber que lhes fazem mal ou desaguisado fizerom que lho estranhem nos corpos e nos aueres cõ justiça et com direito segundo o feito fôr. E em testemunho disto mãdey dar esta carta ao almjrante e ao alcayde outra damte em Santa rem xiiij dias dabril elrrey omãdou Joham mĩz afez era de mil iij^c L^ta e nove anos (1359) [a]. Porque uos mando que ueiades as dictas cartas e cumprideas e guardadeas e fazedeas comprir e guardar em todo como e pella guisa que aqui he contheudo e nem lhe vaades contra ellas em parte nem em todo senã seede certos que auos me tornarey eu porem e vollo stranharey nos corpos e aueres grauemente como aaquelles que uaão comtra carta e mãdado de seu rey e senhor. E em testemunho desto mãdey dar esta carta ao dicto almjrante dãte em lixboa vj (6) dias de nouembro elrrey o mãdou per afomso doiz (domingos) fernã miz (martins) seus vassallos domĩgos frrz (fernandes) afez era de myl iiij^c v (1405) anos.

L. 1 da Chanc. de ElRei D. Fernando 1.º a fol. 19 v. a 21.

Capitulos das Cortes que ElRey Dom Fernando fez na Cidade do Porto na Era de 1410 anno de 1372.

Artigo 8.

Item. Ao que dizem no oitavo artigo que o nosso Povo he agravado, porque os Anadaaes dos Besteiros chegão algũs Lugares dos nossos Se-

[a] Doc. DCCXX de «Frei Gonçalo Velho», pag. 528-531.

nhorios, por sua propria vontade sem acordo e conselho das nossas Justiças fazem Besteiros, e assignão Galiotes, e lhes lansão Alvarais, e Cartas em nas casas, sem avendo conhecimento delles por aqual razão o nosso Povo recebia grande agravamento. por que taes hi ha destes Besteiros, e Galiotes, que assi erão assinados, que eram bons Lavradores, e creadores, que nunca andarão em mar, nem em sas vintenas, e pediamos por merce, que quando taes Anadeis ouverem d'assinar alguns Besteiros, ou Galiotes, que ponhão a sas vintenas, que o fação com acordo das Justiças, que conhecimento hão das pessoas e sejão taes que saibão de mester, e o ajão costumado, e não sejão Lavradores, nem creadores por que se a terra mantenha = A este artigo respondemos, e mandamos ao dicto Anadel que veja a Ordinhação, que por nós foi feita e agarde como em ella he conteudo em guisa que não receba agravamento.

Artigo 17.

Item Ao que dizem no dezasete artigo em que nos foi, já dito que devemos fazer muito por escuzarmos despezas, o mais que podermos e por que hua das grandes despesas que avemos, assi são galés, e tarracenas, das quaes entendiades que estavamos asas abondado, e que vos era dito, que queriamos mandar fazer outras de novo, o que era azo de fazer grande despeza, e que lhes parecia que se podia excuzar; e pediamos por merce, que olhassemos em ello, o que fosse mais nosso servisso = A este artigo respondemos, e dizemos, que nos não entendemos de fazer mais gales, que aquellas, que virmos que são compridouras, para guarda, e defensão de nosso Regno, e destas, que temos excuzariamos se o fazer podessemos com nossa honra, e prol do Regno.

Capitulos Geraes das Cortes que fez em Leiria ElRey Dom Fernando na Era de 1410 — anno de 1372.

Artigo 12.

Item. Ao que dizem no duodecimo artigo, que erão agravados, em serem tomados os navios, que os mercadores tiverem fretados, e sas mercadorias que tem mercadas, para levarem para outras terras, de que nos sohiamos aver muitos serviços e prol pelos retornos que tornavão a nossa terra, e que nos pedião por merce que esto non quizessemos fazer, nem consentissemos a outrem que o faça. Item A este artigo dizemos, que daqui em diante non mandaremos tomar navios, salvo se forem compridouros para armada, e se alguns mercadores mandamos tomar, esto foi para nos trazerem remos, e outras couzas, que são cõpridouras para as nossas galés, e para guarda e defensão do Reyno, e se alguns mercadores se obrigarão a lhes trazer estas couzas a sá terra el mandara, que as non tomen, e tanto que destas couzas tivermos aquello, que nos

comprir, nosso talante he, de as non mandar tomar; e assi o mandamos aos nossos oficiaes.

Artigo 19.

Item. — Ao que dizem no decimo nono artigo, que os nossos Povos nos pedião por merce, que quando mandassemos armar guales, que mandassemos a certos homens dos nossos Conselhos, darmos poder a elles, que nos podessem dar, e constranger certos homens de cada hum Lugar, segundo o Lugar, que fosse, e que os mãdassem levar, ou levassem ás nossas guales, e os entregassem por conto, e por recado, e que depois que nas guales fossem, que os non tirassem por poerem outros, e que esto nos pedião, e dezião porque por aquelles; que os assi tomavão soltamête, e pelos outros nossos oficiaes, se fazião muitos males, e levavão delles grandes peitas; pela qual razão muitos recebião grandes damnos, e que nos pedião por merce, que mandassemos defender aos que tomassem estes homens, que non tomassem cazeiros de homens bõs, nem seus azemeis, nem homens de lavor, com que nos havião de servir, e que em esto fariamos ao nosso Povo mercê, e nos seriamos servido, quando nos comprisse: Item. A este artigo dizemos, que razão darmada, e das nossas guales, temos feita nossa Ordenação; porque guisa se deve fazer, e gardamẽto de nosso serviço. —

Lançarote Peçanha [a]

Dom fernando &ª Atodallas Justiças de nossos Regnos que esta carta virdes saude sabede *que lançarote peçanha nosso allimirante nos nossos Regnos nos mostrou cartas e priuyllegios dos Rex que amte nos foram de graças e liberdades que aos allmirantes que amte foram eram dadas e outorgadas e per nos confirmadas e pellos ditos Rex que amte nos foram* nos quaaes priuyllegios e cartas he contheudo que o dito allmirante tenha seus alcaides em allgumas villas e luguares de nosso snñorio que conheçam dos feitos de todollos mareantes assy dos vassallos cossairos como dos seus homẽes do dito nosso almirante e de todos aquelles que forem da sua Jurdiçam. Em nos quaaes priuyllegios he contheudo que quando se a nossa frota armar e tomarem solldo que aquelles que ouuerem do jr nas galees possam todos trazer suas armas sem embarguo nenhuũ ataa que se a dita frota vaa. / e que as nossas Justiças lhas nom filhem nem lhe ponham em ellas embarguo no dito tempo como dito he. Outrossy se allguũs mareantes ou seus homẽes ou allguũas pessoas que seiam da sua Jurdiçam ferirem outras pessoas ou fezerem outros errores e malleficios graues e forem presos ou prenderem que as Justiças os nom mandem leuar a nenhũua prissam. saluo que seiam primeiramente entregues ao dito almirante. E que o dito almirante faça delle fazer corregimento como o achar que he direito. Outrossy se allguũas pessoas se acolherem ao bairro do dito allmirante com temor das Justiças de os

[a] Doc. DCCXI. de «Frei Gonçalo Velho», pag. 552-554.

prenderem por algũus erros que fezerem que as ditas Justiças os nam prendam no dito seu bairro mas façamno primeiramente saber ao dito almirante ou aquell que esteuer em seu loguo que os Recadem e os prendam ou senam que os ponham fora em guisa que os possam tomar os homẽes do allcaide. E em outra guissa nõ entrem seu bairro nem façam nhuũ desaguisado ao dito allmirante nem a nenhum dos seus. Outrossy as Justiças nom aiam dentender em nenhuũ dos homẽes do dito almirante nom embargando que por esso nom aiam dentender nos outros da terra que lhes mal fezerem a elles mas mãdamos a ell que aquelles que souber que lhe fezerem mall ou desaguisado que lho estranharemos nos corpos e averes com Justiça e com direito segundo o feito fosse segumdo mais compridamente nas nitas cartas e priuyllegios he contheudo. E diz q̃ ora vos Justiça lhe tomades e tornades sua Jurdiçam e filhades conhecimento dos feitos que a sua Jurdiçam pertencem e daquelas pessoas de que ell e seus allcaides ham de ser delles Juizes e fazir delles comprimento de direito assi de vassallos cossairos como dalcaides e a Raezes pitimtaes a seus homẽes como de todollos outros outros de que ell e os seus alcaides ham de faser comprimento de dereito segundo a ell he outorgado nos ditos priuyllegios e cartas de Jurdiçam das ditas pessoas e auos nom. E que pero nos sobre esto mostraram as ditas cartas e priuyllegios dadas e outorgadas pellos ditos Reix e per nos comfirmadas. E nos pediam que lhas cumpraaes e guardees por aguissa q̃ em ellas he contheudo. que vos nom querees fazer o que nos o nom temos por bem que por tall Razaão os ditos priuyllegios e cartas lhe nom som compridas nem guardadas como deuem. e lhe hides comtra a sua Jurdiçam que lhe assy he outorgada como dito he. Pedimdonos por merce que a esto lhe ouuessemos Remedio E nos vendo o que nos pedia. Teemos por bem e mandamosuos que lhe guardees os ditos priuyllegios e cartas que assy teem sobre a dita Razaão e as cumpredes e guardedes em todo per aguisa que em elles he contheudo. e lhe nom vades contra ellas em nenhuũa guissa senom sede certos que a uos nos tornaremos porem e nollo estranharemos nos corpos e aueres como aquelles que uão contra mandado de seu Rey e Snñor e all nom façades. dada em lixboa xxix dias de Junho. ElRey o mandou per Joham airas e gonçallo migẽes bacharees em degredos ouuidores. bacias fernandes a fez Era de mjll iiij^c x anos (1410).

Inserta na confirmacão do Sr. Rei D. Affonso em data de 28 de março passada em Santarem — anno de 1449.
L. d'Extras. a fl. 76 v.

NB. [a] Na chancellaria do Sr. Rei D. Fernando 1.º no Livro 1.º a fol. 15 se acha o seguinte extracto —

Almirante — Carta por que o dito Snnr fez seu almyrante moor a lançarote peçanha segundo fez seu padre e seu auoo a xxx de Julho de mjll iiij e v anos (1405 anos).

E á margem diz suprat afol — 116.

---

[a] De Albano Anthero.

Estes livros são da reforma do nosso chronista e Guarda mor q̃ foi da Torre do Tombo Gomes Eanes de azurara — O maior inimigo e destruidor dos nossos documentos, pois com o seu systema destruio quantos pôde, razão porque não podémos vereficar a mercê de que se trata e emendar o erro chronologico.

Dom Joham & A vos nossos almoxarifes e escripuaaes dalfandegua e portagẽe da nossa çidade de lixboa quẽ ora sodes ou fordes daquy em diante e a outros quaaesquer que esto ouuerem de uer per qualquer guisa que seja a que esta carta for mostrada — saude — sabede que a nos he dito que alguuãs galees de veneza passam merchantemente pela costa do mar dessa çidade e que nom ousam dentrar nesse porto e virem da vante avilla em caso que alguũas cousas das ditas mercadorias queirõ vender temendosse que lhes leuaram dizima de todas outras cousas que trouuerem nas ditas galees e as nõ leixarẽ dhy partir ataa que dizimem de todo E nos querendo a elles fazer merçee e entendendoo por nosso seruiço e beẽ de nossa terra Teemos por beẽ e mandamos que quaaes quer galees de veneza que vierem merchantemẽte ao porto dessa çidade venhom e possam uyr saluos e seguramente davante a villa onde descarreguam os outros nauios e que nom paguem nem sejã theudos de paguãr dizima nẽ outros nhuũs direitos de quaaes quer cousas e mercadorias que trouuerem e descarreguarem se nom tam solamente daquelas que uenderem na dita çidade ou hy leixar quiserem e que se tornem e possam tornar e sayr desse porto com suas mercadorias e cousas cada que lhes prouuer sem embarguo nhuũ que lhes sobre ello seja posto Nom embarguando quaaesquer posturas nem hordenaçoões nem defesas que em comtrairo desto sejam postas e feitas per nos e pellos Reis que ante nos forõ per qualquer guisa e maneira que seja = Porem vos mandamos que a cumprades e aguardedes e façades assy compryr e aguardar E nom vades nẽ conssentades hir contra ello em nhuũa guisa que seja Onde al nom façades Dante em coimbra XXVI dias de junho ElRey o mandou per gonçalo pires e martim da maya e aluoro gonçalves seus vassalos e veedores da sua fazemda Aluoro gonçalues a fez era de mil iiij[c] XXX. Annos.

Está conforme ao que se acha no Livro d'Extras fl 233 v. E esta copia se tirou em virtude de Ordens Regias. Real Archivo 20 de Fevereiro de 1846. — *Jose Manoel Severo Aureliano Basto.*

---

*Ineditos Tom. IV — p. 207, 281 e seguintes**

O 1.º é o cap. 42 da chronica de D. Fernando relativamente a frotas das naos e gales que ElRei D. Fernão enviou a Barrameda =

(*) As pag. seg. não teem nada com a questão [*a*].

[*a*] O Visconde de Santarem reporta-se aqui a parte final da pag. 51 e 52 do jornal scientifico «Nouvelles Annales des Voyages» de outubro de 1845, concebida nestes termos: «Sous Lancelot Pezagno, fils d'Emmanuel, c'est le castillan Jean Focim qui etait *capitam da frota* (*Ineditos*, tom. IV, pp. 207, 281 e seg.)».
E' o ultimo manuscripto do punho do Visconde de Santarem, relativo á *marinha* e ao *almirantado* de Portugal na idade média.

Diz q̃ ElRei mandára armar 28 galéras suas e 4 allugadas a Mice Reinel Guirimaldo e 3o naos de seu reino, e *das que se veherom pereelle da costa do mar* e hia por almirante nas Galées Mice Lançarote Peçanho, e por capitam Joham Focim, hum daquelles cavalleiros que se viherom de Castella pera ElRei D. Fernando, o qual se partio primeiro com seis galées e duas galliotas aos quinze dias de junho, e depois partio o almiramte com toda a frota.

NB. Ora as náos desta frota erão todas de combate, e não de transporte = pois no mesmo cap.° se vê p. 208 = que ElRei D. Fernando lhe «mandou navios com biscouto, que se fazia no Algarve e em Lixboa, e outros mantimentos e cousas que lhe mester faziam...

Un passage de la méme chronique au Chap. LXXIV p. 281 le prouve davantage, puisque il dit que ElRei mandara sahir algumas Gallées, e *naos* pera sahir ao encontro das Gallées de Castella e pelleijar com ellas —

Mas o Peçanha por cobardia perdeo a batalha, e ElRei demittio-o, e deu o cargo de Almirante a D. João Affonso Tello (Ibi. p. 283).

As pazes forão feitas a 7 de Abril da Era de 1411 em que os Reis se avistarão no Tejo por Mediação do Legado do Papa. —

N.B. Ce chapitre doit être tout copié par les precieux detailles.

Era de 1408.

M.r Walck[naer] — Notes á Pinkerton T. 3 p. 398 — traite des Açores [a]

Le Tom. VI. p. 360 dit.

«Les connaissances géographiques de la côte de l'Afrique, sont beaucoup plus anciennes qu'on ne le croit communement, et antérieures á l'époque assignée plus haut par notre savant auteur. De l'examen comparé des trois anciennes cartes, dont l'une se trouve à la Bibliothèque nationale Mss. 6:816, et porte la date de 1346 (1371) l'autre à la Bib. de Parme qui porte celle de 1367 et dont la troisième enfin á été reprise par moi à Londres, de la Bibliothèque Pinelli de Venise, et est de 1384, il résulte que le Cap Bojador á été bien connu dans le milieu du 14.e siécle. Non seulement les trois cartes s'etendent jusque lá, mais la premiére qui est la plus ancienne, s'étend un peu au de lá, et preuve que ce cap avait déjá été doublé dés cette époque. Dans cette carte, qui est castillane ce cap se nomme *Buyeteder*, et dans celle de Venise il est nommé *Cavo de Embuceder*.

M.r Walck[naer] se proposait alors de faire connaitre l'état des connaissances géographiques á l'époque des découvertes d'une maniére developpée.

Quant á l'autre note elle est consacrée aux îles des Açores qu'on voit dans les cartes anterieures aux découvertes réelles des Portugais.

---

[a] D'Avezac dedica ás ilhas do archipelago dos Açores as pag. 52-58 da revista «Nouvelles Annales des Voyages», de outubro de 1845.

Sur l'ile de Madére et Porto Santo [a]

Discuter la belle dissertation de Humboldt — Examen Critique p. 135 a 139 et Tom. 2 p. 143 —

Les iles de Porto Santo et Madéra dans les Portulans Italiens avant la découverte reelle par les Portugais.

M.r de Humboldt — T. 2 de l'Examen Crit. p. 140 commentant Edrisi-Ibn-al-Ouardi (Notices — 1. c. p. 48) et Bakoui (Ibi p. 397) ecrivaint de la fin du XIV.e siécle et du commencement du XV.e prouve assez combien les communications ont été rares entre ces îles et le bassin de la Mediterranée.

Bakoui seul parle de l'amenité du pays et de la fertilité du sol, mais ni lui ni ses devanciers ne connaissent la montagne colossale du Pico, les feux des volcans des Canaries et le peuple pasteur des Guanches.

Ils parlent des statues d'Alexandre Dulcarnain, qui á poussé ses courses au-de-lá des colonnes d'Hercule, jusqu'aux îles Merfahan et Lacos.

Le retour des avanturiers *de Lisbonne se fit par les côtes du Maroc.* Ils abordérent au port d'Arfi ou Azaffi à l'extremité occidentale du Magreb, et il est assez remarquable que selon Edrisi l'île ou les *îles des Deux fréres* que George Glas et Hartmann ont pris pour les îles de Madére et de Porto Santo, soient placées vis-a-vis d'Arfi. =

Ce dernier savant suppose que les îles Raka et Laka d'Edrisi pourraient bien être les îles des Açores (Insulae Accipitrum) connues des Arabes (Africa — Edrisi p. 317, 319). Voyez sur l'île Mortachius — Buache dans les Mem. de l'Institut.

Xisto Tavares. Tem no seu Nobiliario tt.º de Camara de Lobos, de que é tronco João Gliz Zarco (Mss. 10:257 p. 225).

O Nobiliario de D. Luis Lobo tem o tt.º d'Alcaforados, ou Alcoforados mas Francisco de S.sa Alcoforado que é o 1.º era já neto de P.º Martins Alcoforado que vivia no tempo d'ElRei D. João 1.º

D. Luiz Lobo não diz que elle fosse descobridor da Madeira, e até parece posterior á epoca da descoberta.

Codice 10:018.

Ant.º Galvão p. 20 diz que Machim descobrio a Madeira.
Sousa não traz Franc.co Alcaforado.

---

[a] O capitulo relativo ao archipelago madeirense é tratado por d'Avezac, na sua «Notice», no começo da parte que elle leu na sessão do Instituto de 5 de dezembro de 1845 e foi publicado no n.º de janeiro de 1846 da revista scientifica «Nouvelles Annales des Voyages», onde este capitulo occupa as pags. 68-70.

Découverte de l'ile da Madeira

La Relation historique de la découverte de Madere par Alcoforado in 12 — Bibl. R. O/1521/A.

Je vous ai mandé dans une de mes lettres que l'*Alcaforado* n'avoit jamais été imprimé en Portugais, et cela est exact. J'ai l'édition des *Epanaphoras de D. Francisco Manoel* de 1660, et une autre de 1676; mais ce que *D. Francisco Manoel* a publié n'est point la relation naive, dont il dit avoir l'original en son pouvoir. *D. Francisco Manoel* composa sur cette relation d'*Alcaforado*, dont je ne garantis pas même l'existence, une histoire à sa manière, où peut être, il n'y a pas un mot d'*Alcaforado*. Le langage, le style, et plusieurs autres circonstances de l'*Epanaphora de D. Francisco Manoel* le prouvent assez. N'ayant jamais vu la traduction Française de cette *Epanaphora*, qui est connue sous le nom de *Relation d'Alcaforado*, j'ai cru effectivement que l'ouvrage *d'Alcaforado* avoit été traduit en Français sur quelque Mss. Portugais, comme il est arrivé à plusieurs autres de nos ouvrages historiques; mais à présent je suis convaincu qu'il n'a pas été imprimé ni en Portugais, ni en Français [*a*].

Pour les Recherches

Ignorance du pays audelá du Nun sur le mer.

Leon Africain T. 2. lorsqu'il traite de la Province de Noun il ne dit rien des pays situés sur la côte au sud.

Les Iles

Porto Santo=diz Cadamosto que fora descoberto pelos Portuguezes. Le même voyageur dit que l'île de Madere fut ainsi appelé[e] par les Portugais — Voyez Tom. 2 p. 342.

Histoire de l'île de Madére
Par Manoel Constantin
Natif du Funchal écrite en 1599 et dediée a Philippe iv
Roi de Espagne et de Portugal.

Insula in Oceano ad occidentem solem jacet, quæ vulgò Madera aptè latinè Materia dici potest; antiquis scriptoribus penitus incognita, nec ab iis qui terræ orbem descripsère;

L'île appelée Madère, mot que l'on peut rendre en latin par celui de *Materia*, située au milieu de l'Océan et à l'occîdent était absolument inconnue aux anciens, parmi

[*a*] O original desta carta não é do punho do Visconde de Santarem, mas uma «Copia» cuja caligraphia não me é desconhecida, não me sendo todavia possivel determinar neste momento a quem pertence.

ne verbum quidem de illa factum est (quod equidem sciam) præterquam à nostræ ætatis scriptoribus, qui illius meminerunt, sed quambrevissimè; ita ut ejus nomen vix attingerit. Distat à continenti Europæ (hoc est à Lusitana Provincia quæ illi est propinquior) millibus passuum Septuagentis et viginti. Est sub Imperio Regis Lusitaniæ: ea enim à Macino reperta est; tum primum cum Joannes hoc nomine primus Imperio Lusitaniæ potiretur; dum à septentrionalibus ad Meridionales oras mercaturæ causa navigaret. In qua quidem navigatione ingenti coorta tempestate, cursum navis retinere non potuit, unde coactus fuit navem adversis ventis comcam mitteretur: quod paucis diebus effectum est. Is è vinculis dimissus Olyssiponem venit: cumque Regi maximas grates egisset, et cum eo plenius de Insula verba fecisset, continuò classem ornari, et ædificari Rex jussit; et Macinum ad Insulam investigandam præfecit. Qui Borea leniter flante in altum delatus, cum Insulæ situm initio parum deligenter attendisset, nec sciret; quibus cœli gradibus subjecta esset, complures dies hùc et illùc erravit, tandem casu vel sorte potius quam rei peritia optata tellus Macini, et suorum oculis est ablata, in quam summa omnium nautarum alacritate descensum est. Facta igitur re Divina, Macinus cum paucis scaphis Insulam lustrare et speculari cœpit, ut qui nam habitatores essent, et qui hominum mores, quid ibi cœlum et natura ferret, exploraret. Sed cum insulam maxima ex parte pervestigasset, in ea nihil praeter solitudinem, et proceras arbores, nõnullasque columbas deprehendit, ita ut nemoris potius et silvae quam Insulæ speciem habere videretur: unde

lesquels eux-mêmes qui se sont occupés de cosmographie n'en ont fait aucune mention. Les premiers écrivains qui ont parlé de cette île ce sont eux de nos jours et encore n'ont ils fait que la nommer. L'île de Madère est eloignée du continent de l'Europe (c'est-à-dire de Portugal) de sept cents vingt mil pas, et appartient à ce royaume, ayant été premièrement découverte par Machin dans le temps où Jean, le premier de ce nom venait de se mettre en possession du dit royaume; Machin voyageait avec des marchandises et allait des pays du Nord dans eux du midi: il survint dans un de ses voyages une tempête, que ne pouvant gouverner son navire il fut sequemment avec l'approbation de tout le conseil il fut arreté qu'on enverrait au plutôt à Machin l'argent qu'il fallait pour son rachat, ce qui fut effectué sous peu de jours. Delivré de l'esclavage Machin se rendit à Lisbonne et aprés avoir remercié le Roi lui raconta ce qu'il savait au sujet de l'île. Le roi fit aussitot preparer une flotte dont il donna le commandement á Machin et le chargea d'explorer l'île. Celuici mit á la voile de Lisbonne avec un nord-est, mais comme de la premiére fois il n'avait pas fait assez d'attention, et qu'il ignorait à quelle hauteur se trouvait située l'île en question, voga quelques jours au hasard, jusqu'á ce que l'île s'est offerte à ses yeux, et á yeux de ses compagnons; ils y descendirent joyeusement, et Machin se mit avec quelques chaloupes á explorer l'île pour savoir si elle était habitée, et par quelle sorte de gens; mais aprés en l'avoir visité la plus grande partie, il ne trouva que de solitudes, des arbres monstrueux et quelques colombes; et comme l'île ressem-

Madera, Hispano nomine, dicta est, quod vocabulum latinè materiam significat. Postquam cœli et situs amænitatem Macinus animadvertit, atque terræ eam esse naturam, ut ad omne genus fructus ferendum apta esset; et præterea vidisset complures rivos aquarum, et ingentem fluminum copiam reversus in eum ipsum locum, in quem primum descenderat, qui locus etiam nunc Præfecti nomen retinet, ibi primum constitit, tum quod navibus esset statio satis opportuna; tum aquarum dulcium abundantia. Itaque ligneas casas eo in loco quamprimum constituendas curavit. Verum cum esset tanta arborum densitas, ut nusquam facultas habitandi esset; vigniti mimittere, ne naufragium faceret, atque ad Insulam præter opinionem appulit, in qua, tum quid esset cum rebus suis valde timeret; cognoscere destitit. Quamobrem mari paccato cupidissimus iter institutum conficiendi, cum primum illi facultas per Favonium facta est, statim secundo vento vela dedit, et non multo post ad Sacrum Promontorium pervenit. Inde cum ad Gades contenderet, in Mauritanorum triremes incidit, à quibus captus et in Africam perductus est. Ea autem tempestate Lusitani de Imperio atque Religione cum Afris bella continenter gerebant: et mos erat captivos hinc et illinc redimere. Ad Joannem ergo Regem Macinus scripit orans obsecransque, ut pro illius singulari pietate, qua erat in omnes christianarum partium captivos, vellet se ab hostium vinculis liberare; quod si fecerit, speraret beneficiis hujus gratiam se brevi relaturum: promittebat enim se demõstraturum copiosam Insulam et perpulchram, quam nemo hactenus notam habuisset, ad quem locum ventorum vi ipse paulò

blait plutòt à une foret qu'a une terre on lui donna le nom de Madere. Ayant reconnue la position de l'île, et la bonne qualité de ses terres propres à toutes sortes de cultures, qu'en outre elle était pourvue de plusieurs sources d'eau et de quantité de fleuves, retourna vers le lieu où il avait premierement debarqué, le quel conserve encore le nom de ce commandant, parce que le dit lieu était le plus propre pour le mouillage des navires, et pourvu de beaucoup d'eau douce. Il s'occupa ensuite de la construction de quelques maisons de bois; cependant comme l'île était à telle point boisée qu'il était impossible d'y établir des habitations, il mit le feu au fois qui contraint de le laisser voguer à la merci des vents pour éviter de faire naufrage; et, contre son attente, il arriva dans une île qu'il n'osa dans cette occasion visiter, étant inquiet au sujet de ses propes affaires. C'est pourquoi, aussitôt que la mer redevint calme, desireux de terminer son voyage, à la première occasion favorable, il mit à la voile et découvrit sous peu le cap d'Espichel *(Promontorium Sacrum?)* d'où comme il faisait voile pour Cadiz, il tomba au milieu des galères des Maures qui le prirent et conduisirent en Afrique. Dans ce temps — la les Portugais faisaient continuellement la guerre aux Africains tout à cause de la religion que par le desin d'agrandir leur empire, et on était dans l'habitude de racheter de pert et d'autre les captifs. Machin écrivit donc au Roi Jean et le pria de vouloir bien le delivrer de la captivité, d'après la piété toute particulière qu'il avait l'habitude d'exercer avec tous les captifs chrétiens de quelque nation qu'ils fussent, que ce faisant il pouvait être certain que lui Machin ne

antè rejectus fuisset; fore etiam recipiebat, ut esset hæc insula magno usui cum ad gloriam, tum ad maximas opes comparandas. Acceptis litteris Rex continuò Senatum coegit, ad quem omnia, quæ ex Macini litteris cognovisset, retulit. Per ea tempora Rex Lusitaniæ, cæterique nobiliores pro multitudine hominum et gloria belli angustos fines et exiguas opes habere se existimabant, et Regibus Lusitaniæ nihil magis erat curæ, quam pro regno et pro Religione amplificanda; quas tunc habebant opes, effundere, et bellicos sumptus sustinere.

Ideo summo totius Senatus consensu decretum est, ut quamprimum pecunia ad Macinum liberandum in Afri-lia passuum procul ab ea parte, in quam initio descenderat, ignem silvæ immisit, quæ cum sex menses perpetuo incendio conflagrasset, Macinus et socii, cum flaminarum impetum sustinere non possent, Insulam relinquere, et naves conscendere coacti sunt. Hoc autem incendium per sex continuos menses non vero annos (ut nonnulli parum considerate et dicere et scribere ausi sunt) non modo terram cultui aptam reddidit, sed etiam cineribus pinguiorem et fertiliorem. Dum hæc aguntur Macinus navem Olyssiponem misit, ut Joannes de omnibus certior fieret, ad quem scripsit daret operam, ut omnes et universi generis artifices in Materiam mitteretur, sperare se opinionem, quam de Insula conceperat, minimè vanam fore. Itaque Rex ne ulla re commodis suis aut Præfecti studiis deesset, cumpluribus onerariis navibus paratis, quæcumque Macinus ab eo petierat, cumulate imponi jussit; et ut illuc coloniæ facilius deducerentur, præconis voce jussit edici se omnibus potestatem facere ad Materiam na-

tarderait pas à lui témoigner sa reconnaissance et promettait de lui faire la conquête d'une île fertile, et magnifique où il avait été recemment poussé par la tempête, requisition qu'il esperait serait pour lui un nouveau sujet de gloire et lui apporterait beaucoup de richesses. Le Roi ayant reçu ces lettres convoqua immediatement le conseil, à qui il apprit ce que Machin venait de lui mander. A cette époque le Roi de Portugal et la plupart de ses nobles trouvaient très étroites les limites du royaume et ses revenus tres bornés, de sorte qu'ils mettaient tous leurs soins les augmenter, n'épargent rien pour avoir pret tout ce qu'il fallait pour la guerre; conse trouvait à vingt mil pieds de l'endroit où il avait debarqué, l'incendie éclata avec une telle fureur qu'elle dura pendant six mois sans interruption. Machin et ses compagnons ne pouvant resistir a la chaleur ont été obligés à quitter l'île et à s'embarquer. L'incendie dura sex mois, et nom six ans, comme quelques-uns ont osé dire et même écrire; et les cendres rendirent la terre encore plus fertil, et propre à toute culture. Dans ces entrefaits il envoya un navire à Lisbonne pour instuire de tout le Roi, et lui manda d'envoyer a Madere des gens de toute sorte de metiers, en lui assurant que l'opinion qu'il avait d'abord formée de la bonté de l'île decouverte se trouvait justifiée. En consequence le Roi pour que rien ne manqua aux desirs de Machin et à la colonisation envoya dans plusieurs navirs tout ce que avait été demandé par Machin, et pour activer la colonisation fit proclamer par tout le royaume, qu'il donnerait à tous ceux qui voudraient se rendre dans cette île les moyens d'effectuer

vigandi; proficiscentibus vero tantum agri divisit singulis, quantum quisque potuisset. Quo edicto tantus hominum concursus ad eum est factus, ut postea nemini, nisi descripto, ad eum locum navigare licuerit. Magnum autem fuisse mortalium numerum illud maximum indicium est, quod quinquennio spatio urbs una, et duo minora oppida ædificata sunt.

le voyage et qu'il donnerait à chacun d'eux suffisante quantité de terre. Et tel fut le concours de monde qui se rendit à l'île par suite de cette proclamation que, dans l'espace de cinq ans, on y a bâti une ville, et deux autres.

1433. D. Duarte &. A quantos esta carta virem fazemos saber que nos querendo fazer graça e mercê ao Infante Dom Henrique meu irmão temos por bem e damos lhe que tenha e haja de nós em todos os dias de sua vida as nossas ilhas convem a saber a Ilha da Madeira, de Porto Santo e da Deserta.

Torre do Tombo Liv. [illegible] do 1.º Reg. f. [illegible] — Hist. Gen. Prov. pag. 442.

Sousa poz á margem An. de 1433 — o que tambem se acha no cabo da documentos, porem com a denominação de era — 24 de Septembro — quer me parecer que foi logo no principio do reinado de D. Duarte.

HESPANHOES NAS CANARIAS AO MESMO TEMPO QUE BETHENCOURT (a)

Ora que grande gloria pode resultar para a França da viagem de Bethencourt? 1.º ella foi a um paiz ja conhecido e descripto por Juba e se achava mencionado nos livros classicos dos antigos, conhecido tambem disso pelas viagens dos Portuguezes 70 annos antes... Conhecido em França pela investidura que o Papa tinha feito daquellas Ilhas a D. Luiz de La Cerda que era quasi francez, e que tinha servido em França. 2.º quando para alli irem foi necessario irem em cabotores, informando-se em todos os portos da Hespanha da navegação que devião seguir, partindo de Cadiz com navios Hespanhoes, marinheiros e interpretes Hespanhoes, e finalmente fazendo homenagem das mesmas Ilhas a ElRei d'Hespanha, que tinha preparado e lhe havia dado os meios para a Expedição.

E é com uma expedição revestida de taes circunstancias que pretendem tirar argumentos para mostrar que os Normandos forão os Cana

---

(a) D'Avezac occupa-se das Canarias, em especial, a pag. 19 e 20 da [illegible] Nouvelles Annales des Voyages.

O original dos dois paragraphos que se seguem, [illegible] corrida de um pedaço de papel, [illegible] a historia das expedições de Bethencourt [illegible].

rias pelo mar alto antes dos Hespanhoes e que forão primeiro descobridores antes dos Portuguezes!!! Quando a carta d'ElRei D. Affonso IV de 1341 ao Papa, documento que existe no Vaticano, e os documentos descobertos em Florença nos Papeis de Boccacio provão que os Portuguezes tinhão ido ás Canarias pelo mar alto mais de meio seculo antes dos Normandos de Bethencourt, como se poderá caracterisar o titulo da Relação destas expedições de Bethencourt que Bergeron publicou!

Relations des Chapellains de Bethencourt

Faussetés qu'on y rencontre =

Est-il croyable que le Roi d'Espagne ait dit á Bethencourt = qu'il lui avait fait hommâge d'un pays dont il n'avait jamais entendu parler? Quand les navires Espagnols et les marins de l'Espagne y allaient depuis long temps et que les mêmes relations disent ailleurs que les pilotes de l'Espagne étaient ceux qui connaissaient mieux les mœurs, et ces ports? Quant quelques années avant le Pape avait écrit au même Roi d'Espagne sur la souveraineté des mêmes îles qu'il avait accordé á D. Louis de Lacerda?

Bethencourt

Erreur relativement au voyage de ce normand qu'on trouve dans l'ouvrage de Thomassy =(Relations de la France avec le Maroc) lorsqu'il dit qu'il est allé jusqu'au delá du cap-Branco!

Mr. Christian dans un livre *illustré* publié en 1847 avec ce titre

«L'Afrique Française, conquêtes, victoires et découvertes des Français depuis la prise d'Algér.

En faisant aller Bethencourt jusqu'au Cabo Branco, que d'après cela *la France á la priorité* sur les decouvertes *de Gama et de Colombe!!!*

Bergeron à qui les recits des Auteurs Espagnols deplaisairent, remarque que non seulement ils ne sont pas d'accord, mais qu'ils ont écrit un ou deux siécles après.

Bergeron en parlant de nouveau a p. 283 du voyage du mendiant Espagnol dit. Mais c'est avec tant d'impertinences et d'absurdités, selon l'ignorance du temps que l'on y peut aysément remarquer le peu de cognoissance qu'ils avoient alors de la vraye Geographie.

Erreurs de Bergeron sur les dates des découvertes.

A p. 260 du Traité des Navigations, edition de Paris de 1629 on y lit que les Açores ne furent découvertes qu'en 1505 s'appuyant sur Marmol!

«... Les Açores ne furent découvertes que longtemps aprés par les Flamans ou les Portugais en l'an 1505».

Sur Bethencourt = consulter Nebrissa.

Garibay et Marianna disent que Bethencourt ayant conquis quatre de ces îles avec la permission du Roy de France et le secours de celui de Castille, dont il se rendit vassal et feudataire.

Garibay c. liv. 16 — col. 9 dit que = la Reine Catherine veufe de Henri 3 Roy de Castille, comme tutrice de son fils Jean 2, donna ces îles á Jean de Bethencourt François, à la priére et recommendation de *Robin de Braquemont* Admiral de France son parent. Mais qu'avant cela les Roys de Castille tenoient ces illes être leur seignerie.

Gomara Hist. das Indias. Liv. VI c. 17.

Zurita Liv. 20, chap. 39. Celui-ci dit que depuis 1395 les Andalous et ceux de la Guiposcoa furent aux Canaries et qu'ils retournerent chargés de butin et qu'à la fin le Roi de Castile Henri 3 donna cette conquête à faire á Robin de Braquemont Admiral de France qui avait bien servi le Roi Dom Jean son pére et luy mesme és guerres contre le Portugal, et que ce Robin donna cette commission à son parent Jean de Bethencourt, à qui la Reine veuve Catherine les confirma.

Paul Jove dans les éloges n'ayant pas connu les documents du temps d'Alphonse IV, dit aussi que Bethencourt avait été le premier avant les Portugais et Espagnoles á découvrir les Canaries, et qu'à son exemple les uns et les autres se hasardérent plus avant Gonçalo d'Illescas — n'a pas connu plus le document d'Alphonse IV.

Barros. Decade 1re — traite de Bethencourt — Cet auteur dit que le Normand conquerit ces illes avec l'aide des Espagnols.

Bergeron dit a p. 273 qu'André Favin — *Traité des Officiers de France* liv. 3, c. 8 donne des bonnes raisons que les François ont été les premiers decouvreurs du Nouveau Monde.

Expedition aux Canaries

La suspition de partialité nationale du recit des négociants genois de Seville est d'autant plus palpable qu'ils ne disent pas un mot sur le commandant du 3e vaiseau et n'ont nommé que le Genois et le Florentin, donc il est plus que probable que le commandant du 3e fut Portugais et le capitain de l'expédition ce qui du reste est d'accord avec les expressions de la lettre du Roi Alphonse IV.

Canaries — Les Espagnols y vont avant Bethencourt

Anno 4.º. 1393 — 7br.º

Por este tiempo algunos naturales de Sevilla, con otros de las provincias de Guipuscoa y Viscaya armaron algunos navios, embarcaron cauallos, y lo al que los convino, y entregando-se a los vientos y aguas, dieron velas y arribaron con fortuna y dicha à las islas qui oi llamamos

Canarias, reconocieronlos, y la primera en q̃ tomaron tierra, fue la de Lançarote, passaron à la Forteventura, à la isla de la Gran Canaria, y la Gomera: entraron en las del Ferro, y Palma y visitaron otros que estauon deshabitadas. En la isla de Lançarote huvieron una manera de guerra con El Rey, o cacique de la tierra; prendieronle con su muger, y ciento y sesenta islenos, con otros moradores de otras islas que por ser poco armigeros fue facil de contrastarlos. Embarcaron muchos cueros de cabra, gran cantidade de cera e de los otros frutos de la tierra. Auisaron al Rei lo que avia sucedido en esta navegacion y la facilidad con que se podian ganar, con poco aparato e custo. (Segue-se uma curta discripção das Canarias. — Avila Hist. d'Henriq. III.° cap. 39 p. 89).

E' mui natural tivesse Bethencourt e os Normandos noticia deste descobrimento pelos Embaixadores de França que no anno antecedente tinhão ido dar os pezames a ElRei d'Hespanha da morte de seu pai e erão elles o Bispo de Londres e Monsieur do Moylur Governador de Anaflor e Mestee Fubã por secretario. Avila — Hist. de Henr. III. p. 49, cap. XXX.

P. 192 Cap. LXXIX. Trata do descobrimento e conquista das Canarias que diz fora feita no anno de 1405 — Ver dellas uma curiosa descripção.

1357.

En el mediado del mez d'Agosto deste año vino a le hazer reverencia (au Roi d'Aragon) Luiz d'Espagna qui se llamava Principe dela Fortuna, y Conde de Telamon, que venia para hermanar en estos reynos para la empresa de las islas Fortunadas cuya conquista le avia sido otorgada por el Papa, por que los moradores y pobladores della haziã sacrificios nefandissimos a sus idolos. Recibio ElRey a este principe, por ser quien era, y a ser se criado en su casa, con grande honra y fiesta, y allẽ de cierto numero de galeras que le mando dar para ayuda desta empresa, le concedio que pudiesse sacar de la isla de Cerdeña todalas vitualhas necessarias para esta armada. No he podido descobrir aunque lo he inquirido con diligencia, el successo que tuvo esta empresa, siendo en si cosa tan senalada, y memorable: y causa mayor admiracion que estuviessem los Reyes de Castilla y Portogal tanto tiempo embaraçados en las guerras que teniã con los moros en sus Reynos que no pudiessen attender a esto, porque mucho tiempo dupues huvieran entre si gran differencia [1].

SUR LE PARALELLISME

1.° — Le Palolus est presque au même paralelle des Canaries —
2.° — Le seul navire est un genois auprés de Lançarote —

---

[1] Zurit. An. d'Aragõn — Liv. 8. Part. 1. Tom 2 fol. 186 vers.

3.° — La position des Canaries n'est pas exacte —

4.° = S[t] Brandan est peint auprés de l'ile Canaria à une grande distance des autres qui forment le groupe —

5.° — Les îles de Ligname (Madere) et de Porto Santo ne s'y trouvent point —

6.° — La figure avec la Banderole se trouve au sud prés de l'Insola de Brazir.

La legende d'aprés ce qu'on lit indique que les navires ne peuvent naviguer au dela = os are sont que non poxit tenebrorum naves =

Au sud du Palolus on voit une legende qui comence = incipit autem Africa.

Sur la cote septentrionale on ne voit pas des *piage d'Espagne*, come dit d'Avezac.

Si le Portulan Medicee dont Baldelli pretend fixer la date à 1351 les Canaries s'y trouvent tracées, cela même est posterieur de 10 années à l'expedition d'Alphonse IV. —

Je prie M.r Jomard d'avoir l'extreme obligeance de me dire si dans la carte des Pizzigani on voit des navires representés sur l'Atlantique? Les voit-on près des Canaries? [a]

Il y a en effet des navires au milieu des Canaries.

1417

Robert de Braquemont pourvu l'an 1417 à la charge d'Amiral, et demis par la faction de Bourgaque en l'année suivante (1) —

1478

Las cosas de las Canarias corrian poco gratas a nuestros Reys, y Diego Garcia de Herrera, y Dona Ines Peraza que los posseian, afectavan mas sobirano titulo, que pertenecia a vassallos, acordandose de que Mossen Rubin de Bracamonte, y Juan de Vetancourt en cuyo derecho sucedian las recibieron con titulo Real, lo qual obligo a los Reys a mandar prevenir Armada en Sevilla, con que embiar a ellas a Pedro de Vere; pero su salida toca a el año seguinte (2).

Avia-se ido prosiguiendo desde el tiempo d'ElRei D. Henrique la navigacion y comercio de Las Canarias con crecidas utiles desde los puer-

---

[*a*] Estas 3 linhas são do punho do visconde de Santarem. A resposta que se segue é de outro punho; naturalmente, de Jomard.

(1) S.te Martha. Hist. de la Marine de France.

(2) Zuniga. p. 385 § 7.

tos de Andaluzia y desde Sevilla, de donde a predicar a aquelles idolatras avian passado religiosos, los mas, segun coliji de algunos papeles, de San Francisco de que era Fray Alonso de Barrameda. O bispo dei Rubicon, que se hallo en el Concilio de Sevilla el año de 1412. el año 1412 fui dado a peticion de nuestros Reyes por la Sede Apostolica para llevar la ley Evangelica a los Canarios, *cuyos principios no aviendo tenido historiador que de proposite los aclare estan mui confusos en nuestras historias. Tratalos, aunque brevemiente con buenas noticias, el cronista mayor Don Joseph Pellicer en el Memorial de los Señores de Fuente ventura que refiere aver hecho gracia de aquella conquista ElRei D. Henrique a Mossen de Bracamonte Almirante de Francia ende quien en Castilla proceden las casas de Fuente de el Sol y Peñaranda y el qual no aviendo a ella este anno la negociò de nuevo para Mossen Juan de Bettencourt Cavallero francez deudo suyo que obtenida vino a esta ciudad hazer Armada para passar a su empressa, y al mismo tiempo el pontifice nuevo Martinõ Quinto hizo Obispo del Rubicon Don Mendo pariente de Bettencourth* (1).

M.r de Braquemont

La Terre de Braquemont dont cette Maison tire son origine est située dans l'ancien Bailliage de Caux, proche de la ville d'Arques.

Robert de Braquemont (3.me Branche) second fils de Renaud, Chevalier fut conseiller du Roi et son chambellan, puis Amiral de France en 1417. Ce fut lui qui conduisit par l'ordre du Roi le Pape Benoit XII au chateau Renard près d'Avignon, il fut marié a Eleonore de Tolede.

Cette grande et ancienne famille n'est pas seulement renommée en Normandie, mais encore en Italie, dans l'une et l'autre Allemagne et en Espagne où elle s'établit l'an 1386 du temps de Jean Roi de Castille. Robert et Jean de Braquemont furent au secours de ce Prince contre Jean Roi de Portugal (2).

Bethencourt.

Bethencourt, Seigneur de Rouvray et de Grainville en Normandie. *La Roque* dans son traité *des Bans et arrieres-Bans*, dit que, dans un catalogue des anciens Seigneurs Normands qui est à la suite de l'Histoire de Normandie par *Gabriel Moulin* on trouve Jean de Bethencourt.

Le même auteur dit qu'il y a des preuves de Noblesse de la maison de Bethencourt qui commencent à Philippe de Bethencourt, Seigneur de Rouvray, pere de Renaud de Bethencourt qui eut pour fils Jean de Bethencourt, qui épousa Isabelle de Saint Martin de Gaillard, pére et mère

(1) Zuniga Annales p. 300.
(2) Dictionnaire de la Noblesse, Art. Braquemont.

de Jean de Bethencourt qui épousa Marie de Braquemont dont il eut Jean de Bethencourt Chambellan du Roi Charles XI, que fi la conquète des îles Canaries [1].

Canarias

Na reclamação feita contra nós no Concilio de Constança em 1435 pelo Bispo de Burgos diz que as Ilhas Canarias erão 7.

Que a Ilha chamada então de Lancerote fora a 1.ª mandada occupar por Henrique III Rei de Castella, e que o mesmo Rei as concedera a João de Bethencourt.

§.º

Abreu Galindo

Cité comme autorité par Mr. d'Avezac [a]

Cet auteur écrivit en 1632. Son Mss. á été reproduit en partie par George Glas en 1764, (The history of the discovery and conquest of the Canary island) mais le auteur du XVII.e siécle ne produisant point des documents ne peu[t] pas être une autorité pour des faits qui se sont passées plusieurs siécles avant hui — Il rentre dans la classe des tins ceux qui ont écrit sur les Canaries dont M.r Berthelot dit avec raison

«Aprés les ecrivains de ces trois époques (p. 66) plusieurs autres s'oc«cupérent des premitifs habitans des Canaries; mais *ce n'est qu'avec «beaucoup de réserve* qu'on doit admettre, á titre de renseignements, «cette foule d'ouvrages imprimés ou inedits, qui, dans les cours du XVII.e «siécle, vinrent grossir les annales d'un peuple qui la guerre et l'excla«vage avait décimé. Ces differentes productions ne méritent pas toutes «la même confiance, *et il n'est pas facile de reconstruire tout un passé «avec des matériaux puisés á des sources obscures.* Pour arriver á la con«naissance de la vérité avec ces éléments hétérogenes, il faut faire la «part á chacun des notions traditionelles &.

§.º

L'assertion de Vieira y Clavijo auteur qui écrivit V siécles aprés les événements n'est ici d'aucune valeur

Cet A. écrivit en 1780. Vieira et Clavijo = fut il est vraie un compilateur d'auteurs plus anciens — mais il s'est trompé sur plusieurs faits. Nous

(1) Diccionnair. de la Noblesse. Art. Bethencourt.
[a] «Nouvelles Annales des Voyages», janeiro de 1846, pag. 73, nota 2.

voyons qu'il dit que les figues furent introduits dans les Canaries par des graines que certains aventuriers Malhorquins y apportérent vers la moitié du XIVe siécle (1360) tandis que la relation du voyage de Reco y avaint rencontraient une grande abondance de ces fruits 19 ans avant (Voy. Macedo. 2.ª Part.ª, p. 13).

Le même A. dit qu'il n'y avait point de blé, e[t] se rapporte au dire du P.e Espinosa, tandis que nos voyageurs l'y on rencontrait dans une grande abondance et meilleur que celui de l'Europe et Bethencourt lui même le rencontrá en 1462 á l'île du Fer, e[t] dans la Canarie (Ibi p. 14).

Nunes de La Peña e[t] Clavijo disent que les naturels des Canaries n'avaient point des îdoles, et n'adoraient point ni le soleil, ni la lune ou les étoiles, et les navigateurs d'Alphonse IV y rencontraire[nt] un petit temple oú ils trouverent un îdole qu'ils apporterent á Lisbonne (Ibi p. 14).

Vieira signale plusieurs vêtements des Canariens, tandis que nos voyageurs trouvairent les habitants qui allaient tous nus, á l'exception de ceux de Lasarote qui portaient une espece de manteau = (Ibi p. 15).

Découvertes avant Gil Eannes

D'Avezac = Notice sur la decouverte au Moyen-âge p. 43 [a]

C'est vraiment plaisant de voir dire à l'auteur: «Aucune trace des Portugais ne se laisse apercevoir dans cet espace de plus de quatre-vingt années avant l'expedition de Gil Eannes et puis il cite la réponse d'Alphonse IV au Pape datée du 12 Fevrier 1345 où il est constaté que ce roi avait envoyé des navires à ces parages !!

Et en faisant remonter les expeditions Portugaises aux Canaries à 1336 dit que «cette date même est *primée* par celle que les historiens des Canaries attribuent à l'arrivée en ces îles d'un navire Français qui y fut *poussé par la tempête*; le pére Abreu Galindo, dont on vante l'exactitude, dit que cet événément se place entre les années 1326 et 1334.

Or Galindo n'á pas cité un seul document et est un écrivain du dernier siècle. Quel[le] confiance peut-il inspirer á coté de la lettre d'Affonse IV au Pape document contemporain et qui se trouve aux Archives du Vatican ?

1330 — Fevereiro

Os Embaixadores de Portugal em Avinhão que fizerão provavelmente a apresentação sobre as Ilhas Canarias um delles foi Lopo Fernandes Pacheco — de que trata o documento citado a p. 153 do Quadro T. 1.º

[a] Da *separata*, ou pag. 75 da revista «Nouvelles Annales des Voyages» de Janeiro de 1846.

in fine o que foi sollicitar a dispensa do casam.[to] entre ElRei de Castella e a Inf.ª D. M.ª (Veja-se Zurita T. 2. Liv. 7. c. 11 f. 96).

Carta d'ElRei D. Fernando de Castella pela qual concede a ElRei D. Diniz de Portugal a Villa de Campo Maior como se continha em outra carta deste mesmo mez.

Composição entre El-Rei D. Diniz e ElRei D. Fernando de Castella sobre as villas e castellos de Aroche e Aracena, Olivença, Campo Maior e S. Felzes de los Gallegos, Ouguella, Sabugal e Alfayates, Castello Rodrigo, e outras.

Ilhas Afortunadas

En 1368 — François de Perilleux vicomte de Rhodes, chev.er Aragonais.

Guillaume de la Pole, inglez, conde de Suffolk e de Dreux teve o titulo de Almirante de França em 1423.

Edward de Courtenai, inglez, foi nomeado Almirante de França em 1439.

Guillaume Casenove, dit *Carlon* vice Amiral [a].

§.º

Voyages des Genois du xiii.e siécle au[x] Canaries

Quelques écrivains italiens posterieures de trois et quatre siécles au[x] découvertes maritimes des Portugais, prirent fantasie d'attribuer á leurs compatriotes soit la priorité de quelques unes de ces découvertes = soit l'influence du savoir de leurs marins — Et malheureusement ils viennent de trouver un disciple dans un géographe Français.

Examinons de nouveau sur quels fondements ils appuient leurs prétentions.

M.r Ciampi publia á Florence en 1827 son commentaire sur l'expedition Portugaise que le Roi Alphonse IV envoyá aux Canaries en 1341.

Dans celui-ci — qui donná lieu á la partie du Memoire de M.r d'Avesac qui á reproduit en changeant seulement la phrase ce que Ciampi á publié! il produit comme fondement pour soutenir son assertion = le passage suivant de Pierre d'Abano, (qui naquit en 1250 et mourout en 1316) auteur contemporain = parlant de l'année 1291

«Peu avant cette epoque les Genois équipérent deux galéres aprovi«sionnées de tout ce qu'il fallait et sortirent par le détroit d'Hercule, si«tué á l'extremité de l'Espagne. Mais il se sont passé prés de 30 ans et «on ignore ce qui leurs est arrivé.

Or de ce passage on ne peut nullement conclure qui'ls allaient aux Canaries, ou en Flandres, ou á tout autre endroit.

---

[a] Colloquei aqui estes 4 paragraphos unicamente por motivo do titulo que teem no original.

Ilha de Lancerote

ElRei D. João 2.º de Castella na carta que escreveu a ElRei D. Affonso V em 25 de Maio de 1452 (Quadro Elem., Tom. 2.º, p. 352) diz fallando de Lancerote o seguinte, que está bem longe de auctorisar o famoso descobrimento e conquista dos Genovezes que M.r d'Avezac pretende:

«E todavia o dito Inf.e se queria intrometter em nos occupar as ditas «nossas Ilhas de Canarias, e até as mesmas que *se achavão já povoadas «por nossos vassallos, como o são as de Lancerote e Gomeira.*

Bethencourt era considerado tanto por Henrique III rei de Hesp.a como por seu filho ElRei D. João 2.º como seu vassallo, a quem elle havia jurado obediencia, fidelidade &. (Quadro T. 2.º, p. 362).

NB. Transcrever aqui as palavras da Carta d'El-Rei de Castella.

Na 2.a viagem em 1405 Bethencourt é que foi verdadr.am.te com navios comprados na Normandia (Vid. cap. LXXX, p. 163).

Interprete Hespanhol.

Sur Lancelot

Vous trouvez la Legende dans la Carte de Pareto de 1456 [a] — qui rapelle = Lancelot de Meiosel et vous vous empréssez de la rapprocher de ce qui dit un voyageur qui vecut 54 ans avant. Celá est même un argument en notre faveur sous le rapport des cartographes = C'est á savoir que si l'argument que vous tiréz de cette carte vous sert pour affirmer l'existence des voyages des Genois aux Caniers, puisque cette particularité s'y trouve aussi bien que la fameuse croix estampilée, le fait contraire prouvé par les cartes anterieures que pareille chose ne s'y trouve point doit servir d'argument pour prouver qu'ils ne sont allés aux Canaries qu'aprés les voyages d'Alphonse IV. de 1334 a 1404 et que votre Lancelot Meiosel n'est point anterieur =

Et ne venaiet donc dire que ceci c'est un argument negatif. Non il est aussi positif que possible — Dans une carte vous trouvez la note en question dans d'autres vous trouvez la croix Estampillée = Voici qui est positif, dans les anterieures a 1351 — vous ne trouvez rien de tout celá = Voici un autre fait aussi positif — Vous tirez du 1.º fait un argument en faveur des Genois = moi je tire du même fait, c'est á dire des Cartes anterieurs rapproché e[t] des documents clairs comme le jour l'induction que dis-je la preuve évidente que les Genois n'allerent pas aux Canaries avant les espeditions Portugaises.

Croix de S. George sur une des Canaries sur cartes geographiques

M.r d'Avezac veut tirer de celá l'argument pour prouver que les Genois ont découvert ces iles avant les Portugais. Mais si celá était ainsi, cette croix qu'on y remarque indiquerait plutôt l'Expedition Portugaise de Reco sous Alphonse IV.e de Portugal — (Du reste, les Anglais,

[a] «Nouvelles Annales de Voyages», pag. 84, de Janeiro de 1846.

les Portugais, les Genois, les Vénitiens. et même les Géorgiens en orient usaient de la banniére de S^t^. George (Vid. Jacques de Vitry Liv. 1.º cap. 79 et Sanuto).

Vid. Gothier de Metz dans son poëme de sa Mappemonde les vers transcripts dans la Dissertation apud Petitot — Recueil — Tom. 3.º p. 236.

RAZIA DE BETHENCOURT [a]

Les peuples qu'il attaquá etaient les Mageares — (de Follie et de Cochelet de par ceux-ci) (voy. 1er p. 95) = car ce sont eux qui donnent en échange aux Trasarts qui occupent le nord du Niger, des bestiaux, de la laine et des chameaux.

NB. Voyez, p. 99 aussi.

A p. 287 — NOUVELLES ANNALES

Cahier de mars [b]

Il est reelement surprenant que la premiére nation maritime de l'Europe la 2.^d^ moitié du XVe siècle eut été dans quelques années avant la plus arrierée dans tout ce qui concernait la navigation comme le prétant Mr de Avezac(1)! en 1402 malgré ce qui dit Bethencourt qu'elle pouvait fournir des vivres et des Pilotes pour les conquetes d'Afrique — M.^r^ d'Avezac pretant qu'elle ne pouvait fournir que de vivres! Ainsi point de navires, si elle avait des Animaux ceux-la étaient des Genois parce que le roi Denis en avait pris un á son service; ór si c'était á cette école que les Portugais ont du les premiers navigations qu'ils firent sur la mer Atlantique, comment entre 1317 a 1420 c'est á dire pendant plus d'un siècle la prêtendu[e] école de Manuel Peçanha ne leur á pas appris quelque chose et que jusqu'à 1494 étaient encore si arrierées — et si novices qu'il n'osait pas se hasarder loin des côtes?

Il suffit d'avoir un peu de sens commun et de une bonne critique historique pour voir que les auteurs Portugais même qu'on invoque pour tirer de pareils indutions, se copiant toujours les uns les autres pour sachansen les grandes découverts et le Prince Henri ont dénaturé les faits au mépris du bon sens et de la vérité.

En effet si on disait = voi-ci un peuple qui n'avait pas d'importance politique parmi les nations de l'Europe, pas de navires, ni pilotes, ni cartes marines, que pour aller aux îles situées prés de leurs côtes connues et frequentées par les voisans les espagnols, il á fallu y être conduit par des Etrangers, et tout á coup il va presque d'un bou aux extremités

---

[a] «Nouvelles Annales des Voyages», n.º de março de 1846, pag. 284.
[b] No n.º de março é que d'Avezac publicou, pag. 277-298, o principio da 3.ª e ultima parte da sua «Notice». — Vide a nota da pag. 344 deste volume.
(1) NB. Pour montrer que la nation devait être préparée d'avance = je dois citer une partie de mon Examen sur les causes qui exercerent de l'influence sur l'Esprit du Prince Henri = et ainsi ce qui dit Humboldt, Examen Cit. Tom. 2, p. 34.

du Globe decourtant toute leş cotes de l'Afrique, occupant l'Inde et ses îles et s'étendre jusqu'au nord du Japon. Si ont disait cela serieusement á un homme qui ait simplement le sens commun, il aurait dit cela ce ne peut pas. Un peuple qui aurait fait pareil chose sans être avant un peuple maritime serait non seulement le plus grand phenomène historique, mais ce serait un vrais miracle. Et pourtant c'est justement la part que lui fait M.r d'Avezac dans sa fameuse notice en voulant ce ravalér il l'éléve á une gloire qu'on tentera en vain de trouver de pareil dans [les] Annales d'un autre peuple.

Replique á d'Avezac.

Au cahiers de Mars de 1846 p. 287 —

Il pretend que ce furent dauprés les Cartes Italiennes que les Portugais ont effectué les decouvertes Atlantiques, ou á peuprés — parce que l'Infant D. Pedro avait aporté de Venise une fameuse Carte qui Antonio Galvão, ainsi que Ribeiro dos Santos n'avaient pas vu, et parce qu'on avait consulté Toscanelli.

Or on peut dire la même chose de Colomb que tout italien qu'il était et ce qui plus est, Génois, il á consulté Toscanelli, e[t] á obtenu de lui une carte. Celá est facile á expliquer du moins selon nous.

Tant les Portugais, comme le Colomb ayant pour but d'aller en Asie les uns par l'Est, et l'autre par l'Ouest, et les voyages de Marco Polo dans cette partie du globe ayant éffétué une revolution dans la géographie et dans la cartographie de cette partie de la terre rien de plus naturel que de consulter ces savants Italiens qui étaient plus que personne au fait de ces découvertes et voyages de Marco Polo? Sans que de celá on vienne arbitraire et légerément tirer l'induction que les Portugais n'avaient d'autres moyens de decouvrir ces illes que par des cartes Italiennes et que les Cartes Portugaises sont posterieures aux catalanes &. Voy. p. 280 note 1.

Le passage qu'il cit de Pedro Nunes n'a aucun rapport et ne peut pas se rapprocher de Cordeiro.

Sur le Chateau de S.t George da Mina

Refutation de d'Avezac á ce qui á dit dans les Nouvelles Annales — Cahier de Mai 1846. [a]

L'edification de l'Eglise fut fait en 1486. Or si le négre qui parle á Braun avait l'âge de 130 années en 1617 il n'était pas contemporain de l'edification de l'eglise car il n'était pas né quand on l'á edifié —

(Sur la Mine voyez Barros dans sa 1.er Décade T. 1, p. 143 et suiv.

[a] Vide a nota da pag. 344 deste volume.

MÉMOIRE

Erreur des cartes anciennes relativemente a un port de Bojador situé au sud du Cap de ce nom

Lu a la Société de Géographie dans le séance du 6 Mars 1846

QUELQUES OBSERVATIONS SUR LA NOTE QUE M.r D'AVEZAC Á LU Á LA SOCIÉTÉ DE GÉOGRAPHIE DANS LA SÉANCE DU 7 NOVEMBRE 1845 AU SUJET D'UN MEMOIRE QUE J'AI LU Á LA MÊME SOCIÉTÉ SUR LES NAVIGATIONS DES PORTUGAIS SUR L'ATLANTIQUE AU MOYEN AGE [a]

J'ai cru jusqu'á present avec plusieurs sprits solides que la veritable critique était l'examen éclairé et un jugement équitable des productions

---

[a] No extracto da sessão da Sociedade de Geographia de Paris, do dia 6 de março de 1846, lê-se o seguinte:

«M. le vicomte de Santarem lit une Note sur la mappemonde du cosmographe vénitien Fra-Mauro, dont il vient d'obtenir une copie qu'il fait graver pour son grand ouvrage sur les découvertes des Portugais. Il offre de communiquer ce document géographique à ceux de ses collègues qui désireraient le consulter. — Cette Note est renvoyée au comité du Bulletin [b.]

«Le même membre lit un Mémoire dans lequel il signale l'erreur des cartes des XIVe et XVe siècles qui placent un port au sud du cap Bojador. M.r d'Avezac présente quelques observations verbales à ce sujet». («Bulletin de la Soc. de Géog. de Paris», mez de março de 1846, pag. 191 e 192).

Acerca desta Memoria dizia o visconde de Santarem ao academico Costa de Macedo, em carta que lhe escreveu no dia 9 do citado mez e anno:

«Antes d'hontem na Sociedade geographica li uma longa Memoria sobre o Bojador, na qual provei com uma serie de cartas desde o Seculo XV até a de Purdy e Arlett que o nosso Amigo d'Avezac tinha commettido dous erros enormes na sua famosa Memoria, a saber a de fazer passar o cabo Bojador a Bethencourt, e o de pretender que o porto de Bojador era ao sul do dito cabo, o que era um erro das cartas catalanas e Italianas dos seculos XIV e XV e dos cartographos que as copiarão, mas que desaparecerão das Portuguesas e Hespanholas desde que Gil Eannes o dobrou. Provei que tal porto não existia, e que era absurdo o tomar por porto o nome repetido das taes cartas de Bugeteder e Bugeder logo immediato ao cabo. Elle não sabendo como se havia de tirar *d'affaire* sahio-se com esta: *Je soutiens que le port devait exister mais c'est qu'il a disparu!!!*

A Memoria que d'Avezac leu na Sociedade de Geographia na mencionada sessão de 7 de novembro de 1845, é a que elle fez depois publicar no referido n.º de março do respectivo «Bulletin», a pags. 167-190, sob este titulo: «Note sur la premiére expédition de Béthencourt aux Canaries et sur le degré d'habilité nautique des portugais à cette époque» Neste mesmo n.º do «Bulletin», pag. 141-146, foi publicado o «Rapport lu par M. le vicomte de Santarem à la Société de géographie sur l'ouvrage de M. Lopes

humaines. Que dans la critique historique il fallait examiner le caractére et la situation des historiens; s'ils ont été á la portée de connaître la verité et en état de l'approfondir, et pénétrer aprés eux dans la source des événéments, apprecier leurs conjectures, les comparer entre eux, les juger l'un par l'autre.

J'ai cru que lorsqu'il a lieu de censurer un auteur et faut produire littéralement ses expressions sans les affaiblir.

NOTE SUR L'ERREUR DES CARTES ET PORTULANS PRINCIPALEMENT ITALIENS DU XIVe ET XVe SIÉCLE D'INDIQUER UN PORT DE BUJADOR, OU BUYETEDER, AU SUD DU CAP DE CE NOM.

Tout ce qui se ratache á l'histoire des navigations aux abords du Cap Bojador limite redoutable (¹) oú s'arretaient les navigateurs du Moyen-age, n'est pas sans intéret. [a]

Et en effet, eclaircir les points obscurs de l'histoire de la géographie est selon nous un des plus grands services qu'on peut rendre á cette science.

L'experience nous montre chaque jour qu'on ne pourrait rien tenter d'exact sous ce rapport sans l'étude toute nouvelle des anciennes cartes,

---

de Lima intitulé: *Ensaios* etc. — Essais stastistiques sur les possessions portugaises en autre-mer». (*Vide* «Opusculos e Esparsos», Vol. 2.°, pag. 137–150.)

Nesta «Note» —que acaba (pags. 189 e 190) por um ***Post-Scriptum*** datado de 30 de abril de 1846 — d'Avezac trata de responder, perante a Sociedade de Geographia, ao que o Visconde de Santarem ahi dice nas sessões anteriores; especialmente á parte que foi traduzida e publicada no «Diario do Governo» («Opusculos e Esparsos», Vol. 2.° pag. 413-440).

A' leitura feita por d'Avezac na mencionada sessão de 7 de novembro de 1845 e ao que o visconde de Santarem então dice, se refere, nos seguintes termos, o extracto publicado no «Bulletin» do mez de dezembro deste mesmo anno, pag. 371:

«M. d'Avezac, après avoir rappelé la lecture qu'il a faite à la Société, dans ses séances des 7 et 21 février 1845, de sa Notice des découvertes faites au moyen-âge dans l'ocean Atlantique, anterieurement aux grandes explorations portugaises du xve siècle, présenté un résumé succint des objections contenues dans le Mémoire en réponse lu par M. le viconte de Santarem dans la séance du 7 mars, et qui vient d'être publié dans les journaux de Lisbonne; il communique en suite brièvement à la Société les textes historiques qui lui paraissent réfuter les objections élevées contre les conclusions qu'il avait annoncées, et qu'il croit devoir maintenir dans toute leur étendue.

«M. le vicomte de Santarem présente plusieurs observations sur la communication de M. d'Avezac, et se réserve d'y répondre ultérieurement par écrit et d'une manière plus développée».

Numa nota do seu «Rapport» sobre a Memoria de Albano da Silveira, lido na sessão de 18 de Janeiro de 1846, o visconde de Santarem já promette occupar-se detalhadamente dos erros das cartas da idade media.

(¹) Cap Bojador terreur des navigateurs du Moyen-âge et jusqu'en 1433 terme fatal de tous les voyages maritimes — Malte Brun T. 10 edit. de Huet p. 373.

[a] *Um outro pedaço de papel contem o seguinte*: Tout ce qui se ratache à l'histoire de la navigation aux abords des deux caps de Noun et de Bojador redoutables limites ou s'arretaient les navigateurs du Moyen-âge n'est pas sans interêt — N. B. Transcrire le passage de Ibn Kaldoun, e a de Pietro Guarini. Le passage du second est á page 100 des Recherches.

des portulans du Moyen-âge et des cartes posterieures aux découvertes des Portugais et des Espagnoles au xve et xvie siècle.

C'est seulement en les comparant ensemble et dans leur ordre chronologique qu'on parvient à détruire une foule d'erreurs soutenus par des auteurs et des géographes modernes, aussi bien qu'á établir d'une maniére incontestable la priorité des découvertes des peuples modernes.

C'est donc d'aprés l'examen chronologique des portulans et des cartes avant et après le xve siécle que nous allons démontrer, 1.° que les cosmographes italiens du xive et xve [siècle] et catalans et ceux qui les copiérent on[t] comis une erreur en marquant sur leurs cartes le nom de Bojador au sud du Cap de ce nom au quel ils donnai[en]t le nom de Bugeteder = Boiador &. 2.° que c'est sur cette erreur qu'un auteur de nos jours s'est probablement apuyé pour avancer en parlant d'un voyage de Bethencourt *prés du cap du port du Bojador*, que ce gentil-homme avait doublé ce cap, parce-que le port du Bujador était au sud.

Je n'ai pas dit celá et je confirme. L'Auteur au lieu de produire deux colones entieres de mon texte et de ma discussion, il reuni ensemble ses deux conclusions sans les preuves de raisonement qui les ont motivé ! [*a*]

Rio d'Ouro

D'Avezac a p. 169 dit que le *Rio do Ouro* atteint en 1436 ne fut appelé de ce nom par les Portugais qu'en 1442 et que les Français de Bethencourt *connaissaient* ce fleuve de l'Or longues années avant que les pilots de l'Infant D. Henri eussent dépassé le Cap de Noun.

D'abord savoir qu'une chose existe et connaître cette chose par sa propre experience il y a une difference immense. Or si le Prince Henri á eu á son service Jacques de Malhorque pour dresser des Cartes — si les rapports du Portugal de toute espece avec l'Aragon ne permettaient pas aux hommes instruits d'ignorer ce qui était indiqué dans les cartes catalanes. Or si en Italie dans un Mss. de Gênes on a trouvé la legende de la ten[ta]tive de Ferrer en 1346 à un Rio de l'Or, comment pouvaient on ignorer les marins en Portugal qu'on indiquaient vaguement au sud du Bojador un Rio d'Ouro. Il aurait fallu une disser-

---

[*a*] Estas palavras estão escritas num exemplar, incompleto, de uma prova typographica da «Note» publicada no «Bulletin», pag 168. Referem-se a esta nota de d'Avezac: «J'aurais souhaité, cependant, ne point trouver incriminées, dans le mémoire de mon savant ami des intentions auxquelles, j'en suis sur, il rend, au fond de son cœur, une plaine justice: il ne me croit point, quoi qu'il dise, *invariable dans le dessein d'atténuer la gloire due aux Portuguais pour leurs découvertes*, ou conduit par *l'idée preconçue d'élever la gloire des Genois sur les dèbris de celle des Portugais*. Je me borne à regretter ces formes de discussions: Je ne me fais pas à moi-même l'injurie de croire qu'aux yeux de personne j'aie besoin de les repousser autrement».

lation immense pour montrer en détail que l'argumentation de M.r d'Avezac malgré [a]

Je n'ai pas dit cela — J'ai dit et prouvé qu'il y avait une marine. Voila tout. J'ai dit et j'ai prouvé qu'il y avait un grand commercement maritime et non pas une grande *puissance* — mot que M.r d'Avezac m'attribue faussement [b].

REFUTATION DE LA NOTE DE D'AVEZAC A P. SUR LA QUESTION DE SAVOIR SI LES PORTUGAIS N'ALLAIENT PAS EN AFRIQUE AU XIVe SIÉCLE, LORSQUE PEGOLLOTTI ECRIVIT SON FAMEUX LIVRE DE LA **Decima**.

1190. Le Roi de Maroc propose des Treves pour 7 ans au Roi Sancho I. Cité par la Monarquia Lusit. T. 4 Liv.° 12 p. 21 v.°.

En 1240. L'Infant D. Pedro frére de Sanche II né en 1187 entra au service du Roi de Maroc. (Vid. Schaeffer Hist. de Port. p. 97).

En 1292. Aout = Dans un Traité fait entre l'Aragon et le Soudant de l'Egypte le Portugal y est compris. Quadro Elementar. T. 2.° p. 349.

En 1480. Le Portugal celebra un Traité avec l'Espagne sur le commerce avec les pays de la Barberie. Quadro — T. 2, p. 378.

Marine Portugaise au XIVe *Siècle* —

Si celle-ci fusse trés faible á cette époque Zurita n'aurait pas fait mention que le Roi d'Aragon envoya en 1347 en Portugal Pierre Guillen d'Estaimbos reclamer qu'on prepara la flotte Portugaise par la nouvelle qu'il avait reçu que le Roi de Maroc faisait de grands preparatifs contre le royaume de Valence. Zurita T. 2. Liv. 8, c. 5. f. 188.

Quant a ce [que] M.r d'Avezac dit qu'on voit dans les Portulans du XIV *et* XVe *siécle = Arzille de piage d'Spana, Zamurro des piages &.* [c]

Nous avons examiné — pour le 14e siècle —

1.° la carte des Pizzigani = on y rencontre pareille chose.

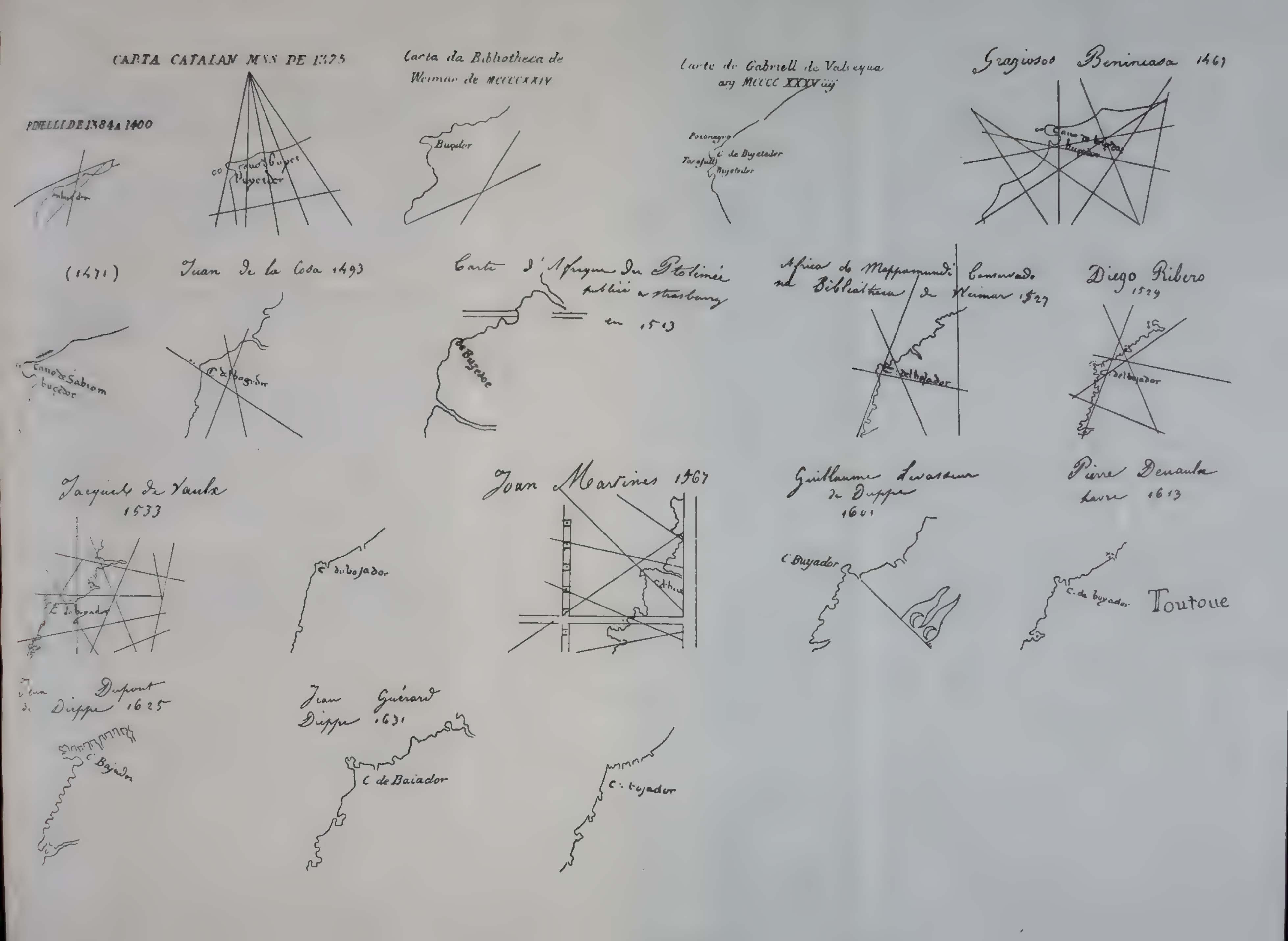
2.° Dans le portulan Baldelli 1380 — on y voit non plus dans ancune endroit de la cote du Maroc le nom «de Piesi de Spana. On remarque

---

[a] O original não tem continuação.

[b] E' a contestação a estas palavras de d'Avezac, a pag 170-171 do «Bulletin»: «Notre savant confrère, dans un travail étendu, qui a été imprimé à Lisbonne dans le *Diario do Governo* des 5 septembre, 1.er et 2 octobre derniers, soutient..... 2.° Que bien avant le passage du cap de Bojador, bien avant le régne de Denis le Libéral, en remontant même jusqu'au XIIe siècle, les Portugais avaient une grande puissance navale et la pratique de la haute mer».

[c] «Bulletin» de março de 1846, pag 181, e «Nouvelles Annales des Voyages» de outubro de 1845, pag 39.



CARTA CATALAN MSS DE 1375
PINELLI DE 1384 a 1400
Carta da Bibliotheca de Weimar de MCCCCXXIV
Bugedor
Graziosos Benincasa 1467
(1471)
Juan de la Cosa 1493
Carte d'Afrique du Ptolémée publiée a Strasbourg en 1513
Diego Ribero 1529
Joan Martines 1567
C. Buyador
C. de buyador
Toutoue
C de Baiador

dans ce dernier au paralélle des Canaries = *Plaze deserte,* de même que dans celle des Pizigani.

Dans celle du Portulan Mediceo qu'on veut qu'il soit de 1351 on rencontre sur la cote occidental du Maroc le mot *plagie* (plaze) mais seul =

xv.[e] siécle

Dans le Portulan d'Andrea Bianco de 1436 nous lisons une seule fois sur la côte occidental d'Afrique dans le Maroc le mot = *Plazies* = qui signifient = ***plages*** et pas de Plaisies d'Epagne!

Dans celle de Pareto de 1456 nous lisons au sud Messe ***Plagie*** et rien de plus — de meme que plus bas on y lit = *Plagie arenosa* (Plages areneuses).

xiv[e] siécle

Dans la carte catalane de la Bibliothèque du Roi de 1375 marquer au Sud du Cap-Bojador le nom de = Buyeteder. (1)

Dans le Portulan Pineli le nom de Buyeteder se trouve au nord du Cap = ainsi = Buyeteder et apres Cavo de Buyeteder — (1380)

xv[e] siécle

Dans la carte italienne qui se trouve à la Bibliothèque de Weimar datée de 1424 on y remarque une espece d'anse au sud du Bojador (2).

Dans celle du Mallorquin Valsequa datée de 1439 on voit aussi marqué au sud du Cap Bojador une espece d'anse et on y lit *C. de Buyeteder* et immediatement aprés le nom de *Bujeteder* (3).

Dans la carte du Genois Bartholomeu de Pareto de 1456 on remarque comme dans les précedentes cartes Italiennes et catalanes le nom de ***Bugeder*** au sud du Cap de ce nom.

Dans celle de Benincasa de 1467 qui existe dans un portulan de la Bibliothèque du Roi á Paris, on y voit les mêmes nôms de *C. Bojador* et un port au sud du Cap comme dans les précedentes cartes italiennes (4).

On remarque les mêmes particularités dans l'autre carte de Benincasa datée de 1471 qu'on trouve dans la Bibliothéque du Vatican. (5)

Castaldi cosmographe vénitien dans sa carta d'Afrique publiée en 1564 marque un fleuve *au nord du Bojador* et prés de ce fleuve dans l'interieur on remarque l'indication d'une ville située au bord du même fleuve, portant le nôm de Bojador.

De maniere que d'aprés ce géographe le port en question serait non seulement au nord du cap de ce nom, mais encore situé sur le fleuve et á une grande distance du cap.

---

(1) Voy. Notre Atlas.
(2) Ibi.
(3) Ibi.
(4) Ibi.
(5) Voy. cette Carte dans notre Atlas où nous l'avons donné par la premiére fois.

De même dans celle de Christoforo Seligo de 1489 dans le Portulan de la Bibliotheque Cornaro aujourd'hui dans le Musée Britanique, on y remarque au sud du cap Bojador un port ou anse, et le mot=*Bogidor* (1)

Le célébre geographe Venitien Livio Sanuto (1528) a aussi comis cette erreur dans la prémiere carte d'Afrique et copiant trés probablement sur ce point ce qui se trouvait dans les portulans italiens du xve siécle.

En effet on voit encore dans la prémiére carte de la géographie d'Afrique un port du Bojador au sud du cap de ce nom. Il place même ce port á l'embouchure d'un fleuve auquel il á donné le nôm de *Buzadore fluvius* et au nord du cap il marqua un autre fleuve au quel il donna le nom =*Aridus fluvius.* Correspond au *Rio das Enguias* des cartes Portugaises dont d'Anville se servit pour la carte d'Afrique (1749).

Mais il á fait disparaître de sa XIIe carte les deux fleuves en question ainsi que l'indication d'un port au sud du dit cap, ce qui parait indiquer qu'aprés avoir donné sa premiére carte á eu des notions et des cartes plus exactes pour dresser cette derniére (2)

Cepandant les navigations et les reconnaissances hydrographiques des navigateurs Portugais montrérent successivement aux cosmographes de la fin du xve et du xvie siécles qu'il n'y avait pas au sud du cap Bojador le pretendu port dont il s'agit.

En effet le nom de Bojador, Buyeteder, Boiador, qu'on voyait dans les cartes que nous venons de citer plus haut disparait entierement des cartes marines des Portugais et de la plupart de celles des Espagnoles des la fin du xve siécle – Et le chevalier de Borda en 1776 et l'Amiral Roussin en 1817 et 1818 dans leurs fameuses explorations hydrographiques sont venus constater de nouvean que le port en question n'est point situé au sud du cap comme nous le montrerons ailleurs.

Ainsi dans la carte d'Afrique du fameux Juan de la Cosa de 1500 on ne voit pas le nom de *Bugedor* au sud du cap de ce nom ni aucune indication de port (3) de même que dans les cartes suivantes que nous enumererons aussi par ordre chronologique.

1513 = Dans la carte d'Afrique du Ptolomée publi[é]e dans cette année d'après les cartes Portugaises (4) ou le nom de Bojador disparait aussi du sud du cap de ce nom et on n'y voit pas indique le port qu'on remarquait dans les cartes anciennes.

1527 — Le même nôm de Bojador disparait de la carte espagnole de cette carte conservée á la Bibliotheque de Weimar et on n'y voit pas le port situé au sud du cap de ce nom (5).

---

(1) Nous possedons un calque de la carte de ce cosmographe ainsi que ceux d'autres monuments de ce célébre portulan.

(2) Sanuto proclame le Portugais Gil Eannes le premier marin qui doubla ce cap.

(3) Voyez cette carte dans notre Atlas.

(4) Nous avons donné cette carte dans notre Atlas. Une note qu'on y lit prouve qu'elle fut dressée daprés les cartes Portugaises en disant sur les deux cartes d'Afrique «*Duae particulares tabulae ex chartis Portugaliensium sumptae*».

(5) Voyez cette carte dans notre Atlas.

1529 — L'absence du même nom et port se fait remarquer dans la carte du fameux cosmographe espagnole Diego Ribero conservée á la Bibliothéque de Weimar (1).

1530 — Dans un portulan Royal Portugais que je possède et qui parait être dressé par Jean Freire on ne voit pas non plus marqué au sud du cap Bojador le port en question.

1533 — Dans la carte d'Afrique de l'Atlas de Jacques de Vaulx de cette date dressée d'aprés les cartes Portugaises le nom de Bojador disparait entiérement du sud du cap de ce nom ainsi que le port en question (2).

1536 — Les mêmes particularités se font remarquer dans une carte inédite d'un portulan de la Bibliothéque Barberini de Rome d'aprés les cartes Portugaises (3).

1541 — Le même nôm et port disparaissent également de la carte inédite du cosmographe Portugais Jean Freire en mon pouvoir (4).

1546 — On remarque les mêmes particularités dans la carte d'Afrique de l'Atlas du même cosmographe Portugais qui posséde M.r le Baron Taylor (5).

On remarque les mêmes particularités dans les cartes de deux portulans Portugais du xvie siécle qui se trouvent au Dépôt des cartes géographiques de la Bibliothéque du Roi (6).

1559 — Le même nom de Bojador au sud du cap de ce nôm disparait ainsi de l'admirable carte d'Afrique de l'Atlas de Guillaume de Testu (7).

1567 — Dans la carte d'Afrique de l'Atlas inédit de Jean Martines de cette date non seulement on y voit pas le nôm de Bojador au sud du cap de ce nôm, ni indication du port en question, mais au contraire ce cosmographe parait signaler une espece d'anse au nord (8).

1570 — Dans les cartes d'Ortelius on ne voit pas le nom de Bojador au sud de ce cap.

1571 — De la même maniére ce nôm de Bojador inscrit au sud du cap de ce nôm disparait de la carte du fameux Atlas inedit du Cosmographe Portugais Vaz Dourado conservé aux Archives Royales de Lisbonne (9).

1575 — Dans la carte marine dréssée á Messine par le Mallorquin Bartholomeu Olives on ne voit pas non plus le nom de *Bujeteder* (Bojador) au sud du cap de ce nom, ni indication du port en question (10).

1582 — Dans la carte de l'Afrique de l'Atlas de Juan Martines qui se

---

(1) Voyez cette carte dans notre Atlas.
(2) Voyez cette carte dans notre Atlas.
(3) Voyez la nomenclature dans notre ouvrage intitulé Memoria sobre a prioridade dos Descobrimentos etc. p.
(4) Voyez Nomenclature dans le Memoire que nous avons publié en
(5) Voyez
(6) Voyez nos Recherches.
(7) Voyez cette carte dans notre Atlas.
(8) Voyez cette carte dans notre Atlas.
(9) Voyez sur cet Atlas nos Recherches p. 133.
(10) Cette carte curieuse apartient á notre neveu M.r leCommendeur Ferron.

conserve a la Bibliothèque de l'Arsenal le nom de port de Bojador ne se trouve point indiqué au sud du cap de ce nom.

1583 — Dans la carte d'Afrique d'un Atlas inedit de cette époque et qui nous semble être une copie de celui de Jacques de Vaulx, on remarque l'absence du nôm du port en question situé au sud du cap Bojador.

Dans toutes les cartes marines du xviie siécle que nous avons examiné l'erreur des cartographes italiens et catalans du xive et xve siécles relativement au port et nom en question disparait entiérement comme il avait disparu de celles dont nous venons de faire mention.

Nous allons en faire l'enumeration dans leur ordre chronologique.

Ces cartes sont celles de Guillaume Levasseur cosmographe de Dieppe de 1601 (1).

1613 — Celle de Pierre de Vaulx Pilote géographe du Roi. On y voit point ni le nom de Bojador, ni indication de port au sud du dit cap.

1625 — De même dans la carte de Juam Dupont hydrographe Dieppois (1)

1631 — Les mêmes particularités se font remarquer dans la carte de Jean Guérard hydrographe de Dieppe. On y voit point ni le nom ni le port marqué au sud du cap Bojador (2).

1667 — Les mêmes particularités se font remarquer dans la carte marine de cette date dressée sur velin, dressée par le cosmographe Portugais Teixeira Albernos (3).

Dans les cartes d'Afrique de Delisle de 1722, et d'Anville de 1749 on ne voit pas de port marqué au sud du cap avec le nom de Buyeteder des anciennes cartes catalanes et italiennes dont il a été question plus haut.

Les belles explorations du chevallier Borda en 1776 sont venu[e]s constater l'exactitude des cartes que nous avons énumeré quant á ce point, puis que dans la carte hydrographique que ce savant marin drèssa de cette partie de la côte occidentale d'Afrique il á fait disparaitre aussi l'erreur des cartes catalanes et italiennes du xiv et xve siécle dont il á été question plus haut, ne marquant pas un port du Bojador au sud du cap de ce nom; erreur qui a disparu aussi des belles cartes de l'Amirauté Anglais.

Dans la belle carte de l'océan Atlantique de Pardy il n'y á pas le port au sud du cap en question et seulement au nord on remarque une petite anse.

Dans la carte des courants océaniques du Major Rennell on ne voit pas non plus aucun port marqué au sud du cap ni le fleuve de la carte de Livio Sanuto.

La carte que Borda á donné de cette côte est la plus exacte qu'on ait eu avant le travail du Lieutenant Arlett — Tom. 7 du Bulletin de S. de G. p. 37.

1776 — Dans la carte de Rennell publié[e] par la Société Anglaise d'Afri-

---

(1) Voyez cette carte dans notre Atlas.
(2) Voyez cette carte dans notre Atlas.
(3) Nous possedons un magnifique calqu · de cette carte.

que et qu'on trouve dans le 1.º volume des voyages de Lédijard et Lucas on ne voit pas de Port ni de fleuve immediatement au sud du Bojador.

Cette carte fut dressée en 1790 par le célébre Major Rennell d'aprés les notions géographiques recueillies par la Société d'Afrique.

Delisle dans la carte d'Afrique n'indique point de Port du Bojador.

1778 — Voyage fait par ordre du Roi en 1771 et 1772 par Borda et Pingré 1778. = Dans la belle carte publiée dans cet ouvrage on n'y voit que = *le Rio das Enguias au Nord du Bojador* et aucun signe de port au sud.

M.r Daussy grande autorité en la matiére, á soutenu que les observations de Borda ont eté faites avec une précision qui ne peut laisser aucun doute sur leur exactitude. (Bulletin de la Societ. de Geog. Paris, 1847 p. 105 [a].

Enfin si nous avons a regreter que M.r de Fleurieu n'ait point publié le manuscript de Borda qui contenait les observations sur ce voyage (1), la savante exploration de l'Amiral Roussin ait venu amplement nous dédommager.

Voi-ci ce que dit ce savant sur le sujet qui nous occupe dans son *Mémoire sur la navigation aux côtes occidentales d'Afrique.* (2)

«Le Cap Bojador, situé par 26 dég. 6 m. 57 secondes de lat. N. et «par 16 degrés 50 m. 34 secondes longitude du méridien de Paris, est «peu remarquable vu par le nord, et n'est qu'une gréve de sable roux, «en pente jusqu'á la mer et dont *l'extrémité ouest fort basse forme une «petite anse* avec la falaise qui la suit. C'est la partie la plus occiden«tale de cette falaise dont la hauteur peut être de 70 pieds, qui le rap«porte la position ci dessus. Ce point á été choisi comme plus remarqua«ble que tout ce qui l'avoisine.

Or on va voir que le port du Bojador est dans le cap même et non pas au sud comme on l'a indiqué par erreur dans une publication récente.

L'Amiral Roussin continue en disant: «On peut mouiller *dans la petite anse du cap Bojador*, mais le fond y est mauvais.

Quant á la carte elle n'est pas d'accord avec les observations. Elle porte le cap 2 minutes plus au nord que le texte. La carte n.º 297 porte le cap Bojador par 26 9 m. et l'Amiral le place dans le texte par 26, 6, 57 ou en nombre rond 26, 7 — et partant 2 minutes de difference.

Le 14 Mai 1846 [*b*] — J'ai examiné avec Mr. Daussy au Dépôt de la Marine la question relative á la position du port du Cap de Bojador.

Nous avons remarqué ensemble que la carte d'Arlett de 1835 que

---

[*a*] O original destes ultimos cinco paragraphos constitue uma «Addition» e está escripto num papel á parte. O referido n.º do «Bulletin» é de fevereiro de 1847

(1) Voyez l'Article de M.r Walckenaer dans le Tom. V de la Biographie Universelle, pag. 152, col. 2.

(2) Roussin. Mémoire cité — p. 33 et suiv.

[*b*] O original do que se segue, até o periodo que termina pelas palavras *Angra dos Ruivos,* constitue uma «Addition» e consta de um quarto de papel á parte.

c'est la derniére carte hydrographique de ces parages est parfaitement d'accord avec les observations consignées dans le texte du Mémoire de l'Amiral Roussin — Et que la carte de celui-ci ne l'était pas offrant les deux minutes de difference venant ainsi á mettre la petite anse au sud, tandis que dans la carte d'Arlett l'emplacement de celle-ci serait dans le cap même comme l'indique le texte du Mémoire de l'Amiral qui á servi d'éléments á la carte qu'on á dréssée.

Du reste les cartes de la 2.de edition datées de 1828 indiquent qu'on á fait des corrections, mais celle-ci ne s'y trouve pas.

Mr. Daussy authorité la plus competente á dit que le texte merite plus de fois que les latitudes.

Et en effet dans les cartes de Borda la latitude est de 26 — 12 ½ et selon Purdy — seulemeut de 26—7 — et selon l'Amiral Roussin de 26—6 — 57 secondes.

Mais dans une description de Luccoch dont s'est servi Purdy dans ses Memoires & Londres 1835 p. 235 — dit ce qui suit.

Le cap á quelques rochers au tour mais du coté du sud il y a une baye qui offre un ancrage de 4 a 5 sondas (braças) et les vaisseaux peuvent jétter l'ancre plus loin dans à 15—et a 2 sondages à une lieue de distance de la côte dans un fond de sable.

«The cap has some rocks about «it, but in the south side is abay «affording (produzindo) anchorage «in 4 and 5 fathoms, and schips «anchor fasther ont in from 15 to 2 «fathoms within a league of the «Schore, on a botton of sand, bro«ken shells & (cheio de conchas).

Mais en admettant même d'aprés ceci que la petite anse soit du côté du sud toujours est-il que le port du Bojador est dans ce cap même et que si Bethencourt est allé *bien prés* et poussé par la tempête il n'a pas passé le cap comme Gil Eannes qui est allé pour découvrir les pays situés au sud et qui est alé au delá, et *non pas bien prés* comme Bethencourt poussé par la tempete. Le même Gil Eannes de la 2.a fois est allé 50 lieues au delá à l'endroit à qui ils donnent le nom d'*Angra dos Ruivos*.

Il parait donc évident d'aprés l'examen chronologique de ces cartes 1.° que les cosmographes du XIVe e XVe siécles qui dréssérent des cartes marines avant que le Portugais Gil Eannes eut doublé ce cap Bojador marquaient au hasard ou sur de fausses données un port au sud du cap Bojador auquel ils donnaient ce nom parce qu'ils ne connaissaient point par experience de leurs marins les parages situés audelá du dit. 2.° Ce fait vient encore confirmer le temoignage d'Azurara historien du XVe siecle [1]

---

[1] Nous continuerons á appeler ce chroniqueur par le nom d'Azurara et non pas *Zurara* [comme] prétend un étranger. On dit Azurara da Beira et non pas *Zurara*. Le Cardinal Patriarche *S Louis* vice President de l'Academie, le plus habile philologue Portugais de nos jours, le Professeur Farinha et plusieurs autres auctorités Portugaises ont toujours ecrit le nôm de ce chroniqueur Azurara ce qui est le plus conforme à l'eupho-

qui dit dans sa chronique de Guiné en parlant des cartes qu'on dréssait en Europe avant que Gil Eannes ait doublé le cap Bojador en 1434 — disant que la partie de la côte occidentale qui s'etendait au sud du dit cap — était dessinée au hasard =

«Et il fut constaté (dit-il) que jusqu'á l'an de grace 1446, cinquante-«et-une caravelles y allerent, et les dites caravelles passérent 450 lieues «au-delá du cap Bojador et on y voit toute cette côte qui s'éntend vers le «sud avec toutes ses pointes, *comme le Prince le fit ajouter sur les* «*cartes marines* (1). Et il est bon de savoir que ce que l'on connaissait «avec certitud de la côte de la grande mer (L'océan Atlantique) se bornait «à 200 lieues, et le restant de cette côte qu'on voyait sur la Mappemon-«de ne présentait aucune exactitude *et etait dessiné au hasard;* mais les «indications qu'on trace à présent sur les cartes sont le resultat de ce «qu'on á bien vu et examiné, comme je vous l'ai déjá dit (2).

Et dans un autre endroit en parlant des cartes marines antérieurs aux découvertes des Portugais au delá du Cap Bojador, il s'exprime de la maniere suivante «Et certes, leurs connaissances n'étaient pas peu «obscurs, *puis qu'il*[*s*] *n'ont pas* pu en tracer le resultat sur les cartes «d'aprés les quelles on se régle sur toutes les mers ou l'on peut navi-guer (3)

Si par aventure on marquait quelque point sur les mappes mondes, ou sur quelques autres cartes avant le passade du cap Bojador par Gil Eannes, c'était d'une maniére arbitraire ou tout-a-fait au hasar comme le dit fort bien l'historien contemporain et les cartes de cet époque le con firment. Ainsi l'indication du nom de Bojador situé au sud du cap de ce

---

nie de la langue, et du reste ce serait une ridicule affectation d'ecrire aujourd'hui un nom comme on l'écrivait au xv.e siècle même avant l'époque classique de la langue.

Nous croyons donc que les ecrivains Portugais de bon gout ne seront pas tentés de suivre sur ce point l'auteur *étranger* qui a venu leur apprendre que le nôm d'Azurara devait s'ecrire au xix.e siècle *Zurara* (Voyez Nouvelles Annales des Voyages cahier d'octobre 1845, p. 3, note 2). Il avait pû dire qu'on aurait de écrire aujourd'hui Chritos parce que Azurara lui-me[me] s'exprime ainsi = mais quel Portugais ecrirait aujourd'hui Chritos comme le chroniqueur du xv.e siécle? Celui qui l'écrirait craindrait d'être tenu pour pédant. Et d'ailleurs ne sait-on pas qu'au xv.e surtout l'on trouve dans la même page le même nôm ecrit par la méme personne de deux ou trois maniéres differentes.

(1) L'exactitude de ce fait se montre mathematiquement par les cartes marines que nous donnons dans notre Atlas ou que nous citons dans nos Recherches § x et xi ou on voit dans toutes celles qui sont anterieures au passage de Gil Eannes au-delá du Bojador la côte s'arreter au dit cap — et dans les posterieures la dite côte se prolonger au fur et à mesure que les decouvertes portugais s'effectuaient —

(2) Voyez Chronique de la découverte et de la conquête de Guinée par Azurara — Chap. LXXVIII.

La carte dont il est question dans les relations de Bethencourt Chap. LVIII p. 106 était de la même nature de celles dont il est question dans le texte d'Azurara en ce que concernait la position du *Rio d'Ouro* comme nous le montrerons ailleurs.

(3) Ibi cap. VIII p. 52 et dans nos Recherches p. 103. Non seulement les passages du celebre historien contemporain des grandes découvertes du Prince Henri sont constatés par les monuments cartographiques que nous avons donné dans notre Atlas, mais aussi par d'autres témoignages irrecusables telles sont ceux d'Ibn-Kaldaun au xiv.e siécle et de Fra Mauro, temoignages que nous avons aussi produits dans nos Recherches — a p. 100 § X — et p. 111 § XV et note 1 — Ibi —

nom et qu'un aucteur á pris derniérement pour un port, est une inovation erronée.

Mais sans tenir compte de cette erreur et du texte même des Relations des chapelains de Bethencourt un auteur moderne a soutenu que Bethencourt avait doublé le cap en question 29 ans avant l'entrepise de Gil Eannes! (1)

Non; Bethencourt n'a pas doublé le cap Bojador avant Gil Eannes. C'est le texte même de la Chronique ecrite par les chapelains qui va le prouver.

D'abord Bethencourt fut poussé prés du cap par la tempête (2) lorqu'il se derijait ver[s] la grande Canare, tandis que Gil Eannes est allé doubler le cap redoutable *d'aprés un systéme scientifique* de découvertes réelles comencé par l'Infant D. Henri et qui furent suivies d'autres qui ouvrirent pour la premiére fois la route des Indes par le cap de Bonne Esperance á tous les peuples de l'Europe. Voi-ci donc le texte des relations de Bethencourt qui va prouver que ce gentilhomme n'a pas doublé le cap avant Gil Eannes.

C'est au chapitre 82 qu'on trouve le passage. Le titre même du chapitre indiquait déjá á l'auteur de la Notice sur la découverte au Moyen âge que Bethencourt n'avait pas allé *prés du cap* dans l'intention ni d'y aller ni de le doubler.

Le titre du chapitre indique bien qu'il voulait faire toute autre chose. «Comme Monsieur de Bethencourt fut bien reçu en l'isle de Forteventure «et comme il se partit de lá *pour aller à la* conquete de la *Grand Canare*, comme il toucha l'Afrique et ses vaisseaux furent escartez» (3).

«Et quand monsieur de Bethencourt eust été une piece de temps au «pays (c'est á dire á Forteventure) il print journée d'aller á la grand «Canare. Il ordonna que se seroit le 6 octobre 1405 et en icelle journée «il fut preste pour y aller á tous les nouveaux hommes qu'il avait amnés «et *plusieurs autres se mirent en mer icelur jour* et se partirent trois ga«léres dont deux estoient au dit seigneur *et l'autre estoit venue du Royau«me d'Espagne que le* Roy lui avoit envoyé (4).

«Fortune vint dessus la mer que les Barges furent despartis et vin«dre tous trois prés des terres sarrasines *bien prés du port de Bugeder*.

Malgré la clarté de ce texte qui dit en termes exprés que Bethencourt est *allé bien prés du port du Bugeder*, mais non pas qu'il y est allé, l'auteur de la Notice le fait doubler le cap contre ce qui est dit dans le texte même!!

---

(1) Voyez Notice des découvertes faites au Moyen Age dans l'ocean Atlantique — inserée dans les Nouvelles Annales des Voyages cahier du mois d'octobre 1845 p. 36 et 37.

(2) Bergeron á meme mis en marge p. 173: »Bethencourt jetté par tourmente en Afrique vers Bugidor.»

(3) Chronique de Bethencourt p. 169.

(4) Toute cette partie du texte des Chroniques de Bethencourt qui renferment ces particularités importantes á été omise dans la Notice inserée aux Annales des Voyages (Voyez ibi p. 40).

Il est donc evident selon nous 1.° que Bethencourt n'a pas doublé le cap Bojador avant Gil Eannes comme on á pretendu le faire croire — 2.° que c'est une erreur de dire que le port du Bojador est situé au sud du dit cap.

Aprés ce que nous venons de démontrer nous ne voyons pas la grande importance qui peut avoir l'incursion que fit Bethencourt dans les terres sarrazines, lorsqu'il s'agit de la découverte réele des pays situés sur la côte occidentale d'Afrique au delá du cap — Bojador!

L'a-t-il doublé? C'est la question qui interesse l'histoire des découvertes?

Ses chroniqueurs montrent qu'il ne l'a pas doublé.

A-t-il mis en rapport les contrées situés au sud du cap avec l'Europe?

Les textes mêmes de ses chroniqueurs prouvent que non.

Voi-ci ce qu'ils disent

«et si les choses de par de ça sont telles comme le livre du frére Es«pagnol le devise, et aussi ceux qui ont frequenté ces marches disent et «racontent á l'aide de Dieu et des Princes et du Peuple chrestien, l'in«tention de Monsieur de Bethencourt est d'ouvrir le chemin du fleuve de «l'or, car s'il venoit á bonne foi, ce seroit grandement l'honneur et le «profit du Royaume de France, *et de tous les Royaumes* chrestiens (1).

Or la consequence toute logique de ce qui est dans ce texte même est = *que le chemin du fleuve de l'or n'était pas ouvert ni pour Bethencourt ni pour tous les Royaumes chretiens*, et en effet ce chemin n'á été ouvert *aux marins de l'Europe* que par le marin Portugais Gil Eannes.

Le voyage accidentale d'Ibn-Fathima au delá du cap n'est point un voyage effectué par les marins de l'Europe (2) ni non plus celui du frére mediant *fait avec des Arabes*. Ces voyages ne portent la moindre atteinte á la priorité de Gil Eannes. Nous l'avons démontré d'une maniére perem ptoire dans nos Recherches.

1574 = Diegus Homẽ Cosmographus Lusitanus fecit Venetiis año partu Virginis 1574 = C'est un Atlas Maritime = Portulan composé de 7 cartes admirablement coloriées — qui representent seulement l'Europe et les cotes de l'Afrique Septentrionale —

Toutes les cotes sont dorées —

Carte de Mallet (Afrique) entourée de texte en parlant de la Guiné il dit à l'article Guinée — «Guinée est à l'occident de Sierra Leone... il y a poivre plus excellent que celui des Indes que le Roi de Portugal

---

(1) Conquete des Canaries chap. LVIII p. 106 et 107—
L'auteur de la Notice inserée aux Annales des Voyages á omis ce texte.

(2) Voyez nos Recherches sur la découverte des Pays situés sur la côte occidentale d'Afrique au-de-la du cap Bojador p. LXXX a LXXXVI.
L'auteur de la Notice inserée dans les Nouvelles Annales ayant cité ce voyage p. 42 cahier d'octobre 1845 n'a pas dit un mot de notre discussion á l'egard de voyage accidental des Arabes.

défend de charger. Au milieu de la Côte est la Guinée, où est S.[t] George de la Mine, la premiére Conquete des Portugais.

1650 = Carte d'Afrique de Sanson Nicolas ne marque pas même le nom de Bojador mais au sud du Cap Noun — et au Nord du Bojador il a marqué un fleuve — qui parait correspondre au Rio das Enguias des cartes Portugaises.

1666 — Dans une autre carte de Sanson de cette date on le voit indiqué daprés l'erreur de la carte de Livio Sanuto au sud du cap Bojador une ville avec le nom de Buzadore un port á l'entrée d'un fleuve avec la même denomination latine de Sanute ainsi qu'on y voit l'aridus fluvius = Buzadore fluv. mais la position astronomique meme prouve l'erreur de cette position car le Bojador étant situé au 26[e] degré de lat. N. le port et fleuve en question est placé au 27 degré et quelques minutes de maniére qu'ainsi le port deverait etre placé au nord et non pas au sud — de maniere que la latitude du cap est entierement fausse dans les cartes de ce cosmographe.

1669 — Sanson fils à commis les mêmes erreurs en copiant les cartes du pére — Le meme géographe commis les memes erreurs dans la carte de 1690 —

Les deux fleuves en question et le nom du pretendu port au sud du Bojador disparaissent des cartes d'Afrique de Duval 1678.

1689 — Dans la carte d'Afrique dressée par Coronelli d'aprés des cartes Portugaises — le fleuve de Bozidorius et le nom et pretendu port au sud du cap disparait entierement.

Tem o Porto cansado e mais nomenclatura á Portugueza e o Rio das Enguias ao N. do Bojador.

Dans celles de Nicolas de Fer les mêmes noms et fleuve disparaissent.

1802 — Dans la carte d'Afrique d'Arrowsmith le pretendu port du Bojador et le fleuve de Sanuto disparaissent on ne voyt que le R. das Enguias au Nord.

Pour la question de l'erreur des cartes de Livio Sanuto sur le Bojador

xv[e] *siècle — 1508*

Carte de Ruych dans le Ptolomée. Cette carte nous montre que lors même que les résultats de nouvelles explorations ne confirment pas les hypothéses forgées d'avance, on ne s'en hâte pas moins de consigner celles-ci sur les cartes, où quelques fois elles restent stéréotypées pendant des siécles. La carte de l'Amérique de Ruych deux ans aprés la mort de Colomb en offre un exemple; «Cette carte ratache d'aprés les opinions systématiques, simultanément le Groenland (Gruentland) Terre neuve (Insula Bacalaura) aux Gog et Magog de l'Asie orientale et des parties de l'ouest de l'île de Cuba á la Floride.

2° Exemple — La Mappemonde trés estimée de Purdy (4.[e] Edition) on y voit malgré tout ce que l'on sait aujourd'hui, tout sur l'origine et la migration de l'ouest à l'est du Mythe de Dorado, que sur le terrain com-

Castaldi

Thevet

Hondius

C. de Boiador

Boiador

Viemila

Buzadora

Buzador fluvius

Caput

Cap Bajador

Carte hollandaise de Blaeu

Sanson 1650

Nicolas de Fer

Carte de Coronelli

Ortelius 1570

C. de Boiador

C Bujador

Bujador

Alham

Sanson 1666

Tanguer

Musulima

Himistuus fl.

Viemila

Liebichas fl.

Buzadora

Aridus fl.

Buzadora fl.

Cuadenum

Albus fl.

D'Anville 1727

Cap Bujador

C de Baiador

Bajador

B. le même dans la carte de 1669

pris entre les sources du Carony et du Rio Branco au sud de la cordillére de Pacasina, le lac Parima est figuré comme un bassin de 30 lieues de diamétre, presque tel qui le représente Hondius.

Cap Bojador et Port du Bojador

Dans la carte de la côte d'Afrique qu'on trouve dans l'ouvrage intitulé «Description de la Nigritie» par Pruneau de Pommegorge ([1]) qui á residé 22 ans dans les Colonies Françaises d'Afrique on n'y voit le Port de Bojador au sud du cap — mais au contraire on voit marqué un port au nord du même cap.

Bojador — Erreur des cartes

Si les cartes du Tage, le port le plus frequenté depuis l'antiquité par les marins et les hydrographes, et mille fois mieux connu que les abords du Bojador, les plans ou cartes Hollandaises ou Françaises (dit Mr de Macedo. Mss) que j'ai vu du port de Lisbonne sont extremement mauvais.

Les noms y sont presque tous defigurés, les positions déplacées, *il y a des riviéres qui n'existent point*, d'autres dont les noms sont tout a fait differents. J'en ai vu même qui imaginerent des îles dans le Tage unies aux rivages *par de ponts!!* dont la longueur d'aprés l'échelle du plan excederait de beaucoup 1/4 de lieue de 17 1/2 au dégré. Quelles erreurs donc ne doivent pas présenter les cartes du Moyen age pour la cote d'Afrique entre le Noun et le Bojador.

Cabo Bojador

Les Portugais avant Gil Eannes (Vid. Humboldt — Exam. crit. T. I p. 290 not. 1) avaient fait des ten[ta]tives heureuses dans le but de doubler le cap Nun en 1418, 1419, et 1423 — Navarrete T. 1° p. XXVII et le Dr. Vincent Periple of the Eryther. sead. P. 1 p. 192.

Bojador

Les anciens savaient que la côte occidentale d'Afrique continuait au sud-oest; mais la force des courants qui á partir de cet endroit se croisent et se brisent sur une côte aride et brulante les avaient empeché de pénétrer plus loin et de *doubler le cap Bojador*.

Plusieurs cartes Italiennes, Hollandaises et même Françaises du XVII.e siécle repetent l'erreur des anciennes, à cet égard. C'est ce qui nous re-

([1]) Il est revenu en France en 1765.

marquons dans la carte d'Afrique de Wit = qui parait avoir copié Livio Sanuto dans une de Nicolosio (au Cabinet des Cartes de la Bibliothéque du Roi tandis que dans d'autre du même Géographe il transporte le fleuve au Nord du cap et lui donne le nom de *Rio das Enguias*, et marque même les endroits oú on peut jetter l'ancre tant au nord comme prés du cap, mais non pas au sud —

Dans le Neptune Oriental la carte n.º 4 des Iles Canaries on y voit le Cap Bojador avec le Rio das Enguias au nord — au Nord du cap il marque une anse, et non pas au sud, tandis que les ports d'Angra [a]

Pour la question du Port au sud du Bojador.

Encore de nos jours et dans des parages plus frequentées des Européens les côtes sont presque inconnues. —

M.r Renou dans ses Recherches p. 321 du Tom. dit

«Toute la côte depuis Ceuta jusqu'á la Moluja, *nous est presque in-«connue;* sa géographie ancienne est aussi on ne peut plus incertaine.

Or si pour cette partie on est encore dans cet état comment peut on connaître mieux le cap Bojador!

Quel confiance peut on avoir dans Edrisi sur son île de Raca et le navire du Roi de France, lorsque son Itineraire maritime de la Cote septentrionale de l'Afrique n'inspire aucune confiance.

(Renou — Ibi p. 321.

Livio Sanuto

Sa carte et ceux qui le copiérent

Selon nous cet habile géographe s'est servi du systheme de Ptolomée et des cartes anciennes pour marquer les deux fleuves en question au nord et au sud du Bojador. On sçait trés bien comme le dit et l'observe trés bien M.r Walckenaer ([1]) que la science ne marcha par d'un pas égal au progrés des découvertes, que tant de richesses acquises si rapidement l'embrasserent et produisirent la confusion. On avait senti la nécessité d'abandonner la methode vague des auteurs des premiers planisphéres. On adopta donc d'abord, sans oser y toucher, *le systeme de Ptolomée* par rapport aux lieux anciens et modernes dont la correspondance était connue, et on se contenta d'incorporer à ce systéme les nouvelles acquisitions que la science faisait chaque jour.

Et c'est ce que nous remarquons dans Livio Sanuto. On y voit pour les cartes le systême de Ptolomée et la nomenclature hidrogeographique des cartes des découvreurs Portugais — ainsi que l'historique de ses découvertes.

[a] O original respectivo não tem continuação.
([1]) Walck. Cosmologie — p 259.

NB. *Pour les Portulans posterieurs aux découvertes des Portugais — addition au §° XI des Recherches.*

«Les pilotes et les hydrographes qui avaient accompagné les premiers «navigateurs dressérent á-la-vérité des *portulans* fort exacts, où la forme «et les sinuosités des côtes étaient exprimées par la marche des bâtimens et par les rumbs des vents ; mais il était difficile d'adapter á un systhéme général ces plans hydrographiques ; plusieurs géographes cependant le tenterent et commirent des erreurs et des grossiéres dont plusieurs *subsistent encore sur nos cartes.* Ortelius fut le premier qui rendit le service de séparer entierement la géographie ancienne de la géographie moderne. La Mappemonde moderne qu'il á mise en tête de son *Theatrum Orbis terrarum* présenta déjá un systéme different de celui de Ptolomée =

Sanson

Malgré la reforme d'Ortelius, suivit dans la question du fleuve supposé du Bojador le même que Livio Sanuto et partant Ptolomée =

En effet (Mr Walckenaer — Cosmologie p. 260) dit avec raison que ces Cartes comme celles de Mercator se recentent toujours du systême de Ptolomée — parce qu'en effet les observations astronomiques des modernes étaient encore en trés petit nombre et n'avaient pas assez de certitude, pour qu'il fut possible de se passer du géographe d'Alexandrie. (Ibi).

NB. La comparaison des deux calques que j'ai tiré du Bojador de Livio Sanuto, et de la carte de Sanson de 1669 ne laisse aucun doute á cet egard.

Langlois. Dictionnaire Geogr.

Bojador (Atlas Major) cap célébre du Sahara, situé sur la côte occidentale d'Afrique dans l'ocean Atlantique au S. des îles Canaries fut doublé en 1432 par Gil Eannes Portugais.

Este A. dizia ainda agora «ses parages sont perileux. Ce cap passa «longtemps pour limite du Monde. Lat. N. 26, 12, 3.

P. x — a p. 377 deste Tomo Malte Brun diz que o Bojador «*terreur des navigateurs du Moyen âge* et jusqu'en 1533 (cet a dire 1433 elle errou a data de um seculo) terme fatal de tous les voyages maritimes, et le cap Blanc que, selon l'opinion la plus probable fut la borne des découvertes des Carthaginois.

PORTS ET FLEUVES SUPPOSÉS

M.r W. J. Hamilton dans son ouvrage — Researches in the Asia Minor & Londres 1842, analysé par M.r Vivien (Bulletin de la Société de Geographie de Decembre 1845 — p. 365 —).

Y est dit

«On sait que Pline croyait á l'existence d'une branche méridionale «du Halys. C'est sur cette branche qu'Archelaïs aurait été située. Et «*c'est une* des plus importantes corrections apportées par les explorations «récentes dans la géographie de cette partie de l'Asie-Mineure, d'avoir «constaté que *cette prétendue branche du fleuve, née d'une simple équivoque* «*et que l'on voit representée sur toutes les cartes anciennes, n'existe reel-* «*ment pas.*

Pour la conclusion

Qu'il y a-t-il d'étonnant de voir indiquer un fleuve et port fictif au sud du Bojador par les cosmographes qui ne connaissaient pas cette côte lorsqu'on voit que les géographes posterieurs á Ptolomée, ont rélégué Thinae, le fleuve *Cotiani*, Catigura et tout le pays des *Sinae* á l'est de la presqu'île Malayenne, et sur un rivage *fictif.*

Vid. Gosselin — 3 — p. 282.

Note en réponse a p. 182

C'est un argument negatif de Mr. d'Avezac, et pour le prouver il suffirá de citer le Traité de Paix fait á Seville entre le Roi Alphonse IV en 1339 du temps même de Pegoloti dont l'Article VI établi que ni le Roi de Castille ni le Roi de Portugal traiteraient avec les Mores de Granade ou *de ceux de l'Afrique* sans le consentiment mutuel —

Or il est évident que les Portugais traitaient alors avec les Mores d'Afrique, ou du moins qu'ils avaient traité, ou même pour satisfaire M.r d'Avezac, au moins qu'ils n'étaient pas dans l'impossibilité de traiter avec les Africains.

No Corpo Diplomatico Portuguez T. 1.° p. 228 = Instrumen.to & = de 11 de Junho de 1338 — ElRei de Portugal diz que tendo ElRei d'alem Már enviado seus emb.res = com recado que lhe mandasse rogar quizesse com elle fazer uma Alliança separada para ser certo que não havia receber damno da parte do Rei de Portugal nem dos da sua terra (Prova que ião lá) e por isso lhe faria a mesma segurança da p.te da sua Terra e lhe [daria] algumas indemnidades e o ajudaria com navios, e cavallaria contra todos os seus inimigos —

Refutation de la Note 2 de p. 187 (*).

D'Avezac dit que l'explication materiélle de ces passages données par S.ta Roza et suivie par Schaefer et autres, n'est point exacte, ainsi

(1) Voy. Quadro Elem. T. I, p 184 — Monarchia Lusit P. 7, Liv. 8, cap 18, p. 427.

(*) Bulletin de la Soc. de Geog - Mars 1846.

que l'a annoté Jean Pedro Ribr.º — dans ses *Corrections* á l'Elucidario (Vid. Dissert. chron. T. IV, p. 2 Appendice VI, p. 130). Il faut remarquer que J. P. Ribeiro ne pouvait pas annoter Schaefer, qui á écrit aprés lui =

NB. E' necessario examinar o que diz João P.º R. loc. cit.

Or rien de tout cela se rencontra aux endroits cités par M^r d'Avezac. Voici qui dit Ribeiro au Tom. IV p. 2 dans la Dissertation XVI consacré á faire quelques observations sommaires sur l'ouvrage de F. Fortunato de S.t Boaventura (Hist. Chronog. e Critica da R. Abbadia d'Alcobaça = Ribeiro parle de Brito — et loin de faire un reproche ou une critique á S.t Rosa, il lui fait le plus grand eloge.

«... mas o credito litterario de varões tão respeitaveis, como Mabillon, os Maurienses, Authores do Novo Tratado de Diplomatica, os Hespanhoes Manrique, Bergansa, Ferreras, Flores, Bayer, Brandão, Fr. Manoel de Figueiredo, alem de Gaspar Estaço, Diogo de Payva, Manoel Pr.ª da Silva Leal, Antonio Pereira de Figueiredo, Fr. Joaquim de Santo Agostinho, *Fr. Joaquim de S.ta Rosa de Viterbo.*

Parait vraiement incroyable qu'on ait venu prendre le plus grand eloge fait á S.ta Rosa, pour une critique, ensuite donner á entendre que c'était relativement au passage du *Foral de Lisboa*, dont il n'y est pas la moindre question.

Tout ceci prouve que M.r d'A. ne comprend pas un mot de la langue Portugaise.

Voyons maintenant ce qui est dit dans la seconde citation, c'est á dire au même tome IV Appendice VI, p. 130.

Lá nous lisons ce qui suit.

A p. 208 col. 1.

«*Petintal* figura nos nossos documentos antigos, como official do mar, e não como fabricante de embarcações. Mas J. P. Ribr.º não produz docum. algum para provar o que diz.

NB. Esta addição ou Appendice contem = Correcções ao Elucidario por Fr. Joaquim de S.ta Rosa de Viterbo.

E' verdade que J. P. Ribeiro lhe nota muitos erros, e equivocações e discussões ethymologicas, mas é necessario advertir 1.º Que em uma obra feita sobre milhares de Documentos de tantos seculos era quasi impossivel deixar de passar algumas inexactidões; 2.º Que quando se trata de discussões ou de opiniões philologicas, já se sabe o arbitrio conjectural a que ellas estão sujeitas; 3.º Que Fr. Joaq.m de S.ta Rosa não foi ouvido, e não nos consta que elle respondesse, o que talvez teria mudado o conceito que as simples observações de J. P. Ribr.º podia fazer conter.

Como quer que seja S.ta Rosa é considerado tão forte paleographo como J. P. Ribeiro, e este mesmo quando lhe fez conta como vimos a p. 2, de se apoiar sobre a sua auctorid.e, o citou a par dos 1.os Escriptores Diplomatistas. O estudo imparcial destas particularid.es que M.r d'A. não fez, é que lhe fez dizer os destemperos que lemos na sua nota. —

A p. 415 do Tom. 2.º do Elucidario. Zebro (pélle zebral) a Africa é que a fornecia.

Reclamation contre quelques assertions produites par M.r d'Avezac dans une Note inserée au Bulletin de la Société de Geographie du mois d'Aout 1846 [a].

Dans nos *Recherches sur la découverte des pays situés sur la Côte occidentale d'Afrique au-de-la du Cap Bojador* publiées en 1842 j'ai annoncé que cet ouvrage serait suivie d'un second volume dans le quel je me proposai de développer plusieurs points, de l'histoire des systhémes cosmographiques et des cartes que je n'avais fait qu'effleurer dans le volume publié alors (1).

La publication de sept volumes de mon grande ouvrage sur les relations politiques et diplomatiques du Portugal depuis le 12.e siécle dont je me suis occupé depuis lors et qui comprenent plus de 6:000 sommaires de documents et qui sont precedées de l'histoire politique m'a empeché de publier le volume en question.

Dans cet intervale notre confrere M.r d'Avezac ait venu soulever une polémique, qui aurait du être trés utile á la science si cet habile écrivain eusse produit tous les textes et tous les arguments contenus dans mon ouvrage, et en les reproduisant *textuellement* les eusse refuté un á un.

Cela serait non seulement plus profitable á la science comme je l'ai dit plus haut, mais aussi serait conforme aux regles d'une bonne et equitable critique.

---

[a] E' este o titulo da «Note» a que se reporta o Visconde de Santarem: «Note sur la véritable situation du mouillage marqué au sud du cap de Bugeder dans toutes les cartes nautiques». Par M. d'Avezac. Paris, 15 mars 1846. («Bulletin» de agosto de 1846, pags. 73–83).

Esta «Note» foi lida por d'Avezac na sessão de 20 de março de 1846, como consta da seguinte passagem do extracto dessa sessão:

«M. d'Avezac donne lecture d'un Mémoire sur la véritable situation du mouillage marqué au sud du cap Bugeder dans toutes les cartes nautiques, ayant pour but d'établir qu'il n'y a point erreur à cet égard dans celles des xive et xve siècles, comme on l'avait énoncé dans une précédente séance.

«M. le vicomte de Santarem présent verbalement quelques observations à ce sujet». («Bulletin» de março de 1846, pag. 195).

(1) Voir nos Recherches p. CIII.

Mais au contraire il á adopté une maniére fort commode de perpetuer cette polémique, c'est á savoir en faisant continuellement diversition á la question principale en portant le débat sur des points accessoires, comme je le prouverai plutard, et loin même de faire repuser ses arguments sur des citations et des extraits mutilées même de mon ouvrage et de mes écrits, il fait plus, il altére completement mes paroles et ma pensée et le sens de ce que j'ai soutenu mais encore il me fait dire ce que je n'ai pas dit ni soutenu ; il s'amuse á batir des articles sur nos phrases dont il dénature le sens [*a*].

Vous allez en juger.

Je dois dire d'abord que je ne m'adresse point á mon confrére pour lui rappeler á mon tour les mots de Thémistocle qu'il me cita [*b*], certain que je suis qu'il ne m'écoutera pas, car il á déjà déclaré ***qu'il était sur d'avance*** que les témoignages inédits, et les documents que ses contradicteurs pourront produire loin de servir leur cause, viendront en realité faire preuve pour lui !!! (1)

Je m'adresse donc ***aux esprits indépendants familiarisés avec les procédés de la critique historique, habitués à recourir aux sources, à peser les temoignages, à repousser les équivoques*** [c].

C'est á ceux-lá que j'ai adréssé mes ***Recherches sur la priorité des découvertes des Portugais au-de-lá du Cap Bojador*** et l'Atlas qui les acompagne et qui soit en France, en Angleterre, et dans la docte Allemagne ont convaincu des savants qui sont aujourd'hui á la côte de la science.

Sur la Guiné[e] des Géographes du Moyen-âge

Addition au § X e XIV des Recherches

Si nous n'aurions vu touts les jours dans une foule d'écrits combien l'esprit s'égare du chemin de la verité des qu'il est dominé par une idée preconçue, nous nous etonnerions de voir le même écrivain [*d*] qui en 1840 (Article Guinée dans l'Encyclopedie des Gens du Monde — p. 295) écrivait.

[*a*] Num outro papel escripto pelo punho do Visconde de Santarem, encontra se o seguinte periodo :

Il est fort commode, dans une polémique, de faire diversion á la question principale en portant le debut sur des points accessoires. C'est justement ce qui a fait M.r d'Avezac, et au lieu d'avoir le caracter d'une critique sérieuse et impartiale, repose sur des citations et des extraits mutilés qui alterent la pensée de l'aucteur et tendent à jetter du ridicule sur son œuvre.

[*b*] A passagem de d'Avezac («Bulletin de la Société de Geographie de Paris, n.º de agosto de 1846, pag. 74) é esta : «Je ne puis que m'incliner humblement devant d'une telle sentence, me permettant toutefois,...... *si parva licet componere magnis*, de dire respectuesement à mon excellent ami, comme Themistocle sous la verge d'Eurybiades : ***Frappe, mais ecoute***».

(1) Voyez Nouvelles Annales des Voyages, Cahier de Mars 1846, p. 279.

[c] Palavras de d'Avezac na referida pag. e n.º de março de 1846 da revista «Nouvelles Annales de Voyages».

[*d*] O visconde de Santarem refere-se aqui **a** d'Avezac.

«L'appelation de *Côte de Guiné* avait donc eu une application quelque «peu fondée, mais tardive au littoral de la Sénégambie ; *elle en fut ragée* «avec juste raison par les géographes du XVIe siècle ; mais, comme [il] «arrive souvent dans les nomenclatures géographiques, ce nôm, qui avait «été *etendu outre mesure* aux *côtes contigues*, resta precisement affecté «aux plages où *nulle raison valable* n'en pouvait justifier l'adoption. Dans «cette acception moderne, la Guinée s'étend aux deux zones successives «d'abord d'ouest en est *depuis Sierra-Leona* jusqu'a l'extreme limite du «*Bénin*, ensuite du nord au sud depuis cette brisure jusqu'aux derniers «confins de Benguela ; et l'on á denommé l'une Haute Guinée, ou Guinée «Septentrional, tandis qu'on appelle l'autre Guinée meridionale ou *Basse-«Guinée.*

Ailleurs le même auteur dit que Samson de l'Isle et d'Anville ont prété á cet usage tout le poids de leur autorité géographique, *dont on peut regretter que leurs succcsseurs se soient écartés* (Ibi p. 295).

Or lui même auteur est venu l'encarter en 1846 de la maniére la plus extraordinaire pretendant que Bethencourt est allé en Guinée, lorsqu'il toucha poussé par la tempete les terres du désert situé entre le Cap-Noun et le Cap-Bojador!!! Et cette enorme erreur geographique des auteurs du XVe siècle du Moyen âge anterieur aux découvertes des Portugais ait adoptée et soutenue de nouveau par le meme auteur qui en 1840 terminait ainsi son article sur la Guinée

«Au nom de Guinée qui n'avait, dés le commencement du XVIe siécle «aucune application raisonablement possible au littoral Africain, le *géo-«graphe instruit substituira desormais les dénominations de Senégambie*, «*de Ouankarah et de Congo désignant trois divisions territoriales bien* «*caracterisées.*

La consequence logique de ce qui est si bien et si savement soutenu dans cet article est que celui qui appellerá Guinée á la côte et aux pays situés entre le cap Noun et Bojador ne sera pas un géographe instruit— sur la veritable position du pays de Guinée.

En 1840 la Guiné[e] de l'auteur était la cote du vent jusqu'á la cote de Cababar, en 1846 il la transporte au Bojador pour se donner le plaisir d'accorder á Bethencourt l'honneur d'avoir découvert la Guinée dont Bethencourt lui même ne s'ait point vanté comme on peut le voir dans sa chronique = !!

Au surplus d'autre part l'assertion de M^r. d'Avezac soutenue dans la seance du 7 Mars 1846 á la Société se fondant sur le passage relativement á ce que le Pape avait dit á Bethencourt savoir que le S^t.·avait dabord nommé Barbarie, qui était les pais situés jusqu'au Bojador et en second lieu la Guinée qui était le pays situé au sud du dit cap qui était déjá ins[o]utenable et au surplus est dementie par le même Bethencourt car le *Pape* parlá primierement des pays de *Guinée* et ensuite de *Barbarie*=

«car aussi que j'entends, le *pays de Guinée et de Barberie* ne sont pas á plus de douze lieues. —

Pour la denomination de Guinée

Il est arrivé pour la denomination de Guinée au Moyen-âge jusqu'aux découvertes des Portugais ce qui arriva chez les anciens pour la denomination du pays des Celtes, des Hyperboréens, des Ethiopiens, et même pour la denomination de mer Atlantique.

Ce nom d'aprés Erastothéne se trouve étendu a toutes les parties de l'océan et de même selon Strabon (Liv. 2). Depuis que par les progrés de la navigation et des connaissances géographiques l'image du *fleuve néan* homérique, qui entourait le disque terrestre s'était agrandie et adaptée aux observations positives, un nom que selon Mr. Letronne (Memoire sur l'Atlas, p. 10) que n'appartenait qu'à la mer exterieure, á la portion de l'océan voisine des Colonnes d'Hercule il fut entendue á toutes les mers qui au tour des continents alors connus communiquent les unes avec les autres.

C'est ainsi que depuis l'expedition d'Alexandre, les noms de Taurus et de Caucase furent donnés á toutes les chaînes de montagnes de l'Asie qui parcourent ce vaste continent de l'oest á l'est jusqu'au[x] côtes des Sinae et des Serés. — (Humboldt. Exam. crit. I p. 143).

Tantot la generalisation des noms tantot le racourcelement des pays par des theories erronnées, ont de tout temps produit conduit á d'inductions fausses. Le passage de Sénéque dans les *Questions* natureles de la possibilité d'aller dans l'Inde par l'occident en peu de jours ayant été commenté par Ruhkoph dans ses Adnotationes ad Quest. nat. veut que l'Inde de Sénéque soit les îles Canaries; car d'aprés Ptolomée dit il, l'Inde oriental se rapproche de l'Afrique *occidentale?* = Mr. de Humbold (Exam. crit. I p. 16) s'en moque de ce rapprochement extraordinaire —

Or le rapprochement de Pedro d'Abano d'Arin dans l'Inde avec les galeres Genoises sorties de Gibraltar fait par Mr. d'Avezac est de cette force!

Points géographiques marqués au hasard

Encore en 1750 = déjá aprés de nous = Pruneau de Pommegorge dans sa *Déscription de la Negritie* dit en parlant de la prodigieuse quantité de riviéres qu'on trouvent tant le long de la côte depuis Bissau jusqu'á *Juda*

«Il y en a tant (dit-il) qu'on peut en compter 40 dans lesquelles si on voulait pénétrer l'on decouvrirait encore bien des peuples inconnus, et sans les quels on ne connaîtra jamais l'interieur de l'Afrique. Car n'en de glorie á M.res nos geographes, tous les royaumes qu'ils placent sur leurs cartes y *sont placés au hasard*, parce que personne n'y á jamais été, si ce n'est dans le haut de la riviére du Sénégal et de la Gambie.

(Descript. de la Nigritie p. 149 e suiv.).

Encore á cette époque si rapprochée de nous voi ci comment on le prenait et les elements dont on se servait pour indiquer les pays de l'interieur de l'Afrique sur les cartes.

Description de la Nigritie par Pommegorge p. 150

Il dit «les seuls renseigments que nous pouvons prendre de l'interieur «des terres, est de faire des questions aux captifs que nous traitons, et «qui á leurs marques au visage nous paraissent venus de trés-loin, notre premiére question, dis-je, est de leur demander combien de jours ils ont été en chemin, et lorsqu'ils répondent 50 ou 60 jours quelquefois plus et qu'ils ont été venus á 10 marchés differents en route, on leur montre ensuite le soleil levant et le soleil couchant, et on leur demande, si leur pays est á droite ou á gauche de cet astre. De-lá on estime autant qu'il est possible, si ces captifs viennent de trois, quatre ou 500 lieues.

Et *c'est sur de parails renseignements qu'on place sur les cartes* les royaumes véritablement inconnus même á ceux qui ont séjourné le plus long-tems á la côte.

Sur le dégré de crédit qui mérite le Pére Labat lorsqu'il parle de l'Afrique

Pruneau de Pommegorge qui á residé en Afrique dans les etablissements que les Français possederent sur la côte occidentale, où il á été gouverneur et où il resida 22 ans, dit dans son ouvrage intitulé *Description de la Nigritie* imprimé en 1789 — dans la Préface (*)

«Je ne parlerai que d'un certain pere *Labat* qui á donné celle (la «description) du Sénégal. Il n'y est allé qu'une seule fois. Il y á resté peu de temps. Il était aumônier dans un vaisseau, *dont il n'est jamais descendu á terre*, ni même dans l'île étant resté en rade, et quand il y aurait fait quelque séjour, il n'auroit guére été plus en état de donner une description de ce pays; parce que pour y parvenir, il faut, non seulement y avoir vécu longtemps, mais il faut y avoir voyagé chez les differents peuples; il faut entendre et parler la langue de ces contrées. Ainsi, le pére *Labat n'a écrit que d'aprés les questions qu'il faisait aux matelots négres, qui venaient á bord de son navire, et qui pour avoir un verre de vin ou d'eau-de-vie lui debitaient chacun ce que leur venoit en tête.*

«Le révérend pere en prenoit ainsi note, pour en composer l'histoire fabuleuse qu'il á eu l'hardiesse de débiter. De lá, on doit juger du cas que l'on doit faire de son ouvrage. C'est l'examen de toutes les absurdités qui á fait naître á l'auteur de cet abrégé l'envie de donner ce petit *ouvrage*. Vingt-deux années de séjour dans les differents établissements que les Français ont au haut et au bas de la côte, et où l'auteur á commandé pour la compagnie des Indes dans l'un de ces forts, l'ont mis á même de rien ecrire qui ne sait pas conforme á la plus exacte verité».

On voit donc comment un officier Français caracterise l'ouvrage de *Labat*, qui a raconté la fameuse fable des navigations du XIV.e siècle.

(*) NB. cet ouvrage fut composé en 1788 comme il est indiqué, ce qu'on lit á p. 171.

Nous ne serions pas revenus sur ce sujet après ce que nous avions ecrit dans nos Recherches p. si aprés la publication de notre ouvrage quelques écrivains sans detruire ce que nous y avions soutenu, n'eussent venir encore dans des écrits récents s'appuier de l'autorité mensongére du Pére Labat avec une persistence bien peu conforme aux regles d'une bonne et impartiale critique.

Ceux qui auront de bonne foi n'hesiteront pas entre le témoignage d'un gouverneur Français qui á residé dans ces contrées 22 anećes, et les absurdités du reverend qui ne s'est pas même donné la peine de sortir de son navire, et qui ne rapporte que ce qui les négres type de la plus profonde ignorance voulaient lui debiter.

M.r Ferdinand Dinis avait déjà remarqué avec l'impartialité que transpire dans tous ses écrits, qu'un fait remarquable, c'est que P. de Pommegorge qui cherche á établir la prédominance des français sur certains points de la côte ne parle nullement des traditions du xv.e siècle.

Casamansa

Tant les droits des Portugais á ce territoire étaient reconnus alors par les Français eux-mêmes = que l'Auteur — lorsqu'il parle des grands avantages que la France peut retirer d'un établissement en Bamboué (Bombouch) dit a p. 87 — que «depuis le Cap Blanc jusqu'a Serra Lionne il n'y eu que le pavillon français qui pût commercer, et que les batiments de toute autre nation puissent y être arrêtés et pris comme interlopes *á l'exception des bâtiments Portugais dans les riviéres de Casamerica* (Casamance) et de Cachot (Cacheu) et au Bisseau».

Et il ajoute que dans le dernier traité fait entre la France et l'Angleterre, où il en a été question de la Compagnie du Senégal jusqu'a la Serra Leone il y fut ajouté. . . La riviére de la Gambie et leurs dépendances, *sans nuire aux droits* du Portugal dans les riviéres de Casamenn [?] (Casamanse), Cachas (Cacheu) &».

Cependant il ajoute que les Français avaient toujours eu le droit de commercer á Casamance et a Bissau et ses dependances.

M.r Denis que l'auteur est mor en 1802, et que c'est á tort que Boucher de la Richarcherie qui lui est hostile dit qu'il n'á été que 20 mois au Sénegal, et suffisait de lire la dédicace à Sedaine pour voir que ce séjour avait été de 22 ans!!

Cartes

Carte du xve siécle par Cymbricus.
Bull. de la Geog. Vol xvii 2.e serie.
Guinée —
Normands — Vol. xviii.

Cartes du Moyen Age

Maniére de determiner les distances en milles et degrés de latitude = Cartes du xv et xvi.e siecle. Voy. Humboldt. Exam. crit. T. 1, p. 235.

Por outra p.te foi a Cadix que *Statius* Sebossus veio colher noções sobre as ilhas do Mar *exterior*.

Para o commercio da Malagueta vid. 1 p. 259 e seg.te da carta d'Africa = Behaim Globe.

Descobertas dos Francezes — Vid. Tom. 1. Humb. p. 284, 285 = note = e tambem p. 290 note.

O Senegal é o Canaga ou Senhaga d'Edrisi sem a supposta juncção com o Nilo. Tom. 1 p.te 1 p. 221.

Vide = Zurla = 4.° p. 56 —
Casamansa — Atlas de Benincasa.

REVUE DES DEUX MONDES — ANNÉE 1834, TOME 20, P. 479 =
DES ÉTUDES GÉOGRAPHIQUES
EN FRANCE ET Á L'ÉTRANGAR PAR MR. D'AVEZAC (*)—

Il y dit de Ritter
«Le premier volume de l' Kunde du Docteur Ritter va, dit-on, être traduit en français.
L'erudition de M.r Ritter est profonde et compléte, *mais non entiérement exempte de les écarts où sont trop souvent entrainés les esprits aventureux de sa patrie.*
N'est-ce pas, par exemple, une irreguliére observation que de baser une description des peuples et des états de la terre sur une hypothése d'ensertion successive des élevations culminantes du plateaux et des terraces en descendant par étages jusqu'aux plaines inferieures?

Sur la Razia que Bethencourt fit il faut consulter le Tom. 7 du Bulletin de la Société de Geograph. Janv. de 1837, le Mem. de M.r Arlett de la Marine d'Angleterre et les lettres de M.r de La Porte sur le Maroc — Ibi Tom. 8, p. 339.

Diz que sustentando que a autorid.e dos contemporaneos é superior á nossa que estou em contradição sustentando que as cartas antigas são

---

(*) C'est D'Avezac même que repond a lui même sur la du mot *aventureux*.

erradas — mas isto é um sophisma pois se prova com documentos igual-m.te contemporaneos a discutida a authorid.e mas p.r outros.

Quanto á posição da Guiné que era o paiz au de lá do Bojador nas Relações de Bethencourt e que o de Mauritania esqueceu! A isto respondi nas Recherches.

D'Avesac

Sur la question du cap *Sabion* voyez Nos Recherches p. LXXVI de l'Introduction — et Renou Recherches sur le Maroc p.

La carte de Gratiozo Benincasa que d'Avezac cite en disant qu'elle á le cap *Sabion* au sud du Bojador montre le contraire en le plaçant au nord comme dans d'autres cartes. —

Observations sur l'ouvrage de Léon Guéirn

C'etait dans les anciennes chroniques Normandes que Mr. Guérin devait trouver les documents qui devaient constater les fameuses découvertes des Dieppois au XIVe siècle.

Le Mss. du coustume de Normandie du XIVe (Mss.) On y remarque aussi une inscription dont *une partie à été enlevée par la décomposition et usure du parchenim* (Voy. p. 167 du Precis analytique des travaux de l'Académie Royale des Sciences de Rouen — Et serait il aux mains étrangéres que l'aurait mutilé ? —

La Chronique de Normandie publiée par M.r Edouard Frére 1839.
Voy. p. XXXVIII. C'est le Mss. de la Bibliothèque n.° 8:305—3—3— fonds Colbert, ancien n.° 434, est du XV.e siècle.

Remarques sur la ville de Dieppe — Mss. Supplem. Français n.° 254 12

Dans une note on lit ce qui suit.

«Il y a des Mémoires de l'Histoire de Dieppe par M.r David Asseline «prétre de Dieppe qu'on en dit être restér entre les mains de M.r Fau«cault ci devant Intendant de Caen et aujourd'hui (1712) Conseiller «d'etar (1).

---

(1) M.r Estancelin á travaillé sur ces Mémoires d'Asseline comme il le dit a p. 111 de son Introduction de ses Recherches sur les Navigateurs Normands. Il á meme travaillé et eu connaissance d'autres plus anciennes qu'il sont du XVIe et XVIIe siécle et on voit qu'il à rien trouvé des prétendus documents des voyages et etablissements des Dieppois en Guinée au XIVe siécle — Cette note est toutefois tirée de l'ouvrage suivant «*Mémoires Chronologiques pour servir á l'Histoire de Dieppe. Paris, 1785.*

Les Mss. cités dans ces Mémoires sont = Estancelin, Dablon, Gossie et Asseline, et d'un prétre appelé Guibert.

Vincent Le Blanc

Dans le chap. xxiii, p. 134 a 137—traitant du Niger, Serra Lione, Melli, et du Senegal, Gambie ne dit pas un mot du établissement Français ni du commerce de cette nation dans ces parages.

Tout le monde connaissait son pére jusqu'a un negre qu'il recontrá ne sait oú et qui avait été esclave du pére de Le Blanc á Marseille!!

Le négre avait non seulement un palais tout doré mais même une *belle Bibliothéque de livres bien reliés* (Ibi p. 137).

Ibi p. 138 — Le négre á éte sur le point d'être gouverneur d'Arzile par l'offre du Gouverneur Espagnol!!

Dans plusieurs endroits il asaisone tout de sorciers et de fables de toute espece.

Le voyage en Guinée (p. 19. Troisiéme Partie) ne fut entrepris qu' en 1592 pour aller pêcher au cap-Blanc.

Le 15 Novembre il arrive au Senegal et ne dit pas le mot d'y exister á cette époque d'établissement Français. Au contraire il dit que les Portugais possedaient les iles de Cap-verd depuis 1446!

Il decrit les îles.

Decrivant la Guinée et Baseguiche, il dit

«Parmy les negres, *il y á force Portugais habituées* les uns mariés, autres ne s'amusant qu'a amasser de l'or et un peu á la babaresque (Ibi p. 20).

Parlant aprés p. 21 des nations qui frequentaient cette côte dit que c'étaiente les Anglois, Hollandois et Flamans y frequentent fort depuis quelque tems.

Parlant aprés des superstitions des négres, il dit que les Portugais recherchaient la foi chretienne á ces négres «et *d'autre les Portugais qui leur representent la nostre*.

Il ajoute que ce pays s'etant jusqu' au Cap de S.te Marie á 30 lieues de la riviére de *Chonegala que les Portugais* appellent D.t Dominique.

A la même pag. 21 parlant de Casemance il dit

«

NB. Dans tout son voyage en Guinée il n'y á pas un mot des pretendues découvertes des Dieppois.

Mais quand il parle du Bresil il pretend que les Français s'y établirent avant les Portugais — (Cap. xvi p. 98 et suiv. 3.me Partie).

Le Blanc et aussi du xviie siécle = comme on le voit a p. 99 oú il parle de l'année 1612.

A p. 106 — chap. xvii il traite de l'Ile de S. Thomé = et dit

«Cette île est sous l'equinotial entre les Iles en Prince et d'Anocha (Anno bom) *Descouvertes par les Portugais* au temps de leurs premieres navigations en Orient.

Vincent Le Blanc

A p. 61 ne se trouve par le passage cité par Guérin.

On y trouve pas un mot.

Quand il passa au Maroc se fut aprés 1578 — (Ibi — p. 123 edition de 1658).

Il fut á ce voyage avec un *barbier* qu'il dit que Henri III envoya comme Ambassadeur a Fez e[t] Maroc (Ibi p. 123) *«estoit un barbier naturel de Nice.*

A p. 127 — un Portugais natif de l'île de Corse!!!

A p. 157 —

Or si Parmantier aprés 1529 fut le premier Français *qui á amné des navires á la terre d'Amerique*, c'est á dire 29 ann[ée]s aprés la découverte de Cabral, comment est ce que vous pretendez que Cousin avait découvert ce pais avant les Portugais?

(Guérin Nav. Franc.)

Voyages du Sieur Vincent le Blanc

Pag. 31

Avant les Portugais tout le trafic des Indes en espiceries, et autres choses précieuses venant de Malaca, par Ormus et Aden, et de là par les bouches d'Euphrate, puis par l'Armenie en Trebisonde, par la mer Majour et Tartaric, on par Damas, Barut, et Alep, où les Venitiens, Genevois, et Catalans les venoient querir: les autres par la mer rouge, le Caire et Alexandrie, comme nous avons dit: autres par les fleuves d'Indus et Oscias et delà par la Caspie en nos regions Occidentales; mais depuis eut vingt ans cela a été destourné par un autre chemin a l'entour de l'Afrique, comme il est encore aujourd'huy —

Dans le chapitre XIV, p. 45.

Des Indes Orientales &. Il est dit ce qui suit: Les Indes Orientales ont été connues de tous temps, depuis les conquestes d'Alexandre, et de ses successeurs Roys de Syrie, Asie, Egypte et par les Romains même; et en ces derniers siecles par le moyen des Mahometans qui trafiquent dans nostre Occident par l'entremise des marchands de Venise, Gênes et autres. *Mais elles ont esté* enfin plus descouvertes, et frequentées par les Portugais, depuis le nouveau chemin qu'ils y ont trouvé en tournoiant toute l'Afrique, du temps du Prince Henry de Portugal, frere du Roy Eduart, a qui le premier par ses curieuses recherches de Mathematiques fit en l'an 1420 entreprendre la navigation, jusqu'au cap de Non et Boiador, où nos Français en conquestant les Canaries avaient desia été.

A la pag, 4 de la segonde Partie en traitant de l'Afrique il y est dit *«Le cap de Palma est un pays d'Isma vers la Guinée avec le chateau de Mina qui les Portugais ont basti sur certe coste.»*

Dans le Chapitre VIII 2.e Partie qui a pour titre : Voyage de l'Autheur en Ethiopie. Description des Estats du Prestejan &c. — Il dit ce qui suit — «Ce estat a esté connu de toute antiquité, mais assez incertainement, sinon depuis 120 ans que par le moyen des voyages des Portugais l'on en a eu plus de connaissance, et principalement depuis 60 ans en ça que les Pères Jesuites y sont entrez.»

Dans la 3.me Partie p. 19.
Voyage en Guinée.
Il y est: «A la coste du Cap Verd on trouve plusieurs isles de mesme nom, et douze entrantes, dont la principale est celle de S. Jacques, qui est possedée des Portugais depuis l'an 1446 où ils ont un ville assez ferte, et un Enesché dit Ciutad.

A pag. 20 du même chapitre en parlant des habitants de la côte de la Guinée il dit. Parmy ses negres il y a force Portugais habituez, les uns mariez, autres ne s'amusans sans qu'a amasser de l'or et vivans un peu à la barbaresque.

En parlant la pag. 21 du pays de Braeola que confine à la riviere de Gamboa — il dit — C'est de ce pays que sort cette riviere qu'ils appelent Casamance, qui du costé du Nord a le peuples *Iabondos* e du Midy ceux de Benium.

A p. 23 de la 3.me Partie.

Vincent le Blanc dit le suivant en parlant de la Guinée. La rivière de *Guinale* fait une autre branche qui se va rendre au port de *Begama*, et quelques lieues plus haut se separe en deux, et va faire son embouchure par dessus : les Portugais tiennent ce port qu'il appellent Balola, et les peuples habitans sur ce bras sont dits lançados. Chacun de ces ports est bon et habité de gens du pays et de Portugais, car de la pointe Meridionale de ce fleuve jusques au cap de Vergas il ya trois nations meslées parmi le Portugais, a scavoir *Malus*, Ebagas e Cosolins. Et de ce cap ver les Midy commence une belle province fort peuplée, qu'ils appellent *Gatulia* et les Portugais *Serrelyonne*, qui est une pointe se jettant en Mer près d'une grande riviere du mesme nom ; à l'occasion d'une concavité qui fait un mugissement comme de Lyon».

Dans toute cette longue description — le Blanc ne fait aucune mention des pretendus établissements français en Guinée où il arriva le 15 Novembre 1592.

Chap. XVI de la pag. 98 de la 3.me Partie en parlant de la Bresil. Riviere d'argent ou commence la terre du Brésil a 35 degrés au delà de ligne. Il dit qui suit : «le premer qui aborda à l'embouchure de ce fleuve fut Americ Vespuce l'an 1501 envoyé par le Roy de Portugal pour descouvrir le Bresil, et pensant que ce fust un passage de la mer Australe pour les Moluques, se contenta de cela et s'en retourna sans autre chose.»

A la pag. 99 du même chapitre il ajoute «Les premiers qui descouvrirent ce pays furent Vespuce, les Pinsons, Lopez et Cabral environ l'an 1500 — Et un peu plus bas : «Pedro Alvares Cabral le descouvrit prin-

cipalement en 1500, estant envoyé par le Roy Emmanuel pour les Indes d'Orient, mais la tempêste le jetta là, et il nomma le pays de Saincte Croix, et le lieu où il aborda Porto Seguro.

Ce Cabral (continue il) se contenta pour lors de prendre possession du pays sans s'y arrester, et les Roys de Portugal ayans d'assez autres grandes affaires en Afrique et en Orient, negligerent ces nouvelles conquestes, jusques à ce qu'Emmanuel, un peu avant sa mort, y envoya un Gonzalo Cotello (Coelho) qui suivit cette coste avec beaucoup de travail et de dangers, et retourna sans avancer aucune chose; et depuis *Dom Jean* 2 *envoya y Christoval Jacques qui découvrit quelques* 11 *cents lieues de coste, entr'autres la Baye de todos Santos, où il trouva un fleuve de Paraguasú deux vaisseau François qui trafiquoint avec ceux des pays; ce qui monstre que nos François ont été des premieres à negotier avec ces peuples tant les Portugais n'y avaient que peu on point de connaissance.*

Discours sommaire de la navigation et du Commerce jugement et pratique d'iceux par Thomas Le Febre = A Rouen 1650 — 1 vol. petit in 4.° (Rare) Biblioth. N. de Paris.

V

1643

A p. 48 — Il dit que ce furent les Portugais qui ont trouvé la route du cap de Bonne Esperance aux Indes Orientalles.

A p. 58 — il traite du commerce et de la position des Canaries — il y parle de Bethencourt, et il décrit les îles de Cap Verd.

Au sud de l'Ile de Fer il dit

«Estant au sud de cette île au delá du tropique de Cancer tous navires Françaises s'ils sont les plus forts et bien equipés en guerre prenant des navires Espagnoles ou Portugais sont des bonnes prises — suivant les accords entre les roys de France et d'Espagne, ce qui á toujours été pratiqué, estant comme l'on dit au delá des amitiez (p. 64).

De p. 72 a 73 — il traite du commerce des îles de Cap Verd á cette époque.

En parlant de l'île de S. Nicolas il dit:

«Il y soulait aller tous les ans plusieurs navires de Diéppe pour les marchands de Roüen et autres qui y voulaient risquer, et en pareil à la riviére de Senegal, laquelle demeure par 15 degrés $^1/_4$ au nord, dans laquelle on va a présent plus de 60 lieues avant avec les barques pour traiter. En l'année 1633 — (Prise d'Arguin).

«La Guiné fut descouvert par Jean de Portugal en l'an 1475. Elle contient environ 500 lieues d'Italie. C'est le plus puisssant royaume d'Ethiopie.

«*D'aprés ce temps lá les François y ont longuement traité mesme au Castel de mine.*

(p. 74).

«Les *François* y avaient conquis et possedaient le Castel de mine qui leur eut peu servir de retraite pour le maintien et assurance de cette navigation et commerce; mais Philippe II Roy d'Espagne l'ayant prevu et *esté adverty* que plusieurs notables marchands de Roüen s'y asso-

ciaient et envoyaient par compagnie des embarquements, les fit suspendre &.

Il pretend p. 87 — appellant la grande Canare — île de Madére, il prétend que ce fut un descendant de Béthencourt qui donna connaissance, memoires et cartes à Christoph Colomb!

A p. 89 — Il montre encore d'avantage son ignorance de l'histoire des découvertes. Il y dit en parlant de Sumatra et de Ceylan (la Taprobane qui est celle de Samatra dit il) qu'elle était connue des anciens avant les Portugais et puis il ajoute.

«Tellement que quand les Espagnols ou portugais les auraient trouvées, ou découvertes des prémiers ne les ayant jamais possedée, et ne les possedant encore: il n'y doivent prétendre aucun droit.

A' la même page il dit qu'avant que les Portugais fussent en orient à Sumatra et a Ceylan, Pline en avait parlé de ces îles et puis il ajoute

«Et longtemps auparavant que les Portugais et les Espagnols y eussent navigé, le nom François y estoit cognu sons le nom de *Franchys* le quel y étoit en grand respect.

A p. 97 — Il dit que les Espagnols alleguent en faveur de leurs droits au decouvertes la Treve de Vancelle de 1555, et l'autre Traité fait avec la France en 1585 par le quel les derniers rennonçairent á aller dans les Indes.

A p. 98 — Il dit que Louis XII qui ordonna des represailles contre l'exclusion coloniale des deux puissances de la Peninsule — Et que François 1.er fit publier á ce sujet les ordonnances de 1517, 1537 et 1543, et celle de Louis XIIIe et du Roy d'Angleterre du 7 Dbr.e 1610 sur un navire de Dieppe.

NB. Toute cette partie est curieuse.

Puis il fait dire á Strabon ce qu'on y trouve pas—savoir que les Pheniciens, les Egyptiens, les Ethiopiens, les Grecs, les Carthaginois navigaient partout. Et enfin que *Meulans* avait doublé le cap de Bonne Espérance et entra dans l'Inde Orientale!! et qu' Hannon passa le même Cap avec 60 navires!! qui s'appellait avant *corne d'Hesperide!*

Il parait encroyable qu'un homme qui á ouvert des Livres dise un tas d'absurdités pareilles et qu'on soit si ignorant sur la géographie des anciens.

A p. 103 il porte une liste des marchandises que les Romains tiraient de l'Inde, d'aprés ce qu'on trouve dans les Lois Romaines.

Et puis il ajoute

«Il est á présumer que depuis les Romains, nos François y on voyagé longtemps avant les Portugais et les Espagnols. Et il tire cette conséquence du mot *Franchi* ou *Faranchi* dans la langage des peuples de l'orient!

A p. 108 et 109 — 2de partie on rencontre une description de l'Isle de Madagascar et des Comores, Mozambique &. Puis une belle description de Goa trés detaillée et des autres places situées sur la côte de Malabar.

A p. 177 il dit

«Les Dieppois et Malloins ont bonne cognoissance du globe et de la charte, *les premiers ont découvert* le Bresil et quant les Portugais y alle-

rent ils y trouverent l'île aux François par laquelle ils trocquairent et trafiquoint avec ceux de la terre—

A p. 195—Chap. IX est consacré = á l'historie de la conquéte du Canada.

Lá il reppete que les François firent cette conquete en voyant les avantages que *celles* (conquetes) et autres nouvelles descouvertes des Portugais, tant aux Indes Orientales, qu'en l'Afrique, qu'au Brésil, dont ils amassoient une ample moisson.

Le Fevre p. 170.

Les ordonnances dont il fait tant de bruit et de fondement ne disent pas un mot sur ce que les vaisseaux Portugais ou Espagnols pris au delá du Tropique de Cancer soyent considerés comme bonne prise!

Ce sont des dispositions contre les ennemis.

L'ordonnance ou Lettres de la Reine mére d'Angleterre données à Paris le 7 Dbr.[e] 1610 ne font rien á la question. Cellá était déjá a une époque bien posterieur. &.

Liste des Cosmographes posterieurs aux découvertes

Cosmographes Portugais

Sur les cartes marines avant nos découvertes — voyez nos Recherches p. 103 ce que dit Azurara — et l'accord avec Ibn-Kaldoun. Ibi § X confirmé par Fra-Mauro.

1450 — (Ibi p. 113 et suiv. combiné avec les notes de Behaim — p. 119.

1500 — Pedro Vaz Bisagudo. Possuia um Mappamundi (Vide carta de M.e João Physico).

— Manuel Alvares
— Ayres Fernandes } Roteiros da India. Mss. da Bibl. R. de Paris.

NB. Barbosa não os conheceo.

Seculo XV

Martim Vicente = Piloto Portuguez = Sua conversa com Colombo = Cap. 3 da vie do Almirante =

André Lopes = Author do ***Roteiro ou Carta de Marear*** citado p.r Barbosa.

XVI.e siècle

1566 — La Reine D. Cather.e nomma Estacio de Sá pour lever la plante hydrographique e[t] cosmographique de Rio Janeiro — Revista de l'Institut. Br. — Tom. IV, p. 248.

Seculo XVII

Gaspar Ferreira Reimão. Piloto Mór. Escreveo um Roteiro da India que se imprimio em Lisboa em 1616. In-4.º

Gaspar Manoel. Escreveo outro Roteiro da carreira da India (inedito).

Gaspar de Moraes de Macedo. Escreveo outro Roteiro da carreira da India tambem inedito —

Cosmographos Portuguezes

Pimentel (Manoel) Arte de navegar comprend toutes les côtes du globe 1712. Lisbonne — 1 vol. in-4.º ou pet. fol.

Il avoue que le premier qui en Portugal publia ces Routiers se fut Manuel de Figueiredo qui avait eu l'emploi de grand cosmographe du Royaume (il avait 100 ans).

Vid. Riciollo — se plaignait déjá dans le Liv. IX de sa géographie de l'incorrection des cartes marines.

XV.e siècle

M.e Rodrigo — et Joseph — Astronomes de Jean 1.er qui on[t] construit des astrolabes.

Pierre Nunes.

Manuel Figueiredo = Tratado de Hydrographia — Imprimé á Lisbonne en 1608. — Jean Le Tellier de Diéppe le traduisit (voir mes Recherches — p. 47).

En 1842 j'ai consulté Figueiredo à la Bibliothèque. Voy. mes Recherches p. 140.

Il écrivit = Hydrographia, Exame de Pilotos 1608 e 1614. — Roteiro das Indias Occidentaes, Antilhas &. Lisboa 1609 in-4.o

---

COSMOGRAPHES PORTUGAIS

XVI.e siècle

Vicente Rodrigues — cité par Figueiredo — O 1294, in-4.o Barbosa dit = Pilote = E'crivit = *Roteiro da carreira da India* &. Mss. Teve-o o conde de Redondo e[t] une copie le M.is d'Abrantes.

1495 — João Dias Pilote Portugais (Recherches p. 71).

1450 ? — Relation de Pedro de Cintra (dans les Mem. pour les Nations ultram.).

1453 — Relation d'un voyage á l'île de S. Thomé par un pilote Portugais (Dans Ramusio — et Recherches, p. 77).

Antonio de Maris Carneiro Cosmographe Mór — Barbosa = cita-o. V.-1666 — in-4.o

João Baptista Lavanha que o precedeo no cargo.

Seculo XVI

Luiz Teixeira, cosmographo Mór do R.o Escreveo *Descriptio Insularum Tertiarum*. Anda no Theatrum orbis d'Ortelius.

2.o Descriptio Insulæ Japoniæ. Antuerpiæ, 1595.

3.o *Magna orbis terrarum tabula*. Amsterdam, 1604 — fol.

COSMOGRAPHES PORTUGAIS

XVI.e siècle

500. Mai. *De* VERA CRUZ = *Lettre de M.e Jean Physico d'ElRei* =

Rapporte qu'il avait écrit au Roi ainsi qu'Ayres Correa — que le 27 Avril ils avaient debarqué avec le Pilote du capitan Mór et avec celui de

Sanche de Tovar et qu'ayant pris l'hauteur du soleil ils trouverent 56 degrés, et qu'ils jugerent se trouver par le 17e dégrés au sud de l'équinoxial — Qu'il examinerá cela mieux sur la carte, que cependant les Pilotes vont plus avant 150 lieues, et d'autres plus au moins —

Que quant á la position de cette terre que S. A. devait faire examiner la *Mappemonde* qui était dans le pouvoir de Pero Vaz Bisagudo et que dans la même Mappemonde il (le Roi) pourrait reconnaitre la vraie position de cette terre, mais que cette Mappemonde ne constatait pas que cette terre fût habitée, qui n'était pas une Mappemonde ancienne, et qu'il y verait la Mine ainsi signalée.

Que la veille ils avaient crut que cette terre était une île, et qui étaient 4 en tout.

Passe á décrir les étoiles de la croix du sud et autres.

(Corp. Chron. P. 3, m. 2, Doc. 2, imp. na Revista do Instit. do Brasil — anno de 1843, p. 342).

Pilotes

XVIe siècle

1500 — André Pires
Pero Martins
Guanchreno
1525 — Manuel Alvares
1550 — Ayres Fernandes

} Portulans écrits conservés á la Biblioth. N. de Paris.

Cosmographes

1546 — Joam Freire — (Plusieurs Atlas et cartes marines) Pilote Portugais — Sa description de la mer de Guinée et de l'île de Saint Thomé (dans Ramusio. Cf. nos Recherches p. 77).

1506 = Piloto mór da Armada d'Affonso d'Albuquerque e que era capitão Mór Tristão da Cunha — chamava-se Affonso Lopes Buraquinho, o qual já sabia mui bem a navegação e conhecia a costa oriental d'Africa até ao estreito por ter ali andado em companhia de Ant.° de Saldanha.

(Comment. d'Albuquerque, T. 1.°, p. 59 e 60) edição de Lisboa de 1770.

1507 — Pero Gonçalves Piloto na Armada d'Albuquerque combate em Ormuz a frota do Rei d'aquella cid.^{e} (Ibi p. 153).

Cosmographo

Seculo XVI

1529 = Na junta dos cosmographos Hesp.^{es} e Portuguezes que se reuniu neste anno para decidir se as Mollucas estavão na demarcação de

Portugal, se achou como Membro Jeronymo de Chaves, Cosmographo Portuguez.

(Navarr. Mem. sobre Alonço de S.ta Cruz (dans celle de M.r Maufras — p. 21. Tom. 12 da m.a Coll. de Mellanges).

— Jean Baptista Lavanha. Cosmographo Mór.

1582 = Vasco de Pina ecrivit dans cette année un *Manual* appuyé sur sa pratique et ses observations dans lequel il corrige les declinations du soleil, á l'aide des tables de Copernic. —

Cosmographe Portugais du xvie siécle

1535 = Diogo Botelho —

Vide Quintella Annaes da Marinha Tom. 1.º p. 420.

Dans le Tom. xii de ma coll. de Mélanges vient un grand nombre de Cosmographes Portugais cités.

Cosmographes Portugais

Roteiro de M.el de Mesquita Perestrello — Mss. da Bibliotheca Publica do Porto—e outro na Bibliotheca d'Evora coevo.

Tem cartas illuminadas—

Macedo tem um exemplar (Vide sua carta de 22 d'Ag.to de 1841).

O Codice 817 fond Colbert intitulado Roteiro da Navegação não encerra particularidade alguma relativa ao Brasil, sendo especialmente consagrado á carreira da India; porém a passagem seguinte é digna de notar-se, por isso que della podemos inferir que os nossos cartographos arrumavão as cartas das novas conquistas em suas cartas, não como na verdade as acharão lançadas os descobridores, mas sim segundo lhes ordenavão os Reis.

Eis a passagem. «E ainda que aches alguã differença das cartas cõ o «respeito da agulha; emtende que as costas estão lançadas pelo q̃ os «Reyes tem mandado cõforme a seus yntentos. E por esta razão se na«vega mais pela boa marinharia e boa estimativa que os pilotos tem que «pelo que antigamente se desqubriu.» [a]

Valentim de Sá — Natural de Lisboa.

Cosmographo mór do Reino.

Escreveo Regimento da Navegação &.a.

Lisboa por Pedro Crasbeek 1624 — 4.º.

D. Manoel de Menezes foi nomeado Cosmographo mór em 1618 em lugar de Manoel de Figueiredo discipullo de Pedro Nunes.

---

[a] Estes dois paragraphos e os que se seguem até a meio da pagina 507 não são do punho do Visconde de Santarem.

Luiz Serrão Pimentel começou a exercer o officio de Cosmographo Mór em 1641 por impedimento do Proprietario Antonio de Mariz Carneiro.

Escreveo: Arte Pratica de Navegar. Regimento de Pilotos — Lisboa 1681.

Luiz Francisco Pimentel Cosmographo mór nasceo em Lx.ª em 5 de Julho de 1592 foi provido neste lugar na idade de 27 annos.

O tratado de Navegação de Pedro Nunes sahio traduzido em frances com o seguinte titulo: Traité de Pierre Nugnes sur la navegation — Conserva-se Mss. na Bibliotheca Colbertina Cod. 1494, segundo Montfaucon.

João de Lisboa, piloto. Carta de piloto mór da navegação das partes da India e mar oceano, por falecimento de Gonçalo Alvares. De 12 de Janeiro de 1525. Livro 8 de D. João 3.º folhas 11 v.º

Manuel Alvares. Carta de patrão mór por falecimento de seu sogro Manuel Pires. De 4 de Novembro de 1566. Livro 18 de D. Sebastião folhas 303 v.º

Vicente Correa, Cavalleiro da Ordem de San Thiago e Mestre da carreira da India. Alvará de piloto mór do Reino e Senhorios. De 10 de Maio de 1574. Livro 31 de D. Sebastião f.º 322 v.º.

Roque Pires, Cavalleiro da Casa Real. Alvará do cargo de piloto mor das partes da India para o servir juntamente com o de patrão mór que já servia. De 24 de Março de 1585. Livro 8 de Filippe 1.º folhas 98.

André Lopes, piloto da carreira da India. Alvará para poder trazer da fortaleza de Malaca tantas fazendas quantas bastem para preencher 200 cruzados. De 1 de Abril de 1585. Livro 10 de D. Filippe 1 folhas 211 v.º.

Damião Vianna. Carta de piloto mór da barra de Lisboa. De 29 de Agosto de 1591. Livro 31 de Filippe 1.º folhas 187.

João Pires. Carta de sota piloto da carreira da India. De 13 de Março de 1596. Livro 30 de Filippe 1. folhas 267.

Pero Marques. Carta de mestre e piloto das carreiras das Ilhas, Guiné, Angola e Brazil. De 18 de Janeiro de 1603. Livro 12 de Filippe 2.º folhas 14.

Gaspar Ferreira, Cavalleiro Fidalgo da Casa Real e do habito de Sam Thiago e piloto da carreira da India. Alvará de piloto mór deste Reino. De 11 de Outubro de 1608. Livro 23 de Filippe 2.º folhas 51 v.º

Manuel Alvares. Carta de mestre e piloto das carreiras das Ilhas, Guiné, Sam Thomé, Angola e Brazil. De 12 de Novembro de 1609. Livro 26 de Filippe 2. folhas 81.

Pero Martins. Carta de mestre e piloto das carreiras das Ilhas, Guiné, San Thomé, Angola e Brazil. De 7 de Janeiro de 1611. Liv. 26 de Filippe 2.º folhas 192 v.º

Pero Martins. Carta de mestre e piloto das carreiras das Ilhas, Guiné. Sam Thomé, Angola e Brazil. De 19 de Dezembro de 1611. Livro 29 de D. Filippe 47 v.º.

Gaspar Fernandes. Carta de mestre de piloto das carreiras das Ilhas, Guiné, Sam Thomé, Angola e Brazil. De 17 de Maio de 1612. Livro 29 de Filippe 2. folhas 113.

Manuel Alvares. Carta de mestre e piloto das carreiras das Ilhas, Guiné, Sam Thomé, Angola e Brazil. De 23 de Maio de 1614. Livro 29 de Filippe 2.º folhas 304 v.º.

Pedro Vaz. Carta de mestre e piloto examinado por mestre e piloto das carreiras das Ilhas, Guiné, Sam Thomé, Angola e Brazil. De 11 de Julho de 1614. Livro 29 de D. Filippe 2. folhas 313.

Gaspar de Moraes. Carta de mestre e piloto das carreiras de Guiné e Mina, Sam Thomé, Angola e Brazil. De 6 de Março de 1619. Livro 44 de D. Filippe 2. folhas 59.

Gaspar Gomes. Carta de piloto mór do Estado da India e de patrão mór da ribeira de Goa. De 11 de Julho de 1622. Liv. 18 de D. Filippe 3.º folhas 45.

Francisco Ribeiro. Carta de confirmação da renuncia, que nelle fez Gaspar Gomes dos officios de patrão mór da ribeira de Goa e piloto mór do estado da India. De 24 de Janeiro de 1624. Liv. 18 de Filippe 3.º folhas 166 v.º.

André Peres. Carta de piloto da carreira da India. De 23 de Maio de 1636. Livro 26 de Filippe 3.º folhas 314.

Luiz Alvares Mocarra. Alvará de piloto mór do Reino. De 20 de Março de 1641. Livro 12 de D. João 4.º folhas 56 v.º.

Jeronimo Antunes. Carta de piloto mór da barra de Lisboa, que vagou por falecimento do Padre Filippe Ferreira Vianna. De 24 de Março de 1642. Livro 11 de D. João 4 folhas 287 v.º.

Antonio Dias. Carta de piloto mór da barra de Lisboa. De 20 de Dezembro de 1651. Livro 24 de D. João 4.º folhas 219.

Rafael Coelho, piloto da carreira da India. Carta de piloto mór do Reino. De 20 de Março de 1654. Livro 26 de D. João 4.º folhas 173.

Manuel André, Cavalleiro da Ordem de Avis. Carta de piloto mór do Reino por morte de Rafael Coelho. De 15 de Março de 1660. Livro 24 de D. Affonso 6. folhas 56.

João Domingues, Cavalleiro do habito de S. Thiago, piloto mór da carreira da India. Carta de piloto mór do Reino. De 11 de Março de 1682. Livro 52 de Affonso 6 folhas 30 v.º.

Antonio Francisco, Cavalleiro da ordem de S. Thiago. Carta de piloto mór do Reino por falecimento de João Domingues. De 24 de Outubro de 1687. Liv. 33 de D. Pedro 2.º f.º 429.

Dom Joham etc. A quantos esta minha carta virem faço saber que havendo eu Respeito ao muyto seruiço que joam de lixboa meu pyloto me tem feito Asy nas armadas em que te ora foy como na nauegaçam das partes da imdia e outras cousas em que foy encaregado por meu seruiço e em que deu de sy sempre verdadeira conta e boom Recado e porque espero que ao diamte asy o dara querendo lhe fazer graça e merce tenho por bem e o dou ora daquy em diante por meu pyloto mor da dita

nauegaçam das partes da imdia e mar ociano asy e na maneira e com aqueles pryuilegios lyberdades e framquezas com que ho sam e deuem ser os meus pylotos mores e ho era gomçalo aluares que se finou e praz-me por fazer merce ao dito joam de lixboa que elle tenha e aja de mym de temça em cada hum año de janeiro desta era presente de quinhentos e vinte e cinco em dyamte dez mill reis e mando aos veedores da minha fazenda que lhes façam asentar em os meus liuros della e dar carta delles cadano pera lugar onde lhe sejam bem paguos e bem asy mando ao meu almirante da india capitães corregedores juizes e justiças ofycyaes e pesoas outras a que esta minha carta for mostrada e o conhecimento della pertencer que ajam asy daquy em diante o dito joam de lixboa por meu pyloto mor da dita nauegaçam e mar ociano e lhe guardem as ditas onras e lyberdades que lhe dyreitamente deuem ser compridas e guardadas sem duuida nem embargo algum que a ello seja posto porque asy he minha merce e por certidãm e fyrmeza dello lhe mandey dar esta por mym asynada e aseláda com ho meu selo pemdemte o qual joham de lixboa jurou na minha chancellaria aos santos avangelhos que bem e verdadeiramente syrua o dito oficio carguo guardando em todo meu seruiço dada em evora a doze dias de janeiro manuell de moura a fez anno de mill quinhentos vinte e cinco anos Eu garcya de Resende a fiz escrever.

Está conforme ao Registo da Chancellaria do Snr. Rei D. João 3.º L. 8 f. 11 v; e esta copia se tirou em virtude de Ordens Regias. Real Archivo 28 de Outubro de 1847. —*Jose Manoel Severo Aureliano Basto.*

Cartes Portugaises

XVe et XVIe siècle

1444 — Portulan (Recherches p. cx).
1508 — Ruych — tirée des cartes Portugaises.
1511 — Ptolomée tirée des cartes Portugaises.
1545 — Carte Portugaise de la Bibliotheque R. de Paris.
1546 — Carte de Jean Freire.
— — Atlas Portugais magnifique de Jeen Freire.
1554 — Atlas Portugais provenant de la Biblioth. de Rosni, au Département de la Bibliothéque.
1557 — Mappemonde Mss. du Cosmographe Portugais André Homem.
1563 — Atlas de Lazaro Luiz à la Bibliothèque de l'Academie des Sciences de Lisbonne.
1571 — Atlas de Vaz Dourado.
1618 — Carte Mss. du Cosmographe Portugais Domingos Sanches.
1641 — Cartes du Cosmographe Portugais Antonio Sanches.
1667 — Carte Mss. du Cosmographe Portugais Teixeira Albornoz.
1640 — Atlas maritime du Bresil du même Cosmographe.

Liste des cosmographes et geographes du [XV.e] XVI.e et XVII.e siècles.

XV.e siècle

1444 a 1517—Antoine Galateo naquit á Otrante. De situ elementorum, de situ Terrarum, de Mari, et acquis et fluviorum origine — Basileae — 1558 — in 8.°

—Descriptio urbis Callipolis—imprimé avec l'ouvrage.—De situ Japygiae. (Mem. des Homm. illust. Tom. 2 p. 151 et suiv).

1483 a 1552 — Paul Ivre—Descriptiones — 1571 — in 8.° — Descriptio Britanniae, Scotiae — Hiberniae.

Moscovîa, in qua situs Regionis antiquis incognitus &.

1479 a — Leandre Alberti de *Boulogne*.

—Composa une description de toute l'Italie — 1550 fol.

Cet ouvrage géographique est estimé (Voyez Mem. des Homm. ill. Tom xxvi p. 305 et 306.

1482 a 1558 — Corneille Schryver—appellé depuis *Scribonius et Graphœus* (Flamand).

Il á donné un Abrégé de l'Histoire des hommes du Nord d'*Olaus Magnus* avec *figuris ligneis*, figures sur bois — 1562 in 8.° (Ouvrage cité. T. 40—p. 260).

XVI siècle

1510 a 1581 — Guillaume Portel (Normand). Un seigneur Portugais lui apprit l'Espagnol et voulant l'attirer en Portugol lui offrit une chaire de Professeur avec une pension de 400 ducats. Il refusa.

— Description de la Syrie, en Latin, 1540 — in. 8.°

— Quatuor Librorum de Orbis terræ concordia primus — Bale 1544 in fol.

— De l'Etrurie — 1551 in 4.°.

— Histoire des Expeditions depuis le deluge faites pour les Français jusqu'en Asie &. Paris 1552 — in 16 —

— Description des Gaules — autrement Carte Gallicane — 1553. C'est une carte Géographique —

— Des merveilles des Indes et du Nouveau Monde oú est démonstré *le lieu du Paradis Terrestre* — Paris 1553. in 16.

— Description de la Terre Sainte 1553 — in 16.

— Cosmographicæ Disciplinae Compendium com synopsi rerum toto orbe gestarum. Bâle 1561. in 4.°.

— De universitate seu cosmographia Liber —Paris 1563 in 4.°.

(Mem. des Hom. illust. Tom. 8 pag. 323).

XVI[e] *siècle*

1524 à 1572 — Gabriel de Collange (de Tours).
Ecrits mathématiques. (Voyez Mem. pour servirà l'Hist. des Savants. Tom. 40, p. 292.

XVII.[e] *s[iècle]*

1595 a 1652 — Georges Fournier (de Caen).
1 — Commentaires géographiques — Paris 1642 — in 12.
2 — Hydrographie — 1643 — in fol.
Item. — Revue et augmentée — Paris 1667 in fol.
On á ajouté á la seconde édition un Traité contenant plusieurs instructíons aux Pilotes qui naviguent autour de l'Ecosse &.
3 — Geographica orbis notitia per littora Maris et ripas fluviorum — Pars 1. — Paris 1648 — in 16.
•Ce livre quoique bon est oublié maintenaut.
4 — Asie nova descriptio — Paris 1656 in fol.
5 — Introductio ad Cosmographiam. Corisopiti — in 12 — Sotowel qui marque cet ouvrage ne rapporte pas la date. (Voyez Mem. cités. Tom. XXXIII p. 252 et suiv).
1587 a 1670 — Jacques Le Paumier de Grentemesnil (était de Caen).
•Greciæ Antiquæ Descriptro — 1678.
1602 a — Gravius ou *Greaves* (Jean) Anglais.
— des regions del'Oxus description — Ex *Tabulis* Albufedæ Arabice et Latine.
— Lettre sur la Latitude de Constantinople et de Rhodes — Dans les transactions philosophiques de Dbr.[e] 1685) et Journal des Savants du 9 septembre 1686.

XVI[e] *siécle*

1530 a 1576 — Josias *Simler* (de Jurich)
Il écrivit en geographie :
•Aethici cosmographia Antonini Augusti Itenerarium, Rutilium Numatiani Itinerarium et alia varia Geographica, cum Scholies de Simler. Bâle 1572 — in 12.

XVI.[e] *siécle*

1532 à 1576 — Guillaume Xylander d'Augsbourg.
•Strabonis Geographiæ Libri XVII — Latine ex versione Guil. Xylandri & 1571 — Il est accompagné de cartes géographiques de Ptolomée assez mal gravées.
Commentaire de — Paris 1620 in fol.
— Il publia aussi une édition d'Etienne de Bysance.
— La description de la Gréce par Pausamàs.

(Voyez Mem. des Hom. illust. de la R. des Lettres T. XIX p. 404 á 406.

1509 — Michel Sewet (Aragonais) étant á Lyon en 1535 y donna une édition de Ptolomée in fol. sur celle que Pirckheymher avait publiée sous ce titre

«Claudii Ptolomei Geographicæ ennarrationis Libri octo, Brilibaldo Pirckheymhero intreprete. Annotationes Johannis de Regio-Monte in errores commissos à Jacobo Angelo in Translatione sua. Argentorati 1525 — in fol.

On trouve dans ce Ptolomée 50 cartes géographiques avec la description imprimée au revers des cartes.

Sewet qui á travaillé á cette edition n'a pas revû avec soin les descriptions qui accompagnent les cartes geographiques, il les á même laissé telles qui elles étaient á la reserve de quelques unes qu'il á corrigées, ou qu'il á même supprimées, pour en donner de nouvelles, comme les descriptions de la France, de l'Allemagne, de l'Espagne, de l'Amerique.

Il donna une seconde édition de Ptolomée en 1541 (cette édition est presque inconnue). On ne parle que de la prémiére dans ce *Ptolomée de Mercator* de 1605) et dans le Theatrum Géographiæ veteris de Bertins imprimé en 1618.

(Mem. des Honn. illust. Tom. 2 p. 236 et suiv. On trouve une curieuse analyse de ces Ptolomées).

XVIe siècle

1533 a 1585 — Andrichomius (Chrétien) Hollandais.

— Jerusalem, est tempore Christi floruit, et suborbanorum, insigniorumque historiarum ejus brevis descriptio — Cologne — 1584 — 1588. In 8.°.

Cette description á été insérée dans son *Theatrum Terrae Sanctae* dont elle fuit la seconde Partie.

Vicente Gomes Dominicain Espagnol l'a traduit dans cette langve á Valence em 1603 et 1620 in 8.°.

— Theatrum Terrae Sanctae *cum Tabulis Geographicis* (Cologne) 1590 — 1593 — 1600 — 1682 — in fol.

La 1.e partie est une géographie de la Terre Sainte, dans laquelle l'Auteur donne des cartes particuliéres de chacune des 12 Tribus — et explique par des notes la situation et l'histoire des villes, des Riviéres et des lieux placés dans ces cartes qu'il á arrangé par ordre alphabétique, avec des chiffres qui ont rapport avec ceux qui sont dans les cartes.

La 2.e est consacré[e] á la description de Jerusalem — avec une *carte de* cette ville.

Cette géographie est la plus exacte et la plus complete qui ait parue sur Jerusalem.

— Il á composé une *Chronique depuis* le commencement du Monde. (Voyez Mem. des Hom. Illust. de la R. des Lettres. Tom — 28 fl. 241 et suiv).

1500 a 1552. VIII. Leland (Anglais) Bibliothécaire d'Henri (La Biographie de ce savant est trés curieuse (Voyez — l'ouvrage cité plus haut —Tom. 28. p. 282 et suiv).

. — Cygnea Cantio, et in eam Commentarii Antiquitatis Britannicae locorum completissimi Londres. — 1545 — in 4.° — Ouvrage importante pour l'ancienne géographie de l'Angleterre.

— L'Itinerarie de Jean Leland publié par Thomaz Hearne (Oxford, 1710) — 9 volumes. C'est le plus curieux pour la géographie de l'Angleterre.

XVI.e s[iècle].

1551 — Camden.

Britannia sive Regnorum Angliæ Scotiæ — et Hiberniæ et Insularum adjacentium descriptio — Londres 1582. (Mem. des Homm. illust. de la R. des Lettres — Tom. XXIII — p. 95.

La meilleur édition est celle de 1607 in fol. Elle est accompagnée de *Cartes topographiques* qui manquent dans les précedentes.

Reinier Etecelins en á donné un *Abrégé* avec des petites cartes — 1639.

1547 a 1660 — Emmius — (Ibi p. 35).

— De origine et Antiquitate Fristarum & — 1603.

— Rerum Frisicarum &. 1596.

1590 — Bignon (Jewine).

Corographie ou description de la Terre Sainte — Paris 1600.

— Voyage de Laval aux Indes Orientales et du Brésil. Paris 1615 2 vol. in 8.° (Mem. des Hom. de Let. illust. Tom. XXIII — p. 159.

1490 a 1555 — Gilles (Piérre) d'Alby.

— De Bosphoro Thracio Libri tres. 1561 &.

— De Topographia Constantinopoleosis. 1562

(Voyez l'ouvrage cité Tom. 23 p. 411).

1562 — Jeorge Abbot — (Anglais).

— Description Abrégé[e] du Monde en Anglais — Londres 1617 in 4.° — Cet ouvrage á eu plus de 9 éditions in 8.°

(Pour les Notices voyez ouvrage cité — Mem. &. Tom. XVI p. 50).

XVIe s[iècle]

1554 — Thevet — Sa cosmographie. C'est une relation de son voyage á Constantinople —

— Singularités de la France Antarctique. Paris 1558 in 4.° ouvrage rempli de mensonges.

— Cosmographie universelle illustrée de diverses figures des choses plus remarquables vues par l'Auteur et inconnues de nos anciens et modernes — Paris 1575 — deux vol. in fol.

1583 = l'Univers reduit en fleur de Lys. C'est une carte — (Voyez les

vers géographiques de la dedicace au Roi à p. 82 du Tom. XXIII[e] des Mem. des Hom. illustres des Lettres.

— Les quatorze parties du Monde en 4 feuilles — Ces cartes parurent en 1674.

1567 a 1569 — François Sweertius.

Description de la Belgique et des Pays Bas — avec une carte des Pays Bas — par Urientius imprimée en 1603.

1590 — Jean Baptiste *Crispo* — Napolitain né Otrante.

Il publia une carte en 1591 — intitulé[e] «*La Pianta della citta di Gallipoli* in Roma 1591. Cette carte á été inserée dans le Théatre des villes du Monde de George Braunius. Elle fait connaître l'habilité de son Auteur dans les Mathématiques et la Géographie.

(Memoires des Hommes illust. Tom. XXV-II p. 269.

1557 — De la Fuente.

Introductiones ad cosmographiam ex variis auctoribus hispanice — 8.°

— Garzonius (Thomas). De cosmographis et Geographicis (In Mat imiv. disc. 37 &.

1609 — Gilbert Genebrardi. Cosmographia Libri 4. Lyon — in fol.

1570 — Girava — La cosmographia.

1616 — Henri Galvanus — Descriptio orbis Terrarum — (12).

1527 — Louis Glareanus Géographia — in 4.°

1581 — Hildusononi (Franc.) Cosmographia in 8.°.

1595 — Honterus — Rudimenta cosmographica.

1651 — Hoffmann (Nicolas) Cosmographia — in 8.°

1626 — Eustachius Lensius. Cosmographia de Moyne.

1596 — Magini Géographie universelle — in 4.°

1686 — Manesson Malles. Description de l'univers contenant les differents systémes du Monde.

1644 — Marini Merevi. Cosmographia. Paris. Fol.

1575 — Mendo Mauroline. Cosmographie de Ptolomée.

1599 — Merula. Cosmographie.

1537 — Antoine Nebrissa (Nebrissensis) Cosmographia et Introductorium in Libros Cosmographicos. Paris — 1549.

1573 — Pires de Mora — Tratados de cosas de cosmographia.

1640 — Porto (Emmanuel) Introductione alla Geographia — 4.°

1544 — Guillaume Portel Cosmographie.

Possevinus — De Cosmographia et Geographia. In Bibliotheca selecta.

1597 — Rawen — Cosmographia cum figuris — fol.

1658 — Rebufe-Geographie universelle — Paris. in 8.°

1552 — Recordi — Cosmographia.

1619 — Joseph Sesse, Cosmographia general del Mondo — in 4.°

1575 — André Thevet. Cosmographie.

1534 — Vadianus.

1650 — Varenius — Geographia Generalis.

Vossius — De Geographia et Scriptoribus geographicis.

380 AAt. géographes.

XVIe siècle

1559 — Casaubon.

— Ses Notes á la géographie d'Strabon (voir l'edition d'Strabon publiée á Paris en 1620 in fol.

— Décearque — Geographie — 1589 —

1470 = Bilibad — Pirckheimer — Son edition de Ptolomée et ses notes á ce géographe — 1525 — Argentorati.

1528 — Boissard = Topographia Romana urbis & avec des figures — 1597 (Voyez — Memoires des Hommes illustr. (Savons) Tom. XVIII — 310 —

1580 — Cluvier (Cluverius) *Italia Antiqua* — 1624 — Cet ouvrage est accompagné de cartes que Jean Bernou á conservées dans ses Abrégés en les reduisant á une pétite forme.

— Son I[n]troduction á la géographie publiée Elzevir en 1629.

(Voyez pour les détails — Memoires cités — Tom. XXI, p. 352.

1555 a 1607 — Paul Merula —

— Cosmographiæ Generalis Libri III. Item Géographiæ particularis — Libi IV cum *Tabulis* geographicis — Amst. — 1605 in-4.°. 1621-1636 in 6 vol.

Cet ouvrage est savant et utile pour l'ancienne géographie que *Merula* rapporte á la nouvelle. Cet ouvrage n'est pas fini.

1552 a — André Scott — donna une edition de Pomponius Méla — publiée en 1582 in 4.°. Vossius prétend que les corrections faites par Scott ne sont pas heureuses.

— Itinerarium Antonini & donné aussi par ce savant et publié á Calogne 1600.

— Hispaniæ illustratæ. Lusitaniæ et Aethiopiæ et Indiæ Scriptores varii &.

Ce receueil est meilleur que celui qui avait paru en 1579 par les soins de *Robert Bel* sous le titre = *Rerum Hespaniarum scriptores* in fol. trois tomes en deux.

Voyez Memoires des hom. illust. Tom. XXVI p. 65-67.

XVIIe siècle

1601 — 1640. Pontanus.

Il á fait un commentaire de Macrobe publié en 1597—et en 1628.

— Itinerarium Galliae Narbonensis Carmen, cum duplici Appendice, id est universa Galliae descriptione & 1506 in 12.

— Histoire d'Amsterdam — avec des cartes 1611 in fol.

— Tractatus de Globis, Celesti et Terrestri & — avec figures — Amsterdam 1517 — 1621 — in 4.°.

(Voyez Mem. des Hom. ill. Tom XIX p. 392 et suiv).

1625 — Corneille (Thomaz) — Dictionaire universel Géographique et Historique. Paris. 1708. — Il s'occupá de cet ouvrage pendant 15 ans est le plus ample que l'on á vu jusque lá.

Les defauts de cet ouvrage sont assignalés dans les Mémoires cités plus haut. Tom. XXIII p. 145 et 146 et par La Martiniére - dans son = *Essai sur l'origine et les Progrés de la Géographie*, inseré dans les Mémoires historiques et critiques du mois de Dec.^{e} 1722. p. 13.

1632 a 1701 — Spanheim (Frederic).

«Geographia Sacra et Ecclesiastica. Cet ouvrage avait eté imprimé sous le titre de «Introductio ad Geographiam Sacram. 1679 — in 8.° — avec *des cartes.*

N. B. — Il á publié le catalogue de la Bibliothèque de Leyde — et des Mss. de cette Bibliothèque.

(Voyez ouvrage cité — Mem. Tom. 29, p. 16.

XVIIe siecle

1607 a 1667 - Labbe (Philippe).

Galliæ antiquæ — tiré des AA. anciens. Dans les notes il attaque *Sanson* sur les fautes que ce cosmographe avait comises dans la carte de la Gaule.

— Tableaux Methodiques de la Géographie Royale — presentés á Louis XIV — Paris 1647 - - in 12.

— La Géographie Royale avec les Tableaux des villes de France 1646.

— Index géographie des Consiles &.

- Geographiæ Ecclesiasticæ — 1646 in fol.

— Abrégé de la Sphére — Paris 1647 in 12.

— Geographie Episcopalis Breviarium publié á la suite de le Cluverium. 1661.

1646 — Renaudot.

«*De l'origine de la Sphére* — Cette Dissertation se trouve dans le 1.er Tome des Mem. de l'Acad. des Inscript. P. 1.

Il á été attaqué par *Des-Vignoles* dans les remarques fort savants inserées dans le V Tome de la *Bibliotheque Germanique*. p. 153.

1600 a 1667 — Nicolas Sanson.

— (Voyez le long Article á son sujet dans le Tom 13 — des Memoires des Homm. illust. de la R. des Lettres) p. 210 et suiv.

Outre le grand nombre de cartes publiées par ce géographe il publia en 1653 - - Son «*Index Géographicus*, ouvrage d'une immense érudition mais c'est pour la géographie sacrée.

En 1656 il donna l'Afrique en 19 cartes et differents Traités de geographie et d'Histoire. Ses cartes composent 2 vol. in fol. et un vol. in fol. de *Tables methodiques*, oú l'on trouve le parallele de l'ancienne géographie avec la moderne.

L'auteur de l'article = dit q'on l'avait appelé Prince des Géographesl et puis il ajoute = En effet, qu'était la Géographie avant lui? Ele, n'avait été traité[e] avant lui, dit l'un de ses sucesseurs (Introd. á la Geograph. Pref. Amsterdam 1708) que fort confusement et fort imparfaitement. *Ortélius* avait «commencé a faire suivre la curiosité et *Mercator* á

lui donner une suite et la reduire en corps. *Clurerius* avait eu le dessin d'en donner une methode — mais Nicolas Sanson a été le premier qui l'ait mise par ordre, et qui l'ait rendue si aisée et si facile par la belle méthode reduite en Tables.

1633 a 1700. Baudrand — il fut disciple du Pére *Briet* fameux par sa geographie qui s'imprimait alors.

Il publia un Dictionnaire Geographique publié en 1670.

Ferrari (Le Pére) avait augmenté le trésor d'Ortelius pour la géographie (est un Lexicon) Ancienne, mais il y avait joint la nouvelle d'une maniére seche et imparfaite.

Son Dictionnaire geographique — 1705 in fol. (Voyez l'Article Mem. cités plus haut Tom. 2 p. 14 et suiv).

1652 a — Leibnitz — dans ses ouvrages on rencontre des notions géographiques surtout pour l'Allemagne (Voyez Ibi p. 82).

Milton — Description de la Moscovie et des pays situés á l'orient de ce royaume peu connus — Londres 1682.

1642 à 1727. — Newton.

Cet homme illustre á fait un commentaire á la Géographie de Bernard Varenius. «Bernardi Varenii Géographia Generalis, in qua affectionnes generales Telluris explicantur, aucta et illustrata ab J. Newton — Cantobrigia — 1672 et 1681. in 8.º

XV.e siécle

1467 — Scipion Carteromaco — Toscan il composa — Claudii Ptolomæi Libri VIII é recensione Marci Monachi Cælestini Beneventani, Joannis Cottæ Veronensis, Scipionis Carteromachi Pistoriensis et Cornelii Benigni Viterbiensis — Romae 1507 — fol. (Pour la Notice voyez Mem. pour servir à l'Histoire des Hom. illustr. Tom. XXII p. 145.

XVII.e siécle (geographes du)

1643 a 1723

1643 — Louis Coursillon de Dangeau.

Il voyagea beaucoup et apris plusieurs langues entre autres le Portugais, il s'appliquá á la geographie. Il mourut en 1723. Il y a de lui

1.º Cartes Géographiques pour enseigner la géographie & — 1693 in 12.

2.º — Nouvelle méthode de géographie historique pour apprendre facilement et retenir long-temps la Géographie moderne et l'ancienne & Paris 1697 — in fol. et 1706 — in 8.º

(Son éloge Biblioth. Française T. 1 p. 295) Article = sur lui — Memoires pour servir à l'Histoire des Hommes illustres de la Republique des Lettres — T. XV — 1731 — p. 230–242.

1606 a 1664 — Perrot d'Allancourt.

L'Afrique de Louis de Marmol contenant la description de l'Afrique et l'Histoire de ce qui s'y est passé de remarquable depuis 613 — jusqu'en 1571 traduit de l'Espagnol — par d'Ablamourth avec des *cartes géographiques de Sanson.* Paris 1667 — 3 vol. in 4.°

XVII

1615 — Le Fevre (Tanegui).

— Dionisi Alexandrini — *De situ orbis 1676* — in 8.°

(Voyez sur ce savant l'article des Mem. pour l'Hist. des Hommes illust. Tom. III (Paris, 1729 p. 103).

1668 a 1736 — J. Albert Fabricius —

Déarque — Dans le Tom. 2 du Recueil d'Hudson intitulé «Geographiae Veteris Scriptores Graeci minores. — 1703 in 8.°

Isidore de Charax — Ibi.

1602 a 1679 — Jacques de Billy — Tractatus de Triplici Sphæra — in fol.

(Ouvrage cité Tome 40 — p. 232).

---

§ II

Sur la theorie du cours du Nil des cosmographes et des cartographes du Moyen-âge

Mappemonde de la Medicea de 1351.

Il suffit de voir la theorie du cours du Nil de cette mappemonde, pour reconnaître que le cartographe á suivit entiérement le systéme des géographes antérieures á Hypparque, et que tout le progrés que Baldelli à voulu y trouver ce n'est qu'un rêve de ce savant Italien préocupé de l'idée d'amour propre national d'y trouver des perfectionnements imaginaires dûs au voyage de Vivaldi et de Theodisio Doria malgré le texte de Pierre d'Abano qui montre qu'on n'en avaient jamais eu des nouvelles de l'expedition aprés leur sortie des collonnes d'Hercule!

Qui ne reconnaîtra pas dans les légendes qu'on remarque dans cette Mappemonde le mélange des recits d'Eudore de Cysique qui á copié le Périple d'Hannon (Gosselin — T. 1, p. 227) sur les Egyptiens occidentaux sur les confins du territoire desquels était un lac qui paraissait être la source du Nil... comme on le voit dans cette Mappemonde, melés á ceux des AA. arabes?

Traduction d'un passage d'Orose au sujet du Nil

L'Egypte inferieure ou la Basse Egypte a à l'Orient, la Syrie et la Palestine; à l'Occident, la Lybie; au Nord, notre mer; au Sud le mont appelé *Climax*, l'Egypte supérieure ou la Haute Egypte et le Nil, celui-ci semble jaillir du bord de la mer rouge, là où cette mer commence, d'un endroit nommé *Mossilon*. Emporium — *puis apres avoir longtemps couru vers l'Occident, ce fleuve forme au milieu de son lit l'île nommée Merom;* ensuite il se dirige vers le Nord, deja grossi par les eaux des orages et va arroser les plaines de l'Egypte. *Quelques auteurs assurent, que ce fleuve prend sa source non loin de l'Atlas et que ses eaux sont immediatement absorbées par les sables;* qu'après un court trajet, se repandant sur les terres il forme un vaste lac, qu'ensuite il court vers l'Orient atravers les deserts de l'Ethiopie, jusqu'auprès de l'Océan, d'où tornant sur la gauche, il descend sur l'Egypte. Quelle que soient les sources et le cours

du Nil, n'en est pas moins vrai, que c'est un grand fleuve qui donne naissance à toute sorte de monstres. Sa source est appelée par les barbares *Dara*, mais ceux qui peuplent le pays lui donnent de nom de *Ninhul*. Cependant dans les regions de l'Egypte et de la Lybie et près de l'endroit, où nous avons dit que ce fleuve semblait sortir des bords de la mer rouge, il se perd dans un immense lac, à moins qu'il n'en relsorte par quelque secrete issue pratiquée dans son lit dans la partie qui descend de l'Orient. L'haute Egypte ou l'Egypte supérieure s'étend au loin vers l'Orient, et au Nord, le golfe Arabique et au Sud, l'Océan —

Rio d'Ouro

Dans la theorie des cours des fleuves des anciens geographes = nous remarquons que l'auteur du Périple de la mer Erythrée marque au delá du Gange une *Region d'or* puis une *île d'or* qui formait le point le plus oriental *de toute la terre* (Voy. Gosselin. T. 3 p. 217)

Or n'est-il pas curieux de voir que d'aprés les cosmographes chretiens et du Moyen âge on à fait couler le Nil (fleuve d'or) du Paradis Terrestre situé aussi aux extremités orientales du Monde?

«L'idée de placer aux extremités orientales de la terre, une île ou une «contrée fort abondante en or, paraît aussi ancienne chez les grecs, que «l'opinion qui reléguait des Champs Elysées ou des îles Fortunées vers «l'extremité occidentale du continent (Voir Gosselin, T. 1 p. 139 e seg.)

«Nous avons fait voir (Ibi) qu'ils récoulerent á plusieurs reprises, a sejour du *Bouleur*, á mesure que les connaissances s'étendirent, d'avantage dans l'ouest. Les pays des *Richesses* où la position des îles d'or et d'argent (Chryse et Argyre) á aussi variée selon le temps et les découvertes progressives de leurs navigateurs.

NB. Toute cette partie p. 279 onde se prova como as ideas successivas das posições geographicas das ilhas d'oiro forão perdendo á proporção dos descobrimentos.

Era certamente este famoso braço do Nilo chamado Rio do ouro na geographia systematica da Idade Media, e que segundo os cosmographos daquella epoca atravessava a Africa e desauguava no Atlantico que Ferrer deligenciou descobrir do mesmo modo que desde a mais remota antiguidade se sabe que o Nilo tem origens mas as quaes até agora ainda nenhum viajante poude descobrir.

Nilo

Addição a p. 6

A supposição de uma communicação do Nilo com o Niger assenta sobre uma asserção antiga que o braço Esquerdo do Rio corre pelo paiz

dos Negros, e o Direito no Egypto([1]). Abba Grégorius affirma tambem qu'audessous de Dongolah, um braço do Nilo se dirige no deserto da Libia atravez do el-Wah ou dos Oasis, mas Brown refutou esta opinião (Langlés dans Hornemann).

A afirmação do Frade Mendicante quanto ao curso do Nilo era a mesma da tradição Egypciana referida por Herodoto, que nos tempos antigos o Nilo corria atravessando o deserto da Libya.

O que se vê na carta Borgiana q.to ao Nilo mostra que tem a origem na geographia d'Herodoto — pois este A. diz

«Que os Lybianos chamados Naeamões conhecião este Rio mais exactamente do que nenhum outro povo, e o d.o Historiador refere segundo a relação delles, que o Nilo tem a sua origem em um lago, que depois atravessa o immenso paiz da Ethiopia.

(E' como na carta Borgiana).

Em parte.

NB. Discutir o que traz Murray. T. 1, p. 137 — ácerca de Wangará ou pais do oiro = na Idade Media.

«L'or de ce canton provenait entierement d'alluvions et recueilli dans le lit des riviéres où sur les terr[a]ins inondés, aprés retraite des eaux. Wangará est environné de tous cotés par divers bras du Nil qui debordens &. les habitans se precipitent hors de leurs asiles et erurent la terre pour y récolter l'or.

Devo principalmente citar o que vem nesta obra a p. 145.

Asie

Tant la géographie du Moyen-âge n'á pas ajouté rien á ce qu'on savait dans l'antiquité que malgré les voyages de Marco Polo, déjà le periple de la mer Erythrée nous montre que les anciens avaient une idée de l'existence de la Chine = il plasse les Sinae et la ville Thiera & = (Voy. Gosselin. T. 3 p. 217).

La meme idée des grandes rivieres de l'Asie Orientale = se presente dans la denomination de la *Chersonése d'or* — de maniére que les fleuves de l'or coulaient toujours de l'orient vers l'occident:

Cosmas no VI.o seculo já falla no paiz de Tsinae.

(Ibi p. 274).

([1]) Era o systema de Plinio (Vide Malte-Brun 1. p. 241).

Recherches — 2.e partie

AA. qui ont proclamé la Priorité des Portugais

AA. QUI TRAITENT DE LA PRIORITÉ DES DÉCOUVERTES DES PORTUGAIS.

Ortelius — 1570.
Zara — 1617.

Ortelius dans l'edition de 1582. On remarque dans la Préface datée de 1582 en parlant de l'Afrique ce qui suit
(Voyez la Note en dedans de cette chernier).

Cosmographie et hydrographie

Zarate = dans son ouvrage trés rare intitulé = *Anatomia ingeniorum* &. p. 255 = *Cosmographia* se borne á citer onze a pg. 257.
«Hisce peractis ad orbis universi partitionem faciendam proprius accedamus. Et quidem refert Orosius priscos illos oceanum terras universas triangulares quodammodo efficere credidisse et in Africam, Asiam, et Europam divisisse.
Il décrit les quatre parties du Monde et la découverte de l'Amérique par Colomb et puis il signale les decouvertes des Portugais dans l'Inde de la maniére suivante

India quando inventa

«.... Novum recens detectum, et viridem orbem a nostro penitus remotum et *autem incognitum* vir aeterna dignissimus memoria retulit, postquam a Gadibus versus Insulas Fortunatas anno 1499 solvisset, quo invento, Hispani interim ex una parte in occidente, novas, et prixis invisas terrarum oras penetrabant, et ex alia *parte Lusitani* in Oriente amplissimus illius tractus perlustrabant.
Et en parlant de la fameuse Bulle d'Alexandre VI il ajoute.... et quidquid Lusitani ab Austro usque in Orientem incognitae telluris investigarent, hoc illorum obtemperaret imperio.
Il fait un grand eloge a l'evêque Osorio de son style — et renvoi el lecteur á son ouvrage.

Gutherie — dans son Introduction á sa Géographie — avoue avec une rare impartialité (Tom. 1, p. 117) malgré sa qualité de sujet Anglais —

que «les Anglais sont redevables (dit-il) aux Portugais du commerce qu'ils font aujourd'hui dans les Indes.—

Playfer — cite Robertson — Tom. 1 p. cix — de son Introduction sur les découvertes des Portugais — Il dit que ce furent les navigateurs de cette nation les primiers qu'on fait usage regulier de la Bousole.

Bouganville parle de l'antiquité plutot des Geographes anciens á Edrisi — p. 303.

Bouganville — termine a p. 317 — faisant l'éloge des navigateurs Portugais a qui on devait la decouverte du Cap de B. E. et le trajet aux Indes.

(Il faut le copier).

Addit[ion] au §°

Des AA. qui ont proclamé la priorité des découvertes.

Boismerlés = Hist. de la Marine = T. 2 p. 38. — Marine des Portugais

Dit = Les Portugais ont fait tant de conquêtes dans l'ancien et le «Nouveau Monde que 360 dégrés qui partagent le cercle de la Terra il en «y a plus de 200 considerés en Longitude, sous leur denomination.

Ibi = p. 47 = ajoute que les Portugais ne furent pas les premiérs, si toutefois ce voyage d'Hannon est veritable mais quoiqu'il en soit la *seconde decouverte* qu'il en faite, leur est toujours fort glorieuse et est en même temps trés utile á la navigation puisqu'elle ouvre avec une route aisée pour aller dans les Indes = &.

Voir dans les ouvrages de Raymond de Lulle — dans son Livre des *Contemplations*.

Schoner = *Opusculum Geographicum* — Cap. XII. *De Lybia*:
-Decrivant l'Afrique occidental, Meridionale, et Orientale dit
«Extremum Ptolemeo cognitum Prassum Promontorium, *verum nostra ætate totæ hau portio a Portugaliensibus inventa est* [1].

[1] Cet opuscule de la plus grande rareté fut imprimé 1531 et nous n'avons pas pu rencontrer en France un seul exemplair.

Celui dont nous nous servons l'a pû obtenir d'Allemagne M.r Ternaux Compans qui l'a fait chercher á notre priére.

Des AA. qui ont proclamé les découvertes Portugaises

Addition

1544 — Munster (Sebastien) il naquit en 1489 (voy. Biograph. nouv. T. 30 p. 414) il mourut en 1552 fut surnommé l'*Strabon* de l'Allemagne. Scaliger en parla de lui avec un grand mépris.
Dit

Nova Africa

«Halmit quidem antea pauc os cultores quousque cognita fuit per Portugalenses &.

Des Azenegues

«Lusitani hodie cum eis exercent mercancia =
NB. Cette traduction latine de l'edition Allemande est trés mutilée. L'original Allemand est le plus estimé.

Des AA. qui parlent des découvertes Portugaises.

Blaew (Guillaume) = *Theatrum orbis Terrarum.*
Cet éditeur de cartes géographiques naquit á Amsterdam en 1571 est mort dans le même ville de Tycho-Brahé. Cependant malgré son instruction il payait les savants et les géographes pour lui composer des cartes originales.
Les cartes d'Afrique qu'il y publia ont la nomenclature Portugaise. Dans le *Cabo das Tres Pontas* jusqu'au *Rio do Lago* se lê uma nota que diz
«Centum retro annis arcem hic extruxerunt Lusitani, XVIII a Promontorio trium punctarum in finibus Orientem versus, cui nomen *S. Georgii de Mina* cujus arcis praesidio indigenas vicinos in ordinem erigerunt magnusque questus fecerunt, qui post quae haec loca Galli frequentari cœperunt minores fuere, vix ullius jam sunt momenti &.
NB. La carte quoique toute Portugaise on y voi[t] marqué le «*Petit Dieppe*» =
Il faut cependant observer que cette carte fut publié[e] en 1635, c'est á dire 5 années aprés que la Compagnie des Normans y avait fondé son comptoir, e[t] que Jean Guérard avait fait sa carte — ou se trouve ce nom pour la premiére fois.

Elogio dos Reys de Portugal, e prova da prioridade de nossos descobrimentos

Johanis Petri Portugaliae filius nothus suscepit è Lancastri filia, priori matrimonio nata, utriusque sexus liberos, quorum mascula proles usque

annum 1573 bello paceque non solun apud lusitanos, sed incognitas etiam antea Asiae, Africaeque nationes summa cum laude praefuit.

Pontus Heuterus — Rerum Burgundicarum Lib. III pag. 44 [a].

XVI.e

Auteurs qui parlent des découvertes des Portugais

Dans le livre qui á pour titre «Cosmographie Catholica a Francisco Hildensauno, cum prefatione Joan. Sturnii imprim. in Strasbourg en 1581 il y est dit que ce furent les Portugais qui donnerent ce nom á la *Serra Leone*.

XVI.e s[iècle]

Peritiol *Itinera Mundi* P. 89 — c. 13.

«Scias autem tibi, quod quoad Ophiram istam in Lege scriptam et in Prophetis, populus Portugaliensis invenerunt eam eundo per istas insulas; et in ea invenerunt aurum multum et margaritas magnas: aurem autem infinitum.

Ibique extruxerunt Fortalitium et Turrim et adhuc vocatur ejus nomen Ophirae. Et sic reperies scriptum in Libro de *Mundo Novo*.

Hyde ajouta in note

Escriptos ante ducentos annos. —

Le chap. 15 fait d'aprés le *Mundus Novus* une longue description de nos découvertes, et déclare notre priorité = voy p. 97 a 109 — Le chap. 16 confirme et proclame cette priorité — et le chap. XXIX p. 178.

Il prouve que   seulement que la zone torride était habitée aprés nos découvertes.

XVI.e siécle

Maximiliano Transylvano — dans sa lettre adressée au Cardinal de Saltzbourg imprimée á Rome en Nov.e 1523 — commence

«Navigatio illa, quam superioribus annis Lusitani, Hispanique ulte-«riores, quos castellanos dicunt, invenere, cum et laude et admiratione «semper digna fuerit, quippequae *alterum pene orbem maioribus nostris* «*antea incognitum*, variasque Regiones ac diversos hominum mores nobis «aperuit, Europae complura commoda attulit.

[a] O original destes tres periodos não é do punho do Visconde de Santarem.

XV.e siécle

Passage de la Chronique Mss. de Schedel conservé[e] á la Bibliothéque de la ville de Nuremberg.

Dans l'edition d'Antoine Koburger qui imprima cet ouvrage en 1493 on y lit a p. CCXC ce qui suit (voy. de Murr p. 73).

NB. Confirme les découvertes des Portugais).

Addition au §.e

Olivier de la Marche que era contemporaneo dos nossos descobrimentos, e cujas Memorias comprehendem o periodo desde 1435 a 1488 — diz fallando d'ElRei D. João 1.º cap. IV p. 168 e 169 (Coll. de Petitot T. 9)

«Que les roys de Portugal ont fait de grandes conquetes sur les Sarracins, du costé de Barbarie, et d'*Afrique* et pris et conquesté plusieurs diverses îles: dont le royaume de Portugal á porté grand honneur et profit =»

Liste de cartes anciennes [a]

Gough — dans son — An Essay on the Rise and Progress of Geography in Great-Britain &. Londres, 1780 — donne a p. 111 une Liste de plusieurs cartes dont la plus ancienne est celle de la chronique de Nuremberg de 1493 et la plus moderne de 1640.

Long — Astronomy calcule que le nombre des cartes publiées montait de son temps jusqu'à 16:000 dont seulement 1700 étaient originales —

Cet Auteur á cité toutes les notions qu'on rencontre chez les AA. grecs et Latins sur les cartes geographiques depuis Anaximander jusqu'á celles d'Autins au IIIe-IVe siècles.

Moyen-age

Il cite — celles de S. Gall, de Charlemagne —

Il cite le passage de Gervais de Tilburg que j'ai cité.

Puis les cartes Arabes d'Edrisi.

Voyez les Mappemondes gravées dans l'ouvrage de Kempfer Histoire du Japon —

1639 = Descobrimento del Rio de las Amazonas, con sus dilatadas Provincias =

Mss. de la Biblioth. R. de Paris n.° 695 Supplem. — vol. 8.° 37 folh. O resto do Mss. é em lingoa Guarany. Refere-se a uma carta geographica que lhe arrumarão.

NB. Varella mandou a copia ao Instituto do Brazil. —

---

[a] Daqui por diante, até a pagina 539, os assumptos tratados, comquanto pertencentes ao objecto das *Recherches sur la découverte des pays situés au-dela du Cap Bojador...*, não manteem entre si uma tão perfeita connexão e continuidade como os anteriores.

Antonio Nax[a]ra

Navigacion Especulativa y Pratica = 1628 — Lisboa por Pedro Craesbeck 4.º — V — 1665.

No 3.º falta a 1.ª carta de Warums [?]

Bibliotheca Geographica — Subtitulos *De Mundo* p. 234.
Terra descriptio p. 565.

De Mundo

Dionysii Afri *De situ orbis.* Rostock 1577 in 4.º.

— *André Arzolus* = De situ orbis Terrae. Dans le premier livre il traite des systémes du Monde de Ptolémée, de Copernic, et de Tychobrahe et du sien.

— Aristarchi — *Tractatus de Mundi Systemate et Moribus.* Paris 1647 in fol. 1644 in 12.

— Averroes — De substantia orbis cum commentariis Maynetri. 1580. p. 275.

— Alcimi Aviti = Evêque de Vienne = *De origine Mundi* liber. Paris in 8.º

— Pier Boyastan Launay — *Le Théatre du Monde* — Cologne 1609. Paris 1558 in 8.º — Il a en encore plusieurs autres éditions.

— Jacob de Bois — *Terra in centro universi quiescat* an vero sol — Leide — 1651 — Dialog. Theol.

— Boussingault — Theatre nouveau du Monde — Génève 1677. in 120

— Jac-Cocaei — Epistola de Mundi Systematibus cum fig. Amsterd. 1660 in 8.º

— Deusingi. Dissertatio de vero Systemate Mundi. Ams. 1643 in 8.º

— Christoph. Hunichii. Disputatio de situ, quiete, figura, et magnitudine Globi terrestris — Leipzig 1610 in 4.º

— Dionisius Lybicus. *De situ habitabilis orbis* in 8.º

— Alcim Manesson Mallet. Description de l'Univers contenant les differents systémes du Monde, les cartes & (1686).

De Mundo

Franc. Moriax = Ord. min. *De orbis situ* et Descriptione epistola sur les systémes de Ptolomée et d'autres. Anvers 1565 in 4.º

— S.t Grégoire de Nanzianze. *De Mundo* dans le Tom. 2 de ses ouvrages.

— Philolai — Dissertation sur le systeme du Monde ancien. Amsterdam 1638 in 4.º

Avity = Description générale du Globe 6 vol. Paris — 1643.

Bernardinus Baldus Urbinus. Geographiam orbi universi ex Scriptoribus plusquam septingentis contexuit — 1582.

Franciscus Barocci — Cosmographia Libri 4 — Venise. 1585-in 8.°

Becmann = Historia orbis Terrarum Geographica civilis et sacra — Leipsig 1685 — Francfort 1671 in 4.°

Munster Sebastian — dans sa cosmographie en 1544. Belleforte — dans la publiée à Paris en 1575.

Gemma Frisius — non plus —

1557 — Bâle in fol. Laurent *Corvini* Geographie et Cosmographie.

1645 — Coulon Introduction á la cosmographie de la Sphére et Géographie — in 8.° Paris.

1693 — Pher. de Croix la Géographie Universelle in 12. Paris.

1690 — Deseine — Geographie ancienne et moderne.

1584 — Dryandri — Cosmograpia in 8.°

1689 — Cubinardi — Cosmographia.

1670 — Fagi — Cosmographia &. Londres in 8.°

1626 — Maldonado Cosmographia in 4.°

1538 — Fortii (Joaquim) Cosmographia Bâle 8.° — Lyon — 1536.

Henri de Mayence.

Synopsis Mundi sive Imagine — imprimé á Spire en 1583 —

(Voir sur cet ouyrage Cave = Hist. Litter. Article *Anselm et Honorius).*

La Langue portugaise parlé[e] dans les pays les plus lointains comme des découvertes de cette nation.

Dans la plus grande partie de l'Asie maritime la langue Portugaise on parle partout comme langue générale de la meme maniere qu'en Europe on s'en serve de la langue Française.

Le capitaine Anglais King rapporte que dans la prémiére visite qu'il fit a l'île *Melville* prés de la côte d'Australie, les naturels l'appellai[e]nt par les paroles Portugaises «*vem cá,* ce qui prouve que les Portugais y etaient allés bien avant.

La langue Portugaise (dit) n'est pas restreinte au peuple qui la parle, elle est encore la langue en commerce Asiatique et elle est répandue depuis le Cap Non jusqu'aux îles du Japon et depuis l'île de Madére jusqu'au Brésil ([1]).

Ce n'est pas la langue du Jacques Ferrer ni celle de Vivaldi.

([1]) Voyez sur ce rapport ce que nous avons écrit dans nos Recherches p.

Planisphéres celestes Arabes — Pour la question de Dante

Voyez Sedillot = T. 1.er des Mémoires des Savants Étrangers dans les Mémoires de l'Academie, *passim.* Materiaux & p. 334 dans cet ouvrage il parle de ceux de la Bibliothèque Royale.

Sedillot á décrit celui de la Bibliothèque Royal = de p. 116 á 141 du Tom. 1.er des Mem. des Savants Étrangers —

Systéme d'Eratosthene.

Étendait le nom de l'océan Atlantique jusque sur la côte orientale de l'Afrique en sorte que la mer rouge et le Golfe Persique pouvaient être considerés comme formés par cet océan (Letronne).

Eratosthéne parait avoir été le premier qui construisit un planisphére du Mond alors connu á projection plate.

A la projection plate qu'il avait employé, Hypparque substitua un chassis á meridiens convergens, en tenant conte du décroissement des dégrés de longitude proporcionellement á l'elevation des latitudes.—

Mais Main de Tyr revint á la carte plate, et Ptolémée corrigea les resultats de Marin.

Menam — pour Messam

Recherches § xxii *p. 251.*

M.r Letronne dans ses Savants Recherches sur Dicuil *p. 60* — á montré comment un critique avait trouvait dans l'enumeration des villes d'Afrique d'un Mss. de Mella — la ville de *Duper* pour *Cluper*, et il y dit — que les lettres *el* dans la plupart des Mss. sont tellement rapprochées l'une de l'autre qu'elles ne différent en rien du *a*, et que des lors la correction deviendra certaine, ou plutôt ne será plus une correction.

A maneira de conhecer a estrela do norte e por ella suas guardas á meia noite e manhaã, segundo por ElRei tinha a m.to sido observado, e posto em escripto e diz que em Portugal se sabia á m.to que não pensa que assim se saiba geralm.te em outra terra — posto que della venhão os relogios de agulha que trazem as figuras nas coberturas por que se pode bem saber o tempo da meia noite som.te mas elle ordenou duas rodas uma da meia noite, e outra da manhã, com seu regim.to

No fim tem esta data — «Feito por D. D.te & em Evora a xxi dias de jan.o de 1435.

Mappemonde de Oronse Plineo annexée au Novus orbis de 1532 —

Zurla dit que c'est le premier que répresente déjá toutes les découvertes des Portugais et des Espagnoles —

Cartes

Gauloles — Gelules — Gaulole.
Situés entre le 30 et 31 au nord de l'équateur.

Addition á p. 284 de nos Recherches — Poéme géographique de Gothier de Metz.

Ce poëme fut imprimé par Jean Treperel sans date (la croix du Maine). Sur ce cosmographe voyez Du Cange Indice des Auteurs au devant du glossaire latin p. CXCII.

Addition a p. 332.
Fleuve d'or = vid. ce que disait Brunetto Latini = Introduct. de nos Recherches. p. XLIX.

Journal des Debats du 8 Mars 1846

L'ouvrage sur l'Afrique de M.r Mauroy dit

«L'écrit de M.r Mauroy répend une vive lumiére sur les éléments de la prosperité naturelle de nos possessions d'Afrique. L'érudition n'y nuit en rien á la clareté, á la precision, ni même á l'agrement du style. Dans les débats des affaires publiques cette une forme peu usitée que de citer et de commenter le peuple d'Hannon, et le vieil Herodote, et les auteurs Arabes. *Mais ces autorités bien avérées sont les seuls qui puissent faire foi*,et elles sont d'un remarquable accord qui garantit l'authenticitè de leur témoignage. *Quand il s'agit de fonder un empire, et la question* qui est posée dans l'Algerie, n'est pas moindre, il faut sortir du cercle des éphémeres arguments dont se sort ordinairement la polemique. Il faut puiser á meilleures sources les élements de la conviction. C'est ce qui á fait M.r Mauroy, et c'est par ce motif que son travail durera. —

Pour le 2.de vol. des Recherches. Ouvrages a consulter

1.° — Morelli — cite = un ouvrage nautique composé par Pietro de Versi (vénicien) en 1444. Morelli la donne même — et á pour titre «Alcune razion de marinari de mi Piero di Verse.

Daprés la description de Zurla on doit penser que ce Portulan ne contenait rien pour l'Afrique occidentale —

2.° — Sansovino nel Liv. 13 dans sa *Venezia*.

Rapport de M.r Daunon (Dannou ?) 1.er Juillet 1814 sur un *Memoire* sur les cartes lu á l'Institut et Magazin Encyclopedique 1814 T. 4, p. 28.

Matalii Metelli (Metello). De Lusitanorum Navigationibus in utramquam Indiam Tractatus — Cologne 1576 in 8.°

Varenius p. 367.

Marine et navigations anciennes aux côtes d'Afrique

Azurara p. 229 —

Les Membres de la Municipalité de Lagos en 1443 disaient dans un discours adressé au Prince Henri qu'avant même la prise de Ceuta en 1415 il était constaté par des documents et par des témoignages des hommes d'un âge trés avancée, que leurs navirs allaient en Afrique.

Or en prenant pour base l'année 1415 les témoignages d'hommes de 90 ans faisaient remonter ces expeditions en deça du cap Non a 1320.

A l'appui des documents authentiques que nous venons de produire nous ajouterons un autre d'égale authenticité et c'est la Bulle du Pape Xixte IV de 11 de Septembre de 1481 par laquelle il accorda indulgence pleniere et remission de tous les pechés à eux qui viendraient à mourir dans le chateau de la Mine construit ou à construire. Nous transcrirons ici le texte même de la Bulle parce que ce texte nous revele une particularité c'est à savoir, que le Roi de Portugal avait impetré du Saint-Siege ces indulgences avant d'avoir construite le chateau de la Mine, probablement à cause du grand nombre de ses sujets qui y perissaient dans les premieres années de la decouverte, comme le rapporte Brenaldes en ces mots: «Donde al tiempo que la hallaron (la Mine d'or) en los primeros viajes la mayor parte de los navegantes adolecian y se morian sin remedio.» Voici donc le texte de la Bulle en question. «Igitur intellecto per venerabilem fratem G. Episcopum Elborensem Regiæ Classis prefectum et Cardinalem Ulisbonensis, nec non oratorum ipsum apud nos existentem tuæ Nobilitatis in hac parte desiderio, tenore presentium omnibus illis christifidelibus quos in Castello apud Minam in partibus Ethiopiæ *constructo, seu construendo* ab hac luce decedere contigerit, plenarium cunctorum suorum peccatorum Indulgentiam de omni potentis dei misericordia apostolica auctoritate concedimus et benigne elargimur, volentes eos indulgentia hujus modi deinceps plene gaudere. [1]

[1] Rapprochez cette Bulle de la partie historique et géographique d'une autre Bulle du même Pape dont nous avons donné la traduction à p. 204 de nos Recherches.

VOYAGEURS DU XII[e], XIII[e] ET XIV[e] S[IÉCLE] — A P. 13 DE L'INTRODUCTION.

(¹) L empressement avec le quel on demandait aux voyageurs la faculté d'extraire des copies de leurs relations prouve non seulement combien on était avide de connaitre les pays lointains, mais encore combien les connaissances sur l'orient devaient le propager chaque jour d'avantage dans l'Europe occidentale.

«Plan-Carpin nous apprend lui même qu'a son retour il avait laissé prendre en Pologne, en Bohême, en Allemagne, á Liege et en Champagne des copies de la relation autographe encore emparfaite (¹)

Or si on cherche á lier ensemble ces relations avec d'autres plus anciennes — nous dirons, que les routes de l'Asie interieures étaient déjá indiquées á Roger de Sicile, un siécle auparavant par Edrysy = Mais nous croyons que M.r d'Avezac á tort de dire d'une maniere absolue que le voyage de Carpin devait ouvrir á *l'ignorante Europe* les routes de l'Asie. D'abord il se contredit en parlant de Roger de Sicile et d'Edrysy = ensuite il dit

«Nous ne parlons pas des cosmographes arabes anterieurs (á Edrysy) «tels que Aily el Massoudy, Abou-Irkhag Jutakhry, et Eben-Khaouquâl, «connus aujourd'hui par les travaux des orientalistes: *leurs ouvrages «n'avaient point penetré dans l'Europe Chretienne!* L'auteur n'a pas tenu compte que tous les ouvrages de ces cosmographes étaient connus pour la plupart des Arabes de la Peninsule Hispanique et consequement par une foule de Chrétiens, qui étudiaient dans leurs écoles, et que recevaient de l'instruction dans leurs Académies.

AFRIQUE = RELATIONS, ET NOTIONS QUE LES ÉCRIVAINS PORTUGAIS ET AUTRES ONT DONNÉ SUR L'AFRIQUE

Annales des Voyages T. IX p. 304

Mss. geographique = VII p. 246, 247, 248, 249, 251, 252 — Continuation de la Traduction et résultats — La pointe de *Rio d'Ouro* est le terme des connaissances de la carte d'ou ceci à été copié 253 — Preuves de l'existence d'une expedition qui eut bien entre celle qui se fit vers le milieu du XIV[e] siécle — 254.

— Mappe ou carte marine du XIV[e] siècle trouvée par M.r Tastu — T. 83 — p. 255 —

Série des Annales depuis 1819 à 1839.

Geographie du Moyen âge T. 14 p. 177.

(¹) Voyez d'Avezac — pag. 49.

Carte Catalane

Texte de M.r Buchon p. 17 —

Traduction

La zone ou le cercle habitable, tel que nous le connaissons, se divise en trois parties. Dans l'une est l'Asie, dans l'autre l'Europe, et dans l'autre l'Afrique. L'Asie est septentrionale. L,Afrique *s'etend du Midi à l'ocident* et comprend toute la côte de Barbarie.

NB. on voit qu'il ne parle pas de cote au-de-la de la Barberie —

A pag. 18.

L'auteur de la carte montre encore plus qu'il ne connaissait de l'Afrique que d'aprés les cartes anciennes du Moyen-Age = car il dit

«L'Afrique á pris son nom d'Afer, un des batards d'Abraham. Elle «est en Orient, part du Fleuve Indus ([1]) passe par le midi et s'en va «vers l'occident.

Elle signifie, endroit situé sur l'eau salée.

NB. — Or ce passage montre selon nous que l'auteur de la carte catalane ne connaissait pas les particularités relatives au manque de sel des peuples placés au-dela du Grand désert, c'est-á-dire des pays sur le Niger au sud de ce fleuve, il ne s'y trouve pas le moindre sel ni salines (Leo p. 260 — Dapper p. 329).

NB. Croire que les Catalans connaissaient le midi de l'Afrique quand nous lisons dans cette carte — p. 48 que dans l'*Irlande* «il y eu á une «petite île dans la quelle les hommes ne meurent jamais» c'est un absurde —

Les îles Fortunés vient [dans] le texte p. 68 et 69. Esta passagem deve ser transcripta no cap.º dos Cosmographos.

Dans la même pag. il vient sur l'Afrique un passage curieux jusqu'a p. 105.

Les feuilles de la traduction jusqu'á pag. 55 ne sont plus les mêmes qui me furent communiquées en 1841 puis á cette page note 3 se trouve citée l'Asie centrale de M.r de Humboldt qui n'a paru qu'en

D'Avezac cité a p. 83 note 4. D'Avezac arrive encore a p. 170 note 1 et 171 — et encore á p. 173 note 1 e a p. 189 p. 190 — p. 202 a 206.

A p. 122 — note 4 M.r Reinand cite déjá sa Preface §.º III.

Je suis cité a p. 213. Note 1 et note 2 et a p. 245 note 2.

Sur le Sargaço voyez Humboldt T. III p. 64 et suiv.

A p. 244 — sur Condeixa a Velha p. 244 notions que je lui ait données et il ne me citá pas.

([1]) M.r Buchon dit, ce sens me semble fort peu clair. Peut-être faut-il l'expliquar par l'opinion où était l'auteur de la Carte, que l'Afrique, au lieu de se projecter au midi, se vers l'est et dans la direction de l'Asie.

Légendes des Cartes. Déjá les légendes des cartes ont eclaircies plusieurs textes des auteurs du Moyen-âge —

Voyez l'ouvrage de Potocki, de M.r Hommaire de Hell et la Traduction d'Alboufeda de M.r Reinaud — p. 267. Mem. de M.r Letronne — Journal des Savants — M.r de Humboldt — dans l'Asie centrale, et dans l'Hist. de la Géographie du N. C.

Plusieurs des villes indiquées dans Alboufeda, se trouvent dans la Carte Catalane (Voy. Reinaud p. 325.

15.e siècle =

1495 = Deux ans avant l'expedition de Gama on á imprimé á Leiria le célébre livre Latin = *Almanak Perpétuel des mouvements célèstes* — le quel était redigié par le célébre Abraham Zacuto, astronome du roi Emmanuel —

Auteurs qui parlent de Gama = Forster — Découvertes et voyages dans le Nord — Tom. 2 pag. 317 = il y dit

«La célébrité du nom de Vasco da Gama inflama la jeunesse de Portugal et excita son émulation. Une multitude d'herós s'empressa de marcher sur les traces de leurs prédécesseurs. D'immenses richesses acquises par le commerce des Indes entraient continuéllement dans le Tage —

Cadamosto = cap. 33 fallando em sua partida p.a Cabo Verde depois de deixar Budomel = diz que antes da sua partida de Portugal tinha ouvido ao Snr. Infante, q̃ entre outras informações que tinha era uma, que não muito longe deste reino do Senegal, mais adiante se achava outro reino, chamado Gambia = dirigio-se com outras caravellas Portuguezas a Cabo Verde = que era distante de 30 milhas italianas.

Forão os Portuguezes q̃ o descobrirão um anno antes de Cadamosto ( ) que alli foi em Junho de 1445.

Cap. 36 — Seguirão ao sul de Cabo Verde descobrirão um rio a que pozerão o nome de rio *Barbacim* e assim o marcarão na *carta de navegar que se fez daquella costa* — fica distante de Cabo Verde 60 milhas.

Aris = civitas dicitur esse in medio Mundi = p. 100 — 4 = H.
Maris, magnitudo est quid occasum — 103 — 2 — C.

Dans l'edition [a] de 1582 on remarque dans la Préface datée de 1582 en parlant de l'Afrique ce qui suit

[a] D'Ortelius.

Afrique fl. 4

«Car depuis les lacs dont la riviére du Nil prendra sa source vers le Midi, il á été incognu aux AA. anciens la quelle partie pour aujourd'hui est appellée des Arabiens et Persiens. Zanzibar, et en est le dernier port en la mer Meridionale, appellé *Cabo de Buona Esperansa*, *descouvert* tout prémierement par la navigation des Portugalois l'an 1497.

Ethiopie et Indes

Confusion

Huet = appelle Ethiopiens les Indiens, confondant l'Ethiopie avec les Indes, selon la coutume de plusieurs anciens. =

Voir les dissertations recueillies par Tilladet II, 59 et 69 — Cette confusion se remarque déjá dans Philostrate V — A — III, 20.

Ad Magnos Tartaros (Tartarie)

Au XIII.e siécle cette denomination dit feu Remusat et Klaproth (apud Malte-Brun, p. 179) — se donnait á tout l'Empire des Mongols =

Tartaria Major, ou *Tartaria Magna* s'étendait comme tout le monde sait dans la géographie du Moyen-âge vers le Nord et l'Est de l'Asie depuis la mer de Backa ou Caspienne jusqu'á la Chine et á la mer orientale --

---

A p. 486, il traite avec cette sévérité les carts données par Jomard de l'Afrique occidentale pour le voyage de Caillé = Il dit

«Celle de l'Afrique occidental construite par M.r Jomard pour le voyage de Caillé, offre, á coté d'améliorations réelles, *des erreurs considérables*, il faut en dire autant de celle dressée par M.r Dufour pour l'histoire générale des voyages de M.r Walckenaer.

Descartes = disait = de l'ancienne philosophie «qu'elle ne contenait que des mots et qu'il ne cherchait que des choses.

Fontenelle disait = que les erreurs de Descartes, éclairaient assez souvent les autres philosophes, soit parce que dans les endroits où il s'est trompé, il ne s'est pas fort éloigné du but et que la méprise était aisée á rectifier, soit parce qu'il donne quelquesfois ces vues et fournit des idées ingenieuses, méme quand il se trompe le plus.

(Hist. de l'Acad. des Sciences, Ann. 1666, p. 283).

Letronne.

«Relever les principales de ces erreurs est, á mon avis, chose fort nécéssaire, parce que l'autorité dont jouit l'auteur peut donner credit aux

notions faux qu'il a produites. D'ailleurs, il est utile de lui faire sentir combien est pénible, pour tout le monde, le ton vraiment intolérable qu' il continue de prendre dans son livre á l'egard de ses confréres en Archéologie. L'inconvenient grave d'une pareille maniére, c'est de provoquer sans cesser des représailles de la part de ceux mêmes qui desireraient le plus continuer paisiblement leur route scientifique. Car, on a beau faire, quond on se défend, ou se régle toujours plus au moins sur le ton de l'attaque! Et c'est ainsi qui se perpetue l'usage de ces formes aigres et désobligeances, dont chacun de nous voudrait débarasser la controverse scientifique, qui ne peut rendre de grands services, que si elle est bornée au simple exposé ou á la critique moderée des opinions contradictoires.

Rien n'existe, en effet, plus d'impacience, et de humeur que les reproches non fondés, qui supposent qu'on ne vous á pas comprir ou qu'on n'a pas voulu vous comprendre, surtout quand l'exposition desobligeante semble annoncer l'intention de blesser plutôt que d'eclairer.

Géographie.

Les vérités s'etablissent difficilement, les erreurs reprennent le desves sur les vérités constatées, et les hommes aux quels nous devons le plus de notions sont aussi les plus complexes d'opinions erronnés —
Delaborde Comm. sur l'Ixorde p, XXIV.

Malgré les recherches d'un grand nombre de savants, notament de Marsden, Baldelli, et de M.r Walcknaer (Vies de plusieurs personages célébres T. 2) et de Murray, on n'a pas pû citer que 16 Mss. de Marco Polo dont plusieurs sont du xv.e siècle. C'est á dire du siècle même des découvertes [a].

Savoir — l'immense collection de la Bibliothèque de Paris possede 5 — dans les manuscripts côtés N.os 1616 — 6244 — 5195 — 8392 (du xv.e siécle) et 7367 du même siècle. En Suéde á la Bibliothéque R. de Stockolm — L'exemplaire de M.r Walckenaer. Un autre á Londres au Musée Britanique qui est de 1457 — Un autre á Padoue, 1 á Milan — 1 á Ferrare — trois autres Mss. qui ne contiennent que des extraits et qui sont conservés á la Bibliothèque de Welfunboutel — 1 autre á Dublin en extrait.

---

[a] O original deste paragrapho e de toda a composição até á pagina 547 fazia parte de um maço de papeis particulares do Visconde de Santarem que — juntamente com muitos documentos de natureza politica — haviam sido recolhidos no Ministerio dos Estrangeiros em 1834. (Vide o meu estudo «O 2.º Visconde de Santarem e os seus Atlas Geographicos» — Lisboa, 1910 — Pag. 14, 15 e 37).

A' l'egard de la date des premiers Mss. de Marco Polo on est encore aux conjectures.

Sur les Mss. de Marco Polo de la Bibliothèque National de Paris voyez les Annales des Voyages de 1819 T. 2 p. 162 et Walck[enaer] notes á Pinkerton, 2.de édition 1811 Tom. V p. 26, n.° 3 [a].

Boussole

Mss. Latin n.° 7378 — A.

Petit Traité *de Magnete et rota viva* (1).

Pierre de Niegue [?] — Mss. Lat. n.° 202 fol. 157 v.° fonds N.° D.

Partes mundi quatuor nunc Lacessit.

Ce vers est imparfait.

Examiné.

Mss. Latin suppl. n.° 49 in fol. intitulé = *Mathematica*.

Differents Traités sur la Sphere.

Au fol. 25 — Liber Theodosii de locis in quibus morantur homines.

Au fol. 117 = De Mensuratione Terrarum = translatus a Magistro Ghirardo de Cremona avec des notes au centre = *Instrumentum Polus* — dans la fin du Traité sur l'aimant =

Examiné — ne contient rien.

Pinkerton = Recherches sur l'origine et les divers ètablissements des Scythes ou Goths servant d'Introduction á l'Histoire ancienne et moderne de l'Europe —

1804 — in 8.° = G — 1447. G. 2.

Pour les Recherches—Libres á consulter

1.° Blondel. Traité de l'état de la Navigation =
2.° Harris = Cite plusieurs ouvrages sur la navigation.
3.° Jonas Moos ou Moor en 2 vol. in 4.°
4.° Newton idée de la navigation et de la géographie =

Macáo

Os AA. do G.e Diccionario de dizem

«L'empereur de la Chine l'envers l'an 1668 aux Portugais qu'en étaient les maitres. Ils ont pourtant encore une forteresse pour la sureté de leur commerce.

Voyez Le Pére le Comte, Mémoires de la Chine = Lettre 1.a —— NB. Estas são importantes.

---

[a] O primeiro destes 4 paragraphos é precedido de um parenthesis encerrando o algarismo 1 — (1), que o indica que estes paragraphos eram destinados a uma nota.

E' necessario consultar o P.e Kirker na sua
1° China illustrata e Theoph. Spirelii de
2° Re Litteraria Sinensium Commentarius.
3 — Le P.e Trigault — Regni chinensis Descriptio,
4 — A Relação de Semedo,
5° — A China./ A *Sina et Europa* de Preyelius
6° = Relação da China por um Moscovita chamado Nikipora.
Ver-se no *Atlas Sinicus* de Martinius que faz parte do Tom. VI do Grande Atlas de Blaeu.

XI.e siècle

Constatin L'African. Ses ouvrages publiés á Bâle 1539 in fol. Ils renferment plusieurs Traités. f.° T 1211.

Ne contient rien de cosmographie.

Addition a p. 49.

XII.e siecle.

Il faudra examiner = Oderic Vital.
Consulter les commentaires d'Avicenne faits par J. de Partibus en 1432.

Pour consulter

XII.e siècle

Giraldus *Cambrensis* naquit en 1146.
Voir Warthon T. 2 — dans l'*Anglia Sacra* p. 374 et dans la Préface au Tome dernier — p. XX et suiv.
Descriptionis Cambriæ.
Dans un Mss. d'Westminster se trouvent renfermés ce que Fabricius appelle *Wallia Mappa*, ou cartes corographiques peintes les quelles outre plusieurs fleuves qu'on y remarque on y voit les montagnes, les plages et un grand nombre de villes (43).
Voir ce que Giraldus dit a ce sujet — apud Alberic des Trois Fontaines — chronique.
Donnée par Leibnitz dans le Tom. II des *Accessiones Historicæ* 1698 in 4.° et par *Menckenius* T. 1 des *Scriptores rerum Germaniorum.*
Histoire de Guide *Columnis.* Il y [a] á la Biblioth. plusieurs Mss.
Cette histoire fut imprimée sous le titre d'*Histoire de Troie.*
Warthon T. 2 p. 441 et 445.

XIII siècle

S.[t] Thomas d'Aquin composá aussi des commentaires géographiques.
«*Commentaria in libros tres de Cœlo et Mundo.*
Pierre d'Alvenira les publia á Venize en 1486.

117 — 261.

XIII.[e] siécle

1203 — *Guyot de Provius* disait *pour tout l'or de de l'Inde,* et ne parle pas de l'or de l'Afrique.
(Voyez analyse de la Bible dans les Not. et Extraits T. V. p. 2871.

XIII.[e] siécle

Bestiaire. Mss. n.º 3579.
Guiot de Provius — n.º 2707.
Bibles historiées à Miniatures n.º 6829 et 6829.
Mss. n.º 5371 — de quelle époque.

XIV.[e] siècle

Gervasius Ricobaldus de Ferrare — composa «*Chronicis totius orbis.*
Le 5.[e] Livre est consacré á la Description du Globe.
«Quintus orbem terrarum describar.
(Fabricius Biblioth. M. et Inf. Latin. T. 3 p. 155. Cet ouvrage fut publié par *Eccardus.* T. 1 Scriptorum Medii Aevi p. 1156.
A' peine cité á p. 148 de notre Tom. 1.[er]

XIV.[e] siècle

Honorius Gallus composa —
Imago Mundi de dispositione orbis. De Globo totius Mundi (¹).

Para consultar sobre a Mina =

Fr. Pedro da Graça escreveo sobre a Mina 1570 (Vid. Fr. Antonio da Purificação de Viris illustris*)*.
Linschot — 6.[e] Partie. Description du Royaume da Mine en Afrique de ses villes

(¹) Voir Bibliotheca Patrum Col. Tom. XIII et Lugd. Tom. XX. p. 964.

Isidore de Seville — Liv. XIV.

— Chronica com addições em Italiano e com a Historia do Liv. de Paulo Osorio = Paulo Donea — 1524 — in 8.º

Q +, 1327

— Chronica do d.º Revista 1482 in-4.º

G., 931.

Ethicus.

Cosmographia — edit de 1575.

G., 433.

Orosius = Annotationes — par R. Winter 1540.

4 — T. 1123.
G. — 1321.
G. — 1322 — 1322.

Traduction Française avec Miniatures f. 2 vol.

G. — 735, 736.

Traducção de Alfredo in 8.º

G. — 1325 A.

Camerarius = Probl. Divis. 1.ª Lib. 5, cap. 28.

1574 — La desc[r]itione del Isole de la Madere gia scritta nella lingoa latina de *G. Landi*, traduzida por *Fini* = Piacenta.

Não existe na Biblioth.

1577 — Coll. de Eden =

— Deux voyages faits en Guinée en Afrique en 1554 aux frais de quelques marchands de Londres.

1578 — Antonio da Gama Pereira — De Juribus quibus Lusitanum imperium in Africa. India ac Guinea possidetur. Impresso em Lisboa. (Direitos em virtude dos quaes o Imperio Portuguez possue a Africa, a India e a Guiné). Foi impresso tambem em Francfort em 1598 in fol. — Richter e no mesmo anno em Cremona. Outra edição & a Vallisaleti 1559.

1579 — Discursos das navegações que os Portuguezes fazem aos Reinos, e Provincias das partes orientaes do Mundo & por B. de *Escalante,* traduzido em Inglez por J. Frampton. Londres Fr. Dawson.

Não existe na Biblioth.
N.º 1252 = D. Juan Nunes. Conquista de las Canarias = de la Peña.

1580 — M. Chemnitius. De Lusitanorum in Indiam orientalem navigatione Carmen (M. Chemnitz) Poema sobre a navegação dos Portuguezes na India Oriental — *Lipsia* in 4.º

Não existe na Biblioth.

1581 — Traducção Franceza de Jeronimo Osorio, *Paris*, Piérre Chevillot in 8.º

1587 — Modius = Historia rerum in oriente gestarum vel orbe condito ad annum 1587.

1591 — Herrera, Historia de Portugal e Conq.ta dos Açores =

1595 = Primeira feita pelos Hollandezes ás Indias Orientais por Cornelio Hautman. Amsterdam in 4.º

1595 e 1597 — Na Collec. d'*Hulsius* a qual contem 26 viagens — entre estas algumas a Africa. M.r *Archer* publicou uma obra especial em Berlim em 1839 sobre esta collecção.

Vide na Biblioth. 1118. 1604.

1597 — *Lopes* Relação do Congo, e Reinos visinhos, traduzido em Inglez p.r Hartwell. London = J. Wolfe. —

1600 = Histoire veritable et plusieurs voyages aventureux et perileux faits sur la mer en diverses contrées par J. P. F. *Rouen*, in 12.

1600 — Metellus — *Africa* Tabulis geographicis delineata — *Urselius* in fol.

1601 — Descripção, em Hollandez da Costa da Guiné — Costa do ouro e Mina (in fol. Amsterdam).

Para consultar

Schotte = Senegambie = Philosoph. Transact. Y 1780, p. 478 —

Guinea.

J. Hillier.
«Account of the customs of the in habitans & 1686, 1687.
Phil. Transacts. Y 1697 p. 687.
Miscelanea Curiosa = vol. 3. p. 356.
Frandeville = sur les négres de la Guinée. Mem. 3.
Tom. Mem. de Berlin A. 1766, p. 413 —
Historia de Portugal. Genova = 1610 2 vol.

O — 993, 994.

Africa. 682, 743.

1035 = Traducção de Leão por Temporal = 1556.

1117 = Duarte Lopes. Descriptio Regni Africani &. F. publicada p.r De Bry.

1203 = Viagens dos Hollandezes.

Math. *Belius* = De fatis Geographiæ priscis ac recentioribus = 1748.
Buech = de incrementis geographiæ recentessimis — 8.º 1758 Hamburg.

Strutt — L'Angleterre Ancienne — Traduction française de cet ouvrage par *Boulard* in 4.º avec planches V - surtout celles de l'édition anglaise.

Dans la suite = Nova Reperta — on voit Colomb monté sur un vaisseau.

Voyez Diction. des Monuments par Guénebault = Tom. 2 p. 153 article Marine.
NB. — À consulter.

Trésor de Brunetto Latini

Mss.
7066 — 7066^{5} — 7067^{-3-3} — 7067 — 7068 — 7069 — 7160 — 7363 — 7364 — 7365 — 7365 — 7366^{3} — 7930 — 7930^{2} — 7320 A-B — 7355^{3}.
Nouveau fond S.t Germain 346 bis — 1124 — 1619, 1623.
Supplem. Français 198 — 7732.

De Rerum Natura de Thomaz de Cambridge professeur á Louvain — in 1230.
Le Livre de la Nature de Conrad de Mayenberg — de Ratisbonne.
M.r de H. Cosmos p. 312 — fait aborder Jacques Ferrer au Rio do Ouro!!! et dit «qu'il y aborda en 1346!! de maniere — *que per ãndar* veut dire *aborder!!*
Le Pére Grégoire Reisch auteur de la Margarita Philosophica de 1509. Examen Crit. T. 4. p. 112.
Cosmographie des Egyptiens — par Thomaz H. Martin. Clades sur le Timée. T. 2. p. 111.
Les Dieppois — p. 177.

Introduction á la geographie par le Sanson — 1681 in 12 — Ils la firent reimprimer en 1690 avec des cartes. Elle n'été reimprimée en 1714 in 4.° et in fol. par Pierre Moulart Sanson.

Martineau — Nouvelle géographie. 1700 — 12 — 3 vol. G. — 530 X.

Magazin Encyclopedique

Tom. 1 — p. 526 —
Note sur la Nouvelle Guinée par Barbier du Bocage —
—— Modéles de signes geographiques — 140.
—— Nouvelle methode pour enseigner la géographie par le même — 483. 2.e Année. Tom. 2.
—— Voyages autour du Monde — redigés par Bercuyer — 138. Tom. 3.
—— Tom. 6, 1.er Année. Géographie. 362 — Carte l'interieur de l'Afrique de Levaillant. 272.

2.de serie

Cosmologie — par Laplace 135.
Tom 1.er
Geographie 83 — 125 — Modernes.

Tom. 2.de.
Geograph. de Mentelle — 135.
Tom. 3.°
Meiners Sur l'Asie = 559. 285.
Brans = Essai d'une geographie systhematique 137.
— 360 — 137 — 109 — sur le Maroc 44.
Tom. 4.
L'Inde — 476.
Tom. 6.
Price — Description — An Historical account of the city of Hereford — in 8.° 1786 avec planches.

3me serie — ou Année

Tom. 3.
Theorie de la Terre par Jeán Claude de la Methrie 420. 433.
Tom. IV — rien.
T. V — d.°
T. 6 — 359 — Ephemerides Azach voyages.

Abou-Obaid = Description de l'Afrique — p. 505 — Tom. XII des Notices et Extraits — parle de Berkarah. Elle est située près d'un fleuve, près de lá il y a une *montagne de Sel* d'ou l'on extrait ce mineral — Cette ville est arrosée par une *grande riviére* qui la traverse et qui deviend du mont *Aurus*.

A p. 615 — il parle d'une ville dans l'interieur où croissaient les arbres qui produisent la gomme que l'on porte en Espagne, où elle est employée á lustrer les etoffes de soie. De lá on arrive à Audagart. (Dans cette ville il dit)

«C'est la poudre d'or que dans ce pays sert de monnaie =

Ailleur il dit = L'or d'Audagart e[s]t le meilleur que l'on puisse trouver. Selon lui les habitans *sont blancs*. (p. 618).

«La ville de Noun, la derniére place des contrées soumises á l'Islamisme, est située sur la limite du Desert; le fleuve qui l'arrose va se décharger dans l'océan (p. 621).

Il ne parle de routes pour ce pays des Négres que par le Désert.
Lautonne fica a 10 dias de jornada do paiz dos Negros.

Mai (Cardinal)

Dans son Spicilegium Romanum T. V (Rome 1841. p. 163) sous le titre des Mss. qu'on trouve dans le Monastére de S.t Nazare en Laurisse (S. Nazaire in Laurissa).

Geographia e Cosmographia

1° = Liber Aethici cosmographo, dans un Mss.

2° Solini Polyhector de situ orbis terrarum et mirabilibus — dans un Mss.

J.[al] *des Savants*, avril 1834, p. 208 — 219. Art.[e] de Mr. de Sacy sur l' du commerce entre le Levant et l'Europe par Depping (Paris, 1830. 2 vol. 8.°).

Voir surtout ce que dit M.[r] de Sacy á la pag., 213.

Les Italiens doivent beaucoup aux Arabes (Libri — Ouvrag. cit. T. 1. p. 209 — Note VI).

L'E'cole Arabo-Alexandrine dépositaire de la science des Grecs á eu beaucoup d'influence sur la restauration des Sciences en occident.

Voy. Bruncaze Hist. des Juifs Tom. XIII p. 272.

En effet c'est pas eux qu'on a connu des œuvres d'Aristote et de Ptolomée, ceux de Théophraste et de Dioscaride. Ils paraissent avoir connue l'ouvrage de Pline (Voy. Libri T. 1. p. 250).

Le *Dogmata philosophorium Indorum* furent traduit en Persan.

Sur les connaissances scientifiques des Arabes on doit consulter l'ouvrage intitulé = *Synopsis Sapientiæ Arabum* publié par Abraham Eichelensis en 1641 où on trouve un exposé des connaissances scientifiques des Arabes.

Nicolas d'Oresme — XIV[e] *siécle*

Addition a p. 116.

Dans l'Epilogue des trois parties de la terre après avoir parlé de l'Europe venant à traiter de l'Afrique l'Auteur dit ce qui suit.

Les regions d'Afrique sont VII c'est a savoir: Libye,....... Zengis, Cartago, Numidie, Getulie, Mauritanie, Ethiopie. En Libye y a trois parties, c'est à savoir: sireneenne, penthoyole, et tyngritam. Les regions d'Afrique s'étendent d'orient en occident. Les Ethiopes Nadabores sont nommés d'un lieu dit Nadabor. En après sont les Garamantes qui sont dits d'un chateau nommé Garama; après est Libye syrenaique d'une cité nommé syrene, et puis est tripolitana nommée à cause de ses trois cités. Après est seu..... dite à cause d'un fleuve nommé Seuth ou de Seuth fils de Cam, lequel Cam fut fils de Noé. En après Tangis qui a Carthage. Après suit Getulie, et après Numidie ainsi nommé par les habitants de Passim. Après Tingitane dite à cause de Tinge, cité metropolitane, et puis mauritanie qui est dite de mauron qui veut dire noir. Syrtes est dit de la mer mediterrane étendue presques à l'occean de athaan dit oblique et divise Zurgis, numidie et mauritanie des deserts d'Afrique qui sont outre.

Observations sur l'Histoire Universelle de Cesar de Cantu. Vol. XIV. Turim, 1844.[a]

A p. 87 not. 1. L'examen critique de l'histoire du Nouveau Continent par Humboldt — se compose de 5 vol. et non pas de 4.

Ibi — la collecion de los viages — de Navarrete se compose de 5 vol. et non pas de 3.

A p. 636 l'A. dit que Ptolémée á été le seule guide dans le Moyen-âge. Je dois observer que la Géographie de Ptolemée n'a commencé á être connue que vers la fin du XIV.e siècle et par conséquence aprés la Moyen-âge — riguereusement parlant.

---

[a] O que vae ler-se foi escripto pelo Visconde de Santarem em consequencia da seguinte carta a elle dirigida por Piersilvestro Leopardi, em 26 de março de 1846:

«Monsieur le Vicomte — Voici la note. L'auteur de l'histoire universelle m'ayant autorisé à faire dans la traduction française toutes les modifications que je jugerais necessaires, vous comprendez facilment la partie de la note que j'ai retranché. Mais je serais enchanté de pouvoir lui donner une toute autre valeur en y a joutant l'appreciation de vos travaux ultérieurs, et j'attends avec empressement que vous veniez à mon aide pour cela.

«Veuillez bien, monsieur le Vicomte, agréer l'hommage de ma haute consideration, et de mes sentiments trés dévoués.— P. Leopardi — 41. Rue Miromesnil 26 mars 1846.»

A nota inclusa é esta:

«Nota del Cantu, nella storia universale, libre XIV. cap. IV. Colombo.

«Per la critica degli autori che trattarono delle scoperte, una delle opere piu importanti sono le *Recherches sur la priorité de la découverte des pays situés sur la côte occidentale d'Afrique au delá du cap Bojador, et sur les progrés de la science géographique, après la navigation des Portugais au XV siècle, par M. le Vicomte de Santarem.* Paris. 1842.

«Esaminando attentamente gli scrittori nostri ed orientali, e principalmente le mappe, l'autore viene a provare che, prima de Colombo, nessun mai s'era ideato che si potesse, traversando l'atlantico, giugnere a terre occidentali; e che parimenti nessuno avea voltado il capo Bogiador prima de Portoghesi; solo dopo il fatto é cosmografi aggiunsero alle carte i paesi nuovi; maior fatto tutti conservarono i nomi idrografici portoghesi. La conclusion è force troppo osuluta a fronte dei documenti certi che noi abbiomo citate e che non possiomo qui discutere: pure preziosissime sono le sue disquisizioni; e l'atlante di carte e mappamundi, la piu parte inediti, fatti dall' XI al XVII secolo, e che offrono i termini di paragone dé passi della scienza, istruisce piu che non possa fare la storia.»

Je vois d'aprés la note que M.r Cantu n'a point compris le *sens précis de mon assertion* relativement á la découverte de Colomb.

Je l'ai fondé non seulement sur des raisonnements scientifiques mais ce qui est bien mieux sur des preuves et des documents authentiques, entre autres sur les cartes du Moyen-âge anterieur[e]s á la grande découverte du célébre Genois.

J'ai déjá publié 22 Mappemudes antérieures á la découverte de Colomb. Ces monuments de la géographie publiés pour la premiére fois prouvent de une maniére mathematique que les cosmographes de l'Europe pendant les 10 siécles de Moyen-âge n'ont pas même supconné l'existence de l'Amérique.

Pour détruire cette demonstration il aurait fallu que l'Auteur presenta d'autres Mappemondes anterieur[e]s á Colomb qui prouveraient le contraire, mais ce qui n'existe pas et l'état de la science avant Colomb montre qu'on ne découvrirá jamais aucun qui vienne infirmer la priorité de la découverte de ce grand homme.

Quelques Auteurs Danois dominés par une pretention nationale on[t] voulu etablir que les Scandinaves ont abordé primerierement en Amerique et sans avoir aprofondi l'histoire de cette science on[t] prit l'Antichetone d'Hypparque, de Mela et d'autres géographes anciens pour l'Amerique découverte par Colomb. C'est lá une erreur telle qui ne veut pas même la peine de le discuter longuement ici.

Si M.r Cantu veut parler des voyages des fréres Zeni (1380), même en supposant que ce voyage aux extremités Nord de l'Amerique, que la terre où ils abordérent fut celle du Nouveau-continent, ce voyage demeura inconnue jusqu'aux temps posterieurs á la véritable découverte. La science n'en profita pas, ni le commerce, et l'existence de l'Amerique n'en demeura pas moins inconnue aux Europeens, ce qui á fait dire trés spirituellement á Voltaire «Lorsque Colomb avait promis un nouvel hé«misphére ne pouvait pas exister, et quand il l'eut decouvert ont pren«tendu qu'il avait été connu depuis longtemps.»

La même chose arriva avec les découvertes des Portugais au delá du cap-Bojador limite où s'arretaient tous les navigateurs du Moyen-âge.

Si en ce qui concernait la priorité de la découverte de Colomb je l'ai démontré d'une forme incontestable; celle des découvertes Portugaises sur les cotes occidentales d'Afrique je l'ai prouvé avec des piéces telles si nombreuses et si incontestables qu'il nest pas permis d'en infirmer une seule. J'ai montré par les textes des Auteurs et des cosmographes de toutes les nations de l'Europe et par les cartes marines et par les Mappemondes du Moyen-âge, qu'on ne connaissait pas en Europe la forme et configuration de l'Afrique, ni son prolongement ni ses côtes au-delá du Cap-Bojador par l'experience des marins de l'Europe avant les découvertes des Portugais en 1434.

Or pour qu'on puisse prouver que cette démonstration historico-mathematique etait trop absolue, il faudrait 1.° prouver par des temoignages des documents authentiques et des cartes anterieures, tout le contraire, savoir que les cosmographes de l'Europe connaissai[en]t par l'experience des voyageurs que la *zone torride* était habité[e] en Afrique. 2.° Il aurait

fallu prouver que des rapports de commerce s'étaient etablé entre ces pays et l'Europe avant les Portugais — 3.° que ces explorations et ces découvertes avaient fait changer la cartographie entiére et la connaissance du globe comme il arriva par les découvertes des Portugais.

Mais, comme on n'est pas eu mesure de prouver cela, la démonstration mathematique que j'ai fait avec les textes et surtout avec les monuments cartographiques demeurera toujours irrefutable et indistructible.

Comme cette étude est enteirément neuve, et que les grands géographes comme d'Anville, Gosselin et Rennel ne l'on pas faite parce que d'une part on ne sortait jamais de la géographie systhematique des univers, et d'autre de leur temps on ne connaissait point les monuments inédits de la geographie du Moyen-âge; il arrive que plusieurs écrivains s'attachent encore aux anciennes idées reçues et ce qui est pire encore quelques uns preoccupés par l'amour propre national ne veuillent pas ceder á l'evidence de la demonstration mathematique qui resulte des preuves les plus irrecusables et les plus claires qu'on leur presente même sous leurs propres yeux.

C'est donc par les préoccupations dont j'ai parlé plus haut, qu'ils prennent des tentatives les unes mal prouvées, l'autres qui ont échouée, d'autres enfin toutafait problematiques pour les découvertes qui profiterant á la science en agrandissant le domaine pour de simples reconnaissances.

C'est d'aprés [a]

---

[a] Assim conclue o ultimo dos quatro quartos, escriptos de ambos os lados, do original; d'onde se vê que este não ficou concluido.

Tenho presente a edição de Piersilvestro Leopardi, Bruxellas 1845 — 1849. N'esta, o cap. IV do Livro XIV a que a carta deste traductor-editor se refere, encontra-se a pags. 36-52, vol. 7.° A nota em questão, porém, não vem referida ao cap. IV, mas sim ao ultimo trecho do cap. III («La boussole — Découvertes des Portugais»), sendo para advertir que ella vem aqui traduzida litteralmente do italiano, sem a mais leve modificação por parte de Leopardi, e não obstante as «Observations» do Visconde de Santarem acima trasladados do original até agora inedito. O citado vol. 14 é de 1848.

Causes que inspiraient de la terreur
au[x] Marins du Moyen-âge
d'aller aux parages du Cap-Bojador

Des terreurs bien fondés des marins du Moyen-age sur les abords du cap Noun et du Bojador

1819 — M.r Colbert dans son recit de *Naufrage du Brick Français la Sophie* dit dans son Introduction p. IX — parlant des rivages du Sahara — et du sud de l'oued-Noun

«lá oú de nos jours les tombeaux chrétiens attestent encore que la «plupart des pays de l'Europe ont fourni leur triste contingent á ce grand «désert de l'Afrique».

1784 — Follie fit naufrage dans les côtes du Sahará poussé par les terribles courants (Voyez sa relation).

— Dans le même année les capitaines Hudibert de Marseille, e[t] Depuis de Nantes.

1785 — Brisson fit naufrage fut jetté par le courant sur cette côte.

1789 — Un autre au cap Blanc. Il raconte (Vide Relat. de Robert Adms. p. 16 Préface du Traducteur où il dit «ses armateurs avaient voulu, contre son gré, qu'il passa cette fois, entre *les îles Canaries et la cote d'Afrique*, quoique de tous temps ce passage, ait été regardé *comme dangereux*.

Non seulement les grands dangers que les voyageurs modernes signalent, mais encore des nouages epais marquent ces côtes horribles au voyageur. C'est peut-être á cause de cette obscurité qu'elles présentaient á l'imagination toujours poëtique des Arabes qu'ils ont appellé cette mer = la *Mer Tenebreuse* tradition qui exerçat une grande influence sur l'imagination des voyageurs du Moyen-age.

Et en effet = d'autre part = Kurtzmann dans un mémoire couronné par la faculté de Philosophie de Gottingue (Comment. de Africa geograph. Nubiens. 1791 p. 8) explique le nom = de *Mer Tenebreuse* par la tradition d'un nouage vu à l'ouest de Porto Santo, réposant sur la surface de la mer. Mais le même phénoméne que les navigateurs devaient remarquer à l'est sur la côte d'Afrique dans ces parages, aurait dû influencer beaucoup sur cette dénomination.

XVI.e siècle

Dans les Instructions passées en 1509? sous le Roi Emmanuel (Annaes Maritimos de Lisbonne 1845. N.° 7 p. 281) il est dit sur le danger de ces parages —

«se antes de terdes atravessado as Canarias vos ventar algum ven«daval asy Rogo que non possais pairar e convenha tornar a esta costa, «o que N. S.r non queira fareis vos e toda a frota quanto for possivel «por tomardes (tornardes) a esta cidade.

Cote occidentale d'Afrique entre le Noun et le Bojador

Il n'y á pas un seul géographe, un seul voyageur qui parle de cette côte qui ne dise qu'elle est dangereuse.

Mentelle dans sa Geographie classique (1813) dit p. 104

«La partie occidentale de l'Afrique Septentrionale n'offre rien d'intéressant depuis le royaume de Maroc jusqu'au Sénégal, *au contraire cette côte est dangereuse* et les Mousselines, les Mongearts &. qui s'y tiennent de préférence, sont assez féroces pour contribuer aux naufrages des batiments qui approchent la côte.

A cause de ces dangers cette côte est si peu fréquentée des modernes que dans le voyage fait par ordre du Roi en 1771 et 1772 par Borda et Pringré — Paris 1778 2 vol. in 8.° avec Cartes apeine il y est dit sur cette partie de la cote jusqu'au Bojador

«De S.t Croix jusqu'au Cap Bojador la *côte est trés peu connue et peu frequentée*. Et en effet du Bojador ne dit rien et saute tout de suite au Cap-Blanc.

Purdy = Memoirs &. London 1835 p. 235 dit en parlant de cette côte depuis de Cap-Noum au Bojador ce qui suit

«All along this dangerous and deceitful coast (trompeuse côte) en consequence des courants et des Rochers — et il rapporte un grand nombre de naufrages qui eussent lieu dans ces horribles parages.=

Ce qui inspirait des terreurs aux navigateurs du Moyen-age prés du cap Noun et Bojador

Dans la belle carte de l'Ocean Atlantique par Purdy gravée en 1843 on trouve au sud du Cap-Noun la note suivante

«Beware of approching too near the coast herebout lest de current «set you agraund on the flat (ou flot 2) and your fall eusleved in to the «hands of the Arabs. The atmosphére hence to cape Bojador is generaly «hasy (nebuleuse)

Mer tenebreux!

Dans la carte des courants oceaniques du Major Rennell on voit = *Porto Cansado* en face de Forteventure entre le cap Noun et le Boja-

dor. Dans l'ouvrage du savant Anglais intitulé = *An investigation of the currents of the Atlantic*, London 1832 p. 289 parlant des courants depuis le cap S.t Vincent vers le cap Cantin = il dit

«It is this circunstances Wich renders the currents in shore to fatal.

A p. 292 il parle «the effect of above drift, towards the shore, have «produce numberlesse Shipwrecks. Perhaps no other current in the «ocean has ever producet so much misery to navigators and occasional «passangers. It is the operation of these currents that has placed from «time to time a number of Schiwrecked captives, of all nations in the «ands of the barbarous tribes on the Western edge of the great Africans «desert, and Who Sell the surcrivors to the scarcely less barbarous peo-«ple of Marocco.

Cap-Noun et Bojador
Causes des terreurs des marins du Moyen-Age

Gosselin (T. 2 de ses Recherches sur la géographie systematique des anciens — p. 28 dit ce qui suit

«Nous apprenons du Consul de France à Mogador, que vers l'em-«bouchure de la riviére de Nul, il existe un banc de sable qui avance á «plus de 2 lieues dans la mer. Il empêche les plus petits navires de pas-«ser lorsqu'on s'obtine á suivre la côte, et il occasionne de frequents «naufrages. C'est donc une nouvelle preuve à ajouter à toutes celles que «nous avons réunies pour démontrer que ces lieux ont été le terme des «découvertes des arabiens».

Donde assi na tomada de Cepta como as outras vezes que la passou, sempre inqueria dos mouros as cousas de dentro do sertam da terra principalmente das partes remotas aos reynos de Fez e Marrocos. A qual diligencia lhe respondeo com o premio que elle desejava porque veo a saber por elles nam somente das terras dos Alarves que são vezinhos aos Desertos d'Africa a que elles chamam Çahará, mas ainda das que habitam os povos Asenegues que confinam com os negros de Jalof; onde se começa a regiam de Guiné a que os mesmos mouros chamam Guinauha, dos quaes recebemos este nome. Pois tendo o Infante informaçam aprovada por muitos que concorriam em hũa mesma cousa, começou a poer em execuçam esta obra que muito desejava: mandando cada anno dous e tres navios que lhe fossem descobrindo a costa alem do cabo de Nam que é adiante do cabo de Guillo obra de dose legoas. *O qual cabo de Nom era o termo da terra descoberta que os navegantes de Espanha tinham posto á navegação d'aquellas partes* (1). E dado que por causa das diligencias e modos que nisto teve, ante que armasse os primeiros navios elle estava bem informado das cousas de toda a costa da terra que os mouros habitavam por meyo delles ....

(1) Não é exacto, pois os factos anteriores, e as cartas mostrão o contrario. A carta catalana o prova já. — em 1375.

Mas os navios que daquella vez forão e vieram nam descobriram mais que ate o cabo Bojador, que será avante do cabo de Nam obra de sesenta legoas, e aly paravam todos; sem algũu ousar de cometter a passagem delle. Porque como este cabo começa de incurvar a terra de muy longe e ao respeito da costa que atras tinham descoberto, cança e boja para pera aloeste perto de quorenta legoas (donde deste muito bojar lhe chamam Bojador) era pera elles cousa muy nova apartar-se do rumo que levavam, e seguir outro pera aloeste de tantas legoas. Principalmente porque no rosto do cabo achavã hũa restringa que lançava pera o mesmo rumo daloeste obra de seis legoas; onde por rezam das aguas que aly correm naquelle espaço o baixo as move de maneira que parecem saltar e ferver; a vista das quaes era a todos tam temerosa que nam ousavam de as cometer, e mais quando viã o baixo. O qual temor cegava a todos, pera nõ entenderem que afastando se do cabo o espaço das seis legoas que occupava o baixo, podiam passar alem; por que como eram costumados ás navegações que entam faziam de levante a poente levando sempre a costa ha náo por rumo d'agulha; nam sabiam cortar tam largo que salvassem o espaço da restringa, somente ate a vista do ferver destas aguas abaixo que achavam concebiam que o mar daly por diante era todo aparelhado e que nam se podia navegar, e que esta fora a causa por que os povoadores desta parte da Europa, nam sestenderam a navegar contra aquellas regiões. Alguns que entendiam acerca das cousas naturaes, queriam dar causa por que o mar daquellas terras quentes nam era tam profundo como o das terras frias, dizendo que o sol queimava tanto as terras que jaziam debaixo do seu curso, que com justa causa estava assustado por todolos philosophos serem terras onde senam podia habitar por rezam do ardor dalli, e que este ardor era o que consumia as agoas doces, que geralmente se produzem do coração da terra e as salgadas eram das que o mar frio esprayava naquellas prayas e quentes, de maneira que a navegaçam das taes regiões eram mays prayas cubertas de baixos, que mar navegauel.

A fol. 5 verso. [a]

Fallando dos dous capitaes que o Infante mandou a descobrimento alem do cabo de Bojador, diz o seguinte. Porque ante que chegassem á costa d'Africa saltam com elles tamanho temporal com força de ventos contrarios a sua viagem que perderam a esperança das vidas; por o navio ser tam pequeno e o mar tam grosso que os comia, correndo a arvore secca a vontade delle. E como os marinheiros naquelle tempo nam eram costumados a seengolfar tanto no peguo do mar e toda sua navegação era per singraduras sempre a vista de terra, e segundo lhes parecia eram muy afastados da costa deste reyno, andavam todos tam torvados e fora de seu juizo pelo temor lhe ter tomado parte delle que nam sabiam julgar em que paragem eram, mas aprouve a piedade de Deus que o tempo cessou, e posto que os ventos lhe fizeram perder a viagem

[a] «Asia», de João de Barros, Dec. I, Liv. 1.º, cap. 2.º, fol. 5 v.–6, ed. de 1542.— O original deste extracto e o que se segue não é do punho do Visconde de Santarem.

que levavam segundo o regimento do Infante, não os desviou de sua boa fortuna, descobrindo a ilha a que agora chamamos de Porto Santo, o qual nome lhe elles então poseram porque os segurou do perigo que nos dias da fortuna passaram. E bem lhe pareceo que terra em parte nam esperada, nom somente lha deparava Deus por sua salvaçam, mas ainda por bem e proveito destes reynos, vendo a disposiçam e sitio della e mais nam ser povoada de tam fera gente como naquelle tere modem as ilhas Canarias de que já tinham noticia.

Sobre os terrores que o Cabo Noun inspiravão aos navegantes da Idade Media = o Tenente Arlett da Marinha Britanica na sua exploração hydrographica de 1834 áquellas paragens (Tom. 7 do Bulletin da Soci[é]té de Geograph. p. 41. diz

«fallando deste Cabo — «J'ai décrit particuliérement l'étendue et la «nature du banc des sondes dans cette partie, afin de rectifier l'opinion «admise jusqu'ici, que la côte était plate. A une grande distance au nord «et au sud du cap, aussi bien qu'au large, l'eau est trés colorée; elle á «une teinte rouge et est si épaisse que la trace d'un navire est visible pen- «dant longtemps. *Cette particularité de la couleur de l'eau doit avoir «alarmé les navigateurs en leur faisant craindre des ecueils*, aura pû «donner lieu á l'opinion relative á la platitude de la côte.

En continuant la côte au delá du cap Noun et parlant de *Porto Cançado* des cartes Portugaises (Ibi p. 44-45) par le 28 de Lat.

«Il est impossible d'imaginer rien qui ait une apparence plus sinistre «que la côte de ces environs. Pendant plusieurs milles on n'apperçoit «pas un seul point noir qui rompe l'aspect monotone du Sable, dont les «particules les plus fines, se mélant avec les vapeurs produites par les «brilants, empeche de distinguer la côte.

«Depuis le cap Noun jusqu'au cap Juby, la cote s'enfonce beaucoup; «le port *Cansado* est situé au sud de cette combure. Au cap Juby, la «côte tourne tout-á-coup vers l'ouest, et le courant, que jusque lá avait «suivi sa direction, vient la frapper obliquement avant de prendre une «nouvelle direction. *Aussi je considére cette partie comme l'endroit* le «plus dangereux qu'il y ait depuis le cap Spartes jusqu'au cap Bojador, «et c'est ce que prouvent les nombreux naufrages dont on á connaissance.

«La houle vient con[s]tamment du N—O et parconsequent bat dire- «ctement en côte. Je pense qu'il serait presque impossible à un navire «marchand qui le trouverait dans cet enfoncement de s'élever aularge.

NB. Je dois d'ajouter ici ce qui dit Mr de Humboldt T. 1.º p. 275 et suiv.

NB. Il faut copier le reste.

Note sur un article du Journal des Débats du 3 Juin 1847.

Dans le Journal des Débats de ce jour nous lisons ce qui suit relativement á l'intervention de l'Escadre Anglaise en Portugal :

«Le malheur veut que le Portugal depuis si longtemps l'allié de l'An«gleterre n'est pas d'autre force navale que les quelques bateaux á va«peur capturés par les insurgés et que le gouvernement portugais avait «achetés ou loués tout recemment.

Ces deux assertions ne sont pas exactes.

D'abord c'est contre la verité des faits constatés par l'histoire d'indiquer que le Portugal n'a pas de marine étant depuis si long-temps l'allié de l'Angleterre.

Cette alliance qui remonte au XII.ᵉ siècle n'a pas empéché le Portugal de posseder la plus forte marine de guerre de l'Europe sous les regnes des rois Jean I.ᵉʳ Emmanuel et Jean III, marine que depassa souvent le chifre de 700 batiments de guerre. La flotte que Jean I.ᵉʳ condiuá Ceuta en 1415 se composa de 33 vaisseaux de premier rang de 59 galéres et de 110 autres vaisseaux. En tout 202 navirs. Et le Monarque avait épousé une Princésse Anglaise.

La seule flotte commandée par D. Garcia de Noronha en 1538 dans l'Inde, se composait de 170 voiles dont 12 étaient des vaisseaux de ligne ayant à leur bord 5:000 soldats outre les marins.

La même alliance avec l'Angleterre n'empecha pas le Portugal de mettre á la disposition de la France en Setembre 1641 une flotte de 17 vaisseaux pour coopérer auec les forces navales de cette Puissance, et cela aprés que l'Espagne avait fait perdre au Portugal la plus grande partie de ses forces navales, interieurement dans la catastrophe de la fameuse flotte = *L'invencible* de Philippe II qui fut anéantie par la tempête et par l'Amiral Drake.

En 1766 sous le Roi Joseph la flotte Portugaise malgré l'alliance dont il s'agit, se composait de 12 vaisseaux de ligne forts de 58 á 80 canons 14 Frégates de 24 á 48 et d'un nombre considerable de batiments légers.

En 1807 lors du départ du roi Jean VI pour le Brésil la Marine Portugaise se composait encore de 12 vaisseaux de ligne et 18 Frégates et d'un grand nombre de batiments de moindre grandeur.

En 1821 aprés la séparation du Brésil le Portugal possédait 28 batiments de guerre montant 992 canous.

En voit donc d'aprés ces faits que l'alliance en question n'exerça influence sur l'état de la marine Portugaise. Les alterations que la marine éprouva depuis la catastrophe du roi Sebastien et de la perte de l'indépendance nationale vers la fin du XVI.ᵉ siécle eurent d'autres causes qui serait trés long de détailler dans cette note.

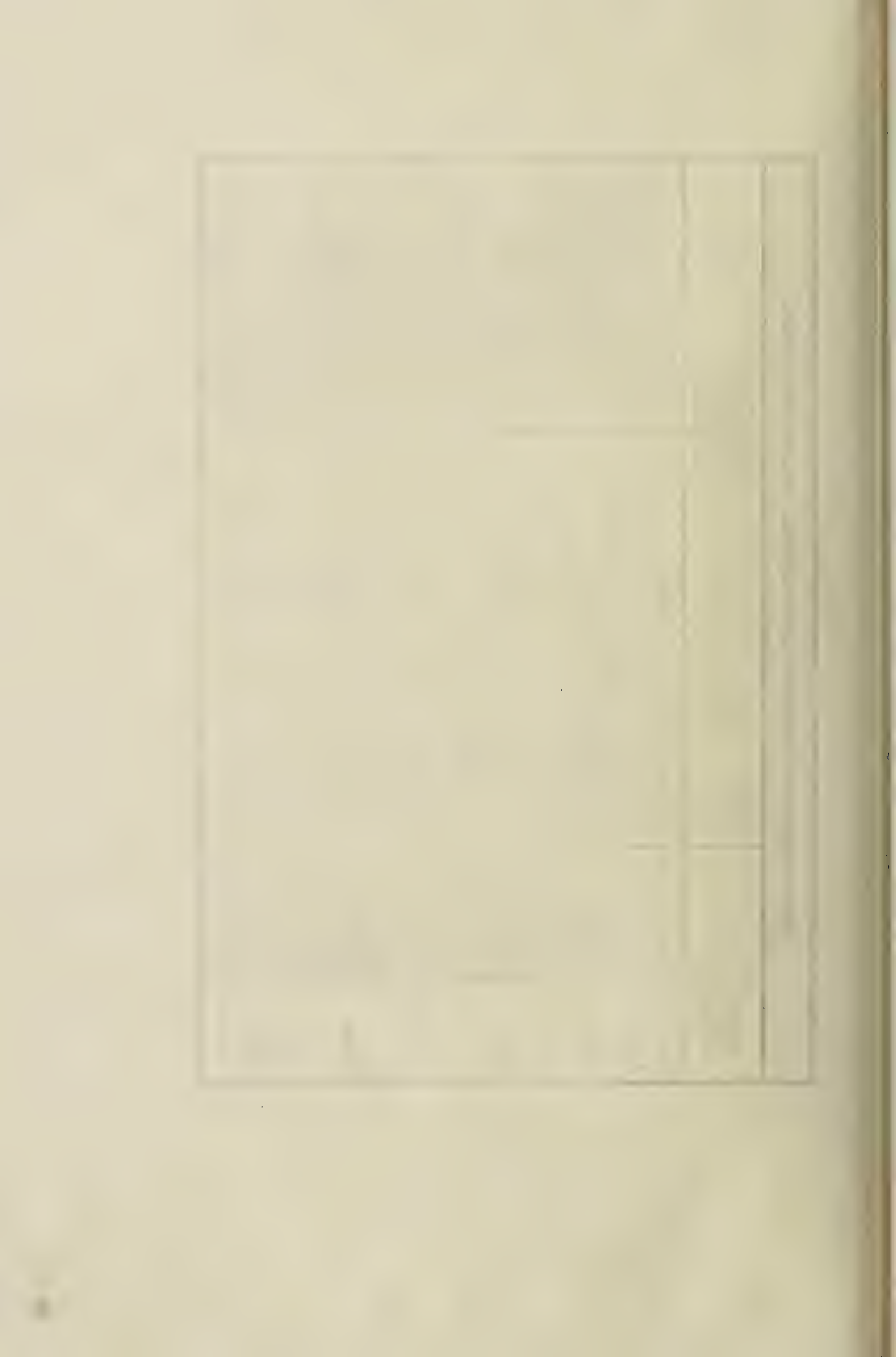
Quant á l'epoque actuélle il y á erreur aussi dans l'assertion ennoncée dans l'article des Débats.

La marine royale actuélle ne se compose pas seulement *de quelques bateaux à vapeur capturés par les insurgés.*

La relation officielle ci jointe publiée dans les Annales maritimes de Lisbonne montre que le 31 Mars de l'année derniére il y avait 24 navires de guerre en commission montant 341 canons outres ceux qui n'étaient pas armés ou qui étaient en construction.

NAVIOS DO ESTADO EM ARMAMENTO E SEUS DESTINOS, EM 31 DE MARÇO DE 1846

Qualidade das Embarcações	Nomes	N.º de peças ou caronadas	Graduações e nomes dos comandantes	Officiaes de Marinha embarc.os	Guardas-Marinhas e Aspirantes, *idem*	Destinos
Náo	Vasco da Gama	80	Capitão Tenente, J. S. Ramos	8	1	No Téjo.
Fragatas	Duq.ª de Brag.ª	50	Capitão de Fragata, M. T. da S. Cordeiro.	7	1	No Téjo, no Registo do Porto.
Corvetas	Iris	24	Capitão de Fragata, J. J. F. de Andrade	6	3	No Brasil e Montevideu.
	D. João I	24	Capitão de Fragata, F. S. Franco	6	6	No Brasil e Montevideu.
	Urania	24	Capitão Tenente, F. A. e Silva	5	4	Na Estação d'Angola.
	Relampago	12	Capitão Tenente, J. M. da Silva Redovalho	6	4	Na Estação d'Angola.
Brigues	Téjo	20	Capitão Tenente, D. F. do Valle	5	3	Na Estação de Moçambique.
	Douro	20	Capitão Tenente, P. A. Caminha	4	2	Em Cabo Verde.
	Mondego	20	Capitão Tenente, F. A. G. Cardozo	5	5	Na Estação d'Angola.
	Serra do Pilar	20	Primeiro Tenente, J. J. C. Kol	3	»	No Téjo.
	Villa Flor	16	Primeiro Tenente, P. V. da C. L. e Pinho.	4	5	Na Estação de Moçambique.
	S. Boa Ventura.	»	Primeiro Tenente, F. A. Tavares	3	»	Correio de Cabo Verde.
Brigue-Esc.	Tamega	13	Capitão Tenente, J. M. Esteves	4	»	Na Estação d'Angola.
	Faro	»	Segundo Tenente, A. R. R. Sete	2	»	Em Cabo Verde.
Escunas	Meteóro	2	Primeiro Tenente, C. A. M. d'Almeida	3	»	Correio d'Angola.
	Ninfa	1	Primeiro Tenente, R. T. da C. e Silva	2	2	Na Estação d'Angola.
	Esperança	2	Segundo Tenente, J. A. de Sousa	1	2	Na Estação d'Angola.
	Boa Vista	1	Segundo Tenente, L. Domingues	1	»	Na Estação d'Angola.
	Constituição	2	Segundo Tenente, V. F. Barruncho	3	»	Na Estação d'Angola.
	Cabo Verde	2	Segundo Tenente, V. R. Ganhado	3	»	Correio de Cabo Verde.
Cuter	Andorinha	4	Segundo Tenente, J. B. Andrade	1	»	No Téjo.
Vapor	Terceira	4	Segundo Tenente, J. S. Tavares	1	»	No Téjo.
Charruas	Princeza Real	24	Capitão Tenente, V. J. da S. Redovalho	9	10	Transporte em Angola.
	Principe Real	»	....	»	»	Na Estação d'Angola.



Sur l'Atlas de M.r Lelewell.

GEOGRAPHIE DU MOYEN-AGE ÉTUDIÉE PAR JOACHIM LELEWELL.

Atlas composé de 35 Planches gravées par l'aucteur contenant 99 figures et cartes géographiques générales ou spéciales de 62 géographes Arabes et Latins de différentes époques y compris *les cartes comparatives doubles ou tribles, accompagnées de 11 cartes explicatives. — Bruxelles 1849 chez V.e Pilliet Successeur de Voglet — Rue de la Montagne n.° 29.*

Tel est le titre de la publication qui vient de faire paraître le savant Polonais.

Jusqu'á present nous ne pouvons que juger l'Atlas. Le texte qui doit former deux volumes in 8.° n'a pas encore paru.

Nous dirons d'abord qu'il nous semble que les Cartes des Latins devaient être classées séparement de celles des orientaux — et que celles-ci en formant une collection ou série separée et distincte servirait mieux á l'étude de la géographie et de la cartographie comparée. Cette methode faciliterait la connaissance de l'époque en laquelle la géographie des Arabes á commencé á exercer de l'influence sur les cosmographes et les cartographes de l'Europe Latine.

Au surplus la Mappemonde *de Cosmas* représentant les connaissances du VI.e siécle, elle devait préceder une carte figurative faite par un auteur moderne qu'il appelle *Tabula Alummiana.*

La seconde carte est aussi construite par M.r Lelewell, savoir de la geographie d'*Abul Hassan.*

La 3.eme Planche renferme quelques cartes du Mss. d'*Istakhri* déjá données en *fac simile* par Moeller, et par Mordman, et qui si trouvent ici non seulement reduites á une si petite échelle qu'on éprouve la plus grande peine á les reconnaître, ensuite sont données en noir tandis qu'elles sont enluminées dans les admirables fac-simile donné[s] par *Moeller.*

La 4.eme Planche — est construite par M.r Lelewell pour figurer la géographie d'*Abu Rihan* (le même qu'Albeyrouny).

La 5.eme Planche renferme alors dans cet Atlas les 1.res cartes dressées par les Européens au Moyen-âge — savoir — 1.° celle de la Cotto-

nienne ([1]) ensuite celle d'Strasbourg — donnée par *Mone* en 1836 dans le *Arabiger die Kende &.* ([2]). La 3.^{eme}celle de Saint Omer toutes les deux du IXe siécle donnée egalement par le même auteur Alleman ([3]).

Il donne en suite dans la Planche VI — Trois Cartes (dit la liste) *extraites du Mss. de 1119 de la Bibliothéque de Bourgogne à Bruxelles et la Petite Image du Monde.*

Nous devons faire observer que l'auteur devrait dire — 1.° que celle qui représente l'Europe et qu'il place en premiére ligne avait été donnée en 1843 dans le Bulletin de l'Academie des Sciences de Bruxelles p. 471. — Que la Mappemonde du Mss. de *Guidonis* du XIIe siècle avait été gravée dans le grand catalogue des Mss. de la Bibliothéque de Bourgogne. Tom. 2 en noir ([4]).

La carte du Liber *Floridus* de Lembertus qui ne renferme que l'Europe — á été donné[e] á 1/4 de l'éc'elle par Mone en 1836, et par Mr de Saint Genois en 1844 dans le Messager des Sciences de Belgique.

Enfin les deux autres représentations ou Mappemondes d'Honoré d'*Autun* du XIIe siécle (et qu'il appelle *P[et]ites images du Monde*, sont evidement tirées de l'Atlas de Mr de Santarem qui les á données pour la première fois en *fac-simile* et tirées du Mss. d'Honoré d'Autun de la Bibliothéque Nationale de Paris.

La Planche VII — Dans celle-ci l'editeur publie 1.e la Mapemonde qui se trouve dans un Mss. de Leipzig, et qui fut donnée par Mr Naumann et par Mr de Santarem ([5]) ensuite. La Mappemonde de Turin du XIIe siécle donné il y á un siécle par Parini, et en *Fac-simile* por Mr de Santarem ([6]). En suite viennent les petites Mappemondes tirées des Mss. de l'*Image du Monde* attribué à Gauthier de Metz et que Mr de Santarem ávait egalement publié dans son Atlas en 1843 et celle de *Ceco d'Ascoli* qu'il avait egalement donnée á la même époque ([7])

Vient en suite Planche VIII — La Mappemonde d'*Edrisi* dit la Liste tirée des Mss. Arabes de Paris et d'Oxford. Nous ferons observer que cette Mappemonde qui se trouve ici, comme toutes les autres cartes, *trés reduite* fut publiée il y á long temps par le Dr Vincent, par Lowenberg, par Mr Reinaud et par d'autres savants d'aprés les Mss. indiqués por Mr Lelewell.

Dans la même Planche on remarque une carte dréssée par Mr Lelewell figurant la *triangulation des distances de la France et de l'Allemagne de la description d'Edrisi.*

Nous nous permetrons de dire qu'une telle carte peut servir certainement pour éclairir quelques points topographiques et géographiques de la géographie d'Edrisi dans la partie de l'Europe indiquée — mais une telle carte construite par un auteur de nos jours ne peut pas être consi-

---

([1]) Donné dans notre Atlas en 1842.
([2]) Cette mappemonde se trouve reproduite dans l'Atlas du Viconte de Santarem.
([3]) Ce monument se trouve gravée dans le même Atlas —
([4]) Mr de Santarem á donné dans son Atlas le fac-simile colorié.
([5]) Voyez l'Atlas de Mr. de Santarem 1842.
([6]) Ibi —

derée comme un monument, ou une carte géographique du Moyen âge, où du XII.e siécle et nous pensons que méme comme carte explicative, elle devait comme d'autres former une section séparée des cartes du Moyen-âge proprement telles, ou des monuments de cette periode historique.

Au surplus — pourquoi donne-t-on la triangulation seulement des distances de la France et de l'Allmagne, et non pas celles de toutes les autres parties du Monde alors connu?

Les Planches IX et X renferment les deux les six séctions du VIe et VII.e climats d'Edrisi — les 10 cartes qui s'y trouvent sont extraites de l'Atlas Manuscrit de la Bibl. de Paris contenant les regions entre la mer d'Allemagne et la mer Noire =

Nous éprouvons le même regret que l'éditeur ne nous ait pas donné les 70 cartes des differents pays renfermées dans le Mss. Arabe de Paris.

La Plancle XI.e renferme une carte *moderne* dressée par l'auteur — et qu'il appele explicative — pour figurer la positîon et les limites des royaumes et les villes de l'*Europe* de l'année 1144 —

Nous ferons au sujet de cette carte la même remarque que nous nous avons fait plus haut, savoir, qu'elle ne devait pas être confondue avec les monuments du Moyen-âge — dont méme elle ne peut que jetter une lumiére partielle sur une portion trés bornée de la terre.

Les cartes 12 et 13 sont également dessinées par l'Auteur et entrent dans la classe des explicatives —

La 14.eme sont trois cartes dréssées également par l'auteur sur les recits de Bejamin de Tudelle. Nous pensons qu'une carte du voyageur lui méme, où tirée de Mss. anciens des voyages de cet auteur serait plutôt une carte qui nous revelerait les connaissances géographiques des voyageurs, que celle donnée d'aprés la science moderne de M.r Lelewell —

Dans la Plancle XV l'illustre savant nous donne une autre carte *dréssée par lui* d'aprés les textes de l'Astronome Arabe *Nassir Eddin.*

Dans la Planche XVI. Il nous donne encore une autre carte *d'un Persan* anonyme du XIII.e siécle *reconstruite.*

Dans la Planche XVII. — Il nous donne une carte des connaissances d'Ibn-Said — dressée aussi par lui en 1846.

Dans la XVIII. C'est encore une carte *comparative* triple dréssée par lui des connaissances d'Abul-Hassam qui vivait en 1230.

Dans la XIX.e renferme encore une carte général d'Aboulfeda dréssée par M.r Lelewel d'aprés le recit de ce géographe Arabe. —

Aprés toutes ces cartes dressées d'aprés les textes des auteurs Arabes du Moyen-âge = M.r Lelewel republie dans la Planche XX de son Atlas trois des Mappemondes données pour la premiére fois par M.r de Santarem dans son Atlas en 1842 — savoir = la Mappemonde du Mss. des Chroniques de S.t Denis conservée á la Bibliothéque de Sainte Généviéne, celle de la Bibliothéque Imperiale de Vienne, et celle que M.r de Santarem á également tirée d'un Mss. de Guillaume de Tripoli de la Bibliothéque N. de Paris.

Dans la Liste de M.r Lelewel il n'est pas dit, comme celá se dévait d'oú ces monuments sont tirés où d'ou ils proviennent. Il á cependant mis

au bas de la planche qu'ils furent gravées en Aout 1846 — C'est á dire 4 annés aprés que M.r de Santarem les avait publiés.

Ces trois cartes s'y trouvent comme toutes les autres de cette spéce reduites.

Et comme l'apetit vient en mangeant, il donne aussi dans la Planche XXI la Mappemonde de Sanuto de 1320 qu'on trouve renfermée dans le *Chronicon* ad ann. 1320 de la Biblioth. de Paris et que M.r de Santarem avait aussi donnée pour la 1.re fois en 1843.

Cette carte s'y trouve également reduite. Elle fut gravée par M.r Lelewel en 1846.

Dans la Planche XXII. Il republie encore une autre Mappemonde donnée par M.r de Santarem en 1842 — savoir = La Mappemonde de Pierre d'Ailly de 1410 — et deux cartes de la Mer de Syrie et de la Palestine tirées d'un Mss. de la Bibliothéque de Bourgogne (c'est du Sanuto).

Il y á reproduit aussi la petite Mappemonde d'un Mss. de la Bibliothéque d'Arras donnée en 1836 par Mone. M.r de Santarem l'á reproduite aussi — Elle est tirée d'un Mss. de Pricien du XIV.e siécle — Cette reproduction de M.r Lelewel est plus parfaite que celle donnée par *Mone*.

Il publie ensuite dans les Planches XXIII et XXIV la carte catalane déjá publiée par Buchon et Tastu, mais il en donne une réduction telle qu'il est présque impossible de lire les noms sans une loupe. Il y ajoute une carte comparative de la mer Mediterranée de la carte catalane, graduée et appliquée aux positions de la carte moderne.

Nous regretons que ce travail comparatif de ce savant se soit borné á la partie la plus connue de la Terre au Moyen-âge, et qu'il ne soit pas occupé d'en dresser une carte comparative sourtout de l'Afrique et de l'Asie de la carte catalane.

Dans la Planche XXV. Il nous donne une reproduction d'une des nombreuses Mappemondes qu'on trouve dans les Mss. Arabes d'Ibn-Wardy. Il la donne aussi reduite. Cette Mappemonde avait déjá été donnée par M.r Hommaire de Hell dans son Atlas qui accompagne l'ouvrage de ce voyageur sur les Stepes de la Russie meridionale et de la Caspienne.

Dans la même Planche il donne la carte de la Mer Noire de *Fedruci* d'Ancone, conservée á Wolffenbuttel de 1497. Cette carte y est reproduite dans une trés petite échelle. Elle avait été publiée par le comte Potocki á la suite de son Périple de la Mer Noir dans l'année 1796 — et republiée par Klapproth en 1829 á la suite des ouvrages de ce savant Polonais.

Dans la Planche XXVI.e M.r Lelewell reproduit 1.° la Mappemonde de Reims que M.r de Santarem á le premier donnée dans son Atlas en 1842 — Il a reproduit ce moment 6 années aprés —

Dans la même Planche on remarque la Mappemonde de Fra-Mauro de 1459 reproduite d'aprés celle donnée par Zurla en 1818 — mais plus reduite encore.

Or nous demanderons qu'elle idée peut on faire d'un monument qui á 6 pieds et 7 lignes de largueur et 5 pieds et 1/2 d'hauteur et dont les légendes remplissent un volume in folio, reduit á une demi feueille de papier de deux á trois pouces?

C'est la premiére fois qu'il cite celui qui l'a precedé.
Ici il cite Zurla!
Il ajoute une carte comparative de la Mediterranée.
Nous ferons ici la même observation que nous avons fait plus haut, savoir que se travail serait plus util s'il avait été fait pour les autres parties de la terre.
Dans la même planche il á donné une toute petite carte qu'il á construit — et qu'il nomme *carte double de la Mediterranée de la carte de Fra-Mauro graduée et appliquée aux positions modernes*
Pourquoi ne pas donner les cartes graduées et comparatives des positions générales de Fra-Mauro appliquées aux positions modernes?
Dans la Planche XXVII. Il republie la carte des voyageurs *Zeni* donné[e] par Zurla en 1808. C'est la copie reduite de celle donnée par le savant cardinal.
Plusieurs savants considérent les voyages des fréres *Zeni* comme fabuleuses. Quoique il en soit, toujours est il que la carte donnée par Zurla fut dréssé á lu fin du XVI.ᵉ siècle, et n'appartient pas au Moyen-âge.
M.ʳ Lelewel á bien fait de la mettre en egard d'une carte èditée comme complément de la géographie de Ptolémée en 1482, 1486–1511 extraite d'un Manuscrit de 1481 de la Bibliothéque de Bruxelles. Cette carte représente la *Danie* (le Danemarck, la Noruége, la *Gothie* (la Mede). Dette carte extraite d'un ms. de 1481 — Est elle une réduction de l'original, ou bien une réduction de celles données dans les années posterieures?
La Planche XXVIII contient 7 differents tableaux dont trois tirés des cartes anciennes, et 5 cartes explicatives dréosées par l'auteur. Savoir un petit fragment de Sanuto de la Bibliothéque de Bruxelles — Un autre fragment seulement des regions septentrionales de l'Europe tiré de Ruscelli de 1561 — la *Islandia* de Ortelius de 1570 — et ensuite viennent les cartes explicatives dont il est question plus haut.
Comme un le voit la plus part de ces cartes sont donc relatives á une position bien minime du Monde.
M.ʳ Lelewell y á ajouté une carte curieuse de la Terre Sancte dréssée au XII.ᵉ siècle tirée d'un Mss. de la Bibliothéque de Bruxelles. Nous attendons que le texte du savant auteur vienne nous expliquer pourquoi un plan figuré de la terre sainte en Asie, se trouve ensemble avec les cartes explicatives de la géographie de la Suede et d'autres contrées du Nord de l'Europe.
Dans la Planche NXIX — Il nous donne encore une carte partiale, savoir une carte contenant l'Europe et l'Asie tirée d'un Ptolémée publié en 1508 et en 1511.
Dans la Planche XXX il donne une carte comparative double de la forme de l'Italie des contours de la France d'aprés Nicolas Donis, et une de la Sicile selon dit-il les navigateurs et les cosmographes du XIV et XV.ᵉ siècle.
Il ajoute á celles-ci une carte de la *Palestine*.
Nous attendons aussi le texte pour savoir pourquoi se trouve ici de nouveau une carte de la Palestine, comme il á placé une de Jerusalem avec la Suéde.

Dans la Planche XXXI il nous donne encore la Méditerranée. Cette carte il l'intitule — «*Carte comparative* double des contours de la Mediterranée des cosmographes du Moyen-âge, tracés sur les contours de *Ptolémée.*

Cette carte est entierement composée d'aprés les idées que l'auteur se formait de ces contours au Moyen âge, en les puisant toutefois dans le Ptolémée dans les Auteurs du Moyen-âge —

Nous attendons le texte pour nous expliquer les motifs qui á eu l'auteur pour placer dans cette planche consacré[e] á des cartes de la Mediterranée, le globe de Martin de Behain de 1492? Il en donne une reduction de ce globe tirée du dessin trés imparfait publiée en 1736 par Doppelmayer.

Planche XXII. Dans celle ci il donne une carte marine Portugaise du Monde — Il lui donne le titre que voici — Mappemonde marine Portugaise de 1501-1504, *sa publication preparée en 1508 fut éditée en 1513.*

Est-ce la carte du Ptolémée d'Strasbourg de 1513 — *ex cartis Portugaliensium sumpti?* C'est ce que nous verons dans le texte de l'auteur lorsqu'il sera publié.

Dans la Planche XXXIII. Il nous donne l'Afrique de la Mappemonde célébre de Juan de La Cosa publiée pour la prémiére fois en *fac-simile* par M.r de Santarem en 1842.

Elle est donnée tellement reduite par M.r Lelewel qu'il est impossible de reconnaître cette admirable carte que dans l'Atlas de M.r de Santarem remplit toute une feuieille double de papier grand aigle!

A coté de cette deplorable reduction de la carte de *Juan de la Cosa*, il y á trouvé encore place pour graver une incroyable reduction de la grande carte d'Afrique d'un cosmographe Espagnol de 1527 donné en *fac-simile* de la grandeur de l'original par M.r de Santarem en 1842.

Ce n'est pas tout il á gravé dans la même planche également réduite á des proportions plus microscopiques une autre grande carte d'Afrique donnée en fac-simile par M.r de Santarem en 1842 — C'est á savoir la fameuse carte de Diego Ribero de 1529 —

Dans la Planche XXXIV il á gravé 6 représentations — savoir un Portulan de l'Angleterre publié en 1513 — Ensuite vient une carte continental de l'Espagne publiée en 1513 gravée reduite d'aprés le dessin du manuscrit de 1481 de la Bibliothèque de Bruxelles.

Selon M.r Lelewel cette carte est dréssée par les cosmographes du Moyen âge. Mais nous ferons remarquer que la reproduction qu'il á gravée ne donne pas la moindre idée que cette carte eut été dréssée par des cosmographes du Moyen-âge. Elle n'a pas même les caractéres des cartes gravées dans les éditions du Ptolémée du XVI.e siécle.

Nous ne pouvons pas aussi bien saisir le plan de l'auteur en plaçant dans la même planche une carte de l'Espagne et de l'Angleterre et au même temps une autre du Ptolémée de Bernard Sylvain de 1511 et de l'*Isolario de Bordoni*, renfermant une portion de l'Asie; et également un hemisphére du Globe de Schoner de 1520 déjá donné par Guillamy, et par M.r de Santarem, de même que la Mappemonde d'Appianus de 1540, et de Munster de 1544, monuments que M.r de Santarem á donnés

d'aprés celles qui se trouvent [dans] les ouvrages de ces cosmographes. M.r de Santarem á donné ceux-ci en 1846 — et M.r Lelewel les á reproduit dans sa planche dans l'année suivante de 1847.

Nous arrivons enfin á la derniére Planche n.° XXXV. — Elle renferme des réductions de la Tartarie et de la Chine de la carte de l'Atlas de Mercator — La Tartarie Asiatique de la collection d'Ortelius de 1570 ensuite de l'Europe de Blaen dréssée en 1580 — publié[é] en 1646. Puis l'Europe de Sanson de 1648 — et ensuite l'Europe de Delisle.

Nous avons escrupuleusement indiqué les cartes données dans cet Atlas — maintenant nous ferons remarquer que parmi 99 figures, on ne recontre que 35 du Moyen âge proprement dit, dont 18 sont tiré[e]s de l'Atlas de M.r de Santarem, recueil oú les cartes se trouvent données en fac-simile.

Le reste ce sont des cartes ou tout-á-fait modernes ou explicatives dréssées par l'auteur lui même.

Parmi les cartes Arabes nous ne remarquons qu' 8 d'originales, toutes les autres sont figurées par M.r Lelewell d'aprés les renseignements et les donnés puisés dans les textes des auteurs. Il suffit de mettre en regard une de ces cartes dréssées d'aprés des principes scientifiques modernes, avec les vraies cartes dréssées par les cartographes Arabes pour voir que les modernes ne peuvent pas donner le type original de ces cartes.

Nous ajouterons que les cartes du Moyen-âge même celles qui sont dréssées á une grande échelle lorsqu'elles sont reproduites en noir ne donnent pas une veritable idée des détails de l'orographie, du cours des fleuves, et des figures représentatives qu'on y remarque. A plus forte raison lorsqu'on reduit une carte de 4 pieds d'hauteur á 2 ou 3 pouces et qu'on la donne en noir. Il y á encore dans la reproduction de ces monuments avec des reductions parailles un autre grand inconvenient. C'est qu'il devient impossible de donner dans une telle reduction toute l'immense nomenclature hydro-geographique qui renferme l'original, ou bien si l'ont tenté de les donner ainsi on forme un tel paté qu'une bonne loupe ne pouvait pas nous faire apercevoir.

Il nous reste á dire deux mots du Prospectus qui accompagne l'Atlas [a].

La nous lisons p. 2 —

«L'ouvrage du savant portugais Santarem est certainement unique jusqu'à ce moment; il offre un Atlas en ce genre, qui ***abonde en fragments d'une portion de l'Afrique***. C'est du luxe».

Quoique cette réclame de Librairie, et que nous ne pouvons pas attribuer à M.r Lelewel est une injustice, et au même temps une stupidité —

Or si l'Atlas de M.r de Santarem n'abonde pas qu'en fragments d'une portion de l'Afrique, pourquoi lui prenez vous 18 des Mappemondes et d'autres cartes entiéres qu'il á donné le premier? Les dates mêmes de la publication de M.r de Santarem, rapprochées de celles indiquées par

---

[a] Este «Prospectus» é de 7 paginas e tem o seguinte titulo: «Études Géographiques de Joachim Lelewel. Prospectus».

M.[r] Lelewel de la gravure des siennes, prouve sans réplique qu'on reproduit les Mappemondes et les cartes données par M.[r] de Santarem.

Il est vraiment étrange qu'en 1849 on est écrit pareil fausseté qui respire une malveillance inqualifiable lorsque l'Atlas de M.[r] de Santarem qui est rependu portout renferme maintenant plus de 120 monuments géographiques dont plus de 80 sont donnés en entier!

Il n'est pas moins étrange et inoui de dire une telle faussetté d'une publication faite et publiée depuis plusieurs années et à laquelle on prend plusieurs cartes, pour faire le plus grand éloge d'une qui n'a pas encore parme, et dont le public n'a pas encore vu une seule planche!!!

Nous resterons lá et nous attendrons le texte où nous espérons que M.[r] Lelewell pour sa dignité et pour son propre honneur reparerá l'inqualifiable injustice de l'annonce de son libraire.

Manuscrits Géographiques de l'Escurial

Géographie

Mss. de l'Escorial

Relation de la derrota que debe seguirse saliendo de la barra de San Lucar para ir á Tenerife, isla de Cuba, las Indias — hecha por el piloto Gonzalo Martin, Escrita en castelhano en papel a mediados del siglo xvi.

W — ij — 7 — f. 345.

Relacion del viage que hiso Alvaro de Saavedra desde nueva-Espana á las Islas Molucas, escrito en papel, á principios del siglo xvi.

W. ij — 7 — fol. 373.

Traité de cosmographie et de géographie, &. composé en Français par François Hilaire — sur parchemin du xvi.e siècle — in 4.°.

H — iiij — 26 —

Traité de la sphére — en latin — Mss. de la moitiée du xvi.e siècle =

Q — iiij — 34

Uso del Astrolabio ó de ambos Planispherios universal y particular por Valeriano Regnartio Belga, en latin — De la fin xvii

H — iiij — 8 — f. 85.

Indios de la Provincia de Machuacan. historia de sus cerimonias, ritos, poblacion y gobierno, escrita por un Moine y derigida al visorey D. Antonio de Mendoza, con pinturas que representan sus sacrificios, batalhas, funeraes &. en papier du xvi.e siècle —

C, iiij — 5.

1541 — Instructions que le viceRoy D. Antonio de Mendoza, gouverneur de la Nouvelle Espagne, et Alvarada gouverneur de la Province de Guatemala ont passés aux capitaines Diego Lopez de Zuniga, Gonçalo

do Valle, Hernando d'Alarcon et Ruy Lopes de Villalobos pour la découverte et la conquête de la côte de la mer du Sud et des îles du ponant — (Plusieurs sont en original)

X — ij — 7 — f. 382.

Terra Sancta — Liber &. editus á Fr. Brochardo Teuthonico — 1392

OO — iij — 34

Directorium ad passagium faciendum &. 1332 dedié a Filippe Roi de France.

OO — iii — 34 f. 1.

Tabelles Astronomiques suivies d'un Traité de la Sphére — en latin Mss. du XIV.[e] siècle —

IV — iij — 4

Historia terre sancte et partium orientis à Fr. Haytone ord. S. Aug.[ni] dictatum primum gallico sermone translata postea per Nicolaum Falconi in Latinum anno D.[i] 1307.

Q — ij — 21.

Un Mss. de Marc-Polo du XV.[e] siécle qui est mal indiqué par le titre suivant = «Consuetudines et condiciones orientalium regionum descripto «per mestrum Paulum de Venetiis scripto chartis vix saeculo XV incipiente =

Q — ij — 13.

Itinerarium — qui commence par ces mots
«Columnae Herculis ad Tingi Mauritania id est ubi Baxuetes — Barbari morantur per maritima loca &. Mss. du X.[e] siècle.
M.[r] Miller en á rendu compte.

R — ij — 18 — f. 67

Itinerarium = qui á pour titre «Julio Caesare Marco et Antonio consulibus omnis orbis peragrata &. ecript en parchemin du X.[e] siècle.

R. ij — 18 — f. 55 v.[o]

Itinerarium Maritimum Imperatoris Antonini Aug. navigans qua littora tenens nosse debeat aut qua ambire incipiens a Gadibus vel extrema Africa perdocet feliciter —
Mss. du X.[e] siècle —

R. — ij — 18 — f. 44.

Traductio Latine d'Strabon faite en 1456 á Ferrara par Guarini de Verone —

R — j — 9.

Traité de la sphére de Sacro Bosco. Mss. du XV.[e] siècle —

O — ij — 9 — f. 17.

Jean de Mandeville = *Image du Monde* année 1357 sur vélin.

M — iij — f.

Un Mss. de Ptolémée dédié au Pape Alexandre V par Jacobo Agelo =

B. B. Q — C.

Historia da Provincia de S.[ta] Cruz por Pedro de Magalhães Gandavo, dedicada a D. Diniz Per.[a] Mss. do seculo XVI.

6 — iiij — 28.

Memoire de toutes les personnes qui ont été á la decouverte de l'Amerique fait en 1542.

X — ij — 7 — f. 429.

Demander si dans les commentaires d'Albert Le Grand aux livres d'Aristote = Mss. du XIII.[e] siécle — 2 — ij — 18 on trouve quelque Planisphere?

La même demande pour le Mss. de Solin du XIV.[e] siécle =

Q — j — 11 f 1.

La même dans le Mss. de Macrobe du XIV.[e] siècle.

S — iij — 5 — f. 1.

La même pour le Mss. d'Orose du XIV.[e] siécle = *De Situ orbis*.

M — iij — 23 — f. 83.

Mss. do Escorial.

Chronica dos Reis de Portugal desde D. A.[o] Henriques em Portuguez por *Pedro Suares*. Seculo XVI. Pergaminho.

N — j — 17.

Planispherio Celeste (Discurso sobre el) p.[r] M.[r] de la Hiré principios do seculo XVIII.

L — j — 13 — f. 2.

Brazão das Armas de Coimbra explicado por Fr. Heitor Pinto — fins do seculo XVI.

Biblioth. do Escorial Mss. 6 — iiij — 20 al fin

Pour faire ezaminer

«Petrarcha in Africa Poemation maphei vegii scriptum chartis dimidiato jam sæculo xv — Escorial — F. ij — 12 fol.

1575. Setembro 29 — Carta de Juan Baptista Gesio dando parte a Filippe 2.º que em poder do Presidente Juan de Obando se achava um Mappa grande em pergaminho illuminado feito pelo Piloto Seb.am Caboto supplicando lhe que o mande recolher.

Biblioth. do Escorial.

L — j — 12 — f. 256.

XIII.e siécle — Descriptio Mappae mundi per insulas maris, regionis et provincias (sans nom d'auteur, ecript sur vélin du XIII.e siécle).

Mss. da Biblioth de l'Escorial — F. — j — 12 fol.

Relation de los conquistadores de nueva España que fueron alla con el Marques del Valle y con Panfilo de Narvaes, enviada por mandado del Emperador Carlos V feche en Mexico á 11 de Mayo de 1542. Escripta en papel.

N. = ij — 7 — f. 423.

Demander si le Mss. de Macrobe do XII.e siécle — E — iiij — 24 f. 1 — on y rencontre quelque Mappemonde?

La même demande pour le Mss. de Raimond Lulle X — iij — 6.

Addition au Mémoire sur les Mss. enluminés [a]

On doit consulter sur les mss. enluminés en Italie une lettre de L. Cicognara sur l'antiquité de quelques miniatures des mss. de la Bibliothéque Laurentienne á Florence (Antologia Ital. Janvier 1826) n.º LXI, p. 3).

Les mss. dont il y est question ne remontent au delá du commencement du xv.e siècle. Ainsi mes assertions subsistent en entier (   ) le plus ancien porte cette note. A. D. 1410 *completum est opus.* Cicognara refute ceux qui prétendent que ce codex est le plus ancien et il combat notamment *Vasari* (Tom 1, p. 163 edit de Rome). Or cette pretention de Vassari n'allait pas au dela de 1350, c'est á dire de la derniére moitiée du 14.e siècle. Cicognara refute toutes les assertions de ce savant, et prouve par l'examen qu'il fit que les miniatures s'en resentent de l'état de l'enfance et de l'imperfection de l'art.

«*Conservando tuto il caractere e la timidessa dell etá e della sacola primitiva,* et anche alcun figurini che tengono un po del cinabre — Il prouve en autre que ces miniatures ont été peintes á une époque postérieure. Il prouve que celles du xiv.e n'ont pas la perfection de celles du xv.e

L'auteur appelle á ce genre de pincture l'une des branches les plus importantes de l'art.

Ce savant a remarqué plusieurs Mss. contenant des miniatures fort curieuses exécutées dans le xiv, xv et xvi.e siécles par Gaddi, Dom Jacopo, Christophe-de Ferrare, Giotto, Orcagna, Sandro Botinelli, Lippi, Signorelli &.

Cicognara dans la lettre qu'il adresse á *Moreni* se livre á une discussion lumineuse et intéressante sur le merite des principaux artistes, sur le caractére et le style des differentes miniatures suivant les siécles aux quelles elles appartiennent, sur le perfectionnement et la décadence de ce genre de pincture; enfin sur l'utilité qu'on pourraît en tirer aujourd'hui pour la pratique de l'art vu l'habilité des peintres dans l'imitation d'une foule d'objects de détails &

NB. Cette lettre contien 14 pages.

---

[a] Vide «Opusculos e Esparsos», Vol. I, pag. 249-266.

G. Schelegel = *Leçons* &. pag. 287. traduction française = dit en parlant des *enluminures*.

L'école romaine compte parmi ses fondateurs le peintre en miniature *Odergi* qui mourut en 1300, il orna plusieurs mss. de petits tableaux comme c'était le coutume alors.

Ailleurs il dit — p. 323 = Les Français se distinguaient particuliérement dans la peinture sur verre, sur les emeaux, et en miniature —

Addition á pag. 11 de la Notice.

E'poque Arabe —

«Ils auraient de faire du même dans dans la Péninsule (peut être les moines) qu'ils firent en France et dans le Piemont que les moines furent obligés de sauver une bibliothéque fort riche, particuliérement en livres classiques (voy. Reinaud = Invasions des Sarracins = p. 163.

Á pag. 14 — Ce qui j'y ai dit de tout confirmé dans le Nouveau-Traité de Diplomatique III, p. 321.

Il y á été toujours trés difficile d'assigner exactement l'âge des mss. Voyez aussi Voyage d'un Iconophile pag. 17, et 18, sur une livre des Evangiles qui se trouve á la Bibliothéque de Munich = Le rédacteur du cathalogue l'a consideré comme étant du VIII.e siécle mais M.r Schrottinger pense qu'il est du VI.e !!

On voit donc ici une difference de deux siècles de l'appreciation de l'âge de ce mss.!

Parmi les mss. portugais du V.e siècle on doit ajouter la notice 1.º du *Leal Conselheiro* du roi Eduard dont les lettres ornées sont d'une admirable execution. Ce mss. fut composé avant 1438 = Ensuite vient celui de la chronique de la conquête de Guinée par *Azurara* (voy. mes Notices sur ces Mss.

Le second est de 1543. Donc tous les deux sont antérieurs á l'école de Peragin =

Additions á l'article du Roi Emmanuel [a]

A pag. 4. — in fine —

Ce fut á la cour d'Emmanuel que le fameux poéte dramatique *Gil Vicente* parat plus original que les dramatiques italiens. Ce poéte célébre devint le maître de Lope de Vega, et de Calderon, ce fut donc sous le regne d'Emmanuel qu'il fit réprésenter ses premiéres piéces (1505). On liu decerna le nôm de Plaute portugais. Erasme apprit le Portugais pour lire ses œuvres, et trouva qu'il avait adopté la maniére de Terence (Voy. l'article sur ce poéte).

Parmi les individus qu' Emmanuel fit étudier á Paris nous signalerons = Alvaro Thomaz qui naquit á Lisbonne. Il composa l'ouvrage suivant = *De triplici motu cum proportionibus anexis* &. Parisiis 1509 en fol.

Diogo Pereira = Poete Latin dans le même regne composa divers ouvrages. —

Le même confesseur du roi était un homme de beaucoups de savoir = Fr. Rodrigo de S.ta Cruz, il était de Lisbanne, général des Graciens, professeur de Philosophie. D'aprés les publications qu' il fit des = *Lectiones in Aristotelem* = nous voyons que ses doctrines appartenaient á cette école.

Le roi fit également étudier á Paris le célébre mathémacien D. Francisco de Mello qui cultiva avec distinction plusieurs branches de la science, entre autres l'Astronomie et la Cosmographie. Il traduisit le traité d'optique de l'Arabe = Alazen &. (vid. Memorias de Litteratura Portugueza, nas Mem. sur cet homme célébre = (Ribeiro dos Santos Mem. sobre alguns mathematicos Portuguezes.

Quant Emmanuel lui même = Barbosa nous apprend dans sa *Bibliotheca Lusitana* que le roi composa une *Historia do Oriente* qui resta Mss.

A pag. 3 in principio.

Pendant la maladie de Jean II ce monarche voulut declarer son fils D. Georges son successeur, mais Antonio de Faria lui ayant réprcsenté

---

[a] Vide «Opusculos e Esparsos», Vol. I, pag. 301-308.

qu'un telle déclaration était non seulement une injustice, mais qu'elle pourrait plonger le royaume dans une guerre civile, Jean II cedant a ses raisons fit appeler a Emmanuel qui se trouvait é Alcacer do Sal.

Ce prince n'a pas pû croir lorsqu'il en reçu l'ordre de se rendre á Alvor, á ce brusque changement dans les resolutions du roi, et montra peu d'empressement á se rendre auprés de sa personne.

Il était encore en route quand on lui apprit la nouvelle de la mort du roi (dit La Clede) mais Garcia de Rezende qui a assisté auprés du roi jusqu'aux derniers moments nous apprend ce qui suit —

«Cap. 209 — Dit que Jean 2 ecrivit au Duc de Beja pour l'avertir qu'il le nommait son successeur et lui recommander son fils = comme Emmanuel mit du temps á venir, le roi lui envoyà successivement Antonio de Miranda, et puis D. Martinho de Noronha. S'étant mi au chemin et étant déjá prés d'Alvor on l'á conseillé de ne pas aller plus en avant. Dans ces contrefaites Emmanuel reçu des lettres de la reine dans lesquelles cette princesse l'exortait á venir voir le roi =

Avant (cap. 207) Rezende dit que lorsque le roi s'occupait de faire son testament le duc de Beja (Emm.) s'approcha de la porte et lui demanda (á lui Rezende) ce dont le roi s'occupait? Et Rezende lui repliqua s'il voulait qu'il avertit le roi qu'il s'y trouvait, Emmanuel répondit négativement, et s'ait assi dans l'antichambre, mais le roi l'étant apperçu qu'il y avait quelqun qui venait d'arriver, appela et demanda á Rezende qui c'était = et lui répondit que c'était le duc et presqu'il fait, et il lui á dit ce qui s'était passé, et le roi approuva ce que l'un et l'autre avaient fait.

Discurso recitado no Real Archivo da Torre do Tombo no dia 10 de Setembro de 1824 em que o Sr. Marquez de Palmella Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros e Encarregado dos do Reyno, visitou e examinou officialmente este estabelecimento, pelo Visconde de Santarem servindo de Guarda-mór do mesmo Archivo.

Senhor Marquez

Se huma Carreira a mais regular de estudos theoricos, e praticos da Politica dos Estados, e da indole moral das mais cultas Nações do Globo tem dado a V. Ex.ª huma reputação Europea, não será menos interessante na historia da sua vida publica a protecção, e zelo que V. Ex.ª durante o seu Ministerio tem dedicado a este inapreciavel fóco de todas as luzes da Monarchia Portugueza.

Não he mais digna de recordação para os Sabios a memoria do Cardeal de Richelieu por haver creado a Academia Franceza naquella epoca de luxo literario, do que a de ter dado o impulso á classificação systhematica do Archivo de França e a de ter promovido que o Sabio Depuis ordenasse os seus preciosos Inventarios.

Descrever a V. Ex.ª as preciosidades que existem neste Archivo na deploravel falta de hum Inventario Critico de seus Documentos, seria de completa impossibilidade; recresce esta para os fazer ver se V. Ex.ª em Systhema na sua totalidade pelo máo methodo que se tem seguido na sua remessa para este Archivo, ainda mais dificil he o poder destinguir d'entre a maça de cada huma das classes de Diplomas aquelles que mais interessão pela sua singularidade, e que deverião merecer o serio exame do Sabio, e do Homem d'Estado por que a mesma falta de hum Inventario critico os não tem destinguido, e analyzado com as luzes da critica scientifica, e da Diplomatica. Todavia tal hé a preciosidade deste Archivo que lançando-se a mão a qualquer Livro, ou Maço de Documentos nelle se encontrão os mais notaveis arestos nos assumptos mais importantes da Sciencia do homem, e do governo.

Não são Sr. Marquez, hyperbolicos engrandecimentos da importancia deste Archivo, o que tenho a honra de notar a V. Ex.ª. V. Ex.ª agora mesmo está ao alcance de os verificar.

Na falta de hum Inventario critico, ha comtudo Indices parciaes das Chancellarias, do Corpo Chronologico, do das Gavetas, e de outros corpos deste Archivo, e no numero dos Indices feitos sobe a perto de 300 codices, faltando ainda os de muitos Corpos de Documentos sobre cujo

progresso será da sabedoria do Ministerio de V. Ex.ª o dar toda a vitalidade neste ramo a esta Repartição, bem como outras providencias que fação patente á Europa estas nossas riquezas que os accidentes dos tempos, o curso dos seculos, e as resoluções civis diante de cujo sopro dezaparecem todos os Monumentos gloriozos das Nações não tem thé hoje distruido e apagado.

Seja V. Ex.ª pois o Restaurador deste magnifico thezouro, e adquirirá novos, e brilhantes titulos, a tantos, e tão Singulares que entre nós, e nas Nações estranhas lhe hão dado a mais Elevada reputação, promovendo que o nosso Augustissimo Rey se Digne sobre passar em gloria ao Sempre lembrado, o gloriozo Sr. D. Manoel não só imortal pela fortuna das conquistas, mas tambem pelo amor que dedicou a este Estabelecimento.

Avisos e Ordens do Archivo da Torre do Tombo — Maço 11 n.º 209.

Na capa: — «O Official Maior do R. Archivo guarde em lugar competente o Discurso que acompanha esta ordem, e que recitei ao Ill.mo e Ex.mo Sr. Marquez de Palmella do Conselho d'Estado, Ministro, e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros e Encarregado dos Negocios do Reyno por occazião de vizitar, e examinar officialmente este Archivo R. no dia 10 de Setembro do corrente anno.

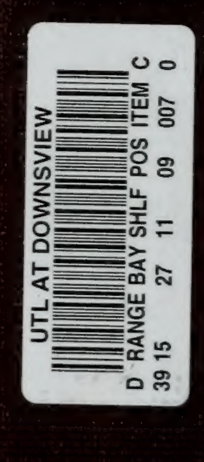
Archivo Real 11 de Setembro de 1824.

(a) *O Visconde de Santarem.*

INDICE GERAL DESTE VOLUME



ARY
1979
UNIVERSITY
OF T


UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 15 27 11 09 007 0